



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA

ADRIANA BARBOSA DE OLIVEIRA

**Licenciaturas em Matemática como produção narrativa:
aberturas para experiências**

Campo Grande - MS
2018

ADRIANA BARBOSA DE OLIVEIRA

**Licenciaturas em Matemática como produção narrativa:
aberturas para experiências**

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Matemática da
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Marilena Bittar
Co-orientadora: Profa. Dra. Luzia Aparecida
de Souza

Campo Grande – MS
2018

ADRIANA BARBOSA DE OLIVEIRA

**Licenciaturas em Matemática como produção narrativa:
aberturas para experiências**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito à obtenção do título de Doutor (a) em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Marilena Bittar (orientadora)
Luzia Aparecida de Souza (co-orientadora)
Adair Mendes Nacarato
Filipe Santos Fernandes
João Ricardo Viola dos Santos
José Luiz Magalhães de Freitas
Thiago Pedro Pinto

Resultado: Aprovado.

Campo Grande, 21 de setembro de 2018.

A experiência é o local onde tocamos os limites de nossa linguagem

Giorgio Agamben

É fácil trocar as palavras, o difícil é interpretar os silêncios

Fernando Pessoa

Na vida tudo chega de súbito. O resto, o que desperta tranquilo, é aquilo que, sem darmos conta, já tinha acontecido. Uns deixam a acontecência emergir, sem medo. Esses são os vivos. Os outros se vão adiando. Sorte a destes últimos se vão a tempo de ressuscitar antes de morrerem.

Mia Couto

*Aos colegas, reais e imaginários, que me ajudaram
a construir essa história.*

AGRADECIMENTOS

Há uma lista de pessoas queridas e amadas que quero citar aqui. Todas, a seu modo, fizeram parte desse momento, eterno e passageiro, de forma especial. Meus queridos pais, *Celanira* e *Carlos*, e irmãos, *Ronaldo* e *Heloisa*, amo vocês e agradeço por nunca me impedirem de querer sempre mais e por sempre torcerem por mim. Meu amor *Giovani*, obrigada pela compreensão e carinho incondicional, mesmo nos momentos em que nem eu me suportava. Você é uma pessoa rara, o que me faz crer que tenho sorte na vida!

Minha amiga e orientadora, *Marilena*, obrigada por acreditar que eu seria capaz de realizar essa pesquisa e por me dar total liberdade teórica para pensar sobre ela. Com você aprendi coisas simples como criar uma tabela no *word* e coisas complexas como escrever uma tese. Você é especial para mim. Querida, *Lu*, obrigada pela disponibilidade em me co-orientar e por me acolher em seu grupo de pesquisa. Sua parceria foi decisiva na composição desse texto. Espero poder contar sempre com vocês.

Minha amiga querida, *Vanessa*, obrigada por me escutar, mesmo que pela leitura de minhas mensagens, durante esses mais de três anos. Sua presença, mesmo que virtual durante um tempo, foi fundamental nesse período. Choramos, rimos, discutimos e nos descabelamos nessa loucura de fazer um doutorado. Nossa aproximação foi um presente. *Susi*, querida, obrigada pelas conversas, elas foram muito importantes para mim. *Camila*, sua linda, obrigada por sempre dizer que eu daria conta do recado, embora eu tenha permanecido por um bom tempo sem acreditar em nada disso. *Kati* e *Dani*, *mes chéries, vous m'avez tellement manqué en ce moment!*

Agradeço imensamente aos professores da banca: Adair, José Luiz, Viola, Filipe e Thiago. As contribuições de vocês foram primordiais para o andamento dessa pesquisa. Obrigada pelas horas dedicadas a leitura de meu texto.

Agradeço aos colegas dos grupos de pesquisa HEMEP e DDMAT por todas as leituras e discussões que realizamos nesse período e, em outros, e aos colegas de turma do doutorado. Essa convivência foi crucial para a minha constituição enquanto pesquisadora.

Agradeço à UFMS por propiciar o afastamento de minhas atividades docentes durante todo o período que estive envolvida com a pesquisa.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. **Licenciaturas em Matemática como produção narrativa**: aberturas para experiências. 420 f. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

RESUMO

Nesta pesquisa busco investigar como cursos de Licenciatura em Matemática, de diferentes localidades do país, são construídos narrativamente por seus estudantes quando esses são indagados acerca de sua formação inicial para atuarem como professores de Matemática na Educação Básica. Para isso realizei um total de onze entrevistas com grupos de licenciandos em matemática, ingressantes e concluintes, de instituições públicas de ensino superior nas regiões Centro-Oeste, Norte, Sul e Sudeste do Brasil. Diante das textualizações produzidas a partir desses encontros optei pela realização de uma análise narrativa, na perspectiva de Bolívar, tendo em vista a possibilidade de explorar as singularidades percebidas nesses encontros de modo particular e, além disso, por meio de sua forma, destacar o tom implementado pelos estudantes. Como olhar teórico os estudos desenvolvidos por Jorge Larrosa acerca da noção de experiência e de Carlos Skliar quanto a leitura do outro mostraram-se um caminho fértil para a produção de compreensões acerca das narrativas desses estudantes. No processo de escuta desses acadêmicos foi possível ouvir os silenciamentos que perpassam suas formações e os afetam, tais como o afastamento da escola e a falta de diálogo com o curso. Outro ponto bastante explorado por eles diz respeito às relações humanas vivenciadas no convívio com professores; afetividade e acolhimento são traços significativos de suas narrativas.

Palavras-chave: Licenciatura em Matemática. Experiência. Narrativas.

ABSTRACT

In this research I was investigated how Mathematics Degree courses are constructed narratively by their students when they are asked about their initial formation to act as teachers of mathematics at school. These courses are from different localities of Brazil. I did eleven interviews with students' groups, they were at initiating or terminating their courses in public universities in the Midwest, North, South and Southeast of Brazil. From the textualizations produced as of these meetings, a narrative analysis was chosen, in Bolivar's perspective, in view of the possibility of exploring the singularities perceived in these encounters in a particular way and, in addition, by means of its form, highlight the tone implemented by the students. As a theoretical framework, the studies developed by Jorge Larrosa about the notion of experience and by Carlos Skliar about the reading of the other showed a productive path to produce understandings about the narratives of these students. In the process of listening to these students, it was possible to listen to the muting it passes through their formations and affect them, such as the withdrawal from school and the lack of dialogue with the course. Another point explored by them it is related to the human relationships experienced in socializing with teachers where both the affectivity and the hospitality, they are significative traces.

Key words: Mathematics Degree. Experience. Narratives.

SUMÁRIO

Um convite à leitura	10
----------------------------	----

PARTE I

Narrativas de uma formação	14
Quem sou eu?	15
Reunindo o grupo	20
Organizando o primeiro encontro	24
E o dia chegou	29
Depois do encontro	46
Organizando um novo encontro	52
O primeiro encontro do GELIMAT	56
Eu depois desses encontros	67
Os tremores de uma leitura.....	75
(Re) Conhecendo percepções	83
Um novo encontro do GELIMAT	132
Santo de casa não faz milagre	139
Uma leitura outra.....	166
Novas discussões.....	225
Últimas leituras	266
E agora eu me pergunto: e daí?	371

Uma esquizoforma de discussão.....	382
------------------------------------	-----

PARTE II

O mais importante é o caminhar	393
Referências	414

Um convite à leitura

Chego na universidade alguns minutos atrasada, para variar! Essa luta contra o tempo me persegue desde que cheguei nesse lugar e isso já faz muitas primaveras. Hoje preciso começar a pensar na disciplina de Metodologia de Pesquisa que vou ministrar no curso de doutorado este semestre. Ainda é estranho pensar que seja possível ensinar alguém a desenvolver uma metodologia de pesquisa, uma vez que entendo que esse seja um caminho a ser construído pelo próprio pesquisador. O máximo que posso fazer é levantar algumas discussões e colocá-los a pensar sobre o assunto. O que espero é que os caminhos, trilhas e picadas que possam surgir no desenvolvimento de suas pesquisas tenham, principalmente, as suas marcas como pesquisadores e não sejam apenas reproduções certificadas por etiquetas da moda do mundo acadêmico. Bem, conheço pouco a turma, salvo minha orientanda, mas pelo sistema de controle de alunos vejo que são poucos estudantes, o que, de certo modo, pode contribuir para que possamos nos conhecer melhor nesse período.

Acredito que para começo de conversa eles poderiam fazer a leitura de uma tese que conheci há pouco e que me chamou a atenção pelo modo como a pesquisadora desenvolveu seu trabalho, há vários aspectos que podemos levantar para o debate. É o que penso, vamos ver se assim acontecerá. Como quero iniciar a discussão já no primeiro encontro, vou enviar esse arquivo por e-mail e pedir que façam a leitura para a próxima aula, temos ainda alguns dias para isso.

Caros colegas,

O início de nossa disciplina de Metodologia de Pesquisa se aproxima e para nosso primeiro encontro gostaria que vocês realizassem a leitura da tese que envio, em anexo, intitulada: Licenciaturas em Matemática como produção narrativa: aberturas para experiências, de autoria de Adriana Barbosa de Oliveira. A ideia é que façamos inicialmente uma discussão da Parte I do trabalho e, na sequência, a leitura em conjunto da Parte II. Para fomentar nossa discussão seria interessante que fizessem anotações sobre o trabalho e as levassem para a aula.

Boa leitura

Abraços

Professora Adriana.

Bem, um problema resolvido. Agora posso voltar para o planejamento das aulas da graduação, para depois corrigir algumas provas que estão acumuladas na minha mesa, e então fazer a leitura dos textos de meus orientandos para que, finalmente, eu retome o artigo que preciso publicar por uma questão de sobrevivência na Pós-Graduação. Ou se dança conforme a música ou se é convidado a retirar-se do salão. Isso porque estou fazendo de conta que esqueci das reuniões do Departamento, das solicitações de pareceres de algumas revistas e dos artigos que também preciso compor com meus orientandos para enviar para os eventos próximos. E é só isso! E ainda dizem aqui na faculdade que um

professor se vincula à Pós-Graduação apenas para reduzir a carga-horária na Graduação.
Eles não sabem o que dizem!

Meu celular vibra e é uma mensagem da Maria Clara, minha orientanda de doutorado:

Oi professora, tudo bem? Recebi sua mensagem, eu queria confirmar o arquivo que a senhora nos enviou. É esse que tem 420 páginas mesmo? É que temos apenas uma semana para o começo das aulas...

Oi Maria Clara, tudo bem. O arquivo é esse mesmo. Boa leitura.

Ok professora, vou começar a ler agora. Obrigada.

PARTE I

Narrativas de uma formação

Quem sou eu?

Hoje na aula de estágio as professoras pediram que nós começássemos a escrever um *caderno de bordo* sobre as atividades que iremos desenvolver nesse primeiro estágio do curso. Sinceramente, eu não gosto muito de escrever. Minha relação com a caneta é mais numérica, sempre preferi o traço dos números ao das palavras, mas sempre escrevi diário, então acho que não será tão diferente. No entanto, minha opinião pouco importa, já ouvi dizer que uma delas disse a um aluno a seguinte frase: “se você quiser ser aprovado, tem que fazer do meu jeito”. É melhor eu comprar logo esse caderno — de brochura e capa dura — não posso esquecer esse detalhe, e tratar de escrever! Mas por que será que não adianta argumentar? Será que a escrita desse caderno é mesmo tão importante para minha formação? Em que isso pode me ajudar a ser professora? Será que posso incluir nele essas questões? Devo ser crítica ou só uma aluna burocrática, que cumpre o que lhe é pedido sem grandes questionamentos?

Hoje saí da faculdade exausta, a prova de Geometria estava muito difícil. Acho que o professor resolveu cobrar todas as demonstrações do João Lucas – ainda bem que a minha memória é de elefante. O José disse que prefere quando ele tem que pensar... não sei, eu também gosto de pensar, mas tem horas que só reproduzir é mais fácil, afinal eu sempre consegui fazendo assim, não sei se agora é hora de mudanças, preciso me formar! Além disso, eu sempre tive boas notas e isso sempre foi o suficiente, o esperado de mim, tanto lá na escola como aqui na universidade; pelo menos é o que tenho percebido até agora. Aprender ou decorar, tanto faz, o importante mesmo é ir bem nas provas, tirar boas notas, estar acima da média.

No caminho para casa passei em uma livraria e comprei o caderno; um verde esperança para ver se a cor me ajuda na escrita. Cheguei, almocei, dormi e peguei o caderno. Ela disse para a gente primeiro fazer uma apresentação pessoal e dizer por que escolhemos cursar a Licenciatura em Matemática: isso acho que sei fazer. Vamos lá:

Meu nome é Adriana, tenho 25 anos, sou casada. Escolhi cursar a Licenciatura porque eu precisava entrar na universidade. Há anos eu estava tentando passar no vestibular e foram só decepções, eu queria ser engenheira, mas a cada vestibular minha pontuação ficava mais distante deste sonho, estava quase desistindo quando escolhi a Matemática e fui aprovada. Eu sempre gostei de Matemática, sempre tirei boas notas, então não seria uma tortura fazer esse curso, decidi arriscar e deu certo. Nossa, que dia foi aquele do resultado: eu, a Keiko e o Roberto (meus antigos patrões na joalheria) procurando a listagem na internet; quando vi meu nome

desabei, felicidade plena. Eu estava muito infeliz trabalhando como balconista. Sou muito séria e vender qualquer coisa, para mim, era quase impossível. Além disso, sempre quis mudar de vida e o estudo seria talvez minha única oportunidade, logo aquela aprovação era a chance que eu precisava. Decidi me dedicar exclusivamente ao curso, parei de trabalhar e tenho, praticamente, morado na universidade. Ainda estou em dúvida se quero ser professora, estou pensando.

Acho que ficou bom, eu poderia contar mais coisas, dizer que quando eu entrei no curso não queria ser professora de jeito nenhum, que o curso era só o meio que encontrei de entrar na universidade, mas o que elas poderiam pensar de mim? E quando eu quiser participar de um projeto? Acho que dizer que estou em dúvida é melhor, não estou mentindo, só omitindo uma parte. Seria interessante se elas tivessem pedido para a gente contar um pouco sobre o que aconteceu no curso até agora, aí sim eu teria muito que contar, tem tanta coisa engasgada, tanta contradição que daria até um livro. Bem, primeira tarefa cumprida, vamos ver o que vem pela frente. Acho melhor eu parar de pensar nisso e estudar Álgebra, amanhã cedo tem aula.

Não acredito que eu vou chegar atrasada de novo! Todo dia a mesma história, eu me empolgo estudando até tarde e no outro dia tenho que acordar cedo. Odeio. E o sininho do meu chaveiro japonês — lembranças do meu antigo trabalho — vai fazendo aquele barulho no corredor do bloco, o professor já disse que sabe quando eu estou chegando. Tô nem aí, eu gosto do barulho e ele é um chato mesmo.

— Atrasada Adriana? — ele pergunta.

— Desculpa — respondo.

Odeio isso: é óbvio que eu estou atrasada, não precisa comentar. E nem faz tanta diferença assistir essa aula, se for para copiar o livro eu posso fazer isso em casa, não preciso me deslocar até a universidade. Mas tem o lance da falta, então tenho que estar presente, mesmo pensando em outras coisas. Sinceramente, não dá para entender! Se ao menos a gente discutisse alguma coisa... lembro do dia em que ele foi explicar a demonstração do princípio da indução finita segunda forma. A gente começou a fazer um monte de perguntas, daí ele apagou a lousa e falou para a gente esquecer. O José quis morrer, eu fiquei indignada, o pessoal reclamou, mas não adiantou nada. Ele disse que

não era importante, era só para complementar, mas se estava difícil demais ele não iria fazer. Isso que eu tinha que contar no caderninho verde...

Na hora do intervalo a coordenadora veio falar comigo, pediu para que eu fosse à sua sala na hora da saída, pois queria me pedir um favor. Fiquei pensando o que poderia ser... nem prestei muita atenção na aula, era Psicologia e o professor só ficava passando slides sobre vários autores que teríamos que estudar para fazer um trabalho. Depois eu estudo, é só ler mesmo e ainda posso usar o recurso do karaokê durante a apresentação, como o professor faz, ou será que ele acha que a gente não percebe a sua leitura? Eu queria é saber como eu poderia ajudar a coordenadora. Bem que podia ser uma bolsa, desde o ano passado que eu e a Cris estamos tentando conseguir alguma coisa, mas esse Departamento de Matemática não tem nada; não achamos um professor que quisesse nos orientar em qualquer coisa, muito menos oferecer uma bolsa. Será que não conhecemos as pessoas certas? A Fernanda participa de algumas coisas, mas ela é próxima daquela professora que faz pesquisa... A Cris ainda conseguiu com o professor da Física, eu tentei, mas achei meio chato ficar estudando, estudando e estudando a mesma demonstração. Eu gosto disso, mas daquele jeito eu não achei graça.

Acabou a aula e fui correndo para a sala da coordenação. Chegando lá ela me disse:

— Adriana, preciso da sua ajuda. Nós iremos receber a visita de uma professora que está fazendo seu doutorado e ela quer conversar com um grupo de alunos do curso de Matemática. Ela me disse que precisaria ser alunos de diferentes períodos do curso, os calouros e os concluintes, como você participa das atividades e sempre está por aqui pensei que talvez pudesse me ajudar convidando os colegas que você conhece, o que acha?

Decepção total. — É claro professora, vou tentar conversar com algumas pessoas. Você sabe quantos alunos e quando ela virá? — tentei disfarçar.

— Ela me disse seis alunos. Poderia ser dois iniciantes e quatro concluintes ou então que estão na metade do curso, algo assim. Não lembro se ela me falou sobre datas, vou olhar o e-mail depois e te aviso, mas por enquanto, tente conversar com seus colegas, por favor. — Ela pediu.

— Tudo bem. Vou ver se consigo falar com algumas pessoas que eu conheço. Mas acho que vai ser difícil, o pessoal nunca quer participar de nada. A gente avisa sobre as palestras e ninguém nunca vai, depois falam que nunca sabem de nada... — Já tentei justificar caso não conseguisse ninguém.

Fui embora sem bolsa e com mais trabalho. Será que ela pensa que eu converso com todo mundo? Nem com a minha turma eu tenho muita intimidade, só o nosso grupinho de estudo mesmo. Fora isso, é um “oi” e olhe lá. Mas também, quais são as oportunidades que o curso oferece de diálogo entre os alunos? Não há espaços de discussão. Se a pessoa já tem dificuldade para interagir, como é o meu caso, não será aqui que ela irá mudar. Mas enfim, vou ter que encarar essa. Ainda bem que hoje é sexta, posso pensar no que fazer no final de semana. Só me faltava essa!

Reunindo o grupo

Mais um final de semana de estudos. Será que é normal estudar tanto? A minha família não entende direito, esses dias meu pai assistiu ao filme *Uma mente brilhante* e disse para minha mãe me cuidar, pois eu andava estudando demais. Quem dera se a minha dedicação pudesse me levar à sabedoria de John Nash; longe de mim essa capacidade.

Fiquei pensando sobre essa pesquisadora que quer nos entrevistar: nunca dei nenhuma entrevista, como será? E ela faz doutorado, nossa, deve ser inteligente! Antes de entrar na faculdade eu nunca tinha ouvido falar em mestrado e doutorado, agora ouço, mas também não sei direito do que se trata, os professores não falam muito sobre isso, só acho que deve ser muito difícil. Se na graduação eu já sofro tanto, imagina no doutorado! Eu acho que aqui na universidade tem algum programa de pós-graduação, mas não tenho ideia de como funciona. Mas o que nós poderíamos dizer para ela que fosse do seu interesse? Estranho. A coordenadora nem para me explicar direito a proposta para eu tentar convencer os outros. Já estou até vendo as desculpas: “hoje eu não posso”; “eu vou ao dentista”; “tenho que estudar para a prova”. Pelo menos acho que posso contar com os meus colegas de estudo, na segunda, na hora do intervalo, já vou conversar com eles. Eu até podia mandar uma mensagem no *WhatsApp*, mas daí fica aquela troca de mensagens sem fim e eu tendo que explicar a mesma coisa um milhão de vezes. Pessoalmente é mais fácil. É melhor eu ir dormir, hoje é domingo, amanhã cedo tem aula e já é certo que irei atrasar, então que seja o mínimo possível. Meu marido já apagou há muito tempo, acho que ele se acostumou com minha ausência. Mas o foco agora é estudar, preciso me concentrar nisso. Estou certa. Será?

— Nossa! Hoje era mais fácil acabar o dia do que essa aula de Álgebra — disse eu ao pessoal na hora do intervalo. — Preciso da ajuda de vocês para reunir um grupo — acrescentei.

— Grupo de quê? — perguntou Fabiana.

— Um grupo para participar de uma pesquisa de doutorado — respondi.

— Pesquisa de doutorado com alunos da Licenciatura? Deve ser esse povo da Educação Matemática — afirmou Diego já dando sinais de sua simpatia pelo acontecimento. O Diego estuda comigo e ele quer ser um pesquisador em Matemática. Ele é muito inteligente, vai super bem nas disciplinas de Matemática e foge o quanto pode das discussões pedagógicas. A gente se dá muito bem, ele tem esse jeito seco, mas é muito querido. Ele ouviu nossa conversa e já se interessou.

— Pessoal, eu não sei do que se trata, só sei o que eu disse e precisamos reunir um grupo de seis estudantes de todos os períodos — tentei explicar.

— Bom, eu estou aqui pagando essa disciplina, mas eu sou do último ano, então posso participar — disse José. — Também posso convidar mais um colega da minha turma, o Marcelo adora sentar e conversar — acrescentou.

— Que ótimo José, eu já contava com sua participação mesmo. Agora já temos dois alunos do quarto ano, ainda faltam quatro. Eu irei participar, então faltam três, acho que poderia ser mais dois da nossa turma e um calouro. Alguém conhece um calouro?

A Fernanda, que é do segundo ano e estava por ali, também responde.

— Tem a Maria, eu sempre a vejo nas reuniões do grupo de estudos, acho que ela gostaria de participar, vou convidá-la — disse Fernanda. Conheci a Fernanda em um curso sobre o *Geogebra*, um software de geometria dinâmica bem interessante, no ano passado. Ela é super animada e parece que mora aqui na universidade, sempre a vejo. Será que eu moro também?

— Você vai poder Fabiana? — pergunto.

— Acho que por enquanto não, estou envolvida com a minha candidatura ao DCE, acho que não terei tempo — ela responde.

— Bem, você pode Fernanda? — Ela tem que querer. — Por favor ...

— Tudo bem, Dri. Quando vai ser?

— A professora ainda não me disse, mas ficou de avisar essa semana, assim que eu souber aviso todo mundo. E você Diego? Não vai lá dizer o que você pensa da Educação Matemática, vai que ela pergunta sobre isso? — dou uma provocada.

— É claro que vou — ele responde.

— Então fechamos o grupo: eu, Marcelo, José, Fernanda, Diego e talvez Maria, certo? Fernanda, você pode me enviar uma mensagem quando conversar com ela, preciso avisar a professora e passar o nome de todos, ok? — encerro a discussão. Nem acredito que foi tão fácil.

— Pessoal, a professora de Prática já entrou na sala, nos avisa um colega.

Deixamos a cantina e aquele cheiro de fritura que atravessa todo o nosso prédio e roupas e nos dirigimos para a sala. Essa professora é bem exigente, não gosta que o pessoal fique entrando na sala depois que ela começa a explicação. Acomodo-me na cadeira e me dou conta:

— Ué, hoje a aula não será no laboratório de informática? — questiono.

— Acho que não, a professora disse que quer conversar um pouco sobre o que temos feito, acho que não precisa de computador para isso — responde uma colega.

Essa professora gosta de conversar, sempre ela tenta dar um sentido àquilo que estamos fazendo em suas aulas. Eu gosto dela, dizem que ela pesquisa Educação Matemática, ela bem que podia ser alguém para conversar sobre projeto, bolsa... vou pensar nisso, mas ela nem me conhece direito, talvez agora no estágio, vai que no sorteio dos grupos eu fico com ela como orientadora, tomara!

Cheguei em casa e recebi uma mensagem, no *WhatsApp*, ou melhor, recebi um *Whats* da Fernanda, dizendo que a Maria topou participar da reunião. Agora sim está tudo certo, posso avisar a coordenadora que o grupo está formado. Amanhã cedo faço isso, agora tenho que resolver a lista de Cálculo, amanhã quero tirar umas dúvidas com o professor. Eu nunca pensei que eu me tornaria fã desse professor depois daquele trauma da primeira prova no ano passado. Nunca estudei tanto para tirar 1,0 e ele ainda teve a coragem de dizer que achava que eu tinha estudado, só que não tinha conseguido trabalhar as questões. Como a turma toda foi mal ele resolveu dar outra prova. Estudei mais ainda e tirei 0,8. Eu não conseguia entender aquele resultado, pois sempre que eu estudava na escola, e eu estudava sempre, eu me saía bem. O que tinha mudado? Depois de um tempo eu percebi que na faculdade a linguagem matemática é diferente e eu só precisava me adaptar a esse novo jeito de operar. Depois que eu entendi o processo, minha nota mudou de intervalo, de 0–1 para 8–10. Será que eu aprendi o conteúdo ou a linguagem? Ou a linguagem é o próprio conteúdo? Vixi, é melhor eu voltar para a lista, o importante é que eu passei de Cálculo I e agora estou em Cálculo II.

Organizando o primeiro encontro

Hoje resolvi passar o dia na faculdade, combinei com o professor de Cálculo que iria à tarde à sua sala para tirar umas dúvidas. Daí já aproveito e converso com a coordenadora. Almocei no restaurante universitário, nosso querido RU, com o pessoal e depois fomos bater papo e descansar um pouco na sombra da figueira, antes de voltarmos aos livros. Eu adoro esse lugar, talvez seja o meu preferido aqui na universidade; apesar de os banquinhos serem duros e desconfortáveis, a gente sempre se ajeita e consegue até cochilar.

Marquei com o professor às 14h, mas vou um pouco mais cedo para passar na sala da coordenação. Chego lá e bato na porta.

— Pode entrar — escuto.

— Oi, professora, tudo bem? Consegui falar com os estudantes, já tenho o nome dos que se interessaram em participar da pesquisa.

— Que ótimo, Adriana. Eu posso te pedir mais um favor?

— É claro — respondi.

— Eu reli o e-mail da pesquisadora e ela precisa saber se todos vocês terão disponibilidade para o dia em que ela pretende nos visitar. Eu estou assoberbada com o trabalho da coordenação e ainda tenho que preparar minhas aulas, corrigir algumas provas, preparar outras, lançar notas, enfim, você poderia conversar diretamente com ela?

— Posso sim, professora. — Eu só tenho que estudar para Cálculo, Álgebra, Geometria, Prática, Psicologia, Matemática Aplicada, fazer os trabalhos, resolver as listas — pensei comigo.

— Ótimo! Vou conversar com ela, passar seu e-mail e então vocês podem se organizar para o encontro. Muito obrigada, Adriana, e acho que você vai gostar de participar dessa pesquisa.

— Estou curiosa, nunca dei uma entrevista. Será que as perguntas são difíceis? — perguntei.

— Fique tranquila, vai dar tudo certo.

Despedi-me e fui conversar com o professor de Cálculo. Não posso me atrasar, ele é muito sistemático. Mas e essa pesquisa? Antes eu estava curiosa, agora já fiquei nervosa de ter que conversar com alguém que eu não conheço. Como tenho dificuldades em me relacionar com as pessoas! Normalmente quem me conhece não acredita quando digo isso, mas só eu sei o quanto preciso me preparar para uma conversa. Penso nos assuntos que podem surgir, nas questões, nas possíveis respostas, em controlar minhas

manifestações de sinceridade, em ser simpática, sorrir. Credo. É muita coisa para administrar, mas como disse a professora: vai dar tudo certo!

Quando cheguei em casa no final da tarde e acessei meu e-mail já vi a mensagem da pesquisadora. Pelo título do e-mail só pode ser ela: contato para pesquisa de doutorado. Ela deve estar bem ansiosa para conversar com a gente, pois agora há pouco conversei com a coordenadora e ela já entrou em contato comigo. Vamos ver o que ela tem para me dizer.

Boa tarde Adriana,

Meu nome é Adriana, sou professora de Matemática e entro em contato com você devido à minha pesquisa de doutorado. Primeiramente conversei com a coordenadora do seu curso e ela pediu que eu me correspondesse diretamente com você.

Como já deve saber, estou realizando entrevistas com alunos da Licenciatura em Matemática e gostaria de poder incluí-los em minha pesquisa. Minha intenção é realizar uma discussão sobre as percepções dos acadêmicos em relação ao curso que estão vivenciando.

Ela me disse que você já conversou com alguns colegas, só para confirmar, a ideia é que sejam 4 alunos concluintes (3º e 4º anos) e 2 ingressantes.

Podemos marcar nosso encontro para o dia 04/05? O horário pode ser o que for melhor para vocês, a entrevista é em grupo, então teríamos que encontrar um horário comum. Com relação à dinâmica ela é bem simples, peço inicialmente que se apresentem e depois que falem sobre o curso de Licenciatura. Não há um roteiro rígido a ser seguido, é mais uma roda de conversa.

Um abraço

Dois ingressantes? A professora tinha me dito um, e agora? Vou dizer que não consegui, é mais fácil do que ter que procurar mais uma pessoa e dispensar outra. Acho que isso não deve fazer tanta diferença. Mas e se fizer? Acho melhor eu convidar mais alguém, vou tentar. O difícil vai ser conseguir um horário comum para todos, alguns estudam pela manhã e outros à tarde, vai ter que ser no final do dia. O que será que é para falar sobre o curso? Uma roda de conversa? Discutir as nossas percepções? Tô achando tudo muito confuso, vamos ver o que o pessoal pensa. Amanhã cedo converso com eles. Pelo menos não é uma entrevista individual, em grupo é mais fácil ficar quieta, sempre tem aqueles que falam mais e acabam roubando a cena. Preciso começar a pensar na apresentação, acho que é mais ou menos como eu fiz no caderninho verde, mas o que posso dizer para uma professora que faz doutorado? O que será que ela espera ouvir? Será que posso falar tudo que penso? Posso até dizer muitas coisas, mas não posso esquecer que ela também é professora! Mais uma coisa para pensar. Preciso responder. Não, vou esperar a resposta deles, assim não tenho que enviar vários e-mails, um basta. Por hoje chega de faculdade, vou assistir um pouco de televisão para não pensar em nada. Peraí, mas ela chama Adriana também? Isso é que eu chamo de coincidência!

— Pessoal, a pesquisadora me escreveu. — Espero o momento do pastel do intervalo para dar a notícia.

— E? — responde Fernanda.

— Primeiro a gente precisa convidar mais um calouro; a professora tinha me dito que era apenas um, mas no e-mail ela disse que são dois interessantes. Alguém conhece mais alguém?

— Tem o Fabrício — disse a Fabiana. — Posso falar com ele e ver se tem interesse.

— Você faria isso, por favor? — Eu praticamente imploro. A Fabiana conhece quase todo mundo do curso, ela está fazendo campanha para sua chapa do Diretório Central dos Estudantes, o famoso DEC, e tem rodado as salas de aula conversando com os estudantes.

— Posso sim, hoje à tarde devo encontrá-lo. Ele sempre está por aqui estudando — ela responde.

— Mas o que mais a pesquisadora falou? Ela explicou como será essa entrevista? — insistiu Fernanda.

Tentei explicar aquilo que entendi e acho que eles entenderam tanto quanto eu, ou seja, muito pouco. Mas os que estavam presentes concordaram com a data e sugeriram que fosse às 17h. Preciso aguardar a confirmação dos outros para responder à mensagem. Terminou nosso intervalo e voltamos para a sala de aula.

À noite em casa, quando já estou pegando no sono o celular vibra. Um monte de mensagens ao mesmo tempo, será que eu estava sem conexão e nem percebi? Fabiana confirmando a participação dos calouros. Agora posso responder o e-mail, mas só amanhã, não posso deixar que o sono vá embora de vez, senão amanhã já sei a novela.

Durante o intervalo fomos até o Laboratório de Matemática ter uma conversa rápida com as professoras do estágio. Elas iriam fazer o sorteio das duplas e das orientadoras. Primeiro separaram os grupos que poderiam estagiar no mesmo período, isso já aumentou as chances de eu ficar com alguém mais próximo.

— Adriana e Cristiane — disse uma das professoras.

Ufa! Eu a Cris nos damos bem, vai ser mais fácil. Depois das duplas formadas sortearam a orientadora e por sorte fiquei com a professora da Educação Matemática, espero que dê tudo certo. Decidido tudo, elas resolveram falar um pouco sobre a dinâmica do estágio. Eram quatro professoras para um grupo de 16 alunos, cada uma ficou com duas duplas. A gente não entendeu bem o porquê de elas ficarem o tempo todo se alfinetando, não parecia haver um acordo entre elas sobre como realizar as atividades. Elas também se dividiam em duplas, mas por afinidade e não por sorteio. Uma falava e a outra retrucava, na nossa frente. Parece que cada dupla tinha sua visão de como deve ser o estágio e queria impor a sua vontade. Não senti que elas tivessem sentado para conversar antes de falar com a gente, parece que não havia muito diálogo ali. A situação era: cada professor faz do seu jeito e a nós resta seguir as orientações. Eu nunca entrei em uma sala de aula como professora, estou morrendo de medo. Mas eu conheço a escola, acho que em algum momento elas irão nos perguntar isso: nossas lembranças, nossas impressões. Ou será que vão ignorar o que já vivemos? Só falta...

Voltamos para a sala e deixo para responder o e-mail da Adriana na hora do almoço. Se ela se parecer comigo, deve estar atualizando a página de cinco em cinco minutos esperando uma resposta. Como é difícil não poder ter controle de tudo! acho que é por isso que tenho dificuldades de lidar com os outros, não tenho controle algum sobre a vontade alheia.

Almocei e logo depois enviei a mensagem. Eu não estava enganada, em menos de 30 minutos ela respondeu. Agora acho que é só esperar o dia chegar. Até lá penso que já terei histórias do estágio para contar, pois na semana que vem começamos o período de observação na escola e nosso encontro será daqui uns vinte dias. Passei meu *Whats* para ela; é mais fácil para a comunicação, quem faz doutorado não deve ficar enviando aquelas mensagens de correntes ou “Bom dia!” e “Boa noite!” Assim espero.

E o dia chegou

Adivinha no que pensei assim que abri os olhos? É o dia da entrevista! Eu até tinha me esquecido desse problema diante de tudo que surgiu nas visitas à escola. Tomei uma decisão: posso até ser professora, mas da escola, jamais! Definitivamente eu não sei lidar com crianças, como eles falam! Os professores passam mais tempo tentando controlar os alunos do que dando aula. E não são só as crianças que assustam: a escola parece diferente, muito maior do que antes. No período de observação acompanhamos todas as aulas da turma do sexto ano. A proposta do nosso estágio era de acompanharmos como os estudantes se comportavam durante as aulas de diferentes disciplinas, a ideia seria observar os alunos e não os professores, mas alguns professores não gostaram da nossa presença, principalmente porque a aula deles não tinha nenhuma relação com a Matemática. A gente tentava argumentar que nossa intenção era observar o modo como os alunos se relacionavam com as diferentes disciplinas — não sei com qual intenção — e não o trabalho do professor, mas mesmo assim muitos deixavam clara a insatisfação com a nossa presença. Pensando bem, será que a insatisfação era com a gente ou com o que nós representávamos? A gente quase não ouve falar sobre a escola aqui pela universidade, então por lá não deve ser diferente. Talvez os que passaram por ali não tenham deixado um bom rastro ou então não deixaram rastro algum.

Fiquei pensando que se o estágio começasse no primeiro ano do curso talvez eu tivesse desistido. Eu gosto da ideia de ensinar; ajudo bastante os meus colegas. Quando a gente se reúne em alguma sala de aula que esteja vazia para estudar, eu sempre vou até a lousa para explicar alguma coisa e eles dizem que entendem. Mas também sou exigente, se percebo qualquer desinteresse fecho a boca e não digo mais nada. Então acho que o meu medo é da escola, ou melhor, da realidade da escola. Pode ser que ela me faça calar de vez. Acho que a palavra interesse não habita esse lugar. Ou melhor, acho que ela perdeu o sentido por ali. Se bem que uma palavra por si só não diz nada, não é Viviane Mosé? O que diz é o acordo entre quem fala e quem ouve. Penso que é o acordo que foi quebrado... mas será que um dia ele existiu?

Alguns professores da escola disseram que é para a gente desistir enquanto é tempo, pois o trabalho é muito desgastante e pouco reconhecido. Mas então por que será que eles continuam lá? Depois de um tempo não dá mais para desistir? Eu hein, se for assim é melhor eu nem começar mesmo. Tinha uma professora que a aula dela era só de leitura. Era aula de Matemática, mas só que ela ficava fazendo a leitura do livro didático e ainda fez uma colega do nosso grupo fazer a mesma coisa no período de participação. A gente percebeu que nem todos os professores estão dispostos a nos ajudar, mas acho

até que é compreensível, pois eles precisam lidar com tanta coisa durante a aula que fica difícil pensar no estagiário. Também tem outra coisa, não me lembro de pedir sua ajuda, pelo menos até agora estávamos ali apenas para observar e participar de sua aula, da forma que ele achasse melhor. Acho que não se tratava de uma parceria entre estagiário e professor e sim de uma troca de favores entre escola e universidade na qual a última recebe mais do que oferece. Talvez a minha saída seja trabalhar em cursinho ou então escolas particulares, acho que lá deve ser mais tranquilo. O colégio militar seria uma boa opção, mas o ideal mesmo seria dar aula aqui na universidade. Pensa que legal: eu, professora universitária! Só sonho mesmo.

No intervalo do almoço fizemos reunião do grupo de estágio, pois foi o horário que encontramos em comum para todos. Parecia mais uma sessão de terapia, embora eu nunca tenha participado de uma, mas penso que seja um lugar onde todos falam de seus problemas. Os colegas que estavam em outra escola também estavam assustados, parece que ninguém mais queria ser professor. E agora? Se a Licenciatura é para formar professor, qual seria nossa segunda opção?

Durante a tarde nos reunimos para estudar Geometria – havia muitos teoremas para decorar. Eu e a Cris pagamos o maior mico, fomos falar com o professor de Geometria e soltamos essa pérola:

— Professor, já demonstramos todos os axiomas do livro.

Ele arregalou os olhos e disse: — Ai meu Deus!

Ainda bem que percebemos rapidamente a bobagem que dissemos. Foi só um ato falho mesmo... será?

A Adriana me enviou um *Whats* dizendo que a coordenadora havia reservado a sala do Laboratório de Matemática para a realização do nosso encontro e que era para eu pegar a chave no Departamento. Perguntei se ela saberia chegar até o local e ela disse que sim, que já havia se informado. Quando foi umas quatro e meia fui lá tentar resgatar esse tesouro. É impressionante como nós, alunos da Licenciatura, temos dificuldade em ocupar os espaços da universidade que são destinados a nós. O Laboratório de Matemática é trancado a quatro chaves, o laboratório de informática é de uso restrito às aulas — esses dias eu tentei usá-lo e recebi um não bem redondo na cara — até o uso das salas de aula para estudo está ficando complicado, eles querem fechá-las quando não estiverem sendo ocupadas para aulas. Assim fica difícil. Isso só reforça a ideia de que a nossa formação se restringe a assistir aulas, todos sentados em fila e em silêncio, apenas absorvendo a sabedoria do mestre.

Cheguei lá, estava explicando a situação quando a coordenadora apareceu — ufa! Ela me entregou a chave e disse que depois passaria por lá para conhecer a pesquisadora. Desci as escadas com a chave na mão e o coração na boca, daqui a pouco iria começar.

Estava me dirigindo ao laboratório quando o celular vibrou, era o pessoal confirmando se haveria ou não o encontro. Depois que organizamos o grupo para a entrevista eu criei um grupo no *Whats* para combinarmos o horário, pois nem todos se encontravam todos os dias, estudávamos em turnos diferentes. Esse era o objetivo do grupo, mas rolou muita troca de imagens, correntes, toda essa bobagem midiática. No entanto, pensando bem, esse espaço também foi uma forma de nos aproximarmos. Eu não conhecia os calouros e nem o Marcelo. Já que a universidade não nos coloca para conversar, qualquer recurso que a gente invente já está valendo. Confirmei o encontro e continuei meu destino. Olhei de longe e vi uma mulher parada na porta — deve ser ela — pensei. Fui chegando perto e ela já puxou assunto.

— Você é a Adriana?

— Sim — respondi. E você deve ser a Adriana, a pesquisadora?

— Sim! Que bom que te encontrei, estava com medo de estar perdida, eu não conhecia essa universidade. Muito lindo aqui, o campus é enorme. Como está calor, não? — Achei que ela não fosse mais parar de falar.

— Eu gosto muito daqui. Já estou acostumada com o calor, quase sempre é assim.

— Pelo menos ela é simpática; pensei que fosse mais velha.

— Adriana, já quero aproveitar e te agradecer pela ajuda. Muito obrigada por você se disponibilizar em procurar os alunos que pudessem participar. Nossa, você não tem ideia de como é difícil organizar um encontro como esse! Sem alguém do local que se disponha a ajudar é praticamente impossível. Muito obrigada mesmo.

— Imagina, não tive trabalho algum, foi bem fácil organizar o grupo — respondi. No fundo foi fácil mesmo, eu nem tive que conversar com os calouros, o pessoal me fez esse favor.

Enquanto nos falamos já abro a sala e ligo o ar-condicionado. Ainda bem que a coordenadora reservou essa sala, pois apesar de já ser final da tarde, ainda faz muito calor. Há algumas mesas na sala e ela pergunta se não podemos agrupá-las de modo que pudséssemos nos sentar em círculo. Respondo que sim e começamos a organização. Ao mesmo tempo ela começa a fazer algumas perguntas sobre o restante do grupo, parecia estar preocupada, pois ainda não havia chegado ninguém além de mim.

— Você confirmou com o pessoal? — ela pergunta.

— Sim, quando estava vindo para cá nos falamos pelo *Whats* e avisei que seria aqui no horário combinado. — Espero que todos apareçam, senão eu ficarei mal na foto.

— Essa sala é um bom espaço para estudo, não? Tem mesas, lousas, materiais de manipulação, ar-condicionado — ela sorri. — Vocês utilizam bastante esse local? — Percebo que ela é bem curiosa.

— Então... — será que eu falo a verdade ou não? pensei. — Nós usamos em algumas aulas, mas só quando o professor está presente. É muito difícil nos deixarem aqui sozinhos para estudar. Acho que eles receiam que sumam materiais, livros, não sei direito o motivo, mas essa foi uma resposta comum para muitos estudantes. Ao invés de eles pensarem que esses pequenos delitos poderiam ser apenas episódios isolados, acharam melhor tomar isso como regra e restringir nosso acesso, uma pena — contei tudo.

— Entendi. — Ela respondeu pensativa.

O celular vibra de novo, é o Fabrício dizendo que não poderá participar, pois aconteceu um imprevisto. Aviso ela e nisso o pessoal começa a chegar.

— Olá — diz o Marcelo.

— Boa tarde — acrescenta o José.

— Oi meninos, que bom que chegaram — respondo. Apresento a Adriana e eles já vão se acomodando. Na sequência chegam Fernanda e Maria.

— Olá — cumprimenta Fernanda.

— Oi pessoal — diz Maria.

— Agora só falta o Diego, mas ele deve estar chegando. Se a senhora quiser começar, pois já estamos no horário, não tem problema. — Eu sei que se demorar muito o pessoal vai ficar impaciente, conheço bem a turma.

— Senhora está no céu, Adriana. Pode me chamar de você, por favor — ela sorri.

— Então vamos começar, todos concordam?

O pessoal acena que sim e então ela começa a falar.

— Bem, pessoal, deixa eu me apresentar direito. Eu sou a Adriana, sou professora de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atuo no curso de Licenciatura em Matemática na modalidade a distância, estou cursando o doutorado em Educação Matemática e a minha pesquisa é sobre as percepções que estudantes de cursos de Licenciatura em Matemática possuem em relação ao curso. Eu gostaria de fazer uma discussão sobre a Licenciatura, mas do ponto de vista de quem vivencia esse processo de formação inicial. A gente já tem muita produção na nossa área de Educação Matemática sobre a formação de professores, mas ainda é reduzido o número de estudos que focalizam

o olhar dos estudantes sobre o curso. O meu interesse é ouvir aquilo que vocês desejarem contar sobre o curso. Vou explicar a dinâmica da entrevista e a gente já começa, ok?

Todos concordam. Nesse momento o Diego chega e ela rapidamente explica tudo isso que acaba de nos dizer. Ele se acomoda e ela dá continuidade.

— Bem, inicialmente eu gostaria que cada um se apresentasse e dissesse o porquê de ter escolhido o curso de Licenciatura em Matemática. Depois dessa rodada a gente começa a discussão sobre o curso. É isso. Você pode começar? — pergunta para a Maria.

— Por que eu? — ela responde apavorada. Todos começam a rir, mas ela concorda em começar.

— Meu nome é Maria, eu tenho 18 anos e estou no primeiro ano do curso de Matemática. Eu queria ser arquiteta, sempre sonhei com isso durante todo o meu ensino médio, mas minha pontuação não foi suficiente para ingressar no curso. Como segunda opção eu havia colocado o curso de Matemática, pois sempre gostei dessa disciplina na escola. Eu inclusive ajudava meus colegas que tinham dificuldade em Matemática. Eu até pensei em tentar uma transferência, realizar o meu sonho de ser arquiteta, mas estou gostando do curso, não sei mais se quero mudar, acho que estou gostando da ideia de ser professora, apesar de achar que por enquanto pouco se fala sobre isso no curso. — Preciso elaborar minha apresentação, fiquei de pensar nisso e esqueci; ela falou super bem.

— Ótimo — responde Adriana. — E você? — ela olha para a Fernanda.

— Eu sou a Fernanda e estou no segundo ano. Eu escolhi a Licenciatura em Matemática meio por acaso. Eu queria fazer Administração, mas como achei que seria difícil eu entrar por causa da concorrência, resolvi tentar Matemática primeiro só para ser aprovada. Eu sempre gostei de Matemática e sempre tirei boas notas, então não foi uma decisão difícil. Num primeiro momento eu pensei que fosse desistir, mas daí eu conheci alguns professores que fazem projetos nas escolas e eu comecei a me apaixonar pelo curso. Quando vi estava totalmente envolvida com a ideia de ser professora. Talvez eu faça Administração, mas só depois que eu terminar Matemática. Eu já dou algumas aulas particulares e tem sido muito bom, tem me ajudado a aproveitar mais as aulas no curso.

As apresentações continuam na sequência em que os estudantes estão sentados, ela só vai mudando o olhar para cada um. Nessa lógica vou ser a última, ainda bem.

— Meu nome é Marcelo e eu tenho 23 anos. Estou no último ano do curso e eu queria ser engenheiro; desde criança eu dizia isso para minha família, pois tenho um tio que tem essa profissão e ele sempre me incentivou muito. Como Engenharia era um curso bastante concorrido eu pensei em entrar na Matemática e depois pedir a transferência.

Mas o curso foi passando e eu fui gostando, fiz amizade com pessoas que querem ser professores e isso também foi me motivando a seguir no curso. Hoje em dia estou certo que quero dar aula. Talvez eu faça Engenharia, pois ainda sou jovem e acho que seria possível, mas não tenho muita certeza disso.

— Meu nome é José e eu também estou no último ano. Eu sempre quis ser professor, sempre ajudei meus amigos e meus irmãos a estudarem. Meus pais são professores, então isso sempre foi muito presente na minha vida. Quando chegou a época do vestibular eu fui olhar as opções de Licenciatura que eu poderia escolher. Entre Geografia, Biologia e Matemática, escolhi a Matemática, pois eu tive um professor de Matemática na escola que era muito legal, ele ensinava coisas difíceis de um jeito muito simples e aquilo me fascinava. Então não tive dúvidas: assinaei Matemática e estou aqui. Como eu quero muito ser professor, eu acho que o curso poderia ter mais disciplinas de formação pedagógica; pelo menos eu penso assim.

— Eu sou o Diego e estou no terceiro ano do curso. Eu gosto de Matemática, eu queria fazer Bacharelado, mas como só tinha a opção de Licenciatura aqui, então não tive escolha. A minha vontade é seguir a carreira de matemático, fazer pesquisa. Estou pensando em fazer pós-graduação em Matemática Pura, estou até começando a planejar o meu trabalho de conclusão de curso com um professor que é dessa área, ele tem me incentivado bastante. Eu não gosto muito das disciplinas pedagógicas; acho que as discussões são muito superficiais e distantes da escola que eu conheci enquanto aluno. Também acho que estudamos pouca Matemática; não sei, tenho essa impressão. Eu quero dar aula, mas só no ensino superior, pois é onde eu também posso fazer pesquisa.

— Meu nome é Adriana, eu tenho 25 anos e estou no terceiro ano do curso. Eu sempre quis fazer Engenharia e tentei várias vezes o vestibular, mas nunca passei. Um dia resolvi tentar Matemática porque a concorrência era bem baixa e eu precisava entrar na universidade. Eu estava trabalhando no comércio, mas queria sair dali e pensei que voltar a estudar seria a minha melhor opção. Fiz o vestibular e fui aprovada. Estou gostando do curso, acho que quero ser professora, mas apenas do ensino superior.

Terminamos a rodada de apresentações e então a pesquisadora retoma a fala.

— Bem pessoal, então a gente está num contexto de Licenciatura, com alunos que querem ser professores, o que é muito bom e muito raro também. Eu tenho visto muitos alunos que não querem ser professores, embora estejam fazendo o curso de Licenciatura. Bom, então pensando nisso, que vocês querem atuar como professores e estão em um curso para formar professores, eu gostaria que vocês falassem sobre esse curso, como

vocês avaliam essa questão da formação, como que é, como que acontece, o que é legal, o que não é, como que vocês olham para o curso? — explica ela.

“Que difícil”, pensei. Não é fácil falar sobre o curso. São tantas coisas que eu gostaria de dizer, tanta denúncia para se fazer, essa seria uma oportunidade de ouro. Mas será que eu posso dizer tudo que eu penso? Quem será que irá ler essa pesquisa? Será que ela vai divulgar entre os professores daqui? E será que o que disser vai valer para todo mundo? Vou esperar alguém falar primeiro.

— Eu gostaria de dizer que desde que eu entrei aqui eu fui muito bem recebida pelos professores. Eles nos incentivam a estudar, a participar de projetos de pesquisas, de grupos de estudos, de eventos. Eu já publiquei artigos em eventos nacionais — disse Fernanda.

Meu Deus, que curso é esse que ela está falando? Eu nunca me senti tão incentivada... alguns professores ajudam, mas não é tudo isso, eu acho. E a minha busca por uma bolsa em qualquer projeto? Acho que é o que eu desconfiava mesmo, não conheço as pessoas certas. Será que eu falo?

— Eu acho que essa acolhida dos professores depende muito do professor e do aluno também. Os professores se interessam em ajudar aqueles alunos que correm atrás, que vão até sua sala para tirar dúvidas, que participam das palestras. Eu vejo assim — respondeu Maria.

Alguém sensato. Nisso eu concordo, depois que eu comecei a frequentar a sala do professor de Cálculo ele me ajuda em todas as disciplinas, praticamente. Acho que vou falar isso. Quando vou abrir a boca, o Diego fala.

— Olha, eu fiquei impressionado com a atenção dos professores assim que eu entrei no curso. O cara é doutor e senta ali do seu lado e explica tudo com a maior calma do mundo. Teve um professor que imprimiu uma apostila e me deu só porque eu fui lá perguntar de um assunto que nem era conteúdo da disciplina. Achei aquilo muito legal. Tem uns que deixam a gente fazer a prova outro dia caso a gente não esteja muito bem. Eu tive muitos problemas de insônia durante um tempo, não conseguia dormir direito, e o professor me ajudou bastante, foi bem compreensivo.

— A gente também teve um contato muito bom com um professor, temos ainda, não é, José? — acrescenta o Marcelo.

— Ah sim! — ele responde.

— O professor que trabalhou uma das disciplinas de Prática se tornou nosso amigo, ele se disponibiliza a nos ajudar no que for preciso, a gente tem cada ideia louca

e ele topa tudo. A última é que nós decidimos criar um grupo de estudos e adivinha onde foi nossa primeira reunião? Na casa dele! — É nítida a empolgação de Marcelo.

— É verdade, ele é nosso companheiro — complementa o José.

— Mas eu só sinto isso em relação a ele, pelo menos, eu não conheci outros professores que tivessem essa mesma disponibilidade — conclui Marcelo.

Quem são esses professores? Acho que eu não os conheço! Mas eu vivo por aqui, será que não dei sorte de pegar uma disciplina com eles? Preciso me inteirar dessas coisas, acho que estou perdendo tempo. Mas também, ou você conhece o professor pela disciplina ou não conhece. Qual seria outra oportunidade? Eu converso tanto com o José e ele nunca falou nada disso. Será que a gente não conversa sobre o curso? Sobre o que será que conversamos?

— Muito interessante essas colocações de vocês, acho que o acolhimento deve fazer parte de um processo de formação. Vocês todos já devem ter ouvido falar do poeta Manoel de Barros, não? — pergunta Adriana.

Apenas Marcelo e Fernanda acenam que sim. Eu nunca fui de ler poesia. Os livros que li durante a Educação Básica foram apenas os que eram cobrados na aula de Literatura. Em minha casa os únicos livros que havia eram os livros didáticos, pelo menos não me lembro de outros. Mas isso também não é desculpa, talvez seja só uma forma de entender a minha falta de interesse pela leitura, de modo geral.

— Então, quem não o conhece eu recomendo, vale a pena. Mas o que eu quero dizer é que em um de seus muitos poemas ele fala algo assim, de que se aprende muito mais com pessoas do que com livros. Acho que essa relação afetiva só tem a contribuir com o aprendizado de vocês. Há pessoas que confundem tudo, que acham que se o professor é afetuoso, então ele não cumpre seu trabalho com seriedade, e sinceramente eu não consigo entender esse tipo de raciocínio. A seriedade docente e a afetividade podem caminhar juntas como já nos disse Paulo Freire, afinal lidamos com pessoas, não é? — Mas e em relação às disciplinas do curso, o que vocês têm a dizer? — Ela já mudou de assunto, que rápido, eu queria ouvir mais sobre esses professores fantasmas.

— Olha, quando eu comecei no curso havia muitas desistências naquela disciplina de Matemática Elementar, o pessoal tinha muita dificuldade. — disse o Diego.

— Depois mudou o nome, agora é Fundamentos de Matemática — acrescentou a Maria.

— Então, mas eu não entendia direito porque o pessoal desistia tanto. Eu nunca tive dificuldades com as disciplinas de Matemática, o meu problema são as pedagógicas, essas sim são muito difíceis! — retomou Diego.

— Eu acho que os professores que dão essas primeiras disciplinas gostam de assustar, acho que um pouco é isso. Agora, depois de um tempo fazendo tantas demonstrações eu olho para aquele conteúdo e vejo que nem era tão difícil. O difícil era a forma com que eles tratavam aquele conteúdo, com uma linguagem totalmente diferente da que a gente era acostumado no colégio. Eu não consigo entender o porquê disso, acho um absurdo! — disse Marcelo.

— Eu também acho que a linguagem do curso é muito difícil e acaba sendo uma barreira para a progressão do aluno aqui dentro. Tem gente que fica preso a algumas disciplinas porque não consegue entender a linguagem matemática — concorda José.

— Eu me lembro que em Cálculo I eu tive muita dificuldade com a linguagem, enquanto eu não me adaptei eu não consegui avançar — consegui fazer uma colocação.

— Não sei vocês, mas eu acho que essas disciplinas que discutem os fundamentos foram muito falhas, acho que a gente precisa correr atrás para recuperar os conteúdos, pois vamos precisar deles para dar aula na escola — diz Fernanda.

— Eu concordo, acho que deveria haver uma relação com o que a gente vai ensinar também, às vezes a gente fica só fazendo cálculos e decorando teoremas e nem lembramos que a escola existe. — Acrescenta José.

— Escola? Existe escola dentro do curso? Eu acho que nunca ouvi nada sobre ela aqui. — Marcelo parece ficar um pouco revoltado com essa situação.

— Nisso eu discordo, Marcelo, eu tive muito contato com a escola por causa dos projetos de extensão e de pesquisa que participo. Mas tirando isso, sou obrigada a concordar que nas disciplinas pouco se fala mesmo — contrapõe Fernanda.

— Mas eu acho que essa relação com a escola ou com os conteúdos da Educação Básica depende muito do professor. Tem professor que faz, tem outros que não — acrescentei meu ponto de vista. — Eu também acho que pouco se fala da escola, acho que vim descobri-la mesmo agora no estágio, mas nas disciplinas de Prática eu já ouvi algumas coisas, então acho que depende um pouco do professor sim.

— Eu penso o seguinte, é muito importante a gente estudar Álgebra, Cálculo, Geometria, Análise, afinal fazemos Matemática, mas o que eu acho que seria o mais importante é estudar as relações entre tudo isso e não ficar só no estudo dos conteúdos, o que vocês acham? — colocou o Marcelo.

— Sabe o que eu acho, Marcelo, essas disciplinas só servem para quem for dar aula aqui na universidade mesmo. Para dar aula na escola elas são muito avançadas, para seguir na pós-graduação elas são muito básicas. Eu estou vendo que terei que estudar muito para conseguir fazer um mestrado em Matemática. Eu vejo assim — disse o Diego.

— Então Diego, o Marcelo falou que a gente tem que estudar essas disciplinas porque fazemos Matemática, mas nós não fazemos Matemática! Nós fazemos um curso de Licenciatura em Matemática; não vamos sair daqui como matemáticos, e sim como professores de Matemática da Educação Básica. Se acontecer o que você falou, de que esse estudo só serve se formos dar aula aqui, onde entra a necessidade de se estudar essas disciplinas e ainda da forma como estudamos, como o Marcelo bem colocou, sem estabelecer relações, apenas o conteúdo pelo conteúdo? — pergunta a Fernanda.

— Bem, eu não sei dizer por que temos que estudá-las. Nós chegamos aqui e elas já estavam nos esperando e como não há essas problematizações que eu estou falando, acho que vamos sair daqui achando que é normal estudar tudo isso, que temos que saber esses conteúdos e pronto. Você tem alguma ideia? — Percebo que o Marcelo devolve a pergunta para a Fernanda. Já que ela tocou nesse assunto deve ter alguma resposta.

— Como eu disse, participo de um grupo de estudos e nós já fizemos algumas leituras nessa direção. Há alguns autores que tratam dessa discussão, da formação Matemática do professor de Matemática e um deles é o Viola dos Santos. Eu acho tudo muito complexo, parece até que esse assunto é um tabu, os matemáticos acham que são conteúdos fundamentais para quem estuda Matemática e os educadores matemáticos tentam argumentar o contrário, mas sem muito sucesso. Não sei, eu acho que os matemáticos têm mais força dentro dos cursos; pelo menos aqui a gente vê que eles são a maioria do corpo docente do nosso Departamento, isso deve influenciar em alguma coisa, não? — explicou a Fernanda.

— Eu acho que sim. E eu também acho que essa seria uma leitura interessante para uma dessas disciplinas pedagógicas, pois é algo que tem relação com a nossa formação, com a nossa profissão. Eu fiquei curioso, você podia me passar alguma referência, vou propor para o pessoal do meu grupo de discutirmos isso em alguma reunião, você até poderia participar, vamos conversar depois — responde o Marcelo.

Engraçado, eu já pensei muito sobre o fato de alguns professores que trabalham essas disciplinas de Matemática não fazerem nenhum tipo de relação com os conteúdos da Educação Básica, como eu acabei comentando, mas eu nunca coloquei em xeque a existência dessas disciplinas no curso e parece que o Marcelo também não. Que louco,

será que alguém além da Fernanda pensou isso? Ela disse que discutiu isso no grupo de estudos, mas isso tinha que ser discutido é no curso. Mas também, se os matemáticos são a maioria no nosso curso é óbvio que essa discussão não vai passar nem pelas portas do Departamento. Se eles não tiverem essas disciplinas bem específicas para dar aula, onde eles irão atuar, nas disciplinas pedagógicas? Aí sim que teríamos um problema! Nossa! Nunca pensei nisso também. Se o Bacharel pode dar aula na Licenciatura é porque para formar professor não precisa ser formado como professor? Nossa! Será que é isso mesmo? Preciso voltar para a discussão, acho até que me perdi.

— Marcelo, eu também acho que a gente tinha que ser levado a pensar, isso pra mim é o principal. Tem disciplinas que a gente faz só para passar, decora o conteúdo, faz a prova e acabou, não lembra mais nada depois disso. A gente passa por elas sem que nada nos aconteça, não somos atravessados, apenas a deixamos para trás. A gente precisa discutir, pensar, conversar. As disciplinas tinham que nos fazer repensar os modelos de prática que vivemos enquanto alunos da escola, isso sim seria interessante. Por exemplo, eu acho que as disciplinas de Educação falam uma coisa, as de Matemática falam outra e a gente, se quiser, tenta fazer a junção disso tudo e isso é um grande problema, porque essa junção gera novas discussões, gera outra coisa — desabafa José.

— Quanta coisa importante vocês falaram. Esse último ponto que você tocou, José, sobre essa articulação entre as disciplinas pedagógicas e as disciplinas de Matemática, como isso funciona dentro do curso? — pergunta a Adriana. Ela nem tocou na discussão que eles fizeram sobre as disciplinas de Matemática, por que será?

— Não funciona, professora! Não funciona porque não existe. Isso é um absurdo — responde o José.

— Calma, Zé. A gente também não pode generalizar. Isso depende muito do professor, como eu já disse antes. Tem professor que tem uma sensibilidade maior em relação à Licenciatura, à formação de professores e acaba pensando que nós estamos aqui para nos tornarmos professores. A gente não pode negar isso. Tudo bem que eles são a minoria dentro do curso, mas eles existem. — Tento acalmar os ânimos. O José sempre fica muito irritado com essas situações. Como ele sempre quis ser professor, ele fica revoltado com o modo que essas duas frentes são trabalhadas dentro do curso. Ele sempre acaba batendo boca com alguns professores, mas isso não ajuda em nada, ele só fica queimado no Departamento. Até parece que eu estou defendendo o curso, justo eu que queria denunciar um monte de coisa. Será que eu estou com medo de falar?

— Eu tenho outro ponto de vista José. Quando eu cheguei aqui eu comecei a ouvir um discurso sobre uma escola que eu não conheci enquanto estudante. Eu sempre fui repreendido na escola pelo fato de que eu não gostava de ficar sentado, imóvel e copiar matéria do quadro; eu não precisava disso para aprender, mas os professores não entendiam. Então quando eu cheguei aqui eu ouvia umas histórias de construtivismo e não sei o quê e aquilo foi me dando uma aversão em relação aos professores da Educação. Acabou que eu desisti de falar nessas disciplinas; eu era tido como o pessimista, pois discordava de tudo que os professores falavam. Até os colegas não entendiam o meu ponto de vista. Tinha uma professora que só falava de um tal de D’Ambrosio, era muito chato aquilo. E então eu me aproximei dos professores da Matemática, porque eu já gostava mesmo e esqueci a Pedagogia. Eu tenho levado isso até o limite. Quando percebo que não tem como fugir, sento e estudo, mas é uma tortura. A gente está tendo aula com uma professora em Prática que está me fazendo pensar em algumas coisas. Agora eu comecei a perceber que a situação é complexa mesmo e que não há respostas para tudo. Então eu concordo com a Dri, depende muito da prática do professor. Infelizmente. Eu não quero dar aula na escola, até me sinto um hipócrita por criticar um sistema que eu não quero ir trabalhar lá para tentar mudar. Mas pelo menos agora eu estou começando a entender melhor como funciona tudo isso. — O Diego foi bem sincero em dizer que não quer ir para a escola. Eu também não quero, não gosto nem de me lembrar daquela bagunça, gritaria, ai credo! Mas não sei se teria coragem de dizer isso tão francamente.

— Certo pessoal, Diego, eu não quero ser chata também, mas eu preciso falar só uma coisinha sobre o D’Ambrosio — disse Adriana e todos começaram a rir. — Eu não sei como se deu o seu contato com esse autor, mas recentemente eu li um trabalho, a tese de doutorado de Carlos Roberto Vianna, que traz uma entrevista com o Ubiratan e é fascinante a história de vida dele. Não sei se você sabe, mas ele foi um grande matemático, com uma produção significativa no campo da Matemática. Eu posso te mandar esse trabalho só para você ver essa parte, é muito interessante. — Percebo que o Diego fica meio sem jeito, mas concorda em dar uma olhada. Eu duvido que ele faça isso, vamos ver, depois vou perguntar.

— Eu gostaria de fazer uma observação sobre a prática dos professores — tento formular um raciocínio.

— É claro, Adriana — responde a pesquisadora.

— Eu acho que a forma como os professores trabalham depende muito do currículo das disciplinas. Por exemplo, a gente tem professor que quando trabalha uma

disciplina pedagógica ele faz todo um processo de avaliação diferenciado, observa a evolução do aluno ao longo da disciplina e tudo mais. Quando esse mesmo professor pega uma disciplina de Matemática o seu sistema de avaliação fica restrito a realização de provas escritas. Se você conseguiu nota tudo bem, senão faz a prova optativa e pronto. Eu vivi isso com uma professora que trabalhou Prática e Fundamentos no primeiro ano, por um período ela levou as duas disciplinas e era nítida essa diferença. Então eu acho que o currículo acaba engessando um pouco o professor, ele é cobrado dessa forma da instituição, precisa cumprir a ementa, pois acontece de aluno entrar com processo contra o professor, enfim, tem todas essas situações que a gente tem que pensar.

— Certo, e então pessoal, mais algum ponto que vocês gostariam de colocar sobre o curso?

— Eu só gostaria de acrescentar que é muito difícil conseguir participar de projetos ou conseguir uma bolsa. Quando eu entrei aqui eu queria muito fazer pesquisa, eu tinha uns amigos que desde que entraram na Engenharia já tinham bolsa e eu fiquei um tempão tentando conseguir. Se você não conhece a pessoa certa é quase impossível. Só depois que eu conheci o professor, que hoje é nosso amigo, que eu comecei a descobrir o mapa do tesouro. — Ainda bem que o José disse isso. Eu bem sei o quanto tentei conseguir alguma coisa, até na Física eu andei sapeando. E é o que eu imaginava mesmo, acho que não conheci as pessoas certas.

— Eu também acho isso, a gente aqui só participa de algumas coisas porque a gente se conhece, um indica para o outro, mas quem está chegando acho que é bem difícil — coloca o Marcelo. Mesmo eu conhecendo esse pessoal já é difícil, imagina para os calouros.

— É isso mesmo, a gente sempre está buscando saber das coisas, mas é complicado — acrescenta a Maria.

— Como eu disse, logo que eu cheguei eu comecei a participar de algumas atividades, até consegui uma bolsa, José, mas estou começando a achar que tive sorte mesmo de no primeiro ano já ter contato com essa professora que faz pesquisa. Eu acho que ela não trabalha com muitas disciplinas na Licenciatura, eu vejo que ela dá aulas em outros cursos como Engenharia e Administração. Vai ver que é por isso que poucos alunos a conhecem e acabam não tendo tantas oportunidades. Eu vou perguntar para ela por que ela não dá muitas aulas na Licenciatura, ela faz pesquisa em Educação Matemática e esse já deveria ser um grande motivo para ela atuar na Licenciatura, não é? — indaga Fernanda.

— Olha, Fernanda, eu não sei como funciona aqui na sua instituição, mas posso falar um pouco sobre como essas coisas acontecem na minha — responde a pesquisadora. — Assim como aqui, conforme vocês disseram antes, na minha universidade também há mais matemáticos do que educadores matemáticos no corpo docente do Departamento de Matemática. E esses professores que se intitulam matemáticos, em sua grande maioria, não fazem pesquisa em Matemática. São doutores, mas não desenvolvem pesquisas, talvez porque não haja um programa de pós-graduação nessa área na instituição, mas também não vejo uma movimentação para a criação de um. Sendo assim, eles parecem ver no curso de Licenciatura uma oportunidade para trabalharem a Matemática do matemático, pensando aqui naquela Matemática dos conceitos, das demonstrações e não só a Matemática dos cálculos e aplicações, como se vê, por exemplo, em um curso de Engenharia. Então eu vejo que há uma pressão por parte deles para atuarem no curso de Licenciatura, mas, além disso, também há questões políticas, particularidades do lugar... coisas que nem sempre podem ser ditas...

— Entendi, professora, isso deve existir aqui também, a gente percebe algumas coisas quando começa a se aproximar dos professores, eles não falam muito, mas dá para perceber nas entrelinhas. — Concordo plenamente com a Fernanda. Eu não sou próxima de nenhum professor, ainda, mas eu já saquei algumas coisas. Espero que essa aproximação aconteça em algum momento!

— Tem uma coisa também, a pesquisa dentro da universidade, ela tem certo glamour. É importante dizer que faz pesquisa. As pessoas já são olhadas de uma forma diferente. Mas isso é independente de qualquer tipo de aprendizagem, é só o fato de ser pesquisador; a gente percebe isso entre os professores e entre os alunos também — disse o José.

Bem que eu já tinha percebido isso. Os professores que fazem pesquisa são pesquisadores e não só professores, eu já vi a Fernanda chamando uma professora de pesquisadora. Será que um é mais importante que o outro? Ser professor não é pesquisar também? Que estranho. E deu para ver na fala da Adriana que não fazer pesquisa parece ser um problema. Será que eu entendi certo?

— Eu só queria reforçar que existe uma rivalidade entre os professores da Matemática e os professores da Educação Matemática. Isso é bem visível dentro do curso. São duas áreas tentando ganhar espaço e cada grupo quer puxar os alunos para o seu lado, o que acaba criando uma rivalidade entre os próprios alunos — disse o Diego.

— É isso mesmo e daí cada um puxa o fogo para a sua sardinha — completa o José.

— Não sei, eu posso até estar enganada, mas eu acho que existe essa competição até entre os professores da mesma área, não sei, pode ser só uma impressão, mas eu percebi isso em uma reunião do estágio. Eu acho que todas as professoras que estavam nessa reunião eram mais da Educação, uma delas eu sei que tinha mestrado em Matemática Pura, mas ela é tão preocupada com a nossa formação enquanto professores que às vezes parece que ela é da Educação, mas as outras eu acho que eram da Educação, porém não paravam de se alfinetar. Vai entender. — Lembro na hora dessa situação do estágio e acho que foi um bom exemplo. Mas também acho que não dá para rotular o professor só pela sua formação. Essa professora que falei é da Matemática e é mais preocupada com a nossa formação do que uma outra que é da Educação Matemática. Acho que o que manda mesmo é o professor entender que o curso é uma Licenciatura, que o objetivo maior é formar um professor, bem, deveria ser né.

— Mais algum ponto? — pergunta a pesquisadora.

Parece que ela já quer encerrar, será que não gostou do que falamos? Eu estou achando tudo tão interessante que continuaria aqui numa boa. Será que falamos demais?

— Bem, se a gente continuar falando vamos encontrar algo para reclamar — conclui o Marcelo e todos riem.

— Bem, pessoal, então eu acho que é isso. Quero agradecer a participação de vocês e dizer que agora eu farei a transcrição dessa entrevista e enviarei por e-mail. Eu gostaria que vocês fizessem a leitura e me dessem um retorno caso queiram mexer alguma coisa, acrescentar, tirar, qualquer tipo de alteração pode ser feita. Eu também trouxe uma carta de cessão e gostaria que vocês assinassem me autorizando usar o conteúdo de nossa conversa e seus nomes verdadeiros. Mas assinem só se concordarem com isso, por favor. — Todos riem.

— Eu não tenho problema em usar meu nome, eu já briguei com quase todo mundo daqui mesmo — acrescenta o José e continuamos a rir.

O restante do grupo também concorda em usar seus nomes verdadeiros, sinceramente eu não vejo problema algum nisso, principalmente porque eu acho que os professores não têm nenhum interesse em saber o que nós pensamos sobre o nosso curso, logo eles não irão ler um trabalho que fale sobre isso. Posso ficar tranquila. Eu acho. Mas quem será que lê uma pesquisa de doutorado? Os professores já nos deram artigos para ler, mas nunca olhamos para o texto de uma pesquisa, como deve ser? Acho que vou

pesquisar sobre isso, esse ano já quero começar a pensar no meu trabalho de conclusão de curso e ouvi dizer que ele é uma iniciação à pesquisa, então deve ter alguma relação.

Ficamos ali um tempo preenchendo os termos e conversando um pouco. Depois de terminado, desligamos o ar, apagamos as luzes e saímos. Já era noite, nossa conversa durou aproximadamente uma hora e meia. Despedi-me da Adriana, ela continuou me agradecendo pela ajuda, e fui entregar a chave no Departamento. Por sorte ainda havia alguém por lá, se eu fico com essa chave era capaz de ir buscar com o camburão lá em casa.

Voltei para casa muito pensativa. Como foi legal essa conversa, ouvir o que os colegas pensam sobre o curso, o modo como cada um enxerga todo esse processo. Foi muito bom. Pena que passou rápido. Estou louca para chegar em casa, desde as 7 da matina aqui, ninguém merece.

Depois do encontro

Tenho que alimentar o meu caderninho verde — vim pensando sobre isso no caminho para a faculdade — a professora pediu para dar uma olhada e eu não escrevi quase nada. Mas também, quase nada havia para ser dito. Uma observação ou outra, mas todas muito parecidas, pois acabavam sempre falando da indisciplina dos alunos. Talvez eu também pudesse dizer sobre o quanto a escola se afastou de meus projetos, sobre o quanto eu me senti perdida naquele lugar, sozinha em meio à multidão barulhenta de alunos. Mas será que esses sentimentos teriam espaço nessas linhas? Eu poderia perguntar em uma próxima reunião, mas para isso eu teria que me expor. Tenho que pensar melhor. Reformular. Talvez eu pudesse ter falado sobre isso durante a entrevista, mas ninguém falou sobre o estágio; o que será que eles pensam? A Maria e a Fernanda ainda não fizeram, mas os outros sim. Seria interessante essa discussão, ainda mais porque eu e o Diego já vamos começar a dar aula de verdade.

Hoje será o primeiro dia de regência. Desde que abri os olhos não penso em outra coisa. Está tudo bem planejado, eu e a Cris estudamos muito para essa aula. Acho que vai dar certo. Vamos discutir o gráfico da função do primeiro grau no laboratório de informática. A nossa orientadora, que também é a nossa professora de Prática, insistiu para que fizéssemos uma atividade usando o *software graphmática*. Deu um trabalhão, mas acho que a proposta ficou legal, resta saber o que os alunos vão achar.

Como de costume na hora do intervalo fomos para a cantina, acho que o pastel se tornará uma memória afetiva da faculdade, não pelo gosto, e sim pelo cheiro. O grupo hoje estava reduzido a uma dupla, José e eu. Por que será que a Cris não apareceu? Justo hoje... estranho, ela não é de faltar. Calma! O estágio é só à tarde. Aproveitei para conversar com o Zé sobre a entrevista, essa é a primeira vez que nos vemos depois do encontro, ou melhor, é a primeira vez que sentamos para conversar, a gente até se viu na sala, mas foi só um “oi e tchau”.

— E aí Zé, o que achou do encontro com a pesquisadora? — pergunto.

— Eu achei muito irado a gente sentar e falar sobre o curso. Eu pensei que ela iria colocar as questões, mas não, a gente falou o que acha mesmo, isso que foi legal. Você gostou? — ele me pergunta.

— Bastante. Eu só achei que a gente poderia ter falado mais, por exemplo, hoje vim pensando que a gente não falou nada sobre o estágio, não é? — respondo e já o ataco com outra pergunta.

— É mesmo, não tinha pensado nisso. — Ele parece ficar pensativo.

— A gente também não falou muito sobre algumas coisas. A Fernanda disse que desde que entrou participa de projetos, eu sempre procuro e nunca acho nada, então eu quero ver com ela como conseguir esses contatos. Eu também fiquei pensando que parece que existem vários cursos no mesmo. Cada um tem uma impressão diferente. Isso é muito louco, não? — acrescento.

— Totalmente. Também observei isso. Pensando bem, acho que a gente teria assunto para muitos dias se todo mundo pudesse falar o que pensa de verdade. Ali éramos poucos, se o grupo fosse maior haveria mais discussão, eu acho. — Ele se mostra interessado em discutir mais.

— Então, mas é tão difícil a gente ter contato com os alunos do curso, a gente fica muito limitado a nossa turma ou menos ainda, ao nosso grupinho de estudos. Não há uma movimentação do Centro Acadêmico para isso. Olha só, a Fabiana que está se candidatando ao DCE não apareceu; isso para mim já é um mau sinal. Até o nosso Departamento não agita nada nesse sentido. Parece que não querem que a gente converse muito, por que será? — Começo a pensar muito sobre isso e olha que eu nem gosto muito de discutir, mas a reunião foi tão boa que eu queria repetir. Eu não falei muito, mas escutei bastante.

— Zé, estou tendo uma ideia. Será que a gente conseguiria se reunir para conversar igual a gente fez com a Adriana? Seria muito legal! — me empolgo.

— Ah, não sei não. O pessoal é meio desanimado, você conhece. — Ele começa a tentar me desanimar, mas em vão.

— O Marcelo falou lá na entrevista que vocês criaram um grupo de estudo, não foi? — Começo a formular conjecturas.

— Sim, é bem legal. Tem vezes que a gente se encontra na casa de um colega, aqui na faculdade mesmo. Nós já fomos até para um boteco discutir, foi bem legal — ele sorri.

— Sério? Que massa! E se a gente usasse o grupo para continuar essas discussões, você acha que o Marcelo toparia? — Estou mais empolgada.

— O Marcelo? Ele já topou, se duvidar — começamos a rir. — Ele adora sentar e bater papo, você não tem ideia! Se eu falar isso ele vai dar pulos de alegria.

— Então fala! Você topa? — pergunto.

— Opa. É claro que sim! — ele responde.

Nisso acaba nosso intervalo, tenho que voltar para sala e ele vai embora, ele assiste apenas a primeira aula, que é a disciplina que está pagando.

— Vamos conversar! — Me despeço, mas deixo claro meu interesse em continuar o assunto.

Começa a outra aula e nada da Cris. Estou ficando preocupada, só não sei se com ela ou comigo! Já pensou se eu tiver que dar aula sozinha? Não, não quero nem pensar. Vou concentrar na aula, adoro Geometria, até demonstro axiomas!

Como esse professor é querido. Ele se entrega à aula de tal forma que parece que mergulhou em uma piscina de giz. Ao final da aula está todo desalinhado e pintado de branco; a gente continua sentado, mas com a cabeça a mil: são muitas informações por segundo. Se um dia eu tiver 10% de seus conhecimentos já vou ficar feliz. Parece que ele entende de tudo, esses dias tirou várias dúvidas de Álgebra e Cálculo da turma. Me disseram que ele e a nossa orientadora do estágio têm um livrinho que fala sobre a Matemática nos anos iniciais. Eu acho que nós usamos um pouco lá em Prática I, no primeiro ano, mas nem me lembro direito. Talvez agora ele fosse bastante útil por causa do estágio. Naquele momento eu não vi muito sentido em usá-lo, mas agora a história mudou. Vou procurar alguma coisa nos meus antigos cadernos.

A aula acaba e nada da Cris. Estou indo para o RU quando o celular toca. Olho e é ela. Atendo.

— Oi, Cris, cadê você?!

— Oi, Dri, você não vai acreditar.

— Ai ai ai, o que foi?

— Eu estou super mal, acho que comi alguma coisa estragada, passei mal a noite toda e agora não tenho forças para sair da cama. Não poderei ir ao estágio. Desculpa!

— Poxa, Cris. Que chato! Você foi ao médico?

— Não, mas já liguei para minha mãe e ela me medicou. Acho que amanhã já estarei melhor. Será que não dá para desmarcar a aula?

— Acho que não, foi difícil conseguir essas aulas, se a gente desmarcar a professora vai ficar brava. Eu vou dar um jeito, o plano já está pronto, vou conversar com a nossa orientadora e ver o que ela pode me ajudar. Fica tranquila. Se cuida.

— Tchau.

Era só o que me faltava, no primeiro dia de regência ter que ir sozinha. Antes de ir para escola vou passar na sala da professora, vamos ver se ela me dá uma luz. Terminado de chegar no RU, encontro a Fernanda e o Diego e vou me sentar com eles.

— Oi, pessoal, tudo bem? — pergunto.

— Oi, Dri, tudo certo — responde o Diego.

— Oi, Dri — diz a Fernanda.

— Hoje eu tive uma ideia na hora do intervalo. — Já começo a me empolgar.

— Lá vem... — disse o Diego, a animação em pessoa.

— Pode parar, Diego, é uma ideia top! Vocês gostaram de ter participado daquele encontro com a pesquisadora?

— Eu achei bem legal — disse a Fernanda.

— É... tirando que ela quer que eu leia o D'Ambrosio... — responde o Diego.

— Então, conversei com o Zé e a gente pensou de continuar se reunindo para discutir as nossas ideias sobre o curso, ela falou percepções, não é?

— Isso — confirma Fernanda.

— Então, vamos discutir nossas percepções! O Marcelo falou daquele grupo que eles criaram, acho que a gente poderia aproveitar essas reuniões e tentar encaixar. O Zé vai conversar com ele para ver se ele topa. Vocês topariam?

— Eu adoraria! — Já sinto a empolgação da Fernanda.

— E você Diego? Vamos? — tento convencê-lo.

— Tenho que ver, tenho um monte de coisas para estudar dessas disciplinas pedagógicas, um monte de texto para ler, não sei se terei tempo. — Ele já tenta se esquivar.

— Faz um esforço, vai. De repente essas discussões até podem te ajudar nessas disciplinas. — Acho que viajei um pouco, em que essas discussões poderiam ajudar? Será? Preciso convencê-lo.

— Acho que até amanhã o Zé já tem uma resposta, vou aproveitar aquele grupo do *Whats* para conversarmos sobre isso. Daí por lá os calouros já ficam sabendo também. — Já tento articular tudo. Estou muito animada. Bem que a coordenadora disse que eu iria gostar de participar. Acho que ela já me conhece bem.

Pelo menos me distraí conversando com o pessoal. Agora preciso ir descascar o abacaxi que a Cris me deixou nas mãos. Espero que a professora esteja na sala dela. Chego lá, a porta está aberta e a vejo.

— Oi, professora — digo morrendo de vergonha.

— Oi, Adriana. — Como ela é séria, até parece comigo.

Explico a situação da Cris e a minha. Falo do meu desespero e ela tenta me acalmar.

— Calma! — ela diz.

Sento ao seu lado e repassamos todo o plano de aula, ela tenta me dar algumas dicas dos momentos em que posso explorar a questão do coeficiente angular. Dá algumas sugestões de como eu poderia começar a aula, levantar alguns questionamentos. Ficamos quase uma hora conversando, ainda bem que a minha aula na escola era depois do intervalo, senão não daria tempo. Juntei minha papelada e parti. Seja o que Deus quiser e o que os alunos deixarem...

Organizando um novo encontro

No final tudo correu bem. A professora da escola me ajudou bastante, viu que eu estava nervosa e ficou controlando a turma. Não foi o que eu esperava, os alunos não participaram muito, mas foi possível fazer parte do planejado. Eu gosto de dar aula, isso é inegável, o meu problema é o nível escolar. A agitação das crianças me desestabiliza. Por que será? Mas será que antes de ir dar aulas no Ensino Superior eu não deveria começar pela escola? Se no Ensino Superior eu irei formar professores para dar aula na escola, como eu vou ensinar o que eu não sei? Chega me dá um frio na barriga. Bom, pelo menos eu estou fazendo Licenciatura, pois há vários professores no curso que nem isso fizeram. Mas eu também não devo usar a escola só como um trampolim, não é? Seria honesto eu atuar em um lugar que não me sinto à vontade só para dizer que eu estive por lá? Vou fazer da escola um experimento? Será que isso é honesto? O que é menos pior: não viver a escola ou usá-la como um item a mais no meu currículo? Eu preciso discutir isso com alguém. Por falar nisso, vou cutucar o Zé para ver se ele falou com o Marcelo. Olho a hora e vejo que ainda não é muito tarde, dá para mandar um *Whats*.

— *Oi, Zé, falou com o Marcelo?*

— *Oi, Dri, falei sim.*

— *E aí?*

— *Ele topou. Vamos conversar amanhã na facu. Bj*

— *Oba! Bj.*

Acho que agora terei com quem conversar. Tomara! Agora vou dormir, o dia hoje não foi fácil.

Combinei de me encontrar com o José e o Marcelo durante à tarde para pensar na proposta do nosso grupo. A gente discutiu algumas possibilidades e decidimos que o melhor seria pegar um dos temas que foram discutidos na entrevista e tentar aprofundar um pouco, quem sabe até propor um texto para leitura, desde que seja algo relacionado à nossa discussão e não seja muito longo porque a gente não gosta tanto de ler, mas isso já foi mais uma ideia minha. Ali mesmo cada um mandou mensagem para os conhecidos tentando convidar o máximo de pessoas possível. Se a gente convidar uns 15, de repente aparecem uns 8, será que estou otimista demais? Também não dá para encher muito, depois a gente nem consegue discutir, pois vira um tumulto.

— Eu penso que nessa primeira reunião a gente poderia retomar aquela questão da linguagem matemática que o Marcelo apontou. O que vocês acham? — sugeri.

— Fechado — concorda José.

— Por mim tudo bem, acho que dá uma boa discussão — consente Marcelo.

— E onde faremos a reunião? — questiona José.

— Bem lembrado... — penso por um instante. — Acho que a gente poderia se reunir ali na sombra da figueira, o espaço não é dos melhores, mas acho que representa bem o nosso curso, é quase uma tradição a gente sentar ali para conversar. O que acham? — proponho.

— Acho legal. Ficaremos ao ar livre para dar liberdade aos nossos pensamentos! — concorda Marcelo.

— Já está até filosofando Marcelo, vai com calma — alerta José.

Depois de uma semana conseguimos marcar nosso primeiro encontro. A gente até criou um nome para o grupo, o Marcelo quis diferenciar do outro que ele já havia criado com seus colegas: GELIMAT – Grupo de Estudantes da Licenciatura em Matemática. Ainda não sabemos ao certo quem irá aparecer: perdemos o controle da divulgação. Que ótimo! Como eu dei a sugestão do tema, os meninos pediram para que eu começasse a discussão. Se eu tivesse pensado nessa possibilidade não teria proposto nada. Justo eu começar! Minha voz é super baixa, as pessoas sempre reclamam que não estão me ouvindo, se a roda ficar muito grande vão querer que eu fale alto e daí... Calma, vou pensar que esse grupo possa ser um caminho para a superação da minha *jacuzisse*. Acho que vou roubar a ideia da Adriana de pedir para cada um se apresentar e dizer porque escolheu cursar a Licenciatura, assim pelo menos a gente já começa a se conhecer melhor. Nossa, estou muito animada! Como essa pesquisa mexeu comigo.

Marcamos nosso encontro para a tarde do dia 20 de maio, às 16 horas na sombra da figueira. Pensando bem, acho que se der certo a gente poderia fazer uns cartazes de divulgação, e daí a gente colocaria no mural de avisos do bloco; vou propor essa ideia. Será que estou fantasiando demais?

Até a chegada desse encontro eu preciso estudar muita coisa. Agora tenho que estudar a Matemática do curso e a Matemática da escola, pois o que tenho que ensinar nas aulas do estágio eu aprendi quando ainda era aluna na escola. Só que naquele tempo eu aprendi para mim e não para ensinar, agora vejo o quanto essas duas formas de aprender são diferentes. Também tenho dúvidas se naquela época eu aprendi ou se eu só

decorei algumas fórmulas. A questão é: preciso estudar! Chega de pensamentos, eles mais me inquietam do que consolam.

O primeiro encontro do GELIMAT

No grupo do *Whats* houve certa movimentação dos alunos, adicionamos outros estudantes que nos deram o contato, tanto calouros como veteranos. Nem todos confirmaram, parece que há certo receio em sentar para conversar sobre o curso. Talvez não saibam o que dizer, talvez pensem que isso é uma perda de tempo, que o importante mesmo é estudar Matemática e ser aprovado. Esse raciocínio seria até compreensível se viesse dos calouros; lembro-me que naquela época a gente só queria era passar de Fundamentos, qualquer discussão que não envolvesse cálculos matemáticos era, praticamente, ignorada. As aulas de Prática e de Estrutura e Funcionamento do Ensino eram empurradas com a barriga: fazíamos o mínimo necessário para a aprovação. Fundamentos que era importante, os bons alunos eram os que sabiam Matemática, esse era o tom do curso. Agora se os veteranos, concluintes, não se interessarem em participar do nosso grupo eu vou ficar preocupada. Do pouco tempo que estou na escola fazendo o estágio já refleti sobre tantas coisas desse curso que poderiam ser repensadas, imagina quem já está há mais de ano frequentando a escola. Se nada aconteceu com esses não sei o que pensar.

Hoje à tarde será o grande dia. Já confirmei com o Zé e o Marcelo de chegarmos um pouquinho antes, quero dizer a eles o que pensei. Hoje não fui à aula pela manhã. Não me sinto mais motivada a, literalmente, assistir a uma aula. Esse papel de expectadora tem me incomodado, nos nossos encontros terapêuticos do estágio, muito temos falado sobre a prática dos professores nas escolas, apontamos que a maioria deles reproduz no quadro o livro didático e que o máximo esperado dos alunos é que eles copiem tudo e em silêncio. Acho que devíamos apontar também que o mesmo acontece aqui e em mais de uma disciplina. Que acontece até nas disciplinas que se encarregam de nos ensinar a ser professor. Mas e a coragem para isso? Se aqui é assim acho que é até compreensível o que vejo na escola. Se aqui eu não repenso o que vivi enquanto aluna na escola, ou seja, se não discuto modelos de práticas, como esperar que eu fosse chegar lá e fazer diferente? Parece que vamos à escola mais para apontar os erros do que para aprender alguma coisa. Deve ser por isso que os professores são tão resistentes em nos receber, afinal eles já passaram por um lugar como esse aqui, talvez tenham tido a mesma percepção que estou tendo agora. Será que era esse tipo de percepção que a Adriana queria ouvir? Será que ela ouviu algo assim? Ela disse que entrevistou outros alunos em outros lugares.

Chego ao local combinado as 15h30min, de longe já avisto algumas pessoas, não muitas. Será que não teremos sucesso na nossa empreitada? Já fico preocupada.

— Oi, pessoal — cumprimento o grupo que está ali. Vejo apenas dois rostos conhecidos.

— Oi, Dri — responde o Zé.

— Olá, que bom que você chegou, já estávamos achando que seríamos apenas nós dois — responde o Marcelo.

— Mas ainda está cedo! E esse pessoal aí, não veio para a reunião? — pergunto.

— Acho que não, já estavam aqui quando chegamos e não disseram nada de reunião de grupo — explica o Marcelo.

— Pensei que fossem! Enfim, vamos esperar. Então, deixa eu falar o que pensei para a reunião. Vocês viram que a Adriana enviou a transcrição do nosso encontro, né?

— Não vi nada, não — responde o Zé.

— Nem eu — acrescenta o Marcelo.

— Vocês não olham o e-mail, não? Coitada pessoal, ela está esperando a nossa resposta. Lembra que ela pediu para olharmos e vermos se estávamos de acordo com tudo, se queríamos mudar algo... Bem, o que quero dizer é que isso foi ótimo porque eu pude retomar a nossa discussão e ver exatamente o que poderíamos discutir. Eu vi que quando tocamos no ponto da linguagem foi falado do choque inicial no ingresso do curso; o Marcelo até que disse que acha que os professores gostam de assustar. Acho que a gente poderia retomar desse ponto, perguntar como foi o contato inicial com o curso. O que acham?

— Olha, Adriana, eu até concordo, mas acho também que deveria ser um espaço para falarmos o que tivermos vontade, igual fizemos na entrevista. Se a gente direcionar muito e a pessoa não tiver o que falar sobre esse tema exatamente, pode ficar inibida para falar o que deseja. O que acha? — colocou Marcelo

— Bem pensado, Marcelo, eu não tinha imaginado isso. Você tem toda razão. — Eu e minha mania de querer controlar tudo. Ainda bem que ele me chacoalhou.

— Eu acho que a gente pode até tocar nesse assunto, no lance da linguagem, mas como se fosse uma observação e não um ponto a discutir, não sei... — sugeriu o Zé.

— Fechou, pessoal. Vamos abrir a conversa e pedir que falem o que tiverem vontade e pronto. — Finalizo a discussão e nesse momento começam a chegar algumas pessoas.

De rostos conhecidos identifico a Fernanda e a Maria, com elas está um rapaz.

— Olá — diz Maria — eu convidei o Fabrício, ele viria no encontro com a pesquisadora, mas teve um problema e não pode participar, avisei que tínhamos esse e ele topou.

— Olá, Fabrício, seja bem-vindo. — Tento ser gentil.

— Oi, obrigado — ele responde. Maria faz as apresentações para o restante do grupo.

— Boa tarde, esse grupo é o que vai discutir o curso? — pergunta uma menina que parece estar bem animada.

— Sim — responde o Marcelo. Você é a...?

— Eu sou a Gislaine, sou aluna do último ano — ela responde. Engraçado, ela é do último ano e não conhece o Marcelo e o José? Por que será?

— Oi, Fernanda — diz outra menina que acaba de chegar.

— Oi, Larissa, que bom que você veio! — responde a Fernanda. Ela apresenta sua colega ao grupo e eu começo a me animar, já temos três novatos. Olho no relógio e já são 16 horas, acho melhor começarmos, se chegar mais alguém colocamos na roda, sem problemas.

— Pessoal, vamos começar? Já está no horário...

O grupo acena que sim e então começo a falar.

— Então pessoal, como já discutimos pelo *Whats* a ideia é aproveitar esse espaço para discutirmos sobre o nosso curso de Licenciatura, falarmos sobre coisas que talvez nunca tenhamos tido oportunidade de debater. Eu acho que para começarmos vocês que estão participando pela primeira vez poderiam se apresentar, dizer em que ano estão e por que resolveram cursar a Licenciatura, pode ser? — Eles concordam e então começamos.

— Eu sou o Fabrício, tenho 18 anos e estou no primeiro ano. Licenciatura era minha segunda opção, entrei e estou gostando do curso. — Curto e objetivo, será que ele veio mais para ouvir do que falar?

— Meu nome é Gislaine e eu tenho 26 anos. Estou no último ano do curso, como eu já disse. Na verdade, já era para eu ter me formado, estou apenas pagando uma disciplina do último ano, fiquei sabendo desse grupo e fiquei curiosa para saber o que seria discutido, como coincidiu de ser um dia em que eu estava por aqui resolvi participar. Eu tenho um monte de coisa para falar, por isso que eu quis vir, nunca tive nenhuma oportunidade como essa enquanto eu era aluna regular, o pessoal era muito desanimado. Eu tentei outras faculdades antes de entrar aqui, mas não tive sucesso e tentei arriscar na Matemática. Por sorte gostei muito do curso, me identifiquei com a ideia de ajudar as

pessoas, pois eu vejo o trabalho do professor como algo assim, uma possibilidade de ajudar o outro, ensinar um conteúdo que pode ser um diferencial na vida dele, pois Matemática é um diferencial em quase tudo, qualquer concurso exige Matemática e quem vai bem nisso quase sempre é aprovado. Eu já estou dando aula em duas escolas, uma pública e uma particular, são realidades bem diferentes. — Ela deve ter muita história para contar, uma vez que fez questão de participar mesmo já tendo praticamente terminado o curso. Fiquei curiosa.

— Meu nome é Larissa, tenho 19 anos e estou no primeiro ano do curso. Eu escolhi fazer Licenciatura em Matemática por causa dos meus professores de Matemática da escola. Eu sempre tirei boas notas e então eles começaram a me incentivar; eu também ajudava meus colegas, a gente estudava junto, eu ia para lousa e eles diziam que entendiam tudo quando eu explicava, então achei que eu tinha jeito para ser professora mesmo. Eu estou gostando do curso, mas parece que a Matemática aqui é um pouco diferente daquela que eu gostava lá na escola. A Maria que me chamou, a gente estuda junto. Ela me contou da entrevista da pesquisa e eu fiquei curiosa.

Após as apresentações retomo a fala.

— Bem, pessoal, então a ideia do grupo é falar sobre o curso, colocar como que cada um enxerga esse processo de formação para ser professor, vamos falar...

— Então, como eu disse antes, enquanto eu era aluna não vi nada parecido com isso aqui, o máximo que a gente se dedicava a uma discussão como essa era quando sentávamos para estudar ou então no intervalo das aulas, mas sempre de forma bem corrida. Isso nunca foi o objetivo de uma reunião como está acontecendo aqui. A primeira coisa que eu queria falar é que eu acho que esse curso não forma professor. — Nossa, a Gislaine é bem direta, chegou e disse.

— Mas por que você diz isso, Gislaine? — pergunta a Larissa.

— Porque eu vejo que estou aprendendo a ser professora na minha prática. Eu sofri muito quando comecei a dar aulas. A minha impressão é de que eu tive que fazer outro curso quando eu terminei esse aqui para poder dar aula. Eu nem conto essa disciplina que eu estou pagando, ela está muito distante da minha realidade de sala de aula. Para mim é como se eu já tivesse mesmo terminado o curso. Eu não lembrava mais dos conteúdos do Ensino Fundamental e então eu tive que estudar tudo de novo. Além disso, a gente chega à escola e vê que o professor precisa lidar com um monte de coisa além de dar aula. Reunião com os pais, alunos com problemas, coordenação com

cobranças, é tudo muito difícil, eu não via a escola com esses olhos, apesar de ter passado boa parte da minha vida frequentando-a diariamente.

— Nossa, agora fiquei com medo — diz a Larissa.

— Eu também — acrescento. Aliás, só aumentou o meu medo.

— Gislaine, e no período do estágio, vocês não conversavam sobre a escola, sobre essas situações? — pergunto.

— A gente conversava, mas a questão é que naquela época a gente olhava tudo de fora, o período que a gente passava na escola era muito pouco. Primeiro a gente observava, anotava umas informações sobre a escola, a quantidade de alunos, de salas, de laboratório, essas coisas bem distantes da sala de aula. Depois tinha o período de participação e de regência, mas que eram bem poucos e bem diferentes de você assumir uma sala. Na regência o professor estava presente e eram poucas aulas, umas dez, no máximo. Agora você pensa, fazer um curso para ser professor e dar umas vinte aulas durante os quatro anos, isso porque eu já estou contando todo o estágio. Eu acho que o estágio tinha que ser repensado ou talvez o que tenha que ser repensado é essa conversa que temos aqui sobre ele. Ir lá, observar tudo isso e não fazer nenhum tipo de problematização é um desperdício de tempo, dinheiro e energia —desabafa Gislaine.

Parece que o modelo do estágio continua o mesmo, eu já passei por essas três fases e o que eu tenho para falar sobre a escola é basicamente a indisciplina dos alunos.

— Eu concordo plenamente com você, Gislaine — diz o Marcelo e continua — eu também estou fazendo o estágio e acho que é tudo muito distante da realidade, mesmo sendo dentro da escola eu acho que estamos longe do que ela realmente é. Eu já disse para o pessoal que tirando esse período de estágio a gente praticamente não ouve falar da escola no curso. Eu não queria ser professor, a princípio, mas comecei a pensar na ideia e acho que se houvesse um contato com a escola, de forma que a gente vivenciasse mais aquele ambiente, talvez mais pessoas pudessem querer se tornar professores de lá quando se formassem.

— Pessoal, eu me sinto uma alienígena aqui quando ouço vocês falarem isso. Como eu disse na entrevista desde que eu entrei aqui eu participo de projetos que tem ações nas escolas e de fato Marcelo, isso aumentou ainda mais a minha vontade de ser professora, por causa disso que comecei a dar aulas particulares. A gente vai para a escola e realiza um trabalho de parceria com o professor, sentamos todos juntos: o professor daqui, o professor da escola, nós alunos, e discutimos a nossa proposta de trabalho. A coordenação da escola também nos ajuda no que for preciso. Eu vejo que são poucos

alunos da Licenciatura que participam desse projeto, eu vejo mais o pessoal da pós-graduação que são bolsistas. A professora diz que não tem bolsas para todos os alunos da Licenciatura e que por isso não tem muita procura. Eu acho que o nosso curso deve ter uns 80 alunos no total, somando todos os anos, no projeto nós somos em 5, eu reconheço que é bem pouco, acho que eu sou privilegiada mesmo — diz a Fernanda. Que louco, ela conhece até aluno da pós-graduação, eu nem sei direito sobre o que é essa pós-graduação que tem aqui.

— Mas eu acho que se desde o primeiro ano a gente já fosse para a escola ninguém iria querer ser professor — coloca o Fabrício.

— Eu já tive esse mesmo raciocínio, Fabrício. Pensei que eu teria desistido do curso se o estágio fosse ao primeiro ano, mas pelo o que eu estou ouvindo aqui, estou começando a achar que a questão está na forma como nos aproximamos da escola. Talvez se for só para observar a gente se assuste e acabe desistindo mesmo, mas se for para trabalhar com os alunos tal como a Fernanda está dizendo, ou então aproveitar esse estranhamento para fomentar as discussões aqui no curso, não sei, talvez fosse um caminho. Se o professor da escola acreditasse que estamos lá para ajudá-lo e para aprender com ele talvez já conseguíssemos muita coisa, mas eles são resistentes, parece que desconfiam de nossas intenções. — Faço essa observação.

— Eu não acho que eles desconfiem, Dri. Eu acho que eles sabem bem que a nossa intenção é só fazer o estágio e pronto e acho que isso não ajuda em nada o trabalho dele — responde o José.

— Eu sempre procuro saber dos projetos, dos eventos, de outras coisas além das disciplinas. Eu tenho tempo para participar, fico aqui pela universidade estudando, mas é bem difícil saber. Eu estou gostando daqui por causa disso, estou sabendo de quase tudo agora — pontua Maria e todos começam a rir.

— A gente ri, mas é verdade, pessoal, eu e a Maria sempre estamos procurando o que fazer aqui e sempre somos ignoradas, é muito triste — desabafa a Larissa. Parece que vi a cena: eu e a Cris rodando o corredor do Departamento procurando alguém que quisesse nos orientar, tudo em vão.

Estamos conversando há um tempo quando o Diego chega, eu sabia que ele estava curioso para saber o que iríamos discutir. Ele se acomoda e fica ouvindo nossa conversa.

— Tem outra coisa, eu percebo que a gente chega aqui e o professor quer que a gente tenha uma base, tenho a impressão de que eles se decepcionam ao perceberem que não somos o esperado, o “aluno ideal”. Mas o pior é que a maioria dos alunos é assim,

então não sei porque eles ainda têm essa ilusão. Eu acredito que a gente entrou aqui achando que sabia Matemática e quando o curso começou a gente viu que não sabia nada, pelo menos, eu não entendo quase nada do que os professores falam. — Quando o Fabrício fala isso penso na hora na questão da linguagem, olho para o Marcelo e ele me retribui o olhar, acho que pensou a mesma coisa.

— Então, Fabrício, eu acho que isso está ligado à questão da linguagem, a gente tem a impressão de que aqui a Matemática é outra, não? — coloca Marcelo.

— É isso mesmo. É tudo muito diferente, dizem que a gente tem que saber demonstrar porque a gente vai ser professor, tem que saber a Matemática em si. Mas eu não entendo isso porque o meu professor na escola nunca falou em demonstração, então se eu não vou falar porque eu preciso saber? Eu acho tudo muito confuso e penso que essa Matemática de demonstração que a gente vê em lógica é outra mesmo — completa Fabrício.

— Esse era um ponto que a gente tinha pensado em discutir, Fabrício, a questão da linguagem, porque a gente tem a impressão que a linguagem Matemática utilizada no curso é diferente daquela que nós aprendemos na escola — acrescento.

— Às vezes eu penso assim, que eu tenho que aprender o novo jeito de fazer, eu sempre fazia assim na escola e dava certo. Por exemplo, quando mudava o professor eu ficava prestando atenção no jeito dele, como ele cobrava o assunto, como era a prova dele, aqui eu estou fazendo a mesma coisa. Depois que a gente pega o ritmo, aí fica fácil, é como se eu tivesse aprendido a língua, daí é só falar que dá tudo certo — coloca a Larissa.

Eu fico pensando no porquê de existir essas linguagens tão distintas, da escola e da universidade, se no fundo todos nós falamos é de Matemática e estamos uns a ensinar os outros. Um dia assisti uma palestra na internet, um café filosófico com a Viviane Mosé e ela me disse que um sinal de que uma pessoa é inteligente é quando ela consegue falar de coisas difíceis de um jeito fácil. Será que a Matemática agora ficou tão difícil assim que não dá para falar de outro jeito ou então deveríamos é desconfiar daquilo que achamos ser inteligência? Acho que vou falar mais alguma coisa.

— Não sei, mas parece que tem um pouco da linguagem pela linguagem. O fim não seria aprender um determinado conteúdo e sim aprender a linguagem. Por exemplo, quando faço uma demonstração, parece que o mais importante é saber usar todos aqueles termos: “se...então”, “logo”, do que entender realmente do que se trata o resultado a ser demonstrado. Eu percebo isso claramente quando eu decoro algumas demonstrações. Eu

não entendo aquele resultado, mas eu sei “demonstrá-lo”. É muito louco isso tudo. — Tento dividir as minhas angústias.

— Eu cheguei um pouco atrasado, mas peguei essa parte que vocês começaram a falar da linguagem. Eu percebi que todos vocês estão criticando a forma como a linguagem matemática é trabalhada aqui na faculdade e então eu gostaria de colocar uma questão: Como fazer diferente? Alguém tem uma sugestão? — diz o Diego.

Como ele chegou atrasado e havia pessoas novas no grupo aproveitou o momento para fazer as apresentações e na sequência a Gislaine já faz uma colocação.

— Bem, Diego, eu não sei se nós temos uma solução para isso, nem sei também se essa é uma tarefa para nós, uma vez que estamos aqui na condição de aprendizes, mas eu penso que tão importante quanto encontrar uma saída é problematizarmos a situação. Quando paramos para fazer isso aqui já estamos nos dando a oportunidade de pensar ou repensar algumas coisas que antes achávamos que fossem triviais. Como eu já estou trabalhando na escola, eu olho para trás e enxergo o curso que eu vivi com outros olhos. Eu vejo como eu passei por várias disciplinas sem nem me atentar para as discussões que estavam sendo feitas. Eu não digo que tudo que aconteceu aqui foi em vão, de forma alguma, o que eu penso é que a gente é pouco tocado pelo curso no que se refere à formação para ser professor. A gente se concentra tanto em estudar alguns conteúdos, passar de algumas disciplinas que nem percebe o processo que estamos vivendo. Parece que a gente faz todo o caminho de cabeça baixa, sem olhar a paisagem e quando chegamos à escola, levantamos a cabeça e nos damos conta do que aconteceu. Pelo menos é o que estou sentido agora. — Essa fala da Gislaine me faz pensar que os problemas da escola estão muito além da agitação das crianças, isso deve ser apenas um pequeno detalhe. A questão é que o que eu tenho vivido no estágio me faz perceber apenas a indisciplina dos alunos. Acho que tudo é uma questão de foco. Qual é o foco do meu estágio? Afastar-me ou aproximar-me da escola?

— Então, Gislaine — disse o Zé — Eu entrei aqui porque eu queria ser professor, isso veio antes da Matemática, a minha escolha foi pela Licenciatura, pensa o quanto eu me frustrei com o curso! Quando eu percebi que rolava mais um incentivo para ser matemático do que para ser professor eu fiquei bem revoltado. Eu via que querer ser professor era quase um problema, o importante era estudar Matemática, principalmente se você fosse bom em Matemática! Se não fosse os poucos professores que conheci e me incentivaram a continuar eu teria desistido. A maioria dos docentes são bacharéis e ficam aqui na Licenciatura querendo instituir um bacharelado. Eu não sou contra estudar

Matemática, só tenho dúvidas sobre o tempo que dedicamos somente a isso, mas não sou contra, eu gosto de Matemática também. Mas o problema que eu percebo aqui é que se você demonstra interesse em ser professor isso é entendido como uma incompetência em Matemática. Entende? É como se fossem duas coisas excludentes. Ou se é isso ou se é aquilo, só há duas opções. Eu acho que a Licenciatura deveria ser uma bandeira do curso e não apenas de alguns professores, eu vejo assim.

— Exatamente, José — responde a Gislaine. — Eu percebia que havia essa divisão entre os professores, os que eram matemáticos e os que eram educadores, e que isso afetava a relação entre os alunos. Havia o grupo dos que gostavam de Matemática e o grupo dos que queriam ser professores. Era uma rivalidade desnecessária.

— Eu acho que a gente começa a tocar em outro ponto importante: a postura dos professores que atuam no curso em relação à formação de professores. Eu acho que teríamos muito o que discutir a respeito disso. Mas eu também acho outra coisa, por enquanto, já estendemos nossa discussão e são quase 17h30, será que podemos encerrar e continuar outro dia, o que acham? — Será que eu estou querendo cortar o barato do pessoal?

— Eu concordo — diz Marcelo.

O restante do grupo também aceita minha sugestão e todos se despedem deixando claro o interesse em participar de um novo encontro. Parece que o grupo vai vingar. Eu e o Diego fomos juntos para o ponto de ônibus e aproveitamos para conversar sobre a discussão.

— E então, Diego, o que achou? — eu pergunto.

— É... foi legal, mas eu quero te contar outra coisa. Lembra do que a pesquisadora falou do D'Ambrosio? Então, ela me mandou a tese e eu dei uma olhada. Nossa, você não tem ideia do que eu descobri da vida dele. Até mandei um e-mail para ela, olha só o que escrevi, vou abrir aqui no celular, espera aí:

Bom dia

Professora, desculpe a demora para respondê-la, mas é porque estou estagiando e meu horário ficou meio cheio.

Eu li o texto que a senhora enviou, sobre o Ubiratan, achei incrível! Me fez mudar muito a minha visão sobre a Matemática e mostrou também que alguns pontos de vista que eu defendo não são tão novos e nem tão simples. Me apaixonei por ele e já estou partindo para ler seus livros. Então devo dizer que estou muito grato à senhora por me proporcionar essa quebra de paradigma e um novo olhar sobre o sistema educacional. Se por acaso eu publicar alguma coisa na área a senhora será citada com certeza. Obrigado.

— Nossa, Diego, que legal! Agora fiquei curiosa para ler, também não sei muito sobre esse autor, basicamente o nome dele. Mas foi tão revelador assim, a ponto de você escrever pra ela? — questiono.

— Sim, foi muito legal. Não quer dizer que eu vou ser um educador matemático de agora em diante e vou desistir de ser um pesquisador em Matemática, de ir para o IMPA, mas eu acho que ampliou um pouquinho o olhar que eu tinha. Não sei, me deu vontade de escrever e agradecer e então eu fiz. Acha que fiz mal? — ele responde.

— Acho que não, eu no lugar dela ficaria muito feliz com a sua devolutiva — respondo.

Nesse momento nosso ônibus chega. Continuamos nossa conversa, mas mudamos o assunto. Falamos sobre o que teríamos que estudar para a prova de Cálculo que se aproxima. Não nos deixam esquecer que ainda precisamos estudar muita Matemática se quisermos nos tornar professores.

Eu depois desses encontros

Hoje eu me dei conta de que alguma coisa mudou. Eu sentei para estudar Cálculo e comecei a pensar o porquê de eu estar estudando aquilo. A minha vontade foi de ir lá conversar com o professor, que é praticamente meu amigo, e perguntar sobre aquelas coisas que a gente discutiu no grupo, saber o que ele pensa sobre isso. Mas logo ela passou, a vontade. Ele pode pensar que eu acho desnecessário estudar esses conteúdos e não ser mais tão interessado em me ajudar. Ou não. Talvez ele pudesse me esclarecer um monte de coisa e eu voltaria a ser feliz estudando todas essas técnicas de derivação. Eu devo ser muito influenciável mesmo, bastou uma conversa para eu já ficar em dúvida sobre o que eu penso. Mas é que foi tudo tão intenso, eu cheguei até me mexer na cadeira de tanto incômodo que senti. Doeu na barriga, como um dia ouvi de um professor.

Esses encontros precisam continuar e eu também preciso saber como os outros estão se sentindo em relação a tudo isso. Durante a conversa eles parecem se empolgar, mas e depois? Pode ser que esse desassossego seja só meu e daí não sei se haveria sentido em continuar nos encontrando. Se for para ser só mais uma atividade do curso, acho que não compensa. Ela vai passar e nada vai mudar. Mas estou pensando no que o Diego me contou, sobre ele ter se interessado por aquele autor depois que a pesquisadora falou: acho que é um sinal de que conversando a gente pode se entender. Talvez eu pudesse escrever para ela também e contar que nós fizemos uma reunião depois da sua visita justamente por termos gostado da ideia de discutir sobre as nossas percepções em relação ao curso. Será que isso seria interessante para ela?

A Fernanda falou sobre as leituras que ela tem em relação a nossa formação lá na entrevista e o Marcelo ficou interessado em ler; talvez a gente pudesse fazer isso nesse grupo mesmo, talvez até a Adriana pudesse indicar alguma coisa. Ela enviou aquele texto para o Diego, então ela deve conhecer muita coisa, afinal ela faz doutorado! Acho que eu vou fazer isso. Vou enviar uma mensagem a ela e é agora.

Olá Professora Adriana

Estou escrevendo por dois motivos.

Primeiro quero dizer que fiz a leitura da transcrição da entrevista e por mim está tudo bem, não quero mexer em nada, mas eu também falei bem pouco, nem sei se ajudei no seu trabalho.

O segundo motivo é que eu gostaria de contar que depois da sua entrevista nós decidimos continuar nos encontrando para prosseguir com as discussões que fizemos naquele dia. Eu gostei muito, apesar de ter falado pouco, e depois fiz a proposta e eles aceitaram. Na semana passada fizemos nosso primeiro encontro, até criamos um nome para o grupo, se chama GELIMAT – grupo de estudantes da Licenciatura em Matemática. Além do grupo que você conheceu, participaram mais três alunos. Não foram muitos, tínhamos convidado muita gente, mas eu acho que já valeu. Conversamos por mais de uma hora e a ideia é continuarmos nos encontrando. No dia da reunião com você a Fernanda falou de uns textos que ela já leu no grupo de estudos que

ela participa e o Marcelo ficou curioso de ler e daí eu fiquei pensando se você também não poderia indicar alguma leitura para gente. O que você acha, é possível?

Att.
Adriana

Amanhã é sábado, vou contar ao pessoal o que eu fiz só na semana que vem, espero que eles concordem. Também vou sugerir da Fernanda indicar o texto que ela falou para gente dar uma olhada; mesmo que não formos discutir eu gostaria de ler. Acho que eu poderia usar essa ideia para o meu TCC, falar sobre essa Matemática que a gente aprende aqui no curso. Na verdade, eu preciso procurar alguém que queira me orientar, isso sim.

Preciso desligar disso tudo e pensar é no meu estágio. A gente está em um intervalo do período de regência, a professora da escola pediu um tempo com os alunos antes que terminássemos nossas aulas. Estamos aproveitando para fazer os planejamentos, pois ela já nos indicou qual será o conteúdo. Como é difícil planejar! Parece que nunca conseguimos cumprir tudo que pensamos, não sei se o tempo das aulas é muito pouco ou se a energia dos alunos que é demais. Eu não me lembro de a minha turma no tempo de escola ser tão agitada, também a gente não era bombardeado por tantas tecnologias, nem computador tinha na escola, eu acho. Além disso, eu era só uma criança, não pensava em nada disso, era só estudar. Dias atrás no estágio aconteceu uma situação muito legal, encontrei uma ex-professora de Biologia; foi tão emocionante estar ali do lado dela na sala de professores. Ela era uma professora bem diferente, sentava em cima da mesa dela, explicava o conteúdo de forma simples, nem parecia ser difícil, eu até pensei em fazer Biologia por causa dela, mas depois desisti, nem sei dizer o porquê.

Meu celular vibra, olho e não acredito: ela já respondeu em plena sexta-feira à noite!

Olá Adriana

Que grata surpresa a sua mensagem, você nem imagina o quanto fiquei feliz!

Você contribuiu e muito para a minha pesquisa, fique tranquila.

Eu achei ótima a ideia de vocês continuarem a se encontrar, a sua movimentação em propor a realização desses encontros me faz pensar que você viveu a *experiência*, tal como os estudos que tenho feito me dizem. Algo aconteceu naquela reunião que você foi tocada. E isso para mim é o maior e melhor resultado que a minha pesquisa poderia ter.

E claro, com certeza eu posso indicar algumas leituras, eu só queria que você me dissesse sobre o que exatamente desejam ler? Como eu disse no encontro, nós temos muita produção na área de formação de professores de Matemática, eu preciso apenas de uma direção para indicar o texto.

Aguardo seu contato.

Um grande abraço.

Então eu vivi a *experiência*? Do que será que ela está falando exatamente? Como devem ser os estudos que ela faz? Difíceis, imagino. Mas eu acho que foi uma experiência bem legal, até me achei importante dando uma entrevista. Agora temos que decidir sobre o texto, mas nem sei se é no plural ou se isso é uma vontade mais minha mesmo. Bem, na segunda-feira eu descubro. Agora vou tentar pensar no final de semana e arranjar algo diferente de estudar para fazer.

Não vejo a hora de chegar o intervalo para conversar com o pessoal. Ainda bem que hoje tem aula de Álgebra e o José está por aqui, assim ele já fica sabendo e pode contar para o Marcelo. A aula está tão tranquila, todos quietos copiando a matéria do quadro como se isso fosse necessário tendo o livro em mãos e um celular com câmera: bastava uma foto e pronto. Mas também fico pensando no professor, ele deve ter aprendido a dar aulas dessa forma, como nós também estamos aprendendo. Se bem que nem dá para dizer que estamos aprendendo isso aqui na faculdade, desde que entramos na escola estamos aprendendo sobre como ser professor. Mesmo que não se siga a carreira docente, quase todo mundo sabe dizer sobre a atuação do professor: passa o conteúdo no quadro, faz um exemplo, corrige exercícios, chama a atenção dos alunos, aplica prova, corrige prova... pensando assim, parece que todo mundo sabe como ser professor, não? E isso se confirma quando a gente chega aqui e, na maioria das vezes, revemos tudo aquilo que já sabíamos. Eu queria ser engenheira, mas eu não tenho a menor ideia de como é um dia de trabalho de um engenheiro, ele deve ir para a obra, fazer desenhos, mas eu nunca tive contato, isso tudo é só a minha imaginação. Engraçado que a gente idealiza uma profissão sem nem ao menos conhecê-la. E a de professor, que eu tão bem conhecia, não idealizei, mas foi a que me coube.

Nas aulas de Prática ouvimos algumas coisas sobre maneiras diferentes de ensinar e até nos disseram que no estágio deveríamos pensar em algo diferente. Mas eu não entendo muito bem o porquê de os próprios professores que ensinam essas maneiras diferentes de ensinar acabam ensinando-as da forma normal. Um dia uma professora estava falando sobre o construtivismo e o quanto isso era importante para nós aplicarmos na escola, mas daí quando ela foi explicar um conteúdo fez do jeito normal: definição, exemplo e exercício. Vai entender. Tem professor que a gente não pode nem fazer perguntas porque ele não gosta de ser interrompido e ainda diz que nossas dúvidas são

ridículas. Tem gente que fica com tanta raiva e vergonha que até desiste da disciplina. Será que eles têm ideia de que isso também é ensinar a ser professor? Ou eles acham que estão ensinando só Matemática mesmo? Como eu queria ter coragem de falar essas coisas para eles, dizer na cara mesmo, mas daí quem aguenta a perseguição? Já ouvi tantas histórias sobre isso, de aluno que foi perseguido por professor só por lutar pelo seu direito de querer aprender. É melhor eu continuar só com meus pensamentos mesmo, não corro riscos, pois afinal preciso me formar. Talvez eu pensar sobre isso já seja um grande movimento, pois eu acho que para muita gente está tudo certo, nada precisa ser revisto. Eu tenho é dó das criancinhas nas escolas.

A gente já percebeu que a nossa supervisora de estágio na escola não gosta de muito enfeite na aula, ela falou desse jeito quando pensamos em fazer uma dinâmica diferente. De imediato ela disse que os alunos não participam, que é uma perda de tempo, mas a gente insistiu e ela aceitou. O resultado foi tão bom que ela nem acreditou que eram os mesmos alunos. Eu concordo que é mais difícil, foi mais trabalhoso ter controle da situação, mas foi produtivo. Eu não digo que faria isso todos os dias, mas de vez em quando seria possível. Ela disse que gostou, espero que a gente possa ter ajudado de alguma forma.

Finalmente a aula acaba e fomos para a cantina.

— Na sexta à noite resolvi enviar uma mensagem para a pesquisadora, falando que a gente criou um grupo — conto meu feito.

— Mas por quê? — pergunta o José.

— Ué, eu achei que ela gostaria de saber, afinal isso só aconteceu porque ela passou por aqui, não foi? — respondo.

— Eu acho que foi uma boa ideia, eu enviei aquela mensagem a ela sobre a leitura que fiz da tese e ela me respondeu dizendo que ficou muito feliz, então acho que iria gostar mesmo de saber dos nossos encontros — acrescenta o Diego.

— Então você leu sobre o D'Ambrosio, Diego? — pergunta o José.

— Li e gostei — enfatiza o Diego.

— Eu também perguntei se ela não poderia nos indicar algumas leituras. Lembram que a Fernanda falou que leu alguma coisa no grupo que ela participa e tal... então, imaginei que ela teria sugestões, o que acham? Mas ela disse que precisamos dizer sobre o que queremos ler — conto toda a história.

— Não sei, você acha que o pessoal gostaria de ler mesmo? A gente vê a reclamação nas disciplinas pedagógicas, eu mesmo sou um dos que mais reclama, então

não sei se eu gostaria de ter mais alguma coisa para ler além das leituras obrigatórias. Eu li sobre o D'Ambrosio porque eu fiquei muito curioso mesmo... — Diego já se posiciona de forma contrária. Um balde de água fria, mas até que eu já esperava isso dele, acho que estava fantasiando qualquer outro tipo de reação.

José fica quieto e eu logo cobro um posicionamento dele.

— E você, Zé, o que acha?

— Olha, eu acho legal, ela deve conhecer muitos textos interessantes sobre formação de professores de Matemática, mas eu acho que eu vou concordar com o Diego. A gente já está no final do bimestre, perto de algumas provas, eu acho que seria complicado ter que ler outras coisas além das disciplinas. Eu acho até que isso poderia minar o grupo, ter que ler para discutir não sei se é muito animador. O legal do grupo é poder falar o que pensa... acho que pelo menos por enquanto, que ainda estamos no começo e as pessoas estão se conhecendo não seria legal, talvez mais para frente. É o que eu acho. — Outro banho gelado.

— É, talvez vocês tenham razão, já propor isso agora pode ser precipitado. Então vamos continuar como está, por enquanto, a gente se reúne para conversar. Mas eu acho que em algum momento teremos que ler alguma coisa, eu quero poder falar igual a Fernanda no dia da entrevista “já fizemos algumas leituras e há alguns autores...”, aquilo foi tão inteligente — começamos a rir.

Termina nosso intervalo e eu e Diego voltamos para a sala, esquecemos tudo isso e fomos estudar Geometria.

À tarde em casa resolvo enviar uma mensagem no grupo para agendarmos nosso próximo encontro. Até concordo em não propor leitura, mas não quero deixar a ideia do grupo escapar e no último todos deixaram claro o interesse em continuar. Vou ser bem direta na mensagem.

— *Olá, pessoal, vms marcar o próximo encontro? Eu pensei para a próxima semana, na quarta, no mesmo horário. Alguém sugere um lugar diferente?*

— *Oi, Dri, por mim tudo bem, pd ser no msm lugar tbm. Bj*

Que bom que o Marcelo topou. Depois de um tempo várias pessoas responderam, alguns que eu nem conheço, que foram adicionados no grupo pelo Zé; tomara que dessa vez apareçam mais estudantes, assim teremos mais histórias para ouvir. Novamente o que me resta é esperar, tenho uma semana pela frente e muita coisa para estudar, vou focar

nisso, acho que o convite vai boca-a-boca mesmo. Mas agora eu tenho que responder a Adriana, acho que vou pedir um texto nem que seja para eu ler sozinha: eu falar que os meninos não toparam vai ficar feio, embora seja a verdade. E não é mentira que eu vou ler, eu quero muito entender sobre a minha formação. Qualquer coisa eu discuto com ela!

Olá Professora Adriana

Eu conversei com o José e o Diego e eles acham que, por enquanto, propor uma leitura para o grupo pode ser cedo demais, pois ainda estamos nos conhecendo. Pensando melhor eu até concordei com eles, mas eu gostaria de ler alguma coisa, mesmo que seja sozinha. Depois do encontro com você e do outro com os colegas eu tenho me sentido muito incomodada com algumas coisas, por exemplo, sobre os conteúdos matemáticos que temos que estudar no curso. Tudo é tão distante da escola e agora eu fico me perguntando o porquê de estudar tudo isso. Acho que eu gostaria de ler sobre isso, caso você tenha algo para me indicar nesse sentido.

A sensação que eu tenho é que sou outra pessoa. Tenho me perdido, mais do que o costume, em meus pensamentos questionadores.

Eu também fiquei curiosa a respeito do que você falou sobre a *experiência*, você destacou a palavra, então eu acho que deve ter um significado diferente. Será que eu consigo entender se eu também ler sobre isso?

Obrigada.

Adriana

Agora vou contar os minutos para a resposta dela. Estou adorando essa rapidez. Eu até poderia mandar um *Whats*, daí eu acho que a resposta seria instantânea, pois ainda tenho o contato dela, mas pode parecer muito íntimo, acho que o e-mail é mais formal. Não sei como ela se relaciona com os seus alunos, normalmente os professores não gostam de muita intimidade, pelo menos aqui é assim.

À noite, na última olhada no e-mail antes de dormir, vejo a mensagem da Adriana. Que alívio, já poderei dormir sabendo a sua resposta.

Olá Adriana

Acho que o Diego e o José talvez tenham razão mesmo, é melhor não assustar o grupo, tentem deixar a ideia da leitura de um texto surgir naturalmente, sem que seja a imposição da vontade de uns sobre os outros. É preciso dar tempo ao tempo, essa frase tem feito todo o sentido para mim nesse período do doutorado.

Mas eu irei atender à sua vontade de leitura, com certeza! Com relação a essa discussão sobre a formação Matemática do professor de Matemática eu posso te indicar um texto de um amigo que trabalhou sobre esse tema em sua tese de doutorado. O nome dele é João Ricardo Viola dos Santos, eu te enviarei a tese e um artigo, faça a leitura que for mais agradável para você. Em ambos os casos penso que seja um bom começo para essa discussão.

Com relação a *experiência*, foi bem observado que eu mudei a grafia. De fato, eu queria dizer algo um pouco diferente daquilo que entendemos pela palavra *experiência* no nosso dia-a-dia. Depois de realizar as entrevistas com os estudantes de diferentes lugares do país, eu tenho estudado muito sobre como eu poderei analisar esse material. Quando eu percebi que essas falas eram repletas de emoções e sentimentos em relação ao curso, aos professores, eu encontrei um caminho quando li sobre a ideia de *experiência* como sendo aquilo que nos toca, que nos acontece e acho que esse seria um modo de pensar sobre o curso de formação inicial para professores de Matemática. Talvez fosse entender esse processo não só como um lugar de passagem, mas um local onde consigamos atribuir um sentido a tudo que nos passa. Eu acho que essa pequena introdução dá uma ideia do que eu quis dizer com a *experiência*, mas eu irei

te mandar um texto que fala sobre isso, e é claro que você conseguirá entendê-lo. Acho até que ele fará muito sentido nesse seu momento de inquietação.
Boa leitura! E caso tenha outras dúvidas estou por aqui, sintase à vontade para me escrever.
Um abraço.

Eu queria começar a ler esses textos hoje, mas já está muito tarde e amanhã é a tortura diária de levantar cedo. Será que algum dia conseguirei lidar com esse problema? Estou certa que não. Ela disse que entrevistou estudantes de diferentes lugares do país, o que será que eles falam? Será que possuem as mesmas percepções que nós? Seria legal saber o que eles pensam.

Os tremores de uma leitura

E agora, o que eu leio primeiro? Como ainda tenho alguns dias para o encontro do GELIMAT, acho que vou começar pelo texto que fala da *experiência*. Se for chato eu passo para o outro que fala da formação Matemática. Fiquei ainda mais curiosa depois daquela explicação que ela fez por e-mail. Já estou até imaginando que o texto deve ser difícil. Vou fazer anotações durante a leitura, pois caso eu não entenda algumas coisas vou enviar as dúvidas: ela se disponibilizou em me ajudar e nem sempre a gente consegue isso com um professor, é melhor eu aproveitar bem a oportunidade. Estou achando que eu posso ter conhecido a pessoa certa, pena que ela não dá aulas aqui.

Mas vamos lá, eu nunca ouvi falar desse autor, Jorge Larrosa, será que ele é da Educação Matemática? Vou pesquisar no Google depois. Achei o título interessante “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”¹, essa experiência deve ser importante mesmo, só no título já aparece duas vezes.

No primeiro parágrafo eu já consegui identificar alguma coisa do meu curso. Ele fala de dois modos de se pensar a Educação: o par ciência/técnica e o par teoria/prática. Eu até posso estar enganada, mas eu acho que a gente tem essas duas situações dentro do curso. Os professores que trabalham as disciplinas de Matemática parecem ser os técnicos, que se preocupam só em trabalhar os conteúdos matemáticos e os professores que trabalham as disciplinas pedagógicas, principalmente aqueles que vêm do Departamento de Educação seriam aqueles que tentam fazer a gente pensar um pouco sobre a prática, refletir... Tudo bem que não dá para separar todos os professores dessa forma, um grupo de técnicos e um grupo de críticos; a gente até falou lá nas reuniões que a forma como as disciplinas são trabalhadas depende muito dos professores, mas eu acho que essa divisão me ajuda a entender, pelo menos eu consigo enxergar esses dois conjuntos dentro do curso, eles não são disjuntos, há intersecções, embora com poucos elementos. Acho que essa comparação com a teoria dos conjuntos me torna um elemento do conjunto dos técnicos, não?

Agora me parece que ele começa a falar sobre o lance da experiência, que seria outro modo de pensar a Educação, agora a partir do par experiência/sentido. Estou começando a entender o que a Adriana disse lá no e-mail, de a gente atribuir um sentido ao que nos passa durante o curso. Ele fala um monte sobre o uso das palavras, o poder das palavras e agora eu fiquei pensando naquilo que a gente discutiu sobre a linguagem matemática. Eu acho que linguagem é algo maior do que só as palavras, na própria

¹ Trata-se do capítulo I do livro “Tremores: escritos sobre experiência”, de Jorge Larrosa.

linguagem matemática a gente usa mais do que palavras, tem os símbolos e tudo mais. Então eu diria que as palavras estão contidas no conjunto da linguagem, olha o meu raciocínio matemático... esse outro trecho me lembrou de uma situação: “as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras”², têm professores que usam palavras tão difíceis durante a explicação que a gente não entende o conteúdo por causa disso. Um dia eu tive uma aula desse jeito, eram tantos termos desconhecidos que não aproveitei nada da explicação, daí eu fui tirar dúvidas lá com o meu professor de Cálculo, que me ajuda em praticamente todas as disciplinas, e ele me explicou de uma forma tão simples que eu nem acreditei que era a mesma coisa. Então eu acho que não era só uma questão de uso de algumas palavras, parecia que aquilo era quase que um escudo do professor, uma forma de se manter em um lugar distante de nós, como o autor mesmo disse, o uso de uma posição de saber como uma posição de poder. Será que é isso mesmo ou eu estou viajando completamente? Mas relendo novamente esse trecho, penso que eu poderia substituir “palavra” por “formação” e ainda estaria falando sobre o meu curso, não?

Tem mais um trecho que parece que ele escreveu para mim: “pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras”³. Eu acho que é exatamente isso que eu estou sentido quando eu fico só fazendo cálculos e não consigo nem falar sobre aquilo que eu faço, o que reduz muito a potência dessas linguagens (da matemática e do silêncio) e, com isso, minhas possibilidades de palavrear, mas também de dar sentido! Esses dias o meu marido me perguntou o que era aquilo que eu estava estudando e eu fiquei gaguejando, sem saber explicar do que se tratava exatamente. Que vergonha. Outro dia também ouvi falar de um professor que pediu na prova que os alunos falassem sobre o conceito de derivada com as suas próprias palavras e quase ninguém sabia o que dizer. Eles sabiam calcular derivadas, mas não falar sobre aquilo, isso não tinha a ver com o calcular. Alguns alunos até estavam elogiando a iniciativa do professor, mas não sabiam

² (LARROSA, 2016, p.18)

³ (LARROSA, 2016, p.16)

o que fazer com aquilo. Que louco tudo isso. Eu só quero é saber como dar sentido a isso tudo, ele deve explicar mais para frente, eu ainda estou na segunda página.

Do mesmo jeito que ela falou da experiência ele também fala, ou melhor, ela fala do mesmo jeito que ele: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”⁴. Mas ele diz que experiência não é sinônimo de informação e que a informação atrapalha a experiência. Engraçado isso, antes eu diria que uma pessoa é mais experiente quanto mais informada ela for. A questão que ele coloca é que eu posso ter acesso a muita informação, mas pouco disso eu realmente consigo perceber de um modo significativo. Eu acho até que consigo pensar em um exemplo para isso. Eu lembro muito pouco de tudo que eu estudei na escola, até mesmo nas aulas de Matemática que eu sempre gostei. Eu quase não me lembro do que aconteceu durante os 11 anos que passei na Educação Básica. Se bem que eu nem preciso ir tão longe: se eu pegar o primeiro ano do curso tem disciplinas que eu nem sei dizer o que foi estudado, só se eu pegar o caderno e olhar minhas anotações. Então quer dizer que informação demais é ruim? Se for isso estamos vivendo a era mais propícia a não termos nenhum tipo de experiência, porque com essa internet o que não falta é informação e eu diria que muita gente tem acesso à internet. Será que tudo isso acontece de caso pensado para que a gente não tenha essa tal experiência? Estou começando a achar que isso faz sentido. Se eu tenho a ilusão de que ter bastante informação é sinal de que eu tenho conhecimento, então eu fico mais conformado com a minha situação e não fico pensando muito sobre isso. Isso é um mecanismo de controle! Eu tenho tanta informação que não consigo atribuir um sentido a cada uma delas, então eu não penso sobre o que eu recebo, eu só recebo e recebo e tudo fica bem e nada me acontece. Cara, é isso?!

Agora ele diz que dar opinião também é algo difícil, que pode atrapalhar a experiência. Eu estou querendo saber é o que ajuda a ter essa experiência, isso sim. A gente sempre aprendeu na escola que ter opinião é importante, os professores até cobram da gente, eu via isso como sendo algo importante: ter informação e ter uma opinião sobre essa informação. Então, não é? Acho que o problema está no imediatismo dessas opiniões, nem se pensa sobre o assunto e já se tem uma opinião e como ele disse ou se é a favor ou se é contra. Parece até o povo no curso discutindo sobre Matemática e Educação Matemática, ou se é de um lado ou se é do outro. Não se pensa muito sobre o que

⁴ (LARROSA, 2016, p.18)

significam essas coisas, se ouve falar e já se levanta uma bandeira, sem nem ao menos entender a situação.

Outro problema: a falta de tempo. Nisso eu concordo, principalmente quando penso aqui no curso. A gente não tem tempo para pensar em nada, as disciplinas passam igual um foguete pelos nossos pensamentos, não temos tempo para amadurecer, quando nos damos conta as provas já chegaram e ponto final. E outra, são vários assuntos ao mesmo tempo, eu acho impossível produzir qualquer coisa tendo que trocar de memória o tempo todo. E ele ainda fala do excesso de trabalho, do quanto somos estimulados a produzir o tempo todo, a nossa obsessão por mudanças, por agir. E é isso mesmo, olha o meu desespero por querer ler esse texto, ter essa informação, produzir uma opinião (essas anotações que estou fazendo!) e não parar para pensar. Mas eu já estava quase convencida de que estou tendo uma experiência por estar tão mexida com tudo isso, será que estou enganada? Estou começando a achar que para que acontecesse uma experiência aqui no curso deveria haver, no máximo, umas três disciplinas durante o ano todo. A gente teria uma quantidade razoável de informação e teríamos tempo para produzir um significado para tudo isso, atribuir um sentido àquilo que está acontecendo e, portanto, essas coisas estariam nos acontecendo.

O que ele fala agora sobre o sujeito da experiência acho que me ajuda a entender se o que estou tendo é uma experiência ou não. Vou tentar ver se eu me encaixo no que ele vai dizer. Ele diz que “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”⁵ e ainda acrescenta que “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, nada o afeta, a quem nada o ameaça”⁶. Eu não só me encaixo como eu me vi nisso tudo e não estou me achando não. Eu acho que estou sempre disposta a conhecer e sempre me deixo ser afetada pelas situações, pelo menos no que se refere às coisas aqui da faculdade; na vida pessoal eu acho que fujo um pouco mais de algumas circunstâncias. Eu tenho essa impressão pelo tanto que me envolvi com essa entrevista e o tanto de coisas que aconteceram depois dela, que me aconteceram. Ele ainda relaciona a palavra experiência à ideia de travessia e perigo por conta do estudo que ele faz da origem dessa palavra. Agora sim que tudo encaixou, eu acho que estou correndo um grande perigo de enlouquecer! Minha vida era tão tranquila, eu era tão feliz fazendo

⁵ (LARROSA, 2016, p.25-26)

⁶ (LARROSA, 2016, p.26)

minhas demonstrações, sem ficar pensando e pensando... mas eu acho que estou conhecendo outro modo de felicidade. Vou continuar lendo.

Lá vem ele complicando tudo de novo. Esse Larrosa gosta de incomodar; estou começando a achar isso. Ele acaba de me dizer que a experiência é uma paixão. Eu nunca fui boa com esse negócio de paixão, perder o controle, se entregar, sofrer... e parece que essa experiência tem a ver com isso tudo. Mas essa paixão seria por quem?

Bom, depois de falar sobre a experiência e o sujeito da experiência ele começa a discutir sobre o saber da experiência que seria diferente dos quais a gente já ouviu dizer: o saber científico e o saber da informação. Esse saber da experiência acontece na relação que se estabelece entre conhecimento e vida, o que pra mim parece sensato pensar porque se a experiência é aquilo que me acontece durante a minha travessia, então esse saber seria o conjunto de conhecimentos que eu vou adquirindo durante a minha vida e isso tem um caráter muito particular, singular, pessoal. Mas não parece ser tão simples: ele coloca que seria preciso pensar de modo diferente a ideia de conhecimento e vida para conseguirmos entender melhor o saber da experiência. O conhecimento tal como o entendemos na nossa atual sociedade, carrega a ideia de algo exterior a nós, do qual nos apropriamos conforme ele nos é oferecido. Por exemplo, devemos conhecer os conteúdos que são trabalhados na escola, o saber científico. E nessa perspectiva ele seria tratado como uma mercadoria, uma moeda de troca. Quanto mais eu conheço, mais eu tenho poder para atingir meus objetivos. E a vida nada mais seria do que a satisfação de necessidades biológicas e sociais e nessa hora ele pega pesado dizendo que a nossa qualidade de vida seria “nada mais que a posse de uma série de cacarecos para uso e desfrute”⁷. Essa doeu na alma, principalmente quando olhei ao meu redor e me dei conta das bobagens que estão sobre minha mesa de estudos, no armário de minha sala, no meu guarda-roupa, enfim em quase todos os lugares da minha casa. Mas a questão é, como pensar diferente disso tudo? Desde criança eu saquei que para ter uma vida melhor do que a que meus pais tinham eu teria que estudar e isso se resumia a adquirir mais e mais conhecimentos, independente de sua utilidade para a minha vida, o que bastava era a sua utilidade imediata, ser aprovada ano a ano e ao final disso tudo a aprovação no vestibular. E essa vida melhor que eu desejava, e desejo ainda, está relacionada, principalmente, à aquisição de bens materiais, um carro, uma casa melhor, viagens... É claro que não é só isso, mas reconheço que isso é bastante importante.

⁷ (LARROSA, 2016, p.31)

Ele também diz que teríamos que pensar no saber da experiência como as nossas reações àquilo que nos acontece ao longo de nossa vida e ao sentido que atribuímos a essas situações. Acho que isso talvez seja uma forma de se colocar diante da vida, seria passar pelos acontecimentos que, às vezes, já foram projetados para nós, como frequentar a escola, ter um emprego, casar, ter filhos, mas se permitindo que tudo isso deixe marcas em nossa existência. Talvez seja um modo distinto de olhar para essas mesmas coisas, levando em consideração que elas têm um caráter pessoal e intransferível, uma vez que embora a mesma situação seja vivenciada por mais de uma pessoa, o sentido que cada um atribui ao mesmo fato nunca será o mesmo. Quando penso no contexto escolar isso se torna muito claro. O experimento pode ser o mesmo, a mesma escola, a mesma aula, o mesmo conteúdo, mas as experiências serão sempre distintas, produzimos saberes distintos em relação àquilo que vivenciamos juntos. E com isso faz todo o sentido pensar que o saber da experiência tem uma marca existencial, ele acontece ao longo da minha existência como sujeito da experiência, que se entrega, se doa, e vive sua vida. Então aquela paixão que ele fala seria por mim mesmo, pela minha vida. O saber da experiência reflete as marcas do que me permiti viver.

Nossa, eu acho que algo me aconteceu! São 4h30 da matina e eu nem vi a noite passar. Mas antes de deixá-lo aqui, uma última provocação... não me parece que esse Larrosa considera ser possível dizer o que me aconteceu ou não, o que foi ou não experiência. Me parece que, ao chamar a atenção para isso, ele tenta me colocar a pensar sobre o sentido das coisas e, então, à possibilidade de me abrir para experiências... não sei se é isso ou não, mas importa? Foi o que ele me provocou, parece que essa leitura foi feita para esse meu momento. E agora ao final do texto tenho informações sobre esse autor. Ele não é da Educação Matemática, mas eu consigo enxergar muito do que ele falou aqui no meu curso. Ele é doutor em Pedagogia e professor de Filosofia na Universidade de Barcelona. E agora eu quero ir lá para conhecê-lo! A Adriana deve ter outros textos dele, mas eu também posso buscar na internet, agora já tenho um nome para procurar.

Vou escrever para ela e falar o quanto eu gostei da leitura. Também vou aproveitar para perguntar sobre o que os alunos têm falado nas entrevistas.

Olá Professora Adriana

Eu fiz a leitura do texto do Jorge Larrosa, achei muito interessante, fui fazendo várias anotações ao longo do artigo, pois acho que enxerguei nele muita coisa que acontece aqui no curso, pelo menos eu fiz algumas relações. Estou escrevendo para agradecer sua indicação, foi muito bom mesmo. Ele escreve de um jeito muito diferente dos textos que eu costumo ler aqui no curso. Parecia que ele estava conversando comigo, foi até engraçado. Acho até que eu vou procurar

mais algum texto dele na internet. O outro texto por enquanto não li, mas quero ler antes da próxima reunião do GELIMAT.

Outra coisa, eu vi que você falou no último e-mail que fez entrevistas com estudantes de cursos de Licenciatura em Matemática de diferentes lugares do país e eu fiquei curiosa para saber o que eles falam. As histórias são parecidas com as nossas?

Abraço

Adriana

Agora eu preciso dormir e já vi que vou ter que faltar a aula hoje. Os primeiros tempos são de Cálculo, mas não tenho condições nenhuma de ir. A adrenalina diminuiu e o sono bateu.

(Re) Conhecendo percepções

Hoje teremos reunião do grupo de estágio no horário do almoço, ou melhor, teremos uma sessão de terapia. Apesar de ser bastante angustiante ouvir mais reclamações do que elogios, penso que esse também tem sido um momento importante para a nossa formação. Além de falarmos sobre as dificuldades que enfrentamos em sala de aula também discutimos sobre nossos planejamentos, então eu o vejo como uma oportunidade de estudarmos os conteúdos de Matemática da Educação básica. Mas eu ainda acho que tínhamos que problematizar mais as nossas impressões, desabafamos mais do que discutimos e não sei se estamos conseguindo perceber a escola de um modo diferente do que já conhecíamos. Se for para voltar para lá e continuar fazendo o que já sabíamos e que estamos revendo agora, não vejo sentido nessa formação e o que eu mais busco agora é sentido (substantivo e verbo) em tudo que eu faço. Acabou essa história de aceitar tudo!

A professora pediu para levarmos o diário de bordo para ela dar uma olhada e estou até com vergonha das minhas anotações. Elas são tão descritivas, parece até que eu não senti nada durante essas aulas. Quando folheei o caderno agora me lembrei do Larrosa, pois não parecia haver marcas naqueles pequenos textos, embora eu sinta o meu corpo tatuado pelo estágio. Será uma barreira em relação a escrita? Só eu sei como foram dias intensos; parece até um detalhe insignificante, mas ter sido chamada de professora, por um aluno, dentro de uma escola foi algo marcante. Parece que naquele momento eu me dei conta da minha responsabilidade.

Antes de sair vou olhar o e-mail e ver se a Adriana respondeu, até ontem à noite não vi nenhuma mensagem dela. Vamos lá.

Bom dia Adriana, tudo bem?

Que bom que você gostou da leitura, fico feliz em poder te apresentar a esse autor. Na internet você conseguirá outros textos dele, mas caso precise tenho alguns e posso te enviar, sem problemas.

Quanto às outras entrevistas que fiz eu posso lhe enviá-las, pois seu uso já foi autorizado pelos participantes. Só peço que não compartilhe esses arquivos por enquanto, pois ainda não terminei o estudo deles. Eu diria que há muitos pontos comuns, tanto em relação aos elogios como às reclamações. No entanto, cada grupo apresenta suas particularidades, seus modos de lidar com as situações que vivenciam, alguns se deixam tocar pelos acontecimentos, outros parecem ficar imunes ao processo. Mas veja o que você sente ao ler essas narrativas. Podemos até discutir sobre suas observações, o que acha? De repente você me ajuda no trabalho de escuta desses estudantes.

Um abraço

Ainda hoje quero ler uma dessas narrativas. Eu vi que são muitas, onze! Não posso esquecer que eu tenho um monte de coisas para estudar e me envolver só com essas

leituras. Acho que vou começar pela menor, se eu achar sem graça, pelo menos não terei perdido muito tempo. Chego na universidade e já procuro o Diego para conversar.

— Oi, Diego, tudo bem? — Quero contar tudo que aconteceu!

— Oi, Dri, você faltou ontem, o que houve? — ele responde.

— Nem te conto! Aliás, estou louca para contar — respondo toda animada.

— Lá vem...

— Então, lembra que eu falei que iria pedir uns textos para a pesquisadora?

— Você ficou obcecada por isso, não? Só fala sobre isso! — ele zoa comigo.

— Fiquei mesmo, e daí? Mas deixa de ser chato e presta atenção no que vou contar. Ela me mandou dois textos, um que fala da formação matemática do professor de Matemática e outro que fala sobre experiência. Esse último ela disse que está usando para analisar as entrevistas que fez com os estudantes.

— Sei... — ele continua me irritando.

— Eu resolvi ler esse sobre experiência primeiro, porque ela tinha dito que eu estava tendo uma experiência, e ela destacou essa palavra como se fosse algo diferente. E então eu li, passei praticamente a noite toda lendo o texto, fazendo anotações, relendo, foi muito legal. Ele não fala de Educação Matemática, mas é tudo no contexto educacional, o autor é pedagogo e professor de filosofia — conto uma parte da história.

— Como você consegue passar uma noite lendo um texto? — pergunta ele.

— Você sabe que eu só funciono bem à noite. Quando eu percebi já estava amanhecendo, daí não tinha condições de vir à aula. Mas me deixa terminar de contar. Depois de ler o texto enviei uma mensagem à Adriana para contar que tinha gostado e para perguntar sobre as outras entrevistas que ela fez. Ela mencionou em um dos e-mails e eu fiquei curiosa. Daí ela me respondeu e me enviou as entrevistas, você acredita? — conto tudo com muita empolgação.

— Acredito — ele responde.

— Como você é uma pessoa sem-graça! Eu estou toda animada achando que você vai ficar curioso também e só fala isso? — me irrita.

— Ué, você perguntou se eu acreditava e eu respondi. Você leu as entrevistas? — ele pergunta.

— Ainda não. São onze arquivos! Acho que vou começar pela menor... mas eu acho que saber o que esses outros estudantes dizem pode ser legal para a discussão no nosso grupo. A gente poderia saber se o que acontece aqui também acontece em outros lugares, o que você acha? — tento extrair uma gota de ânimo dessa pessoa.

— É. Talvez. Não sei. De que adiantaria saber o que acontece em outros lugares? A gente mora é aqui — sem nenhuma animação ele responde.

— Para com isso, Diego. É claro que é interessante. Imagina se em todos os lugares que ela visitou os estudantes falarem que o que estudam na faculdade é distante do que eles vão trabalhar na escola, isso deixa de ser um problema pontual de um curso e passa a ser um problema muito maior — eu tento convencê-lo da importância do meu interesse.

— E problema grande é mais importante do que problema pequeno? Para mim tudo é problema — ele é irônico. Ou verdadeiro?

— Como você é uma pessoa difícil. É claro que tudo é problema, mas a questão é que essa regularidade nas falas indica que a situação é mais complexa, que é necessário realizar muitos estudos para discuti-la, pois assim teríamos várias perspectivas e posicionamentos teóricos que abordariam a situação de diferentes maneiras, nos fazendo pensar de modos distintos. Não é o caso pontual de um curso que, sei lá, trocando o livro usado na disciplina de Cálculo tudo será resolvido. Entende a diferença? E conhecer outras realidades pode nos ajudar a pensar na nossa. Saber o que o outro pensa sobre um mesmo assunto, conhecer suas estratégias e seus argumentos pode ser um caminho produtivo. Conhecer as particularidades, outros pensamentos. Não digo que será a solução porque acho que não se trata disso, não é um problema matemático, embora envolva a Matemática. Eu quero é pensar, Diego, quero viver essa experiência, quero me envolver com a minha formação! Eu pelo menos vejo assim — tento convencê-lo.

A aula começa e a gente para o assunto. Mas bem que eu queria que ele tivesse se entusiasmado e se interessado em ler essas entrevistas. Paciência, cada um é cada um. Depois da reunião do estágio, almoçamos no RU e fui embora para casa, cheguei e já peguei uma das entrevistas para ler.

O encontro na Universidade Estadual do Pará

Quando decidi, juntamente com Marilena, realizar esse estudo em diferentes locais do país, ela estava de viagem marcada para Belém para participar de um encontro da REAMEC⁸. Como Ligia, sua orientanda de doutorado do REAMEC, é professora na Universidade Estadual do Pará (UEPA) e atua no curso de Licenciatura em Matemática, Marilena entrou em contato com ela e após algumas trocas de e-mails consegui contato com a coordenadora do referido curso e recebi resposta afirmativa para realizar a entrevista com alguns acadêmicos do curso.

Durante esse período de organização do encontro, de trocas de e-mails com a coordenadora do curso, sinalizei que a ideia seria reunir acadêmicos ingressantes e concluintes para que eu pudesse discutir tanto as impressões e experiências vivenciadas no curso quanto às expectativas em relação a ele. Embora possa parecer simples reunir um grupo de estudantes para realizar

uma entrevista, essa tarefa se mostrou bastante complexa não só nesse local, como também em outros. Às vésperas do encontro, eu já estava em Belém e ainda tentava organizar o grupo, especificando o perfil dos estudantes e a quantidade de participantes.

Deve ser por isso que ela comentou que foi difícil organizar o grupo

No dia 10 de Agosto de 2016, no Campus I da Universidade Estadual do Pará, em Belém, me reuni com três acadêmicas que estão cursando a segunda metade do curso de Licenciatura em Matemática, duas delas do terceiro e uma do último ano do curso. A expectativa era de um grupo de, pelo menos, seis estudantes, mas no final, diante das circunstâncias, a presença das três já foi o suficiente para me deixar bastante aliviada, embora deva dizer que inicialmente fiquei frustrada com a ausência dos outros estudantes que foram convidados. Dei início à nossa conversa com a presença de apenas duas delas: Mayara e Thais. A outra estudante, Desirèe, avisou que iria se atrasar, pois estava em uma reunião do grupo de estudos. O local disponibilizado para o encontro foi o

→ Ainda bem que eu consegui reunir os 6 estudantes

⁸Associação em Rede (AR) de Instituições de Ensino Superior da Amazônia Legal Brasileira, intitulada Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática – REAMEC - destinada à

formação de pesquisadores na área de Ciências e Matemática. Fonte: <http://www.ufmt.br/ufmt/un/ppgecem>

Laboratório de Matemática. Uma sala ampla com ar condicionado, carteiras, mesas, cadeiras, lousa, armários e muito material de manipulação, característicos de um Laboratório de Ensino de Matemática. Tanto a coordenadora como as estudantes disseram que o local é pouco utilizado para as atividades do curso.

O que será que ela falou de nós??

← Três meninas simpáticas e apaixonadas pelo curso. Acredito que essa seja a melhor descrição. Duas delas muito falantes e desinibidas. A preocupação em elogiar o curso era evidente. Suas falas ressaltavam as oportunidades oferecidas pelo curso, em especial, as suas participações em grupos de pesquisa e projetos.

Mas basta de exposição dos fatos, deixo agora que elas mesmas façam suas apresentações e falem sobre suas impressões acerca do curso que vivenciaram até o momento.

Conhecendo as estudantes

Meu nome é **Mayara Grangeiro**, eu estou no terceiro ano do curso de Licenciatura em Matemática. Quando eu prestei vestibular, eu sempre quis

Direito, era o sonho da minha vida e até hoje é, só que quando foi o ano do vestibular eu passei em três instituições públicas para Licenciatura em Matemática e eu pensei assim: por que não? Escolhi a UEPA, eu digo que fui abençoada no primeiro ano, porque a partir do momento em que eu entrei na Universidade eu comecei a fazer parte de projetos, eu comecei a escrever artigos logo no primeiro ano, fazer parte de seminários e isso foi me fazendo ficar envolvida dentro da Universidade e acabar gostando do curso. Eu não esperava que eu fosse chegar até o terceiro ano e eu fui me envolvendo, envolvendo e quando eu vi, eu já tinha criado amor pelo curso. Eu não quero ser professora, como eu falei no início eu sempre quis fazer Direito, sempre, então eu digo que quando eu terminar, quando eu tiver no último ano eu vou fazer o ENEM⁹ de novo e vou fazer a prova do mestrado e vou colocar nas mãos de Deus, em qual eu passar eu sigo. Mas não tenho nada contra, eu já disse que se eu começar a fazer o mestrado eu não vou parar enquanto eu não fizer o doutorado, porque se eu já estou aqui, se eu já comecei, eu vou

Parece que estou ouvindo a Fernanda falar!

⁹ Exame Nacional do Ensino Médio

levar e se for pra ser eu não tenho nenhum problema. Eu gosto muito de dar aula, gosto muito dos meus alunos, apesar desses conflitos que tem, mas quando chega a terça-feira ou então quando chega as minhas aulas particulares eu digo: “Hoje eu vou dar aula”, compro pincel rosa, pincel laranja, sabe aquele tipo de professora que sai com o pincel rosa e todas as meninas ficam olhando? Gosto de conversar com eles, gosto de interagir com eles, não digo que é um plano para mim, ser professora de Matemática, mas se acontecer eu vou ser com muito orgulho porque eu estou me preparando pra isso. Eu estou entre professora de Ensino Fundamental e Ensino Superior, mas se for para ser professora de Ensino Superior eu quero trabalhar com essa parte de História e de Educação. Eu digo que o que me prendeu na UEPA e não me fez desistir foram as pesquisas que eu faço. Ir para esses interiores e pesquisar livros ou então ir para sala de aula e aplicar testes, pegar essas vivências. Eu digo que foi muito importante ter essa experiência de produzir, se não fosse essa produção, toda essa parte de se dedicar a isso talvez eu não estivesse aqui, então o que me prendeu muito foi

Eu quero fazer pesquisa!!!

essa produção, essa porta que a UEPA deixa para gente ir atrás e descobrir mais. Eu gosto, eu vou ser sempre grata por isso.

Meu nome é **Tháís Freitas**, quando eu prestei vestibular pela primeira vez eu tentei para Medicina, que era o sonho da minha mãe. Ela colocou na minha cabeça que eu tinha que fazer Medicina, só que eu não passei. Então eu fui fazer cursinho e me lembrei de um professor que eu tinha que ele era muito bom em Matemática, ele me incentivava, me dava aquele gosto pela Matemática, então eu acabei seguindo o caminho que ele tinha me passado e cheguei aqui e eu esperava que eu fosse encontrar mais Cálculo do que Educação. Caminhei para o segundo ano e já melhorou um pouquinho, porque eu sou assim metade Educação e metade Cálculo, não sou inteiramente da área de Educação. Melhorou no segundo ano e agora no terceiro ano está ótimo! E eu gosto do meu curso. Eu pretendo fazer o mestrado assim como a Mayara, só que eu pretendo atuar numa área fora da Matemática em que eu possa criar, que eu tenha a liberdade de fazer isso, por exemplo, a Arquitetura que é uma coisa que eu amo demais ou outro curso que

Eu já tava sacando que esse curso era diferente mesmo

Ué, então lá começa com bastante educação e depois que vem a matemática?

eu estou em mente, mas está em Stand-by ainda. Mas se eu passar no mestrado eu sigo, no caso eu quero o doutorado também, mas é uma coisa assim para ter mestrado e doutorado, não para ser professora, é pra pesquisar.

Meu nome é **Desirèe**, eu sou concluinte do curso de Matemática e eu optei por Matemática porque eu sempre tive muita afinidade, muito amor pela disciplina na escola, no Ensino Médio, no Ensino Fundamental. Mesmo que às vezes eu não conseguisse alcançar as melhores notas, mas eu sempre fui muito apaixonada pela Matemática. Eu confesso que eu acho que eu tive a ajuda de professores no Ensino Fundamental que eram muito próximos, que ensinavam mesmo com muito amor a disciplina. Aí eu acabei me apaixonando pela Matemática, desde o Ensino Fundamental sempre foi a minha matéria preferida e no Ensino Superior eu queria fazer algo relacionado à Matemática; isso era uma coisa clara que eu tinha na minha cabeça, eu tenho que fazer algo com números, não quero nada que não seja isso e foi quando eu escolhi o curso de Matemática. Foi uma surpresa muito grande porque pra Matemática tu tens que ler muito,

estudar muito todas as coisas e por incrível que pareça quanto mais tu lês, mais tu estudas, mais tu te apaixonas, é uma ligação muito boa, de poder conhecer a fundo mesmo o curso, a História da Matemática, de tudo assim e eu quero ser professora.

Sobre a acolhida do curso

Mayara: A gente brinca na sala desde o primeiro ano que a UEPA é uma mãe. A gente chega aqui e eles acolhem a gente. Eu lembro que quando eu estava no terceiro ano os meus professores diziam: “Olha, vocês estão brincando muito! Pensa que a Universidade é assim? É cada um por si!” E quando eu entrei na UEPA, com certeza, o professor faz a sua parte e nós temos que fazer a nossa, mas eles nos acolhem, como? Eles nos incentivam a fazer projeto, a escrever, a estudar, a correr atrás de coisas melhores, a ir à busca de algo mais e sair daquela mesmice de só ele passar o conteúdo, a gente escrever e ir pra casa. Eles sempre relatam as experiências deles, então é uma forma de influenciar, de dizer pra gente assim: “Vocês estão aqui, vocês conseguiram chegar aqui e vocês podem ir muito mais a frente, só isso aqui não

Se todos fossem assim...

precisa ser o suficiente, vocês têm capacidade de ir mais”.

Sobre os grupos de pesquisa, projetos e Estágios

Mayara: Eu participo do grupo de pesquisa que funciona todas as sextas, nós discutimos trabalhos, teses e dissertações publicadas por outros professores que nos interessam. São vários professores conveniados ao grupo, então trabalhamos com diversas áreas, como informática e robótica, nós pegamos trabalhos de modo geral, só que a grande maioria é a parte da Educação, inclusive no grupo tem quatro pessoas que participam que são do mestrado daqui da UEPA, tem toda essa discussão do que seguir, onde tentar fazer a prova do mestrado, porque a UEPA, como eu falei, ela dá todo esse aparato pra gente, tanto é que tem o mestrado de Educação aqui na instituição, mas eles também sempre vão divulgando porque eles dizem que a gente tem capacidade de tentar mestrado pra fora, então tem todas essas discussões, eles preparam mesmo pra seguir essa linha de Educação, tem vários grupos dentro da Universidade e é bem livre pra gente participar do qual nós nos encaixarmos melhor. Eu

*olha
isso!*

participo só de um, porque a gente comenta que se a gente agarrar tudo não dá certo, inclusive agora no mês de julho eu fui apresentar dois trabalhos no ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) com a professora [REDACTED] Nós discutimos sobre o Teorema de Pitágoras no Ensino Fundamental, Análise de Erros e o outro com foco em História que nós trabalhamos sobre a instrução pública aqui no Pará.

Thais: Como a Mayara falou aqui nós temos uma prática profissional de professores de Matemática diferenciada, porque desde o começo a gente já começa a escrever artigos, ou seja, nós começamos a lidar com práticas diferentes, prática de escrever e com o tempo nós vamos adaptando nossa escrita de acordo com aquilo que a gente mais gosta. Geralmente os grupos de pesquisa estão aqui para auxiliar a gente a seguir um caminho melhor no futuro como profissional, e isso é bem importante.

*Totalmente
diferenciada!*

Desirèe: Eu acho que o bacana da graduação aqui da UEPA, que eu gostei muito, é exatamente todo esse leque de oportunidades que a gente tem. Nós participamos dos grupos de Educação e dos grupos da área da História. Tem

O Diego iria adorar esse lugar. Vou contar pra ele

grupos também da Robótica, tem os grupos do professor de Estatística, tem grupos da área do Cálculo mesmo, quem quer ir estudar só Matemática Pura tem a oportunidade pra eles também. E eu sempre achei muito interessante, eu já fui ver uma reunião da Robótica, e não é isso que eu quero para mim. Tinha pessoas que gostavam mesmo e ficava admirando, eu fui uma vez e eu não queria mais voltar lá. Eu sou muito apaixonada pela docência porque meus Estágios, ano passado, graças ao grupo de pesquisa também, a gente teve a oportunidade de participar de um projeto¹⁰, aprender mais e era muito bom porque a gente tinha autonomia numa sala de aula. Eram alunos que queriam estudar, era uma coisa maravilhosa poder saber que tu estavas ajudando aquelas pessoas, elas estavam confiando em ti, pra ti ajudar, ensinar mesmo o conteúdo pra elas, a Matemática. E o melhor de tudo é tu fazer elas terem um certo interesse pela disciplina, então é uma coisa realmente gratificante. As pessoas sempre falam das condições de professores, que é muito ruim, só que quando a gente pensa esse lado a gente esquece. Na

verdade, todo mundo fala que é tudo uma utopia de Universidade e todas as coisas somem quando tu vais para sala de aula, quando vira o teu trabalho, mas eu não sei, a gente ainda está esperando, eu estou fazendo o meu último ano do Estágio e eu gosto bastante. Realmente é uma realidade diferente, mas eu acho que a gente sempre pode fazer a diferença, fazer a nossa parte porque eu já li várias histórias de vários docentes que fizeram a diferença na sala de aula e ajudaram muitos alunos. Agora mesmo eu estava na reunião do grupo de História que eu estou participando agora, e o professor estava falando de um projeto que ele tinha com outro professor que levava alunos da graduação pra ensinar alunos da escola pública que quisessem participar. Ele falou que tinha uma aluna que vinha de muito longe só pra conseguir essas aulas com um professor de nível superior porque era uma coisa que ela não tinha e ele falou que esse ano ela ligou pra ele dizendo que ela tinha passado em Medicina na faculdade e foi muito emocionante. Essas histórias que me impulsionam, porque realmente eu não penso em

Viu, por isso que eu falei para o Diego que seria legal ver o que os outros pensam

¹⁰O projeto foi proposto por uma das professoras que também participa do Grupo de

estudos e poderia ser contabilizado como o estágio obrigatório.

Eu também gosto de ajudar os que querem, o meu medo é de não conseguir chegar naqueles que não querem

Super atual, eu diria!!!!

exercer a Matemática como um trabalho, eu penso em exercer como uma maneira de ajudar as pessoas, os alunos realmente que querem, mas não podem ter acesso a esse contato maior com a disciplina.

Esse ano, por exemplo, eu estou com outra professora, com a maneira de Estágio antiga, antiga não, a maneira de Estágio atual que tu só ficas olhando o professor falar. Só que tem professores que não deixam tu participar, como é o caso do meu professor da escola. Eu só fico lá do lado dele vendo o que ele está fazendo e ele ainda é um professor como se ele só tivesse dando aula porque ele tem que dar, então ele tem que cumprir o horário dele, porque realmente ele não fala com a turma, ele não tem a mínima relação, acho que ele não sabe o nome de ninguém. Na verdade, ele só sabe o nome dos mais inteligentes, tanto que eu fui no dia em que ele estava corrigindo prova e ele falou: “esse aqui é bom, esse menino aqui é muito bom”. Ele só fala isso na hora de corrigir a prova, falar mesmo com o aluno eu não via, nem com o bom, não via a mínima relação, ele chegava, dava a aula, passava o conteúdo, exercício e perguntava:

“acabaram?” [os alunos]: “Não”... ele ia corrigir e pronto, era assim. Eu estou observando uma coisa que realmente eu não quero ser, eu quero muito conhecer os alunos.

Mayara: É engraçado que tu falas do projeto porque ano passado eram as turmas de segundo e terceiro ano que participavam do projeto, aí tu estavas no terceiro e eu estava no segundo. Pra gente não valeu como Estágio, nós fomos só porque nós fomos voluntários, quando a gente chegou a gente dava aula para o primeiro ano do Ensino Médio e era engraçado que quando eu cheguei em sala os meus alunos ficaram me olhando assim: “É você que vai dar aula?”

A primeira coisa que eles perguntam, sempre: Quantos anos eu tenho! E assim, acho que a primeiro modo eles não conseguem levar a sério que eu vou ser a professora deles, pela idade, pela aparência... a diretora, quando nós chegamos na escola para nos apresentar, eu bati na porta e falei licença, ela falou assim: “Desculpa, é que eu estou esperando uns estagiários da UEPA, eles vão vir”. Eu olhei pro meu colega e nós rimos, aí ela falou assim: “São vocês?!” Eu falei: “sim senhora”, [e

Acho que esse é um lado ruim que se torna bom. A gente observa e reflete para não fazer igual. Se bem que eu nem precisaria ir à escola para isso, aqui no curso eu já vejo o que eu não quer ser

ela]: “Mas vocês são tão novinhos! Professores de Matemática, meu Deus!”

E foi muito bacana a experiência que eu tive com os meus alunos porque como a Desirèe falou era a aula que nós tínhamos autonomia em sala, nós íamos lá e poderia ter o problema que fosse, problema com prova aqui na UEPA, problema pessoal, mas quando nós chegávamos em sala que acontecia, eu com 19 anos na época e os meus alunos com 16 anos, “tia...” e eu ficava assim, maravilhada por estar ajudando aqueles jovens, eles vinham e me perguntavam: “A senhora tinha problema na sua idade com divisão?” “Eu tinha, mas acontece, não sei o quê...” ou então eles falavam assim: “Tia, a senhora entrou na Universidade com quantos anos?” Eu dizia: “17” [e eles]: “Poxa, tia, eu também queria entrar na Universidade com 17”. Então a gente vai influenciando esses meninos, dando esperança pra eles, eles falavam muito sobre ENEM, que eles tinham que passar na prova do ENEM pra fazer vestibular e o tempo inteiro que eu estava dando aula pra eles que eu estava ensinando eu dizia: “olha vocês tem que se esforçar, comecem desde agora para ter a base”. E era uma

Acho que eu teria medo dessa autonomia

Foi o que senti quando ouvi professora

autonomia, porque não tinha aquele negócio do professor ficar lá dando aula e a gente ficar só observando, nós íamos pra sala como professores de fato, com diário, com planejamento de aula, com tudo, se desse algum problema nós tínhamos que ser os responsáveis. Desde esse primeiro contato, porque antes eu não tinha esse contato como professora, faz com que a gente perceba o quanto esses jovens precisam da gente e o quanto a gente pode fazer por eles, dá aquela vontade de sempre estudar, sempre aprender mais para poder ajudar. A Desirèe falando, ver eles assim, são jovens, são crianças que a gente sabe que tem potencial, que pode, só que às vezes não tem todo esse suporte, que é de certa forma triste você ver que eles querem e que eles podem, mas esse suporte as vezes eles não têm.

Desirèe: Tanto que o projeto não era obrigatório, a escola não obrigava, não valia ponto, não valia nada, então só iam os alunos que realmente tinham interesse em aprender mais e realmente aprender mais é bacana. Esse projeto foi muito bom pra nossa docência... nossa graduação, porque a gente via o como eles chegavam realmente no Ensino Médio, sem saber as vezes o básico, sem

saber as vezes multiplicar, eu tinha um aluno que não sabia multiplicar. A gente precisava de multiplicação e a gente falava: “Então vamos multiplicar, quanto é 3 vezes 3” e ele falava: “ Seis”, eu falava: “Não, vamos 3 vezes o 3” aí ele falava: “seis”. Ele tinha certeza que era 6, eu ia explicar, fazia a soma devagar para ver se ele conseguia entender, mas isso era uma coisa que entristecia muito quando a gente ia pra sala de aula ver ser esses alunos.

Thais: Mas o melhor do projeto nesse sentido era perceber a dificuldade dos alunos e como professor tentar perceber isso e tentar sanar a dificuldade.

Desirèe: E a gente também tinha uma relação mais próxima né, como eram alunos que queriam ir e era uma quantidade menor de alunos, só tinham dez alunos, então era uma coisa mais próxima.

Mayara: Antes de a gente ir pra sala de aula teve capacitações, nós aprendemos porque tem um livro do projeto, então nós tínhamos que saber como lidar com esse livro, a ensinar e tudo mais e sempre quando a gente colocava em pauta nas capacitações: “e se acontecer

isso?” Tinha um professor que sempre ressaltava alguma coisa e quando nós fomos pra sala e tinha esses pontos assim, nós vínhamos e conversávamos com os nossos professores que estavam à frente, aí rolava essa troca de ideias entre a gente mesmo.

Desirèe: E também na reunião final a gente ouviu várias experiências, ruins e boas também. Eu só abria a boca para falar coisas boas: “os meus alunos são maravilhosos, eu amo...” Todo mundo olhava assim pra mim... Metade da minha turma ficava com a professora [REDACTED] que era do meu Estágio e a outra metade ficava com um outro professor, aí eu chegava pra outra metade e falava: “ai gente, amanhã é o Estágio!” Aí eles falavam: “ é horrível esse negócio! Pior coisa, ninguém quer nada, eu não quero ser professor, ninguém quer nada com nada” eu falava: “Mas como é o Estágio?” [eles] “a gente não faz nada, aqueles alunos, a sala inteira, só um quer estudar” eu falava: “então eu estou vivendo uma utopia porque os meus alunos são maravilhosos (risos)”.

Mayara: Agora no terceiro ano nós estamos dando aula no Colégio Ulysses Guimarães, como são muitos alunos, às

Olha que louco, então se a Adriana entrevistasse esses outros estudantes eles iriam dizer isso pra ela! Então não dá para pensar no curso só pelo ponto de vista de um estudante, mas quando ela vai falar com os alunos ela está interessada NO CURSO ou naquele curso que esse aluno vivencia? O que ele fala é sobre o que ele viveu e mesmo que outros vivam, o mesmo nunca vai ser igual, olha o Larrosa

Assim deve ser diferente mesmo. Eu sabendo disso posso até propor para a nossa professora do estágio

Antes eu não tinha nem ideia do que fazer para ser diferente

vezes não tem como distribuir turma para todos, o que o professor fez? Tem alunos que estão no Ensino Fundamental, mas tem outros que estão no Ensino Médio, no meu caso eu não estou acompanhando nenhum professor, eu estou dando aula no colégio, só que eu estou dando aula num projeto chamado Mundi A, é como se fosse o EJA¹¹. Eu dou aula pra pessoas mais velhas e assim, eu pensei que eu fosse ter contato com o Ensino Fundamental e foi bem impactante tanto pra mim quanto pra eles. São alunos mais velhos do que eu, que sabem que são mais velhos do que eu e tem todo aquele problema, por eu ser mulher, por eu ser jovem, então eu tenho que tomar cuidado com tudo isso. Nós temos na Universidade a disciplina de Educação Especial e eu já percebi que no mínimo eu tenho três alunos com dislexia e quando eu vou preparar a aula, eu vou montar meu plano de aula eu penso em tudo isso porque tem os disléxicos, tem os hiperativos, tem aqueles que não querem saber de nada, que não saem do celular, tem aqueles que são os mais valentões, eu tenho esses quatro tipos de alunos na minha

sala de aula, são dezessete alunos, na verdade são vinte, mas só que até agora foram dezessete. Então eu me preocupo com tudo isso, como eu vou me portar na sala, como eu vou me vestir, o que eu vou levar pra sala de aula, como é que eu vou explicar, como eu vou chamar a atenção porque eles me veem assim: “é tão novinha!” E eu não tenho toda essa experiência em sala de aula, então tem tudo isso, quando eu fui pro Estágio, porque no terceiro ano é pra ser no Ensino Fundamental e no quarto é pra ser no Ensino Médio e quando eu me deparei com aquelas pessoas eu falei assim: “é agora!”. Me preparei e fui pra sala de aula, eu até estava comentando com os meninos que ontem no meu Estágio de terça feira, aconteceu uma situação que eu nunca pensei que eu ia passar. Um aluno meu pediu para sair de sala e eu deixei, ele pediu para ir ao banheiro, só que esse aluno quando ele pede para ir ao banheiro antes do intervalo ele só volta quando termina a aula para pegar as coisas dele. Para minha surpresa ele voltou pra sala e eu faço questão de lembrar dos nomes deles para eles se sentirem valorizados e eu gosto de chamar eles pro quadro

¹¹ Educação de Jovens e Adultos

pra ter essa interação, aí eu lembro que ele chegou na porta e eu falei: “não senta, não, fulano, que eu tenho um presente pra ti”, ele me olhou: “o quê, professora?” Tinha um colega dele no quadro ainda aí ele saiu e eu falei: “responde tal questão”, eu estava dando aula de coordenadas pra eles, aí ele pegou o meu pincel que eu tinha dado pra ele, olhou pro quadro, pegou o pincel e fez assim (ela faz o gesto de estar assoprando uma fumaça pela boca) “eu estou sem condições de resolver isso professora”. Ele tinha saído de sala pra fumar maconha e quando ele voltou ele fez isso na minha frente, eu nunca tive essa experiência, eu estou no terceiro ano da graduação, o que eu pensei? Eu respirei fundo e falei assim: “senta fulano, senta!” E ele foi sentar, eu não podia debater com ele, eu não podia fazer nada, porque eu não sei como ele é fora de sala, então deixei ele sentado, dei aula pra todo mundo, todo mundo já conhecia o jeito dele. No final da aula ele me pediu pra sair mais cedo e eu não posso liberar, ele teve que ficar lá até o final, então ele ficou toda hora reclamando, quando eu liberei a turma eu fui lá na direção e expliquei a situação que estava acontecendo. Mas assim, como eu falei anteriormente, são coisas

Caraca, que situação!

que eu não estava preparada. Eu fui preparada para dar aulas pra crianças e me deparo com isso, não estou reclamando, eu tenho uma liberdade muito grande no projeto porque ao invés de eu estar acompanhando um professor eu sou a professora. Eu fico sozinha na turma com eles, a priori eu fiquei nervosa porque são alunos mais velhos, são alunos de outras vivências, existem as piadinhas, as gracinhas, então eu ainda estou aprendendo como lidar com tudo isso sem desrespeitá-los e sem me desrespeitar também, é tudo diferente, então quando as meninas entram (as outras estagiárias) eu me sinto mais confortável porque eu penso “eu não estou só”. Eu creio que no final do ano, quando terminar a carga horária do Estágio, que voltamos para sala e conversaremos sobre isso, porque antes de nós irmos para sala teve toda uma preparação, teve as microaulas, teve as conversas, mas até agora nós ainda não tivemos esse retorno para a sala de aula aqui da Universidade para conversar.

Desirée: Eu só queria falar sobre essa experiência de Ensino Fundamental que eu tive essa oportunidade de lidar, estar em sala de aula do Ensino Fundamental também com as outras disciplinas

pedagógicas, com a professora [REDACTED] e com a professora [REDACTED] que não eram professoras de Estágio, mas elas passavam algum trabalho de pesquisa que a gente tinha que fazer e procurar alguma escola de nível fundamental pra gente ir aplicar o nosso projeto, elas davam a carta pedindo autorização para a gente poder entrar e até nisso, por exemplo, eu não tive oportunidade no Estágio, mas eu tive com essas outras professoras, justamente por causa dessa perspectiva de pesquisar, de nos tornar não só professores de Matemática, mas pesquisadores de Matemática. É essa a preocupação delas, de nos formar. E realmente é diferente, o aluno do nível médio, da escola pública, ele realmente não tá nem aí, ele não presta atenção, agora no nível fundamental tu vês muito mais alunos que querem estudar, mesmo na escola pública, tu vês muito mais alunos que estão interessados, tem aquele repetente, que é o mais velho, mas tu sabes que se tu deres algum conselho para aquele aluno do Ensino Fundamental talvez ele te escute, agora do nível médio, ele não vai te escutar, vai te ignorar. Na minha sala durante o

O lance da
É exatamente
o que eu
penso. A gente
vai ser
professor e não
matemático. E
nem se
estudar só
matemática
vai ser
matemático
porque o curso
é licenciatura
e não
bacharelado.
Será que é tão
assim
assim
ficar com
medo do
próximo
estágio, se no
fundamental
eu já estou
assim,
imagina no
médio

¹² Universidade Federal do Pará

Estágio eu vi um menino praticando bullying contra uma menina e eu fiquei... “o professor não fez nada”, e era uma menina do nível médio, sabe? a menina levantou e o menino começou a gritar: “esquisita, credo” começou a falar, humilhar a menina, ela levantou pra pegar a prova dela, aí ele começou e o professor não falou nada e eu não podia falar nada, não falei nada e eu fiquei muito mal, principalmente porque eu não pude falar nada, dizer nada, de ver aquela situação.

Sobre as disciplinas

Desirée: Então, a gente tem todas essas oportunidades e isso me deixa muito satisfeita com minha graduação, é exatamente todas essas oportunidades de ir pra todos os lugares e eu fico muito feliz de ter escolhido a UEPA, porque tem a Federal [UFPA]¹², tem o IFPA¹³, tem as Instituições particulares. Eu tenho amigos que saíram da minha sala e foram pra Federal, por exemplo, eles falam que lá eles têm aula, que lá é muito mais Matemática que aqui, que lá é muito melhor, porque eles preferiram esse viés, mas quando a gente vai perguntar das disciplinas pedagógicas:

¹³ Instituto Federal do Pará

“Não tem o professor de tal disciplina”.
E como é que esse professor vai chegar na escola? Porque nós somos professores, nós não somos simplesmente matemáticos, somos professores de Matemática e que pra mim é o mais importante. Por que eu gostei de Matemática? Porque eu tive um professor de Matemática! Porque eu tinha uma professora que sabia me ensinar, que sabia fazer esse conhecimento chegar até mim, que me exigia sim, que exigia que a turma fosse boa, mas que tinha uma maneira de ensinar que eu conseguia entender e a turma conseguia aprender. Porque não era uma coisa só comigo que gostava de Matemática, uma coisa com a turma inteira, então a turma tinha dificuldade, porque Matemática sempre tem dificuldade, mas era uma turma que conseguia aprender as coisas, até hoje eu sei que tudo começou na nossa base Matemática no Ensino Fundamental e um professor que não sabe ensinar é muito complicado. Eu quero saber ensinar, eu tenho muito essa preocupação. Como eu estou saindo agora da Universidade com essa preocupação, eu tenho que saber passar o conhecimento, não adianta eu ter e não saber transmitir ele para os meus

alunos. É uma preocupação que eu vejo mais forte aqui, que eu vejo muito forte na UEPA, até os professores de Cálculo, professores da Matemática Pura, eles têm essa didática, uma coisa muito boa isso porque a gente não vê professores impessoais. Por exemplo, a professora de Teoria dos Números, ela passa o exercício no quadro, aí ela fica lá corrigindo, fazendo o exercício dela e esperando que a gente vá tirar dúvidas, mas se ela olhar e ver alguém conversando ela fala: “Por que tu não estás fazendo o exercício?” uma professora de nível superior se preocupando! “Por que tu estás mexendo no seu celular?” E ela não está nem passando nada, ela só está resolvendo lá na mesa dela, mas ela está de olho, sempre prestando atenção se a turma está se esforçando. Isso é uma coisa que me encanta muito em todos os professores, o professor de Álgebra também, na aula agora todo mundo vai para o quadro, quem não for pro quadro não tem como tirar dúvida. Os meus professores de Álgebra sempre foram muito bons, as matérias de Matemática Pura também são beneficiadas por essa linha de pesquisa da Educação, por essa linha da UEPA que eu acho que é muito forte aqui, a Educação Matemática. Eu

Eu estou achando que lá a maioria dos professores é da educação matemática. A gente falou disso, de um grupo ter mais força do que o outro. Aqui a situação é ao contrário

só tive um professor que era muito purista, inclusive a turma inteira tinha muita dificuldade porque ele nem escrevia no quadro, ele passava no slide, o livro e nem falava nada, ele só lia e a gente tinha que saber. A gente perguntava e ele falava assim: “Não, vão procurar saber!”. Ele sempre falava assim e ele não respondia as perguntas, ele passava prova e não tinha a mínima preocupação. Era uma disciplina bem ruim, esse curso todo mundo passou empurrando a barriga mesmo, foi muito difícil e a gente vê essa diferença de um Professor para um Educador Matemático. Aqui a gente vê o que a gente quer ser e o que a gente não quer ser! Acho que isso é muito importante, tanto que eu só tive um professor assim na UEPA. Eu acho interessante frisar essa preocupação que a UEPA tem em formar professores, em formar pessoas que saibam ensinar, eu acho que isso é o ponto mais importante. Realmente é o que mais me atrai na UEPA, é o ponto que mais me encanta e pra mim é o ponto crucial dessa graduação que prepara pessoas para ensinar Matemática, não simplesmente que saibam Matemática, até o aluno que tem menos desenvoltura vai saber como passar, eu tenho um amigo que a

Exatamente o que eu disse lá atrás!!!!

Bem que a Adriana disse lá no começo que elas eram apaixonadas pelo curso, mas também... assim até eu. Se bem que pra quem quer estudar só matemática deve ser um porre esse curso

evolução dele foi incrível ao longo do ano, eu me lembro de que a gente fazia os trabalhos da Jucá, porque ela foi a primeira professora que começou a fazer a gente fazer seminários, fazer resenha, e eu me lembro de que ele até reprovou na matéria dela porque realmente ele tinha muita dificuldade, ele não conseguia falar direito, e hoje eu vejo o crescimento dele. Ontem a gente apresentou um trabalho lá na turma e vejo que ele tem aquele jeito dele mais parado, mais tímido, mas ele fala, ele consegue desenvolver, ele consegue concluir bem, coisas que realmente ele não conseguia antes, é um crescimento que eu vejo muito forte, ele é um aluno mais velho e era muito tímido, ver esse tipo de crescimento eu acho muito bacana e também nossa professora de Comunicação na Docência, no primeiro ano, é muito bacana essa matéria e a professora falava: “não, vamos lá!” Nos incentivava a falar e a tentar, foi muito importante. Tem outros professores das disciplinas pedagógicas, que por mais que os nossos amigos puristas falem: “não, isso não serve pra nada na minha vida, por que eu vou falar isso? por que eu vou falar de filósofo?” Mas é graças a essa disciplina que ele vai saber falar da Matemática, vai saber ensinar a Função,

Olha o nome dessa disciplina! Estou passada

Mas pelo que eu estou vendo parece que elas nem deixaram marcas

vai saber falar de Logaritmo, porque todo mundo na minha sala fala bem, tem uns, claro, que sempre se destacam na desenvoltura, no jeito de falar, mas todos vão sair sabendo ensinar realmente e eu acho que isso é devido ao preparo da universidade, sem dúvida, porque eu acompanhei alguns amigos meus e não tem nenhum aluno ali da minha sala que vai sair falando que o curso da outra universidade é melhor do que esse, porque realmente foi um curso que nos preparou, claro que teve suas falhas sim, teve essas falhas com algumas disciplinas, com alguns professores, mas se a gente for botar no geral todos vamos sair capacitados, mesmo que seja tendo que estudar o Logaritmo pra ensinar direitinho, mas tu já vais pensar numa maneira de ensinar, a gente tem essa possibilidade de ter essas várias maneiras de ensinar porque eu faço muito isso nas minhas aulas particulares, eu vejo que na minha cabeça tem várias coisas, várias ideias de tentar ensinar aquela aluna, de tentar fazer com que ela aprenda então eu acho que isso vai ser muito bom quando eu for trabalhar como professora, porque daí eu vou poder olhar para a minha turma e vou dizer assim: “Não, não está bom esse meu

método”. Então é um processo de auto avaliação mesmo e de avaliação do meu trabalho, eu acho que tudo isso foi graças a essa graduação, todo esse processo de autoanálise e não só, eu acho que não só pro trabalho, mas também pra nossa vida mesmo, a gente consegue levar esse processo de avaliação, de auto avaliação nas nossas relações, na nossa família, a gente consegue abrir a nossa cabeça pra pensar na situação em geral e não só em mim, mas conseguir olhar o todo, não só o todo da sala de aula, não só o todo da escola, não só o todo do aluno, mas o todo das nossas relações pessoais também, algumas disciplinas foram essenciais e são, principalmente pra mim, eu uso muito o meu exemplo com as minhas relações, eu já aprendi a ser mais tranquila também porque isso é muito importante. A gente tem que saber a Matemática do básico, as várias Matemáticas e eu acho que eu vou ter que estudar muito ainda, realmente tem coisas que estão muito superficiais na minha cabeça, e sempre foi muito complicado essa nossa disciplina de ser a disciplina básica, os fundamentos, foi assim, a pior disciplina que a gente teve, o professor fazia doutorado e acabava prejudicando as nossas aulas. Então

muitas coisas a gente teve que fazer por fazer, entregando trabalho de Logaritmo, aprendendo a resolver todo o tipo de questão de Logaritmo porque ele realmente não tinha tempo porque ele tinha que viajar.

Mayara: Também fizemos com o mesmo professor. Inclusive acompanhando o professor que dá Fundamentos I na monitoria eu fico olhando e ele diz: “Tu aprendeste isso, Mayara?” [eu respondo] “Eu não tive isso, professor”, ele fala: “Mas como você não viu isso em Fundamentos”, eu falo: “se eu vi, eu realmente não me lembro, mas eu tenho certeza que eu não vi”. Esse professor, ele fazia doutorado em São Paulo e ele viajava muito pra lá e deixava na mão do monitor dele, então foi bem difícil e quando foi pra Fundamentos II, foi a mesma coisa, aquela parte da Trigonometria, eles [os alunos da monitoria] dizem: “Mayara, tu me explicas Trigonometria?”, eu disse: “deixa eu estudar, aí depois tu volta aqui”. Todas essas partes mais importantes que nós vamos levar pra sala de aula, em princípio, estão falhas, não minto. A gente tem que sentar e

estudar por si só e pedir ajuda para os colegas porque está superficial.

Thais: É porque Fundamentos é o que a gente mais vai ensinar, porque não dá pra ensinar Geometria Analítica aqui da Universidade e nem Álgebra Moderna. Justamente pra não ficar com essas lacunas a gente vai ter que estudar tudo de novo pra poder sanar o que a gente acabou não vendo.

Desirèe: Na verdade, se a gente for prestar atenção o que a gente tem é o que a gente aprendeu no Ensino Médio.

Eu, graças a Deus, tive uma boa formação no Ensino Médio e que me deu bastante suporte, me dá bastante suporte para as disciplinas de agora, pra ensinar também junto com as teorias, com as matérias pedagógicas, mas a Matemática, a que eu tenho, é a que eu aprendi com os meus professores do Ensino Médio. As greves também prejudicam muito a nossa graduação porque, por exemplo, o ano passado foi a primeira vez que teve greve [durante o meu curso]. Teve uma greve que já empurrou o curso de Cálculo II, a gente já vai ter que apresentar alguns trabalhos em tempos muito curtos, fazendo trabalhos de pesquisas grandes e às vezes a gente acaba fazendo por

O problema é que a gente teve um ensino médio bem fraco, como é o meu caso. Aí tem que correr atrás ainda mais

fazer, fazendo pra passar, fazendo dessa maneira mal feita. Só que é como uma vez o professor [REDACTED] falou no primeiro ano pra gente, ele era o professor de Geometria Analítica, ele falou assim: “Olha, vocês têm que entender que aqui a gente está estudando todo o assunto, vocês acham que vocês vão lembrar de tudo assim? Não, vocês não vão lembrar de tudo, mas agora é diferente, vocês já sabem como procurar, vocês já sabem como se aprofundar”. E é realmente isso que eu vejo no nosso curso porque não tem como a gente lembrar de tudo, eu já não lembro de algumas coisas, de muitas coisas do primeiro ano, que foi Geometria Analítica, de alguns filósofos que a gente estudou também, só que eu já sei onde procurar e o curso me deu esse suporte de saber onde procurar, de quando eu for olhar eu falar: “ah, eu vou lembrar daquela explicação, daquele jeito”, então eu já vou ter um norte pra me aprofundar.

Concordo plenamente, saber onde procurar já é meio caminho andado!

A gente trabalha com os conteúdos de Ensino Fundamental, mas em trabalhos, por exemplo, em Instrumentação, a gente teve que fazer a análise dos livros, então foi o trabalho que a gente tinha que saber os conteúdos do Ensino Fundamental, a gente teve que explicar

Hoje no estágio a professora disse que teremos que fazer análise do livro que o professor utiliza

os livros e dizer se aquilo era importante pra nossa prática, se aquilo seria interessante. A aula de Prática, por exemplo, que teve também as diversas maneiras de ensinar e foi muito interessante, tem coisas que tu vê ali que não dá pra fazer com o Ensino Médio, tem que fazer com o Ensino Fundamental, a professora se preocupava com isso, eram mais essas duas disciplinas que nos faziam estudar assuntos do Ensino Fundamental.

Thais: Só que nesse caso é só a primeira aula, vai expor para o professor e em seguida a gente vai para o Estágio, só que a gente só trabalha com o ensino médio. Eu acho que aqui na Universidade ela é mais voltada para o Ensino Médio do que para o Ensino Fundamental ou as séries iniciais, eu vejo mais essa questão do Ensino Médio, em aprender mais Função, essas coisas que são voltadas mais para esse nível de ensino do que mais para os pequenos aí acaba tendo esse problema de que a gente não sabe como lidar com eles.

Mayara: Com Teoria dos Números dá para estabelecer uma relação vaga com e Educação básica, pelo menos para tentar, antes de começar a aula falar

alguma coisa, agora Álgebra eu creio que não. A professora de Teoria tem essa preocupação.

Desirèe: Ela tem essa preocupação, acho que o professor o [REDACTED] também fala de vez em quando: “Já pensou vocês ensinarem por aqui” só que a gente não consegue ver relação de Álgebra Moderna com as Séries... [risos] não tem número nessa matéria, como é que eu vou chegar e falar isso para as pobres das crianças. Em Álgebra I o professor sempre falava: “Vocês podiam começar a ensinar matriz assim, ensinar eles a fazerem a matriz pelo sistema” então acho que seria muito mais interessante, talvez fosse mais fácil para aprender e tal, então ele sempre falava isso, ele tinha essa preocupação. Agora o professor de Cálculo, não! Professor de Análise também não! Até porque Análise já é do Cálculo.

Mayara: Análise do mal, não é nem Análise Real [risos]

Desirèe: Análise já é do Cálculo, acho mais complicado e o professor também não tem muita essa relação, o professor que dá Análise, que dá Cálculo, que era o mesmo que dava Cálculo II, ele é mais purista, mas ele tem essa preocupação

com a gente, que a gente aprenda o assunto, mas não de fazer ligação com o Ensino Médio, com a Educação Básica.

Sobre Professores

Desirèe: A participação no projeto foi uma experiência muito boa e que eu vejo que também foi apoiada pelo grupo de pesquisa do qual eu participo desde o primeiro ano, de Educação Matemática, e esse grupo de pesquisa foi crucial na minha graduação porque, especialmente a professora [REDACTED], que foi ela quem nos impulsionou desde o começo a escrever, é nossa professora desde o primeiro ano, ela sempre pega o primeiro ano aqui na nossa graduação na UEPA. Ela é uma professora que sempre exigiu muito da gente, era uma coisa que sempre te impulsionou, tem aluno que não gosta, tem aluno que só quer estudar Matemática, só que não, ela mostrava que tu podias estudar Matemática e que tinha que saber escrever o que tu estavas fazendo, que tu tinhas que saber o porquê que tu estavas fazendo aquilo e isso foi muito importante pra mim na minha graduação. Ter esse apoio, saber que eu tinha alguém para me ajudar ali e que tinha alguém para me impulsionar e foi graças a ela mesmo que eu comecei a

Essa eu tenho que contar para o pessoal!!!

Diego!!!!

escrever artigos, eu tenho três ou quatro artigos, mas assim, eu sempre vou lembrar dela como a minha verdadeira impulsionadora nessa área da minha graduação, hoje em dia, tanto que eu vou fazer o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) com ela, eu volto as minhas pesquisas para a História da Matemática, mas tudo em História lê muito, estuda muito, uma coisa que eu nunca gostei, sério, aliás, eu não gosto muito, mas que eu aprendi que é necessário, eu aprendi o quanto que a gente pode aprender e tudo começou no meu primeiro ano de graduação com essa experiência, com essa professora que é realmente quem me impulsionou até hoje no meu TCC final e ela também sempre foi muito exigente, só tinha que fazer coisas boas senão não passava [risos]. Eu acho que, realmente, pra formação de professores, a professora [REDACTED] foi a maior referência do curso e em segundo a professora [REDACTED], só que a gente começou a lidar com ela mais tarde. Então acho que é nesses primeiros anos que tu vê se tu vais querer ser professor mesmo.

Mayara: Todos os professores incentivam. Tem essa rixa dos

professores mais puristas falarem que a gente está trabalhando muito com a Educação e esquecendo a Matemática e dos professores de Educação falar que quem trabalha com Educação precisa saber Matemática tanto quanto o professor que trabalha só com essa parte pura. Só que dos dois lados há incentivos, o da Educação incentiva a gente ler e produzir e o da Matemática incentiva a gente sempre estar antenado e discutindo, fazendo exercícios e tudo mais, porque eles dizem pra gente que não basta ter todo esse conhecimento da Educação, quando nós formos pra sala de aula nós temos que ter conteúdo e isso é uma completa realidade. Então esse incentivo vem de ambos os lados, eles cobram mesmo, não importa se a gente está com um trabalho pra entregar aqui e uma prova aqui, não existe, eles dizem que nós temos que saber dividir o nosso tempo porque nós estamos na graduação pra ser professores, então nós temos que ter ciência disso, que nós temos que nos preparar para ensinar, para passar conteúdo, é uma coisa muito bacana.

Sobre atuar na Educação Básica

Estou começando a entender a importância do primeiro ano do curso. Imagina o quanto ela não aproveitou mais o restante do curso por causa do suporte que teve no primeiro ano

Desirèe: E o mais interessante do curso da UEPA é que realmente ele não te prepara só para acabar a graduação e ir procurar um emprego, ele realmente é um curso que tu nem ouves falar esse tipo de coisa [...] o professor já avisou pra gente olhar a inscrição do mestrado: “vamos nos inscrever, estudar pra fazer a prova!”. Então são professores que te ensinam realmente a continuar e isso pra mim é o mais importante, tanto que as pessoas saem, na verdade, não tem ninguém da minha sala que vai terminar o curso e vai falar assim: “Bem, agora eu vou procurar uma escola pra eu dar

Engraçado, ir para a escola parece ser o contrário de conhecer mais

aula” está todo mundo querendo conhecer mais. Particularmente eu não vejo tanto esse lado de ir pra Educação Básica, assim... principalmente os professores de Educação falam que é necessário que a gente tenha essa experiência, só que sempre é assim: “Nunca fique ali”... como eu posso dizer... o professor ele vai ter o que contar quando ele viver, entendeu? é sempre isso, não exatamente vamos focar para a Educação Básica, porque realmente eu não vejo muito assim.

Viu só, para alguém como eu que não quer ir para a escola, uma fala dessa é uma ordem

Nossa! Eu não imaginava que pudesse me identificar tanto com esses estudantes de outro lugar do país. Também não passava pela minha cabeça poder haver tanto envolvimento com a pesquisa dentro de um curso de graduação. A entrevista foi longa, mas valeu a pena. O que eu achei mais legal foi pensar que, ou melhor, confirmar o que eu já suspeitava. Parece que existem vários cursos dentro de um mesmo. Na entrevista eu já saquei isso quando não acreditei que a Fernanda estivesse falando do mesmo curso que eu fazia. Eram visões muito diferentes. Agora vendo a Desirèe falar que os colegas dela têm outra visão do estágio porque o fazem com outra professora só confirmou a minha ideia. Parece que sempre volta naquele ponto que a gente falou: depende muito do professor.

E agora eu quero parar tudo que eu estou fazendo e ler essas entrevistas, mas como? Talvez só mais uma... a segunda menor... eu estou estudando também... não estou perdendo tempo lendo bobagens... *Facebook*... vou ler!

O encontro na Universidade Federal do Paraná

Em novembro de 2016 aconteceu o XX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (EBRAPEM) em Curitiba e aproveitei a viagem que faria para o evento para iniciar o roteiro de entrevistas pelo sul e sudeste do país. O primeiro encontro aconteceu em Curitiba no dia 16 de novembro. Em setembro estabeleci contato com a coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Paraná (UFPR), professora [REDACTED] e ela me passou o contato de alguns estudantes que poderiam participar da pesquisa. Para organizar o encontro pedi ajuda a um dos licenciandos e até a data do encontro trocamos diversas mensagens.

O período que estive em Curitiba coincidiu com as legítimas ocupações que estavam ocorrendo em instituições públicas contra as reformas educacionais em todo o país e o prédio da UFPR, onde havíamos marcado nosso encontro inicialmente, estava ocupado. Além disso, de última hora fiquei sabendo que os estudantes que se encontrariam comigo teriam que

participar de uma palestra e que essa seria uma atividade obrigatória do curso, mais especificamente da disciplina de Estágio. Ou seja, todo o planejamento de meses de antecedência se foi, eu teria que pensar em um plano B em apenas algumas horas antes do nosso encontro.

Coitada!

Minha primeira ideia foi conversar com a professora da disciplina de Estágio e pedir autorização para que eu assistisse à palestra juntamente com os estudantes, pois assim eu já estaria próxima deles, com a intenção de não os deixar “escapar” de nosso encontro. Após sua autorização parte do problema estava resolvido, eu precisava então conseguir um espaço para a realização da entrevista e para isso fui até o prédio da UFPR e consegui reservar a mesma sala onde seria a palestra para o nosso encontro, assim que terminasse o evento eu poderia utilizar o espaço e ao final devolver as chaves na portaria da instituição. Confesso que fiquei impressionada com a simplicidade que foi reservar essa sala, uma vez que em minha instituição isso seria, praticamente, impossível acontecer de última hora. Os ventos sopravam a meu favor e não parou por aí.

Do mesmo jeito que ela fez comigo

A palestra estava prevista para encerrar as 20h30, entretanto já passava das 21h e não havia perspectiva de encerramento. Foi quando o estudante que estava me auxiliando na organização do encontro saiu da sala, me chamou e disse que teríamos que começar logo nossa conversa, pois já estava ficando tarde. Novamente desespero total, onde faríamos o encontro? A minha reserva era a sala em que estava acontecendo a palestra, tirando esse local, não havia nenhum outro. Enquanto o grupo de estudantes ficou conversando com a professora do Estágio eu resolvi dar uma volta ali pelo prédio onde nós estávamos e encontrei uma sala que parecia ser um espaço de diretório de estudantes; não havia ninguém e as portas estavam abertas. Era uma sala ampla, com mesa de sinuca, poltronas e alguns sofás, um espaço perfeito! Não tive dúvidas, chamei os estudantes e nos reunimos ali mesmo, por sorte não apareceu ninguém para nos expulsar.

Ficamos ali conversando por uma hora, eu e quatro estudantes da Licenciatura: um ingressante e três concluintes. Apesar de todos os contratempos posso dizer que o

encontro foi muito bom. Os estudantes estavam dispostos a contar suas vivências pelo curso e suas percepções. Um deles quis que sua identidade fosse preservada, então usarei como nome fictício “Zeus”, um dos deuses da mitologia grega. Não há uma razão específica para a escolha desse nome, além do fato de eu gostar muito das leituras sobre essa mitologia. Na sequência apresento nossa discussão.

Os estudantes

Eu sou **Aline**, estou no oitavo período do curso de Licenciatura, escolhi fazer Matemática porque eu fazia o curso de Administração e eu não gostava muito das matérias, eu gostava da Matemática básica que eu tive lá e de ajudar os meus colegas, então eu descobri que eu tinha uma habilidade para ajudar as pessoas e acabei não me identificando mais no curso de Administração. Resolvi fazer o curso de Licenciatura porque vi que eu tinha vocação para ajudar, foi meio que vivenciando mesmo. [Você quer ser professora?] Sim.

Meu nome é **André**, eu estou no oitavo semestre do curso de Licenciatura e eu escolhi fazer Matemática porque eu tinha terminado o Ensino Médio, tinha

Por que será? Mas eu bem que pensei sobre quem iria ler a entrevista

Parece que ser professor está sempre ligado a ideia de bondade... de querer ajudar o outro. . Será que outras profissões consideram isso?

feito curso técnico e resolvi ingressar na universidade. Acabei fazendo cursinho para tentar entrar e eu queria fazer alguma faculdade relacionada à computação e daí estudando para passar no vestibular eu comecei a gostar mais de estudar a parte de Física e de Matemática e acabei me identificando cada vez mais com a Matemática. Chegou o momento que eu percebi que eu gostava mais de Matemática do que qualquer outra coisa e eu resolvi então fazer o curso. Já estou dando aula e eu gosto muito, o que foi me aproximando mais da Licenciatura.

Eu sou **Zeus**, estou no oitavo período também, ingressei na Matemática meio que de paraquedas. Eu sempre quis ser professor, as habilidades para a área de exatas apareceram no Ensino Médio e o que afetou eu escolher Matemática foi que no terceiro ano do Ensino Médio, ano de conclusão, uma professora que se formou aqui na Universidade Federal do Paraná em Matemática me deu aula de Física e ela super motivou, falou dos programas que a universidade oferecia, como eram as bolsas e o que a gente poderia fazer aqui, principalmente que a

gente já poderia entrar na área da Licenciatura desde o primeiro semestre no PIBID¹⁴ e aí escolhi fazer Matemática por influência dela. Acho que a Licenciatura em Matemática foi o que eu escolhi e que deu muito certo, já dou aula e eu não me imagino fazendo outra coisa.

Meu nome é **João**, estou no segundo período e eu, na verdade, desde pequeno, tive sempre uma facilidade com a Matemática, sempre gostei muito, só que quando a gente é pequeno não dá para dizer muita coisa porque é um conteúdo básico. Quando cheguei ao nono ano do Ensino Fundamental, eu comecei a ter aula com um professor que também me deu aula no segundo e no terceiro ano e até hoje ele é meu amigo. Foi a primeira vez que eu vi um professor contando piada na sala e tornando uma aula uma coisa divertida, porque até aquela época eu achava que era aquele negócio, aquelas professoras chatas que ficavam só falando. Quando eu vi aquilo eu pensei: “nossa! eu quero ser como ele” e daí eu fui amadurecendo a ideia, uma época eu tendi um pouco para a Filosofia, foi no

Viu só? Os projetos motivam até para o ingresso no curso!

¹⁴ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

primeiro ano do Ensino Médio, cheguei até fazer uma iniciação científica, mas daí depois eu percebi que eu gosto de Filosofia, mas não para estudar. Depois eu voltei para Matemática e acabei decidindo, desde essa época, que eu queria dar aula de Matemática para adolescentes e isso era o que eu queria fazer para o resto da minha vida.

A discussão

Adriana: Bom, agora eu estou com um grupo de pessoas que querem ser professores, o que é muito legal e é muito raro também pelo o que eu tenho visto aí pelo país. Então, agora eu acho que vocês têm mais elementos ainda para olhar para o curso de vocês, porque vocês querem voltar para a escola, querem trabalhar lá na escola com as crianças, querem ensinar Matemática, então como que vocês olham para o curso nessa perspectiva?

Zeus: Na minha visão nosso curso é bem falho nessa parte de preparação para professor de Ensino Fundamental e Ensino Médio porque eu vivenciei muito isso quando eu comecei a dar aula. Surgiu uma oportunidade de emprego em uma escola e eu fui atrás, mas ali eu vi que a minha formação não tinha sido

E a história se repete...

suficiente para eu trabalhar sendo professor de verdade, não funcionou muita coisa, então em relação ao curso eu vejo que tem muito que melhorar ainda e tem um novo currículo a ser discutido para ser implantado em 2018 que eu acredito que vai melhorar muito, mas o que a gente pegou estando no oitavo semestre já é um pouquinho falho, deixa a desejar.

André: Eu concordo com o que o Zeus falou. Nessa disciplina de Prática eu tive contato com o Fundamental II e é incrível porque a gente não tem essa preparação para trabalhar com criança, não tem em nenhum momento da sua formação, então não tem disciplina da criança pequena, da forma como ela é agitada, você não tem esse tipo de preparação, então você fica totalmente assustado. A gente tem muita matéria de Matemática Acadêmica, que é a Matemática Pura e a Matemática Escolar fica meio distante, às vezes é você que tem que dar um jeito de dosar, como que você vai formar isso pra eles, como que você vai conectar, como que você vai fazer. Como você falou do currículo, os professores têm tentado montar uma grade melhor, ouvir um pouco a gente, tiraram algumas

Pensando assim eu acho que deveria ter aproveitado melhor as aulas de Prática I no primeiro ano, mas lá a gente ainda é tão imaturo e a preocupação mesmo é passar de Fundamentos.

Agora eu diria que é uma concorrência desleal Prática I e Fundamentos no primeiro ano. A gente quer é estudar matemática quando entra no curso, ainda mais depois que percebe que isso é bastante valorizado...

Como se fosse algo simples e como se a gente soubesse fazer

disciplinas que foi falado que não estavam servindo para muita coisa, que estavam tomando o espaço de disciplinas mais construtivas e eles estão tentando por mais matérias que tenham mais conexões, enfim, que façam mais sentido para a nossa formação. Eu sou o presidente do Centro Acadêmico de Matemática, eles convidaram alguns alunos para participar e depois eles foram formando, junto com os professores e um pouco desses alunos, a opinião de todo mundo. Esse currículo já deve estar quase pronto, está em fase final de construção. Esses dias a gente fez uma reunião e passaram, mais ou menos, um feedback de como está ficando e como que vai ser.

Por isso que a gente precisa levar a Fernanda para o grupo, ela pode nos ajudar nesse diálogo com os professores

Adriana: Nessa grade que vocês vivenciaram, vocês tiveram disciplinas de Prática ao longo do curso?

Zeus: De Prática a gente está tendo agora.

Aline: Isso eu acho bem complicado porque o nosso curso é separado: as matérias de Matemática pura são em um campus e as disciplinas de Educação e metodologias são em outro. É no

Aquí sendo próximo já é difícil, imagine assim

quinto período que você começa a ter algum contato com a Educação Matemática, até lá você fica num campus só estudando Matemática, Cálculo, Álgebra Linear. Quando chega ao quinto período você tem meio que um choque de realidade porque você vai ter totalmente matérias teóricas, vai começar a ler artigos, vai começar a estudar metodologias, vai começar a descobrir uma coisa que está fora do seu contexto, porque lá você faz exercícios. Então no nosso curso é muito difícil ter uma conexão, você não consegue conectar a Matemática pura, aquela que você vê lá. Eu acho que 90% dos nossos professores lá são bacharéis, então são professores que não são específicos pra ensinar, não são professores licenciados, você não tem aula com alguém que é professor, que esteve na escola, você não tem! Os professores que estão ali são professores de bacharel e quando você chega na reitoria¹⁵ é diferente, são todos professores que só trabalham com a Educação. A gente faz Matemática do Ensino Fundamental que são apenas seis meses, aí quando eu comecei a trabalhar na escola eu fui ver que eu fiz

Essa é uma discussão trivial! A gente começou a ir por esse caminho quando encerramos o encontro. Poderíamos retomar daqui

¹⁵ O Campus onde acontecem as aulas de educação é chamado de reitoria.

Eu acho que eu nunca vi um monte de coisa. Agora no estágio que a gente percebe isso

seis meses só que o Ensino Fundamental tem nove anos, então eu não sabia! Eu tinha que pegar, eu era aluna do curso de Matemática e tinha coisa que eu nunca tinha visto na minha vida! Eu acho que é inaceitável você fazer um curso de Matemática, está certo que você esquece, mas você falar: “Meu Deus, eu nunca vi isso aqui na minha vida! Eu nunca usei isso no meu curso” e você não usou porque ninguém nunca te apresentou, eles não te dão as ferramentas, eles não te dão propostas didáticas. Até aqui na reitoria, nós temos bons professores, só que é muito pouco tempo, eu acho que isso deveria começar no primeiro semestre junto com Cálculo e com Álgebra pra você já começar a ter essas ferramentas para começar a dar aula. Eu consegui entrar numa escola para ensinar, para ver o que era o Ensino Fundamental, no sétimo período, sendo que na teoria eu já teria que me formar no oitavo. As matérias do bacharel, para você estudar igual um bacharel, você vai ter que se matar, você dedica muito tempo, não consegue trabalhar e estudar junto, isso é muito raro, então você não tem prática, sai cru para dar aula, sai despreparado. Tem alguns programas que ajudam bastante, o PIBID ajudou

Não sei se eu concordo aqui a gente teve Prática desde o primeiro ano e ainda temos muita dificuldade. Acho que o lance é a forma como as coisas são trabalhadas..

É a segunda vez que falam nesse PIBID

bastante a aprender a escrever, a conhecer as metodologias, bastante coisa, a nossa professora orientadora é muito boa.

Adriana: Todos vocês são pibidianos?

Aline: Nós éramos (ela, Zeus e André), agora não mais.

João: Eu sou.

Aline: Ajudou bastante ter essa percepção com os alunos. Todo mundo imagina que você vai chegar na sala e os alunos todos bonitinhos, essa é a visão de quando você sai da universidade, você imagina que está todo mundo interessado, todo mundo quer fazer os exercícios. Na verdade, you chega lá e é um caos, ninguém quer fazer nada e isso criou um pouco de trauma em mim, eu não quero ser professora de escola pública porque isso é ruim, eu não quero porque eu sei o que eu vou viver lá. Com a experiência que eu tive no PIBID eu sei que lá vão ter alunos que não querem estar lá, que não estão interessados e eu queria, na verdade, sair do curso sabendo como que eu faço para motivar esses alunos. Cada vez todo mundo me fala que é pior então eu não sou motivada a dar aula no ensino público e isso é triste porque não é isso que a

Como é bom saber que eu não sou a única a me sentir assim! E que isso acontece longe daqui

isso que eu disse: o difícil é conquistar esses que não se sentem motivados!

gente deveria ter. Como professor você deveria querer dar aula para esse tipo de Educação, para esse tipo de público, para esse tipo de aluno, porque todo mundo tem direito a Educação de qualidade, mas infelizmente eu criei uma resistência. A escola que eu estou hoje é da rede particular, não são os melhores alunos, mas eu sei que são bem diferentes de onde eu tive as primeiras experiências, eu fiquei bem traumatizada.

Adriana: E aqui no curso, vocês recebem de alguma forma algum incentivo de ir para a escola básica, de trabalhar lá, tem algum trabalho dos professores em relação a isso?

Zeus: Eu acredito que pesa mais quando a gente tem os Estágios obrigatórios e as Práticas da Docência que daí é de fato em escola pública; a gente tem abertura de fazer em escola particular, mas é muito raro alguém que faça isso. No sexto semestre a gente vivencia também um pouco da Prática Pedagógica e os acompanhamentos de Estágio Supervisionado na escola. Qual a temática de vocês?(pergunta para Aline e André). Eu vivenciei sociologia da Educação, eles, por exemplo, vivenciaram psicologia da Educação, foi

um pouquinho diferente o professor. Até então, eu não tinha nenhuma base para trabalhar a parte de sociologia, a gente teve que elaborar um projeto por escrito, bem elaborado, bem montado para desenvolver em uma escola pública, então essa era a restrição do nosso projeto, escola pública, não sei como que foi o deles.

Aline: Não teve, era só um encontro.

Zeus: Porque infelizmente a gente tem professores que... era uma atividade obrigatória, a gente tinha que contar horas, mas o professor simplesmente aprovou todo mundo: “Ah, não precisa ter horas, se quiser vir aqui me ver 5 minutos por mês...”

Aline: Ler um texto... então tem de tudo.

Adriana: E isso era de Estágio ou era Prática?

Zeus: De Estágio, a Prática a gente está fazendo agora e acredito que seja isso, mais nos Estágios que a gente teve esse contato com escola pública, foi a “motivação” de ir conhecer, só que a gente já tinha vivenciado isso dentro do PIBID que é voltado para escola pública, só que tem gente que não tem a

A Fer falou exatamente isto: não tem bolsas para todo mundo. Será que tem desse mesmo projeto aqui?

oportunidade de fazer até porque não tem bolsas e vagas pra todo mundo. A gente tem colegas que nunca entraram em uma sala de aula e estão no oitavo período. Como é que eles vão entrar numa sala de aula, saber o que tem que fazer e preparar os alunos para uma formação cidadã se eles não tiveram base para isso?

Adriana: É complicado. Então pelo que vocês me falaram aqui tem inclusive uma diferença de espaço físico do grupo da Educação e do grupo da Matemática, então vocês não têm, por exemplo, professores que têm uma formação em Educação Matemática dando aula dessas disciplinas de Matemática.

Zeus: Tem.

João: Tem.

Aline: Matemática pura não!

Zeus: Tem a Elisângela.

Aline: Mas ela não dá Matemática pura pra gente.

João: No meu período, dos quatro professores, duas eu tenho certeza que são licenciadas e a gente percebe essa diferença, só que é interessante que mesmo alguns professores que têm a Licenciatura, parecem que não têm.

Parece que eles não têm a didática, parece que caiu bem no caso que eles citaram, foram pessoas que fizeram faculdade, oito, nove, dez semestres e nunca foram para uma sala de aula, são licenciados, mas parece que são só bacharéis, sabem tudo do conteúdo, mas não conseguem transmitir para os alunos.

Aline: Tem umas coisas também que são tristes porque às vezes tem grandes professores e tem matéria que você vai ansioso pra fazer e acaba se decepcionando, não com o professor, mas com o jeito que ele conduz a disciplina. Eu acho triste, eu sendo uma aluna de Licenciatura eu não sei mexer com o ábaco, tem muito material que eu não sei manipular e é tão distante que o nosso laboratório de Matemática, de ensino e aprendizagem, fica no campus reitoria e nenhum aluno tem acesso. A gente só tem acesso na aula de metodologia que a professora tem a chave, sendo que o laboratório é um local de experimento, é um lugar que deveria estar todo mundo lá, criando, conversando, investigando. Acho que a proposta do laboratório é essa e a gente não tem acesso nenhum porque nós só vamos para reitoria duas vezes por

Essas chaves!

Parece que a formação é necessária, mas não é garantia. Tudo vai depender do modo que a pessoa percebe o seu trabalho

semana. Você sabe que tem o laboratório de Matemática? (pergunta para o João)

João: Não tinha nem ideia e até o ano passado eu nem sabia que o termo laboratório de Matemática existia, eu fui descobrir porque namorei uma menina que estudava no CEEP¹⁶ e lá tem um laboratório de Matemática muito bom, mas quando ela me falou, eu: “Laboratório de Matemática!?” Eu só conheço de Física, de Química e o de Biologia, que no caso tinha laboratório de Biologia no Ensino Médio, mas pra mim o termo laboratório de Matemática, digamos assim, não pensava nisso, muito menos imaginava que a gente tinha na universidade para os alunos...

Adriana: Tem, mas não usa ou é pouco usado.

Aline: Não sei também se é por medo de roubarem os materiais.

Adriana: Uma parte é isso sim, isso existe lá na minha universidade também.

João: Mas o material da para colocar em lugares trancados e deixar o espaço, pelo menos livre, para os alunos, isso é uma coisa que dá para dar uma ponderada, não precisa trancar o espaço por medo de roubarem os materiais.

Concordo plenamente João!

Aline: Alunos de Licenciatura que não têm acesso ao laboratório, aos materiais, às coisas que deveriam...

Zeus: Mas quem mexe mais naquela salinha do laboratório são os alunos da pedagogia e não a gente.

Adriana: Então não é um espaço da Matemática?

Zeus: Não, é a pedagogia que usa. Nós fizemos uma visitinha lá, uma ou duas vezes, uma vez eu entrei naquele laboratório.

Adriana: Mas e além do PIBID que vocês mencionaram, existem projetos de extensão que envolvem os alunos da Licenciatura, vocês participam de grupo de pesquisa?

Aline: Acho que tem só o LICENCIAR¹⁷ que é voltado para robótica.

¹⁶Centro Estadual de Educação Profissional de Curitiba.

¹⁷ Projeto de extensão.

Zeus: E o PET¹⁸

Aline: Só que o PET é mais para o Bacharelado.

Zeus: Na verdade, o PET é um Programa de Educação Tutorial que eu participei também e lá é desenvolvido mais pesquisas e atividades dentro da universidade e um pouco de extensão, que a gente acha que é extensão. A gente trazia os alunos, na época era restrito ao ensino público, para fazer o brincando de Matemática, eram uns quatro dias na semana que a gente os trazia para fazer algum tema que eles não tinham conhecimento no Ensino Médio. No ano que eu trabalhei foi cônicas, a abordagem do curso de Matemática para alunos do Ensino Médio. A gente desenvolvia pesquisa também, tinha muito preconceito de professores do nosso Departamento com alunos que queriam pesquisar Educação, ensino de Matemática, Educação Matemática, havia essa abertura, só que o pessoal passava a ser tachado: “ah, só quer coisa fácil”, “que besteira, vai estudar isso, quem estuda isso? Coisa chata”. Então aquele receio batia na gente e, eu não quero ser o

estranho do grupo, então eu vou estudar algo da Matemática também, mas não era esse o propósito, a gente poderia estudar Educação, poderia ser a área que a gente quisesse, mas o preconceito dos professores do Departamento, que são bacharéis, com a Licenciatura é tanto que ninguém faz isso, dentro desse projeto. Então é até por isso que a Aline falou que é mais voltado para o bacharel.

Aline: Eu acho que mais dos nossos professores deveriam ser licenciados, os próprios professores têm preconceito. Os professores do bacharel têm preconceito, por exemplo, nenhum professor da Educação Matemática dá Cálculo para Licenciatura em Matemática; os professores que vão dar Cálculo são todos bacharéis. Teve um concurso agora e não passou nenhum da Educação, teve toda uma discussão no Departamento.

André: Foi uma briga para conseguir aceitar um professor da Educação Matemática no Departamento de Matemática e com muita briga, depois de anos tentando convencer,

*Que triste!
Qual será a
chance de
isso mudar
um dia?*

*Então eu sou
discriminado
dentro do
curso de
Licenciatura
por querer
pesquisar
algo
relacionado à
minha futura
profissão de
professor?
Surreal!*

¹⁸ Programa de Educação Tutorial.

conseguiram abrir um teste seletivo para aceitar um professor assim.

Aline: Acho que tinha uma vaga, eram três inscritos, um foi fazer a prova e esse um não passou na prova nem de Cálculo e nem de Álgebra Linear, e eles queriam que esse professor de Educação, doutor, pelo menos, ministrasse Cálculo e Álgebra Linear, ele tinha que ser professor de alguma matéria.

André: Às vezes precisa dar alguma matéria para engenharia.

Aline: Então para ele não ser o inútil do Departamento, o inútil seria ser professor de Educação, ele teria que, pelo menos, dar alguma disciplina que fosse útil para o curso. Então tem preconceito dos alunos, tem preconceito dos próprios professores, eu acho muito pelo fato de ser separado fisicamente. O curso de Licenciatura e Bacharelado é junto, começam juntos e a partir do quinto período que as disciplinas começam a separar.

João: Na verdade é a partir do terceiro, tem algumas matérias que quem quer ir para o Bacharelado se inscreve e quem quer ficar só na Licenciatura ou não faz ou usa como optativa. No caso do meu próximo período, o terceiro, tem uma

matéria que eu acho que é Álgebra Linear II que é só para quem quer fazer Bacharelado ou uma optativa e quem optar só por Licenciatura não se inscreve nela e fica com 5 matérias no semestre. Mas realmente, a partir do quinto que tem a locomoção para outro espaço.

Adriana: E como que é essa divisão, é equilibrada? Vai mais para Licenciatura?

Aline: Acho que é 90% Licenciatura.

André: Ah sim, é esmagador mesmo.

João: Eu estou meio surpreso que o pessoal da minha turma que entrou esse ano tem muita gente querendo ir para o Bacharel.

Aline: Mas no começo é assim mesmo, depois todo mundo vira para Licenciatura, começa a pegar dependência nas matérias e vê que é impossível.

Adriana: E mesmo o público tendendo mais para Licenciatura, ainda existe esse preconceito?

Aline: Isso! 90% dos alunos de Matemática são da Licenciatura, mas 90% dos professores do curso de Matemática dão aula para Bacharel.

que situação contraditória. A Licenciatura é feita por Bacharéis.

Eu queria dizer a ela que a distância pode piorar a situação, mas que isso acontece mesmo estando todos juntos. Parece que a distância está é nos ideais de cada um

Boa teoria.
É quem
perde nisso
tudo???
Nós, os que
querem ser
professores

André: Às vezes a sensação que eu tenho é de que existia só o Bacharel, daí tinha uma quantidade bem pequenininha de alunos que iam lá e os professores davam aula pra eles e então criaram a Licenciatura: “vamos aceitar um curso de Licenciatura aqui dentro”, daí aumentou vinte vezes mais alunos e eles continuam querendo dar Bacharel para essa quantidade de alunos, mas o público é diferente, a demanda é diferente.

Aline: Então acho que é por isso que a gente tem essa distância, é muito distante pra gente a Matemática que a gente aprende da Matemática que a gente tem que ensinar, é quase assim, é outro universo na verdade. Você é acostumado com Análise, com Álgebra, Teoria de Anéis, Teoria de Grupos e você chega lá e você tem que ensinar... eu não sabia tirar raiz quadrada de um número decimal, eu não sabia! Eu tive que pegar o livro didático e estudar porque eu não sabia, é uma coisa meio engraçada.

André: O problema é que assim, até a Matemática escolar você dá um jeitinho de estudar, por mais que às vezes a gente não tenha formação adequada na graduação você se vira.

Aline: É, a Matemática você dá um jeito.

André: Você se vira, como se portar na sala de aula que é o problema, que a gente não tem essa formação aqui dentro, você não sabe como agir diante de uma turma em determinadas situações, dependendo da indisciplina do aluno, da forma que ele trata você, você pega uma turma tumultuada, um aluno lá amputou o dedo dentro da sala com a porta, como é que eu vou agir diante dessa situação?

Adriana: Isso é uma situação real?

André: Sim, é o tipo de coisa muito inusitada que acontece na escola e a gente não tem esse preparo, nenhum momento tem uma disciplina de comportamento infantil, de como agir com os alunos, isso é uma coisa que está presente no cotidiano, todo dia e em nenhum momento é colocado assim: “vamos dar um pouco de instrução para você agir lá”.

João: Eu participo do PIBID, entrei nesse semestre, eu percebo uma coisa, o PIBID é para ser um programa para você aprender justamente essa parte que é falha no nosso curso, a ideia seria essa, a gente entra lá para aprender com o professor. Só que daí eu chego lá na sala

Eu não via a
relação entre
MMC e frações
equivalentes!

de aula a professora não dá aula, ela fica matando o tempo, tem indisciplina ela já vai no grito, não tem assim, não é um negócio tipo: “ah não, quando o aluno não estiver se comportando você faz tal coisa”, não, ela dá uns berros com o aluno, tira de sala, faz alguma coisa. Então assim, a gente acaba entrando no PIBID e acaba aprendendo na marra também, eu estou tendo que participar de um trabalho que somos nós que estamos dando aula e eu dou aula como? Lembrando de como eu tive aula no Ensino Médio. É para uma turma do segundo ano do Ensino Médio, eu me lembro de como eu gostava de ter aula e tento fazer a mesma coisa, prender a atenção deles falando besteirinha, fazendo uma aula mais divertida, sem ser muito chata, mas assim, nem a professora do colégio nunca chegou e falou: “olha você tem que fazer tal coisa, tem que fazer assim quando você chegar na sala, quando você for fazer esse conteúdo aqui pode ser que eles não entendam, então você trabalha de tal jeito”, ela deixa a gente mais a Deus dará, a gente faz o que dá.

Adriana: E você leva essas discussões para a professora orientadora aqui do curso?

João: Na verdade não porque elas parecem ter uma relação de amizade e fica meio chato você chegar lá e falar: “aquela professora lá, aquilo lá é horrível”.

Aline: É, mas isso tem muito na universidade.

André: A gente fazia o mesmo PIBID que você, na mesma escola e desde que a gente entrou em 2013 a reclamação era a mesma, só que entre a gente.

João: Se fosse uma relação profissional a gente chegava e falava: “olha professora, troca o professor para o próximo semestre que esse aqui não está ajudando”, mas daí a gente vê que elas conversam como amigas e é chato você chegar para alguém e falar do amigo da pessoa, que ele é ruim, não está me ajudando em nada, então fica complicado de a gente repassar e ela, além de ser orientadora do PIBID, ela é coordenadora do curso, então tudo isso a gente devia falar pra ela, só que não é sempre que a gente tem essa liberdade para falar.

Adriana: Então, além desse contato com a escola, que o PIBID proporciona, como que são as discussões em termos de formação pra vocês, porque ele está

No final a gente acaba reproduzindo o que aprendeu e como aprendeu

sendo um caminho, pelo que vocês estão falando, de vocês irem para a escola e verem como que as coisas acontecem lá, na realidade, mas em termos de formação pra vocês, como que vocês avaliam esse processo?

João: Eu acho que ele é muito legal, porque tem os Estágios, tem a Prática de Docência, mas como eles falaram, é uma coisa de seis meses, um semestre e você não está sempre lá, eu acho que quando vocês têm Estágio sim, mas Prática de Docência, por exemplo, você não está toda semana na sala de aula. Com o PIBID, a gente dando aula ou não, estamos toda semana na sala, então ele dá realmente essa aproximação, apesar de não ter uma guia pra gente, a gente tem que aprender as coisas meio que na observação, mas ele é um programa muito legal porque ele dá essa aproximação e nas reuniões a gente estuda bastante Educação, então a gente tem que fazer trabalho, tem que ler livros, textos. Por exemplo, quando eu entrei pro PIBID junto com o pessoal do meu semestre a gente teve que ler o DCE¹⁹, é claro que a gente leu a parte que era relacionada aos conteúdos da nossa disciplina, foi só uma parte, mas é

Parece que essa presença no local faz diferença

legal porque a gente já entra e logo na primeira semana já manda a gente ler alguma coisa que já se relaciona com isso. Então pode não ser o professor perfeito, mas ele dá um empurrãozinho para ajudar, quem não participa do PIBID pode sentir um pouco de falta porque ele dá esse extra, que eu acho, pelo menos, que é bem legal para a gente que quer dar aula para adolescentes.

Aline: Ele é o primeiro contato que a gente tem com Educação Matemática, pra mim foi o PIBID, a gente começou a escrever artigo, nós fomos para evento, então a gente pôde ter a oportunidade de conhecer o trabalho dos outros alunos, o que as outras universidades fazem também, então pra formação pessoal como professor eu desenvolvi bastante no PIBID. A gente aprendeu, tanto é que a gente chegou nas disciplinas aqui da reitoria e sabia algumas coisas, a gente já tinha conhecimento, por mais que eram bem simples, é o que a gente tem mais próximo de qualquer prática, qualquer disciplina de Estágio não faz o que o PIBID faz. Então se a gente ficasse os quatro anos do curso no projeto PIBID,

¹⁹ Diretrizes Curriculares Estaduais.

bem trabalhado e tirasse todos os nossos Estágios, com certeza, eu prefiro o PIBID. Como aluna de Licenciatura eu acho que a formação que o PIBID dá é melhor do que todas que a gente vê. Eu também não sei se os nossos professores de Educação chegaram a estar numa sala de aula, eu não sei mesmo, são professores que ou trabalharam com alunos há muito tempo atrás ou são professores antigos. Tem alguns professores que não conhecem esse curso, que são acostumados com aquele texto da Educação Matemática de 200 anos atrás. Você pega o texto de metodologia, de disciplina da Educação, de Psicologia da Educação, e são textos bem antigos, às vezes são bons teoricamente, mas eles não se aplicam a realidade. E é muito engraçado porque eu fui fazer uma oficina de Matemática numa escola e era pra fazer Torre de Hanói, então os alunos: “nossa professora, isso aí é só baixar, tem um aplicativo da Torre de Hanói”. Eu não tinha me ligado porque aqui na universidade a professora ensinou a construir uma Torre de Hanói, tá certo que o processo é diferente, mas o raciocínio do aluno é o mesmo. Então são professores mais antigos, talvez isso

também acabe afetando nossa formação, a própria formação deles, talvez seja isso uma das coisas. Então são dois universos totalmente diferentes que não existe uma conexão, um que é a Matemática pura que a gente aprende e outro mundo que é a Educação Matemática. Tem muitos alunos que desistem no quinto semestre, exatamente quando começa a Educação Matemática, eles falam: “Meu Deus!”. Eu também já cansei: “nossa! Não aguento essa aula da reitoria!” Eu não aguento essas aulas porque são muito chatas, muito teóricas, porque é um texto antigo que o professor fica discutindo. Também tem algumas matérias que a gente faz, como Política e Planejamento da Educação, que não é só para Matemática, é com História, Geografia, e eles tem uma Filosofia enorme, as pessoas que vão discutir sobre Ciências Sociais viajam para um contexto que você fica na sala dizendo: “Meu Deus, o que eu estou fazendo aqui?”.

Zeus: Não que seja ruim, é que a gente não está por dentro do conteúdo deles e eles não estão do nosso.

Aline: É que é diferente.

E a gente tem que participar dos dois ao mesmo tempo para sobreviver no curso. Seria interessante viver em um só? Claro, o ideal seria não haver separação

Adriana: É geral, não é uma discussão voltada para a formação de vocês?

Aline: Didática acho que é sim, Psicologia da Educação também.

Eu também pensei que fosse, mas me lembro de no máximo de apresentar um trabalho

Zeus: Didática é um enigma, todo mundo vai pra lá achando que vai aprender como dar aula, balela, não é isso.

Adriana: E nas disciplinas de Prática que vocês disseram que têm. Lá tem alguma discussão, por exemplo, dos conteúdos que vão ser trabalhados na Educação Básica? Ou o que vocês acabam vendo?

Zeus: Não

Aline: Não

Zeus: A gente em Prática I vai pra sala de aula e desenvolve dois projetos: um de apoio à escola, não precisa ser necessariamente junto com a professora, por exemplo, ela separa um assunto e você vai ter que dar aula disso, mas nem sempre, o meu foi totalmente diferente. O outro você elabora uma aula para dar no lugar do professor que você está acompanhando e ele vai dar todo um feedback pra você, a professora orientadora vai lá com a

gente e dá os encaminhamentos dela, aí ela vai acompanhando a gente.

Adriana: Mas isso não é o Estágio?

Zeus: Não, essa é a Prática de Docência, o Estágio é Estágio Supervisionado e Processos Interativos, que é no sexto semestre.

Aline: Só que faz com todo mundo junto também, você faz com as outras disciplinas.

Zeus: Isso, e o outro é organização...

Adriana: Então o Estágio não é para a Matemática?

André: É que assim, OTP²⁰ e Estágio Supervisionado não são tão formais, o Estágio é mais simplesinho, você não vai pra escola, são menos horas.

Adriana: Então vocês não dão aula no período de Estágio?

Todos: Não

Aline: Eu estou fazendo em Prática I o meu projeto de apoio, eu estou dando reforço para um aluno que é de inclusão. Outra coisa, nós não temos nenhum acesso a nada de inclusão.

²⁰ Organização do Trabalho Pedagógico.

Acho que aqui seria eu passo (no sentido de obstáculo) pela matéria, mas sem que ela me passe (no sentido de ser tocado)... a experiência...

André: O que tem é Libras, mas é uma matéria tipo para passar.

João: É um semestre só e Libras é uma língua como Inglês, Espanhol e em seis meses você não aprende língua nenhuma decentemente, você sabe falar o básico, sabe falar seu nome, mas você não sabe falar em Libras. Os surdos se consideram uma comunidade, eu tenho uma amiga que faz Matemática a noite e ela gosta desse negócio de Educação inclusiva, então ela já me explicou bastante disso, por exemplo, a comunidade surda, eles consideram como se fossem um povo, porque eles tem uma língua própria, eles tem todo um negócio próprio deles. Então Libras não deveria ser um semestre, aprender cada letrinha e você já poder dar aula para um aluno surdo!

Aline: Claro que não, você não sabe nem falar com um surdo, ainda mais dar aula de Matemática.

João: Eu não consigo nem entender o porquê e pra que você tem um semestre de Libras, isso não vai te ajudar em nada, você vai chegar na sua sala e só vai falar o seu nome, o resto você vai escrever no quadro, você não tem como falar com os caras.

Aline: Vai dar aula de trigonometria em Libras?! Falta muita coisa pra formação como professor.

Adriana: Então pra eu entender: em qual momento do curso, vocês olham para os conteúdos da Educação Básica? Os conteúdos matemáticos da Educação Básica que vocês vão trabalhar.

André: Em Matemática no Ensino Fundamental e Matemática no Ensino Médio.

Adriana: E como que é esse trabalho?

Zeus: A gente tem que escrever uma monografia; era assim, agora mudou o professor, então não é mais, mas era bem trabalhado, só que não dava para ver tudo. Inicialmente a gente fazia a discussão da base, da DCE, apresentava pequenos tópicos de Educação, de como abordar a Matemática e no final escrevia uma monografia com o mínimo de 30 páginas bolando uma aula.

Práticas como ementas...

Adriana: Então vocês estudavam o conteúdo, hoje a gente vai discutir os números decimais, o que é número decimal, como eu trabalho na escola?

Zeus: Sim, só que não era isso.

Aline: Como tem muito conteúdo não dá tempo, então a professora fez assim:

“as coisas que vocês têm mais dificuldade, ou de aprender ou de ensinar, anotem que aqui a gente vai fazer um apanhado geral”. Ela dedicava uma aula para cada dúvida porque são só três meses e meio, então ela escolhia dentre aqueles temas e cada aluno ficava responsável por um desses temas para apresentar uma monografia. O aluno fazia toda a parte teórica, a parte Matemática, preparava uma aula sobre aquilo, escolhia uma metodologia de ensino e a avaliação seria essa monografia.

Adriana: E essa aula que vocês preparavam, vocês apresentavam para os colegas, faziam a discussão dos conteúdos?

Aline: Isso, os colegas faziam as atividades. Então você tem um semestre que é de Matemática no Ensino Fundamental e Matemática no Ensino Médio, só que como os alunos são poucos, na última que eu fiz eram 5 alunos, você não tem grandes temas. Tinha feriado sempre na sexta-feira, greve e coisas que iam acontecendo, então eu lembro que, se a gente teve, foram umas 15 aulas, e muitas delas você tem que se dedicar a pesquisar, a

Parece que lutamos contra a correnteza tentando fazer o curso

fazer tua monografia, então acaba que se perde muita aula.

André: É, se for pensar num currículo que tem 41 disciplinas e tem só duas que faz esse tipo de conexão e ainda bem do jeitinho que a Aline falou. Se o professor for meio doido ainda não faz nada ou então não dá tempo, são muitos conteúdos para trabalhar em um semestre, então acaba ficando bem pincelado.

Esse dado é autoexplicativo! Como assim???

Adriana: E dessas disciplinas de Matemática pura, em algum momento tem alguma discussão, por exemplo, estou lá na aula de Cálculo e daí eu falo isso daqui você pode ajudar o seu aluno lá quando ele estiver estudando função por conta disso e disso.

[Risos de todos]

Adriana: Em nenhum momento?

André: Não, um professor joga nas costas do outro, no Estágio vocês vão aprender, no Estágio não explica e daí fica por nossa conta.

Aline: Seja o que Deus quiser na verdade.

João: Eu tenho uns professores, talvez eu tenha pegado um período bom, que tentam fazer, principalmente no PSE,

que é o Processo Seletivo Estendido que é o primeiro período só que a gente não tá matriculado ainda, é uma terceira fase do vestibular pra evitar desistências durante o curso, não que não aconteça.

Adriana: É tipo um nivelamento, não é um reforço, é uma preparação?

João: Isso, e lá a gente tem aula e uma das matérias é funções, que é uma matéria de Ensino Médio que a gente aprofunda um pouco.

Adriana: E todos são obrigados a fazer?

João: Todos, inclusive se não passar nela, a gente tem funções e Geometria analítica, se não passar em uma dessas duas você tem que tentar o vestibular de novo.

Aline: Você é convidado a se retirar do curso.

João: É convidado a se retirar a força, mas daí pelo menos o professor com quem eu tive aula no PSE ele fazia bastante ponta com o Ensino Médio porque a matéria dele era funções; não tem como separar e ele também fazia um pouco de ponte com o que a gente ia ver depois. Ele ensinava uma coisa e dizia: “Oh, vocês vão ver na próxima disciplina que a gente pegando essa

parte aqui consegue pegar o coeficiente angular da reta”, então ele vem falando pra gente de Cálculo. A minha professora de Cálculo também, como ela já deu aula para criança porque ela é licenciada, às vezes ela faz uma ponte, mas não é uma coisa para ajudar a gente, às vezes é só uma observação que ela acha legal e resolve contar pra gente, não é muito com esse intuito de vou falar isso daqui pra eles porque eles podem aplicar isso em sala.

Aline: É que o PSE que ele está falando não é objetivo, o objetivo do PSE é compensar aquele Ensino Médio falho que você teve, então eles tentam nivelar os alunos para que todo mundo tenha uma base para Cálculo e tal, então o objetivo mesmo é fazer um Pré-Cálculo e preparar o aluno para Álgebra. Isso foi muito bom pra mim porque eu sou aluna de escola pública e tinha muita coisa que eu não tinha visto, que eu não sabia, que, então nessa parte o PSE é muito bom.

Adriana: Então ele é mais uma formação para você dar conta desse curso de Matemática do que uma formação para se atuar como professor, ainda não é pensando em professor?

Aline: É só para você ter noção do que vai enfrentar.

João: Antes de ter o PSE era como é normalmente, uma prova específica de Matemática, se você passava você entrava na universidade. Só que como ela falou, se você estudou num colégio, às vezes não é nem público, às vezes você estudou num particular que é meia boca, no jeito que era antigamente você tinha que entrar e já vinha Cálculo e Álgebra Linear e você ficava: “Meu Deus, eu não sei nem função direito, eu vou fazer isso?”, daí o pessoal ia desistindo porque eles não conseguiam lidar com o primeiro período, imagine com o oitavo. Então eles mudaram para esse processo que é atualmente muito bom, eu concordo com ela, eu conheci um monte de gente ali no primeiro período que não sabia nada de função e que agora eles conseguem entender.

Adriana: Vocês teriam alguma coisa para falar, fazer alguma observação quanto à relação com os professores, se isso é algo que chama a atenção no curso?

Zeus: Depende o sentido... voltando para a parte do preconceito que eu falei antes, tem muito professor lá que olha

pra sua cara e simplesmente não gosta de você, como ele tem conhecidos ali no Departamento os outros também não vão gostar e assim por diante. Então pra você ser visto dentro do curso, pra você ter oportunidade, você tem que entrar num projeto e ter um professor que goste de você, que te apresente para os outros e que te dê mais oportunidades, mais visão dentro do Departamento. Eu tive muito isso quando eu entrei no PET, PET da Matemática, porque para eles o PET é a classe!

Aline: Que é do Bacharel.

Zeus: É do Bacharelado.

Adriana: O PET tem um status?

Zeus: Isso. Quando eu entrei lá, nossa! O professor: “você quer fazer orientação?” E isso eu nunca tinha tido antes. Então o pessoal do PIBID, eu não sei como é hoje em dia, mas naquela época, era a professora [REDACTED] que estava a nossa frente e ela era a de Educação Matemática ali, só que os professores do Bacharel não estão nem aí para os alunos que ela está atendendo porque são da Licenciatura, lá tem muito disso.

Aline: Essa semana está tendo um evento lá na Matemática, é o J3M²¹ do nosso curso e nós não temos aula até por causa desse evento que é jornada de Matemática pura, aplicada e Educação. Então vão apresentar os alunos da Educação Matemática e acho que de Álgebra e Análise. E é muito engraçado porque eu acho que devem ser três dias, quarenta trabalhos da Educação Matemática, todo mundo foi acoplado na quinta-feira que é amanhã.

Zeus: O dia inteiro.

Aline: O dia todo. Então os alunos da Educação vão ter que se virar, vão fazer pôster para apresentar nesse dia, não é separado por formação de professor... nada. E o Bacharelado em Matemática, que tem 20 alunos, estava vazio, hoje eu fui a uma apresentação e estavam só os alunos e os professores da banca, e é um evento que é divulgado.

Zeus: Organizado pelo PET, eles têm dois dias sendo que devem ter 10 trabalhos para apresentar por dia. Eles vão se dedicar a tarde toda e a noite de hoje, amanhã também e sexta também e é uma coisa que não tem sentido,

Eu diria que se trata de uma luta política por espaços. Se não for isso, não sei do que se trata. Pura e simples afeição por uma área do conhecimento que não é!

²¹ Jornada de Matemática, de Matemática Aplicada e de Educação Matemática.

sendo que 80% dos alunos é o pessoal da Educação Matemática e todo mundo se vira e apresenta; os alunos que se viram atrás de banca para a Educação Matemática porque não tem e para bacharel cada área tem uma banca específica. Para você ver o tamanho do preconceito, hoje eu fiquei indignado porque no ano passado eu apresentei na Educação e esse ano eu não estou apresentando, daí eu fui assistir o do Bacharelado e pra cada área da Matemática eles têm uma banca específica e pra Educação Matemática eles acham três professores que aceitam ser banca e as pessoas ficam o dia todo lá fazendo avaliação do trabalho.

Adriana: E vocês levam essas angústias para o curso? Para a coordenação, para algum lugar?

Zeus: É que esse evento é mais fechado, eu participei da organização do ano passado.

Adriana: Não só desse evento, toda essa angústia em relação ao curso.

André: A gente conversa um pouco com a [REDACTED] que é a única professora

que é mais da Educação no Departamento.

Aline: Ela que eu acho que é a que mais escuta, mas não tem muita voz porque eu acho que ela não tem muitos professores que apoiam essas ideias.

André: Engraçado que tem um grupo de Álgebra, tem um grupo de Análise e na Educação ela meio que está sozinha.

Aline: Só ela.

André: É um curso de Licenciatura e ela é meio que a única, é muito louco isso. !!!!!!!!

Adriana: E dentro do colegiado da Licenciatura ela é a única da Educação?

André: Tem outros professores de Matemática lá no centro politécnico, ela não é a única da Educação Matemática, ela geralmente que dá essas matérias de Matemática no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Engraçado que quando eles foram contratar esse professor novo foi muita briga porque os algebristas queriam ter mais um décimo professor algebrista do que um segundo professor de Educação Matemática e daí a professora falava: “poxa, vocês tem que encarar que a gente tem uma Licenciatura e a gente

precisa de mais professor eu não posso ser a única!”.

Adriana: Essa é uma guerra de forças, é uma relação de poder muito grande nesses cursos.

João: O Zeus falou que só quando que ele entrou no PET que começaram a oferecer pra ele iniciação científica, eu vivenciei isso nesse semestre porque minhas notas, tanto no PSE como nesse semestre, foram boas. Eu não faço nada além de estudar, não tenho muitos afazeres, então eu dedico o meu tempo para pensar, eu tenho notas boas e quando eu falei para uma professora minha que é do PSE, inclusive eu estou fazendo uma iniciação com ela, que eu ia entrar no PIBID, ela: “Mas por que você vai entrar no PIBID? Porque você não faz o PET? Olha suas notas, você vai entrar no PIBID?”

Aline: “Você vai ser professor? Você é um bom aluno e você vai ser professor?”. Aff

João: “Você vai fazer Licenciatura? Não! Você tem habilidade para ser bacharel!” Então eles parecem que não aceitam. Eu conversei com uma professora, estava ela e uma professora que é desse meu período, eu falei: “não, eu quero entrar

Eu não queria estar na pele dessa professora. Deve enfrentar um leão por dia

Qual seria a grande contribuição que o décimo algebrista traria para um curso de licenciatura?? Estou sentindo uma irritação tão grande com essa leitura. A outra foi tão leve

no PIBID porque eu quero dar aula, porque eu gosto”, inclusive uma delas é licenciada, só que é algebrista, acontece... ela me falou também: “não, mas o PET também é para Licenciatura, também serve! Você pode entrar no PET e estudar Educação”.

Aline: Mentira!

João: “Por que você vai pro PIBID?!”
Então eles tentam fazer uma barreira enorme porque se você tem boas notas ser professor parece que é um absurdo.

Aline: Surreal!

João: Inconcebível para eles.

Aline: Eles não aceitam.

João: Se você tira dez em Álgebra Linear e você quer dar aula, meu Deus do céu! Você é um...

Adriana: Mas eles são professores!

João: Exatamente!

Aline: O Zeus também sofre uma pressão para ele fazer o TCC²² e o professor quer porque quer que ele faça Bacharelado, não é?

Zeus: Isso, e ele é algebrista, o TCC em Álgebra.

Adriana: Mas vocês já escolheram Licenciatura?

Todos: Sim.

Zeus: Como é que surgiu a história do meu TCC? Eu estava fazendo uma matéria de Teoria de grupos com o professor que é considerado o carrasco do curso e eu comecei bem com ele. Então, isso é massa, ele me investigou! Outro dia ele me parou na esquina: “você era do PET?” eu falei: “sim, eu era, mas eu saí” e ele: “mas por que você saiu? Você sabe que você está indo muito bem na matéria? Você não quer fazer orientação, começar alguma coisa?” e eu: “ah, não sei professor, você acha que dá para fazer?” e ele: “passa lá na minha sala e vamos conversar”. Aí ele perguntou no que eu ia formar e eu falei Licenciatura, daí ele falou: “ah! mas a gente vai estudar Álgebra”. Então... [risos]. Eu pensei em ir em Álgebra, aí eu fui pra Álgebra nas ideias dele, na semana retrasada durante minha orientação ele disse: “o que você está fazendo de matéria, Zeus?”, “Eu estou fazendo tal e tal” e ele: “ah, mas está

²² Trabalho de Conclusão de Curso.

tranquilo, você está fazendo quase só de Educação, quando você termina?” e eu: “semestre que vem” e ele: “aí você vai fazer as matérias do bacharel para terminar bacharel”, eu falei: “acho que não professor, eu vim aqui para fazer Licenciatura e eu vou terminar Licenciatura” e ele: “não, mas eu acho que you tem que ter uma perspectiva de futuro, você tem que fazer as matérias do bacharel ou então entrar no mestrado em Matemática pura” e eu: “bem, eu não sei professor, eu acho que não vai compensar porque eu estou na Licenciatura e a ideia talvez seja fazer alguma coisa em Matemática pura no mestrado e no doutorado e voltar para Educação para aplicar aquilo que eu estudei na pura”, aí ele: “é, vamos ver porque hoje em dia o mundo precisa do quê? De matemáticos puros!”.

Aline: Educação, não.

João: Nem está faltando professor de Matemática!

Zeus: É mais nesse caminho que eu estou indo com ele, mas eu vou tentar mudar isso.

Adriana: E a gente vai torcer pra você conseguir.

Aline: Educação não precisa, precisa só de Matemática pura!

Adriana: Isso é muito louco porque eles dão aula, são professores e com essa postura diante de futuros professores.

João: Só que eles acham que para ser professor basta você saber o que você dá, tipo assim, Álgebra Linear, se você souber Álgebra Linear você já é um professor, pra eles é isso. Eles acham que essas matérias em Educação são desnecessárias porque ser professor é você saber alguma coisa e você ensinar alguém, você não tem que controlar a turma, você não tem que ter didática, você não tem que saber passar o conteúdo, então é só você chegar lá e pronto.

Adriana: Só que até você chegar à universidade você precisa de professor.

João: Exatamente...

Viu só? Ir para a escola não é uma perspectiva de futuro. O futuro mora longe da escola, mas as crianças são o nosso futuro...

Se tivéssemos pessoas mais humanas e sensíveis já estaríamos em melhores condições...

Acho que é aquele modo de pensar a educação tal como li no texto. O par ciência/técnica defendida pelos cientistas, técnicos e especialistas...

Um novo encontro do GELIMAT

Ainda bem que os últimos dias passaram rápido e esse encontro chegou! Eu nem consegui ler mais algumas entrevistas. Acho que para esse encontro já tenho algumas coisas para contar, mas para os próximos preciso ler todas, ou melhor, quero ler todas. Como ninguém sugeriu outro local, vamos nos encontrar à sombra da figueira novamente. Vou tentar chegar uns minutinhos antes, tomara que tenhamos mais colaboradores hoje. A Gislaïne mandou um *Whats* dizendo que não poderá participar desse encontro, mas que virá no próximo. Ainda bem que ela continua interessada; a sua fala foi bem legal da última vez.

Quando vou chegando ao local vejo um grupo grande e nele estão os rostinhos conhecidos: Marcelo, José, Fernanda, Maria, Diego, Larissa, Fabrício e Fabiana. Caraca, a Fabiana veio??? Que legal!

— Olá turminha da discussão! — já tento animar o pessoal. — Fabi, que legal que você veio! Senti sua falta no último.

— Oi, Dri — ela responde e tenta justificar sua ausência. — Como eu disse, eu estava muito envolvida com a minha campanha naqueles dias, agora que a eleição passou estou com mais tempo livre.

— É mesmo! E parabéns pela vitória, estamos contando com você para a nossa representatividade — já tento trazê-la para o grupo.

— Pode deixar. Já estou aqui! — Ela parece interessada em participar.

Vejo que há outros estudantes que não estiveram presentes na última reunião, acho que o boca-a-boca deu certo.

— Pessoal, já são 16h, vamos começar? — inicio a conversa.

Todos concordam e começo a fala pedindo para os novatos se apresentarem tal como no último encontro.

— Olá, meu nome é Ricardo e estou no segundo ano do curso. Eu escolhi a Licenciatura porque os meus pais são professores e desde sempre eu tive vontade de ensinar, de ter meus alunos, tal como eles. O meu pai é professor de Matemática, então a escolha pelo curso veio por influência dele, nunca tive dificuldades na escola com essa matéria porque ele sempre me ajudou muito. Estou gostando do curso, eu participo do PIBID junto com a Fernanda e a gente aproveita bastante o projeto.

Então é o PIBID mesmo que a Fernanda participa, nem precisei perguntar. Mas porque será que nunca ouvi falar desse projeto aqui no curso? Será que ouvi e não dei atenção? Estranho.

— Boa tarde, eu sou a Joana e estou no terceiro ano do curso. Matemática foi minha segunda opção, como não fui chamada na primeira, para Engenharia, resolvi fazer esse curso. Eu ainda penso em pedir transferência para a Engenharia, pois não estou animada com a ideia de ser professora, principalmente depois que começou o estágio. A escola é assustadora, estou com muito medo.

A Joana é da minha turma, mas a gente quase não conversa. Ela está fazendo estágio com a outra dupla de professoras e pelo jeito a situação é a mesma.

— Bem, acho que todos me conhecem, eu sou a Fabiana que passou esses dias de sala em sala fazendo campanha... Eu estou no terceiro ano do curso e escolhi Matemática porque eu acho que ser professor é exercer um papel importante na sociedade. Eu tenho intenção de atuar como professora na educação básica. Eu acho que o nosso curso é apoliticado: está acontecendo um monte de coisas no nosso país em termos de educação e ninguém discute nada, parece que fica todo mundo alienado só fazendo contas. Acho que nós temos muito que discutir aqui.

De forma breve os participantes que estiveram presentes no último encontro se apresentam para os novatos e eu dou continuidade à reunião.

— Bem pessoal, obrigada pela presença. Eu não sei se vocês sabem como funciona a nossa dinâmica, mas a ideia é que cada um fale o que tiver vontade de falar sobre o curso, aqui é um espaço para discutirmos sobre a nossa formação. Porém, antes disso eu gostaria de dividir umas informações com vocês. Dias atrás eu entrei em contato com a Professora Adriana, a pesquisadora que esteve aqui e que motivou a criação desse grupo a partir do encontro que fizemos para sua pesquisa. Trocamos alguns e-mails e ela me disse que continuou fazendo a pesquisa dela por diferentes locais do país, entrevistando grupos de estudantes de cursos de licenciatura em Matemática. Daí eu perguntei a ela sobre as percepções dos outros estudantes, se eram próximas ou diferentes das nossas. E para minha surpresa ela me enviou as transcrições das entrevistas. Ela pediu para não divulgar o arquivo, pois ainda não concluiu o trabalho, mas eu posso compartilhar com vocês as impressões que tive dessas leituras.

— Que legal Dri, deve ser interesse saber o que um estudante da matemática de outra região pensa sobre o seu curso — afirmou o Marcelo.

— Eu gostei bastante, mas acho que podemos ir discutindo e conforme surgir o assunto ou eu me lembrar eu vou falando — acrescentei.

— Eu me lembro de que eu e a Gislaíne começamos a falar que a maioria dos professores que atuam no nosso curso são bacharéis e não licenciados — disse o Zé.

— Isso é verdade. E eu acho que por conta dessa realidade que o nosso curso tem poucos projetos voltados para a formação de professores. Por exemplo, esse projeto que eu e a Fer participamos, o PIBID, é um programa de governo que visa incentivar os licenciandos a atuarem como professores ao final do curso. Como nós temos apenas uma professora que decidiu abraçar o projeto, então nós temos poucas vagas. Mas mesmo que não fosse esse, há outros projetos que poderiam ser realizados caso houvesse mais docentes interessados nisso. Eu penso assim — colocou o Ricardo. Viu só como esses alunos que participam de projetos tem uma postura diferenciada. Ele falou super bem.

— Esse eu acho que é um ponto que não se discute aqui e isso para mim é política. É claro que temos uma luta de poderes aqui dentro. São duas áreas lutando por espaço e prestígio e isso deveria ser discutido de forma clara e não da forma como a gente vê, uns querendo boicotar os outros. Se o chefe do Departamento é da Matemática, o que acontece a maior parte do tempo porque eles são a maioria, ele só favorece esse grupo. Se a situação se inverte acontece o mesmo. Parecem crianças disputando brinquedos. O duro é que o brinquedo deles é a nossa formação e eu acho que isso tem eco lá na escola, quando saímos daqui despreparados e vamos atuar como professores. — Era certo que a Fabiana traria essa análise política para a situação. Eu acho ótimo isso, a participação dela nesse grupo é fundamental. Vou aproveitar o gancho e contar a história que li lá da UFPR.

— Então, nesse ponto eu li na entrevista com os estudantes da Licenciatura em Matemática da UFPR, inclusive um deles também era representante discente como você Fabi, ele contou que um dia em uma reunião de colegiado uma professora da Educação Matemática teve que implorar por uma vaga para um professor que atuasse na mesma linha que ela. Os outros professores queriam mais um matemático, independente de já haver uma porção deles. São muito estranhas essas situações.

— Bem, eu já deixei claro o meu interesse em atuar como matemático, desenvolver pesquisas e eu vejo que o único modo de conseguir isso é sendo professor em uma universidade e daí pode ser que eu atue tanto na Licenciatura como no Bacharelado. Mas o que eu gostaria de dizer é que eu estou cursando uma Licenciatura e com isso eu estou tendo a oportunidade de perceber o quão complexo é você pensar a formação de um professor. As disciplinas pedagógicas são eternamente mais difíceis do que as disciplinas de Matemática Pura; pelo menos para mim elas são terríveis. Então sinceramente, eu não vejo como que uma pessoa que fez só o Bacharelado se diz preparada para atuar na formação de professores. Eu tenho dúvidas em relação a isso. — Por isso que eu me dou bem com o Diego. Ele é sensato, apesar de ser chatinho, às vezes.

— Eu concordo com você, Diego — diz o Ricardo — mas eu já tive algumas experiências com professores que são bacharéis, mas que se preocupam e se interessam pela nossa formação. Eu conheci um professor que me disse que tem procurado aprender sobre formação de professores com alguns colegas que trabalham com ele. Por enquanto, ele tenta evitar essas disciplinas que trabalham mais a questão da Prática de Ensino, mas ele diz que está se preparando para esse tipo de trabalho. Então eu acho que...

— Depende do professor! — fazemos um coro e o Ricardo fica sem entender.

— É que na última reunião Ricardo chegamos a essa conclusão também, que quase tudo sempre depende do professor. Eu acho que a questão é como não ficarmos refém disso, de algo tão subjetivo, tão pessoal — tento explicar a situação para ele.

— A gente volta para a discussão política. É a mesma coisa, um modo de diminuir esse problema seria restringir as vagas de docentes para os cursos de Licenciaturas para apenas professores licenciados. Mas isso significa tirar oportunidades de trabalho dos bacharéis... — acrescenta a Fabiana.

— Eu não sei, mas eu acho que um problema está no fato de que muito dos professores bacharéis são doutores e não atuam no ramo da pesquisa. E com isso eles também não criam oportunidades para que os acadêmicos desenvolvam pesquisas durante o curso, mesmo que na linha da matemática pura. Isso não é um problema. O problema é nós não termos oportunidades porque o cara não quer ter trabalho de se envolver em projetos e tudo mais. Isso sim é um problema. — O Marcelo já parece se exaltar com a discussão. Ele gosta dessa linha da matemática e gostaria de pesquisar nessa área, mas o difícil é conseguir apoio. Ele acabou se envolvendo mais com professores da educação e agora pensa em ser professor.

— Eu já ouvi um professor dizer que pesquisador é quem faz pesquisa e não quem tem doutorado — diz a Joana.

— Nesse ponto eu gostaria de dizer que as estudantes da UEPA têm um contato muito bom com a pesquisa dentro do curso. Desde o primeiro ano, assim como você Fer, elas participam de projetos, eventos, escrevem artigos. Elas falaram muito de duas professoras que são da Educação Matemática e que trabalham com elas desde o primeiro ano. Eu fiquei de queixo caído lendo a entrevista delas. — Falo sobre outro ponto da minha leitura.

— Que legal, Dri — responde a Fernanda — eu acho que isso poderia acontecer em todos os cursos e mais, em todos os anos dentro de um curso. Isso não deveria ser uma postura de um ou outro professor, mas do grupo que trabalha com a Licenciatura. E eu

nem acho que é preciso ser doutor para isso, eu penso que seja possível realizar vários tipos de projetos na universidade e na escola que possam atender a nossa formação, independente da titulação do docente.

— Só um ponto, Adriana: essa formação aí que você falou é para professor ou para pesquisador? — questiona o Ricardo. Não sei o que responder, ele me pegou de surpresa. Ainda bem que a Maria continuou falando, acho que ela e os outros nem escutaram o que ele falou. Mas eu escutei e me fingi de surda! Porém, essa pergunta me pegou de jeito, então todo aquele trabalho que eu achei o máximo pode ser entendido dessa forma, como uma formação para pesquisador em Educação Matemática? Será que seria esse o propósito daqueles formadores? Se for, então pode ser que esses alunos partam para a pós-graduação, voltem para atuar na licenciatura e deem continuidade a esse ciclo. É isso? Exagerei um pouco, mas imagino que há grandes chances de isso acontecer. Eu preferiria não ter escutado, pois agora vou ter que pensar sobre isso também. Deixa eu voltar para a discussão.

— Eu também acho que poderia haver uma postura diferente entre os estudantes, no sentido de todos quererem participar das atividades do curso. A gente vê que o pessoal é bem desanimado e isso é ruim — coloca a Maria.

— Nesse ponto eu posso falar de outra leitura que eu fiz, Maria. Foi a pesquisadora que me indicou também — acrescento. — É um texto que fala bem isso que você está dizendo, a gente assumir uma postura de disponibilidade, entrega e envolvimento com as situações que somos confrontados. Seria uma maneira de nos deixar tocar pelos fatos e não simplesmente passar por eles como passamos por algumas disciplinas, sem que nada mude nossa forma de pensar e agir.

— Gente, eu me esqueci de contar, mas a nossa amiga Adriana está virando filósofa. — Todos riem. O Diego tinha de zombar de mim.

— Tudo bem Diego, pode zoar da minha cara que eu nem ligo. E esse negócio aí de eu virar filósofa pode ser verdade mesmo, estou pensando seriamente em fazer o curso de Filosofia, por que não? Se isso me ajudar a pensar mais sobre a vida e tudo que me acontece, não vejo melhor alternativa. — Esse Diego é dose.

Depois da gracinha do Diego foi difícil retomar a seriedade da discussão e logo o grupo se dispersou e fomos embora, mas acho que foi produtivo. Agora tenho pensado que todas as oportunidades de discussão podem ser aproveitadas por mais que sejam momentos breves, pois sempre fica algo para se pensar. Acho que vou para casa ler um

pouco mais de entrevistas; estou curiosa se sempre irei me identificar nessas falas ou se haverá momentos de estranhamento também. Bem, só lendo para saber.

Estudei um pouco para álgebra, então acho que posso partir para as leituras sem me sentir culpada pois já recarreguei minha bateria de conhecimentos matemáticos tão significativos para minha formação (sqn!). Vamos lá, acho que vou ler a entrevista que ela fez na universidade dela, vamos ver o que acontece lá.

Santo de casa não faz milagre

O encontro na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Quando me encontrei com os estudantes da Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 23 de fevereiro de 2016, eu ainda trabalhava com a proposta de constituir um grupo de discussão com esses estudantes e realizar vários encontros para que debatêssemos sobre questões relativas ao curso que fossem de interesse deles. E nessa proposta eu realizei dois encontros com esse grupo. Entrei em contato com esses estudantes via Marilena, pois naquele momento ela ministrava uma disciplina para eles; apresentei minha proposta e eles prontamente aceitaram meu convite. Nesse primeiro encontro me reuni com Leonardo, Joan e Gleyson; no segundo encontro, que aconteceu em 08 de março, além desses estudantes estive presente outro colega de turma, o João.

De certa forma posso dizer que esses dois encontros me fizeram desistir da proposta de pesquisa que eu tinha naquele momento, não por conta dos estudantes, eles foram ótimos e, de fato, fizeram uma boa Análise do curso que vivenciavam no momento. A minha

angústia surge justamente por sentir que aquelas histórias por eles contadas se pareciam muito com a história que eu poderia contar sobre esse curso, uma vez que sou egressa dele. Eu me sentia próxima demais daqueles relatos e continuava ansiando por ouvir outras histórias, por saber se em outros lugares poderia haver outros cenários, outras discussões. E então por alguns meses eu fiquei pensando sobre que rumo dar à minha pesquisa e depois de um tempo ela tomou a forma que tem hoje e que eu apresento nesses textos. Assim que recomecei o estudo mandei mensagem aos estudantes dizendo dos novos planos, agradecendo suas contribuições e avisando que não haveria outros encontros com eles.

Apesar de ter havido essa mudança no formato da pesquisa, vi que esses dois encontros poderiam ser considerados para esse novo estudo, pois a ideia da entrevista não foi diferente da que realizei em outros lugares. Aqui também pedi aos acadêmicos que falassem sobre seu curso de modo geral e não apresentei um roteiro de questões pré-estabelecido. A diferença é que não pedi no início da entrevista que eles fizessem

Será esse um sentimento comum?

aquela apresentação inicial e ao final delas havia a promessa de que haveria novas oportunidades de discussão. Com relação a apresentação, como mantive contato com eles após esses encontros, posteriormente solicitei essa apresentação e eles me enviaram áudios, via *WhatsApp*, com uma apresentação pessoal e uma fala sobre os motivos que os levaram a escolha da Licenciatura.

Considerei mais produtivo realizar uma única textualização para as duas entrevistas por se tratar de ideias sobre um mesmo curso. Apenas para diferenciar que se trata de falas em momentos distintos, inseri uma marcação no texto.

Os estudantes

Meu nome é **Leonardo da Silva Lima**, eu sou atualmente graduando em Licenciatura em Matemática e estou no quarto ano. No início eu realmente não queria esse curso, eu queria uma Engenharia, mas acabei tendo nota somente para entrar na Matemática; conforme o tempo foi passando e depois de algumas experiências dando aulas particulares e trabalhando numa escola, num trabalho que eu fiz acho que no segundo ano, eu descobri o

quanto eu gostava de dar aula e decidi que esse seria o meu curso, mesmo não concordando com a grande quantidade de matérias difíceis que a gente tem. Eu entrei no curso não querendo ser professor, as pessoas falavam: “faz Matemática, você vai ser um bom professor” esses tipos de coisas e eu não queria muito, já com o estereótipo anterior de que ser professor é algo difícil, algo que não é bem recompensado, que não vai ser bem remunerado e tudo mais. Mas entrei e acabei gostando da ideia de ser um professor.

Eu sou o **Joan**, quando eu entrei para Matemática Licenciatura não era a primeira opção que eu tinha escolhido, eu queria cursar Engenharia Civil, mas como a minha nota no ENEM na época não dava para entrar para Engenharia Civil eu falei: “bom, vou fazer um semestre, um ano aqui de Matemática e depois eu tento mudar o curso pra Engenharia Civil” só que nesse um ano eu fui conhecendo o curso e fui conhecendo mais sobre Engenharia Civil e vi que eu estava me identificando mais com o curso de Matemática

mesmo e esse foi o motivo para eu ter continuado e ter me formado²³.

Meu nome é **Gleyson**, desde o início tive facilidade em aprender Matemática, sempre na presença de bons professores, mesmo em rede pública. Posso justificar por ter bom desempenho nas Olimpíadas²⁴, não cheguei a ser medalhista, mas consegui menções honrosas. No Ensino Médio tive um professor que inclusive é meu amigo, nos encontramos eventualmente. A proximidade que eu tive com esse professor me motivou muito na escolha do curso, por mais que a área de professor possa ter empecilhos que pesam em uma escolha de carreira, o que me encantava em estudar Matemática era que aquilo, de certa forma, era fácil para mim e não para os outros; isso de alguma maneira me tornava especial e isso é uma grande motivação. Em sala de aula, eu meio que fazia o papel de um monitor dos meus colegas, sempre que podia tirava dúvidas. No ENEM não obtive uma nota muito satisfatória, o motivo principal foi por conta do foco apenas em Matemática (minha maior nota), as

outras foram muito medianas e por conta disso não tive uma média alta e fiquei sem muitas opções de escolha, até então eu não fazia ideia do que escolher, a não ser a área de exatas. Refleti bastante durante aquela semana de inscrições do SISU²⁵, e acabei optando por Matemática. Não que fosse a última opção, lembro bem dos meus colegas dizendo que eu deveria me tornar professor de Matemática, pois eu explicava bem, tinha paciência entre outros fatores que contribuíam para essa profissão. Mesmo relutante inicialmente, eu tinha a opção de que se quisesse entrar em alguma Engenharia posteriormente poderia cortar matérias, já que as grades nos primeiros anos são parecidas.

Eu sou o **João** e o que mais me motivou a escolher Licenciatura foi trabalhar no ramo. Quando entrei no curso de Matemática eu não sabia ao certo se iria seguir até o fim ou não. Quando surgiu a oportunidade de emprego, já no segundo ano de curso, eu comecei a trabalhar como monitor de Matemática do Ensino Médio, também como professor substituto, e com os plantões

²³ Como essa apresentação foi realizada pelos estudantes um tempo depois da entrevista Joan já havia se formado.

²⁴ Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas

²⁵ Sistema de Seleção Unificada

de dúvidas, onde eu atendia individualmente as dificuldades dos alunos. A partir de então, fui me encontrando, me sentindo bem ali, ensinando, e colhendo frutos, recebendo elogios. Passei a trabalhar como professor particular, e buscando cada vez mais estudar e buscar meios de ensinar. Tive, e tenho, grandes colegas e amigos que muito me incentivaram, e me incentivam, a prosseguir, crescer, ir para um mestrado, doutorado, quem sabe... Eu penso em fazer mestrado e apesar de eu gostar bastante eu não faria na área de Educação. Apesar de querer ser professor também, mas assim, eu gosto muito de Filosofia, sempre gostei muito, tive professores que me instigaram muito nessas disciplinas e assim você parar, pensar, refletir, eu gosto bastante disso, mas estudar bases teóricas isso e aquilo, sei lá, não me desperta o interesse em fazer um mestrado nesse âmbito, quero ser professor da Educação Básica, não tenho ainda, por enquanto, interesse na universidade. Não vou falar que, quem sabe, mais para frente, porque não, quero fazer um mestrado para ter o título de mestre mas para dar aula em universidade, a priori, não.

Primeiras impressões sobre o curso

Leonardo: Ao entrar no curso de Matemática a gente se depara com um curso muito difícil, não tem uma expressão melhor para ele. Eu e o Gleyson, tivemos um ensino somente em escolas públicas e viemos com uma capacidade de pensamento matemático ou de abstração muito baixa.

Gleyson: É como se fosse outra Matemática que a gente visse no curso, completamente diferente. Mas até que é uma parte boa porque a gente vai ver a essência, mas a gente não está necessariamente preparado.

O que seria essa essência?

João: a ideia que eu tinha de Licenciatura é que seria assim: o objetivo é formar professores para a Educação Básica, vou me aprofundar nisso, vou trabalhar em cima disso que vai ser o meu objeto de trabalho futuramente, era inclusive uma das motivações para eu continuar no curso. E fazendo o curso, começando a ter as outras disciplinas eu vi que não era bem assim que funcionava.

Acho que essa pode ser uma das conclusões mais tristes em um curso de licenciatura: perceber que seu foco nem sempre é formar professores. Mas daí eu me pergunto: o que fez o João continuar se ele queria ser professor?

Disciplinas introdutórias

Leonardo: Ao entrar aqui você se depara com coisas que nunca viu, você

entra com Introdução ao Cálculo, Introdução a Lógica, ao menos a nossa grade era assim. A Introdução a Lógica é um completo Latim para quem nunca tinha visto nada daquilo, agora que está sendo implementado nas escolas e nós não viemos preparado para isso. Talvez mudando a estrutura do curso, poderíamos nos sentir mais preparados, mas acho que essa questão de mudar a estrutura do curso é muito mais no conceito de como está, de observar como está o curso, se esse é o certo.

Será que os professores do curso imaginam que os estudantes têm essas percepções?

Gleyson: Introdução ao Cálculo é basicamente uma revisão do Ensino Médio até Trigonometria na circunferência. Ela ajuda muito, ainda mais pra mim que não tive um bom Ensino Médio. No primeiro ano é basicamente Função que a gente vê; só que não fui bem apresentado a isso, fui aprender Função aqui mesmo na faculdade, não sabia quase nada. Tem muita gente que não consegue associar Introdução a Lógica com o resto do curso, até mesmo no quarto ou terceiro ano. Por mais que tenha relações, pode ser a estrutura do curso que não relacionou. Não fez claro para os alunos.

Ouvindo isso dá até para pensar no curso como um aglomerado de disciplinas divididas em quatro anos

Leonardo: Depois que você cria um pouquinho mais de experiência, você

entende que a Lógica vai ser usada na Álgebra e que ela é uma base muito importante, mas ainda assim, pelo menos para mim, até hoje, muito daquele conteúdo não foi usado, não está sendo usado, ele foi simplesmente esquecido.

Sobre práticas docentes

Gleyson: Em Álgebra, por exemplo, talvez a professora possa ter ajudado um pouquinho, mas teve muita desistência nessa turma, fiz Álgebra I no primeiro semestre do segundo ano e teve uma desistência gigante.

Leonardo: Para você ter uma noção da desistência, se eu não me engano, estávamos inscritos 25 alunos, na primeira prova se fizeram 10 foram muitos. Depois da primeira prova 4 alunos assistiam à aula e desses só 3 eram da Matemática, então 3 alunos para uma matéria essencial dentro do atual currículo da Matemática assistindo essa aula, tem algo errado aí!

Tem algo muito errado!

Gleyson: Quando eu fui fazer Álgebra pela segunda vez, foi seguir o livro teorema por teorema, página por página. E a prova seria basicamente o que a professora passava de teorema.

Leonardo: Para a primeira professora fazia mais sentido, existia uma estrutura diferente para a passagem de Álgebra que não foi essa segunda que ele relatou, mas mesmo assim era um conteúdo bastante abstrato, nós entramos aqui e não estamos acostumados com essa abstração, característica da própria Álgebra. No primeiro ano, acredito que a matéria

E essa tarja? Ela está presente em quase todas as entrevistas. Será que não pode dizer o nome? Deve ser uma questão de ética... Se bem que se for por isso tinha que ter tarja era nas histórias bizarras que tenho lido. Para mim não há falta de ética maior do que o descaso com a formação de um professor!

que era a responsável para te preparar para essa abstração era Introdução a Lógica, mas que não prepara tão bem.

Leonardo: Alguns professores, como por exemplo, o professor [REDACTED], passam o conteúdo até Introdução ao Cálculo e há comentários com o foco sobre como a gente ensinará isso...

Joan: no Ensino Médio ou no Ensino Fundamental.

Leonardo: Outros professores não. Outras matérias têm defasagem e assim por diante.

Joan: Em Álgebra a gente teve experiência com a professora [REDACTED] que muitas vezes é um pouco odiada pelos alunos. Primeiro a gente ficou meio chocado do jeito que ela dava aula, do jeito que ela conduzia, era diferente. Ela dava uma aula muito boa em Álgebra I e II e as vezes com enfoque para o Ensino

Médio. Ela sempre trazia alguma coisa: “ah, isso aqui usa na olimpíada de Matemática lá da Alemanha”. Tudo bem que ela trazia umas coisas não muito fáceis, mas trazia as coisas que estavam na sala de aula e que estavam em outros lugares para mostrar para gente como era a realidade.

Leonardo: Para mim, a aula da [REDACTED] como explicação, no momento de transmitir o conteúdo, é uma das melhores, porque ela parte de uma premissa e vai analisando, vai construindo o pensamento, tentando tomar um pouco da participação das pessoas da sala, mas só tentando, porque muitas vezes não participam.

Gleyson: Uma das poucas que fazem isso.

Leonardo: Exato, mas ela é a dona da sala com três pessoas!

Joan: Sim, isso é verdade. Ao mesmo tempo que ela tinha um ensino que era muito bom, mas era um ensino que você senta e escuta, mais tradicionalista; mas entre os professores que eu vejo hoje, ela era muito melhor assim, na maneira que ela falava, explicava o conteúdo, passava essa realidade do Ensino Médio, fazia essa ponte, coisa que em Álgebra III e Álgebra IV a gente não vê muito,

Relações difíceis, porém necessárias! Será?

Não seria mais fácil se tudo fosse só o mundo da Matemática? Ou então só o mundo da educação??? Do que estou falando? Quem constrói mundos são as pessoas, não áreas de estudo. A vida de um matemático ou educador matemático ou de qualquer um tem de tudo. É vida, é mundo!

eles ficam muito presos no mundo da ciência e esquecem o mundo do Ensino Médio.

Leonardo: Essa é a questão, eu não critico ela como aula, só como tratamento das pessoas no meio da aula. Pelo tratamento das pessoas que a turma ia se esvaziando e também por ser uma matéria difícil, meio complicada, os alunos vinham com dificuldade e lá no momento ela nem sempre sanava essa dificuldade e ainda dizia: “se você não sabe essa dificuldade, que bom, seu lugar não é aqui”.

Joan: Mais ou menos assim, você assiste a aula se quer, se não quer...

Gleyson: Não é um problema, mas para o segundo ano, ter seis alunos inscritos numa matéria, três frequentes, durante um semestre inteiro...

Leonardo: Essa professora é lenda aqui, muitas pessoas conhecem de outras matérias. Ela aposentou, vá em paz! Ela era uma pessoa boa, fora de aula. No corredor ela era um amor de pessoa e tudo mais, o problema era dentro da sala de aula. Mas a [] consegue ser mais tradicionalista ainda.

Gleyson: Até porque eu acho que ela não teve experiência com alunos do ensino regular.

Joan: Isso é uma coisa que acontece no nosso curso, que os professores que vão dar essas disciplinas de Cálculo, de Álgebra, são pessoas que são formadas no Bacharelado em Matemática. Então quando eles chegam aqui pensam que só têm que escrever e transmitir o conteúdo. Muitos são assim: pegam o livro didático e copiam no quadro. Aí você não entende eles vão explicando.

Leonardo: Por exemplo, a [] passa o conteúdo numa velocidade, de uma forma, como se fosse, pelo que parece, as vezes que a gente já foi na sala dela e que eu conversei com ela, que é a velocidade que ela estuda. A capacidade dela de abstração é diferente.

Gleyson: É isso que conta para ela, como se todos fossemos iguais.

Joan: Ela fala assim: “se você está com muita dúvida, então você tem que estudar mais. Se você não está entendendo o conteúdo é porque você tem que estudar mais”.

Leonardo: Não está necessariamente errado, mas às vezes a gente precisa de uma abordagem diferente. A gente vê

Eu ainda não sou professora, mas francamente, para fazer isso eu fui capacitada ainda na educação infantil!

É impressão minha ou há um certo tom de conformismo nessas falas? O que acontece para que isso ocorra? Seria esse um movimento de aprendizagem da velha expressão: tem que se adaptar?! O discurso da adaptação não seria arrogante a ponto de levantar suspeitas? Se tenho que me adaptar a algo é porque esse algo desconsidera a potência da minha presença... me coloca em posição inferior. Por que nos colocamos a nos adaptar legitimando essa ideia?

É perverso... Será que garantir a clareza dessa estrutura é um modo de manter as regras fixas e aumentar minhas chances de, um dia, estar em outra posição às custas da adaptação de alguém?

Dois agravantes ao mesmo tempo

isso nas Práticas, a abordagem é muito importante. No construtivismo a abordagem é uma coisa muito importante, porque o aluno ele constrói o seu conhecimento, mas se você vier com uma abordagem que dá a resposta para ele, seu método vai por água abaixo. Por exemplo, você tem alguns professores, o [REDACTED] é um bom foco, havia partes bem tradicionalista, mas ele dá um enfoque, em vários momentos para questão do ensino. [REDACTED] também fez isso, tentou fazer isso com Cálculo I e Álgebra Linear.

Gleyson: Mas resumindo, não é a maioria!

Joan: Não é a maioria!

Leonardo: Não é a maioria, eu só consigo pensar neles, por exemplo, o professor de Lógica, em momento algum ele fala como vocês vão ensinar isso no Ensino Médio.

Joan: Eu fui monitor do professor de Lógica por um ano e eu pude ver que nesse um ano não se mudou tanta coisa sabe, mas eu vi que quando estava no outro semestre ele estava meio que com uma certa angústia de não conseguir passar o que ele quer para os alunos, os alunos não entenderem, os alunos todos irem mal. Aí ele até

começou a tentar pensar em trabalhar com bloco lógico, esse tipo de coisa, foi um trabalho que ele não chegou a concretizar naquele semestre, mas ele já estava com o projeto de aplicar. Então, eu acho que tem professores que você pode falar dessas questões didáticas que eles não gostam e nem querem saber, mas tem professores, por exemplo, o [REDACTED] que eu acho que se interessaria se você desse formas diferentes para ele ensinar a matéria, formas que os alunos compreenderiam melhor. Uma coisa é um aluno e outro irem mal, outra coisa é, todo ano, ser de lei, todo mundo ir mal. É uma matéria que você chega como calouro e todo mundo já te fala: “olha, Lógica é uma matéria que ferra muita gente”.

Gleyson: Eu encontrei com o professor no corredor e ficamos conversando; ele disse que a Lógica seria como se fosse uma peneira para o cara que entra em Matemática ver o que ele vai enfrentar daqui para frente. Como se estivesse selecionando os que vão continuar no curso. Na nossa turma passaram 3 alunos na primeira vez de 60 inscritos mais os veteranos.

Ou seja, um fracasso total.

*Exatamente!
Não dá para pensar que se trata só de um conteúdo difícil. Por outro lado, conteúdo e docente não são as únicas variáveis nessa discussão.
Entre as inúmeras a serem consideradas está a Santa Ementa. Isso porque, em nome dela, são cometidas grandes violências!
Quem pensa nisso é professor... não dá para pensar como professor quando se está a discutir, por exemplo, currículo? Às vezes penso que seria melhor ter menos conteúdos para aumentar a profundidade da discussão...*

João: Já escutei muito que a universidade está com muito dinossauro e eu concordo um pouco com essa frase. Não vamos falar em questão de idade, tem professores mais novos que a gente teve aula e que foi aquele negócio. Cálculo I e Álgebra Linear. Vocês lembram?

Joan: Eu não sei o que você está defendendo, mas eu gosto do [REDACTED].

João: Não, enquanto pessoa, um professor muito gente boa, atencioso, beleza, mas a gente não teve Cálculo I e Álgebra Linear. Em questão de conteúdo que era programado para essa disciplina não foi lá essas coisas, ele colocava o livro do Guidorizzi no quadro com todos os pontos.

Gleyson: Só para a senhora ter uma ideia, não sei se era a primeira turma que ele pegava com a gente, mas ele tinha uma proposta completamente diferente dos outros professores, até porque não teve muito conteúdo, mas o que ele passou era muito detalhado. Ele não chega e apresenta a definição e você aceita a definição, ele fica discutindo, só que a sala estava misturado Engenharia e Matemática. Álgebra Linear também ele deu aula e estava misturado a turma, tinha muito

aluno, mas ele procurava sempre discutir, teve, por exemplo, para usar o escalonamento, ele não usou a definição do livro, ele escreveu com as palavras dele, ditou para gente o como ele resolveria, uma proposta completamente diferente que os outros professores não adotam, talvez seja a Educação.

Leonardo: Uma proposta diferente. Ele é da Educação a distância. Sobre Álgebra Linear eu acredito que não foi tão “satisfatório” porque ele não cumpriu com todo o currículo do curso, até aí ok, não foi satisfatório, mas, por exemplo, vou colocar um exemplo de Cálculo I que não tinha texto ainda, ele perguntou em uma determinada questão o que é uma derivada? Você podia definir essa derivada.

Gleyson: Era para escrever o que você pensava, o que você entendia com base nas aulas anteriores.

Leonardo: Então, ele considerava. Então você considerar um conceito de pensamento do aluno não é uma coisa que acontece muito na Matemática, que as pessoas estão mais preocupadas em você conhecer o teorema, saber o resultado dele, saber a aplicação e não como o seu aluno está entendendo esse

A importância de conversar com o outro e não só sobre o outro.

teorema. Uma pessoa que te pergunta o que é uma derivada e pede que você justifique sua resposta ele quer saber não só se você sabe, mas como você sabe e se você tem a capacidade de justificar isso e esse é um ponto importante, por mais que ele não tenha cumprido todo o seu conteúdo em Álgebra Linear, eu acho que em Cálculo I foi satisfatório.

Gleyson: O método de avaliação dele não era por ponto na prova, ele olhava no geral sua prova e dava a sua nota, a que você merecia.

Joan: Nisso tem uma crítica que eu quero fazer relativa a aula dele e já com outros professores que eu estou tendo agora, digamos assim, a sala está com dificuldade numa certa coisa, só que essa certa coisa muitas vezes eu não estou com dificuldade, entendeu, aí o professor fica voltando a definição muitas vezes, explica de uma mesma forma e daí as pessoas que já estão entendendo elas tem que ficar parada, esperando todo mundo entender pra você poder prosseguir. Na aula de Álgebra Linear, por exemplo, eu ficava dormindo, daí o professor ficava fazendo pergunta e os cara não conseguia responder, aí eu acordava.

Leonardo: Eu acho que está certo que os professores têm que voltar, só que os professores só estão errados, não por voltarem, mas sim por explicar de uma mesma forma.

Joan: É verdade isso aí.

Leonardo: O [REDACTED], professor nosso em Cálculo I acho que foi satisfatório, inclusive porque ele não passou um método super complicado e confuso para resolução de exercícios, mas focou de um jeito que a gente acharia mais produtivo.

Gleyson: Ele não passava lista de exercícios.

Leonardo: Mas na matéria de Álgebra Linear que aconteceu o problema, que foi onde a gente não completou todo o conteúdo, que foi bem maçante para escalonamento.

João: E o foco dele quando foi matrizes e sistemas não foi um foco assim de como ensinar, mas ele ficou em matrizes e sistemas, mais por causa do pessoal da Engenharia, porque nós da Matemática mesmo ali, a gente ficou como o Joan mesmo falou, a gente dormia na aula, não estou falando que o professor foi errado em parar e continuar.

Leonardo: É que foi demais!

Sobre possíveis relações entre o curso e a Educação Básica

Leonardo: Qual a necessidade de um estudo enorme na ciência, na Matemática, nas áreas mais abstratas e tudo mais, sendo que o nosso curso só nos capacita a darmos aula nos Ensinos Fundamental e Médio? Qual a necessidade disso? Por que convenhamos, essas matérias como Álgebra de I a IV, Análise I e II, Cálculo II e III, são matérias que você não estuda em momento algum no Ensino Médio, são matérias de um nível de capacidade de raciocínio e de abstração muito superiores do que de um aluno do Ensino Médio. Mas mesmo assim nós temos que fazer aquela grade. Uma das coisas que me convenceu o pensamento, que me convenceu a acreditar que realmente é necessário esse conteúdo na nossa grade é que, por não haver um curso de Matemática Bacharelado aqui na Federal, a estrutura desse curso foi construída para que a Licenciatura seja um tipo de Matemática mista, um tipo de curso misto, onde a gente veja tanto a Licenciatura quanto o Bacharelado, com o foco bem grande também nessa parte. Então como conhecimento científico,

Parece que o Leonardo encontrou uma justificativa que não justifica nada! A gente não pode se conformar com essa situação, mas como reagir? Todo mundo sabe que aluno questionador é aluno problema, é aluno perseguido...

como seremos ainda matemáticos, propriamente dito, depois de nos formarmos é relativamente válido o aprendizado disso, mas para a sua capacitação não é necessário.

Gleyson: Ou a ideia desse tipo de conteúdo que é passado para a gente seria para o próprio graduando interligar os conteúdos do Ensino Médio com o que aprende, mas é difícil fazer isso.

ou???

Joan: Tanto Análise I quanto Análise II, uma coisa que eu estou vendo é o seguinte: a noção tanto de derivada como de integral eu não acho que seja uma coisa tão difícil assim para os alunos do Ensino Médio. Eu acho que às vezes a gente tem muita mentalidade que o aluno do Ensino Médio é incompetente, que ele que não consegue, mas eu acho que ele consegue sim, o problema está na forma como você ensina isso, como você passa para os seus alunos.

Leonardo: Mas essa é a questão, não tem sido ensinado, isso é um problema do Ensino Médio. Aí você entra no curso da faculdade que eleva a dificuldade exponencialmente, e te capacita a um nível muito maior do que está sendo pedido. Acredito que o curso poderia

Essas falas chocam! Eu as vejo como um pedido de socorro. Não se trata de estudar menos, ver coisas mais fáceis... Se trata de um querer tornar-se professor, só TUDO isso!

Qual é a lógica disso? De fato, eu queria entender! O que eu aprendi no Ensino Médio, se aprendi, não foi com o objetivo de ensinar ninguém! Uma das coisas que aprendi lá, como boa aluna que era, é que, no máximo, eu usaria aquilo para enfrentar o vestibular e o ENEM!

nos capacitar como professores melhores.

Joan: Isso com certeza. O que eu estou falando é o seguinte essas matérias como Álgebra e Análise eu acho que deve continuar é claro, mas eu acho que às vezes a forma como os professores ensinam tinha que ser mais voltado para o ensino.

Leonardo: Exatamente. O ensino é muito teórico, esse é o conteúdo, isto faz parte do seu currículo na Matemática e como matemático você tem que saber. Ao menos é assim que é apresentado boa parte do nosso conteúdo. Eu gostaria de colocar também que nós não vemos conteúdos vistos no Ensino Médio na área da Matemática. Análise Combinatória é um exemplo de matéria que a gente não vê em canto nenhum aqui.

Gleyson: Pelo que eu vi de Prática I até IV, que era passado para a gente, é que tecnicamente a gente deveria saber todo o conteúdo do Ensino Médio, não tinha muita coisa relacionada. Foi passado um trabalho para a gente fazer um jogo sobre Geometria Analítica e a gente tinha que usar o que aprendeu no Ensino Médio e usando por conta. A gente fez um jogo porque era o

conhecimento que a gente tinha do Ensino Médio, era ver equação, calcular um ponto, só isso, mas se era um jogo didático... Tem até uma disciplina chamada Vetores e Geometria Analítica, só que pensando para o ensino não é algo que dá para aproveitar, pra você preparar alguma coisa diferente, algum tipo de jogo, alguma coisa para ensinar, é só teoria que a gente viu.

Leonardo: Utilizando como exemplo, todo o conteúdo de Geometria Analítica que a gente viu e que os alunos veem no Ensino Médio é passado em mais ou menos um mês, sendo que a gente tem quase seis meses para fazer toda a matéria. Em um mês não se passa uma base para você aprender todo aquele conteúdo, é simplesmente como se nós estudássemos sozinhos, não há um foco.

João: A gente não tem Matemática financeira, a gente não tem ensino de progressões, de sequências que eu falo, PA, PG e aí vai, entendeu? Você não tem o ensino de números complexos, a matéria em si, você vai ter função de uma variável complexa, mas os números complexos você não vai estudar. Você tem Álgebra, mas você vai estudar as

estruturas, Trigonometria já é um pré-requisito! O professor vai lecionar Trigonometria no Ensino Médio e ele vai entrar na universidade, então se entende que a universidade vai dar recursos para ele poder lecionar essa disciplina, mas não, você está entrando na universidade e você vai ter que saber Trigonometria porque você vai fazer Cálculo I, II e III e as piores integrais que tem são as trigonométricas e se você não lembra de Trigonometria você vai ter que estudar em casa porque o professor de Cálculo não vai parar para te fazer relações trigonométricas, o professor não vai retomar e isso são coisas que você vai lecionar lá. Então eu vejo muito déficit nisso, na própria Análise combinatória, a gente não tem uma matéria que ensina PFC²⁶, tanto é que foi uma das causas de problema na matéria de Probabilidade e Estatística, o professor dando probabilidade, e probabilidade você usa muito Análise combinatória, casos favoráveis, possíveis, a definição axiomática de probabilidade e daí você precisa ter um jogo de cintura nessa parte de contagem e quem não tem se perde no conteúdo. Eu até fui bem na primeira parte do

*Jogo de cintura??
Como assim?
Se trata de uma formação em improviso?
Isso justifica a grana que é investida nesse curso?
Acho que eu não estou entendendo mais nada, isso sim.*

curso porque eu já tinha essa noção de Análise combinatória, mas eu vou falar assim: eu trouxe isso do meu Ensino Médio? Não. Aprendi Análise combinatória no Ensino Médio? Aprendi, mas não aprendi para dar aula! Aprendi para fazer prova na época do Ensino Médio e a partir do momento em que eu precisei dar aula de Análise combinatória, aí eu tive que estudar. Então eu vejo que esse seria um papel do curso de Licenciatura, mas que eu estou fazendo por conta própria, pelo menos a meu ver. Não sendo tão técnico até, mas vamos voltar um pouco mais, no Ensino Fundamental a gente não teve nenhuma disciplina que falasse de potência e de raiz, potenciação, radiciação, polinômios, monômios, binômio de newton que daí você vai ver lá em combinações, coisas desse tipo que você vai lecionar lá na frente. Mas daí você fala assim: mas é básico o conteúdo! Qual o acadêmico de Matemática que não sabe propriedade de potência? Mas eu acho que falta a formalização do negócio... Foi discutido na aula passada com a professora [REDACTED] que, teoricamente, como está a estrutura do curso aqui, o papel disso

²⁶Princípio Fundamental da Contagem

é das Práticas, mas não está sendo bem feito. A gente já discutiu que tem práticas que não são satisfatórias, mas deixar toda essa gama de conteúdos, teoricamente simples, mas necessários, não cabe somente a prática ensinar. Conversando com os amigos sobre cursos, a gente falou que o nosso curso vai além da Licenciatura, mas não chega a ser um Bacharelado, assim bem hipoteticamente falando. Eu diria que, por exemplo, dá-se muita ênfase as disciplinas de âmbito acadêmico, universitário e esquece as disciplinas da Educação Básica. Se eu vou formar professores para trabalhar na Educação Básica meu objeto de trabalho vai ser os conteúdos da Educação Básica, não estou falando que eu vou privar um acadêmico do estudo de integral, de limite, só estou citando exemplos, eu não vou privá-lo disso, é claro que não, mas meu foco não é esse, meu foco é a Licenciatura, é o aluno dominar aqueles conteúdos para quando ele sair dali ele ter todo o subsídio para lecionar aquilo. Ele estudou a fundo aquilo, desenvolveu projetos, fez trabalhos nas disciplinas de Prática, aprendeu a lecionar e a partir daí beleza, então meu foco é esse. Meu foco não são aqueles conteúdos de graduação, essa parte mais voltada para

universidade, aí sim, se o meu aluno quer fazer um mestrado, agora o nosso foco é outro, então vamos ver outra parte, no doutorado o foco também é outro, mais abstração, pelo menos essa é a minha ideia, o que eu penso. Hoje eu vejo que no curso não acontece, estou indo para o quarto ano, já fiz mais da metade das disciplinas e não tive, a matéria de Prática que ficou incumbida de ver esses conteúdos, mas não teve e mesmo se tivesse, convenhamos que seria impossível. Eu lembro que a professora de Prática IV falou assim: “nós vamos estudar geometria espacial, geometria analítica e números complexos”, era isso, se não me engano. Se você for ver, para o Ensino Médio, vamos supor que o assunto é enxugado, que você não aprofunda com o aluno; Geometria espacial é um bimestre, eu acredito, para você ensinar tudo de Geometria espacial, para Ensino Médio. Daí mais um bimestre para Geometria analítica, às vezes até mais de um bimestre dependendo de como o professor trabalha e números complexos mais um bimestre e daí você espera que a professora de Prática aprofunde cada conteúdo desses assuntos? Em uma aula por semana de 4 horas?! E daí, como foi nossa Prática:

Minha cabeça está dando um nó! Agora eu já estou me perguntando se haveria uma situação ideal, em que tudo seria estudado e todas as dúvidas seriam sanadas? Estou achando que um artigo adequado, lido com calma e criticidade, debatido e um projeto bem desenvolvido pudesse dar conta de boa parte dos problemas. Ou não! E eu que só queria cursar uma faculdade... tinha que cair na mais complexa de todas???

toma aí artigo, lê e depois vocês vão desenvolver um projeto.

Sobre a formação pedagógica

Joan: Eu vejo assim, eu aprendi bastante coisa na parte da Matemática durante o curso, mas eu vejo que para a minha formação como professor, profissional mesmo, eu aprendi pouca coisa. Tipo, se eu for dar aula eu não tenho um arsenal tão grande assim de possibilidades. Eu acho que eu não tive uma formação tão completa assim.

Leonardo: É de consenso nosso que as Práticas de I a IV não foram satisfatórias.

Joan: Com ênfase na III e IV. A I e a II eu acho até que foi melhorzinha, que o ponto crítico mesmo foi a III e a IV.

Gleyson: A I era para ensinar as operações básicas, a II... É que a III e a IV eram para o Ensino Médio e eu não me lembro de muita coisa. Foi uma seleção de conteúdos para cada aluno, daí cada aluno apresentava uma coisa didática em relação a cada conteúdo que foi escolhido. Ficou para a gente elaborar tudo, não teve suporte.

Leonardo: Eu tirei 10 em um trabalho ao qual eu fiz um Super Trunfo com sólidos geométricos, no qual o intuito do jogo era você apontar características dos

sólidos e ir verificando! Você olha e decora e mesmo assim foi um trabalho que mereceu 10. A gente fez de última hora, não tinha dado certo outras ideias. O trabalho não teve uma ênfase tão didática, simplesmente um material didático qualquer como todos os meus outros colegas fizeram, alguns se destacam com alguma proposta inovadora, mas nem todos. Eu falo que a minha proposta não era boa, era simplesmente para a fixação de conteúdo.

Joan: Em Prática V a gente aprendeu muito mais sobre como usar os softwares, o que significa você estar integrando os softwares e os jogos no conhecimento matemático. Aí que a gente foi tomar conhecimento de como era ruim aquelas coisas, aqueles jogos que a gente tinha feito e parece que a gente ficou perdendo tempo em Prática III e IV, fazendo jogos que não prestaram para nada.

Leonardo: Eu gostaria de fazer uma menção honrosa a disciplina de Didática de Ensino, nós estudávamos as várias formas de aprendizagem, teve até um trabalho final, dando uma aula, eu peguei uma aula de soma e transferei essa aula para o Ensino Superior, foi

bem interessante, muito mais proveitosa. Então há algumas matérias de Práticas e Pedagógicas que são muito bem-feitas.

Gleyson: Essas matérias pedagógicas que a gente tem separadas das do Bacharelado²⁷ que não são dadas por gente da área da Matemática, por exemplo, Psicologia era para conhecer os teóricos e decorar as ideias deles.

Joan: É verdade, a gente está estudando como é importante valorizar os diferentes tipos de cultura, só que o que acontece é que eles querem que você inclua uma Matemática que valorize todas as culturas, só que isso é muito difícil para gente que ainda não tem muito conhecimento e experiência. Se fosse alguém da área de Matemática que tivesse dando essa aula seria muito mais interessante.

Leonardo: Acho que em Políticas nenhum de nós teve muito interesse, parece que às vezes esse tipo de curso, não dá para dizer que é “facilitado”, mas assim, não sei, não há um incentivo muito grande.

Gleyson: Acho que Psicologia foi importante, porque usou muito os teóricos em Prática V, a gente via o tempo todo falando de Vygotsky e Piaget. Mas a gente praticamente não teve porque a professora não aparecia na aula, ela estava cheia de problemas. O que ela passava a gente fazia o resumo do texto e entregava, não teve uma prova. Se fosse para preparar uma aula hoje para amanhã, para assumir uma sala, eu não estaria preparado. Preparar a aula em si até nem tanto, saber o conteúdo é óbvio que a gente sabe, mas como passar para os alunos, o que esperar dos alunos, como me portar em sala...

Leonardo: Eu estaria preparado, mas eu acho que não seria o melhor professor do mundo. Acho que eu sinto algo parecido assim, eu compartilho do sentimento dele, comigo não acontece tanto, mas ter mais tempo em sala seria bom. Se você for calcular nós passamos e nós deveríamos passar, pelo menos, pelo curso inteiro, 40 aulas em sala dando aula. 40 horas-aulas não dá nem um bimestre, então por 4 anos de curso a gente não tem nenhum bimestre

Mas pelo que eu estou lendo aqui isso falta até para os docentes do curso!

A questão é ter mais tempo de prática efetiva nas escolas, não é o discurso de que o estágio não é bom, o estágio é pouco e contínua sendo feito NA escola e SOBRE o professor!!!!

²⁷ Ele se refere as matérias de conteúdo matemático como matérias do Bacharelado, mesmo o curso sendo de Licenciatura.

dando aula. Será que a gente está preparado mesmo?

Joan: Mas eu acredito que a questão não se resume ao tanto de tempo que você vai dar de aula, mas de que metodologias que você aprende, de que tipos de didáticas que você aprende. Por exemplo, eu digo que se hoje eu fosse sair para uma escola, eu sei alguma coisa assim do construtivismo, mas eu ia acabar tendo que dar uma aula tradicional mesmo. Os professores falam muito: “não dê uma aula tradicional, não siga como eu”, mas a ferramenta que a gente tem para seguir com o novo é difícil, se eu quiser dar uma aula eu mesmo vou ter que pesquisar o trabalho de pessoas que fizeram, porque na minha formação acadêmica isso não foi muito bom.

Leonardo: Com as ferramentas e o tempo que a gente tem, a gente acaba caindo nessas aulas tradicionais mesmo. Talvez até por sermos novos, tentando colocar coisas novas, conseguimos construir algo construtivista ou coisa assim, mas em função da estrutura do ensino e do nosso preparo, puramente construtivista não dá. A gente pode tentar, mas não vai ser 100%. Mas também acredito que isso é com o

tempo, com a experiência, mas a gente podia ter um tratamento em sala melhor, não adianta a gente pegar a matéria de Didática do Ensino e você ter 7 formas didáticas diferentes de dar aula. A gente faz uma provinha no final do curso, faz uma aula com seus colegas, mas não é a mesma coisa! Onde está a interação?

Joan: Teve um momento assim, eu estava no meu segundo ano e estava pensando em largar o curso, eu não estava mal das matérias, mas ao mesmo tempo que eu estava fazendo matéria de Matemática, gostava e pensava: “bom, se for para eu fazer matéria de Matemática eu faço outra coisa, uma Engenharia ou uma outra coisa que eu quisesse fazer, se fosse só pela Matemática”. Porque a parte de ensino era uma coisa que estava truncado, eu não estou realmente sendo preparado para ser professor porque eu não estou gostando dessas matérias, entendeu? Eu estava fazendo Prática I, II, III, IV porque eu tinha que fazer. A Prática V veio como uma esperança, Aleluia! Uma matéria que realmente está me ensinando alguma coisa porque no meu segundo ano eu comecei a perceber que eu não estava sendo bem preparado

para a parte didática, isso que eu estou fazendo em Matemática eu posso fazer em Engenharia. Eu continuei o curso, mas tem essas coisas.

João: Quando eu vou preparar aula, as vezes a maior dificuldade é saber como que eu vou começar, o que eu vou fazer, porque eu não gosto de chegar e dizer a definição. Eu não sou muito assim, eu acho que eu crio um ambiente favorável para eu modelar o pensamento do meu aluno e então eu concludo no quadro, eu gosto muito disso. Preparar o aluno dessa maneira, de como ensinar os conteúdos, eu acho que fica muito vago aqui no curso, porque como foi citado as disciplinas de Prática de Ensino, não sei se por causa do histórico, por causa do professor, não sei o motivo, não se dá os objetivos de ensinar o aluno como ensinar aquele conteúdo. Nós tivemos, se for olhar, entre as Práticas de I a IV, as melhores foram a I e a II, porque em Prática I a gente viu soma, subtração, multiplicação e divisão, as quatro operações básicas, a professora questionou: como nós vamos ensinar isso? Nós fizemos exemplos, montamos sapateiras, montamos ábacos, aprendemos como usar o soroban, a

professora passou, a gente construiu com sucata, foi uma aula em que a gente aprendeu como usar e como ensinar com aquilo ali, foi bem interessante nesse ponto, eu achei bem legal, por isso que eu falo que foi a melhor que teve. A partir da Prática II ficou aquele negócio de ler artigo, fazer um planejamento, fazer um material didático ou então dar uma aula expositiva, mas também não é aquela aula, porque você está dando aula para uma pessoa que já conhece aquilo que você está falando, então que dúvidas vão surgir? Não vai haver dúvidas, sua aula vai ser muito tranquila, vai ser cômodo para o professor, agora quero ver a hora em que ele começar a ensinar lá e o aluno falar: professor não entendi aquela primeira linha... Tem muita coisa que eu questiono, às vezes tem algumas teorias que eu escuto de professores que eu questiono, uma vez a professora falou a questão do instrucionismo e do construcionismo e daí eu escutei assim: “o construcionismo é a maneira ideal de se ensinar, é a maneira correta que todo professor tem que adotar”. Eu falei: “por quê?” e ela: “porque o aluno que vai construir, você é só o mediador e tal”. Aí eu falei: “e se o meu aluno não conseguir construir aquilo que eu

espero que ele construa por “n” motivos, déficit de conteúdos antes, por problemas familiares, por problemas psicológicos, por problemas físicos, sei lá, e se ele não atinge o meu objetivo?” e ela: “mas daí você tem que trabalhar com ele para que ele atinja e tal” aí eu falei: “por que o instrucionismo não seria válido em uma determinada situação? Tudo é questão de você saber dosar as coisas e saber trabalhar”. Mas eu só estou citando um exemplo também, é que na questão de exercício de fixação e os exercícios de desenvolvimento, aqueles exercícios de faça, efetue, resolva, aí tem a letra a até z para o aluno fazer. Eu não sou contra exercícios de fixação, mas também não vou ficar só em exercício de fixação. O que eu quis dizer com tudo isso é a questão de ter maturidade para saber que horas você pode usar tal coisa e é claro, eu acho mais interessante o construcionismo do que o instrucionismo, na minha opinião, legal ver o aluno atingir aquilo que você esperava dele é legal, mas tem casos que às vezes você vai ter que dar um jogo de cintura ou até mesmo cair em uma outra teoria para poder ensinar ele, ninguém é igual a ninguém, a maneira que eu ensino um aluno aqui, como que

vai ser a mesma que eu ensino outro ali? Às vezes você prepara a mesma aula, você entra no 7A e deu aula, a mesma aula se você for dar no 7B às vezes você não cumpre o objetivo.

Sobre apontar os problemas do curso para os professores

Leonardo: Primeiro que a coordenadora do curso era a professora das disciplinas de Prática III e IV que foram as disciplinas que a gente mais reclamou, então é um pouco complicado.

Joan: E eu lembro que de alguma forma as minhas reclamações chegaram ao ouvido dela, e então ela começou a falar: “algumas pessoas reclamam da minha matéria, mas eu estou aqui como diretora, às vezes eu não consigo preparar uma aula direito”. Sei lá, mas o que passou pela minha cabeça foi: então coloca outra pessoa para fazer isso, outra pessoa que possa estar fazendo a disciplina direito, mas a gente não pode estar sendo afetado porque ela não tem tempo, porque ela não pode dar aula, porque às vezes ela só vinha dar aula pra gente depois que assinava a lista de chamada, ou seja, só para dispensar todo mundo. Às vezes o menino que ficava era um mestrando dela e o cara não falava nada a aula inteira, então daí

É nítida a vontade de vivenciar outro curso...

a gente ficava lá lendo os textos. Eu penso assim, se eu vou ficar na sala só lendo texto eu vou para minha casa ler, eu não preciso ficar na universidade para fazer isso.

João: Já conversei abertamente com a [REDACTED], na disciplina de Prática VI e V também, mas não foi muito. Mas, eu já eu fui repreendido por professores porque o professor que dá Cálculo III você fala pra ele: “mas professor, isso daí, eu vou trabalhar na Educação Básica, pra que vai servir isso?” daí ele vai falar: “isso daqui é importante, se você quer ser professor você tem que saber tudo, você tem que entender isso daqui, isso daqui que é Matemática!” Eu já escutei isso de um professor: “aquilo que vocês aprenderam lá na Educação Básica aquilo não é Matemática, nós vamos aprender Matemática daqui pra frente”. Então assim, eu já escutei isso de professores e são coisas que as vezes deixam a gente meio assim...Estou querendo formar, o objetivo é modelar esse cara para dar aula lá na frente e eu estou repreendendo ele. Não estou dizendo que isso foi a maioria, foi a minoria de professores, mas isso a gente ainda tem. Então é nesse ponto que eu

Mas se é por causa dela que a gente vem para cá, como que faz então??? Se ensina a Matemática de verdade enquanto se ensina a ensinar uma NÃO-Matemática?

falo que ele é ainda um pouco dinossauro, ainda está naquele pensamento que você tem que saber um pouco disso, disso e disso, impondo e impondo conteúdo e daí você fica assim... Eu não vou dar aula de integral no Ensino Médio, eu não vou dar aula de limite. Aí fala assim: “ah, mas tem vestibulares que cobram isso!”, beleza, eu preciso saber disso, não estou dizendo que eu não tenho que estudar integral ou limite e aí quando eu for trabalhar com um aluno que vai prestar um ITA ou algo desse tipo assim, do próprio IME que cai noções de limite de integral, aí beleza, vamos trabalhar, mas o meu aluno que quer fazer medicina, eu tenho que dar o suporte para ele passar em medicina e usar a Matemática no curso de medicina, então a coisa que eu estou querendo dizer com esses exemplos é, talvez um pouco confusos, mas é a questão do objeto do trabalho do professor na Educação Básica. Ah, mas eu não quero dar aula na Educação Básica, vou seguir para a universidade, beleza, mas a Licenciatura é para a Educação Básica. Como você quer seguir para a universidade, então você vai fazer a pós-graduação, vai fazer um mestrado e isso vai te preparar para tal, pelo menos essa

era a ideia que eu tinha e pelo que eu vi, pelo menos, está nos objetivos do curso.

Sobre o Estágio

Gleyson: O nosso Estágio, para mim, foi horrível. Já fizemos o Estágio I e II. O segundo até entendo, porque teve a tal da greve, as professoras não tiveram tempo para acompanhar, vão até compensar as aulas que a gente não teve tendo oficinas e apresentação de projetos, toda quinta-feira. Agora Estágio I foi difícil.

Leonardo: Eu não achei tão difícil, mas nenhuma professora assistiu minha aula, somente meu colega de Estágio e a professora responsável pela sala.

Gleyson: A gente, pelo menos, tem ideia de que a gente fez, a gente fez junto com a professora [REDACTED], teve um acompanhamento razoável na parte escrita, nos planejamentos e relatórios, mas na parte prática mesmo não teve acompanhamento. Por exemplo, você lembra de alguma crítica?

Leonardo: Nenhuma, simplesmente a gente entregou o planejamento.

Gleyson: E entregou o relatório, o importante eram as datas! Completou as datas você passa!

Joan: E fazer uma aula tradicionalista, porque se você não fizesse uma aula tradicionalista...

Leonardo: Não, depende, a minha não foi, não necessariamente. Tanto que no meu Estágio a professora pediu para fazer um acompanhamento de uma matéria diferente do próprio colégio, a professora da faculdade permitiu, então a gente fez.

Joan: Mas qual professora você está falando?

Leonardo: Ah, não sei se não era tradicionalista. o João que fez o planejamento, sei que a aula não era, foi a [REDACTED].

Joan: Então, se ele fez o planejamento provavelmente ele fez um planejamento tradicionalista. Vou falar o que aconteceu comigo, eu tinha feito um planejamento diferente, eu sentei com meus colegas e fiz um planejamento baseado no construtivismo, ensino de frações de uma forma diferente, até trazia um material para o pessoal, aí a professora não gostou do plano, ela falou: “não, os alunos não vão aprender desse jeito”, aí a gente sentou lá, acho que foi em 10 minutos.

Gleyson: Foi, eu estava com você.

Joan: Aí, a gente sentou em 10 minutos e fez um planejamento de aula deu pra ela e ela deu ok, tudo tradicionalista.

Gleyson: É que foi assim, a gente estava tendo Prática V na época, aquilo foi muito novo, todo mundo estava gostando da aula, realmente era uma Prática de Ensino que a gente estava aprendendo muito. Daí a gente queria aplicar isso no Estágio, aplicar o que estava aprendendo, a gente estava montando um plano de aula diferente, construtivista como ele estava falando, tentamos escrever isso, montamos, revisamos bastante, aí a gente entregou para a professora e ela não aceitou, acho que ela mal leu, a gente estava com ela na sala, acho que ela leu uma linha, a gente foi acompanhando com ela, aí ela falava: “aqui não faz sentido”, e a gente tentava explicar pra ela o que a gente queria propor, mas mesmo assim ela não aceitava e ela descartou completamente a ideia que a gente teve e falou pra gente remontar o plano de aula. A gente estava tipo em uma reunião, quase brigando, aí ela soltou uma frase assim: “Se fizer do jeito que eu quero vocês vão passar, então...” A gente ficou quieto e foi lá fazer o plano

de aula do jeito que ela queria e esse foi o Estágio que a gente teve.

Joan: O que acontece professora, é que tem muita gente que está no curso e o que eles querem é fazer as coisas para passar, eles não estão nem aí se está errado ou se está certo, entendeu? Eu quero seguir mais para a Matemática Aplicada, mas também dar aula em universidade, então eu vejo alguns professores e falo eu não quero ser assim, eu quero aprender alguma coisa, saber como ensinar.

Gleyson: A gente foi tendo esses questionamentos a pouco tempo, então foi mais uma construção, mas ainda bem que a gente pensa desse jeito.

João: O Estágio é a hora em que você vai ser você mesmo, então vamos lá, fiz o Estágio I e II até agora, falta fazer o III e o IV, o meu tutor não foi no Estágio!

Joan: Não teve nenhuma reunião...

João: Eu poderia ter dado a aula que eu quisesse, do jeito que eu quisesse, da maneira que eu quisesse, quem garante que o que eu escrevi no relatório é verdade? Quem garante que eu dei aula lá? Ah, mas tem o plano que o professor supervisor lá da escola assinou, eu

*Leí do
mais
forte...*

Era né...

poderia ter dado para a minha mãe assinar, mãe assina aqui para mim... ninguém verificou, ninguém olhou, então são nesses pontos que eu vejo assim.... então você fala: “eu vou reprovar o meu aluno em Estágio”, a ideia não é formar? O professor ir lá, assistir sua aula, ver como é seu jogo de cintura, e ai falar: “você fez isso, eu acho que você falhou nesse ponto, gostei da maneira como você colocou isso”, elencar todos os pontos e é assim que você forma, eu acho que é assim que você consegue trabalhar e são coisas que até agora no curso a gente não teve, então assim, o pouco que eu sei, estou há 3 anos trabalhando, o pouco que eu sei, que não é muito significativo, mas o pouquinho eu aprendi lá, na marra, quero dizer, eu estou com uma sala na minha mão e aí, o que eu vou ter que fazer? Disse que gostava tanto de Matemática, que queria seguir no curso, então tá, agora estamos aí, aí é contigo; e daí o que eu tive que fazer? Fiz isso, não deu certo, então eu vou ter que fazer outra coisa, começou a ter que partir de mim, então a minha formação está sendo mais por experiência minha do que pela universidade me formando, entendeu? Claro, as disciplinas que a gente teve de Psicologia, de

Fundamentos de Didática, de Políticas públicas, ajudou? Ajudou, claro! A parte da Educação estamos aprendendo, mas e a Prática da Matemática? Aí, é aquele negócio, o foco do curso está sendo voltado muito para aquele âmbito universitário, acadêmico. Mas e o que vai ser seu objeto de trabalho lá na frente? Está faltando um pouco isso.

Sobre cursar disciplinas com outros cursos

Leonardo: Um erro!

Joan: Um erro, como você vai fazer uma Licenciatura, com matérias voltadas para o ensino se você vai ter engenheiro, como você vai fazer uma matéria dessa forma com um engenheiro?

Leonardo: Não tem como, nem como ter um enfoque correto para a Licenciatura!

Gleyson: É complicado o professor manter a turma junto. Até porque em Álgebra, a maioria do pessoal que eu conheci da Engenharia tem muita dificuldade em Álgebra Linear e o pessoal da Matemática já vem de Introdução a Lógica, Álgebra I, já tem mais familiaridade com esse tipo de conteúdo. A Matemática era a minoria,

mas era a que avançava no conteúdo melhor.

João: Os focos são diferentes, o engenheiro vai estudar Álgebra Linear? beleza, o matemático vai estudar Álgebra Linear? beleza também, os dois vão aprender a mesma coisa? tranquilo, só que um vai usar de uma certa maneira, o outro vai usar de uma maneira totalmente diferente, os objetivos são totalmente diferentes e daí como que o professor vai ser imparcial com uns alunos ali se você tem essa dicotomia dentro de sala de aula, são objetivos diferentes, não que engenheiros e matemáticos não possam fazer disciplinas juntos, mas o foco é diferente e daí complica um pouco tanto pro lado do professor como do aluno.

Joan: Se fosse um Bacharelado, beleza!

João: Exato! Se fosse um Bacharelado... eu ainda vejo que daria problema porque Bacharelado em Matemática você vai abstrair, vamos olhar as estruturas, vamos olhar toda a axiomática que tem atrás disso e o engenheiro não precisa se aprofundar tanto numa coisas dessas, o engenheiro precisa aprender aquilo ali e fazer daquilo ali virar “concreto”, mas ele vai

pegar aquilo e colocar no projeto dele, no papel.

Gleyson: Até porque, passava uma definição, por exemplo, subespaço, os engenheiros perguntavam porque eu estou usando aquilo, para que serve e daí tinha que demonstrar na prova e daí eles diziam tem que provar isso, mas isso aqui não é óbvio, esse tipo de coisa... a gente não entendia a aplicação pra eles e eles não entendiam a axiomática da gente. Levantando outro problema também, não foi só em Álgebra Linear que a gente teve as matérias conjuntas, Cálculo III a gente está fazendo e tem muita aplicação em física absurda que a gente não vai usar, pelo menos em Matemática.

Joan: E teve uma outra coisa, quando eu comecei estudar Álgebra Linear para o mestrado eu vi que a Álgebra Linear que eu tive foi muito fraca, eu tive que complementar muito. Resumindo, foi uma Álgebra Linear que não me preparou para ser professor nem para aprender Álgebra Linear, então não preparou para nada, tipo foi bem básico.

Não sei bem o que pensar depois dessa leitura. Essas falas são do curso onde a Adriana atua, será que tudo isso que a motivou realizar essa pesquisa? Boa pergunta. Desconfio que sim. E o que será que ela faz por lá para mudar esse cenário, além de tomá-lo como objeto de estudo? Não sei, não... muita conversa e pouco conteúdo... pouco conteúdo?

O que eu vejo aqui é um grupo de colegas insatisfeitos com a formação que vivenciam, mas que persistem no curso, inclusive optam por ele em algum momento e então eu me pergunto o porquê disso. O que acontece para que eles permaneçam? Percebo que boa parte de suas angústias está relacionada ao fato de acreditarem que a sua formação não é suficiente para a futura atuação como professor. E então vem a questão: será que alguma formação daria conta disso? Seria possível, de fato, nos tornamos professores, capazes de exercer a docência na educação básica, em quatro anos de faculdade? Há momentos em que penso que o problema é estrutural, que uma reforma curricular poderia resolver a questão, mas daí eu caio naquilo que tenho lido aqui nessas entrevistas e que também constatamos no GELIMAT: tudo depende do professor! Se caímos na subjetividade humana não adianta pensar apenas na objetividade do projeto pedagógico, da legislação ou da grade curricular. E também já estou pensando que não depende só do professor não; essa conclusão é simplista diante da complexidade do problema. O buraco é mais embaixo, muito mais embaixo. Por ser mais natural pensar assim é que tornamos natural o processo de culpabilização do professor. Afinal, se tudo é sua responsabilidade, então tudo o que der errado é sua culpa!

Parece que conversar sobre tudo isso é a resposta mais imediata que podemos ter. Pelo menos estamos nos (re) conhecendo nesse processo. E ter a oportunidade de ler essas entrevistas talvez esteja sendo a minha maior experiência nesse curso; pelo menos até o momento tem sido. Conhecer outros estudantes sem conhecê-los. Aproximar-me de seus relatos não para compreender o que eles dizem e sim para olhar para a minha realidade, talvez próxima das deles, porém sempre marcada por minhas particularidades, meus fantasmas. Por vezes me pego olhando para aquilo que temos em comum e, quando vejo, já terminei a leitura. Sei que isso acontece com todo mundo, mas é essa suposição que tem me incomodado. Se eu leio o outro buscando o que há de comum a mim, eu efetivamente leio o outro? Não é esse, também, um modo de silenciar esse outro? Talvez o lance não seja ler ninguém e sim produzir com... Acho que essas anotações deveriam estar no caderninho verde, pois marcam muito mais minha formação do que os previsíveis registros de observação em sala de aula. Deveria haver o diário de bordo da formação, do

primeiro dia de aula até o momento da formatura, isso sim faria sentido e não apenas um recorte de um período de estágio, onde quase tudo que acontece já aconteceu com quase todo mundo e possivelmente continuará acontecendo, pois, os fatos não são discutidos, as angústias não são problematizadas, são apenas registros burocráticos de uma formação burocrática e silenciada, são registros de um reconhecimento.

Acho que cansei demais hoje, estou sentido até um certo mau humor e revolta; a melhor opção agora é dormir, pois amanhã a história se repete, embora eu já me sinta outra a cada nova leitura.

Uma leitura outra

Preciso voltar para a minha vida acadêmica, hoje quero conversar com o Diego sobre o grupo: aquele dia encerramos a reunião sem pensar no próximo encontro, tudo culpa da sua gracinha. Mas, apesar disso, ele é parceiro, suas observações sempre me fazem pensar. Além disso, preciso conversar com a Cris sobre o estágio: a gente precisa planejar nossas próximas aulas, a professora da escola quer que encerremos logo nosso período de regência porque ela precisa de mais aulas para dar conta do conteúdo; pelo menos foi o que ela nos disse. Então será que o que estamos fazendo não conta? Era só nos deixar trabalhar o conteúdo que ela quer e pronto, afinal em breve estaremos em sala de aula “pra valer”. Nessas horas que tenho a sensação de que esse estágio é um faz de conta e nas reuniões dos grupos tenho a impressão que os colegas pensam a mesma coisa, mas nem tudo pode ser dito, afinal estamos no “Palácio das Vaidades”²⁸, mais conhecido como universidade.

Encontro com o Diego no terminal de ônibus e terminamos de chegar juntos à universidade. No caminho ele me dá uma notícia péssima: vai abandonar o curso.

— Como assim, Diego, você tá louco? — a minha vontade era de esganá-lo, mas ainda estávamos dentro do ônibus e não seria uma cena que todos iriam compreender.

— Não, Dri, não estou louco, pelo contrário, nunca me senti tão feliz como agora — disse ele com uma sinceridade difícil de não acreditar. Eu não queria, mas dava para ver nos seus olhos, eles não mentiam.

— Diego, estamos no terceiro ano, mais da metade do curso. Você precisa ter uma profissão. Cadê toda aquela empolgação para se tornar um pesquisador em Matemática? — comecei a apelar. — E como você vai abandonar o nosso projeto de repensar a licenciatura? E o GELIMAT? E as nossas discussões?

— Calma — disse ele sorrindo. — A minha vontade de ser pesquisador continua, mas é menor do que essa oportunidade que estou tendo agora. Eu espero por isso há anos, Dri, não surgiu agora. Eu sei que é difícil de entender e nem exijo isso de você. Só quero que saiba que estou muito feliz, muito mesmo. Hoje vou conversar com os professores e me despedir, pois amanhã já não venho mais. Quanto ao grupo, você dá conta do recado. Além disso, o pessoal continua aqui, apenas eu vou partir.

— Diego, eu não tô acreditando. Eu nunca vou entender isso. É inaceitável. — Comecei a chorar como uma criança contrariada, que não consegue entender que existe vontade para além das suas.

²⁸ Essa expressão vem de uma fala do Professor Luiz Carlos Pais, no nosso primeiro dia de aula no curso de doutorado, ao nos dar boas vindas ao Palácio das Vaidades.

E foi assim que decididamente o Diego abandonou o curso, e a mim, para seguir um outro caminho que para ele dava muito mais sentido à sua vida. Ninguém conseguiu entender direito, nem os professores, principalmente eles. Parece que tudo perdeu um pouco a graça: o Diego tinha aquele jeitão dele, mas a gente era próximo, desde o primeiro ano construímos uma amizade sincera. Vai ser difícil terminar o curso sem ele, o que me consola é saber que ele está bem, mas ainda estou longe de entender. No fundo acho que tenho um pouco de inveja de sua coragem em mudar de direção. Às vezes acho que o que mais fiz até então foi seguir o fluxo; agora que comecei com essa mania de questionar tudo que acontece. Maturidade? Necessidade? Bem, alguma coisa deve ser, mas acho também que nem tudo requer explicações, algumas coisas apenas acontecem. Talvez seja o momento de parar de pensar na causa das coisas e começar a pensar no que as coisas produzem em mim e no que eu produzo com isso.

Não quero pensar em Matemática hoje, isso só faria eu pensar ainda mais no Diego. Acho que vou ler um daqueles textos que a Adriana me mandou esses dias, são tantos... deve ter algum interessante.

Leio todos os títulos e o que salta aos meus olhos é: “A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros ‘outros’”²⁹, de Carlos Skliar. Faço uma busca rápida no Google sobre o autor e logo vejo que ele não é da Educação Matemática e que tem publicações com o Jorge Larrosa, então já me preparo para uma leitura daquelas. Mas acho que hoje é o dia perfeito para ler esse texto: a notícia do Diego foi *diversa* demais para a minha cabecinha. Vamos lá.

A primeira questão que ele coloca já me assombra: “O que perguntamos, quando perguntamos sobre a educação?”³⁰ O que mais tenho feito ultimamente é perguntar sobre a minha educação, ou melhor, sobre a minha formação! Mas acho que aqui eu poderia até ler educação e formação como sinônimos. Será? Ele coloca também que essa questão é de natureza retórica. Bom, aí já me distancio um pouco, pois o que mais tenho buscado são respostas, claras e objetivas, se possível. Mas pelo que ele coloca é retórica porque não perguntamos pela educação e sim pelo que mais sabemos dela: suas mudanças e transformações e esses questionamentos nos levam a crer que estamos nos importando

²⁹ Trata-se do artigo publicado na Revista Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003. A leitura aqui realizada também foi complementada pelo livro: Pedagogia (improvável) da diferença – E se o outro não estivesse aí? (2003). Ambas publicações de Carlos Skliar

³⁰ (SKLIAR, 2003, p. 39)

com a educação. Parece que é algo apenas para alimentar a ilusória preocupação com a educação de todos. Um novo tempo de velhos discursos. E eu acho que tem muita mudança mesmo, quando entrei aqui na universidade o meu curso havia acabado de mudar a grade curricular, estou no terceiro ano e já começaram a mexer nela novamente. Ou seja, não esperaram nem formar uma turma para ver se a mudança adiantou de alguma coisa e já mexeram de novo. E trata-se de uma mudança que retorna ao mesmo, disciplinas que somem por um tempo e reaparecem camufladas, com novos rótulos, desfeitos travestidos de adequações curriculares. O que isso quer dizer? O que isso pode dizer de um curso? Agora eu me pergunto: alguém se interessou em saber se os alunos estavam satisfeitos com o curso? Se a mudança era necessária? Até hoje não, talvez amanhã! É bem isso que o autor disse, no fundo não se trata da educação, se trata de mudanças e essas muitas vezes são vazias de sentido, pois reafirmam o mesmo com um novo vocabulário. O que importa são os interesses que estão por trás de uma *mudança educativa*.

No caso do meu curso, por exemplo, a mudança que foi feita seguia as diretrizes que haviam sido estipuladas naquele momento, que aparentemente prezavam por uma atenção maior quanto à formação do professor nos cursos de licenciatura. Mas isso, no entendimento de muitos professores do curso, em especial, dos que se assumem como matemáticos, foi interpretado como uma facilitação do curso, ou seja, quanto mais se dedica tempo à formação pedagógica menos se estuda matemática e com isso o curso se torna mais fácil. Doce ilusão. Mas eu acho que no fundo isso é tudo balela, um discurso de convencimento, pois o que acontece mesmo é uma disputa por espaços, por representatividade. É a área da matemática pura contra a educação matemática e vice-versa. É a fixação de fronteiras, demarcação de territórios. Não há um entre-lugar, como o Skliar coloca em algum momento. Estar em um dos lados significa estar excluído do outro. A questão é que nós, enquanto alunos, temos que cruzar o arame farpado que separa os egos docentes e conviver com as cicatrizes, até pelo menos, sermos capturados de vez por um dos lados. Ou não! Talvez fosse muito mais interessante explorar o entre-lugar, ser um fora e um dentro, sem o princípio do terceiro excluído que tão bem aprendemos em nossas aulas de Lógica. Talvez fosse muito mais interessante habitar todos os espaços com o objetivo de ser *apenas* professor.

Voltando para o texto eu leio: “não temos, nunca, compreendido o outro”³¹ e me lembro do propósito da minha leitura. A carapuça se encaixa perfeitamente em mim nesse momento de desilusão com o outro, com o meu amigo que do nada resolveu me abandonar. Pelo título desse texto eu pensei mesmo que com sua leitura pudesse entender melhor esse meu desassossego. Comecei com essa intenção e já me vi discutindo o curso novamente. Será que vou conseguir as duas coisas ao mesmo tempo? Será que esse outro pode ser pensando dentro do meu curso? Será que somos “outros” quando somos tidos como invisíveis? Me lembrei de um filme que se chamava “Os outros”. Na história, os personagens que percebiam a presença de estranhos (outros) em sua casa eram, na verdade, eles mesmos os outros (estranhos) da história. Estou querendo olhar para esses outros, mas estou começando a desconfiar que sou um deles.

A palavra alteridade aparece por toda parte desse texto e como de praxe nessas leituras que tenho feito: nada de definição! Mas o bom e velho dicionário está aí para resolver problemas como esse e ele me conta que alteridade diz respeito à natureza ou condição do que é outro, do que é distinto. Seria então tudo que não sou eu? Tudo que é distinto de mim? Mas eu também sou outro para alguém, então eu também tenho a minha alteridade? Mas será que eu sou capaz de lidar com isso, com algo que não seja como eu, que seja apenas outro? Óbvio que não consigo, se conseguisse não estaria tão indignada com o Diego. Eu não enxergo a escolha dele, o que eu vejo é que sua escolha nunca passaria pela minha cabeça, simplesmente porque, para mim, ela é impensável. Eu o tomo como um espelho e assim não vejo nada além de mim, quando olho para ele. E por isso é tão difícil, tão dolorido. A gente sempre se entendeu tão bem. Ou será que ele nunca havia me contrariado?

O complexo é perceber a existência do outro, e mais que a sua existência, a sua alteridade. Acho que é isso que esse termo diz, pensar o outro é perceber que ele é algo diferente de mim, que é diverso, que possui a sua diferença por mais que se tente ignorá-la. Mas espera aí, parece que começo a perceber a existência de dois outros, de duas alteridades: um Diego que eu conheço, que tenho clareza que não sou eu, mas que me é assimilável, governável e até amável; e um outro incompreensível, impensável e atormentador, um outro diferente. Volto para leitura e é isso mesmo que o Skliar me diz na sequência quando fala sobre alteridade radical, que ele aprendeu com outros autores,

³¹ (SKLIAR, 2003, p. 39)

Baudrillard e Guillaume³². Existe o outro próximo, que é o meu amigo Diego, e o outro radical, que é o Diego que decide ir embora, aquele de quem eu não gosto e não quero entender. Mas acho que, se próximo ou radical, isso é só uma questão de proximidade, de estreitamento da relação. O radical pode estar apenas adormecido. Ser próximo ou radical não é sempre uma discussão sobre a distância em relação ao que eu sou? Isso não é me manter como parâmetro e, portanto, exercer aquela arrogância que denunciei anteriormente? Por outro lado, haveria como pensar de algum lugar que não fosse eu? Talvez a questão não seja essa. Talvez a questão seja nos lembrar que o seu ponto de vista é um entre muitos e não há nada genericamente construído que diga que meu modo de ver é melhor que o do Diego...

Mas e agora pensando no curso, que tipo de outros existem aqui? Quem os professores enxergam quando nos olham? Se é que eles nos olham... Como ele bem diz no texto: “Não há relação com o outro se seu rosto é ignorado”³³, assim como não há conversa se ele é privado de sua voz, há apenas silenciamentos. Seguindo na leitura, ele se coloca a falar mais sobre a escola, mas penso que quase tudo poderia ser dito da mesma forma sobre a universidade, ou melhor, sobre o meu curso, ou sobre os cursos que estou conhecendo pelas narrativas dos estudantes: uma espacialidade que nem sempre propicia a constituição do professor, que às vezes parece mais afastá-lo desse lugar, uma vez que não problematiza sua profissão e nem o aproxima dela; uma temporalidade que classifica (o melhor aluno), que nega o outro (o aluno invisível), que tenta reduzi-lo ao padrão considerado ideal (apaga sua diferença).

O louco é pensar que o ideal, para muitos, é não se tornar professor da escola, sendo que esse é (ou deveria ser) o grande objetivo da licenciatura. Ele coloca a seguinte afirmação: “a mesmidade da escola proíbe a diferença do outro”³⁴ e eu diria que a mesmidade da universidade também proíbe a diferença do outro, pois vejo que a temporalidade nesses dois locais é vista da mesma forma: o mesmo e o outro não podendo ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo. O aluno na escola ou o acadêmico no curso que não acompanha a norma não é querido e sim indesejável. Entretanto, vejo que a frase do Skliar não diz da proibição do outro e sim da proibição da sua diferença e isso faz todo o sentido, pois estou começando a achar que o outro pode se tratar de um “mal” necessário, pois a norma é criada por meio da criação do anormal. O acadêmico “fraco”

³² (BAUDRILLARD e GUILLAUME, 2000, apud SKLIAR, 2003, p.26)

³³ (SKLIAR, 2003, p. 45)

³⁴ (SKLIAR, 2003, p. 46)

precisa existir para que o “bom” tenha sentido. Eu estabeleço a minha identidade a partir do outro, o que eu não preciso é da sua diferença, daquilo que excede o seu papel de apenas outro. O curso precisa do aluno que não acompanha, pois ele garante o bem sucedido, ele é o parâmetro de exclusão, o que ele certamente não precisa e não faz questão é entender o porquê de esse aluno não acompanhar o curso, as suas particularidades, o seu histórico escolar, as suas dificuldades, o que diz a sua diferença e mais que isso, pensar o que pode ser feito em conjunto com esse outro para se chegar até ele. Afinal, mesmo na educação, a exclusão é do excluído, assim como a doença é do doente, a pobreza é do pobre e a deficiência do deficiente. E eu estou pensando só em aprendizagem, mas vejo que também há muitas outras diferenças proibidas por aqui: o outro questionador, o outro pedagogizado, o outro matematizado...E eu achando que a ideia de experiência do Larrosa já dizia muita coisa sobre tudo isso, era só a pontinha do iceberg. Mas vamos em frente!

E na sua leitura sobre modos de entender a pedagogia, Skliar acalenta meu coração ao falar de uma pedagogia de um tempo outro, que valorize as relações, o fazer junto, pensar junto, uma pedagogia que não se acomoda em seu tempo, ou seja, que reverbera permanentemente. Porém se trata de um acalento provisório, que se desvanece quando me dou conta que amanhã irei para o estágio colocar em prática a pedagogia de sempre, que anula o outro ou que finge que o acolhe, ao supor sua inclusão. Esse é um outro termo que vem junto com o da adaptação... incluir alguém implica pensar que já há algo anterior a esse alguém, que esse algo não deixa de ser o que era para ser outra coisa. Mesmo assim, ainda penso que posso ser outra ao fazer o mesmo e com isso pode ser que eu faça outra coisa.

O texto acaba, mas não o meu interesse por ele e pelo Skliar. A leitura de sua escrita causa o mesmo desconforto confortante que vivi com o Larrosa e, por conta disso, já tenho em mãos outros textos seus. Um deles trata-se de uma entrevista que ele concedeu a duas pesquisadoras e foi publicada sob o título “Provocações para pensar em uma educação outra”³⁵. Como sempre, provocações!

Leio poucas linhas e já me identifico. Ao falar sobre sua formação — que em nada se assemelha à minha, pois ele constrói uma carreira acadêmica voltada para a área de Fonoaudiologia — ele coloca o que seria uma prática comum em uma faculdade: “sentar, estudar textos indicados pelos professores, sem nunca discutir nada!”³⁶. E então é isso,

³⁵ Trata-se do artigo publicado na Revista Teias v. 13, n. 30, 311-325, set./dez. 2012.

³⁶ (SKLIAR, 2012, p. 312)

parece que pouco se discute mesmo. Aqui, nas poucas oportunidades que temos de leitura, raramente as discussões acontecem e quando essas se dão não percebo muito além do senso comum. Mas mesmo nas disciplinas específicas, onde a leitura se dá de outra forma, a discussão não existe. Calculamos e demonstramos, tudo sob a lei do silêncio.

Outro ponto que ele (me) toca é ao falar da importância das relações com o outro na nossa formação de modo geral. Eu insisto em olhar para o curso porque estou acadêmica no momento, então olho para as relações que aqui mantenho com professores e colegas (com o Diego!) e vejo o quanto sou afetada por todas elas. E não me restrinjo aos bons encontros, as experiências desagradáveis também são experiências, logo também causam afecções. O quanto cada uma me permite ser outra, ser muitas ao mesmo tempo, embora essa metamorfose pareça não ser importante nesse espaço quando me lembro de sua temporalidade, comentada há pouco e reforçada por ele agora: “A academia tenta fazer de nós um sujeito só. E a educação também tenta fazer-nos um sujeito uniforme, coerente, consciente...”³⁷.

Além disso, como ele bem coloca, os cursos de formação de professores poderiam estar mais interessados em formar professores que leem e que escutam, pois estes são o princípio de qualquer relação educacional. Até hoje no curso eu não fui levada a ler nenhum livro, seja de matemática ou de educação. As poucas leituras que realizamos são textos “avulsos”, alguns até relevantes para a minha formação, consigo perceber detalhes importantes. Entretanto, pouca atenção é dada a esse tipo de atividade: quisera eu dedicar o mesmo tempo que gasto com a resolução de listas de cálculo à leitura. Além de não haver necessidade para um bom aproveitamento no curso, creio também que me falta disponibilidade para isso. Essas leituras aqui têm sido prazerosas, pois fazem sentido para mim nesse momento, mas nem todas são assim. E percebo que essa não é uma particularidade minha, o pessoal da minha turma parece se aproximar muito disso tudo. Só quero ver quando formos para a sala de aula, seja na escola ou outro lugar. Como iremos conversar com nossos alunos? Como iremos escutá-los? Estar disponíveis? Perceber as diferenças e respeitá-las? Conhecer o outro? Se aproximar dele? Será que só o fato de perceber essas coisas já me ajuda a agir diferente?

Bom, mais uma leitura como experiência que termina (?) com o começo de novos questionamentos, dúvidas, incertezas, inseguranças, mas principalmente, com o olhar mais alargado por novas lentes, embora ainda um tanto míope. A leitura se faz em mim,

³⁷ (SKLIAR, 2012, p. 313)

já não sou a mesma, sou com ela. E para testar o novo foco, acho que vou ler mais uma entrevista. Tenho que estudar geometria, tenho que preparar aula para o estágio e agora ainda tenho que entender o Diego. Talvez seja esse o momento em que mais preciso dar sentido à minha formação e essas leituras têm sido o que mais me aproxima disso. Sem mais justificativas, passo a novos outros. Olha só, tenho até uma palavra nova, uma não, um monte delas e estou ansiosa para praticá-las!

O encontro na Universidade Federal de Mato Grosso

Em julho de 2016 participei do VII CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica que aconteceu em Cuiabá na Universidade Federal de Mato Grosso e então aproveitei minha estadia nessa cidade para também realizar a entrevista com os acadêmicos dessa instituição. Iniciei o planejamento deste encontro no mês de maio e para isso entrei em contato com a professora Gladys Denise Wielewski que eu já conhecia devido a sua participação em várias bancas do PPGEdumat³⁸ da UFMS desde o período em que eu cursava o mestrado. A professora Gladys prontamente atendeu meu pedido de ajuda e até nosso encontro em julho trocamos diversas mensagens para a organização da entrevista com os acadêmicos.

Agendei nosso encontro para o final da tarde do dia 18 de julho no departamento de Matemática da UFMT. A professora Gladys me disse que o coordenador do curso gostaria de me conhecer antes de eu realizar a entrevista com os acadêmicos e assim

que cheguei ao local fomos diretamente conversar com ele. Ela me apresentou e eu comecei a falar sobre a ideia do meu trabalho, que seria ouvir o que os acadêmicos têm a dizer sobre seus cursos de Licenciatura, sem a pretensão de fazer comparações em relação a outros cursos. Mas eu percebi que o coordenador estava interessado em saber se eu tinha algum roteiro de entrevista ou um questionário e logo entendi seu interesse. Eles estão pensando em uma reestruturação do curso, mas querem a opinião dos estudantes para realizar essas mudanças, o que me chamou muito a atenção, uma vez que nem sempre percebemos interesse por parte de docentes sobre a opinião dos acadêmicos em relação ao curso. E ali ficamos algum tempo conversando e percebendo que nossas realidades são bem parecidas: problemas com evasão e as dificuldades dos acadêmicos em acompanhar algumas disciplinas foram pontos comuns em nossas falas. Por fim, eu disse que poderia disponibilizar o conteúdo da entrevista, caso eles tivessem interesse em ouvir o que os acadêmicos disseram sobre o curso.

³⁸Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

Despedi-me dele e fui com a Professora Gladys até a sala onde estavam os acadêmicos que faziam parte da entrevista.

Reunimo-nos em uma sala com uma grande mesa e pudemos nos acomodar ao redor dela para a nossa conversa que durou duas horas e meia. O grupo de estudantes foi bastante receptivo e aproveitaram o espaço para discutir questões sobre o curso que consideravam importantes por se tratar de um processo de formação de professores. Essa foi a primeira entrevista que realizei após redefinir minha pesquisa e abraçar a ideia de entrevistar estudantes da Licenciatura em Matemática de diferentes locais do país. Confesso que estava bastante ansiosa e nervosa para o encontro, porém o acolhimento do grupo me deixou bastante aliviada e tenho a impressão que tudo correu bem, pelo menos, a nossa conversa foi bem longa e animada.

Os estudantes

Eu sou **Raquel**, estou no sétimo semestre do curso. Quando eu entrei não queria continuar, mas confesso que nos últimos períodos do Ensino Médio eu me encontrei na área de exatas e

queria fazer algo voltado nesse sentido. Quando eu fiz o vestibular para o ENEM o curso que eu consegui entrar aqui na Federal foi Matemática, entrei com muita vontade de conhecer mais e a partir do segundo semestre eu já comecei a me apaixonar pelo curso e nem tentei mais o ENEM. E estou conseguindo cumprir a grade certinha, tanto é que eu vou terminar nos quatro anos previstos de curso. Hoje eu me encontro num Estágio que eu gosto demais do meu curso, eu falo com muita alegria que é o curso de Licenciatura em Matemática, até mesmo para aquelas pessoas que fazem aquela cara de espanto: “Nossa! Matemática!” Porque a Matemática hoje em dia é tratada como um bicho papão para todo mundo, então eu falo com muito prazer que eu faço Matemática, que eu venho para a faculdade com alegria em estudar Matemática, me descobri dentro do curso. Até mesmo com alguns projetos que a gente faz aqui tornou mais prazeroso em vários aspectos, não só no curso, mas no convívio, porque todo projeto que a gente faz tem um convívio com a sala de aula e a gente tem aprendido muita coisa.

Já deu para perceber o quanto isso é importante para ela. Ou então o quanto isso pode ser uma ideia presente no curso...

Meu nome é **Jeremias** e eu estou no nono semestre de oito e minha intenção, na verdade, não era ser professor, eu entrei por causa da Matemática, eu sempre quis estudar Matemática por si só, independente de aplicação, eu não queria ir para uma área, só que eu também não queria ensinar, eu queria ser um pesquisador. Na verdade, eu não tinha essa ideia de pesquisador, eu queria aprender Matemática quando eu entrei aqui. Eu estou no nono semestre porque eu não fiz as matérias pedagógicas com a intenção de sair um Bacharelado que provavelmente sairia naquela época e não saiu e daí que eu fiquei bem atrasado. Tenho intenção de continuar até o doutorado e planejo fazer curso de verão. Ir para o IMPA é a minha intenção, porque eu quero a Matemática. A experiência aqui é boa e até tive certo interesse pela área pedagógica do meio para o fim do curso, quando eu comecei a estudar as matérias pedagógicas. Para mim o desafio estava em aprender, desbravar aquilo, ver coisas novas só que quando eu fui tentar passar isso para outro eu vi que era um desafio talvez maior. Eu tinha facilidade (em aprender), mas eu não tinha facilidade de passar e as

O desejo genuíno que parece menor diante o que o curso propõe: ou se é professor ou se é pesquisador. Caixinhas!

Olha o outro aqui com a sua diferença, perturbando o Jeremias!

pessoas geralmente também não têm facilidade para aprender e aí eu vi um novo desafio. Eu não sei se até o fim das matérias pedagógicas eu me interesse em ser professor da Escola Básica, a minha intenção é de ser professor do nível superior até porque não tem muita área de pesquisa na Matemática Pura, pelo menos aqui no Brasil, então, geralmente tem que ser um professor universitário, e é isso, minha intenção é essa.

Eu sou o **Jonas**, tenho 27 anos. Eu sou do interior do Mato Grosso, de Tangará da Serra. Com 16 anos eu fui para o interior do estado de São Paulo, São Carlos, fazer cursinho e tentar entrar em alguma universidade lá. A preferência foi entrar nas que tinham ali, USP, UFSCar e isso basicamente por causa do meu pai. Ele estudou na Unesp e ele queria que a gente estudasse em uma grande universidade. Escolhemos São Carlos e a princípio eu queria fazer Engenharia da Computação; era um curso que não tinha em muitos lugares na época, isso há 10 anos e eu tentei uns 3 ou 4 anos entrar na USP, só que era muito concorrido. Então a falta de preparo e talvez motivação também para realmente querer entrar acabou

Ser professor por não poder ser pesquisador? Mas e daí, se ele for atuar em uma licenciatura será que ele vai se ver como formador também? Ou vai continuar sendo um pesquisador travestido de professor?

E o desejo pessoal????

fazendo eu desistir dessa ideia. E eu também morei com meninos que estudavam Engenharia da Computação na USP e eu acabei desistindo, eu perdi muito tempo nesse sentido, foram 4 ou 5 anos ali, então foi quando eu já estava estressado, cansado e então em 2009 para 2010 decidi vir para cá. Eu não tinha prestado vestibular aqui no estado ainda e eu escolhi a Matemática por já gostar dessa área, fiz mais de 10 anos de Kumon, mas nunca pensei em licenciar. Quando eu entrei aqui em 2010 eu ainda estava meio perdido no sentido de curso, os coordenadores chegavam e explicavam, mais ou menos, como era o curso e falavam que era um curso para lecionar no Ensino Médio e Fundamental. Era uma coisa que eu não me imaginava, então no primeiro semestre eu vinha, fazia as coisas, mas não sentia que ia fazer isso, eu pensei parar em alguns momentos, mas aí fui fazendo. Tive problemas de saúde durante o segundo e terceiro semestre e isso também foi me atrapalhando psicologicamente, então isso fez com que eu deixasse de vir na universidade e frequentasse pouco, não fazia as provas. As matérias, eu acho que nunca tive muita dificuldade em relação a isso, preferia até estudar em casa, se o

professor deixasse e não contasse presença. Mas de um semestre para cá eu percebi que eu tenho que começar a vir mesmo, até pela questão da cabeça, para você conviver com eles, com outras pessoas também. Eu vi que quando a gente assiste bem a uma aula é bem mais fácil depois estudar, você estuda em questão de pouco tempo, ao invés de tentar lá sozinho. Eu tive problemas de choque de matéria e aconteceu que eu acabei entrando com outro RGA, acredito que com esse semestre e mais dois eu consiga terminar. Eu não coloquei isso, mas eu acabei gostando de lecionar, acabei fazendo parte do PIBID e a gente acaba aprendendo algumas coisas, outros métodos ao invés daquele só quadro e o professor falando. Eu aprendi a gostar, não sei se eu vou seguir isso, mas eu pretendo fazer mestrado e doutorado também, não sei se exatamente para essa mesma área, mas eu aprendi a gostar de lecionar, se for preciso sobreviver com isso eu posso fazer. Acho que é isso.

Meu nome é **Andreia** eu estou no primeiro semestre de Matemática. Depois de 23 anos fora da sala de aula eu resolvi fazer o ENEM, meu curso alvo era Engenharia Civil, mas a nota ficou

A importância das relações, das trocas, da conversa

Uma vez mais a importância das trocas! Se não há um PIBID pela frente será que ele teria gostado de lecionar em algum momento?

Ela acabou de começar o curso e já não quer atuar na escola. Por que será que isso

acontece? É fato que já conhecemos a escola... resta saber se irá acontecer alguma coisa aí nesse curso que a faça pensar melhor no assunto...

É necessário??
Começo a pensar diferente...
"Senão não dá conta do curso", mas e o curso, dá conta da nossa formação??
Ando muito mais interessada é nisso!

abaixo. Matemática foi uma área que eu sempre desenvolvi bem desde o Ensino Fundamental I até o Ensino Médio e resolvi vir para o curso porque passei e resolvi ficar até o final, fazer mestrado, fazer doutorado para lecionar mesmo, para faculdade. Não me interessa muito pela área de Fundamental nem de Ensino Médio, apesar de que a gente tem que passar por eles. Mas eu estou gostando do curso, já tenho as aptidões, já venho nas exatas. A princípio todo mundo assusta quando a gente chega: "Ai, a Matemática, olha o professor tal..." Mas você vai vendo que é necessário, o primeiro semestre é colocado muita coisa, mas é necessário porque senão você não dá conta do curso. Não sei ainda falar muito do curso porque a gente está iniciando, mas o básico a gente conhece e está indo conforme o esperado.

Meu nome é **Nadyne**, estou no sétimo semestre e eu não sou daqui de Cuiabá, sou do interior, de Jaciara. Para ser sincera nunca passou pela minha cabeça que eu ia fazer faculdade de Matemática e nem que eu iria ser professora na vida. Eu sempre pensei em Arquitetura e passei meu Ensino Médio inteiro falando que eu queria

fazer Arquitetura, prestei o ENEM no primeiro, segundo e terceiro ano, que era para valer, e minha nota não deu. Minha ideia era entrar para Matemática para poder fazer transferência, só que daí foi passando, o primeiro semestre não podia porque não tinha histórico escolar, o segundo semestre não dava porque Matemática e Arquitetura não são cursos afins e na minha cabeça na época, nossa! Vai dar tudo certo! E aí não deu, foi passando o terceiro semestre não deu, fui fazendo o ENEM e não conseguia, até mesmo porque eu nem estava estudando para o ENEM e estava estudando mais para o curso. Então, por conta disso, o meu primeiro semestre eu não tinha motivação porque não era o curso que eu queria, então eu só estava fazendo para eu não reprovar e eu fiz largado, fiz por fazer, para passar. Mas daí eu entrei no PIBID, acho que foi a minha salvação dentro deste curso porque você vai entrando em crises, você não sabe se está escolhendo, se está indo no caminho certo, então no PIBID a proposta é muito bacana, quando eu entrei na sala de aula, foi até junto com a Raquel na monitoria, parece que foi um click na cabeça, é isso que eu quero! Então foi muito bom. Faz um ano que eu entrei,

Um click mais conhecido como experiência!!!!
Foi quando fez sentido para você Nadyne! Até então era só o curso que você não queria...

estava no quarto/quinto semestre, mais ou menos, então foi muito bom e a realidade de estar vivenciando a escola, os alunos, o trabalho que o professor tem e fora esse novo jeito de ensinar que o PIBID te ensina e todas as matérias de didática que a gente tem, mostra que não precisa ser só quadro e giz, e não é só professor e aluno, o aluno pode construir, você pode ir direcionando e ele vai construindo o conhecimento, então foi muito gratificante pra mim. E eu hoje quero ser professora, já desisti completamente da Arquitetura, quero ser professora, não tenho vontade nenhuma de sair e fazer mestrado e doutorado para dar aula em faculdade. Não me vejo dando aula em faculdade, eu me vejo dando aula em Fundamental e Médio porque eu quero ser mestre em Educação Matemática pra poder ensinar Matemática, mais a parte pedagógica.

Meu nome é **Wesley**, eu tenho 47 anos, estou no primeiro semestre de Matemática pela segunda vez. Na época eu tive que fazer uma opção social, eu era arrimo de família, eu tive um problema e aí ou eu estudava ou eu trabalhava e quando você precisa e outros dependem de você a opção óbvia

é o trabalho. E o tempo passou e agora voltei para Matemática. Eu sempre tive vontade de fazer o curso, eu coloquei como segunda opção no ENEM porque eu queria saber se eu teria nota para passar no outro, eu realmente queria me avaliar. Eu era um bom aluno, mas eu não era um bom aluno em notas, eu sempre fui um aluno que prestei muita atenção, que não conversei muito em sala, mas as minhas notas elas não eram das melhores porque eu não tinha a condição para isso, o tempo que eu tinha para estudar era sempre restrito e aqui no primeiro semestre não está acontecendo nada de diferente. Eu me sinto muito feliz de ter esses professores tão gabaritados dando aula pra mim no primeiro semestre e com isso vai a responsabilidade de você conseguir oferecer pra ele o seu entendimento, a sua condição de absorver o que ele te passa, da melhor maneira possível, porque assim como o nível dele é alto a cobrança dele também é. Tenho sim o objetivo de lecionar, tenho objetivo de fazer mestrado, se for possível fazer um doutorado, eu não sei se vai ser possível, existem outros fatores que limitam, mas a vontade eu tenho, quero lecionar. Eu quero conseguir incluir a Matemática e desenvolver uma forma mais amena de

Será que essa quase certeza de que seremos aprovados na seleção para a licenciatura em matemática tem relação com o modo como encaramos a profissão?

Alguém pensando que na escola tem aluno, e mais, que é preciso se relacionar com ele!!!

apresentar a matéria. Eu acho que primeiro fazer os alunos gostarem de mim, da minha pessoa porque se o aluno às vezes não gosta do professor a matéria não vai! Então assim, eu tenho esse interesse. Nós temos um problema social com a Educação muito grande e meu objetivo é dentro da Matemática e com a Matemática amenizar isso o quanto eu puder, eu acho que esse é um objetivo bem claro.

O susto e a acolhida inicial

Andreia: Bem, eu acho que o primeiro semestre para quem chega é um pouco assustador, dá até para pensar em desistir se você realmente não tiver focado, mesmo que seja para tentar um segundo curso. A gente tem Matemática Elementar no primeiro semestre, são seis módulos de uma matéria, fica sobrecarregado em exercícios, a gente tem um mês de aula e nós temos praticamente 500 exercícios para resolver de todos os módulos. Para quem passa o tempo todo estudando dá para acompanhar, mas para quem tem outros afazeres como família, trabalho, fica um pouco carregado. Até a gente está conversando com o professor, e já é uma ideia do grupo de professores, de estar tentando dissolver um pouco esse

Parece que o diálogo está sendo colocado em prática por aqui. Estou gostando desse lugar

primeiro semestre para os alunos. O curso assusta por essa quantidade de matéria. Para mim que estava fora da sala de aula está um pouco difícil porque tenho que me lembrar de detalhezinhos senão a conta não sai do papel, não sai do lugar, mas os professores que a gente pegou agora do primeiro semestre são excelentes, tanto na parte teórica como na parte humana. Eles têm ajudado bastante, eles têm incentivado, tem colocado para nós não desistirmos do curso se nós entramos com o objetivo da Matemática porque alguns entram com objetivo de mudança de curso. Então eles falam para gente não desistir, que o curso é maravilhoso, que você vai se apaixonar pelo curso no segundo semestre. Para mim a nossa turma é muito boa, os professores são de excelente qualidade e o curso, a princípio, é o que eu esperava.

Acho que se trata de um acolhimento

Raquel: No primeiro semestre a gente tem um baque muito grande, porque realmente a Matemática Elementar ela é quase que uma revisão do que a gente aprendeu de Matemática a vida inteira, então a gente (re) olha tudo isso em um sentido *The Flash*. Legal o que você falou em relação a turma; a nossa foi uma das que pode falar assim, a gente passou em

quinze semestre passado, falavam que poucos passavam da Elementar. A nossa turma tem uma união boa, então quando um está mais ou menos ou então dá aquele grito: “olha, não estou entendendo, me ajuda aí!” Tem aquele socorro. E às vezes eu costumo dizer assim, a Matemática é uma escada. Se você não constrói o próximo degrau para você subir fica cada vez mais difícil e se você não vai formando esses degraus fica impossível de você subir essa escada. E eu acredito que a Matemática tem esse grande embate de ser um problema justamente por causa disso, às vezes as pessoas não conseguem enxergar esse objetivo, então assim, o legal foi que a gente encontrou isso e às vezes a gente senta junto e estuda, vai concluindo e vai dando certo, mas até lá é difícil, muitos desafios que a gente encontra, mas é legal.

Andreia: Para gente tem sido uma experiência de turma mesmo, muito boa, um ajuda o outro porque todo mundo já entendeu que a Matemática é isso, é esse suporte de um para o outro para que a gente possa construir um curso melhor. Para nós tem sido prazerosa a relação com os professores.

É que eu acho que alguns precisam de uma ajudinha para isso e se ela não existe fica mais difícil!

É dessas relações que falo, isso é parte da formação também, não pode ser visto como um bônus. Essa bem poderia ser a regra, mas a vejo como exceção

As dificuldades que a gente tem levado, eles têm nos ajudado, tanto em questão de matéria como em questão de Campus. E sobre o curso a gente está vendo também nos professores uma necessidade de melhorar, eles são muito bons.

Wesley: Os veteranos também receberam muito bem a gente, conversam e se colocam a disposição para ajudar, então isso foi algo que eu não esperava que fosse acontecer por causa desse social que a gente vê aí fora. Então assim, isso foi uma coisa que realmente toca fundo a gente.

Andreia: O nosso primeiro contato com a faculdade, a forma como os veteranos nos recebeu, foi muito positiva, porque a gente chegou na faculdade e eles mostraram quando foram falando a respeito das coordenações, foram falando a respeito dos professores, fizeram uma dinâmica muito legal com a gente, muito bacana. Então a princípio aquele medo de como a gente vai ser recebido, será que a gente chega e consegue já se inteirar com o pessoal do curso? O que a gente vê é que o pessoal que está lá na frente está preocupado também em ter uma interação com esse curso, entender que todos fazem parte

do mesmo objetivo. Isso ficou bem claro para nós no primeiro semestre, tanto é que a gente já chegou meio que querendo participar de tudo também, participar das coisas que estão acontecendo dentro da faculdade para poder também se inteirar de como vai funcionar esse processo até o final.

Algumas visões sobre o ensino de Matemática

Jeremias: Diferente deles, quando eu cheguei, na minha época, não passava quase ninguém e na Matemática Elementar tinha uma desistência muito grande, da minha turma que entrou aqui acho que só tem quatro alunos. E eu me apeguei muito aos professores da área da Matemática mesmo, que era o que eu queria, e criei uma certa aversão aos professores da área Pedagógica e tinha umas críticas muito absurda em relação a eles, preconceito na verdade, e que ainda permanece um pouco. Eu agora vou tentando mudar, por mais que há uma divisão entre as duas áreas, são duas áreas querendo ganhar espaço e, é claro, se eu sou de uma área eu quero que o meu aluno se interesse por ela, então ficam puxando. Mas não é uma coisa pessoal, é meio que natural e eu fui me apegando a esses professores e

fui deixando de lado essas matérias pedagógicas, às vezes eu matriculava e ia. Outra coisa, diferente da maioria, eu não tenho dificuldade com a Matemática, tanto é que as matérias que eu mais gostei do curso foi Análise, Álgebra, eu achava extremamente fácil aquilo e não é porque eu era inteligente, ao contrário, as matérias pedagógicas que eu quebrava a cabeça mesmo e geralmente eu desistia porque eu não dava conta. Os professores reclamavam que eu não levava a sério a disciplina deles e isso me fazia criar um preconceito ainda maior com o pessoal da área pedagógica. Tive a infelicidade de ter uns professores ruins nessa área, posso dizer que ainda bem que eram contratados e já não estão mais aqui, a culpa foi minha de ter esse preconceito, mas eles contribuíram muito com isso. Eu estudei várias vezes em escola rural, em muitas escolas, meu pai mudava muito, então eu vim de um sistema educacional caótico e eu cheguei aqui, o impacto que eu tive quando eu vi os professores que davam aula de Matemática, eles chegavam e era incrível, e além de saber tudo isso ainda se importa em ensinar e daí tinha um contraste, quando eu ia na área pedagógica eu via eles falando sobre

Não conheço a situação, posso estar equivocada na minha leitura, mas fala sério, o que eu escuto do Jeremias é a descrição de um abismo entre ele e alguns professores. Tô lembrando do Skliar falar sobre a importância da conversa, da escuta. Do Larrosa apontar a necessidade de uma língua para conversação. Tudo isso me faz crer que eu habito um mundo de surdos ouvintes e mudos falantes.

Até nossos afetos são rotulados

Não Jeremias, não é natural, nós é que naturalizamos essas atitudes e passamos a achar que tudo bem, que é assim mesmo que as coisas acontecem. A gente precisa reagir, acordar!

→ Isso também não é natural! Será que o curso percebeu o que estava acontecendo com esse estudante? Ou ele apenas entrou na estatística dos desinteressados? Isso para mim é um grito de socorro. Uma ausência perturbadora. E para os professores, o que será?

Será que isso foi problematizado em algum momento?

uma escola que não existia para mim, uma escola que eu não vim dela, um contexto utópico e eu não aceitava aquilo. Eu vinha com uma ideia que a Matemática do Ensino Básico deveria ser opcional e menor, reduzir o máximo e aí eu ficava falando para os professores da área pedagógica: “Por que é que eles têm que aprender fórmula de Báskara? Por que eles têm que aprender isso? Por que eu tenho que dar todo esse conteúdo? Geralmente a ideia deles era aumentar o conteúdo, eles até estavam falando que tinha que voltar o Cálculo, porque nos livros antigos tinha Cálculo diferencial no Ensino Básico, e com toda essa discussão eu falava: “não, eu não quero ser professor! Não quero!” Eu fui criando essa aversão, por isso que a educação que eu tive foi ruim, porque eles não estavam olhando para o mundo de onde eu vim, eles criaram um mundo que talvez aqui funcione. Enfim, quando foi chegando ao final do curso e não saiu o Bacharelado eu vi que se eu quisesse sair daqui um dia eu teria que fazer essas matérias, então eu comecei. Matriculava, começava, desistia e brigava com os professores, mas com o tempo foi mudando, eu tive ótimos professores da área pedagógica, fui

A fala dele me faz pensar que a licenciatura seria o melhor lugar para discutir essas questões, talvez o único curso onde ele pudesse, de fato, compreender o que aconteceu com ele, com sua história com a escola, mas pelo visto...

conhecendo professores que mostravam uma visão diferente e mostravam que era um problema complexo e que não é que o sistema educacional é ruim porque eu não me importo, não! É porque eles olhavam para aquele sistema e falavam: “poxa vida, o que eu posso fazer?” Aí eles devolviam a pergunta para mim: “eu não sei o que fazer, você sabe? Você tem uma ideia melhor?” E eu comecei a ver que não, que o problema é muito complicado mesmo, não é um descaso deles, a situação é complexa e daí comecei a me interessar. Sobre o que eu falei no começo, que o desafio de ensinar foi um desafio maior que aprender, eu agora estou me preparando para ir para o IMPA no final do ano e eu estou estudando alguns conteúdos de mestrado em grupo. Daí eu olho pra aquele negócio e isso aí é muito bom! Que legal e tal e daí eu olho para os outros e: “eu não entendi, explica aí” e aí está a dificuldade: como é que eu vou falar? Um professor que está me ajudando já falou: “olha, quando você for resolver um exercício, escreve!” e aí está a dificuldade! eu sei que é aquilo, sei como demonstrar aquele negócio, mas como é que eu vou escrever isso para que outro entenda?

Cara, olha a simplicidade dessa resposta e o quanto ela foi significativa! Não se trata de dar respostas, de inventar teorias, de criar um mundo ideal. Trata-se de entender que o outro precisa ser escutado e então conversar, simples assim! Parece que ele não queria respostas e sim entender a experiência que viveu na escola

Esse outro sempre complicando a nossa vida!

Exatamente Jeremias, me vejo como você! O que eu mais sei da escola é que não quero ir pra lá e nisso o meu estágio também foi decisivo. Mas tem um lance sinistro aqui: a gente assusta com a escola, como se não soubéssemos o que acontece lá, sendo que passamos boa parte de nossa vida nela. E então a gente volta e quase cai de costas, o que deveria ser bom né, afinal estou olhando pra ela com outros olhos (talvez de professor?), mas e daí, onde entra o curso nesse momento? Qual é o amparo que ele me dá? Como ele problematiza a minha decepção? Como ele me ajuda a entender isso e me incentiva a continuar? Como?

Eu não quero dar aula no Ensino Básico, eu já tive algumas experiências substituindo professores e não gostei nem um pouco e aí já vejo uma grande hipocrisia da minha parte por criticar o sistema educacional que no final das contas eu não estou nem um pouco a fim de mudar. Estou fazendo o Estágio II que foi uma matéria que me ajudou a mostrar isso... eu comecei a ver a questão, acho que o problema está mais na raiz, porque como é que eu vou ensinar coisas básicas? Eu tento defender as ideias que eu tenho querendo que alguém contraponha com uma ideia melhor, porque eu também não sei se a minha funcionaria, mas eu sempre tento defender que deveria reduzir essa quantidade. Para mim a criança não precisa aprender o algoritmo da divisão, ela precisa simplesmente aprender a fazer isso no celular e ela precisa aprender mais sobre a teoria daquilo e menos a prática, menos exercício. Talvez seja um pouco de preguiça porque eu não gosto de fazer exercício e então eu seja motivado por essa ideia que eu defendo que não deve ser ensinado essas coisas para a criança. Geralmente o contra-argumento para essa minha ideia é: “Mas daí você vai criar uma pessoa

dependente do celular”, mas olha só, se eu sei fazer o algoritmo da divisão eu sou dependente, no mínimo, de um lugar para eu escrever, um papel e se eu fizer uma pesquisa geral é mais fácil achar uma pessoa com um celular e calculadora do que com uma caneta, então, a dependência não é um contra-argumento. E também para gente quebrar essa ideia de que Matemática é resolver alguma coisa, não, isso aí talvez seja Engenharia ou outra coisa. Na minha cabeça Matemática é reconhecer esses padrões que vão fazer alguém resolver alguma coisa, pode ser eu ou não, porque eu como matemático me interessava mais pela área pura, não tenho nenhum interesse nisso. Então a minha ideia sobre ensinar Matemática é, não sei como, mostrar a Matemática que faz o aluno tentar formular o problema, se ele quiser resolver o problema ele usa o computador ou o celular, mas que ele consiga formular um problema, olhar pra uma situação e fazer aquilo virar números. Como eu tenho certo preconceito pedagógico é muito fácil que essa minha ideologia seja muito infundada porque eu tenho muito pouco conhecimento nessa área. Porém, já contra-argumento dizendo que por eu ter pouco conhecimento eu

Mas isso não é o que garante a nossa fama de inteligente? Não é o discurso educacional que justifica o estudo da matemática? Resolver problemas!!! Acho que muitos que velem com a gente ainda têm esse pensamento Jeremias....

Como a pesquisa em Educação Matemática se inscreve na profissão da Educação Matemática?

Cara, o lance da experiência é forte mesmo! O que ele viveu na escola foi tão marcante que parece ser determinante em suas escolhas e objetivos

Não se trata só de aprender né... o negócio é entender como o jogo funciona... infelizmente

talvez não esteja abitolado no que todos aqueles autores dizem, que as pessoas sempre leem. Mas agora eu me interessei sim pela área pedagógica, mas nessa minha visão de tentar ver um novo método, até para contrapor esse modelo que eu sempre vivi. Eu sempre fui prejudicado em fazer exercícios, sempre fui prejudicado por não copiar e eu queria fazer uma coisa diferente porque apesar de eu ser prejudicado por tudo isso eu conhecia, eu aprendia as coisas, e eu ficava: "Puxa, olha, a parte que é realmente a Educação, o que teoricamente vai me fazer evoluir eu consigo, agora a parte burocrática eu não dou conta" e por causa disso os que vão seguir a parte burocrática me superam, passam na minha frente e isso me deixava um pouco revoltado. Então, por exemplo, no segundo ano - eu também fiquei alguns anos sem estudar porque eu tive que trabalhar e estudar a noite e eu não consegui dividir meu tempo - eu tive uma professora e eu comecei a questionar essas coisas com ela porque eu tinha que ter o que mostrar pra ela no caderno, não tinha notas, não tinha prova. E isso ainda em Matemática que era a matéria que não precisava disso, normalmente minha nota de Matemática vinha de prova, não

vinha de um texto, ou resolver exercício ou um resumo, normalmente tem muito disso, e daí a professora queria que eu tivesse as coisas, que eu fizesse o exercício porque ela não passava prova, aí começou a piorar e foi quando eu fiquei um tempo fora da escola. Quando eu voltei, graças a Deus, tive um final do Ensino Médio numa escola boa, que é a escola em que o PIBID atua, eu fui um dos que participou de várias oficinas deles. Aqui também, mas na área pedagógica, tive a infelicidade de ter professores que pediam resenha, era muita coisa, eu sei que os professores, provavelmente você, da área pedagógica... tem um autor, por causa disso eu não lia, mas ainda quero ler, que é Ubiratan D'Ambrósio, eu criei uma aversão a esse homem porque a professora dava isso como sendo a bíblia dela e questionar era como se fosse a maior ignorância do mundo. Isso me deixava muito revoltado e me fazia ficar ainda mais contra e era ignorância né, poxa vida, o que custava. Então, ainda pretendo ler ele.

Wesley: eu vejo que a Matemática, principalmente no Ensino Médio, para que um aluno de sétimo ano precisa aprender fórmula de Bháskara? Ele vai

Fora da escola por não se encaixar, por não seguir o fluxo, por não possuir a docilidade necessária à escolarização

Por quê?

E nós, sabemos ler? Aprendemos a ler esses problemas, mas e quanto a leitura que nos cabe agora? Como lemos nossa formação? Como lemos a escola? Como lemos o outro?

lidar muito mais com dinheiro na vida dele do que com a fórmula de Bháskara, então porque não se ensina Matemática financeira ao invés de ficar ensinando um monte de matéria que a pessoa não vai usar. Uma grande dificuldade que eu vejo nas pessoas quando estão aprendendo Matemática é porque não sabem ler, então aquela parte dos problemas que tem escrito nos cadernos eu não sei fazer, mas não é que não sabe fazer a conta, não sabem interpretar o que o problema pediu.

Um olhar sobre o curso

Nadyne: Eu tenho algumas críticas a fazer em relação ao curso, mas também tenho muita coisa boa para falar e essas críticas foram construídas por eu me interessar mais pela área da Educação. Começando lá do primeiro semestre que a gente vai fazendo uma construção. Quando eu optei na segunda opção por Matemática eu pensei: nossa, que legal! Matemática, o que eu vou aprender lá? E outra, na frente do nome do curso: Licenciatura Plena em Matemática. Então eu vou entrar e vou aprender coisas para eu poder dar aula no ensino básico. Aí chega aqui Matemática elementar. A Matemática elementar para mim não foi

um choque, não foi difícil porque eu tive a oportunidade de fazer um excelente Ensino Médio, então não foi aquele bicho de sete cabeças para mim. Certamente é muito corrido, mas em relação as matérias eu não tive muita dificuldade, o que me deixou assim foi o seguinte: esses seis módulos da Matemática elementar são basicamente tudo que você vai ensinar no Ensino Médio, então se eu estou num curso de Licenciatura plena porque que esses seis módulos são todos grudados em uma matéria só? Se você, a princípio, vai ser um professor, você precisa ver aquilo profundamente, o porquê que aquilo funciona desse jeito para você poder ensinar. Quando eu estava no primeiro semestre eu cheguei a querer desistir, porque para que eu vou fazer quatro anos para me tornar professora se qualquer um que tenha aptidão por Matemática pode pegar um livro e ele vai saber dar aula! Por que era isso o primeiro semestre, aquela Matemática elementar estava me passando essa visão! Passada a Matemática elementar, essa passagem de primeiro semestre para segundo semestre parece que é uma ponte que tem um buraco no meio e você tem que pular, porque é uma visão totalmente diferente,

Se a única questão da licenciatura for ensinar conteúdos, Nadyne tem toda razão! É uma perda de tempo e de dinheiro público, no nosso caso.

primeiro semestre você está no Ensino Médio, no segundo semestre você entra no Ensino Superior, então nessa passagem de primeiro e segundo semestre foi um choque porque você sai de uma coisa que você está habituada, tirando quem fica muito tempo fora da escola, e pula para coisa que você: “gente, o que é isso, eu não estou entendendo nada!” Então é um salto muito grande e eu acho que deveria ter no primeiro semestre preparação para fazer isso. E outra crítica, isso eu até já conversei com um professor nosso aqui: “professor, se isso é um curso de Licenciatura, por que não pega essas matérias da Matemática elementar e ensina um módulo desse em cada semestre!” Porque eu achava... como exemplo, vou pegar funções, eu vou aprender funções: como é que faz isso? Por que é isso? De onde que vem? Qual que é a história? Mas não! É tipo cuspidor para você, essa é uma das críticas. Continuando, é um curso de Licenciatura, mas nós temos muita matéria que, a meu ver - eu posso estar totalmente errada no que eu estou falando - não tem necessidade

nenhuma de ter num curso de Licenciatura. Por exemplo, Álgebra, Álgebra I até que vai, mas Álgebra II eu não vejo necessidade de ser num curso de Licenciatura, nem Análise I e nem Análise II, enfim matérias que eu estou fazendo porque eu tenho que sair daqui e tenho que terminar o curso. Se eu quisesse fazer essas matérias eu tinha escolhido um Bacharelado, mas aí vem outra coisa, aqui não tem bacharel, vem o que o Jeremias falou, isso não vai acontecer de uma hora para outra, isso é complicado, tem muitas coisas para poder separar um curso de Licenciatura e um curso de Bacharel. Então eu acho que o que a UFMT fez foi para não ficar Licenciatura e Bacharel, eles falaram: “Ah, vamos fazer uma misturinha das duas?” Só que eu acho que eles não souberam fazer essa mistura direito porque o que acontece, eu vou falar de experiência, as matérias que são da Matemática são muito difíceis, requer tempo de estudo pra você fazer exercício e as matérias de Educação são muito importantes só que o horário das matérias de Educação geralmente é a noite³⁹, então eu já deixei muitas vezes

³⁹ O curso de Licenciatura em Matemática da UFMT acontece nos períodos vespertino e noturno.

de lado, de não ir na matéria de Educação porque tinha prova, porque tinha que entregar exercício e deixava de dar importância, mas eu ficava com a consciência pesada porque eu gostava muito, mas é porque não me deixavam, porque o tanto de coisa que tinha que fazer eu ficava meio perdida! Eu não estou dando conta de aprofundar num assunto que eu gosto por causa de outra coisa que eu não estou nem aí, que eu não quero. Querem fazer a grade curricular desse jeito, não vejo problema nenhum. O que acontece e que eu vou falar, não é nem responsabilidade dos professores. A gente tem que saber sim as disciplinas de Matemática, vou fazer Licenciatura plena em Matemática e eu só vou estudar a Educação? Não! A gente tem que aprender sim a Matemática também, só que o que acontece? Não é feito um link dessa matéria que eu estou estudando aqui no Ensino Superior lá na Educação Básica, então para mim fica vago. Não que o professor é ruim, o professor é ótimo, tanto é que ele explica de várias formas, acho que é um bloqueio meu isso, mas se às vezes ele fizesse um link: “olha, isso daqui você vai...” fazer um link com a Educação Básica, puxar para Licenciatura, acho

*Por que será?
Por que será
que esse
discurso é tão
impregnado em
nós? Tão
inquestionável?
Por que ficamos
tão seguros ao
dizer isso? Por
que estamos tão
satisfeitos com
essa condição?
Por que isso não
é um problema?*

que eu aceitaria mais, agora eu não sei te falar o porquê que eu não vejo a necessidade de estudar algumas disciplinas, seria por conta disso. Por eu gostar tanto de Estágio, acho que deveria ter Estágio desde o primeiro semestre porque o aluno pode estar colocando em prática, vivenciando aquilo que ele está aprendendo, aí chega lá no final ele está com uma carga tão grande que não tem aquele medo de terminar a faculdade e dar aula. Estágio é uma coisa magnífica! Eu tive a felicidade, nós (referindo-se aos outros colegas que também são do PIBID), o PIBID é mais que um Estágio, mas não são todas as pessoas que têm a oportunidade de entrar no PIBID, então quando que eles vão conhecer? Só lá no Estágio? Mas o Estágio não vai te mostrar as diferentes realidades de escola que, às vezes, um projeto de extensão, de qualquer coisa, ia te possibilitar. E as matérias de Educação, confesso que tive um pouco de receio, justamente por causa da professora. Educação Matemática I era mais textos, fazer resenha de pensamentos da pedagogia, história, eu não estava habituada com aquele assunto, porque era uma coisa nova. Daí, passando à Educação II, ele já começou a mostrar

para gente as diferentes formas de ensinar, diferentes pensamentos, os diferentes materiais, então foi uma coisa que foi me puxando. Em Educação III, didática, foi muito bom porque daí a professora: “Ah, vai dar aula simulada”. Você ia lá à frente e no Estágio agora está sendo muito importante porque mesmo que as escolas estão em greve a gente está fazendo trabalho aqui e a gente vai dar aula e a professora vai te dando dica de como você se comportar e aí a gente vê a realidade do que o Jeremias falou, você sabe pra você, o desafio é você ensinar! Então aqui está na hora de aprender, claro que você não vai sair daqui pronto para dar aula, porque isso aí você vai aprendendo trabalhando, só que, quais métodos eu poderia usar para que a Matemática não fosse esse bicho de sete cabeças que é para as crianças? Eu tenho uma coisa muito forte na minha cabeça, eu tenho um plano de, quando eu sair do mestrado, voltar pra Jaciara, de fazer uma coisa nova. Pode ser uma utopia enorme, posso cair do meu cavalo, bater de cara, mas eu quero lutar por isso, mas isso eu não vou conseguir de um ano para o outro, vai demorar um pouco. Para começar eu coloquei que isso tem que começar dentro da minha

sala de aula: os alunos não são iguais. Você não pode ensinar da forma que você quer, da forma que é mais confortável para você se tem um aluno que não está entendendo nada do que você está falando. Então você tem que se preparar e ter artifícios a sua disposição para tentar atingir o máximo de alunos dentro da sua sala de aula. Se há um aluno que não gosta de copiar, de fazer exercícios, o que é que custa fazer uma coisa para esse aluno? Ensinar da forma que ele gosta, se não é papel, pegar jogos, ter articulações para poder atingir isso.

A Matemática estudada na Licenciatura

Jeremias: Eu queria Bacharelado porque eu acho que essas disciplinas da Matemática, elas ficam como se fosse num limbo, como se fosse num meio termo. Eu venho para Licenciatura, aprendo e vou ensinar no Ensino Médio. E tem a Matemática do Ensino Superior que eu vou fazer pesquisa. E essas matérias aqui no curso de Licenciatura só servem para eu aprender aqui e voltar pra dar aula aqui, ou seja, eu criei um ciclo porque eu não vou ensiná-las no Ensino Médio e se eu for dar ela aqui vou ter que voltar a estudar. Se eu for fazer um mestrado eu vou ter que

A questão é pensar no como o curso nos instrumentaliza para isso e se isso é uma preocupação aqui dentro

Essa fala do Jeremias me diz mais do silêncio que impera nesse curso e nos outros, e no meu... Não se diz sobre o que se faz, apenas aperta-se o parafuso

aprendê-las de novo, então elas ficaram meio que no vácuo, para uma pessoa que vai pra lá Ensino Básico não vai usar e quem vai pra cima vai aprender de novo, ficou meio que redundante, mas como ela falou, acho que a intenção era justamente essa de juntar, que é o argumento de não terem o Bacharel. O Bacharelado era justamente porque eles não queriam reduzir o curso, reduzir essa quantidade de matéria e ficar mais pedagógica.

Nadyne: Então, a meu ver, atualmente o curso aqui está sendo preparatório para professores darem aula na faculdade.

Não é preparatório para professores da Educação Básica. Enfim, chega de crítica, vamos lá... Nossa, eu tenho essas coisas para dizer desde o primeiro semestre que eu fiquei revoltada quando eu entrei aqui.

Jonas: Quando a gente fala Matemática a gente tem que entender que é uma língua como qualquer outra, então ela tem que ser ensinada também como essas línguas. Eu acho que falta perceber que a Matemática, toda matéria, não começou da forma básica para superior, não teve uma ordem, principalmente a Matemática abstrata. Existem coisas que foram feitas há

séculos e que não tinha utilidade nenhuma e que a gente utiliza hoje, por exemplo, os números binários na computação. Eles foram feitos numa época que não tinha motivo para ser feito e agora a gente utiliza. Então a gente tem que entender que é uma linguagem. E quem vai se tornar matemático, usar esse termo é até complexo porque a gente fala engenheiro, arquiteto, matemático, mas a gente não precisa falar que é matemático porque matemático seria um pesquisador, geralmente eles são bem privilegiados de QI, então são pouquíssimas pessoas que são matemáticos. O Brasil recentemente ganhou a medalha Fields, o Artur Avila, então para você ter uma ideia o Brasil não era nem reconhecido nessa área de Matemática. Por que a gente não tem um curso de Bacharelado? É porque também falta professor nessa área. O curso de Matemática é o mais antigo, fez 50 anos esse ano, se não me engano a UFMT tem 60. Então um dos primeiros cursos daqui e para você ver como é complexo, parece que não evoluiu. Não é isso, é que realmente é um processo difícil, são poucas pessoas que se interessam pela Matemática. Como vocês falaram da quantidade de alunos

Ao negar o seu objetivo maior, o que ele afirma?

Essa possibilidade surge apenas em uma atividade externa ao curso. Isso diz da espacialidade desse lugar: nega-se a possível fala do outro, autoriza-se apenas que ele fale do mesmo. O Skliar está me ajudando muito a escutar esses colegas

Falar a mesma língua seria o princípio básico de uma conversa... Mas se o interesse não está na conversa, então...

E se eu não vou para a universidade eu faço mesmo o que com o que a escola me ensinou???

que passaram no primeiro semestre, quando eu entrei acho que fui o único que passou direto dessa Matemática Elementar e no semestre anterior só dois passaram, então é realmente uma coisa complicada, você tem que entender que a Matemática é uma língua. Então para você ensinar uma língua ela tem que ser ensinada desde a base, a forma que é ensinada hoje é completamente errado. Você estuda doze anos para chegar ao final e tem essa prova que é o vestibular, então o que você aprende ali basicamente serve para isso, no fundo não significa praticamente nada em termos de conhecimento para o indivíduo. Não sei se mudar por interesse o Ensino Médio, conforme tem em outros países como nos Estados Unidos, se não me engano é dividido por área de aptidão. Então tem uma série de coisas que tem que ser realmente questionadas e que a Matemática mesmo, ela é realmente complexa.

Raquel: Eu tenho uma certa aversão a Matemática Pura desde a primeira matéria. Eu vejo que é importante numa classificação Ensino Superior. Se a gente for analisar as construções que foram feitas na aplicada saíram dela,

mas assim, para mim, ali dentro tem coisas muito abstratas. Na Teoria dos números tem aquela entradinha nesse mundo e tem coisas lá dentro que são o meu bloqueio, acho que os meninos aqui talvez não tenham, mas eu tenho essa dificuldade muito grande com essa questão da Matemática pura, por ser tão abstrata. Agora, terminando o curso, que eu estou começando a me acostumar! A gente vem do Ensino Médio, a gente olha para a Matemática, onde eu aplico? O que eu faço? Onde eu vou solucionar o problema? Qual é o x da questão? Literalmente, né? Então assim, por exemplo, o caso da Análise, ela não é mais uma questão a solucionar o x, encontrar um resultado, e sim o que está acontecendo dentro daquela função? Qual é o processo? O que fez você sair desse lugar e chegar até aquele outro? Então assim, a gente sai daquele mundo de resolver, aplicar, que a gente está acostumada desde quando a gente começa e agora a gente está numa outra visão, então é difícil arrancar aquele costume de aplicar.

Sobre os professores

Raquel: A gente encontra professores muito bons, que se preocupam com a gente, que nos ajudam sempre e isso é

Por que mesmo?

muito legal, é bacana e não tenho o que reclamar em relação a isso.

Nadyne: Eu gostaria de ressaltar isso que a Raquel falou. No Ensino Médio eu escutava: “aproveita, que quando você entrar na faculdade o professor não está nem aí pra você” e quando eu entrei aqui esse argumento caiu por água porque eu não tenho o que reclamar desse departamento de Matemática em relação aos professores. Eles se preocupam com você, quem entra aqui não é mais um no curso, é alguém, é seu colega, é o seu futuro colega de trabalho, não é mais alguém no curso só pra somar a quantidade.

Que contraste com tudo que já foi dito

Jeremias: Isso foi o que eu acho que mais me impactou quando eu entrei aqui. Você ir à sala do professor e ele te dar atenção. Eu tive uns problemas com insônia no segundo semestre e tinha o professor tanto de Cálculo como o de VGA, os dois me ajudaram pra caramba, chegou a ponto de na hora da prova ele falar se eu não queria fazer outro dia. Isso foi muito bom porque era uma coisa estranha, eu chegava na hora da prova, eu olhava, eu sabia, mas eu não conseguia, era complicado e eles entendiam isso, isso é um diferencial.

É louco pensar que isso pode ser impactante, não deveria ser o usual?

Jonas: Isso que eu ia falar. Como eu morei em outros lugares, eu cheguei a participar de algumas aulas na USP e eu via que a relação com os professores era fria. Quando eu entrei aqui, principalmente eu que tive ao longo do tempo vários problemas, vários professores conversavam comigo e entendiam o que estava acontecendo. Eles conversavam muito comigo, me ajudavam, teve professores que me levaram até para conhecer algumas religiões. Então a gente fica falando dessas questões de universidade e que eu vi, eu queria lá, queria entrar nessas grandes universidades e quando eu entrei aqui eu senti esse afeto.

Acho que essa é a primeira vez que ouço essa palavra nessas narrativas e ela parece ter um significado muito especial. Por que se faz tão rara?

Andreia: Para nós do primeiro semestre a gente já entendeu que qualquer dificuldade que a gente tiver eles estão prontos para nos ajudar. Até na primeira semana eu falei: “ah não, eu vou desistir do curso, não vou conseguir fazer” o professor falou: “não, não desiste não, eu fui aprender Matemática quando eu fiz o meu mestrado, nos três primeiros meses encaixou tudo e hoje estou aqui, tenho mestrado e tenho doutorado, não se preocupe”. Uma palavra positiva numa hora que realmente o negócio

estava assustando, eu falei: “não, vamos tentar mais um pouco”.

Wesley: Esse positivismo contagiante do pessoal do curso de Matemática e aí eu incluo os professores, os colegas, os veteranos, isso foi uma coisa que contribuiu para gente se sentir bem no curso porque eu não esperava ser bem recebido como eu fui, eu não esperava que os professores fossem dar a atenção que eles dão, eu não esperava que fosse assim. Hoje mesmo teve um professor que falou: “a turma está diminuindo, né? Tomara que tenha ido para outro curso”. Eu acho os professores excelentes, todas as dúvidas, tudo que a gente pergunta eles respondem, não tem aquela história de fazer cara feia ou virar para você e falar assim: “puxa, você ainda não sabe isso?”. Eu tive que falar para o professor: “professor, me ensina isso daqui, é básico, eu fiz na calculadora deu certo, mas eu não sei como fazer” e ele teve toda a paciência de me chamar no particular e explicar: “está vendo esse passo, por isso que deu isso, entendeu? Aprendeu?” Aí que eu fui realmente entender. Então embora eles sejam doutores, eles estão preocupados se a gente está enxergando o contexto, o

E por não esperar esse acolhimento ele se torna o algo a mais, o surpreendente, o diferencial. Será que é o que faz valer a pena?

O que significa afinal ser doutor?

conteúdo, onde estão as falhas e quando eles identificam eles se dispõem a ajudar.

Sobre processos avaliativos

Jeremias: Eu acho que no sistema de avaliação com provas e notas é muito difícil a pessoa conseguir avaliar o quanto alguém sabe, isso é complicado e eu não vejo uma solução. Partiu de um professor aqui não avaliar, ele falou que ele queria que o aluno se auto avaliasse, ele levou essa ideia adiante, tentou colocar isso no colegiado, até estou curioso sobre o resultado. Eu tentei defender isso na aula de Estágio e a professora, como sempre, ela ouve o ponto de vista e começa a mostrar as contradições, ela não se opõe, simplesmente ouve e mostra as contradições. Enfim, tratando da realidade é bem difícil ter uma solução, mas esse sistema de avaliação é complicado também pela questão de você aprender para passar, para mostrar, você não quer aprender na verdade, tem que mostrar aquilo que você sabe, às vezes um aluno aprende, mas não sabe mostrar e fica prejudicado. O problema é que teria que criar uma cultura de responsabilidade,

Como pensar no diferente se vivemos sempre do mesmo?

provavelmente quando criar essa ideia de querer que o aluno se auto avalie vai ter uma geração que vai quebrar a cara, mas daí eu já vejo isso como um mal necessário pra que as próximas aprendam a ter uma responsabilidade de saber que lá na frente é pra ele mesmo, porque daí ia acabar essa ideia de competição pra mostrar. Mas eu não consigo achar uma solução para esse problema: como avaliar os alunos. Na verdade, como é a maneira de não avaliar os alunos, fazer o conhecimento ser alguma coisa que seja interessante para ele ou não também. Eu não vejo o porquê de uma pessoa ser proibida de ter o certificado do Ensino Médio, porque depois, vamos supor que o cara quer ser marceneiro, mas ele precisa talvez do Ensino Médio e ele é obrigado a passar a ideia de que se eu tenho o certificado de Ensino Médio, teoricamente, eu sei um monte de coisa. Outra coisa que é pouco tratado no curso de Matemática também, é a história que mostra muito o professor como o que vai ajudar a sociedade e não mostra como um profissional. Acho que aí está um problema, porque o professor que forma nessa expectativa de ajudar isso é bom, só que as péssimas condições de trabalho virão à tona

Isso é quase um discurso religioso! Será que o engenheiro pensa que vai ajudar o pobre a construir sua casa? O advogado vai querer sempre defender os injustiçados?

quando ele for trabalhar, o salário e a dificuldade, aí talvez não prepara para isso.

Sobre o PIBID

Raquel: O PIBID é uma ferramenta excepcional para a nossa formação, eu sou fã de carteirinha porque foi muito bom. A gente teve agora as apresentações no projeto de extensão aqui da universidade e a gente de certa forma recebeu muitos elogios das professoras que estavam lá na banca, principalmente na comunicação oral, que foi mais com os professores, eles falaram: “Nossa, então vocês apresentam a Matemática dessa forma?” Realmente dessa forma é mais atrativo, a gente consegue a junção do dinâmico, do lúdico, de prender o aluno, de conseguir ter todo o suporte necessário para transmitir o que a gente precisa, então assim é bem legal esses mecanismos, esses materiais. A gente ano passado teve a experiência de ir numa escola rural e foi um impacto muito grande porque a gente saiu daqui com aquele preconceito: é uma escola rural então a gente vai encontrar muitos desafios, muitos alunos com dificuldade. E quando a gente chegou à escola ficamos de boca aberta com o

que a gente encontrou. O primeiro impacto foi que não tinha uma parede riscada, não tinha uma cadeira riscada, tudo muito bonitinho, tudo muito bem limpinho, muito bem zelado pelos próprios alunos, coisa que a gente não encontra aqui porque a gente está dentro de uma escola que foi entregue não tem nem dois anos e a escola já está basicamente destruída. Então a gente ficou de queixo caído com o que a gente foi encontrando e fora os próprios testemunhos dos professores falando que a escola é como se fosse o centro de toda comunidade, tudo gira em torno da escola, então a comunidade tem muita consciência da importância da escola ali naquela agrovila. Então que choque de realidade que a gente encontra em algo que nem está tão distante daqui da capital Cuiabá. A gente ficou assim, eu

queria trabalhar aqui, se fosse um pouquinho mais perto. Quando eu me formar eu queria trabalhar aqui, então assim, essa importância de encontrar esse avante, de falar eu tenho muito prazer de estar ali porque é gostoso você trabalhar com prazer, com aquele reconhecimento até mesmo dos seus alunos e a gente via isso, porque a gente estava ali dentro de sala de aula só nós, alunos da UFMT com alunos da escola. Teve escola que a gente foi que com o professor da própria escola não era possível fazer a oficina porque não fluía, não conseguia manter, então isso é muito importante e a gente ficou uau! Tanto é que esse ano a gente vai voltar lá.

Mais uma leitura!

Eu tenho observado bastante a questão das relações entre professores e alunos nessas minhas leituras e sempre tenho tido a impressão de que o afeto está em falta. Entretanto, aqui vejo que esses estudantes estão recebendo um bônus nesse quesito! Até me animei! Porém, para minha tristeza, parece que ainda é preciso mais que isso. Oferecer uma formação em que o estudante se sinta preparado para atuar na escola também é acolher e nesse ponto a impressão que tenho é que as coisas precisam melhorar. E daí eu vejo também que não dá para dizer que um aspecto é mais importante que o outro. Não dá para valorar. Tudo caminha junto.

Entretanto, o que guardo dessa narrativa para talvez discutir no GELIMAT é a fala do Jeremias. Um estudante que experienciou a escola como um lugar de exclusão, onde a sua diferença e a sua particularidade no modo de vivenciar o processo sempre foi motivo de recusa. Seus crimes: não copiar, não gostar de resolver exercícios, não registrar as informações. Subversões indesejadas no contexto escolar. Mas a questão que me coloco é como esse curso enfrenta essa situação. Não digo desconstruir essas imagens e sim problematizá-las. Desconstruir talvez a escola, pois ando desconfiada que ela não seja aquilo tudo que eu pensava, tenho desconfiado de suas intenções a ponto de começar a diferenciar o que antes para mim eram sinônimos: escolarização e educação. Mas mesmo que para desconstruí-la precisamos dela nos aproximar e só o período do estágio parece estar sendo insuficiente para isso. Aqui mesmo eu vi isso no modo como o PIBID é considerado um suprimento dessa falta. Aliás, quase sempre ele é visto como o salvador da pátria.

O que eu tiro dessa leitura é: precisamos (re)conhecer a escola para além da observação do seu cotidiano. E para isso o estágio não é ruim e nem bom, ele é pouco! Insuficiente para aquilo que poderia ser sua intenção: nos (re)aproximar da escola para que possamos compreendê-la na sua diferença. E, como não poderia deixar de ser, carecemos de atenção; carregamos uma história com o nosso futuro local de trabalho que não pode ser ignorada, uma vez que ela pode ser decisiva em nossas ações.

Acho que estou ficando confusa com todas essas leituras: o que elas me dizem, afinal? O que eu consigo escutar nessas falas que seja diferente de mim, do que eu já penso sobre a minha formação? Parece que só consigo pensar no mesmo! Percebo algumas coisas, mas quando tento formular um raciocínio sinto ainda falar as mesmas coisas. Nessa última leitura tentei assinalar alguns pontos, mas ainda tenho dúvidas. E estou percebendo que acabamos discutindo no GELIMAT praticamente as mesmas coisas

que leio aqui, mas deve ter algo além disso. Será que é só uma questão de foco? Acho que talvez eu tenha que pensar sobre o que eu gostaria de ver e ouvir nessas discussões sobre a nossa formação. Pensar sobre a minha percepção como acadêmica. Respostas eu não tenho, mas acho que consigo formular algumas questões que podem me ajudar nesse exercício: O que se diz ao dizer que há dicotomias no curso: matemática x educação? O que se diz ao dizer que o estágio não contribui para a formação? O que se diz ao dizer que não se estuda matemática para ensiná-la na escola? O que se diz ao dizer que o curso não forma professor?

Não que eu esteja querendo encontrar o que há por trás dessas falas, algo que seja a essência do problema. Já nem sei mais se tudo isso é um problema, problema para quem? O que eu estou desconfiando é que talvez tudo isso seja apenas aquilo que está na superfície, onde mesmo aqueles que não estão diretamente envolvidos no processo conseguem perceber e até opinar sobre o assunto sem grandes esforços. Talvez falte profundidade sobre essas discussões, talvez seja preciso parar, olhar melhor, escutar melhor, sentir mais. Eu queria saber o que a Adriana enxerga nessas narrativas; sobre o que será que ela fala? Vou escrever para ela e perguntar!

Boa noite Professora Adriana

Escrevo para dizer que tenho lido as narrativas dos estudantes e tenho ficado bastante apreensiva com essas leituras. No começo eu me identifiquei bastante com os relatos, pois são muito próximos da minha realidade. Entretanto, após ler quatro entrevistas percebo que há mais que semelhanças... Na verdade, eu gostaria de saber como você interpreta essas narrativas, o que você tira dessas falas? Há algum texto seu que possa me mandar? Estou pensando na próxima reunião do GELIMAT e quero levar alguns pontos para discutir, imaginei que conversando com você teria algumas ideias.

abraço

Adriana

Bom, enquanto a resposta não chega vou me aventurar novamente em outra leitura.

O encontro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

No dia 12 de setembro de 2016 estabeleci meu primeiro contato com o Professor Marcus Vinicius de Azevedo Bassus para negociar a possibilidade de realizar minha pesquisa com os alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Cheguei ao professor Marcus por indicação de Marilena e, coincidentemente, ele também era o coordenador do curso de Licenciatura em Matemática dessa instituição naquele momento. No dia em que enviei o e-mail, de imediato, obtive uma resposta afirmativa e receptiva. Dessa ocasião até o nosso encontro, no dia 18 de novembro de 2016, foram diversas trocas de e-mail e negociação de dia, horário e local. Às vésperas do encontro eu já estava conversando diretamente com o acadêmico João Marcos que foi indicado pelo professor Marcus para organizar nossa conversa.

Nosso encontro ocorreu no Campus do Vale da UFRGS que fica em uma região afastada do centro de Porto Alegre. Nesse local está situado o prédio do Instituto de Matemática e Estatística, onde ocorre parte das disciplinas do curso de Licenciatura em Matemática.

Gentilmente, o professor Marcus me deu uma carona até o Campus do Vale, nos encontramos no prédio da Faculdade de Educação que fica no centro de Porto Alegre e até nosso destino fizemos um trajeto de, aproximadamente, 40 minutos de carro. O pouco que conheci desse Campus me encantou: há muita área verde no local e apaixonada como sou pela natureza, isso já foi o suficiente para me encantar. Assim que chegamos fui levada até a sala do laboratório de informática, o espaço disponibilizado para a entrevista. Uma sala ampla, com ar-condicionado e muitos computadores, um típico laboratório de informática. Afastei alguns computadores e liberei um espaço na bancada para que nos sentássemos ao redor dela. Organizei tudo e logo os estudantes chegaram. Iniciamos então uma conversa que durou, aproximadamente, 1h30min. Tive a felicidade de me encontrar com um grupo de amigos comprometidos com a ideia de se tornarem professores. Bastante críticos em relação ao curso e muito conectados, por vezes um terminava a fala do outro, falavam ao mesmo tempo, discutiam, concordavam, discordavam. Posso dizer que fazer essa transcrição foi um desafio

prazeroso, pois a empolgação do grupo era contagiante.

O grupo de colegas

Meu nome é **Kristine**, eu tenho 24 anos, entrei na UFRGS em 2012/1, então são cinco anos cursando, acho que se tudo der certo me formo no final do ano que vem. A minha primeira opção foi fazer o curso de Física, Licenciatura também, só que acabou que eu não gostei muito porque eu sempre gostei mais da Matemática e aí acabei entrando na UFRGS, mas eu acho que eu nunca escolhi por ser Licenciatura, eu entrei mais porque eu queria fazer Matemática. Eu sabia que Licenciatura era para quem viria se tornar professor, mas não conhecia todo o universo da educação que existe por trás disso e é por isso que eu estou fazendo. E quero ser professora.

Parece que esse universo a motivou, vamos ver como isso aconteceu

Eu sou o **João**, tenho 27 anos, entrei em 2012/2, estou cursando o nono semestre e também pretendo me formar no final do ano que vem. Eu morei no campo até os 17 anos e eu não gostava, não queria ficar lá. Então eu pensava: “só tem uma forma, fazendo faculdade”, as referências que eu tinha, ou tu fazias Veterinária ou Agronomia, ou tu eras professor, era o que tinha lá.

Então desde criança eu pensava: “ah, eu quero ser professor, eu não quero ser veterinário”, e eu sempre gostei de Matemática, sempre alimentei aquela coisa que eu gostava e que queria ser professor e achava que seria de Matemática. Eu pensava em várias coisas, cheguei a pensar em outros cursos, mas enfim, quando eu terminei o Ensino Médio eu fui fazer numa universidade particular um semestre de Matemática, Licenciatura, porque antes da Matemática eu tinha vontade de ser professor. Só que a referência que eu tinha eram os professores do estado e aí eu pensava: “o estado paga muito pouco e se eu quiser de fato sair do interior, sair do campo, não depender mais dos meus pais eu não posso receber isso”. Eu pensei em trocar de curso, fiz outra faculdade, que eu não gostei, atuo muito pouco, praticamente não atuo. Eu fiz cosmetologia, você trabalha com cosmeceuticos, com ácidos para tratamentos estéticos, para tratamento de acne, de manchas, tratamentos dermatológicos. Enfim, quando eu terminei pensei que quando eu fiz o primeiro semestre de Matemática eu gostei muito. Eu gostava de Matemática já em função do meu avô que tinha toda uma história na

Por mais que se tenha o desejo genuíno quanto a profissão, as condições de trabalho podem ser determinantes!

Será que essa postura afeta o modo como o estudante olha para o curso?

Matemática, então eu vi que eu também gosto disso e quando eu terminei a minha outra faculdade eu falei: “eu não quero mais nada, eu quero ser professor”. Eu fiz o vestibular para a UFRGS e estou na Matemática e quero ser professor, dou aula e gosto de dar aula, às vezes eu penso: “quem sabe eu não aproveito e faço Engenharia para ganhar um pouquinho mais” (risos), mas como eu não quero fazer outro curso de novo...

Meu nome é **Bruna**, eu tenho 23 anos, estou mais entre o quarto período e oitavo. Na verdade, não tinha escolhido Licenciatura em Matemática, eu queria fazer Arquitetura e no fim eu acabei fazendo vestibular para Matemática. E até meu segundo e terceiro semestre, mais ou menos, eu não curtia fazer, não gostava. E aí eu iniciei uma prática que foi o Laboratório e o PIBID, subprojeto da Matemática, então a partir disso que eu comecei a gostar da Licenciatura em Matemática, que eu comecei a ter um encanto pela Matemática pelo fato de dar aula, foi a partir disso e eu acho que eu estou no caminho certo porque eu gosto muito de fazer. Estou no PIBID faz já um ano e meio, eu acho, e é bem legal, a gente trabalha com a escola

Mais uma que começa a gostar do curso durante seu desenvolvimento, acho que as coisas aqui devem funcionar, vamos ver

pública, que é o Instituto de Educação. É muito bacana ter esse contato com os alunos antes de a gente se formar porque a gente tem uma experiência bem bacana. Com certeza quero ser professora!

Eu sou o **Gilberto**, eu estou no segundo semestre e eu entrei na Matemática no ano passado, mas eu estou na UFRGS desde 2013. Eu fazia Engenharia Física antes, mas meio com aquela pressão familiar, não ficava feliz com nada, nem com os colegas, nem com a matéria, nem com nada, não via perspectiva de trabalhar assim. Eu resolvi parar um ano para pensar na vida, eu fui para um cursinho e lá foi que eu decidi: é Matemática que eu quero fazer. Até o último dia de se inscrever no vestibular era para eu fazer Física, eu tinha um professor que me ajudava muito: “não, faz Matemática, vai te dar bem, faz, faz, faz, faz”. Aí eu escolhi Matemática, e foi assim, eu me dou bem com todo mundo e é outra cabeça, e eu acho que é isso, estou muito a fim de começar a dar aula, sou muito fã desse pessoal do PIBID, são sempre felizes [risos].

Eu sou o **Guilherme**, tenho 22 anos, eu estou entre o sexto e o sétimo semestre do curso noturno. Eu caí na Matemática

Olha a memória escolar afetiva

não por acaso, quando eu entrei na faculdade eu não tinha exatamente certeza do que eu queria fazer, porque eu estava dividido entre fazer três Licenciaturas: ou Letras, ou História ou Matemática, mas como eu gostava muito das aulas da minha professora do Ensino Médio de Matemática acabei optando por Matemática. Poderia hoje estar fazendo Licenciatura em História, talvez eu queira fazer também no futuro. E muito parecido com a Kris, eu não entrei muito pensando... Claro que eu sabia o que era Licenciatura, mas eu com 17 anos não pensava muito em Educação enquanto teoria e tudo mais. Quando eu entrei na faculdade eu gostava muito das disciplinas do Instituto (Instituto de Matemática), disciplinas de demonstração e as cadeiras da FACED (Faculdade de Educação), embora eu gostasse, eu gostava mais das disciplinas do Instituto. Conforme foram aparecendo os Laboratórios e as outras disciplinas de prática e muita conversa com outros colegas eu fui pegando mais gosto também pela parte teórica, pensar a Educação e tudo mais e a partir disso eu me sinto mais motivado em ser professor, apesar de as práticas dentro das disciplinas não ter assim

Mais um! Tem algo diferente por aqui

muito...trabalhei com Estágio, dentro da minha bolsa eu fui professor, mas é diferente e enfim, nunca entrei numa escola para assumir uma turma ainda.

Meu nome é **Isadora**, eu tenho 22 anos e eu estou entre o sexto e oitavo semestre. Eu sempre quis ser psicóloga e daí no terceiro ano eu comecei a pensar sobre ser professora e eu fiquei naquela dúvida. E eu também pensava em Letras e Matemática e eu tinha essas três opções: Letras, Matemática ou Psicologia e eu optei por Matemática. Dentre Letras e Matemática, ainda tinha dúvida quanto as duas, quando eu fui me inscrever eu queria testar o vestibular, ver como que era o vestibular da UFRGS e como Matemática era mais fácil para entrar eu optei por Matemática para testar e eu passei e decidiu por mim. Eu entrei e vi que aquilo era o que eu queria mesmo, no início para mim, pelo menos, foi bem assustador. O curso de Matemática era bem diferente do que eu imaginava até a gente começar a fazer as práticas. Depois também eu entrei no PIBID, faz três anos que eu estou nele e daí tu descobre que é isso mesmo. Quando tu entras na sala e tem o contato com os alunos, tem essa relação fora da

Diferente é, a questão é como entender essa diferença

faculdade, a relação da gente com a escola, que é bem diferente do que a gente tem só nas cadeiras da FACED, por exemplo, porque a gente aprende, mas a gente não tem aquela experiência e aí foi quando eu realmente queria ser professora, mas eu ainda penso em fazer Psicologia também para ajudar, quem sabe, e a gente tem um professor que ele estuda bastante isso e daí...

O susto inicial *Por que será que ela coloca esses tópicos?*

Kristine: Eu entrei junto com a Isadora e a gente seguiu fazendo várias cadeiras juntas e ainda fazemos, e acho que no nosso quinto semestre de UFRGS que a gente fez a cadeira que nos liberou para a primeira cadeira de prática. Quando a gente entrou no curso a gente fez uma cadeira no primeiro semestre com uma professora que assustou bastante, o nome é Fundamentos de Matemática I onde a gente vê a parte de demonstração. Na verdade, eu acho que tudo depende, nos primeiros semestres que tu entras na universidade, dos professores que dão aula para essas cadeiras porque a gente insistiu muito para chegar hoje aqui porque de sessenta alunos que entraram com a gente cinco já se formaram e acho que tem uns quatro que ainda continuam. E

a gente teve que fazer cinco semestres para conseguir se liberar de uma cadeira para fazer a primeira prática sendo que no currículo ela está prevista no terceiro semestre, então só no nosso sexto semestre de universidade, são três anos que tu ficas insistindo.

Isadora: Eu acho que é nessa cadeira que dá esse susto quando tu entras na faculdade porque, pelo menos, no nosso primeiro semestre essa cadeira foi como se tu já tivesses um embasamento que tu não tens de coisas que teoricamente era para ter visto no Ensino Médio, só que a gente não viu. Então tem a linguagem Matemática que já é cobrada e que a gente nunca ouviu falar, daí começam as demonstrações também que a gente nunca tinha visto na vida. Então eu acho que isso é que mais assusta porque é um mundo completamente diferente daquele que tu estás acostumado.

Bruna: É, tu tens que te adaptar num período de tempo muito curto para várias coisas e tu tens que construir um certo pensamento matemático que tu não tiveste anteriormente.

Guilherme: É, exato, eles te cobram uma escrita e uma linguagem

Parece que o lance não é exatamente o que está acontecendo no curso, mas o tempo em que isso é feito! Acho que isso tem relação com o que o Skliar fala sobre o tempo do outro. Há o tempo que foi inventado, ordenado... (o tempo da escolarização) e esse tempo que a Bruna coloca é o tempo que é irreconhecível, indefinível, ingovernável... (o tempo do outro)

Matemática com a qual tu não foste apresentado antes e se tu não sabes...

João: É que no Ensino Médio a gente até aprende algumas coisas, algumas das coisas que a gente viu ali, mas não da forma como que a gente...

Bruna: É cobrado.

João: Com aquele olhar.

Guilherme: A gente sabe que é um teorema aquilo lá, mas, por exemplo, provar que no triângulo equilátero a perpendicular que baixa a base divide o triângulo em duas partes iguais, essas coisas dessa forma...

Bruna: Intuitivamente a gente sabe, mas por que isso realmente é válido...

Guilherme: E essa coisa era muito cobrada de uma forma que a gente não conhecia e a gente penou, eu particularmente penei um pouco para aprender a escrever matematicamente.

João: E eu penso também que esses professores dessas disciplinas tenham uma tendência a assustar, eles gostam de assustar, porque hoje quando eu olho para a disciplina de Fundamentos I eu acho que não era tudo aquilo que eu achava que era. Tu olhas as demonstrações, claro, já alguns anos fazendo várias demonstrações e

adaptado com a linguagem, mas quando tu chegas lá pensando que Matemática é aquilo que tu viste no Ensino Médio e é uma coisa totalmente diferente, uma exigência totalmente diferente, uma rigurosidade tanto ali na avaliação quanto na própria aula... “Isso aqui vocês têm que saber”, coisas que a gente não percebe... “ah, isso aqui é trivial!” Trivial para quem? Então eu passei no vestibular e passou a ser trivial para mim, é isso?

Isadora: Essa disciplina é pré-requisito para uma disciplina do segundo semestre, Fundamentos de Aritmética e Fundamentos de Aritmética é pré-requisito para essa cadeira de Laboratório que é a da prática. E essa de Fundamentos da Aritmética é anual, então se tu perdeste, ela é sempre no segundo semestre, é só no outro ano e aí por isso a gente acabou fazendo no quinto semestre.

Sobre a formação e a prática dos docentes

Isadora: A gente tem vários professores que são formados no Bacharelado e não na Licenciatura, isso é uma coisa que a gente conversa bastante, a gente está sendo formado para ser professor e a gente tem um currículo para isso e o

Não importa quem você é! Você está aqui e isso quer dizer que você deve saber algumas coisas. O sujeito é apagado/silenciado e o que existe é a figura irreal/inventada de um estudante de matemática! Absurdo, entramos no curso e devemos nos tornar avatares de matemáticos. De fato, é um susto inicial mesmo!

Incoerência que deixa
ainda mais claro o
modelo de formação
binária:
matemática x educação

Bacharel é um currículo diferente que não é para ser professor e daí a gente questiona o quanto, não que eles não saibam dar aula, mas o quanto eles foram preparados pra isso?

Como se discutir fosse algo dispensável dentro de um curso! Todas as disciplinas deveriam possibilitar isso, é o mínimo.

Kristine: Nas cadeiras que a gente tem possibilidade de discutir, como de Laboratório, a gente tem duas partes, a parte da discussão que a gente tem aula com o nosso professor aqui que possibilita essas discussões e uma parte de aplicação que a gente dá aula, que no caso é no colégio de aplicação da UFRGS, para os alunos do Ensino Fundamental. Então todas as dificuldades que a gente tem ou na construção das aulas que a gente vai dar lá ou outros assuntos de educação que a gente acha viável discutir na aula, a gente discute nessas aulas. Mas eu acho que a gente desenvolveu essa forma de pensamento crítico sobre essas coisas por causa desse professor que deu essa cadeira para a gente, eu acho que se tivesse sido outro professor que tivesse dado a cadeira de Laboratório I teria sido de uma maneira diferente, eu acho assim.

João: Eu acho que uma das maiores incoerências do curso e é o que incomoda muito a gente aqui, é que

enquanto a gente faz as disciplinas práticas, as disciplinas de educação e a gente pensa educação, pensa avaliação, pensa dessa forma, a gente gasta um tempo e ao mesmo tempo os nossos professores do Instituto eles não aplicam nada disso. Eles aplicam ali uma coisa totalmente diferente daquilo que a gente aprende, então assim, a gente pensa educação num modelo totalmente diferente do que a gente vivencia. Então eu acho que isso reflete lá na sala de aula porque tu passas cinco anos com todo um discurso, lendo texto e discutindo, mas vivenciando outra coisa. Tu vais chegar lá com um discurso de educação e vai continuar aplicando a mesma coisa porque a universidade só vai legitimando isso, só vai passando, por isso que a gente vê um discurso dos colegas: “ah, entender de educação para quê? Gastar tempo lendo texto?” É sempre a mesma coisa, tem que aprender Matemática e ensinar, por quê? Porque o curso é assim! Porque o curso ele não coloca em prática aquilo que a gente discute.

Legítima a ideia de que saber o conteúdo é suficiente para ensinar

Bruna: Nem todos os professores que são pesquisadores na área de Educação tentam fazer de alguma forma diferente.

Como eu desconfiava: não se trata de títulos/rótulos/ currículo...

Kristine: É, eu acho que um exemplo disso é a professora [REDACTED] que a gente fez a cadeira de Geometria II com ela e ela chegava e passava os conteúdos e dava a aula dela e explicava e ponto. E ela também é uma dessas professoras que dá a cadeira de Laboratório e que tenta seguir, mais ou menos, eu acho, que é a forma como o Prof. [REDACTED] dá, que é quem deu essa cadeira de Laboratório I para a gente, que é de possibilitar essas discussões.

Guilherme: É que eu acho que o ponto talvez seja a questão do currículo e como que as coisas são. Como o currículo e o plano de ensino das disciplinas se apresentam, porque muitas disciplinas tem uma lista de conteúdos gigante e o cronograma é um empecilho quando tu queres um foco de discussão. Por exemplo, como tu poderias trabalhar Geometria Espacial com seus alunos quando tu tens uma hora e meia para ficar discutindo paralelismo e perpendicularidade de retas e como que tu demonstras que uma reta é perpendicular a um plano quando tu sabes que tu tens que vencer um plano de ensino? Porque senão o professor pode levar processo de um aluno porque não cumpriste o plano de

ensino que exige uma série de conteúdos muito grande digamos assim, e o professor que às vezes repensa a educação ele fica num impasse porque no momento que ele pensa diferente ele é obrigado a fazer da forma que a universidade coloca porque enfim, existem regras, existe currículo, existe tempo, existem diversas coisas que impedem essa forma diferente de pensar as aulas dentro do curso, eu acho assim.

João: A gente pensa toda uma horizontalidade no ensino e daí a gente chega nas disciplinas e não é assim, mas é bem isso, é o currículo que impõe porque a gente tem professores que estudam... Enfim, que dão as disciplinas de Laboratório, a [REDACTED], por exemplo, ela dá a disciplina de Laboratório e a avaliação não é uma prova, é a discussão de textos, então tu tens que fazer resenha, tu tens que aplicar aula, fazer plano de ensino, então são as discussões, é toda uma vivência ali que vai montando essa avaliação, mas automaticamente quando ela vai dar Combinatória, tem que ser duas provas valendo dez e pronto. Será que ela pode fazer outro método de avaliação? Não sei se ela

Faz sentido a análise do Guilherme, de fato o currículo engessa e nem sempre apenas a boa vontade do docente é suficiente, acima dele há uma instituição com regras, prazos, tempos....

Mas isso é a regra, não?

Assim sendo, quando formos para escola a avaliação será só prova? Porque se nem aqui repensamos essa prática, imagina lá na escola. Como disse o João a universidade só vai legitimando...

quer ou não, mas mesmo que ela quisesse, eu acho que o currículo é tão duro que não deixa...

Possíveis mudanças no curso

Guilherme: Mas uma coisa que eu acho que foi comum no discurso de todo mundo foi a questão de que começou a gostar mais da Licenciatura quando começaram as disciplinas de prática. E eu acho que isso é uma coisa que está mudando no sentido da nova reforma que é para ser implantada no início do ano que vem que vão ter disciplinas de debate de ensino de Matemática desde os primeiros semestres e a disciplina, essa de Fundamentos, ela vai ser dividida em mais disciplinas para que não fique tão sobrecarregado naqueles quatro créditos..

Kristine: Vão ser duas disciplinas de três créditos cada uma.

Bruna: E outra, também vai surgir a disciplina de História da Educação Matemática que é uma linha de pesquisa e nos era apresentado, mais ou menos, numa disciplina que era Tendências em Educação Matemática.

Guilherme: Mas em uma semana tu vias alguns autores.

Bruna: E alguma coisinha, agora vai ter uma disciplina dedicada, pelo menos eu me interessei muito.

Guilherme: É muito diferente da História da Matemática, por exemplo.

Bruna: A gente participou das discussões desse novo currículo.

Kristine: Teve um debate, aquele dia foi do currículo, aquela reunião...

João: É, mas só teve aquela reunião... agora foi uma reunião já apresentando as ideias, mas anteriormente teve, acho que teve alguma coisa, eu lembro de alguma coisa.

Isadora: A gente até tinha comentado nessa disciplina de Laboratório com o professor [REDACTED] sobre essas questões de o quanto que as pessoas desistiam do curso, ele falava que a taxa de desistência do curso era muito alta e a gente conversava sobre o porquê de isso acontecer. Chevava em Fundamentos, por exemplo, era uma cadeira que tinha um alto índice de reprovação, então tem algum problema ali ou só os alunos são o problema, o que está acontecendo? E daí foi quando estavam começando a pensar nessa mudança do currículo, essa questão de ele falar: “a gente vai conversar, vai ver o que os alunos estão

Faz sentido, já que a maioria nesse grupo queria ser professor

Isso é um diferencial do grupo

A princípio, os alunos

Me parece que é o primeiro lugar que vejo essa preocupação em saber o que o aluno pensa, mesmo que por meio de uma enquete...

falando e reclamando sobre isso” e eu acho que eles chegaram a abrir uma enquete para perguntar algumas coisas que os alunos achavam que poderia melhorar no curso e uma dessas coisas foi essa cadeira de Fundamentos que foi dividida.

Bruna: Mas mesmo assim, através dessa pesquisa e alguns debates que a gente teve, essas horas que esse novo currículo vai ter já foram divididas, tantas vai ser para Matemática, tantas vai ser para ensino. A maior carga ainda foi para a Matemática, não foi para o ensino, para a área de Educação, mesmo tendo esse debate não teve muito que se fazer.

Kristine: A mesma coisa é a cadeira de Organização da Escola Básica que trata da LDB e tudo mais, ela é do primeiro semestre no currículo atual.

Bruna: Eu acho que ela é muito pesada para um primeiro semestre, ela é maravilhosa, acho que se ela fosse tratada hoje, eu iria aproveitar muito mais porque antes eu dormia na sala.

Kristine: Exatamente, tanto que foi uma das críticas que eu fiz porque eu sou da

comissão da COMGRAD⁴⁰, sou representante discente e aí eles apresentaram o currículo antes de ser dada a aprovação final para abordar para o MEC e eu consegui convencer eles de trocar para o segundo semestre essa cadeira, porque ela é um conteúdo muito importante. Tu entras na universidade e tu nem sabes direito se tu queres fazer Licenciatura, daí tu caís na FACED que é a Educação e aqui é a Matemática e aí te botam fazer uma cadeira que fica tratando de questões mais técnicas, burocráticas da escola e que não fazem sentido nenhum para ti.

Bruna: É que tu estás totalmente imaturo.

João: É que você não quer saber de LDB, você só quer conseguir passar de Fundamentos e Geometria.

Guilherme: Vai entrar por uma orelha e sair pela outra, hoje eu já não sei mais a LDB.

Kristine: Não, poucas coisas eu sei no caso, mas assim, de estudar depois.

O desejo de discutir a prática docente

Por que será João???
Tirando o fato de que aluno bom é aluno que sabe matemática, não vejo nenhum outro!

⁴⁰Comissão de Graduação é um órgão responsável pelo ensino de graduação na UFRGS.

João: Todo mundo que se inscreve no vestibular, para esse curso de

Licenciatura, sabe que vai ser professor.

Guilherme: Isso, que é para um curso de formação de professores.

Adriana: E desde o começo já tem disciplinas que discute prática?

Todos: Não.

Kristine: Tem teoria.

Guilherme: LDB... Não que isso seja ruim, mas às vezes eu acho que deveria

acontecer é a discussão do ensino de

Matemática, não só a questão da

estruturação da História do ensino no

Brasil, mas sim repensar, discutir

práticas de sala de aula. Parecia que era:

FACED fala do ensino e o Instituto de

Matemática fala de Matemática, o

aluno junta os dois.

João: E é muito difícil fazer isso.

Guilherme: É porque a intersecção gera novas coisas, novas discussões.

João: E outra coisa, tem uma distância

física que eu acho que ajuda, Educação

lá no centro, Matemática aqui⁴¹. Aqui

uma cadeira de Fundamentos vai falar

alguma coisa de Educação? Não! É

⁴¹ O encontro foi realizado no Campus do Vale que fica numa região afastada do centro de Porto Alegre

Matemática. Uma cadeira do Instituto não vai falar de teoria da Educação, aqui é isso e lá é outra coisa.

Guilherme: Tem professores que são da Matemática, mas que estão alocados dentro da faculdade de Educação mas, por exemplo, no primeiro semestre a gente tem professores que são doutores em Biologia, Química, tem formação também em Educação, Psicologia, Filosofia, e parece que fica meio distante, a gente fala da História da Psicologia no Brasil, Educação na infância e quando a gente pensa isso nas disciplinas de Matemática a gente não pensa como é que a gente poderia, por exemplo, pensar esse conteúdo dentro de uma sala de aula.

Isadora: Na FACED tem Tendências em Educação Matemática, as professoras são formadas em Matemática, é onde a gente discute a Matemática.

Kristine: Mas na verdade, não se discute propriamente a formação do professor.

Guilherme: Digamos que são teorias, são vertentes em Educação Matemática.

Quase que uma discussão em termos de pesquisa... Estou com a impressão que sempre que a Educação Matemática aparece está envolvida com a pesquisa. Será que isso é um problema?

O problema não é o que estudamos, mas como estudamos! Precisamos ampliar o nosso repertório de verbos que se limita a: resolver, demonstrar, verificar. Queremos repensar, discutir, conversar, desconstruir, reinventar... Carecemos ser chacoalhados, balançados, provocados para que possamos perceber a mesmice de nossas práticas e quem sabe fazer algo diferente

Chega a ser coerente, são distantes em todos os aspectos! Distantes nas ideias, nos espaços, dos alunos...

Bruna: Modelagem Matemática.

Kristine: História da Matemática,
História da Educação Matemática.

Guilherme: Etnomatemática.

João: A Resolução de Problemas.

Guilherme: Tu não repensas essas práticas, tu conheces essas práticas.

Bruna: Exatamente.

Isadora: Aí tu vêes com qual tu te identificas mais.

Guilherme: Eu acho que as disciplinas que a gente tem essa junção, digamos de Educação e Matemática são as disciplinas de Laboratório e de Estágio que acontecem no terceiro, quarto e quinto semestre. O aluno do segundo semestre que não está gostando do curso não vai ter oportunidade de talvez começar a gostar mais do curso porque ele não chega a conhecer essas disciplinas.

Kristine: É, e se tiver a dificuldade que a gente teve, vai desistir antes, tanto que a maioria desistiu.

João: Sim, tem gente que está há anos aí e não chegou em Laboratório.

Bruna: E tem uma outra questão que na verdade o curso de Licenciatura em Matemática pra ti entrar na UFRGS é

baixo o índice de pessoas por vaga, tem vezes que não chega nem a uma, eu não sei, quando eu entrei era 1,3, então tem muita gente que usa esses cursos que o índice de ingresso é baixo só para poder entrar na universidade para depois pensar no que realmente quer fazer e ver a possibilidade de trocar de curso, então um dos motivos da desistência dos alunos do nosso curso é esse também.

Sobre projetos

João: Eu acho que isso é um problema também porque a gente só conhece os projetos depois da metade do curso e outra coisa, por que a gente aqui faz um monte de projeto? Porque a gente se conhece! E porque a gente vai indicando um para o outro e é isso.

Bruna: Ou se tu fazes disciplina com algum professor que é do projeto, não tem uma divulgação!

João: Nem um incentivo.

Guilherme: Eu acho que uma coisa me incomodou muito quando eu entrei na faculdade, eu tinha muita vontade de fazer pesquisa e eu conhecia muitos amigos meus que faziam Química, faziam Engenharia, no primeiro mês eles tinham bolsa de Iniciação Científica. E no

O que evidencia a falta de recursos para cursos como o nosso. Afinal, é necessário investir muito na formação de um professor?

A eterna afirmação do mesmo... "A mesmidade da universidade proibe a diferença", não é Skliar?

Não chega porque antes ele passa na peneira do curso, que é a matemática. Não que se a peneira fosse da Educação Matemática tudo estaria bem. Eu acho que tinha que jogar fora todas as peneiras possíveis porque para quem fica tudo bem, mas e o outro que vaza pelo buraco? Vai direto para a escola?

curso de Matemática parecia uma caça ao tesouro, foi surgir uma possibilidade de uma bolsa de Iniciação no terceiro semestre porque eu estava cursando uma disciplina e a professora divulgou uma vaga na sala de aula, mas muitas vezes o que acontece é que os professores perguntam para os colegas de departamento sobre alunos que eles conhecem e que eles acham que poderiam ser bolsistas deles, então vira uma coisa meio que fechada, os alunos não têm acesso a pesquisa. Eu acho que é importante fazer pesquisa, claro que quando tu repensas as tuas práticas tu estás fazendo pesquisa, experimentando, mas a oportunidade de ter bolsa de pesquisa eu acho que é importante, tem pouquíssimos alunos da Licenciatura que fazem pesquisa dentro da universidade.

Kristine: Pouquíssimos.

Adriana: Mas vocês têm grupos de pesquisa aqui, grupos de estudos que vocês participam?

João: A gente se organiza.

Bruna: Propriamente dito não, como a gente disse, esses daqui, fora ele (Gilberto), a gente fez a disciplina de Laboratório I juntos.

Kristine: É um grupo que se conhece e a gente acaba se ajudando e fazendo coisas juntas, por exemplo, tu (João), a Kauane, a Bruna e o Gui fizeram aquele artigo.

Guilherme: A gente fez três artigos, o primeiro foi de Lab 1 o projeto das lojas virtuais com o Excel e aí depois a gente pensou em criar o Grupo Matemática Crítica que é um grupo de colegas que querem repensar a Educação Matemática.

João: Mas a gente que se juntou e fez um grupo, a gente propõe leituras para gente mesmo como a gente pode, a gente que discute. Essa questão dos artigos que a gente escreveu, a gente escreveu por quê? Porque um dia a gente olhou pra professora e falou: “professora, a gente quer participar de evento da Educação” ela: “ah, tem um tal...”[nós]: “o que a gente faz para participar?”[ela]: “bom, vocês teriam que escrever um artigo” [nós]: “então vamos escrever!” A gente se juntou e escreveu. “Professora, a gente quer participar mais, a gente gostou, vamos escrever” e aí a gente começou a escrever e a incentivar os outros a escrever e a gente vai chamando, vai chamando, vamos escrever um artigo, a

A contrapartida no processo de formação: alunos interessados e bastante autônomos. E eles nem precisaram passar pela pesquisa para criar o grupo! Parece que eles movimentam os professores, devem dar trabalho ou prazer

gente pode ir para um evento, pode conseguir verba daqui, mas assim, é um movimento nosso.

Adriana: Mas tem professor orientando, ajudando na leitura?

Bruna: Tem o professor [REDACTED] que normalmente ele é o nosso orientador em tudo.

Kristine: Ele é um paizão.

Isadora: E ele é o coordenador da COMGRAD também.

João: E ele é nosso amigo.

Kristine: COMGRAD é comissão de graduação e realmente ele tem essa função de orientar os alunos da graduação.

João: Mas ele faz muito mais do que isso.

Bruna: É como foi dito, ele é um paizão para nós, e ele não é só um professor. Bah, é nosso amigão!

Kristine: Ele foi nosso professor de laboratório I e a gente se identificou bastante com ele, a nossa primeira reunião do grupo Matemática Crítica foi na casa dele.

João: E ele é assim, a gente liga, a gente tem umas ideias loucas: “vamos fazer um artigo para não sei o que...?” [ele]:

“vamos!”, [nós]: “Vamos fazer um projeto?” [ele]: “vamos!”

Bruna: Tudo ele topa, tudo ele topa.

João: Tem isso, eu acho que a gente está muito nessa pegada de fazer as coisas, independente do currículo ou do curso, tudo que a gente faz é por nossa conta porque tem ele, ele topa tudo.

Isadora: E a gente tem que contar também que a gente tem uma intimidade com ele, mas que muitos alunos não têm. Então esses alunos não têm essa noção e não sabem que existem eventos que eles podem participar, que eles podem escrever artigo.

Bruna: E que há outras leituras que não são propostas no nosso curso, por exemplo, sobre Educação Popular, sobre n coisas que a gente não tem no nosso currículo e que a gente acaba a partir dele tendo esses atravessamentos.

Isadora: Eu conheci os eventos por causa do PIBID, a gente acaba participando de eventos porque o PIBID organiza, a gente vai se inscrevendo, vai aprendendo a fazer na marra, porque a gente nunca fez um artigo na faculdade, no curso. Agora tem uma disciplina até

O quanto a disponibilidade docente é importante! Não se diz sobre o que o professor faz, propõe ou deixa de fazer. O que é valioso é ele topar!

Pensar para além do currículo como uma possibilidade de atravessamentos. É bem isso! eu tenho sentido na pele esses atravessamentos, aliás, já nem sei se ainda resta algo de mim por aqui

Afeto! Tão raro, tão lindo!

que eu fiz um artigo, no Edumatec⁴², mas que antes disso é no final do curso. Então antes a gente nunca aprendeu a escrever.

Joao: Não, e essa disciplina é muito engraçada porque a gente nunca faz nada de escrever aí a gente chega lá no sexto semestre e você tem três semanas para escrever um artigo.

Guilherme: O que eu percebo e que acho que talvez seja consenso é que o curso não tem incentivo à pesquisa e à escrita. A gente aprende na marra porque muitos alunos aprendem a escrever talvez quando vão fazer o TCC.

Kristine: A Licenciatura não tem esse incentivo, mas o Bacharel tem, a maioria dos alunos que faz pesquisa é do bacharel, exatamente porque é o campo de trabalho deles, eles têm um currículo diferente.

Guilherme: Sim, é diferente Licenciatura de Bacharel nesse sentido, porque eles são incentivados a fazer pesquisa e eles têm um maior número, eu acredito, de bolsas de pesquisa também.

Kristine: Isso, porque eles têm mais contato com os professores que fazem a

pesquisa porque são professores deles, tem vários professores que são professores do Bacharel que não são da Licenciatura e então eu acho que isso também possibilita deles fazerem mais.

Bruna: Sabe o que eu acho também, professores do ensino têm quantos no instituto?

Kristine: Uns doze no máximo.

Guilherme: Eu não sei se chega a tudo isso.

Bruna: Chega tudo isso? Então, são poucos professores que fazem pesquisas relacionadas ao ensino, que é onde a gente gostaria de atuar. Veja, doze professores para não sei lá quantos alunos.

Guilherme: Sim, eu sou bolsista da [REDACTED] que foi citada antes, ela tem um bolsista e quando ela tentou o segundo teve cortes de verbas. Então sou só eu de novo, houve corte de verbas e ela não pode aumentar o número de bolsistas, então suponhamos que num mundo imaginário fossem 30 bolsistas, quantos alunos têm dentro do curso de Matemática? Talvez 30 privilegiados que tem acesso à pesquisa e todos os

A questão é: será que pensar e escrever sobre a educação é um objetivo no curso?

⁴² Educação Matemática e Tecnologia Informática

outros escrevem e repensam a educação quando?

Kristine: Por exemplo, desde que eu entrei na UFRGS eu consegui uma bolsa no CPD que é um setor que cuida da informática da universidade, eu nunca tive bolsa de iniciação, eu nunca tive bolsa de monitoria. É bolsa administrativa e nunca tive acesso a outras bolsas porque eu não quis na verdade, poderia ter largado aquela bolsa e feito o PIBID ou outras, mas eu fiquei lá também pela questão financeira, isso também influencia bastante.

Guilherme: Sim, claro, porque as bolsas têm um valor baixo.

Bruna: Porque querendo ou não, de certa forma, as nossas bolsas meio que nos sustentam, não são todos que moram com os pais.

João: É tudo isso, por exemplo, de todas essas coisas que a gente faz, eu acho que ele (Gilberto) está sabendo hoje.

Gilberto: É.

João: Porque ele já nos conhece, porque o curso não..., eu não sei, eu acho que tu poderias falar um pouco, você conhece essas coisas todas, esses projetos?

Não cria oportunidades de conversa, interação, será que isso completa a frase dele?

Gilberto: Não, eu conheço só o PIBID, a gente não sabe realmente quem que faz parte, então a gente não sabe com quem a gente pode trocar uma ideia. As pesquisas, por exemplo, a gente conhece a pesquisa por nome, mas a gente não sabe em quem chegar para: “Bah, como é que funciona?” Eu conheço mais o pessoal do noturno que falou de Lab, esses caras tão meio cansados, eu imagino que o noturno deve ser mais difícil para a FACED, então quase sempre quem dá monitoria para nós é o pessoal do noturno, a gente pergunta: “como é que é a tal cadeira da FACED?”, eles falam: “Bah, é horrível, eu ia na FACED só para dormir, eu ia no Lab e o cara me mandava escrever um monte de coisa”. No final das contas até a nossa monitoria acaba meio que minando, eu estou meio que pelo pessoal que conheço que está formado e que está trabalhando, que é um pessoal que curte muito, não pelas cadeiras porque as cadeiras do primeiro semestre são bem... eu nunca tinha pensado assim de que os cara nos largam uma coisa de Educação, nos largam outra da Matemática e a gente tem que fazer um link, é impossível assim, tipo é bem nesse momento que eu estou.

Bruna: E mais tardar algum professor larga no meio de uma aula: “olha talvez vocês possam fazer dessa forma para apresentar para os seus alunos” é um em um milhão.

Gilberto: Uma professora que eu tive que é totalmente diferente das professoras, a [REDACTED].

Bruna: Ah, a [REDACTED]!

Gilberto: Porque quando ela faz tua avaliação, ela faz: “Bah, tu podes fazer assim com teu aluno”, ela fez um trabalho conosco e ela falou: “Bah, vocês podem ver isso na sala de aula”, ela dá um exemplo no quadro, tipo em Fundamentos II que é uma matéria que eu acho bem importante. Aí trocou pra [REDACTED] agora e eu acho que ela é uma ótima professora, mas ela não faz link algum, ela dá a aula dela ali e escreve três quadros, tipo aprendeu, aprendeu, não aprendeu, não aprendeu.

Bruna: Vou ser sincera contigo, às vezes eu não consigo fazer os links, sabe, depois eu penso: “como é que eu vou passar isso para o meu aluno?”

Conteúdos da Educação Básica x conteúdos do Ensino Superior

Kristine: Se tu vais ver a gente não aprende aqui os conteúdos que são do

Fundamental e Médio, a gente aprende quando tem que preparar aula para dar no colégio de aplicação, igual quando aprende no PIBID e tal. Muitas vezes tu acabas reestudando por ti aqueles conteúdos quando tu precisas ensinar para alguém.

Guilherme: Quando tu precisas ensinar... Exatamente.

Kristine: A gente está fazendo Laboratório III agora e teve uma aula sobre Logaritmo, nunca mais tinha visto Logaritmo na minha vida e daí a gente teve que se programar e estudar para dar aula.

Guilherme: E o Logaritmo não é uma coisa assim, tem que saber! São funções, tem translamento, tem transformações que é interessante a gente pensar e fazer esses links que não são apresentados para a gente e eu não vou chegar e: “hoje alunos, vamos aprender extensões algébricas”, que é uma coisa que a gente aprendeu em Álgebra por exemplo. Eu adoraria fazer Álgebra II com a [REDACTED], mas é uma coisa que se tu não fores pensar em fazer pesquisa ou fazer um mestrado, um doutorado, não é uma coisa que vai aparecer na tua vivência de professor do Ensino Fundamental.

Mas o que não faz sentido? A abordagem, o conteúdo? Ou os dois?

Kristine: É a mesma coisa que Análise I, não faz sentido nenhum tu pensares aquilo ali para dar para um aluno de Ensino Médio.

João: Quando a gente começa a ir pra sala de aula, chega lá e vê que tu tens que fazer um plano de aula, tu começa a pensar e aí tu percebes foi super importante e tal.

João: E eu acho que a gente gasta um monte de tempo, acho que é super importante a gente estudar Análise, óbvio, a gente faz Matemática, a gente tem que estudar Análise, tem que estudar Cálculo, tem que estudar Álgebra, mas eu acho que como é um curso de Licenciatura a gente poderia sim pensar relações disso tudo.

Guilherme: Exatamente.

Bruna: Uma das mudanças agora do currículo é uma cadeira de Combinatória, ela era de quatro créditos e agora tem um quinto crédito e se esse quinto crédito fosse justamente usado para esse espaço de discutir essas relações, de fazer... Porque é uma disciplina que vai estar no Ensino Médio, a gente vai precisar utilizar.

Kristine: Só fazendo um adendo a isso, a ideia desses créditos a mais dessas

disciplinas é para serem atividades à distância, para serem estudos dirigidos à distância.

João: Só não sabemos se ele vai ser contabilizado como isso.

Guilherme: Como hora de curso, porque tem 400 horas a mais e eles precisam preencher a hora em alguns lugares.

João: Mas é daquele jeito, muda o nome das coisas e está resolvido o problema.

Isadora: Mas daí a gente precisaria ter professores preparados para isso também porque alguns dos professores que nos dão Combinatória não são formados na Educação para saber e conseguir fazer esse link.

Guilherme: Ainda que eu ache que Combinatória é uma das disciplinas que ainda tem muita contextualização... Suponhamos que eu vou colocar 9 pessoas em rodas, quantas possibilidades.... É uma realidade inventada, é difícil às vezes tu conseguires pensar, fazer links com as coisas que tu já viste antes, claro que são críticas mais profundas aos conteúdos das disciplinas, mas combinatória, nesse sentido, ainda é mais interessante.

Bruna: É mais palpável digamos assim.

Horas a mais para serem preenchidas... Dá até para imaginar um diálogo:

—Horas a mais para quê?

—Isso não importa, depois a gente vê o que faz, agora precisamos cumprir a legislação.

Muda o nome por enquanto, depois pensamos no que fazer.

Isso até me lembra aquelas escutas telefônicas ...

De novo esse discurso de que é óbvio estudar essas matérias, precisamos desmistificar isso! Como? Não sei, mas só o fato de começar a perceber isso já estou feliz

Guilherme: É, porque tem cadeiras que às vezes você fica... Física Geral II é uma disciplina que tipo... Eu vou aceitar isso.

Bruna: Pega na mão de Deus e ...

Guilherme: É, vou decorar isso aqui e é verdade, pronto, passei e nunca mais. Mas você sabe essa coisa de tu precisares passar sem às vezes não aprender nada nas disciplinas? Acontece. É aprovado porque tu atingiste uma nota, porque a tua capacidade de armazenar conteúdos foi ok, legal, mas se tu compreendesses o conceito de alguma coisa, se tu soubesses o que é aquilo, entendeste o que é e não é só uma fórmula que tu decoraste...

Bruna: Mas eu acho que talvez falte isso também nas nossas aulas, simplesmente eles jogam um conteúdo no quadro, mas não existe uma construção, por isso que eu acho que a gente não aproveita tanto a disciplina. O que a professora tentava fazer conosco era essa construção nas aulas de Geometria Analítica, a partir do que a gente ia discutindo montar conceitos, enfim, talvez falte isso também. A gente tenta buscar nas nossas aulas de Laboratório, nas nossas práticas, com os nossos alunos, a partir de algum

pequeno objeto eles construírem os seus conceitos e a gente percebeu que faz muito efeito, digamos assim, porque no final do ano a gente faz uma auto avaliação deles e eles falam muita coisa e que talvez uma aula como a gente tem aqui que é conteúdo no quadro eles não iriam fazer essas relações e a gente também, falta um pouco disso nas nossas aulas.

João: Eu acho que tem outras coisas que faltam.

Isadora: Eu lembro que quando eu fiz a primeira vez, quando eu me matriculei em Cálculo, eu tentei mudar de turma por causa dos horários e eu assisti a uma aula de manhã e assisti a uma aula de noite e eu não entendi nada da aula de manhã e a aula de noite foi igual, só que sem a linguagem Matemática e aí foi tudo tão simples. Mas que só a linguagem daquela Matemática que eu não estava entendendo nada do que ele estava falando porque tinha que associar e tinha que usar aquelas palavras bonitas e que eu não conhecia e depois o outro professor falando numa linguagem tão mais informal e foi tão simples, então eu acho que isso faz muita diferença e esse negócio do aluno construir, ele vai construir com as

Eu vejo essa situação como um possível exemplo de atenção ao outro, uma mudança na linguagem pode ser um movimento nesse sentido

Se não é possível atribuir um sentido ao que é feito continuamos a passar pelas situações sem atravessamentos Bruna, como você mesmo disse a pouco. Passamos na disciplina, passamos de ano, passamos pelo curso... sempre ímunes, intactos, incapazes de experienciar o processo

palavras que ele conhece e ele acha mais adequada para criar o conceito dele, daí eu acho que é mais fácil do que eu dizer.

João: Lógico que vai interferir, por exemplo, em ele construir o raciocínio matemático.

Guilherme: Da ideia de conceito, do que aquilo é, se alguma palavra diferente, formal, vai dizer mais ou não.

Bruna: E daí também és tu construir, não é outro dizer é isso, tu percebeste, tu chegaste aquilo, tu criaste aquela verdade, não foi alguém que te disse: “é isso”.

Posturas frente a Matemática

João: E coisas que eu percebo é: se a gente for olhar para os nossos alunos de hoje de Matemática, me assusta um pouco perceber que existe uma separação entre os nossos colegas, existe um grupo que é muito conservador, no sentido de que a aula de Matemática é isso, como assim eu vou discutir outra coisa na aula de Matemática, como assim? A Matemática é isso! Só que aí eu fico pensando, as pessoas estão sempre falando: “eu detesto Matemática, não consigo passar em Matemática”, tem

Será um possível reflexo das práticas vivenciadas?

todo aquele discurso sobre Matemática, aquele preconceito. Só que é assim, tem todo esse discurso e parece que é bonito falar: “nós somos aqueles que gostamos de Matemática”, aprendemos Matemática então a gente tem que continuar ensinando Matemática da mesma forma, a gente vai passando isso adiante, a Matemática dessa forma porque são raros aqueles que...

Bruna: Enquanto que a gente pode estar dando uma exceção a aprender com aquele método, não quer dizer que todos vão aprender com aquele método.

Guilherme: Quem aprende daquela forma é o matemático, é o inteligente, é o que tem o tratamento de prestígio, porque eles entenderam a Matemática. Ser bom em Matemática tem certo prestígio, é elogiado, é bem visto e quem não aprende com aquele método não quer dizer que ele não saiba ou que ele não poderia aprender de outra forma, é visto como burro.

A licenciatura não deveria ser um momento de quebra de paradigmas como esse? Uma oportunidade de ressignificação de crenças? Pela fala do João e do Guilherme parece que ainda há uma longa travessia nesse processo...

João: E eu acho que o curso deveria discutir mais isso. *Exatamente!*

Isadora: A gente aprendeu sempre no ensino, que eu acho que todo mundo aqui teve o mesmo tipo de ensino e se eu aprendi desse jeito e eu consegui por

O princípio de que não há temporalidades e espacialidades diferentes das minhas. O Skliar fala exatamente isso em um outro texto dele, vou até registrar aqui: "o outro deve sempre coincidir com o que inventamos e esperamos dele e se isso não ocorre, a espera e a invenção se tornam mais destrutivas, violentas..." Somo s ignorados ao não acompanhar o ritmo, ao pensar diferente do que é dado, ao pensar... E o que me deixa ainda mais perplexa é quando isso acontece na minha turma, entre os meus colegas. Entre mim e o Diego!

que eu vou mudar? Então eu acho que esse é o problema que os nossos colegas, alguns colegas, pensam dessa maneira: "Mas bah, funcionou esse ensino tradicional e eu vou continuar nesse ensino tradicional, eu não preciso buscar, eu não preciso trabalhar mais, pensar mais e fazer coisas diferentes, porque funciona!".

Bruna: Um grande exemplo que eu posso dar, eu faço PIBID no Instituto de Educação e num dos períodos que a gente assumiu uma turma do sexto ano, essa professora, que é a nossa supervisora, ela cedeu esse período para nós trabalharmos com eles Geometria e ela fica abismada com o relato que a gente traz dos alunos, porque ela diz: "não, não é a mesma turma! Eles não são assim, eles são...", querendo ou não ela fala: "eles são burros, não pensantes", enfim, essas coisas todas.

Guilherme: Que os alunos não pensam.

Bruna: Não pensam.

Isadora: Isso também é assustador para quem é formado em Licenciatura falar essas coisas, ser professor e falar.

Bruna: Exatamente, "cognitivamente lesados", ela falou isso. E ela fica

*Será que isso acontece por aqui????
Talvez só de vez em sempre!*

impressionada com esses relatos que a gente traz, porque os alunos dentro das nossas aulas são totalmente diferentes, porque a gente fica instigando eles: "por que está acontecendo isso? O que está havendo?" E eles respondem! E no final a gente sempre faz umas perguntinhas para retomar tudo que a gente teve durante a aula e eles respondem e ela diz que na hora, com ela, eles não são assim.

Guilherme: Claro, quando tu matas o discurso em sala de aula, depois tu queres que o aluno responda alguma coisa? Quando tu só da oportunidade de discurso, de fala, quando tu queres ouvir determinada resposta do aluno...

João: E a própria avaliação despreza todo esse processo, se o aluno não falava e agora fala, agora pergunta, agora por mais que ele percebeu alguma coisa errada, ele levantou alguma coisa, o outro discutiu, tem toda uma avaliação.

Bruna: E quando, por exemplo, a gente está explicando uma coisa no quadro, a gente está fazendo o desenho ou alguma coisa, o outro vê e: "Se a gente fizer assim, o colega vai entender melhor", é muito bacana isso.

Ele fala de uma situação vivida na escola, mas eu já li coisas bem semelhantes nessas entrevistas

A situação é péssima, mas me parece que seria perfeita para uma discussão sobre práticas dentro do curso. Até que ponto nos distanciamos de posturas como essa? O quanto o discurso do bom aluno é excludente?

A imagem que ela possui em relação aos alunos está tão sedimentada que não é possível aceitar que possa existir outra representação possível. Como aprendi com o Skliar, todo ato de exclusão/inclusão é violento, pois tira-se do outro o poder de sua linguagem, ele é silenciado.

Isadora: E isso está ligado à relação que vocês criaram com eles também.

Bruna: Claro, a gente criou uma relação toda diferente, querendo ou não, existe essa relação, eu sou a professora, tu és o aluno, mas a gente tenta diminuir essa distância, então a gente os traz lá para frente, a gente tenta conversar, discutir, que provavelmente não tenha na aula dela.

Isadora: Eles ficam à vontade.

Guilherme: Eles não são reprimidos de exprimir a opinião deles.

Bruna: Exato, exato!

Guilherme: Como é que um aluno não vai ter medo de dar uma resposta errada dentro da sala de aula...

Bruna: Essa professora se tu deste uma resposta errada ou se tu fizeste uma pergunta que na perspectiva dela é idiota, ela vai te dizer: “que pergunta idiota! Para com isso!” E ela vai dizer isso na tua cara e, por exemplo, professores lá do Instituto de Educação que falam para os seus alunos: “não sonhem!” Não ficam elogiando os alunos, “isso aqui não está bom!”. Eles ficam o tempo todo botando o aluno para baixo, os alunos nessa fase já têm autoestima, normalmente, não são

todos os casos, mais baixa, então vai lá um professor que talvez tu tomes como exemplo e faz assim: “não! Está errado! Isso não está bom! Tu não terás futuro!”.

João: E isso acontece com a gente aqui dentro.

Adriana: E vocês trazem essas discussões para cá? Para o professor coordenador daqui?

Bruna: Sim, nós trazemos para o [REDACTED] principalmente, como eu disse ele é um paizão, ele é o cara que ...

Adriana: Ele é o coordenador do PIBID?

Isadora: Não.

Guilherme: É que a gente se sente à vontade com ele.

Bruna: A gente se sente à vontade com ele. Do PIBID a gente até tenta trazer, mas é que tem outros impasses, enfim...

Guilherme: Divergências.

Bruna: Não é bem divergência, é que a nossa professora coordenadora, ela não quer, ela já disse várias vezes para a gente: “ah, vocês têm que escolher as batalhas que vocês querem lutar...” só que quando uma coisa persiste e essa pessoa não toma uma atitude para

O que acabei de dizer. O que não é comum é essa análise crítica que vocês fazem João

tentar mudar isso, a gente também fica ...

João: Nem discutir?

Bruna: Nem discutir! “Olha fulana, vamos tentar fazer diferente...”.

Guilherme: Não está aberta a diálogos.

Sobre o acolhimento no curso

Guilherme: Acho que não existe a mínima.

João: Ele só existe porque a gente conhece o [REDACTED].

Bruna: O [REDACTED], ele é um professor que além de ele estar na colocação que ele está aqui, ele é o coordenador do curso, ele tem já esse olhar, a gente sabe se o aluno vai lá e ele precisa de alguma coisa, ele está sempre disposto a ajudar, mas é o professor [REDACTED], entendeu? Não tem outro professor para ti, eu talvez não conheça, não sei...

Isadora: É, eu lembro, por exemplo, no primeiro semestre eu tive aquele choque de realidade com parte dos professores, porque não tinha aquela relação que tinha na escola com teus professores, tu não tens intimidade, tu não tens nada e se teu professor sabe teu nome, meu Deus, tu ficas...

Bruna: Nossa! tu já chegaste a entrar em uma outra sala de aula que não seja o laboratório?

Isadora: Não.

Bruna: Elas têm tipo um palquinho para o professor, então ele já está acima, tu já se sentes inferior a ele.

Isadora: E daí eu lembro no primeiro semestre que tu ias tirar uma dúvida e tem monitorias, pelo menos tinha bastante antes, agora diminuiu, e daí tem as monitorias das disciplinas que são alunos que já fizeram em semestres anteriores aquela cadeira e aí tu ias perguntar alguma coisa para o professor e ele falava: “a monitoria é para isso!” Ou seja, ele não pode conversar contigo, não tem essa relação.

Guilherme: Não pode estabelecer nenhum tipo de vínculo.

Bruna: Eu sempre me lembro de uma professora que dizia assim: “nós alunos não nos fazemos apenas na sala de aula, tu te fazes extra classe, tu deves pesquisar”, aí eu sempre levei isso comigo e de alguma forma eu tento também estudar fora de casa, fora da sala de aula e um dia eu estava fazendo uma disciplina, semestre passado, de Álgebra e surgiu lá um termo que eu não

O quanto um modelo arquitetônico pode ser visto como a materialização de formas de poder. Engraçado o quanto isso pode ser reforçado por outras situações em paralelo...

entendi e, supostamente, era daquela disciplina, mas a professora não estava entrando naquele assunto e eu fui perguntar para ela: “Professora, e tal coisa, o que é, o que significa e tal?” E ela disse: “não, porque nesse curso a gente não vai trabalhar isso e eu não vou falar contigo sobre isso entendeu...” Como assim? Ela se negou a me dar uma informação, porque se ela me indicasse, eu até disse para ela: tu podes me indicar alguma leitura talvez?” e não, ela não quis, entendeu?

O incentivo à docência

Bruna: Ah, eu não sei se existe um incentivo.

João: Ah, eu acho que não tem incentivo para nada.

Bruna: Para nada.

Adriana: Nem para academia, nem para ir para a escola?

João: A escola pública ninguém nem fala aqui!

Isadora: Eu lembro que eu fiz a cadeira Educação Contemporânea e eu fiz de noite e a professora trouxe professores formados que davam aulas nas escolas públicas para conversar com a gente e a gente fez um debate e tinha acho que sete professores que vieram conversar e

cinco falaram que não era para a gente ser professor. Sério, eu saí de lá chorando porque eu fiquei impressionada, mas eles não falavam não sejam professores, eles falavam porque eles estavam falando aquilo, e eles diziam sejam professores se vocês quiserem mesmo, vocês têm que ter muito amor, e eles começavam a falar as coisas e eu ficava chocada, e ela concordava, porque é a realidade da escola pública e a gente ficava assim, sério... Foi um choque e depois quando tu começa a ir pra escola pública tu começa a perceber essas coisas, que é verdade e que aquilo acontece.

Bruna: Ali tu és super desvalorizado, em todos os âmbitos, eu digo escola pública no geral, eu posso falar talvez de algumas escolas aqui no Rio Grande do Sul que a gente conhece.

Guilherme: Eu penso que mesmo que não exista um incentivo a pesquisa, como eu particularmente pude ver a pesquisa dentro da faculdade meio que glamourizada, não sei como que eu posso dizer isso... As pessoas que fazem pesquisa, não necessariamente elas, mas a pesquisa é muito vista como uma coisa superior... Às vezes fazer pesquisa ou querer fazer pesquisa é visto com

bons olhos digamos assim, não que tu

vais aprender e discutir, não é que tu

vais te tornar pesquisador, tu vais...

Dentro deste status eu acho que existe

uma certa...

João: Eu não quero ser só um professor...

Guilherme: É, tu vais ser professor pesquisador, não é mais só professor

digamos assim, não que um professor

em sala de aula não faça pesquisa, é

esse glamour, essa elevação acaba

fazendo um incentivo indireto digamos

assim, não vai chegar um professor e

dizer: "faça pesquisa", mas quando tu

vês que o meio de pesquisa é visto com

esses olhos de estar num altar eu acho

que existe um incentivo indireto, no

meu ponto de vista, eu acho que existe,

não vai ninguém te chegar e falar faça

pesquisa, ninguém te diz mas tu sentes,

está presente sim.

Incentivo a pós-graduação

Guilherme: Incentivo à pós-graduação e mestrado existe.

Adriana: Mais para pura?

Bruna: Não, até para o próprio ensino.

Guilherme: É, os professores de ensino meio que puxam a brasa para a sua sardinha, para o seu peixe, falam bem

do mestrado, enfim, da pesquisa em Educação Matemática.

Adriana: E vocês pretendem fazer mestrado?

Bruna: Sim, com certeza.

João: Sim

Adriana: Mas para vir para a universidade ou ficar na escola?

João: Eu penso em dar aula na escola

pública, mas eu também quero dar aula

na universidade porque eu quero ver se

a gente ajuda. É porque você pode

abranger muito sendo professor, tu

podes ser professor da escola e tu podes

ser professor de outros professores,

mas eu não vejo muito sentido a gente

ter toda uma causa da escola pública e

não dar aula para a escola pública.

O bom do curso

Bruna: Eu acho que essas disciplinas de Prática, porque o que a gente vê das

outras Licenciaturas em Física, Química,

enfim, eles não têm tanta prática como

a gente tem.

João: E a gente tem três laboratórios de

prática para depois ter mais três

Estágios.

Guilherme: E, são 24 créditos.

Mas quando penso que essa é, aparentemente, a menor parte do curso, fica complicado

Parece que aqui há uma relação com a pesquisa que é distante daquela da UEPA. Lá a pesquisa é venerada, aqui, embora o Guilherme sinta falta de haver mais oportunidades de pesquisa, ele apresenta uma criticidade em relação a isso que me parece sensata. Agora sim, está dando um nó na minha cabecinha, eu estava certa que a pesquisa era a saída, agora já não sei mais o que pensar!

João: E agora vão ser mais, vai ter mais prática ainda.

Gilberto: Parece que a tendência vai ser dividir em três cadeiras.

João: Que vai ter uma ideia de pensar a prática. O que eu acho legal é o fato de a universidade ter várias oportunidades, a gente tem que catar, a gente tem que correr atrás, depois que a gente conhece os caminhos tem muita coisa legal. muita oportunidade legal, só que é assim...

Acho que você está falando em experienciar a universidade, João!

Guilherme: Depois de muito tempo pensar e parece que muito escondido tu encontra a mina de ouro.

Adriana: Legal, vocês gostariam de falar mais alguma coisa? Mais algum ponto para discutir?

Guilherme: Não me passa pela cabeça não, acho que eu falei tudo que tinha em mente.

Bruna: É, também não.

João: A gente gosta de criticar, a gente gosta de bater papo...

A conversa como ponto de partida. E é isso mesmo, foi por meio de uma roda de conversa, como a Adriana se referiu a entrevista no e-mail, que tudo começou... acho que essa é uma possibilidade de produção de novos significados sobre a nossa formação e talvez, muito além disso, sobre a nossa vida

Novas discussões

Acabo de chegar na universidade e encontro com a coordenadora do curso no corredor, acho que desde a organização da entrevista eu não a havia encontrado mais.

— Olá, Adriana, tudo bem? — diz ela.

— Oi, professora, tudo bem e você? — respondo.

— Um passarinho me contou que você e seus colegas têm se reunido para discutir sobre o curso — ela afirmou.

— Sim, é verdade. Desde que participamos daquela entrevista com a pesquisadora que tivemos essa ideia e devo dizer que tem sido um processo muito interessante. Estamos percebendo que há muito o que se discutir sobre a nossa formação, de modo geral. — Já aproveito para dar uma direta.

— Eu imagino que sim; várias vezes eu já disse nas reuniões do Departamento que seria muito interessante ampliarmos o diálogo entre nós professores e vocês — diz ela.

— Olha, professora, eu acho que se houvesse um diálogo já seria bom, porque sentimos que não há nenhum. Mas eu acho que em algum momento pode ser que iremos procurá-los para isso. Até o momento só fizemos duas reuniões do grupo... — respondi. Pelo menos essa é minha intenção, não sei se os colegas pensam o mesmo, mas de alguma forma eu vou fazer nossas discussões chegarem até esse departamento.

— Bem, tenho que ir para a aula. Até mais. — Ela se despede com cara de quem não gostou muito da nossa conversa. Paciência, eu também não tenho gostado de um monte de coisa que acontece por aqui. Continuo meu caminho em direção à sala de aula; hoje tenho aula de Educação Especial. Acho que essa é uma das disciplinas mais curtas do curso, tem apenas 51 horas, será esse o tempo suficiente para que façamos leituras, discussões e desconstruções de nossos pré-conceitos? Até parece. Em compensação temos 306 horas de Cálculo. Qual das duas pode contribuir mais com a minha formação como professora? Eu gostaria que as duas contribuíssem!

Chego na sala e o professor já está com o karaokê ligado, mais conhecido como aula com slides. Nada contra esse recurso, é o modo como ele é empregado normalmente que me faz odiá-lo. Vejo que a discussão é sobre como podemos identificar um aluno com necessidades especiais de acordo com os sintomas apresentados e me dou conta do quanto estamos longe de pensar sobre o outro tal como o Skliar propõe em seus textos. Ainda focamos na ideia de representá-lo, construí-lo e identificá-lo, ao invés de nos aproximarmos dele para conhecê-lo e ouvi-lo. Enfim, mais uma disciplina para o meu currículo e não para a minha formação.

A aula termina e vamos almoçar no RU. Aproveito o momento para movimentar uma nova reunião do grupo.

— Pessoal, já tem um tempo que fizemos a última reunião do grupo, o que acham de marcarmos a próxima? — pergunto.

— Acho uma boa ideia, Dri — responde a Fabiana.

— Também concordo — responde o Marcelo.

Os outros que estavam por ali e já tinham participado também demonstraram interesse em participar.

— Eu tenho lido as entrevistas e uns textos que me têm feito pensar algumas coisas e gostaria de dividir essas angústias com vocês. Agora que o Diego foi embora perdi meu principal interlocutor! O que acham de ser na sexta-feira no final da tarde? Também acho que poderíamos mudar o local do encontro, que tal irmos para aquele boteco que tem aqui perto, talvez sair desse ambiente nos inspire a repensá-lo. Topam?

Todos concordam e então faremos o próximo encontro daqui 3 dias. Até lá tenho tempo de ler mais alguma coisa. Terminamos o almoço e fomos procurar uma sala de aula vazia para estudarmos. Antes de retomarmos o estudo dou uma olhada no e-mail para ver se a Adriana me respondeu e como eu já esperava tenho uma resposta dela.

Olá, Adriana

Que bom que está fazendo essas leituras, elas podem ajudá-la a pensar na sua formação. Como eu já havia dito há muitas semelhanças mesmo, mas há também as particularidades...

Eu tenho alguns textos. Para cada entrevista tento produzir um sobre as impressões que tive naquele lugar. Posso te enviar o que produzi sobre a entrevista na UERJ. Seria interessante se você me enviasse as suas observações pós-leitura para trocarmos algumas ideias.

Com relação aos pontos para discussão, não sei exatamente sobre o que já falaram, mas posso elencar alguns tópicos que considero interessantes:

- A dicotomia formação pedagógica e formação matemática
- A ênfase no estudo da matemática do ensino superior
- A evasão nos cursos de licenciatura

Acho que esses pontos já podem render uma boa discussão.

Aguardo seu retorno

Abraço

Vou ler a entrevista dos alunos dessa universidade que ela citou e depois o texto dela. Esses tópicos que ela citou a gente já discutiu, será que só se fala sobre isso mesmo quando se fala da Licenciatura em Matemática? Será que sou eu que estou procurando chifre em cabeça de burro? Pode ser, mas como sou insistente, vou tentar mais uma vez encontrar algo diferente nessas falas.

O encontro na Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Meu encontro com os estudantes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro foi organizado com a ajuda do professor Augusto Cesar de Castro, coordenador, naquele momento, do curso de Licenciatura em Matemática dessa instituição. Em nossas trocas de mensagens o professor Augusto me enviou o e-mail de alguns alunos que se encaixavam no perfil que eu havia indicado e então eu pude conversar diretamente com os estudantes para organizar nossa entrevista. Agendamos nosso encontro para a tarde do dia 24 de novembro e utilizamos a sala do professor Augusto para nossa reunião, gentilmente ele nos cedeu seu espaço e ainda nos ofereceu uma caixa de bombons. Como é bom sentir-se acolhido.

Nosso encontro teve a duração de uma hora e vinte minutos e nossa conversa me permitiu construir algumas imagens acerca de suas percepções sobre o curso que vivenciam. Percebi que esses estudantes estão em movimento no processo de formar-se professor e analisam criticamente os

processos formativos aos quais são submetidos.

Os acadêmicos

Meu nome é **Ana Carolina** e tenho 20 anos. Eu decidi pela área de Engenharia, só que eu não estava muito feliz, estava fazendo só por fazer e porque eu gosto de Matemática. Então eu resolvi fazer um pré-vestibular e o concurso para bombeiro porque eu não sabia o que eu queria. Eu pensei: “eu vou fazer bombeiro porque eu ganho dinheiro e depois eu vejo o que eu faço”, só que lá no pré-vestibular eu comecei a dar umas aulas para ajudar o pessoal e fui me apaixonando e aí eu falei: “é isso que eu quero para minha vida” e decidi fazer Matemática.

Meu nome é **Mariana**, eu tenho 19 anos e eu e a Carol estamos no primeiro período. Eu nunca tinha pensado em Matemática, sempre foi a minha matéria favorita, mas eu queria Medicina quando eu saí do colégio. Eu cheguei ao pré-vestibular e vi que Medicina não era aquela Biologia rasiinha que eu tinha no colégio particular, o meu colégio era bem fraco, e eu comecei a ficar bem assustada, aí eu falei: “não, com certeza não é para mim, vou ficar nas exatas mesmo”.

Matemática é o meu forte, mas eu fiquei entre Matemática e Engenharia de Alimentos, durante o vestibular eu ainda fiquei balançada entre as duas, na primeira chamada eu não consegui para Engenharia de Alimentos e fui chamada para cá, ai eu vim e na primeira semana eu já gostei. Eu sempre gostei de Matemática, eu também tinha no pré-vestibular isso que a Carol falou de ajudar todo mundo. A gente pretende fazer Licenciatura e Bacharelado, como a gente é calouro ainda não decidimos, a gente não precisa escolher ainda, mas a gente quer fazer os dois.

Eu sou o **João**, tenho 23 anos e estou no nono período, na verdade eu já terminei Licenciatura no começo do ano e agora eu estou no Bacharelado. Eu escolhi porque eu também gostava muito de ajudar as pessoas, assim como elas falaram, eu gostava de ir para o quadro e tal. Eu sempre tive uma dúvida entre qual mestrado eu ia fazer porque eu gostava dos dois, mas eu acabei tendendo mais para o Bacharel, mas não quer dizer que eu não vá fazer o outro. Meu pai era engenheiro e eu desde pequeno vi como a Engenharia teve uma época que quebrou tudo e isso foi um dos motivos que eu escolhi ser

Parece que ser professor é uma garantia de emprego

professor, meu pai também é professor agora. Pretendo atuar como professor universitário ou do colégio.

Meu nome é **Gabriel**, tenho 20 anos, estou no sétimo período e eu comecei a fazer Matemática pelas mesmas coisas. Quando eu estava no Ensino Médio eu era aquele aluno que sempre entendia mais de Matemática, meus amigos pediam explicação e eles gostavam muito da minha ajuda e todo mundo falava assim: “ah, você devia ser professor!”. É uma área que eu sempre gostei muito, na verdade hoje em dia eu até sou professor, só que eu dou aula de Inglês. Só que a área de Matemática sempre me chamou mais atenção porque é o que eu sempre gostei desde criança e quando na época de vestibular foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça, eu nem pensei em outro curso, eu fui pensar depois, mas muito mais por questão salarial do que por afinidade. Mas, ao mesmo tempo eu fui pesquisando e descobri que ser professor não é sinônimo de ganhar pouco, dependendo da sua especialidade e tal... Então teve ciclos assim: eu continuo ou não continuo? Cheguei até fazer o vestibular de novo, mas eu sempre chegava à conclusão que

eu estava no lugar certo, que esse é o curso que eu gosto e gosto muito de estar aqui, de vir para cá. Eu estou no período de fazer Estágio e estou gostando muito desse contato com o colégio, eu me vejo muito no futuro sendo professor, me vejo muito feliz fazendo isso.

Boa tarde, eu sou **Thais**, sou do oitavo período e eu escolhi a Licenciatura, eu escolhi fazer Matemática porque quando a gente está fazendo vestibular é uma coisa meio tensa: “vamos lá, é específica da UERJ, tem que se inscrever, o que você quer fazer?”. E eu tinha muita dificuldade porque as pessoas geralmente têm sonhos românticos, ser engenheiro, ser advogado, só que eu nunca tive isso com força, então eu fui por eliminação, eu vi que eu gostava muito de trabalhar com pessoas e gosto também de trabalhar com números, daí a Licenciatura em Matemática associa bem as duas coisas e eu acho que esse é o caminho. Gosto muito do contato, saber como vai, conversar, dialogar, e também gosto da parte Matemática, apesar de agora eu

Parece que esses alunos gostam de gente! Já estou achando que isso é o primeiro passo para a profissão

estar querendo sair um pouco da Matemática e ficar mais na Educação.

A formação pedagógica

João: Não sei se todo mundo aqui já fez todas as matérias de educação, mas eu posso falar como experiência própria que eu gostei bastante dos cursos de educação daqui. Eu tive uma experiência muito boa no 12^o⁴³ com os relatórios sobre o colégio, para relatar como a turma se comportava e tentar contornar os problemas. E o próprio curso de Psicologia, por exemplo, ele falava da parte do Skinner, não sei se a senhora já ouviu, da máquina de exercícios e do Piaget, foi muito importante na formação do professor e outra coisa que eu acho muito interessante foram os Estágios no CAP⁴⁴, que a gente ficou numa realidade totalmente diferente. Eu quando fui para o CAP vi que o tipo de ensino era totalmente diferente da Martins⁴⁵, que era um colégio muito bom para mim. Eu estudei num dos melhores colégios do Rio de Janeiro, mas quando eu fui para lá eu senti uma diferença absurda, porque eles fazem o aluno realmente pensar e não decorar, eu pelo menos

Eu nunca tinha ouvido falar em Colégio de Aplicação!

O quanto um estágio que provoca ressignificações é importante!

⁴³12^o é o prédio onde ocorrem as disciplinas da Educação. De modo geral, os alunos se referem aos locais dentro da universidade como andares.

⁴⁴Colégio de Aplicação da UERJ

⁴⁵Colégio-curso Martins

por experiência própria digo isso, mudei bastante o meu conceito.

Gabriel: Eu também já fiz todas as matérias lá do 12º que é o andar de educação, a maioria das disciplinas eu gostei muito, confesso que teve algumas que eu acho que deveriam ser reformuladas. Teve Sociologia, Psicologia, Avaliação da Aprendizagem, elas foram muito importantes para mim, me agregaram muito conhecimento, só que tem algumas que sinceramente, parece que só estão ali por questão de currículo, não me agregaram em nada e eu posso garantir que 99% da minha turma, nessas matérias, também acham isso.

Gabriel: No andar de Educação, tem dois tipos de curso: o curso de Pedagogia e os cursos de Licenciatura, que são todas as Licenciaturas, todas as matérias fazem o mesmo curso, então na mesma disciplina você encontra gente de Matemática, Artes, História, Geografia, enfim, todas as disciplinas, então tem muita discussão. As melhores matérias que eu fiz lá no 12º foram as que mais exploravam discussão, que faziam a gente pensar. As que eu menos gostei foram as que foram totalmente expositivas, que o professor

simplesmente passava texto e não discutia sobre ele, simplesmente mandavam a gente ler, a gente fazia um trabalho, entregava, passávamos e acabou.

João: Só para fazer uma observação, aproveitando essa sua crítica com relação aos textos, eu concordo também porque tinham muitos alunos que não liam os textos, muitas vezes porque não tinham tempo para ler umas 20 páginas de uma semana para outra, tinham as outras matérias, enfim e acabava que o professor não conseguia debater esse texto e ficava uma minoria, que era da própria educação, debatendo e o pessoal da Matemática, da Física, da Artes e não sei mais o que, não debatia e acabava não tendo um trabalho tão bom.

Gabriel: Mas tiveram outras matérias, por exemplo, Didática foi uma matéria muito legal de fazer por causa da dinâmica do professor, ele pedia para que a gente fosse aos colégios, mas para observar o cotidiano e para gente se aprofundar nas questões de como é que a sociedade, o meio, o bairro, o local onde o colégio estava implicava na vida escolar. A gente também conheceu um pouco sobre o projeto político

O exercício do pensar como sendo um diferencial no curso. Estamos no começo da conversa e isso já foi mencionado duas vezes!

pedagógico porque não é uma coisa muito falada, a gente fez entrevista com os alunos e professores sobre como eles percebiam o ensino na vida deles, como os professores ensinavam. Então assim, a maioria das disciplinas eu avaliei como boas, mas tem algumas, como eu disse, que tem que ser reformuladas.

João: Teve uma até que foi interessante, ela fala da educação ao longo do tempo, a gente tinha que estudar desde a época dos índios até a época atual, essa, por exemplo, eu gostei muito, mas realmente teve matérias que eu acho que poderiam ter mudado.

Gabriel: Uma matéria também que para mim foi muito importante, que me agregou, que eu conheci muita coisa que eu não sabia foi a Educação Inclusiva, inclusive eu indicaria qualquer um de vocês a fazer. Ela falava sobre vários tipos de deficiência, sobre como a gente podia, pelo menos, suspeitar e procurar conhecimentos médicos e opiniões de quem tem mais conhecimento para saber se tal criança tinha ou não alguma deficiência. E muitas deficiências eu nem conhecia e eu percebi que é comum, e é uma coisa que a gente tem que estar atento porque, principalmente na escola

pública, a demanda é muito grande. Na escola particular, primeiro que quem estuda numa escola particular teoricamente tem mais recursos e mesmo que seja de uma classe média baixa e tal tem mais recursos do que quem está na escola pública, principalmente aqui no Rio que tem muita favela. Nesses tipos de regiões nem todas as famílias são estruturadas, então a mãe tem que trabalhar e deixar o filho com a escola, então essas matérias abriram nossos olhos em relação a isso.

João: Aqui na faculdade tem algumas matérias que eles botam a gente para ir para o quadro. Eu vou citar aqui um exemplo de Prática Pedagógica em Matemática, eu era muito novo, não entendia a importância de dar aula, só queria fazer Bacharel. Eu demorei uns quatro períodos para ver a importância disso tudo e eu comecei a ver porque os professores que dão essa matéria são muito dedicados. A [REDACTED] deu vários textos do Polya: é um excelente livro que na primeira vez que eu vi não gostei, mas depois eu comprei porque eu gostei muito e é bem interessante, a gente lê os textos da matéria e debate com o professor. Eu comecei a gostar muito e

O diferencial do professor. É o que aconteceria se o professor não fosse dedicado?

o professor [REDACTED] ele dá Prática Pedagógica em Matemática II, só que ele dá um estilo de aula com computação, é isso se não me engano, ele usa um programa chamado Geogebra e qual é a diferença? Ele tenta linkar o aprendizado que você faz, não só de quadro, mas com outros tipos de aprendizados, o lúdico, com computadores, eu acho isso muito interessante. Ele fez um monte de trabalhos assim e achei muito interessante.

O que poderia ser a regra é visto como exceção!

A relação entre o curso e a Educação Básica

João: Uma crítica que eu tive quando entrei na faculdade foi com relação a isso, por exemplo, eu gostava muito de Geometria e não gostava tanto de Álgebra, mas só fui ver Geometria no terceiro período e em uma única matéria. Então, acaba que aqui na faculdade a gente só vê as coisas com relação à formação de professor de Ensino Médio ou colégio, quando a gente está fazendo CAp ou quando a gente vai fazer PPM, que é a Prática Pedagógica em Matemática. Então a gente acaba muito mais tempo aprendendo matérias que eu acho que não são tão importantes para o colégio,

Parece que uma das grandes questões que temos é a estrutura do curso, o modelo de formação compartimentado, enrijecido por um sistema educacional

por exemplo, Análise, Cálculo. São importantes, mas não para aquele meio e a gente acaba esquecendo um pouco disso. Por exemplo, a professora de Cálculo I, que é minha orientadora, eu acho que ela linka muito a questão da Física com a Matemática quando ela fala de derivada, taxas relacionadas, otimização. Eu acho que ela linka muito essa questão porque a gente vê no Ensino Médio o que é o limite ou a derivada, mas a gente não fala que é aquilo ali. Então a gente consegue linkar um pouco disso, disso aí em diante fica difícil.

Ana Carolina: Eu acho que ninguém fala nada, eu acho que na faculdade a gente estuda tanto para a faculdade que a gente esquece das matérias do Ensino Médio, então eu acho importante que tenha algo que volte mais para o Ensino Médio, porque quando acabar isso aqui a gente vai dar aula para o Ensino Médio. Tem matérias que eu acho que eu só vou ver depois da faculdade, e se a gente for dar aula para um pré-vestibular, por exemplo.

Qual será o significado disso: estudar para a faculdade? O mesmo que estudar para a escola? Estamos sempre estudando para algo e não para nós mesmos...

Sobre o Estágio

Gabriel: O Estágio começa no sexto período, são sete, porque tem um de didática. São três no CAp, um de didática

em qualquer colégio, um em Ensino Médio, um em Ensino Fundamental e o outro em escola técnica. Aqui no IME, que é o Instituto de Matemática e Estatística, a gente tem algumas disciplinas voltadas ao ensino da Matemática que são: Práticas Pedagógicas em Matemática e Práticas de Matemática, são matérias diferentes, depende muito do professor que dá essa matéria. Tem professores que, por exemplo, quando eu fiz Práticas Pedagógicas em Matemática os dois professores que eu tive foram excelentes, eles me mostraram jeitos que eu achava certo de ensinar Matemática e que nem sempre são o melhor. Tem matérias que estou fazendo agora, Estágio III, é uma matéria que, de novo, parece que só tem para constar no currículo, porque a dinâmica foi essa: você dá uma aula no período inteiro, entrega um trabalho com dez exercícios e tem que assistir aula numa escola. Só que nessa escola a gente vai para sala de aula, fica olhando um professor a dar aula e é isso, é como se você tivesse aqui na faculdade tendo uma aula de qualquer outra matéria, tu vendo um cara dando aula e eles não pedem relatório, se você quiser fazer você faz, se você não quiser não faz e

eles não vão pedir nada. No CAP a gente tem que dar aula, corrigir exercícios, fazer relatórios, então o Estágio no CAP é muito bom, lá a gente está vendo a realidade em um colégio, aprendendo a como ser professor, só que nos Estágios aqui do Instituto de Matemática que a gente tem que fazer em outras escolas, eu acho que são muito deficientes. Volto a dizer, isso depende muito do professor porque percebo também que os professores são livres e é até legal que eles sejam, mas às vezes essa liberdade nem sempre é tão boa para gente porque eles nem sempre se dedicam tão bem quanto poderiam.

O colégio de aplicação

João: Eu acho que ele é um colégio completo porque tem vários pontos que você não vê em outros colégios, você tem uma quadra, tem momentos de lazer para o aluno e tem até refeitório lá dentro. No meu antigo colégio não tinha e você vê realmente que o negócio foi todo programado, eles têm até olimpíadas internas, olimpíada de Matemática também, tem até as de Física.

Sobre práticas docentes

Gabriel: As disciplinas de Práticas Pedagógicas são muito boas, os

Fico pensando, ele diz viver dois modelos de estágios bem distintos, então seria até mais fácil dizer para "o curso" o modelo que contribui mais para a formação, certo? Isso para mim evidencia ainda mais a falta de diálogo

professores que dão elas são excelentes.

João: Esses professores de Prática Pedagógica em Matemática realmente são bons porque eles dão aula no CAP e dão aula aqui. O CAP, além de ser um colégio da UERJ ele é um Instituto da UERJ, como tem o de Letras, de Matemática, de Engenharia, tem o Instituto do CAP. Embora seja um colégio é um instituto da UERJ com professores da UERJ que ganham como qualquer outro professor, então eles também pesquisam, só que a área de pesquisa deles é Educação Matemática, inclusive, eu percebo que esses professores que ele citou são os melhores nessa área de educação Matemática.

Gabriel: E é a área de atuação das pesquisas deles, já os professores que dão aula de Prática de Matemática e de Estágio aqui do IME não necessariamente tem uma especialização na área de Educação, eu não sei se eles têm graduação em Licenciatura, mas eu creio que a maioria, pelo que eu conheço dos professores, a área de pesquisa deles não é a Educação e sim a Matemática Pura ou Aplicada.

João: Você falou agora de graduação, de pesquisa em Educação, teve uma professora que deu aula em alguns Estágios como você falou: ia para o quadro, dava aula e acabava. Ela não era nem graduada em Matemática, acho que era Física e ela também não fez o mestrado em Educação, não estou dizendo que ela não saiba, entendeu? Mas que era uma coisa totalmente fora do que o andar propunha, deveria ser um professor de Matemática e com matéria de Educação, não faz muito sentido.

Gabriel: Não faz muito sentido ele querer ensinar a gente como educar alguém se a área de pesquisa dele não é essa, entendeu? Então ele tem a mesma visão que eu vou ter quando concluir essa matéria, porque o que ele sabe dessa matéria é o que eu vou saber para passar dela, se ele não pesquisa e se ele não se aprofunda, ele sabe tanto quanto eu, ele só está ali como outro qualquer, outro colega meu poderia me criticar, então é uma opinião que eu vou considerar, mas não é uma opinião muito profunda, ele não sabe técnicas, não sabe ver pontos específicos, onde eu posso melhorar, que livros eu posso buscar.

Parece-me que ele tem razão

Melhor dizendo, parece que ele não procura olhar para o outro... para além dele mesmo...

Acho que perceber essas coisas já é um avanço Thaís! Parece que a gente está conseguindo olhar um pouco melhor para a nossa formação

Thais: Na verdade eu acho que ele não procura olhar como aluno, eu acho que falta isso na avaliação do professor da graduação, entendeu? Olhar aquilo como um aluno de Ensino Médio e Ensino Fundamental que é para isso que a gente está se preparando, acho que às vezes eles exigem da gente uma coisa em nível de graduação, mas acho que não é isso, não é para isso que a gente está se preparando, é para algo que está um pouco mais para trás e que é onde a gente precisa de dedicação. A gente precisa aprender escrever no quadro, a gente tem que aprender a olhar para o nosso aluno, a gente tem que aprender a andar dentro de sala de aula, e os professores não fazem isso. E as pessoas não querem mudar, eu até discuto com o pessoal aqui, porque todo mundo conhece as críticas, todo mundo sabe onde eles erram, todo mundo acha que deveria melhorar, só que quando a gente vai dar aula a gente vê que os nossos colegas estão fazendo as mesmas coisas, então é uma coisa que vai se perpetuando, porque não adianta a gente reclamar e continuar cometendo os mesmos erros. Eu estou fazendo Pacto I, é uma das modalidades de Estágio que a gente faz, e eu tenho um professor muito bom. Eu o odiava

porque o achava super arrogante e tal, mas agora eu o amo do fundo do meu coração porque eu vejo que agora ele consegue apresentar muito melhor que o objetivo dele é de estar ajudando a gente, porque ele tem muito conteúdo matemático, ele é muito bom em Matemática. Ele consegue pegar qualquer uma das questões que a gente trás e abrir um leque de opções de resolução e eu acho isso muito legal e ele fala: “eu sempre estudei muito, sempre fui muito bom em Matemática, passei em quase todos os concursos que eu fiz, eu não passei nos que eu reprovei a questão pedagógica porque eu não sabia”. E tem pessoas que falam que não tem que estudar Sociologia, Filosofia? O seu aluno está ali, tem que discutir, você está trabalhando com pessoas, é um ser humano que está ali, eu acho que a gente também tem que pensar nesse lado, é fundamental!

Gabriel: Eu acho que para os professores daqui falta um pouco a vivência em escola e eles nos preparam para uma coisa que eles não têm muita vivência, então é complicado. Os professores do CAp não, mas eles são uma minoria. Na verdade, a gente tem quantas matérias do CAp? Três, cinco...

Acho que precisamos humanizar a exatidão do nosso curso. Enquanto o saber científico for o objetivo maior em uma relação de ensino e aprendizagem ainda teremos muitas dificuldades nesse processo

cinco matérias que são as Práticas Pedagógicas em Matemática e os Estágios no CAP.

Thais: Mas até no CAP tem professor que não tem experiência de sala de aula, um em específico, mas acho meio complicado a pessoa ensinar algo que ela nem sabe fazer.

Gabriel: Mas eu acho que o CAP em relação ao IME está muito mais avançado em nos ensinar a ser professores, eu aprendi muito no CAP, com as matérias do CAP.

João: Eu acho que o IME tem muito pesquisador, mas não tem muito o cara da Licenciatura, minha opinião, tem uns caras aí que são muito bons, mas os caras não têm quadro, o professor não tem quadro, mas o cara explica muito bem. Quando eu falo não ter quadro é o cara não escrever no quadro, ou o quadro do cara é horrível ou é desorganizado, mas isso não quer dizer para mim que o cara é mau professor, o cara é um bom professor, mas tem um pessoal que não vai se adequar, entendeu? E eu acho que o IME tem esse ponto, o IME tem muito pesquisador, tem muito bacharel, mas não tem o cara licenciado, eu acho isso, alguns, mas em geral não é.

Thais: Eu vou pontuar uma coisa muito importante, eu queria fazer a minha monografia na área de educação Matemática para educação especial, por que hoje eu estou revendo isso? Porque é um conteúdo que não ia ser muito bem visto aqui, justamente por essa linha de raciocínio, porque eles acreditam que Matemática é você trabalhar Álgebra, entendeu? E eu acho que não é esse o caminho, eu estou ensinando Matemática também, eu acho que não está errado, todo mundo tem direito a educação e todo mundo tem que participar e Matemática não é só o que eles dão, não é só Álgebra, não é só demonstração, não é só Cálculo e a orientadora do João é um exemplo, ela valoriza muito essa área, entendeu, acha isso muito importante, mas assim, eles partem do princípio que aqui é um Instituto de Matemática e que tem que estudar Álgebra e que a gente não tem que estudar essas coisas.

João: O Gabriel citou a professora [REDACTED] de Educação inclusiva, ela tinha um projeto muito bom no final do curso que era você fazer um trabalho relacionado ao seu tema para usar ele como forma de aprendizado. Eu achei muito interessante, eu acho que falta

Discutir educação não é bem visto em um curso que forma professor! Permitir que o outro fale apenas o que eu quero ouvir é uma forma bastante sofisticada de silenciamento

Tudo bem que o CAP é um colégio com características bem particulares, mas eu liço essa observação como um sinal de que a escola muito pode contribuir com nossa formação a depender do modo como nos aproximamos dela

E por que o pesquisador não pode ser o cara da licenciatura? Por que sempre caímos nesse binarismo: ou se é professor ou se é pesquisador

Eu também achava que a formação seria determinante, mas já tive contraexemplos suficientes para me provar o contrário. Eu quero mudar a direção do meu raciocínio, para além da formação é preciso disponibilidade para ser professor e para formar professores. E aqui não falo de vocação, talvez de sensibilidade. A minha grande questão agora é pensar os meios para que isso aconteça, pois os modelos que temos, com raras exceções, parecem não caminhar nesse sentido

isso no nosso andar, esse ponto de fazer um trabalho mais voltado para essa área mesmo, um trabalho mais voltado para Matemática de Ensino Médio, ela falou um negócio da educação inclusiva, eu acho que é mais uma coisa do 12º. Eu acho que falta isso, a gente só tem aqui projetos finais, tem a área de Licenciatura? Tem, no projeto final, mas você não tem uma pesquisa nisso, essa é mais voltada para área de faculdade mesmo, Cálculo, Análise, Topologia.

Expectativas por mudanças

Ana Carolina: Eu acho que tinha que ter matérias básicas antes, uma reforma, mas eu acho que essa reforma vai ter agora. A gente já chega com Cálculo, só que muita gente na UERJ não tem o pré-Cálculo, então chega em Cálculo, até entende, mas fica com dúvida em função, não consegue fazer por problemas de base.

Gabriel: Existe um curso de férias na verdade, então eu acho que sempre tem um tempo antes de começar o período que alguns alunos dão o nivelamento, que é um Pré-Cálculo, não é do currículo e como as pessoas estão entrando elas

não sabem, é um problema porque eu mesmo não imaginava que tinha isso.

Ana Carolina: A gente não foi chamado para a discussão sobre as reformas no curso, eles discutem entre eles mesmos, eu acho.

Mariana: A gente soube porque tem um professor que falou e ele é um dos diretores.

Gabriel: Isso é um problema aqui também, às vezes eu percebo que a gente não é muito procurado para saber de melhorias, os cursos são dados e...

Mariana: São poucos professores que dão abertura para gente falar sobre o que a gente está querendo.

Ana Carolina: No IME também são professores bem antigos.

João: Eu acho que os dois, não somos procurados e os alunos não se interessam. Os caras não votam nem para centro acadêmico e DCE⁴⁶.

Mariana: A Carol sempre procura saber dessas coisas e me avisa, porque eu como uma caloura que não está muito antenada não tem ninguém que vai me avisar, me explicar como é que é, eu acho que tinha que ter mais abertura

Se não há conversa não pode haver trocas. Isso é o que se ensina quando se pensa estar ensinando apenas matemática

Quando se pensa a licenciatura? Talvez no projeto final do curso!

Não se trata de uma preocupação do curso, acho que se trata apenas de um extra

⁴⁶Diretório Central dos estudantes

para os calouros, tem muito calouro que não entende nada, não sabe nem o que é DCE, o que é isso, o que é aquilo.

Gabriel: Eu estou no sétimo período e eu não sei o que é, aliás, soube esses dias.

João: Tem um mural enorme ali, se você passar você vai ver vários murais verdes, eles botam papel lá, ninguém lê nada, então seja, o aluno não se interessa, o aluno não lê, então fica essa droga e a faculdade não muda.

Mariana: Por exemplo, a gente não teve trote, a gente chegou no primeiro dia e não teve trote.

Ana Carolina: Quando eu tive em Engenharia foi uma forma de os veteranos nos apresentarem a faculdade, um dia é só de apresentação da faculdade e de tudo que ela oferece, aqui eu não tive isso, então eu tive que procurar por mim mesma para saber o que é o CAIME⁴⁷, que é o centro acadêmico do meu andar.

Mariana: A biblioteca onde é? como que faz para entrar? como pode pegar livro?

Ana Carolina: Exatamente, pedir carteirinha do bandeirão que aqui

demora dois meses para chegar, então assim, a gente tem que procurar tipo por você mesma, entendeu? É complicado!

João: Essa questão do IME que a gente está falando agora de mudar e reformar, eu fiquei aqui um bom tempo e eu pude ver que o IME realmente melhorou muitos pontos e está melhorando. Agora a gente tem uma semana da Matemática, antigamente a gente não tinha, teve uma que não foi boa e daí parou um tempão, agora, por exemplo, o IME está melhorando as condições dos alunos, tem até ar-condicionado e assim, o IME está melhorando muitos pontos, inclusive os professores, agora não tem tantos substitutos, a gente tem uma aula de melhor qualidade, então assim, em minha opinião, realmente não é o ponto ideal, mas a gente está melhorando bastante para chegar lá, eu penso assim. Agora realmente a única crítica é, não ter apoio para o aluno querer fazer um curso por fora, por exemplo, o meu mestrado, não tive matérias por fora para puxar para poder melhorar para ir para lá, só agora no

Melhorias???

⁴⁷Centro Acadêmico do Instituto de Matemática e Estatística

bacharel que eu estou tendo, esse é o ponto, mas fora isso.

Sobre projetos

Thais: Tem iniciação científica, iniciação a docência e Estágio interno.

Gabriel: A gente faz iniciação científica, eu, a Carol, o João.

João: O GEMat⁴⁸ tem toda quinta feira e tem ótimas palestras, o [REDACTED] já foi numa delas. Eu sei que o GEMat foi criado por um grupo de professores do CAP com a [REDACTED] e mais alguns e eles resolveram fazer o grupo porque no andar já não tinha muita coisa de Licenciatura, pelo menos eu peguei essa época, então fizeram o GEMat e daí chamam os professores do CAP e alguns de fora para dar algumas palestras.

Ana Carolina: É bem legal, eu vou quase toda quinta-feira e tem o coffe-break também.

João: Algumas são legais, nem todas.

Mariana: Ah, mas a gente assiste.

Thais: E hoje tem, dependendo da hora que terminar aqui...

Mariana: A gente sempre divulga lá na turma de calouros, mas só vai eu e a Carol.

Thais: E é até meio natural, tem muitas coisas que acontecem e a pessoas dizem: “ah, eu nunca sei de nada”, mas se você chamar também...

Mariana: Exatamente.

João: Quando eu ia para o CAP eles me chamavam e eu ia direto para as palestras, agora eu não tenho mais muito tempo, então eu acabo não indo, mas quando fui gostei muito, principalmente da do [REDACTED] que foi uma palestra sensacional.

Adriana: Então é mais um grupo de estudos, palestras, não necessariamente pesquisa.

Thais: Olha, eu acho que a gente pode até pegar pelo lado da pesquisa porque eles montam cursos de produção de material concreto, eles também caem um pouco nessa área, entendeu? Geralmente fica mais difícil para gente colaborar porque eles fazem atividades no sábado, você tem que conhecer o professor, o professor tem que te conhecer, aí ele coloca convite, então

Tentar compreender o desinteresse dos alunos. Isso é uma melhoria

⁴⁸Grupo de pesquisa em Educação Matemática do CAP-UERJ

tem toda uma desenvoltura que acontece.

Duas opções de formação

Gabriel: Aqui tem o Bacharelado também, começa junto, tem disciplinas que são comuns, mas quando chega no quarto período a gente tem que escolher.

Thais: Mas você pode ficar com as duas ramificações abertas, você não pode fechar, se fechar não abre mais.

Mariana: E eu escolhi a UERJ por causa disso, é a única aqui do Rio que você pode fazer junto. Pelo ENEM você tem que escolher entre Licenciatura ou Bacharelado, aí eu vim para cá por conta disso, para fazer as duas juntas, na UFRJ e na UFF são matrículas diferentes.

João: É, mas eu tenho uma crítica do Bacharel daqui. Eu não acho que seja tão bom, eu acho que é muito decoreba, o aluno sai daqui e não entende muita coisa, por exemplo, para mim foi um choque começar o mestrado e ter que aprender muita coisa por fora, eu pelo menos tenho essa crítica ao bacharel, agora o curso de Licenciatura é muito bom. No Bacharelado acho que falta fazer o aluno pensar, não decorar. O curso de Análise, se o aluno pegar o Elon

e escrever o Elon, ele vai aprender escrever, agora se você virar para ele e perguntar o que é o epsilon e o que é o delta, o cara não vai saber te explicar o que está fazendo! Ele vai saber que ele prova a continuidade de tal forma, o epsilon maior que zero e não sei o que, mas ele não sabe o que está fazendo, você tá entendendo? Não tem a visão do que ele está fazendo, só sabe porque decorou aquilo ali várias vezes e está escrevendo, essa é uma crítica que eu tenho para o curso de Análise e eu sofri com isso.

Gabriel: A maioria dos professores indicam fazer os dois cursos, Bacharelado e Licenciatura.

Thais: No meu ponto de vista, a maioria dos que eu tive falaram: “faz Licenciatura primeiro que você vai ganhar dinheiro antes” o discurso é esse, o que não é nenhuma mentira, fica mais fácil para a gente arrumar Estágio, tem o cursinho para a gente dar aula.

João: Eu acho que o cara que quer só Licenciatura, Bacharel não vai acrescentar em nada na vida dele, é mais para o cara que quer pesquisar, que quer vir para universidade, que quer linkar, no meu caso, o Bacharel com o mestrado para aprender várias

coisas sabe, eu acho que é nesse ponto. O cara que quer Licenciatura, eu não vejo Bacharel como importante para ele, é um conhecimento que ele não vai levar para sala de aula, o que ele vai levar de Física, de EDP⁴⁹? Eu não vejo necessidade de ele fazer isso.

Sobre incentivo a pós-graduação

Gabriel: Sempre os professores falam de mestrado, doutorado, eles falam o que a gente deve fazer e tal, mas não sei também o quanto de informação útil que a gente recebe.

Thais: O Gabriel não é parâmetro, ele é um aluno aplicado. A gente falar de professor indicar mestrado para um aluno aplicado é complexo. Acho que de forma geral o incentivo não acontece, acho que é mais pessoal, entendeu? Se você é bem aplicado, você tem que fazer um mestrado, eu acho legal esse diálogo, eu acho que ele realmente tem que acontecer, mas eu acho que o estímulo tem que acontecer como um todo, se eu estou formando 30 pessoas, a gente tem que estimular senão o pessoal vai abandonando, a credibilidade às vezes diminui, a qualidade cai e aí como que fica? Tem

professor que é bem aberto para discussão, mas tem professor que fala “a minha área é essa, se você tiver interesse...”, isso aconteceu comigo, tem professor que já tem a sua área, entendeu? Ele apresenta a opção e quem se interessar vai.

João: A contraindicação de professor para mestrado isso depende muito, tem aluno que é muito inteligente e eu nunca vi ser indicado, agora tem aluno que é esforçado e é, então isso é relativo. Eu acho que pesa também o lado social do cara porque tem cara que é muito inteligente e se acha o máximo, aí o cara acaba não levando.

Gabriel: E como tem!

João: Aí o cara que é esforçado acaba levando, eu vejo muito isso.

Sobre a acolhida dos professores

Gabriel: Eu volto a dizer que eu acho que depende muito do professor.

Mariana: Depende do aluno também.

Thais: Tem uns lindos, fofos, maravilhosos, que dá vontade de apertar e até levar para casa, mas tem outros que só Jesus na vida deles.

⁴⁹Equação diferencial parcial

Será que o estudante que é aplicado ainda precisa de incentivo?

Uma vez
mais:
posições de
saber
utilizadas
como posições
de poder

Gabriel: Tem uns que parecem que tem prazer em reprovação, aqui tem dois professores que todo mundo aponta e fala: “não puxa matéria com ele”, não é porque é difícil de passar e sim porque parece que o cara tem prazer em reprovar, ninguém passa, entendeu? Tudo bem que os cursos que eles dão são relativamente difíceis, quer dizer, para aquele período, mas nenhum outro professor reprova tanto quanto eles, então quando um professor reprova 100% e isso não é exagero, é 100% mesmo! nenhum aluno passa, que é um desses dois que eu acabei de me referir, eu acho que não é o problema do aluno, porque se 100% da turma reprova não é possível que pelo menos um aluno não tenha tido capacidade de entender o que o professor passou!

João: Eu entrei no primeiro período com um cara que já tinha intenção de reprovar todo mundo, era notório, ele reprovou, vocês sabem quem é (risos), é justamente Geometria Analítica, eu não entendia porque o cara fez todo mundo rodar e só aprovou três. Teve um cara que eu vi a prova, o cara tinha chances de passar, aí o professor nem pensou em dar 0,5 para o cara, tipo assim, de palhaçada mesmo e ficou muito

queimado e eu fiquei bem chateado com isso: “primeiro período pô, você entra e o cara já avacalha com tudo!”.

Thais: Te dá um banho de água fria!

João: Teve uma outra que falavam mal, mas essa eu gosto muito, que é a [REDACTED], é uma das melhores professoras aqui dessa faculdade, mas o problema é que o pessoal as vezes quer mamata.

Gabriel: Isso é verdade.

João: O pessoal quer assim: “ah, eu vou pegar o cara e vou passar mole”, com a [REDACTED] eu tirei 1 na primeira prova, tirei 10 na outra, tirei 9 na outra, passei. Mas o pessoal também não estuda cara, isso que eu tenho raiva, entendeu? Não que seja exagero, mas quando eu peguei o método dela, daí eu aprendi a fazer a prova.

Gabriel: Mas isso acontece mesmo, primeiro que as pessoas vêm com a mentalidade de colégio e dependendo do colégio que a pessoa veio ela não encontrou dificuldades na vida escolar, então vai passando com muita facilidade, apenas presta atenção na aula porque a aula não é muito boa. Então, se você consegue decorar, porque muitas vezes o professor da

Aprendeu o método ou o conteúdo? Será que aquele que não obtém êxito é porque não estudou o conteúdo ou o método?

escola simplesmente pede para você reproduzir na prova a aula dele, então é muito fácil você ir passando, quando chega na faculdade o esquema é totalmente outro, a gente tem que estudar e a gente aprende o que é estudar de fato. Eu acho que até no Ensino Médio a minha concepção de estudar era totalmente outra da que eu tenho hoje. Hoje em dia posso dizer que eu estudo, antes eu simplesmente fazia um trabalho de casa, lia um livro, mas eu não procurava nada. Enfim, então começa por aí, como o aluno não consegue acompanhar muitas vezes o raciocínio do professor, ele parte para onde? Para cola! Vai para o professor que é mais fácil, evita os professores que são mais difíceis... embora eu tenha citado esses professores, tem professores que tem uma forma de ser um pouco mais difícil, mas eles são bons, então a gente também tem que avaliar, botar na balança até que ponto a reprovação é por causa do professor ou até que ponto é por causa do aluno.

Adriana: E vocês sentem alguma preocupação do curso em relação a isso, da coordenação, do colegiado?

Gabriel: Não.

Thais: Os caras são muito bons e são chefes de departamento, quem vai dedurar? Ninguém. Tem uma disciplina que é Matemática Especial, que eles tiveram que mudar a ementa da disciplina, era o professor que eles citaram que dava, ninguém passava, para gente é eletiva, só que para um outro curso é obrigatória e ninguém passava, o que eles fizeram? Mudaram a ementa para o pessoal conseguir passar, isso porque é só assim que você consegue tirar.

Gabriel: E ele dá até hoje?

Thais: É outro professor.

João: Tiraram esse professor do curso de Matemática.

Adriana: Isso de certa forma é uma preocupação, não?

Thais: Ah, depois de tanto tempo! foi muito tempo!

Gabriel: Depois de tanto tempo! Porque são anos...

João: Posso citar o caso de acolhimento que a senhora falou? De um professor acolher o aluno, eu não tinha muito essa ideia de Licenciatura, mas quando, por exemplo, eu tive essa orientadora de Cálculo, que me deu monitoria, ela me acolheu de uma certa forma, o que ela

*Quem vai dedurar?
Questão de sobrevivência!*

*A que ponto chegamos!
Esses dias soube de um estudante que ficou retido no curso por alguns décimos na disciplina de Análise mesmo tendo passado em primeiro lugar em uma seleção de mestrado. Como é possível avaliar tão precisamente os conhecimentos de alguém? Como é possível conferir tantos poderes a um professor? Qual o limite disso?*

Um bom exemplo de que acolher não é sinônimo de facilitar a vida do estudante

fez?: “olha só João, você vai fazer o seguinte, você vai dar monitoria e você vai dar uma aula de exercícios, de dúvidas, uma vez por mês” então no começo eu não entendia, mas isso de certa forma foi me melhorando e ela via que eu gostava tanto que ela me puxou para fazer iniciação também, isso foi melhorando, eu senti de certa forma que ela me acolheu, sabe? Acho que a minha orientadora teve um papel essencial na minha vida e a minha orientadora do mestrado também, ela cobra que eu dê aula para ela do meu TCC toda semana, eu pelo menos vejo assim, elas me acolheram, não sei como são os outros.

E o que não está interessado, o que eu faço por ele?

Como a Adriana não perguntou sobre isso?

Como o Skliar fala: a exclusão é do excluído!

Mariana: Acho que vai muito da participação do aluno, ainda mais no primeiro período. Você vê que eles esperam até onde o aluno está interessado ou não, eles avaliam isso, por exemplo, o nosso professor de Geometria Analítica, se você for falar com ele, conversar sobre matéria, ele aparenta na aula ser mais sério, mas se ele vê que você está interessada ele para conversar com você, te dá dica, fala: “não é bem assim, espera, tenta fazer isso, tenta fazer aquilo, lá na frente você pode fazer isso, pode fazer aquilo”.

Ana Carolina: Ele ficou uma hora conversando comigo, eu fui perguntar por que aqui no curso a gente não tem nenhuma matéria de Matemática financeira, eu estava falando com ele sobre isso e daí nessa reforma curricular vai passar a ser obrigatória. Aí ele passou a conversar comigo, eu também queria seguir ele por causa da bolsa e tal, mas enfim, ele ficou uma hora conversando comigo e falando o que eu podia fazer além da faculdade, muito, muito assim, me acolheu muito.

Meritocracia?

Mariana: Quando eles veem que a gente está interessado, a nossa professora de Cálculo, por mais que a gente tenha algum problema com a matéria, a gente encontra ela em todas as palestras que a gente está e a gente é bem tratado como aluno e tal.

Sobre o comprometimento discente

Thais: O interesse é fundamental na formação, vai sair muita gente daqui, muitos colegas que vão se formar, mas os bons, vão ser poucos porque o pessoal vai levando, vai empurrando com a barriga. Ninguém se importa em fazer alguma coisa diferente, conhecer novas propostas, a gente teve semana acadêmica e o pessoal participou muito pouco e para Licenciatura eu acho que a

E como o curso se movimentou para entender a baixa adesão?

gente precisa muito mais estar participando desses espaços porque a gente tem que ir além né, imagina se a gente ficar só na sala de aula ouvindo a mesma coisa, o beabá? É igual uma professora que a gente tinha aqui de GA⁵⁰, ela era muito boa, ela está com licença premium, mas ela dava aula com o mesmo caderno de mil novecentos e tanto, então eu acho que as vezes o pessoal acaba se espelhando nessas pessoas. Não é possível: “ah, você já fez esse trabalho, essa nota de aula, me dá?” uma nota de aula dá trabalho? Dá, mas senta e faz! Tem que apresentar o mesmo trabalho depois, mas é válido a gente pesquisar de novo porque a gente fica com fontes novas e só assim a gente vai pegar conteúdo e experiência porque uma turma é muito diferente da outra, o pessoal ainda é muito inocente nessa questão de quadro: “isso aqui é muito fácil” “isso aqui dá para chegar assim e todo mundo vai entender”, não é assim, a gente tem ensino público e a gente tem ensino particular e dentro dessas duas vertentes a gente vai encontrar mais ramificações ainda, então a gente precisa estar crescendo e tendo outras visões, ampliando os

nossos caminhos a seguir, não é só quadro, não é só demonstração, não é só material concreto, não é só jogo, a gente tem que ver tudo, tem que construir tudo porque se a gente não colocar a mão na massa ninguém coloca pela gente e o currículo é nossa formação.

João: E quer ver um negócio que eu acho assim interessante, o aluno ele tem uma grade curricular, sei lá, quatro matérias por período, o cara só vai puxar aquelas quatro, o cara não vai buscar mais umas três ou quatro a mais para tentar aprender alguma coisa. Eu acho que se o cara está na faculdade ele não tem que seguir só a norma, ele tem que seguir além da norma, ele tem que explorar o máximo possível, hoje eu não faço mais porque não dá tempo, mas eu pelo menos fazia isso, ao invés de puxar quatro eu puxava oito, puxava nove, eu acho que o certo é esse, o aluno não tem que ficar voltado só para aquilo ali e acabou, fazer só o beabá e dane-se, eu penso assim, opinião minha, deveria ser aconselhado a mudar.

Principalmemente se a norma é fraca!

⁵⁰Geometria Analítica

Adriana: E tem mais algum ponto da Licenciatura que vocês acham válido pontuar, comentar?

Mariana: Como a gente está muito no começo a gente não tem muito o que acrescentar de matéria de educação porque a gente não viu muita coisa ainda, a gente vê por fora, nas palestras que a gente assiste, mas é bem básico, então a gente não tem muito o que criticar ou elogiar.

Thais: Ah, eu adoro criticar! [risos]

Adriana: É, e as críticas também não são sempre negativas.

Mariana: Com certeza, a gente critica também para poder melhorar o nosso lado, para gente poder ter uma formação melhor.

Principalmente porque ainda podemos criticar, Mariana, mesmo que em espaços outros!

O sujeito da formação não é o sujeito da educação ou da aprendizagem e sim o sujeito da experiência: a experiência é a que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa.

Jorge Larrosa

Essa foi minha última entrevista do itinerário Sul e Sudeste, então posso dizer que até aqui eu já havia ouvido muitas histórias, para ser bem exata, dez histórias de formação. Alguns cenários muito próximos, mas cada um deles com suas particularidades. Na maioria desses locais eu sempre saía da entrevista com uma primeira impressão, que depois eu até pensei em dizer que se tratava do tom da entrevista, do sentimento dos estudantes em relação ao curso. Porém, aqui, eu não me lembro de ter essa impressão, realizei a entrevista e estava tudo normal, ouvi críticas e elogios muito parecidos com os de outros estudantes de outros lugares; a princípio, nada me chamou a atenção a ponto de eu comentar: “olha, o pessoal da UERJ falou que...”. E então o momento da textualização foi um segundo momento dessa entrevista, pois talvez aqui eu tenha de fato escutado as falas e percebido o tom da narrativa. Não sei se o tom, mas aquilo que agora me motiva na construção deste texto.

O modelo de formação que esses estudantes vivenciam parece ter despertado neles alguns modos de perceber a formação de um professor de Matemática, a ideia de que o professor é um profissional que deve estudar sempre, pesquisar e buscar, ainda no período de formação inicial, outras oportunidades além do modelo disciplinar do curso, foi bastante evidenciada. Em poucos lugares ouvi sobre a importância de o professor ser licenciado para atuar na Licenciatura e sobre a relevância de ele realizar pesquisas na área em que leciona. Essas foram colocações que me fizeram perceber o quanto esses estudantes valorizam o curso de Licenciatura como parte constituinte da formação de um professor, independente do nível escolar em que ele vá atuar. E também o quanto a pesquisa é vista como um aprofundamento teórico do professor. A Licenciatura não é tida como uma formação opcional, que pode ser compensada por uma pós-graduação que habilite um bacharel lecionar, mesmo que no ensino superior. Para eles, é complexo pensar que um professor que não é licenciado possa ensinar em um curso de Licenciatura; para mim e para vários outros educadores matemáticos também é. Inclusive, essa situação pode ser vista com um dos grandes gargalos dos cursos de Licenciatura em Matemática. Gabriel acredita que o docente que não pesquisa sobre o tema que ele leciona, não seria

Como assim normal?
Acho que ela já estava cansada! Eu ainda estou me revoltando com o que leio: não há conversa entre estudantes e o curso, a escola é esquecida, só os bons alunos são lembrados...

Mas a questão é muito mais complexa, não se trata apenas da formação do professor. Podíamos mudar o foco da discussão e procurar saber se todos que atuam na licenciatura se veem como formadores de professores e se entendem o significado disso. Nesse movimento eu acredito que teríamos surpresas dos dois lados

uma voz “confiável” uma vez que os seus conhecimentos nesse campo se limitam apenas às discussões que são realizadas durante o curso. Nesse caso, a voz do professor seria apenas mais uma opinião. Para ele, é preciso se dedicar a pesquisa para se ter mais conhecimentos. João também é enfático ao dizer que não entende como um professor que não tem a formação ou então não se dedica ao estudo de processos de formação de professores possa atuar como docente em um curso de Licenciatura. Se não licenciado, o professor poderia, ao menos, pesquisar sobre a formação de professores, uma vez que atua nesse campo.

Engraçado, não deveria ser a demanda a justificativa para a existência de um curso de Bacharelado? Será mesmo que eles não teriam outros locais de trabalho?

Infelizmente a realidade apontada por esses estudantes é comum a quase todos os locais que visitei. O quantitativo de matemáticos que atuam em cursos de Licenciatura em matemática é expressivamente maior do que educadores matemáticos e uma mudança nesse cenário não parece estar próxima de acontecer. Se os cursos de Licenciatura em Matemática fossem locais de trabalho somente para aqueles que cursassem a Licenciatura, onde atuariam os bacharéis? Se nem todos investem na carreira de pesquisador em Matemática, haveria alternativas de trabalho? E mesmo que todos se dedicassem à pesquisa Matemática, na realidade brasileira, haveria espaço para tantos matemáticos?

Precisamos de professores que queiram e saibam formar novos professores e não de títulos. Enquanto a preocupação ainda for a disputa política entre matemáticos e educadores matemáticos o quadro não vai mudar mesmo. Precisamos de professores!

Dentre os muitos estudos que discutem problemáticas como essa ou que, de algum modo, levantam essa discussão, há a tese de Viola dos Santos (2012) que teve por objetivo a produção de *possíveis*⁵¹ legitimidades para a formação matemática de professores de matemática em cursos de Licenciatura em Matemática. Nesse estudo, o autor realiza entrevistas com educadores matemáticos e com matemáticos que atuam como professores em cursos de Licenciatura em diferentes universidades do país traçando discussões, de modo geral, sobre a formação matemática que o futuro professor da educação básica deve possuir. Embora a discussão sobre a formação do professor formador não tenha sido foco de seu estudo, ela não deixou de existir e, para esse autor “Mesmo que o foco do curso seja formar professores da educação básica, a grande maioria dos formadores são os matemáticos que têm formação e profissão totalmente diferente dos professores” (VIOLA DOS SANTOS, 2012, p. 234).

Embora haja esse apontamento quanto à formação dos formadores, o curso de Licenciatura é elogiado pelos estudantes. Quando o foco de nossa conversa foi a formação

⁵¹ Grifo do autor

pedagógica, muito se falou sobre as práticas docentes. As primeiras falas de João e Gabriel ressaltaram que as disciplinas oferecidas pela Faculdade de Educação foram bastante produtivas e que tiveram excelentes professores na disciplina Prática de Matemática, ofertada pelo IME. Thais e Gabriel colocaram que as disciplinas que têm por foco a formação pedagógica do licenciando são interessantes quando a dinâmica proposta pelo professor ministrante é diferenciada. O conteúdo das discussões e a ementa do curso não aparecem em primeiro plano em suas falas, o modo como as discussões são encaminhadas, as atividades propostas e a postura do professor são os determinantes para a avaliação dos estudantes em relação às disciplinas. Gabriel aponta que as disciplinas que o fizeram pensar, que valorizavam os momentos de discussão e não se basearam apenas em aulas expositivas foram as mais interessantes e produtivas até o momento. Essa fala me parece ir ao encontro da proposta de formação por meio da experiência da leitura: “A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo.” (LARROSA, 2016, p. 145). A oportunidade de pensar remete à situação de movimento, de papel ativo, de disposição do estudante em aprender. Ter a oportunidade de pensar para Gabriel seria como se ele se sentisse parte de seu processo formativo e não apenas expectador.

Outro exemplo de experiência parece ser de João na realização de seu estágio no Colégio de Aplicação da UERJ. João diz que o contato com o CAp fez com que ele pudesse vislumbrar outro modelo de colégio, diferente do que ele conhecia enquanto estudante. Para ele, sua escolarização se deu em um colégio bem-conceituado do Rio de Janeiro, porém ao conhecer a realidade do CAp ele observa que práticas que levam o aluno a pensar podem ser mais produtivas do que aquelas que valorizam os processos de memorização. Aqui vejo o quanto essa atividade do curso pode ter oportunizado a esse estudante um repensar sobre processos de ensino e aprendizagem. O modelo vivenciado e interiorizado no período escolar é reconsiderado e passa a não ser a melhor escolha. A oportunidade de conhecer outras práticas é fundamental para o estranhamento daquilo que, até então, era o comum. Pensar ao invés de memorizar, aprender é melhor do que decorar.

Em relação ao tema discutido pela totalidade dos estudantes que conheci: a matemática estudada no ensino superior é distante da matemática ensinada na educação básica, os estudantes consideram que o curso dedica boa parte de sua carga horária para o estudo de conteúdos que não fazem parte daqueles que serão o foco do trabalho do

Posso estar enganada, mas esse comentário não parece abarcar as disciplinas específicas. O que isso pode dizer? Que quando se estuda matemática não precisamos pensar? Só reproduzir? Ali também não seria um momento de pensar na prática, no aluno? Essa parece ser uma verdade inquestionável em nossos cursos, está tão sedimentada que nem percebemos sua existência, passou a ser trivial. Pensamos (às vezes) quando estudamos educação e reproduzimos quando estudamos matemática. Por que ela não discute isso?

professor da escola básica. João considera, inclusive, que o estudo desses conteúdos, voltados para a matemática do ensino superior, podem não contribuir para a formação de um futuro professor de matemática da educação básica. Parece não haver discussões que, de alguma forma, estabeleçam relações entre os conteúdos que são discutidos nas disciplinas do curso e aqueles que são trabalhados nos ensinamentos fundamental e médio. Eles dizem que a relação entre esses dois “mundos” está associada à prática dos professores que ministram essas disciplinas: alguns relacionam e outros não. João, que optou por concluir, além da Licenciatura, o curso de Bacharelado, considera ainda que a formação no Bacharelado foi aquém de suas expectativas, pois ele acredita que muitos dos estudantes passam pelo curso sem grandes compreensões, valorizando processos de memorização em detrimento da aprendizagem de conceitos.

E por que isso acontece? Porque o foco não é formar professor para a escola

É interessante perceber que, embora haja esse argumento de João de que o que está sendo estudado é distante daquilo que um dia se vá, de fato, trabalhar matematicamente em sala de aula como professor, Mariana se preocupa com o fato de que em determinada disciplina os conteúdos estão sendo trabalhados de uma maneira mais superficial, sem muitos aprofundamentos e um sinal disso são as notas da turma que estão acima da média. Observo o possível distanciamento entre as angústias de João, que já concluiu a Licenciatura, e Mariana, estudante do primeiro período. Mariana se vê muito mais preocupada em lidar com as regras do jogo que o curso coloca: é preciso um aprofundamento teórico nas disciplinas iniciais para que seja possível o curso das demais, é preciso ver mais, conhecer mais. A implicação disso em sua futura prática não está presente em seu discurso.

O que mostra o quanto a estrutura vigente é eficaz na arte de “ensinar” matemática, pois os alunos assumem esse discurso

A fala de João sobre o fato de que muitos estudantes apenas decoram resultados e não compreendem o processo matemático que está sendo realizado me remeteu às várias entrevistas que foram realizadas por Viola dos Santos (2012), mas, em especial, a fala do professor Márcio Gomes Soares da Universidade Federal de Minas Gerais. Para esse docente, durante a graduação os estudantes são obrigados a cursarem muitas disciplinas ao mesmo tempo e com isso há pouco tempo para que eles possam pensar e refletir sobre os conteúdos estudados:

Olha só, é o mesmo autor que a Fernanda comentou aquele dia...

[...] ele não tem tempo para pensar. É impossível ele pensar fazendo seis disciplinas, não sobra tempo. Com isso, qual o resultado? A Geometria vira um sofrimento, a Álgebra vira um sofrimento, qualquer disciplina que o cara fizer. Sendo essa coisa corrida, ele não tem tempo de simplesmente sentar e refletir sobre aquilo e criar. (SOARES, 2012, p.120)

Penso que decorar os conteúdos possa ser uma das estratégias que muitos estudantes buscam em função do excesso de conteúdos e da falta de tempo para a reflexão. Além disso, pode ser que o estudante não tenha desenvolvido essa prática no período da graduação e sim durante sua trajetória escolar. Nessa perspectiva, muitos estudos apontam que a experiência escolar desempenha um papel significativo nos julgamentos e escolhas de futuros professores, muitos se remetem às práticas vivenciadas nesse período para lidar com as situações que se deparam durante seu desempenho profissional (TARDIF, 2000, PIMENTA, 1996). A questão a se pensar é o porquê que essas vivências possuem raízes tão profundas que mesmo anos após o curso elas continuam firmes e agarradas. Mesmo vivendo um novo processo de formação, poucos mudam seus olhares. Seria mesmo um novo processo de formação ou apenas um fortalecimento de visões já definidas? Até que ponto os processos de formação inicial oportunizam aos futuros professores um repensar sobre práticas vivenciadas na vida escolar? João e Gabriel reconheceram que no período escolar a memorização de conteúdos era uma prática rotineira. Gabriel enfatiza que desenvolveu o hábito de estudar durante o período da graduação e que na escola ele se limitava a cumprir as tarefas, sem nenhum interesse para nada além disso. Assim como João, Gabriel também percebe na realização do curso a diferença entre aprender e decorar, a meu ver, um amadurecimento necessário para um futuro professor e uma discussão pertinente para a formação de professores de matemática.

No momento em que João falou sobre sua experiência no CAP percebi em suas colocações uma atenção no que se refere às condições de trabalho da futura profissão. Aos destacar que os professores que atuam nesse colégio são docentes da UERJ, ele ressalta o fato de que eles têm tempo para se dedicarem à pesquisa e que possuem o mesmo salário que um professor universitário (embora isso não seja sinal de um bom salário!). Gabriel, no momento de sua apresentação, também acena preocupação semelhante, ele diz ter pensado em trocar de curso por medo da baixa remuneração que a profissão oferece, no entanto acredita ser possível conseguir bons rendimentos a depender da especialidade do professor. O estudo de Gatti (2011) aponta que a baixa atratividade da profissão docente é um dos motivos pelos quais concluintes da Licenciatura optam por outro caminho profissional:

[...] se os salários continuarem pouco atrativos, se as condições de trabalho nas escolas não forem minimamente adequadas, se não for criado um suporte sociopedagógico no ambiente escolar, é possível que os docentes mais

preparados tendam a evadir-se do magistério, a buscar outras oportunidades profissionais. (GATTI, 2011, p. 204)

Para além dessas inquietações, vejo nesses apontamentos, uma vez mais, a preocupação desses estudantes com a formação do professor de matemática. O tempo para pesquisa é importante, uma especialização pode ser o diferencial. Em diversos momentos eles comentaram sobre a importância de o licenciando ter iniciativa e buscar conhecimentos para além do que é proposto pelo curso. Vi em suas falas o interesse pelo aprender. Para Thais a falta de interesse de um estudante durante seu processo formativo pode ser indicativo de uma falta de compromisso com sua própria formação, como também ser um sinal de imaturidade. Mariana e Ana Carolina criticam os colegas que não se interessam em participar de outras atividades que a universidade oferece; para Mariana a postura do estudante pode influenciar sua relação com os professores do curso. Um aluno interessado parece ter mais oportunidades.

Mas é preciso dizer o quanto esse discurso pode ser perigoso e capaz de legitimar processos de exclusão, onde o outro que por algum motivo não se encaixa na norma pode sofrer penalidades devido a sua diferença

Entretanto, a falta de interesse pode ser interpretada de outro modo. É comum o ingresso de estudantes com apenas 18 anos no ensino superior e nessa faixa etária poucos são os que estão certos de suas escolhas profissionais. E, tratando-se de um curso de Licenciatura em Matemática, em que o índice de concorrência para ingresso é baixo quando comparado a outros cursos da área de exatas, esse dado passa a ser um critério de escolha bastante utilizado, ou seja, nem sempre há um interesse pela formação de professores, o ingresso em uma universidade ainda é visto como garantia de um futuro profissional promissor, então a lógica parece ser: primeiro ingressar para depois pensar sobre a futura profissão. O difícil é aceitar que mesmo incertos de suas escolhas, há os que concluem o curso e podem atuar como professores mesmo estando insatisfeitos com a profissão. Nesse sentido, vale pensar em algumas questões: qual seria o papel de um curso de Licenciatura diante um público que não demonstra interesse pela prática docente? Seria função do curso “resgatar” esses estudantes, em um trabalho de orientação vocacional? Como levantar questões como essas em cursos que têm como finalidade formar professores, mas que apresentam um quadro docente incompatível com sua proposta? Como exigir de um estudante comprometimento com sua formação para atuar como professor se práticas por ele vivenciadas não demonstram empenho nessa causa? Questões difíceis.

Ouvi-los já seria um avanço. Excluí-los certamente não é uma saída.

Mas existiria o ideal? Acho que a Adriana é bem idealista

Acho até que essas práticas podem ajudá-los a ressignificar alguns processos

Por fim, com relação à acolhida dos professores, algumas situações são lembradas. João considera que foi acolhido por sua orientadora, uma vez que ela acreditou que ele seria capaz de realizar as atividades que ela lhe propôs. Vejo aqui o acolhimento como

confiança: sentir-se acreditado é o mesmo que sentir-se acolhido. Mariana, na mesma direção, diz que a atenção dos professores está ligada à postura do estudante: se esse demonstra interesse pelo curso e participa de várias atividades é reconhecido pelo professor e essa é também uma forma de acolhimento. Por outro lado, Gabriel relembra a situação em que um professor do curso valorizava a reprovação dos alunos e que era comum 100% de reprovação em uma turma. Para ele situações como essa dizem mais respeito à prática do docente do que ao desempenho dos estudantes. João coloca também que deveria haver um cuidado maior com a permanência dos acadêmicos nos primeiros períodos do curso e que isso não se trata de facilitar o processo e sim de considerar o momento de transição do estudante.

Em minha experiência como aluna da Licenciatura também ouvi de muitos professores que o índice de reprovação em uma disciplina era tido como o nível de confiabilidade daquele curso. Uma aprovação em massa poderia ser reflexo de um curso pouco confiável e a reprovação absoluta garantia de um bom nível de qualidade. Discursos comuns e pouco problematizados dentro dos cursos. Aos estudantes, diante de situações como essas, restam poucas alternativas: estudar para a aprovação, “fugir” do professor e matricular-se em outro curso quando há opção, arriscar-se na prática da cola ou apenas tentar a sorte. Thais coloca a falta de diálogo entre professores e o medo de repreensões como possíveis razões para que os acadêmicos tentem se adaptar às situações indesejáveis dentro do curso. Omitir-se seja, talvez, a melhor maneira de lidar com a situação. Antes não ser acolhido do que excluído?

Felizmente, os relatos de boas relações com os professores ainda parecem se sobressair. Thais fala sobre seu interesse em relações humanas e o quanto demonstra afetividade pelos professores que manifestam interesse em ajudar seus alunos. Ela é capaz de nomear aqueles que expressam ter amor pela profissão e que se dedicam às suas atividades. João também discute a questão do acolhimento e remete seu interesse em atuar como professor à influência de dois professores com quem teve contato durante o curso.

As críticas em relação ao curso, negativas e positivas, me fazem perceber que esses estudantes têm tentado, ao máximo, aproveitar as oportunidades oferecidas pela instituição e isso pode estar ligado ao fato de que eles demonstram ter interesse em atuar como professores, consciência da responsabilidade social de sua futura profissional e abertura para viver situações novas. A experiência está ligada ao processo de exposição, pois “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece,

Estou receosa em pensar essa atitude como um acolhimento. Quando me lembro dos mais de trinta colegas que ficaram retidos ainda no primeiro ano do curso penso que eles precisariam muito mais de acolhimento do que eu que sempre fui interessada...

a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (LARROSA, 2016, p.26). Suas falas, repletas de motivações e engajamento, deixam para mim marcas de experiências de naturezas distintas, porém de profundidades semelhantes. Constituir-se professor parece ser uma experiência para esses estudantes.

Bem, parece-me que a Adriana tem uma leitura mais positiva do processo. Eu talvez esteja querendo problematizar mais tudo que acontece já que estou vivendo esse momento literalmente. Acho que saber o que ela diz me ajudou ainda mais a repensar algumas verdades, por vezes simultâneas e contraditórias, que passeiam pelos corredores do meu departamento.

Penso que estou pronta para um novo encontro: não sei se eles estarão!

Hoje o dia foi puxado, apresentamos um trabalho na disciplina de Prática e a Cris teve uma avaliação não muito positiva da professora, o que acabou com ela. Eu nunca imaginei que ela pudesse ficar tão balançada com isso, pois seu maior interesse sempre foi pela área de matemática pura, pelo menos era o que eu pensava, tanto é que ela não demonstrou nenhuma vontade em participar das nossas discussões. Mas para minha surpresa ela até chorou! Disse que de nada adiantaria saber tanta matemática se não fosse capaz de ensinar outra pessoa, que ela estava ali para se tornar uma professora, reclamou que a avaliação só apontou suas fragilidades e não sinalizou possíveis mudanças. De fato, foi isso mesmo que aconteceu. Tivemos que conversar muito com ela para acalmá-la. A situação foi triste, mas serviu para que eu revisse mais uma das verdades que já havia construído: quem gosta de estudar muita matemática não se preocupa com a formação para professor. A Cris talvez fosse a própria demonstração desse teorema, mas hoje vi que ela é, na verdade, um ótimo contraexemplo.

Depois do almoço tivemos uma reunião com a orientadora do estágio, ela pediu que fossemos buscar o caderno de bordo, no meu caso o meu caderninho verde, pois ela já havia feito a leitura dos mesmos. Fomos lá eu e Cris, que já não estava vivendo um bom dia, e a outra dupla. Para nossa surpresa, quando pegamos nossos cadernos percebemos que não havia nenhum comentário, observação, correção ou qualquer tipo de rabisco sobre nossos escritos. Tudo estava exatamente da mesma maneira que lá deixamos. Não havia questionamentos ou provocações, nem nada que nos fizesse pensar sobre nossas anotações. Trocamos olhares e então eu pensei: qual o sentido da escrita desse caderno e da leitura dessa professora? A escrita pela escrita? Respirei fundo e na tentativa de entender a situação imaginei que as reuniões de estágio pudessem ter tido o papel principal de discutir as nossas ações e observações em relação à escola, mas quando me lembrei delas só as vi como sessões de desabafo, onde cada um colocava suas angústias e frustrações. Não havia problematizações em relação ao ocorrido, não revíamos nossas atitudes, assim como não pensávamos em alternativas possíveis. Eram descrições orais dos relatos escritos. Era a fala pela fala.

Após folhear algumas páginas tive que perguntar:

— Professora, a senhora não fez nenhuma observação, não há nada o que dizer sobre o que escrevi?

— Então, Adriana, acho que as discussões que realizamos nas reuniões já tenham servido para que vocês repensem suas anotações, não? — disse ela. Como eu imaginava!

Aquelas reuniões sem objetivo, onde todo mundo falava e ninguém era ouvido. Ela só pode estar de brincadeira, pensei, mas não pude deixar de falar.

— Não estou certa disso, professora. Aquelas reuniões, para mim, serviram apenas para reforçar o que eu já havia anotado neste caderno: as aulas dos professores são tradicionais, os alunos são bagunceiros e não sabem matemática, os professores se incomodam com nossa presença... — respondi, ou melhor, explodi.

— Eu não vejo dessa forma, Adriana — ela retrucou e continuou — além disso, tenho ouvido comentários aqui pelo Departamento de que você tem demonstrado muita insatisfação em relação ao curso e às práticas de muitos professores. Acho que está tendo muito tempo livre para se dedicar a isso. Talvez seja melhor se ater às discussões que lhe cabem, pois ainda precisa percorrer um longo caminho até a conclusão do seu curso.

Engoli seco. Peguei meu caderno, o resto da minha dignidade e fui embora. Ali eu percebi que estava ferrada. O encontro com a coordenadora dias antes teve consequências e agora o único sentimento que tenho é medo. Onde eu estava com a cabeça quando inventei tudo isso? Será que era realmente necessário eu me expor tanto? Pensei que estivesse buscando possibilidades, mas agora vejo que só fechei algumas portas. Sai dali e fui me sentar à sombra da figueira. Sem chances de assistir aula. Só não vou embora porque hoje é o dia do encontro do GELIMAT e eu irei nem que seja apenas para encerrar a discussão.

Passei a tarde ali, pensando em tudo que aconteceu nos últimos meses e o quanto isso me deslocou no curso, do papel de boa aluna passei àquela que causa incômodo. Lembrei-me do primeiro ano, quando eu, o Diego e outros colegas tachávamos o pessoal que ficava envolvido com o DCE como alunos desinteressados pelo curso, que não gostavam de estudar. De fato, suas notas não eram as melhores, mas agora penso que talvez eles já percebessem todas essas coisas que só agora me dei conta e então fosse mais difícil estudar só para passar. A questão é que minha mudança não tem volta e eu preciso concluir esse curso, então terei que estudar muito e não só Matemática, mas tudo que envolve a minha formação para que eu não fique calada diante das intimidações que ainda terei de enfrentar. Já está quase no horário da reunião, acho melhor eu ir logo. Não sei se haverá muitos hoje; poucos se manifestaram no grupo do *Whats*, também estamos perto do período de prova, final de semestre, é momento de estudar.

Chego no boteco e encontro o Marcelo e o José.

— Oi, meninos, tudo bem? — pergunto.

— Oi, Dri, tudo bem e você? Animada como sempre? — pergunta o José.

— Como sempre não, mas ainda tem um restinho de animação, sim — respondo já quase chorando.

Aproveito que os outros ainda não chegaram e conto toda a situação com a professora do estágio. O Marcelo também aproveitou e contou que uma vez também se desentendeu com um professor porque questionou a correção de sua prova; ele disse que teve que estudar muito mais para conseguir ser aprovado na disciplina, pois sofreu muita perseguição.

— Mas eu acho que a gente precisa continuar com essas discussões, eles querendo ou não. Essa é a única oportunidade que temos de conversar sobre a nossa formação, então vamos aproveitar e fazer barulho sim, para que eles percebam e fiquem incomodados, só isso já é uma conquista — argumentou o José.

Enquanto isso chegam mais alguns colegas: Fabiana, Fernanda, Maria e Gislaïne. Juntamos algumas mesas e aumentamos a nossa roda. Já estávamos começando nossa conversa quando, para minha surpresa, a Cris chegou. Eu sempre comentava com ela sobre as reuniões: como fazemos o estágio juntas, sempre estamos nos encontrando para planejar e tudo mais e ela tem acompanhado as minhas inquietações, mas nunca manifestou nenhum interesse em participar do grupo e eu também jamais forcei a barra. Acho que os acontecimentos do dia a fizeram pensar melhor.

— Cris! Que bom que você veio. Senta aí que a gente já vai começar — tentei acolhê-la.

Já passam alguns minutos das 17h e então resolvo começar a falar.

— Olá pessoal, que bom que vocês vieram. Acredito que o encontro de hoje será bastante produtivo. Acho que a única novata é a Cristiane, o restante todos já se conhecem. Cris, você poderia começar se apresentando ao grupo e dizendo em qual período está e porque decidiu cursar a Licenciatura em Matemática, tudo bem?

— Sim, sem problemas. Meu nome é Cristiane, tenho 20 anos, estou no terceiro ano e decidi cursar a licenciatura porque gosto muito de matemática, nunca tive dificuldades com esse conteúdo na escola e, além disso, porque tenho vontade de ser professora, pois tive excelentes professores na escola e gostaria de um dia poder ser como eles. Eu já sabia dessas reuniões, mas não tinha me interessado porque não via necessidade de discutir sobre a minha formação, mas hoje aconteceu uma situação na aula que me tocou demais. A professora fez uma avaliação negativa da minha apresentação do trabalho, mas o problema maior foi que ela não se importou em conversar comigo, me mostrar outras possibilidades, foi simplesmente uma nota ruim, como se isso fosse

suficiente para eu me tornar uma professora, como se com essa nota eu saberia o que fazer para melhorar, como se o único papel dela fosse esse. Bem, isso foi o que aconteceu hoje e como eu sabia que teria a reunião senti vontade de participar.

— Bem, Cris, acho que você não foi a única a ter um dia ruim, você viu que acabei batendo de frente com a professora do estágio, mas enfim, vamos conversar! — tentei consolá-la com a minha frustração.

Aproveito e já continuo falando.

— Pessoal, eu estive pensando sobre as discussões que realizamos nos nossos encontros e gostaria de levantar alguns questionamentos. Como eu já comentei com vocês, eu tenho lido as narrativas de estudantes de outros cursos de Licenciatura em Matemática que consegui com a pesquisadora que esteve aqui e alguns textos que ela me enviou. São leituras que têm mexido muito comigo, me fazendo repensar algumas ideias que eu tinha como verdades em relação à nossa formação. Por isso, eu gostaria de compartilhar com vocês essas angústias para que possamos pensar juntos e para que vocês também me digam se eu estou ficando louca, pois em muitos momentos tenho ficado com essa desconfiança — foi quase um desabafo.

— Então diga o que você tem pensado porque já fiquei curiosa — disse a Fabiana.

— Pois bem, eu fiz uma espécie de levantamento dos assuntos que já discutimos aqui no GELIMAT e na entrevista com a pesquisadora e então queria tentar problematizar tudo que já discutimos, meio que virando do avesso nossas ideias — tento explicar.

— Então você quer propor um desafio para nós? Bem que o Diego disse que você estava virando filósofa... — acrescenta o José.

— É isso mesmo, Zé! A ideia é fugir desses discursos homogêneos que agora percebo tanto nas nossas falas como, em alguns momentos, nas dos outros estudantes. Acho que a gente precisa tentar entender o que todas essas situações que vivemos aqui dizem da nossa formação. Precisamos pensar nessa questão: o que aprendemos quando pensamos estar apenas estudando matemática? E para começar, vocês percebem os silenciamentos que existem dentro do nosso curso? Acho que esse ponto abarca quase tudo que podemos discutir.

— Silêncio? Como assim? — pergunta a Maria.

— Do nosso silêncio, você diz? — questiona a Gislaine.

— Também, Gislaine! Você percebe o quanto somos silenciados? — Ela também percebeu, que ótimo, um interlocutor.

— Eu sempre percebi Adriana, é por isso que estou aqui. O tempo todo somos silenciados: nas disciplinas que ignoram que iremos atuar como professores, nos estágios que não ressignificam as práticas que conhecemos, nos projetos que nem sempre podemos participar por falta de vagas, nas reuniões que nunca somos convidados e em tantas outras situações. Em todos os aspectos somos tomados como expectadores de nossa formação. Há um modelo pronto a nossa espera e o que nos cabe é que passemos por ele com boas notas — explica a Gislaine.

— Exatamente, boas notas, mesmo que isso aconteça sem que nada nos aconteça, ou seja, podemos entrar e sair do curso com as mesmas concepções sobre o que seja ser um professor. Não somos confrontados com a nossa futura profissão. Voltamos para a escola e apenas em raras exceções somos levados a pensar sobre ela, de modo geral, trata-se apenas de um reencontro com o mesmo. O susto que tomamos ao voltar para a escola poderia ser um grande disparador de discussões aqui no curso, pois esse estranhamento nem faria sentido porque conhecemos muito bem aquele local, afinal ficamos por lá por mais de dez anos de nossas vidas, mas não, nos assustamos e mesmo assim somos ignorados. Não nos ajudam a interpretar esse choque como algo positivo, como um caminho para repensar a escola que conhecemos, as práticas que vivenciamos. Nada disso acontece. Simplesmente assustamos e desistimos de atuar na educação básica, pelo menos é o que aconteceu comigo. — Acho que falei demais. Termino de falar e ninguém abre a boca. Será que os silencieei também? Depois de alguns minutos a Cris começa a falar.

— Bem pessoal, eu não participei das outras reuniões, então não sei ao certo o que já foi dito, mas me parece que essa ideia de silenciamentos faz sentido, pois se não há conversa só pode haver silêncio. Vou voltar ao que vivi hoje. Eu recebi uma avaliação em forma de sentença. Não cabia uma discussão sobre o assunto, o meu papel ali era de ouvinte e isso estava muito claro para todos, não só para mim. Pensando bem, acredito que nem de ouvinte, pois nada me foi dito além do veredicto. Deveria ele falar por si? Não seria eu, aluna, digna de um outro tipo de resposta? Eu não entendo como essa possa ser uma forma de avaliar um futuro professor. Sem diálogo, sem troca, sem saber o que eu penso, sem se importar se eu compreendi o que foi dito, pois daqui uns dias eu estarei nesse papel, avaliando outras pessoas e então como irei proceder? Repetindo as mesmas coisas? E sinceramente eu tenho muito medo disso acontecer, pois não sei pensar outros modos, ao menos por enquanto me sinto limitada. Vou ter que aprender sozinha? Na prática? Com meus futuros colegas de profissão? Mas esse aqui não é o momento para isso? E olha que estou pensando apenas nessa avaliação que foi durante a apresentação

de um trabalho. Quando penso nas avaliações escritas o cenário é ainda pior, pois não há nem a sentença falada, apenas uma nota exata, capaz de medir o meu conhecimento em casas decimais. Eu reproduzo demonstrações de teoremas e consigo notas espetaculares. Quando sou obrigada a falar o que penso, com as minhas palavras, sou humilhada diante de todos. E então eu me pergunto: em quais dessas situações a Cristiane de fato aparece? Estou muito decepcionada. — Nossa, conheço a Cris desde o primeiro ano e nunca pensei que ela pudesse enxergar as coisas dessa forma. Eu tinha uma imagem dela totalmente diferente. Me lembrei do Skliar⁵² quando ele diz que “o nosso olhar acaba por sentenciar como somos nós e como são os outros”. Ainda bem que ela está aqui, para confirmar ainda mais a minha ideia de que é conversando que a gente se entende e se conhece.

— Bem, eu fico meio perdido ouvindo tudo isso, mas se for para pensarmos diferente, acho que não dá para pensar nesse modelo de curso que temos, onde não há espaço para além do espaço disciplinar. Nesse formato não temos tempo para pensar, ele não propicia isso. Pensar não faz parte da formação, estamos aqui para cumprir um currículo e nos adequarmos às práticas dos professores. Se for para radicalizar, vamos brigar por uma nova estrutura — coloca o Marcelo.

— Também não é assim, Marcelo — diz a Fabiana. — Temos que ter os pés no chão, discutir possibilidades e não utopias. Não se muda uma estrutura curricular da noite para o dia, mas penso que podemos causar pequenas fissuras nela que já podem ter um impacto considerável em nossa formação. E eu acho que podemos fazer isso mudando a nossa atitude enquanto estudantes. Como? Incomodando os professores, questionando suas práticas, lutando por nosso direito de voz, participando mais de todos os espaços, vivendo o curso de forma intensa e não só assistindo aulas. Temos que nos dar conta que somos parte importante desse processo, sem alunos não há curso, então eles também precisam de nós, a gente só precisa deixar isso evidente.

— Isso mesmo, Fabi! Não dá para passar quatro anos, ou mais, aqui e sairmos com a mesma visão que tínhamos antes. E para isso temos que estar abertos a experiências, boas ou ruins. É preciso sentir o que nos acontece, pois só assim podemos produzir algo novo, só assim podemos ser outros ao sair daqui — acrescento.

— Mas o que mais você percebeu em relação às leituras que fez Dri? E os outros estudantes, como agem? — perguntou o José.

⁵²Skliar(2003, p.71)

— Olha, Zé, até agora eu li seis entrevistas, ainda faltam cinco, e percebo situações próximas, mas nem tanto. Por exemplo, na UEPA fica claro que as estudantes que foram entrevistadas falam de um curso que parece formar pesquisadores. A princípio eu até me encantei com a discussão, achei que seria a solução! Mas na última reunião o Fabrício falou algo nesse sentido e então eu parei para pensar um pouco. Tudo bem que a pesquisa pode contribuir com a nossa formação, mas não sei, me parece que as vezes ela é usada para o recrutamento de novos soldados da Educação Matemática ou da Matemática Pura. Pode ser que eu esteja totalmente equivocada, mas o que eu quero é tencionar essas situações para podermos pensar sobre elas.

— Não sei, Dri, como vocês sabem eu participo de vários projetos e isso tem me ajudado muito, não sei como a pesquisa pode ser algo ruim — comentou a Fernanda.

— Mas não é, Fer, não é isso que estou dizendo. Eu acho que aquelas meninas estão tendo uma formação certa, o que eu coloco para a gente pensar é se isso é formar um professor de Matemática para atuar na Educação Básica. Mas nem sei o que é também, nem adianta me perguntar. Acho que a questão aqui é aproximar esses dois mundos: a escola e a pesquisa, esse poderia ser o objetivo da pesquisa em um curso de licenciatura. E se esse fosse o interesse, seria interessante que abrangesse todos os alunos e não um ou outro. Olha aqui no nosso curso, quantos mais tem essa visão que você tem? Um, dois? Não dá para escolher uma minoria para formar “bem” e o restante nem saber do que se trata. Do jeito como está, a pesquisa fica como um bônus na nossa formação e então ela perde o sentido. Não sei, estou vendo assim agora. — Tento explicar a minha posição, mas não sei se fui clara. Não quero queimar a ideia da pesquisa, até mesmo porque tenho muito interesse em participar desses projetos. O que eu quero é entender o que eles fazem com a gente quando nos colocam a ler artigos, participar de eventos e grupos de pesquisa. Quero saber se isso nos aproxima ou afasta de vez da ideia de ser professor na escola.

— Bem, continuando as minhas impressões, na UFPR a licenciatura parece ser um espaço de exclusão para os alunos que querem se tornar professores. O importante lá é estudar matemática. E o engraçado é que nenhum deles falou que não gosta de matemática, e é claro que a gente gosta, né? Ou então porque estaríamos aqui? Muitos até desistem de trocar de curso. Então o problema não é estudar matemática, o problema é acharem que só devemos fazer isso e ainda do jeito que é feito, um milhão de disciplinas em um curto espaço de tempo. Acabamos não produzindo nada, apenas repetindo discursos que nos são apresentados.

— Isso é verdade — diz o José. — Eu sempre estudei muita matemática, até pela influência do meu pai, então estudar o conteúdo nunca foi um problema para mim aqui no curso. O que me deixa triste é o modo como as coisas acontecem. Eu estudo matemática, mas com o objetivo de ser professor e não o contrário. Apesar de serem quatro anos o tempo é insuficiente ou então é mal administrado. Como sempre dizem, menos é mais, e acho que isso caberia perfeitamente aqui. Se estudássemos menos conteúdos, com maiores aprofundamentos, com discussões que nos colocassem em movimento, avaliações mais significativas e não tal como a Cris colocou, talvez pudéssemos ter melhores resultados a longo prazo.

— Exatamente, Zé, temos um problema de metodologia nesses cursos. Na UFMS os alunos reclamam da falta de acolhimento e isso para mim já extrapola a discussão binária de Educação e Matemática, e me mostra que as relações pessoais têm um papel central na nossa formação, elas são determinantes e a gente precisa falar sobre isso! Precisamos conversar, nos conhecer, nos aproximar. Entramos aqui e não paramos nossa vida, continuamos vivendo e seria muito interessante se todos que aqui estão pensassem o ensino como vidas que se cruzam e que se vivem e não apenas como um currículo a ser colocado em prática⁵³. E isso ficou ainda mais evidente quando li na entrevista da UFMT que esse é um aspecto valorizado pelos estudantes de lá. Eles sentem esse acolhimento desde o primeiro ano do curso e isso foi muito marcante em suas falas, mas mesmo assim ainda apontam situações indesejáveis. E o pior é que eu acho que se falarmos isso com os professores daqui é capaz que muitos vão achar que queremos regalias, mão na cabeça e essa ideia de acolhimento não tem nada a ver com isso. Eu penso que só o fato de haver um professor que prepare sua aula pensando na minha formação, no quanto isso pode me ajudar a um dia também ser professora, com discussões que me façam repensar algumas concepções, com avaliações inteligentes, esses já seriam grandes gestos acolhedores.

— A questão, Adriana, é que muitos professores só enxergam aqueles alunos que possuem um bom rendimento dentro do curso, os outros, e eu sempre me encaixei nessa segunda categoria, não são nem lembrados, somos apenas alguns nomes a mais na lista de presença — acrescentou a Gislaine.

— Essa é uma discussão que me chamou a atenção no grupo da UFRJ, os alunos parecem concordar que a atenção do professor é consequência do interesse do aluno. Ou seja, se o aluno é interessado, então o professor lhe dará a atenção necessária. E eu acho

⁵³ (CONTRERAS, 2016, p.18)

esse raciocínio muito estranho, pois o interessante é saber porque há alunos desinteressados, isso sim — coloquei.

— Eu concordo. Muitas vezes eu pensei em desistir do curso por não estar conseguindo levar as disciplinas. Eu sempre tive que trabalhar, então às vezes era muito complicado e eu não tinha liberdade para chegar e conversar com o professor, pois ele nem sabia quem eu era. E eu nunca senti que o meu distanciamento foi um incômodo para o curso, ninguém nunca perguntou o porquê de minhas faltas e notas baixas e durante todo esse tempo eu já estava sendo professora. Meu trabalho era com aulas particulares do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. O que eu digo hoje é que estou aqui em busca de uma certificação para continuar o meu trabalho de forma legal, agora que estou para concluir o curso já trabalho em uma escola particular, pois pouco do que vi aqui levo comigo para a sala de aula. Aliás, levo sim, busco ser outro tipo de profissional, converso com meus alunos, me interesso por suas vidas, seus sonhos, sua aprendizagem. Procuro acolhê-los mesmo nos momentos em que preciso ser séria e cobrar disciplina. Não sou unanimidade entre eles, mas temos um bom relacionamento — complementa a Gislaine.

— Então, eu já tinha percebido isso, de que os professores dão mais atenção aos alunos que os procuram, mas sabem o que eu também tenho percebido? Que os alunos também acabam excluindo aqueles que não acompanham bem o curso. A gente forma uma panelinha e não se importa muito em ajudar os outros — coloca a Maria.

— É verdade, Maria, eu também vejo isso. Eu acho que de modo geral a gente tem muita dificuldade em entender o outro, a sua diferença, principalmente quando ela nos afeta. E penso que aqui no curso uma diferença maléfica é aquele que não consegue acompanhar as disciplinas, em especial, as de matemática porque são elas que balizam o nosso conhecimento, a nossa competência aqui dentro. É como se por conta desses estudantes, o curso, ou melhor, alguns professores e estudantes, não conseguissem atingir a tão sonhada identidade de matemáticos. É claro que nem todos pensam assim, a gente sabe disso, mas no limite acho que a ideia que persiste é essa. E um dos modos de lidar com essa diferença é silenciá-la, excluí-la, pois desse modo ela se torna menos visível, incomoda menos. Então quanto menos discussões houver entre nós estudantes ou entre o curso e nós, essas situações serão apagadas. Na UFRGS os alunos falaram sobre isso, que eles têm raras oportunidades de conversas, no entanto eles assumiram uma postura autônoma e fizeram um grupo, assim como nós, só que para discutir Educação Matemática. Então acho que essa é uma saída. — Tento trazer o que tenho lido tanto nos

textos como nas entrevistas, parece mesmo que essas leituras estão me ajudando a entender a situação. Olho no relógio e vejo que já deu meu horário, preciso encerrar.

— Então, pessoal, a conversa está boa, mas acho que eu vou perder o meu ônibus se a gente continuar e isso vai ser um pesadelo ainda maior do que esse curso na minha vida! — tento descontraír um pouco porque o clima ficou meio pesado depois desses desabafos.

— Tudo bem, Dri. Também preciso ir, mas eu acho que a discussão hoje foi produtiva, não sei, eu gostei. Acho que precisamos continuar — diz o Marcelo.

— Eu também acho — acrescenta a Fabiana — vamos tentar articular alguma coisa com o DCE para alcançar mais companheiros para nossa empreitada!

Todos riem e então nos despedimos. Vou para o ponto de ônibus sozinha, afinal meu companheiro abandonou o barco. Será que algum dia vou superar essa perda?

Últimas leituras

Estamos caminhando para o final do semestre e com isso as provas finais já começam a me assombrar. O pior é que agora não tenho apenas isso para pensar: além de estudar o conteúdo, fico martelando se a avaliação, do modo como é feita, faz algum sentido para a minha formação. O que me conforta é que não sou a única, vejo que alguns colegas também começaram a ficar incomodados com o nosso processo de formação: contraí uma doença contagiosa! Ou será que o contágio é da percepção da existência de uma doença anterior já naturalizada e, por isso, não notada e, por isso, não tratada?

Por enquanto vejo que será muito difícil marcar outra reunião do GELIMAT, pois estamos no momento de estudar matemática! Mesmo assim vou me organizar para conseguir terminar as minhas leituras: o intervalo de descanso dos estudos será ótimo para isso. Ainda faltam cinco, será que a Adriana não exagerou na quantidade de entrevistas? Se ela colocar todo esse material na sua tese talvez ela perca a interlocução, tudo isso junto é muita coisa para ler! Mas isso é com o leitor, como autora, se sua ideia era ouvir esses estudantes, não vejo outra maneira de lidar com a situação. Se é para escutar, então temos que escutar tudo...

O encontro no Instituto Federal do Amazonas

Sem dúvidas esse foi o encontro mais caótico de todos que realizei. Quando coloquei Manaus na minha lista de cidades a visitar entrei em contato com Tarcísio Leão, um colega da minha turma de mestrado que é amazonense e que cursou sua graduação na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pedi a eles alguns contatos de professores que pudessem me ajudar na organização do grupo de estudantes e ele me indicou alguns nomes. Não obtive sucesso com as indicações de Tarcísio, então procurei no site da instituição pelos docentes e entrei em contato com o coordenador do curso de Licenciatura em Matemática (diurno), professor Nilomar Oliveira, que prontamente me respondeu e se dispôs a me ajudar na realização da pesquisa. Após algumas trocas de e-mails ele me passou o contato do professor que iria trabalhar com a disciplina de Estágio Supervisionado no curso, professor Domingos Anselmo, e que teria um contato mais direto com os alunos concluintes que poderiam fazer parte de meu estudo. E desde então troquei diversos e-mails com esse professor, de

junho até dias antes do encontro em agosto.

Às vésperas de minha viagem para o Norte do país liguei para o professor para confirmar nosso encontro e ele me disse que estava tudo certo, que eu poderia procurá-lo na manhã do dia 12 de agosto na Universidade Federal do Amazonas para realizarmos nosso encontro e assim eu viajei tranquila de Belém para Manaus certa de que tudo aconteceria como planejado, mas a história não foi bem assim... Também às vésperas de minha viagem entrei em contato com a Isis Siebra que atua no Instituto Federal do Amazonas e que conheci no período em que ela morou em Campo Grande para cursar o mestrado em Educação Matemática na UFMS e combinamos de nos encontrar em Manaus para que ela me mostrasse um pouquinho da cidade.

Cheguei a Manaus na tarde ensolarada do dia 11 e me apaixonei pelo lugar desde a paisagem espetacular que pude ver pelo avião. A descida no aeroporto de Manaus é sem dúvida a mais linda que já vi: o rio Amazonas é espetacular, assim como a floresta Amazônica, me senti abraçada pelo verde daquela natureza. Eu teria apenas

aquele resto de dia para conhecer um pouco do local e então deixei minha mala no hotel, peguei um ônibus circular e fui visitar a cidade. Consegui chegar a tempo do último horário de visitação do Teatro do Amazonas, que sem dúvida é um destino imperdível. No início da noite me encontrei com a Isis e fizemos um passeio pelo Parque Rio Negro, outro lugar encantador. Conversamos sobre minha pesquisa e contei a ela que na manhã do outro dia faria o encontro com os acadêmicos da UFAM.

Na manhã do dia 12 me dirigi a UFAM e novamente me encantei com a floresta que abraça a universidade: que lugar maravilhoso. Cheguei ao Instituto de Ciências Exatas e procurei pelo professor Domingos Anselmo e infelizmente ele não estava na instituição. Tentei contato via celular, mas o mesmo estava desligado. Liguei então para o professor Nilomar, mas ele me informou que só poderia estar na instituição no final da tarde, horário em que eu já deveria estar no aeroporto com destino a Porto Velho. E então eu me desesperei: fui até a sala do professor Domingos algumas vezes na esperanç  de encontrá-lo, conversei com o secretário do curso, tentei outros

telefones, mas nada deu certo. E então mandei mensagem para Isis, contando o desencontro e vendo a possibilidade de conversar com os seus alunos da Licenciatura em Matemática do IFAM. Por sorte naquele dia   tarde ela teria aula com uma turma do sexto período e então me cedeu o horário para conversar com os estudantes.

Reuni-me com 6 acadêmicos que apesar de terem sido pegos de surpresa para a realização da entrevista se mostraram bastante receptivos. Uma turma com muita história para contar; nossa conversa durou quase uma hora e meia e por alguns minutos não perdi meu voo no final do dia. No fim tudo deu certo; não como planejei durante mais de um mês, mas com alguns contratempos que me fizeram crer que não tenho problemas cardíacos.

O grupo de estudantes

Eu sou o **Pedro**, aluno do sexto período de Matemática, e vou falar um pouco a respeito de como eu escolhi o curso de Matemática. Desde pequeno a gente sempre tem aquele fascínio e ao mesmo tempo medo de Matemática, as pessoas falam muito que Matemática   difícil, mas mesmo a gente ouvindo que   difícil a gente sempre encontra alguém que

diz que gosta. Quando eu estudava eu queria sempre ser o melhor da minha sala em Matemática e me destacava por ser o “melhor”. Mas o que me motivou realmente a seguir Matemática foi o fato de eu me tornar militar. Quando eu cheguei ao quartel vi que os militares eram muito entendidos na área de Matemática e era difícil você encontrar alguém por lá que não fosse bom nisso. No setor em que eu fui trabalhar eles falavam muito em faculdade e eu pensava: “esses caras são tão inteligentes”. Ali foi o primeiro lugar em que eu entendi que onde você convive é o que vai te motivar. Eu nunca tinha parado para ver isso e então um deles me perguntou: “Campos⁵⁴ você não vai fazer a prova de sargento?” Eu falei: “eu quero, mas o que eu tenho que estudar?” Eu não sabia nem o que eu tinha que estudar. Então ele trouxe umas provas para eu treinar e eu achei aquilo a coisa mais difícil do mundo, mas comecei a estudar um pouquinho. Eu comecei a estudar sozinho, depois procurei um curso e à medida que eu ia aprendendo um pouco a teorização eu percebia que era fácil mesmo e isso começou a me motivar até que eu fiz a

prova e passei para cabo. Quando chegou na hora da prova de sargento, do nível fundamental, era tão difícil que poucos passavam aqui em Manaus. Comecei a estudar de novo e quando fui fazer a prova eles mudaram para Ensino Médio e tive que estudar tudo de novo. O resumo de tudo isso é que esses acontecimentos fizeram com que eu me motivasse a estudar e hoje penso que a Matemática é acessível para todos. Para eu estar aqui hoje teve outro motivo: quando eu me apresentei aqui em Manaus percebi que os soldados tinham muita dificuldade com Matemática e resolvi ajudá-los. Falei com o meu chefe se ele poderia liberar um tempo da tarde do nosso trabalho para eu dar aula para eles e ele concordou. Depois eu fui transferido para uma escola que tem convênio com a aeronáutica, a Brigadeiro Camarão. Eu fico na escola como se fosse o “Severino”, fico na sala dos professores e se faltou algum eu vou para a sala e tento mostrar alguma coisa diferente. Eu cheguei a conclusão que título é importante porque você só vai fazer as coisas se você tiver o título, mas eu fiquei olhando os professores de lá e, modéstia a parte, antes de chegar aqui

⁵⁴ Nome militar

Será que o curso conhece essa história que o Pedro tem com a Matemática?

eu já estava com um nível maior que eles porque muitos lá se formaram no interior. Tem professor que só sabe fazer equação do segundo grau e quando eu perguntei a ele o porquê disso me disse que onde se formou não estudou Cálculo. Com o passar do tempo nessa escola começaram a perguntar onde eu havia me formado e isso me incomodou muito e então resolvi fazer a faculdade.

Meu nome é **Ronaldo**, também estou no sexto período e o meu caminho foi mais simples. Trabalhei a minha vida toda na Zona Franca de Manaus, na Panasonic, e lá é muito competitivo, para você chegar a ser alguma coisa tinha que ter um curso técnico e então eu fiz primeiro o curso no SENAI⁵⁵ de operador de máquinas. Para eu chegar a ser técnico aqui eu teria que fazer o curso do IFAM, fiz a prova e passei para Eletrônica e então me interessei por essa área de exatas. Eu sou muito ruim de humanas e ainda continuo ruim, o meu pior problema aqui é português, quando a gente tem que fazer algum artigo, escrever algum resumo é uma briga. Então eu terminei o curso de Eletrônica e trabalhei de Auxiliar Técnico. Quando

Isso poderia ser uma pauta de discussão no curso: a ideia de que professor de Matemática não precisa ler e escrever!

eu cheguei aqui eu vi que a grade era mais pesada que o técnico. Aqui a Matemática é muito mais pesada e a dificuldade para mim nem foi tanto a específica de Matemática, eu tentei me livrar de humanas para ficar em exatas, quando eu cheguei aqui o maior problema foi humanas. Eu conheço muita gente daqui que faz Engenharia Civil e Engenharia Mecânica e tem o mesmo problema, chega aqui e quebra a cara quando tem que produzir um artigo e, às vezes, até elaborar uma simples redação.

Eu sou o **José Maria Fogaça**, acho que devo estar no sexto período e para eu chegar aqui houve um longo caminho que eu vou reduzir com poucos comentários. Sou do município de São Paulo de Olivença e lá a gente estudava o básico do básico. Depois mudei para o município de Coari e lá a gente tinha um professor que só dava um tipo de assunto o ano todo. Eu me destacava em algumas matérias e falava que queria ser professor porque na família a minha mãe e as minhas irmãs são todas professoras e eu fui também para esse lado. Eu fui o único na família que veio para Manaus, para o exército, foi a única

Uma discussão que vai muito além do estudar Matemática

Eu imagino que o ensino de Matemática no interior de Amazonas deve ser diferente do ensino de Matemática no interior de São Paulo, por exemplo. São realidades bem distintas. Será que a formação desse professor é a mesma, é imune ao seu contexto?

⁵⁵ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

oportunidade que eu tive de sair do município e vir para capital. Então quando eu cheguei aqui que eu fui conhecer realmente um pouco do mundo e aí eu comecei a estudar. A Matemática para mim é um desafio muito grande porque a minha base praticamente foi zero, aqui de vez em quando eu corro para o livro da base para revisar. Quando eu morava lá em Coari, aquelas pessoas que tinham condição financeira mandavam seus filhos para estudar para cá, então lá em Coari eu via muito falar do CEFET⁵⁶ e aquilo ficou na minha cabeça. Eu falei para uns colegas meu que o dia em que eu fosse morar em Manaus eu queria estudar no CEFET. Mas quando eu vim para cá me esqueci disso e fui estudar numa escola do estado. Eu fiz o curso de Segurança do Trabalho e depois fiz o vestibular para a Matemática e passei. Eu sou Técnico de enfermagem, já trabalho há 17 anos no estado. O meu trabalho é área de saúde, só que eu não fui praticamente para esse lado, o meu desafio era a Matemática como até hoje é, então estou aqui na luta; eu não pego todas as matérias, eu pego 3 ou 4, só o que dá. Eu pretendo atuar depois de

formado porque na área de saúde, como na área de educação, você pode ter dois trabalhos, então isso é uma vantagem muito grande. Eu quero ir para o lado da educação, eu pretendo concluir, estou com uma ideia de concluir o curso e voltar para o município e tentar ajudar as pessoas, mesmo hoje tendo IFAM, tendo UEA, UFAM, nós temos muita gente ainda aqui que precisa.

Meu nome é **Rodrigo Alcântara**, estou no sexto período de Matemática. Matemática foi minha segunda opção, a primeira foi Educação Física na UFAM, como não passei lá eu vim para cá. A gente está no sexto período e a gente é obrigado a estagiar, gostei da área e vou prosseguir na área.

Eu sou a **Adriane Lacerda**, já estou finalizando o curso. Eu escolhi Licenciatura porque, pode até parecer mentira e depois quando eu cheguei ao Ensino Médio, até no Ensino Fundamental mesmo, eu auxiliava o professor. No Ensino Médio eu dava aula para os meus colegas e era até irônico porque às vezes eles tiravam nota na prova maior que eu. Eu também passei na UFAM, mas eu escolhi para cá

Sempre a ideia de ajudar as pessoas aparecendo como uma motivação para o curso. Será que isso muda depois de vivenciarem o curso?

⁵⁶ Centro Federal de Educação Tecnológica

porque meu irmão já estudava aqui, digamos que seria uma companhia para mim. Ele também está finalizando Matemática e vai formar comigo, assim espero. A UFAM é longe e, apesar de aqui ser federal também, lá acaba tendo mais greves e analisando os dois cursos, lá também era Matemática só que era Bacharelado, acabei escolhendo a Licenciatura que era a área que eu queria seguir como professora.

Meu nome é **Maurício**, também estou no sexto período de Matemática e, como o meu colega, essa foi a minha segunda opção. Eu sempre gostei de Matemática, dessa área de exatas, sempre tive também muita dificuldade com a área de humanas. Como eu tinha opção eu fiz a prova daqui para a Matemática e as demais provas eu fiz para a Engenharia, eu fiquei na terceira ou quarta chamada da UFAM, mas eu já tinha passado aqui e então decidi ver o que vai dar no final, daí entrei e estou aqui até hoje. Penso em ser professor, a gente vai aprendendo, vai gostando de ensinar.

A nossa conversa

Expectativa versus realidade

Ronaldo: Uma coisa que eu sempre reclamo muito aqui é a diferença. Eu

estudei o Ensino Médio todo em escola pública e agora eu voltei lá para estagiar eu vi também que não mudou muita coisa, o que aconteceu foi que eu achava que eu vinha para cá e ia ver coisas do Ensino Médio e um pouco das coisas daqui só para dar um reforço para quando a gente fosse dar aula. Só que quando eu cheguei aqui a grade era totalmente diferente do que eu imaginava e tem muita coisa aqui que eu não vi no Ensino Médio e eu sei também que a gente não vê lá. Se pegar, por exemplo, a escola que eu estagio, lá praticamente está extinto Cálculo do Ensino Médio. E isso faz uma diferença muito grande porque a gente ouve a toda hora o discurso: “esse aluno não tem base, principalmente para Matemática” isso é o que eu mais ouço aqui, acho que todos os professores falam isso. Tem algumas matérias aqui que se não tiver mesmo uma base você vai ficar perdido, principalmente se for um assunto novo. Tem algumas coisas que vêm na nossa cabeça, um polinômio, umas equações, mas algumas coisas aqui parecem de outro planeta, sinceramente, Cálculo para mim é uma coisa de outro planeta. Eu nunca tinha visto, nem sabia. Eu acho que a gente devia ter pesquisado para

Por que será que existe essa expectativa em relação à formação do professor? Por que pensar que a nossa formação seria apenas um “reforço”? Olha, ainda bem que ele se decepcionou...

Novamente a ideia de que o outro deve se (en)caixar naquilo que eu espero dele... Aluno sem base é aluno indesejado!

Parece que está acontecendo algo com ele...

ver como era o curso. Eu estudei aqui, fiz Eletrotécnica, sabia a rotina daqui. Eu ia para a biblioteca e via o pessoal do curso de Engenharia lá, até conheci alguns, só que eu não tive a curiosidade de perguntar, porque se eu tivesse essa curiosidade eu ia lá pegar o livro, eu já teria uma ideia do nível, para saber o que vinha aqui pela frente. Eu não tive essa curiosidade, quando chegou aqui que eu comecei a ver o nível e vi a dificuldade que era. Esse foi um dos problemas, quer dizer, é um dos problemas ainda. Eu não me conformo com a grade do curso, porque tem muita coisa que, sinceramente, se eu conseguir aprender eu não vou aplicar lá, porque eu pretendo atuar no Ensino Fundamental e talvez dar aula no Médio, mas a minha meta é pegar o Ensino Básico, que dizem que é o maior problema. Eu estou vendo que eu não sei como eu vou fazer, eu acho que eu vou ter que fazer outro curso completo para poder chegar lá e dar aula, isso ao menos para o Fundamental porque a gente tem que estudar muito Cálculo aqui, acho que 90% do nosso tempo é

Tô procurando quem se conforma
Ronaldo

Será que em outras profissões existem percepções como essas? Será que na medicina a biologia do corpo humano estudada na escola também não é estudada durante o curso? Mas quem faz medicina não da aula; a questão é: será que estudam algo nada a ver com sua futura atuação?

⁵⁷ Fundação Matias Machline, antiga Fundação Nokia, é uma instituição educacional localizada na Zona Franca de Manaus, Amazonas, Brasil.

Cálculo. Para trabalhar na Educação Básica eu vejo muita diferença.

Adriane: Eu estava analisando algumas matrizes do Ensino Médio porque eu já dou aula lá e eu estava fazendo uma Análise do que seria a base. O ideal para os alunos do Ensino Médio é eles estudarem, pelo menos, até introdução à derivada que é justamente o que a gente vê quando entra na graduação, em Fundamentos de Cálculo, que é aqui o que a gente tem, digamos que era para ser a nossa base e a gente não tem. Isso não acontece no Brasil todo, algumas escolas como a Fundação Nokia⁵⁷ e os Institutos Federais ainda trabalham limite e o início de derivada no Ensino Médio, tirando isso acho que nenhuma outra escola. Na minha turma todo mundo ficou frustrado quando entrou em Matemática porque todo mundo pensava assim: “eu era bom no Ensino Médio em Matemática, então eu vou chegar à graduação arrasando, tirando dez em tudo”. Na primeira prova tira um 2 e aí já era, acabaram as esperanças, mas uma coisa que eu acho muito bom, pelo menos para mim foi muito útil, é a parte de Humanas, apesar

Era mantida pela empresa Nokia e posteriormente pela Microsoft

Cada um com seu jeito! Agora, parte de humanas soa engraçado. Afinal, um curso de Licenciatura não é sempre de Humanas?

de que o pessoal de Matemática tem aquele preconceito com ler. Eu também tenho esse preconceito, principalmente material acadêmico, mas é muito bom porque nos auxilia, querendo ou não, quando a gente está na sala de aula, principalmente a parte de Estágio.

Pedro: Quando eu entrei aqui no IFAM e comecei a fazer Matemática, eu descobri que realmente eu estava totalmente errado. Eu quase morri de tédio e eu não vou mentir, eu tive umas aulas aqui que eu quase morri de tédio, eu me perguntava: “o que eu estou fazendo aqui? Quando eu vou usar isso?”. Tem muita coisa também que eu nem imaginava que existia e até hoje eu tenho muitas dúvidas. Se você falar comigo o que é um artigo, o que é aquilo, eu tenho minhas dúvidas, eu vou ter que pesquisar num universo diferente.

Sobre o Estágio

Adriane: Em relação ao Estágio, comparando com o pessoal que estuda na UFAM, eles só têm 3 Estágios, pelo menos o pessoal de Química; não sei como é a área de Matemática lá, eles não passam tanto tempo na sala de aula e a gente vivencia tanto no Ensino Fundamental duas vezes, que é para

gente observar e depois para por em prática, e no Ensino Médio a mesma coisa, então para gente já cria essa prática. Em relação a metodologias, eu e meu irmão a gente acaba pesquisando muito a respeito disso e conversando, não ficando só no informe, a gente dá ideia um pro outro para aplicar na sala de aula. Como ele trabalha no Ensino Fundamental e eu dou aula pro Ensino Médio a gente acaba trocando porque eu acho que ele não teve a oportunidade de trabalhar com o Ensino Médio fora do Estágio, então eu dou uma ideia para ele e ele dá uma ideia para mim de como lidar com o aluno, sobre metodologia, às vezes um software para gente usar e ensinar o aluno e tal. Eu acho que a gente não tem que se prender só na faculdade, ela nos dá a base e a gente acaba tendo que pesquisar fora porque acho que não daria tempo de ver tudo que tem para gente aprender aqui. Na sala de aula aqui acaba sendo muito tempo, mas tem que ter tempo para pesquisar fora também, nesse sentido o IFAM acaba instigando a gente a pesquisar.

Rodrigo: Eu vi que as disciplinas de Humanas te auxiliam mais ainda, porque como a gente vai para dentro de

sala no primeiro Estágio, eu vi lá uma relação com o que a professora ■ estava falando aqui em metodologia; ela estava me ensinando e eu falei: “professora, está acontecendo isso lá, como a senhora está falando”. É uma metodologia, uma tendência, que ela está ensinando para a gente, mas já está acontecendo em algumas escolas, geralmente a gente só vê em escolas privadas, mas lá onde eu estagiei a relação da pedagogia, a relação do cotidiano com as tendências foi totalmente diferente para mim. Teve relato de amigos meus que não podiam nem entrar na sala dos professores durante o Estágio, no meu não, quando eu cheguei a professora falou: “meu filho, vamos merendar lá na sala dos professores, tu és estagiário, tu podes entrar normal”, eu cheguei lá e me apresentaram para todos os professores e a merenda praticamente é um café da manhã. Perguntaram qual era a minha área e eu falei que era estudante de Matemática e disseram: “até que enfim um professor de Matemática”. Lá a professora de Português também dá Matemática e eu fui chamado para auxiliar na Matemática. As primeiras notas dos meninos foram notão, quando eu saí, agora no segundo

O que
isso
pode
dizer?

Ainda bem!

bimestre, ela falou: “Rodrigo, sem o seu auxílio as notas caíram, o rendimento caiu”, então eles viram que eles precisam de um auxiliar, que um professor não dá conta de 40 alunos numa sala. No período vespertino são 35 alunos, o professor dá conta porque tem aquela preocupação: entendeu? Posso continuar? Qual é a dúvida? Nós nos reunimos aqui para trazer os relatos do que aconteceu nos Estágios, as dificuldades e conforme você vai para outro Estágio você vê se você quer ou não continuar na instituição que você está estagiando, tem essa opção.

Adriane: Eu tenho uma colega que faz Licenciatura em Química e ela disse que é a universidade que dá a relação da escola onde ela pode dar aquele Estágio e aqui não, a gente tem essa liberdade de escolher, até mesmo porque o Estágio não é remunerado, então às vezes fica meio dispendioso para gente sair da nossa casa e ir para um lugar longe, sendo que às vezes tem uma escola que serve para gente fazer o nosso Estágio perto de casa.

Ronaldo: Sempre você vê pela fama da escola. Eu moro na zona leste e a escola que eu estagiei não tem a “fama”, porque lá, todo mundo que conhece

sabe, é a área que eles chamam de área vermelha e todo mundo sabe como é o clima, se fosse para eu estagiar lá eu iria sentir esse clima, principalmente, à noite. Como eu já estou acostumado com o ambiente eu chego lá e já conheço alguns alunos e para mim é tranquilo, tanto de manhã como a tarde, mas se for para um aluno daqui que não conhece lá ele vai sentir uma diferença, principalmente, com os alunos, porque os alunos de lá não são fáceis.

E o que o curso diz disso?

Pedro: O que eu vi é que a escola é uma realidade totalmente diferente daqui em muitos aspectos, por um lado fiquei muito triste porque eu percebo que é muito difícil encontrar uma sala de 40 alunos com 2 ou 3 que queiram estudar. Daí a estrutura, eu trabalho no colégio militar e lá ele dá a melhor condição para o aluno, mas mesmo assim os alunos não dão valor para aquilo e é isso que eu queria procurar entender, por que tanta desmotivação? Se eu acho que eu estou preparado em relação ao que eu vejo na escola? Sinceramente, pensando na progressão deles, na melhoria deles, no que eu aprendi aqui e que eu posso dar para eles, eu acho

Um tema muito pertinente para se discutir em um curso que forma professor que vai lidar com essa desmotivação. Isso está para além do ensino da matemática

que tem muita coisa boa daqui para dar para eles, tem coisa interessante. Aquela brincadeira que a gente fez, do número até o 20⁵⁸, hoje eu fiz lá, foram dois tempos de aula, foi uma coisa muito interessante, eu queria só que eles me dissessem qual era aquele momento em que eles venciam o jogo, mas foi muito legal, por quê? Porque foi algo diferente, eu não preciso chegar lá e passar um monte de questõezinhas para eles e falar faça aí, porque para criança pequena tudo para eles é interessante. Se eles sentem que é uma coisa diferente e interessante, eles saem da cadeira e vem sentar ao meu redor, ficam com os olhos brilhando. Isso também que me motivou e me motiva, então daqui eu entendi que eu posso fazer algo de diferente, algo melhor para eles e muito mais importante do que uma aula de Matemática bem dada eu acho que é a motivação, o que você puder fazer para motivar o aluno, porque as vezes eu pego uma questão do livro deles, uma questãozinha bem básica do sétimo ano e para eles é coisa de outro mundo.

Os múltiplos papéis de um professor

⁵⁸ Trata-se de um problema discutido no estudo da Teoria das Situações Didáticas intitulado corrida ao vinte.

Ronaldo: Eu acho que esse é um dos problemas, você conseguir conciliar uma disciplina com a outra. Quando você faz essa mudança, aqui eu sou aluno, eu só tenho uma função que é ficar aqui e estudar, mas quando você passa lá para o outro lado parece que aparecem um monte de funções. Eu estava olhando o professor lá e pensei, o cara tem que dar aula, tem que cuidar dos alunos, se der algum problema com aluno é ele e eu vi duas coisas que eu não concordo e eu disse para ele não fazer, duas meninas brigaram lá fora, ele saiu do lugar dele e foi se meter na briga, eu, se alguém me provar que isso é função do professor... Alguma vez você tem que falar sobre sexualidade, religião, política e, em alguns momentos o professor não pode fazer isso por ser uma política da escola.

Pedro: E a gente tem que ter cuidado no que a gente vai responder, porque para o aluno você é o cara.

Ronaldo: Acontecem muitas situações, tem algumas até que o professor liga para a mãe, ele se responsabiliza, algumas coisas eu concordo, mas tem outras situações que eu acho que não cabe, não é função do professor. Eu acho que a principal função dele é

chegar e dar a aula, tudo bem que ele tem que se preocupar com a parte social da escola, mas acontece muita coisa. Aconteceu uma situação quando a gente estava lá, a mãe chegou e o professor saiu da sala e me chamou também para ouvir a conversa: “professor, dá para o senhor conversar com a minha filha, uma vez ela sumiu na sexta-feira com outra amiguinha e apareceu só no domingo”. A mãe foi lá na escola e pediu para ele conversar com a menina!

Adriane: Nesse caso, o aluno não tem tanta liberdade de falar com os pais, eles sempre colocam uma barreira com os pais e, às vezes, eles confiam mais no professor do que nos próprios pais.

Adriana: Assim, é um assunto muito interessante, mas vamos tentar voltar aqui para o curso, porque se a gente for pelos meandros da educação, da escola, é uma conversa para dias...

Ronaldo: É, mas o meandro do curso é esse, preparar a gente para algumas situações. Algumas disciplinas dão muito suporte, principalmente para controlar a turma porque um dos problemas é a indisciplina.

A formação docente vivenciada

Nossa! A Adriana foi péssima aqui! Ela só queria ouvir sobre matemática também???

Perfeita sua resposta Ronaldo! É isso mesmo, ela pediu para falarem sobre o que consideravam importante, então tem que aprender a ouvir! A questão de pesquisa dela, quem tem que resolver é ela!

Ele está vivenciando toda a problemática da escola e aí? onde o curso aparece na sua fala? Até então só quando ele falou que estuda muito cálculo!

Rodrigo: A gente teve psicologia e ela ensinou a se comportar. não ter só uma rotina, como o Pedro falou, de chegar à sala e passar três questões. Ela falou que você tem que despertar a curiosidade em determinado tempo para aquela turma e a tua aula para uma turma não vai ser a mesma para outra, porque uma turma é totalmente diferente de outra.

Mauricio: Pedagogicamente ajuda bastante, mas matematicamente sempre tem um pouco de falha porque o professor ele sempre quer que a gente já venha com uma base e muitas vezes a gente não tem, eu não sei determinada propriedade e ele simplesmente fala: “tem em tal lugar, vai lá”. Mas ele mesmo podia falar, porque vários professores já fizeram isso, dois minutos da aula e falam: “isso aqui é o que você mais vai usar aqui dentro, depois você pesquise mais em tal livro”, aí ele conseguiu a aula dele, facilitando até o nosso entendimento, mas tem outros aqui que tu chegas e ele só fala: você tem que estudar isso e isso e continua a aula dele, mesmo que os alunos não estejam entendendo nada. O aluno não está entendendo nada, só está copiando algumas coisas escritas e continua escrevendo, então mostra que nessa

Por que isso acontece? Porque o outro nunca existiu na sua alteridade, na sua diferença. O que existe é um outro da mesmidade, ou seja, um mesmo de mim. Se eu entendo o que eu digo, então por que ele não entende? Logo, o problema sempre será dele e não meu!

parte existe uma pequena falha, que é essa falha de não tentar facilitar um pouco para o aluno, para ele não se perder logo no início do assunto.

Pedro: O suporte que eu acho que o curso dá é tipo liberar o livro para a gente, o resto é com a gente. Porque o cara pode até estar precisando de reforço, mas se o cara não quiser, não adianta. Se o cara vir para a aula passear, sai e volta, espera a sorte na hora de olhar a prova e conseguir a media, não passa não. Eu falo para a pessoa: “quer Matemática? Tem que estudar”.

Ronaldo: E outra coisa, a professora gosta muito de discutir com a gente o que é importante passar para eles, é mais importante a gente dar uma tabuada inteira ou ele aprender já somar bem, multiplicar bem, mas como é que eu vou escolher para eles o que é bom? eu vou dar uma aula de conjuntos, o que é importante? se eu for dar só aula de conjunto eu vou levar o meu ano todinho até entrar em funções. Ainda não me sinto preparado porque se a gente for escolher o que é importante para turma da gente entra naquela questão de saber como é que eles estão, tem que fazer aquele diagnóstico.

Mas espera aí, isso não é papel da instituição? Ter uma biblioteca disponível com a bibliografia básica do curso? A situação me parece tão cabótica a ponto de este ser um elogio ao curso. Isso é muito triste!

A diferença bate a nossa porta e gera silenciamentos. Aqui há vários deles... do acadêmico que não se coloca diante da situação possivelmente porque não se sente preparado para ela. Do aluno, talvez o mais violento de todos, pois é levado "a perceber que está bem ser aquilo que não se é": não sei ler, mas tenho que fazer prova de matemática, deve ser assim mesmo! E o silenciamento do professor ao aceitar essa situação e nem ao menos discuti-la com o estagiário. Isso é de chorar!

Lá⁵⁹na sexta série tem analfabeto, tem menino que não sabe somar, multiplicar, dividir, se passar uma equação, professora! O professor passa uma prova de Matemática para um aluno que não sabe ler! são três alunos, eu não vou reclamar porque eu não vou dar opinião, é o trabalho dele, ele já trabalha lá há vinte anos e sabe o que faz.⁶⁰

Sobre a evasão

Pedro: Eu vou ser sincero, são vários fatores que influenciam nessa evasão, o curso de Matemática é difícil, não adianta, o pessoal pergunta se a gente está fazendo Matemática e eles falam: "o cara está doido, poderia estar fazendo Engenharia", o meu próprio chefe da escola falou: "cara, era para tu estar fazendo Engenharia, não era para fazer Matemática porque tu és militar, se der errado tu vais continuar sendo militar do mesmo jeito". Só que esse negócio que eu falei antes, que me incomodava muito, de perguntarem onde eu era formado, isso que me fez mesmo voltar, eu me sinto mal até hoje, inclusive eu nem falo mais que eu faço faculdade para ninguém me perguntar:

⁵⁹Refere-se à escola onde realiza o estágio

"se formou onde?" Então não adianta, se o cara não estudar todo dia ele não vai para a frente. Nós quatro e um outro que não veio, esqueci o nome dele, a gente se junta quase todo fim de semana para estudar e os nossos rendimentos melhoraram.

Adriane: Isso acontece muito na área de exatas, quando eu comecei em 2011 tinham 54 alunos na minha turma, quando fechou o primeiro período, metade já saiu. Parece que todo mundo já sofre aquele impacto, nas primeiras provas já corta a turma pela metade. Na minha turma acho que formaram seis alunos e isso juntando todos os períodos. Eu acho que a questão da evasão ocorre principalmente no primeiro período porque se a gente parar para perceber é logo no primeiro período que todo mundo já sofre aquele impacto de que não é o que imaginou, de querer aprender o Ensino Médio justamente para ensinar para eles.

Sobre disciplinas introdutórias

Adriane: No meu caso foi fundamental porque a gente usa muita função a partir do Cálculo I, então o meu Fundamentos

⁶⁰ Na nota de margem que corresponde a esse trecho há uma citação, entre aspas, de referência: (SKLIAR, 2003, p. 202)

de Cálculo foi só função e a introdução a limites, então a gente estudou bastante.

Pedro: Agora o nosso a gente teve que fazer a noite porque tinha sido reprovado por falta, quando eu cheguei na Engenharia foi Cálculo I direto, eles não têm Fundamentos, então já tem diferença no curso, a gente teve uma base, a gente viu função. Mas para a senhora ter uma ideia, ninguém das outras disciplinas quer pagar com a nossa da Matemática.

Adriane: O nosso é só quando é a última opção mesmo.

Pedro: É só quando não tem outro jeito.

Adriane: Até mesmo o professor já falou isso para minha turma, não sei se falaram para vocês, mas como a gente vai ser professor a gente tem que saber demonstrar, saber o assunto em si, então para a gente é mais cobrado do que na engenharia em que eles só precisam fazer o Cálculo, a gente não, a gente tem que saber demonstrar pro aluno.

Pedro: Mas o que acontece aqui, acho que acontece nos outros cursos também. A gente foi tentar adiantar Química e Processos Químicos, quando chegou lá o professor arrebitou, e eu

falei: “cara, como que eu vou fazer desse jeito!” Eu não sei para que, mas nós temos Química.

Adriane: No caso eu acho que a gente estuda Química e Física justamente porque tem muito professor que é utilizado em outras áreas na escola, tem professor de Matemática que dá aula de Física e eu acho que é justamente para a gente ter pelo menos uma base.

José Maria: Em relação a você sair para fazer uma disciplina, um exemplo que aconteceu foi que alguns colegas me chamaram para fazer uma disciplina a noite, eu não me lembro qual era, só sei que era com a professora tal, e eu disse: “por que é que eu vou fazer lá se eu estou fazendo Matemática? Daí depois que eu fui entender o porquê, na Matemática a professora puxava mesmo com a gente e lá, era a mesma professora, mas ela já não puxava, era uma coisa só manual, então eles migraram para lá para passar na matéria. Um outro colega disse: “José, vou fazer Cálculo I lá na Física” e eu disse: “tem que fazer na Matemática porque lá tu não vais ver tudo, você vai ter muito mais dificuldade no Cálculo II e III”.

A gente precisa de tanta coisa pelo que estou vendo aqui que acho que saber demonstrar para o aluno é o menor dos nossos problemas. Acorda curso! Isso a gente já sabe, eu preciso aprender é conversar com meu aluno, não ignorá-lo, não tomá-lo como apenas mais um

Ronaldo: Uma coisa que a gente aprendeu aqui é o boca a boca do professor, a gente vai pelo professor, a gente não está indo nem mais pela matéria, a gente está fazendo Cálculo II por causa do professor. O que a gente conversa aqui é que tem o professor x, tem o professor y, tem o professor w, então a gente pergunta para Adriane e ela diz com quem fazer, tem três opções para fazer Cálculo.

Ronaldo: Agora a gente está fazendo com esse que quer passar todinho o currículo dele e tal. Tem uma coisa, a gente bombou em Cálculo I, a gente não foi com uma boa base, mas quando a gente chega lá a gente se vira, dá um jeito para acompanhar a aula e para fazer os exercícios, aprender lá o que a gente não conseguiu aprender. Tem certas disciplinas que são obrigatórias para outras, a gente não está fazendo Variáveis Complexas porque a gente não tem Cálculo II, mas a gente chegou lá em Cálculo II e o que ele passar lá a gente vai dar nosso jeito, a gente está vendo agora decomposição de funções, de integração.

Sobre práticas docentes

Ronaldo: Na nossa turma eu acho que a gente sempre teve uma boa relação

com a maioria dos professores. Tem professor aqui que a regra é clara, pega o livro e vai estudar. Tem professor como alguém aqui já falou, quando há alguma dúvida na base ele vai lá e coloca ali no canto, isso aqui tem essa base, agora tem professor que não, que ele vai só fazer um rascunho.

Pedro: Ele fala: “eu não vou perder tempo porque isso aqui vocês já viram”.

Ronaldo: Tem um que ainda fala assim: “pega o livro e conversa com ele”.

Adriane: Isso acaba sendo bom para gente, querendo ou não, porque quando a gente for para sala de aula a gente pensa: “não vou ser assim com meus alunos”.

Pedro: É o que eu falei para a senhora, tudo que a gente vê de bacana no professor, eu tiro para mim. Tudo que é importante eu tento tirar de cada um, até mesmo dos professores, eu gosto do que esse professor faz aqui, da organização da lousa, eu gosto desse porque é mais flexível, aquele além de ser flexível ele resolve a questão e vai explicando passo a passo, vai explicando as propriedades porque as vezes o aluno vê aquilo ali e não sabe de onde veio.

As regras do jogo!

Quando a gente parece tentar aproveitar tudo que acontece!

Ronaldo: A gente aprende o que fazer e o que não fazer também.

Pedro: A gente tem um professor aqui que desde que eu entrei a turma coloca medo na gente, esse cara é bom, então eu falei: “bora ver se esse cara é bom mesmo”. Esses dias ele entrou aqui e pelo contrário, ele é o melhor professor que eu vi aqui em relação a você perceber que ele tem domínio da situação, ele só tem um problema, ele usa um livro que...

Rodrigo: Ele fala assim: “esse livro aqui eu estudei na minha quinta serie”, agora quantos anos ele tem de formado? quantos anos ele está na instituição? Só tem 27 anos de instituição!

Pedro: Ele usa o livro que os exercícios são teoricamente difíceis e se não bastasse tudo isso, na prova ele que cria os exercícios. Só que ele já percebeu que a gente corre atrás, e a gente já percebeu que ele viu isso, que a gente corre atrás, então quando a gente precisa dele para alguma coisa ele tem a maior boa vontade para querer mostrar e tal, aí na prova a gente já mapeou como são as questões dele, tipo uma é o conceito que ele vai dar, a outra é a questão que ele vai pedir para você resolver e analisar a solução e a outra

ele vai pedir para você criar uma questão e resolver, então essas daí a gente já sabe que vai acontecer, o resto só o papai do céu, as vezes nem ele sabe. Mas ele virou amigo da gente de um jeito que... o pessoal falava que ele não sorri, não tem intimidade com aluno, mas com a gente ele brinca. Eu vi muita coisa com ele que eu não entendia porque que acontecia lá na Educação Básica, no colégio.

Acho que o bom dessa situação é pensar que eles a tomaram como um problema

O encontro na Universidade Federal de Rondônia

No dia 15 de agosto de 2016 realizei meu encontro com o grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) em Porto Velho. Essa foi a última instituição visitada no roteiro pelo norte do país. Quando comecei a pesquisar sobre o corpo docente desse curso para estabelecer contato para minha pesquisa descobri que a professora Kátia Farias, que eu conheci na UFMS no período em que ela cursava seu mestrado, fazia parte dessa equipe e então não hesitei em procurá-la e solicitar seu apoio. Enquanto eu aguardava sua resposta também entrei em contato com a professora Marizete Nink, chefe do Departamento de Matemática da UNIR. Após receber uma resposta afirmativa das duas professoras, agradei a disponibilidade da Professora Marizete e passei a me corresponder regularmente com a professora Kátia para a organização do grupo de estudantes até a data do encontro.

Cheguei a Porto Velho na noite do dia 12 de Agosto, vindo de Manaus. Organizei a viagem de modo que fosse

possível passar o final de semana em Porto Velho para visitar uma amiga. Nesse período pude conhecer um pouco a cidade e apreciar um lindo pôr do sol em passeio de barco pelo rio Madeira. Pesquisar e turistar, acho que fiz uma escolha muito produtiva. Ainda em Manaus, me comuniquéi com a professora Katia e ela me passou o contato da aluna Augislane que foi extremamente solícita e com ela consegui finalizar os últimos detalhes do encontro: a escolha do local e definição do horário que pudéssemos reunir todo o grupo. Combinamos nossa conversa para à tarde do dia 15 de agosto em uma sala de aula do campus da UNIR e conforme o esperado estiveram presentes seis estudantes de diferentes períodos do curso: quarto, sexto e oitavo semestres.

Em uma ampla sala de aula climatizada, nos reunimos em círculo e conversamos por aproximadamente duas horas. Um grupo heterogêneo, meninas falantes e meninos mais reservados, alguns determinados a serem professores, outros ainda indecisos. Um cenário que gerou uma conversa bastante produtiva, que abarcou diversos aspectos da formação

que estão experienciando. Os estudantes relataram suas vivências no curso, suas relações com os colegas e professores e suas expectativas com a profissão. Muitas de suas falas sinalizaram um descontentamento no que diz respeito à formação para atuarem como professores de Matemática na Educação Básica.

Os estudantes

Meu nome é **Vanderlei**, estou cursando o sexto período de Matemática e estou aqui porque meu irmão me matriculou no curso errado, era Geografia que eu queria fazer, mas eu gostei do curso e estou fazendo até hoje.

Meu nome é **Bruno**, estou cursando o quarto período de Matemática e eu vim para cá por causa da Matemática que foi o que eu consegui me identificar mais no Ensino Médio. Acabei gostando da Educação e acabei achando na Matemática uma forma de fazer algo pela educação e graças a Deus estou gostando do curso, estou desenvolvendo umas atividades também na área de Educação.

Meu nome é **Tharyolaene**, eu curso o sexto período. Sou do nordeste, a princípio a ideia não era estudar aqui. Tinham duas áreas que eram minhas

opções: Engenharia ou Matemática, pois sempre gostei de áreas de Cálculo. Gosto muito dos números e da parte da Educação eu gosto também, mas não gosto tanto quanto dos números. Também gosto do curso, da forma como a gente tem uma visão aberta quando entra na universidade. Eu quero ser professora, mas não de Fundamental. O meu pai sabia que eu gostava da área de Engenharia e falou pra eu entrar em outra faculdade, aí eu entrei e estou nas duas, mas por causa do incentivo do meu pai, mas trocar de curso eu acho que eu não cheguei a querer não. Eu pretendo me tornar engenheira, eu não quero entrar na área de obra, eu quero a parte da estrutura e tal, a parte do Cálculo da engenharia, projetar.

Meu nome é **Augislane**, estou no meu oitavo período e se Deus quiser termino esse ano. Sou muito suspeita para falar de educação porque sou filha de professores: meu pai é professor de Matemática e minha mãe é pedagoga. Esse não era o curso que eu queria e nem meus pais queriam isso. Eu prestei para Direito, casei, fui embora para o Acre, lá comecei Matemática, só que depois eu passei em Economia e continuei. Quando vim embora para

Normalmente filhos de médicos e/ou advogados seguem a profissão dos pais, não é regra, mas é tão comum como essa fala. Acho que isso diz tanta coisa da profissão que escolhi! Eu a leio como: cuidado! Zona de risco.

Porto Velho e fui terminar Economia aqui, não me identifiquei. Eu já vivia da Matemática, eu dou aula de reforço desde os 13 anos de idade para ganhar um extra, como eu estava tentando Direito e não passava então meu ex-marido chegou para mim e falou bem assim: “porque tu não oficializas tua relação com a Matemática, já que tu vives dela?”. Eu já gostava da Educação, já era apaixonada por ela, então resolvi fazer. Quando fui fazer falei: “esse curso eu vou terminar!”, então assim, eu já trabalho na área, trabalho num projeto com crianças carentes, no ciclo da Matemática. A Matemática te instiga muito, a ciência exata é totalmente diferente de uma humana, se formos ler um texto aqui vai haver três visões diferentes, nós vamos resolver uma conta e só vai ter um valor, entendeu? Ela exige uma dedicação maior porque ela exige muitos pré-requisitos. Uma coisa que a gente fala no projeto é que quem domina a Matemática domina qualquer outra área porque ela exige muita dedicação, para você conseguir alguma coisa dela é preciso horas de estudo, então isso para mim me enriqueceu muito na época, despertou esse lado da docência, da pesquisa e inclusive me despertou para a

Pedagogia. Eu não sabia que eu tinha esse lado, eu achava que eu era Matemática, mas eu sou mais pedagoga porque eu gosto mais da metodologia, da forma de ensinar, eu me preocupo muito com essa parte e quero ser professora.

Meu nome é **Elizabeth** e também estou no oitavo período. A princípio a minha opção não era Matemática, era Engenharia, mas como o curso não estava aberto, o meio mais fácil de conseguir Engenharia era Matemática. Matriculei-me e quando estava, mais ou menos, no sexto período consegui Engenharia, mas eu já estava apaixonada pela Matemática e então eu preferi continuar e estou até hoje.

Eu me chamo **Emerson**, eu não estou em nenhum período, era para eu formar em fevereiro e eu ainda estou pagando disciplina no oitavo período. Eu quis fazer Matemática por conta que eu tinha muita dificuldade no Ensino Fundamental, mas no Ensino Médio eu me saí muito bem e eu gostei muito de um professor que me deu aula, então eu passei a gostar, me inscrevi e passei. Eu não sei se quero ser professor, se eu quiser é de Ensino Fundamental, Ensino Médio não.

*O quanto
separamos em
nossa fala,
mesmo em um
contexto de
formação de
professores, a
matemática
do seu ensino.
Como se em
Pedagogia
não houvesse o
estudo de
nenhum
conteúdo em
específico,
como se ela se
resumisse a
uma reunião
de formas de
ensinar. Mas
de onde
surgem esses
discursos?
Alguma
sugestão?!*

O desabafo inicial

Tharyolaene: Vou começar com algo que eu sempre tive vontade de falar: a minha indignação. Indignação é uma palavra muito forte, mas o ponto negativo que eu acho é que nós estudamos algo muito grande, muito além, os Cálculos diferenciais que a gente não vai usar lá na frente, todas as teorias que a gente tem que estudar no curso e as matérias didáticas que a gente aprende aqui nos dão um panorama muito alto para gente ir para uma sala de aula e aplicar só o básico que a gente mal vê no primeiro período. A minha indignação com o curso é a forma que ele é visto lá fora, como área de trabalho. Eu também sou filha de professores, na minha família todos são professores, só que eles não querem que eu vá direto para sala de aula, eles querem que eu faça um concurso, alguma coisa, por causa dessa visão, porque sabe que a gente estuda muito pra não ser bem remunerado lá na frente.

Augislane: A minha indignação nesse ponto é o descompasso entre o que nos é ensinado e o que a gente vai ensinar lá fora. Nosso procedimento é de Licenciatura, mas as matérias que nos

são dadas são voltadas para Bacharelado. Está certo que o professor tem que estar um passo ou dois à frente do seu aluno, mas a gente vê aqui Análise, Cálculo III, algo totalmente voltado para Bacharelado. A matéria de sala de aula a gente só vê no primeiro período, aquela revisão básica, a gente vê o Ensino Médio inteiro em um semestre e é uma matéria que leva um tempo para estudar. A Geometria euclidiana e a espacial, nós demoramos de quatro a cinco anos para ver isso, todo esse processo, e aqui a gente vê em um semestre e meio! É muito rápido, como é que quer que a gente desperte o interesse? Aquela pergunta que o aluno tinha: “para que isso?” a gente chega lá de novo e não sabe responder! A gente foi aluno, saímos da escola e fomos estudar para ser professor, a gente volta para lá e não sabe responder porque a gente chega aqui na mesma situação, a gente olha Cálculo III, olha Análise e a gente fala: “para quê?”. Depois do segundo, terceiro e quarto semestres você não vê mais nada que você vai usar, nem no Ensino Fundamental, nem no Ensino Médio. Então fica desencontrado, vai ter gente que vai se formar e não vai saber o que vai ensinar em sala de aula, não vai

Talvez tivéssemos que começar a problematizar esses passos... O que entendemos por isso... A necessidade de estar a frente pode me impedir de caminhar junto. Essa visão pode ser uma justificativa (do curso?) para o aprofundamento em determinados conteúdos e o completo negligenciamento de outros. Acho que ele diz sobre uma postura docente: o que importa é que eu saiba coisas que o meu aluno não sabe, mesmo que não tenhamos uma língua em comum. E então vai fazer o quê? A minha bandeira não é que a gente precisa aprender só o que vai ensinar! A questão é que isso tinha que ser uma parte intrínseca do processo. Eu quero aprender toda a Matemática do mundo, se for possível, mas a que eu vou ensinar é trivial! É o ponto de partida

De novo!

saber, não vai! Os nossos professores são todos bacharéis, nós temos professores de fora do país, são professores maravilhosos, de alto nível, só que eles não têm uma visão voltada para a Licenciatura, que é a sala de aula. A gente vai ter essa visão com a professora [REDACTED], que é professora de Estágio, Didática e de Metodologia. Só que como é que ela vai cobrar uma matéria de Ensino Médio se a gente não está tendo essa visão de Ensino Médio, da função de primeiro grau, da função de segundo grau, da Análise combinatória, a gente não está tendo e a gente passa o primeiro e o segundo período assim.

Elizabeth: Mesmo as disciplinas de Didática, a maioria que eu fiz, o jeito que a gente é ensinado nunca é para lidar com alunos de Ensino Fundamental e Médio. Você não aprende a ir para sala de aula, você vê as didáticas, a legislação, você é preparado para fazer um concurso e ser aprovado, não para lidar com certas situações que você vai encontrar. Sem contar a parte de Cálculo, se você for fazer uma ligação de um conteúdo com o modelo de demonstração básica de uma equação você vai ver que os alunos vão ficar

perdidos, não vão ter noção do que é aquilo e para que serve. Se você for trabalhar só no Ensino Médio, por exemplo, é um tempo perdido porque isso tem que ser trabalhado desde o começo, então a gente não consegue levar o que aprende na faculdade para sala de aula, de forma alguma, não tem como! A gente sempre questiona como que a gente vai trabalhar. Tem um professor que sempre critica a gente porque nós não sabemos a Matemática básica, aí a gente fala: “professor, a gente não sabe Matemática básica, a gente fez um vestibular para entrar na faculdade para aprender!” e ele: “não! isso você aprende no Ensino Médio!” e nós: “mas a gente não conseguiu aprender aqui!” e ele: “não, aqui vocês vão aprender a dar um passo na frente dos seus alunos...” Então a gente vai estar sempre um passo na frente dos nossos alunos, mas nunca vamos caminhar junto com eles. Estamos um passo a frente deles, a gente sabe muito mais, mas quem dá aula de reforço tem dificuldade. É uma realidade, muitas coisas a gente têm que aprender sozinho porque a gente precisa.

Augilane: Na Engenharia o engenheiro vai construir então o que ele aprender

Depois de tantas entrevistas começo a pensar: será que o problema está em nós? Em pensarmos que a nossa formação iria nos capacitar para nosso trabalho? Ou será que essa é uma das intenções do curso: jogar a responsabilidade nas nossas costas e pronto. O discurso neoliberal do sujeito responsável pelo seu desenvolvimento?

Um paradoxo!

Acho que a questão não é bem a aplicabilidade da coisa Augislaine e sim o modo como essa coisa acontece: eu não questiono (só um pouco...) a análise que eu vou estudar ano que vem, eu quero é saber como ela me ajuda a entender o estudo de funções lá no primeiro ano do Ensino Médio, nem que esse entendimento caiba só a mim e eu não precise discuti-lo com meu aluno

ele vai aplicar! Assim como um arquiteto e um médico. Na Licenciatura em Matemática o que nós aprendemos a gente não vai conseguir aplicar de fato. Por exemplo, a maioria de nós aqui trabalha: eu, o Vanderlei e o Bruno, mas o que você aprendeu na faculdade, você conseguiu aplicar? Em Cálculo III e Álgebra você consegue ter uma visão além, ver as demonstrações e de onde surgiram as propriedades. A gente só vai ter Resolução de Problemas agora no sétimo período e é muito pouco, e o professor disse que essa matéria é de fundamental importância, como que é de fundamental importância e a gente só têm uma e no penúltimo período?

Tharyolaene: A gente estuda muito para não aplicar o que a gente estuda dentro de sala, porque para um curso de Licenciatura em Matemática tem a sala de aula ou então você faz o concurso público, o que mais tem para o curso? O que eu lhe pergunto é em que área eu vou usar todas essas teorias que a gente está aprendendo? No meu caso, eu estou fazendo Engenharia Civil também, então eu procuro associar com a Engenharia, eu tenho esse refúgio, mas se for só Matemática eu não consigo ver

Isso só deixa mais evidente a ideia de que não se pensa a formação como um todo. Ela não passa de um estudo disciplinar onde cada "dono" de disciplina atribui a importância devida ao seu trabalho

como se fosse um leque de opções, não consigo ver esse leque!

A estrutura do curso

Augislane: A nossa grade já devia ter sido mudada, nós somos ainda um dos poucos cursos que não tem Libras, enquanto Pedagogia e Ciências Sociais, que são cursos muito mais novos que a gente, tem. Filosofia também tem. Para um curso de Licenciatura nós temos uma grade de Bacharelado. As matérias que nós temos no primeiro período são: Sociologia, Filosofia, Matemática I, Lógica, Português e Geometria. No segundo período nós vamos ter Psicologia da Educação. No terceiro período Didática Geral, no quarto Didática da Matemática, no quinto Metodologia da Matemática, Metodologia do Ensino, História da Matemática, depois começam os Estágios, só isso no didático. O pessoal falta com respeito nas matérias de Didática porque elas não são pré-requisitos umas das outras. Acontece muito isso, a matéria difícil que a pessoa se mata de estudar é porque ela tem pré-requisito, ela te tranca e a de Didática não. Eu acho que o que falta na faculdade é mais intervenção, aprender aqui na teoria e praticar. E em relação a

Eu arrisco dizer que essa é a resposta que o curso espera do aluno diante da estrutura que ela me apresentou, onde fica muito evidente o saber considerado essencial nesse local. Eu ainda acho que ao invés de falta de respeito estamos falando de uma questão de sobrevivência, infelizmente!

Precisamos fugir desse discurso, pois ele silencia o que está acontecendo na nossa formação! Vamos discutir o que estamos aprendendo e cobrar do curso uma resposta para essas escolhas, exigir que nos digam porque estudamos essas matérias. É isso que tenho que aprender? Então tá, agora me explique teoricamente a importância disso para a minha formação enquanto professor de matemática da educação básica

metodologia eu percebo pelo comportamento do pessoal que fala: “eu faço semestre que vem...” por que? Porque não te prende na faculdade! o pessoal se mata em Cálculo II porque se você reprovar tranca o teu curso todinho, mas e a Didática da Matemática? O que acontece muito é que vão fazer Estágio e não fizeram nenhuma matéria de Didática, como é que vai chegar ao Estágio se você não sabe de Didática da Matemática e não sabe Didática Geral? Mas sabe por que fazem isso? Porque a universidade dá essa brecha e é uma brecha feia para um curso de Licenciatura! Gera um desinteresse justamente porque eles vão pulando o sistema porque ele tem essa falha, e o pessoal vai passando essa falha, vai para o Estágio sem saber nada e vai terminando o curso...

Vanderlei: Acaba que são poucos que se interessam pela área da Educação e alguns vão só para ganhar o salário de professor porque não têm o preparo.

Augislane: E outra coisa que é pouco são as 200 horas extras que se pede e a nossa grade também não atende as nossas necessidades. Por exemplo, ele (Bruno) montou um projeto legal para dar aula de reforço numa escola, mas a

nossa hora extra só vai agregar 50h por ano e isso desvaloriza. Em outros países, como nos Estados Unidos, para você poder se formar ou até adentrar a uma universidade você tem que ter 1000 horas de atividades extracurriculares, o que acontece muito é que eles passam disso. Então assim, no curso de Licenciatura a gente fala muito pouco sobre esse formato, estudar é interessante, é muito bom, mas tinha que falar mais em ensinar, e na parte da pedagogia eu acho que a gente tinha que ter muito mais prática, vamos teorizar aqui, mas vamos praticar aqui! A gente fica muito na teoria, prática a gente só vai ver no Estágio e tudo pormenorizado, porque o Estágio de observação só olha, no Estágio II a gente vai fazer um projeto junto com o professor de regência, e no quarto regência de novo, só que pro Ensino Médio. A professora [REDACTED] está reorganizando o departamento; tem muitas coisas erradas que a gente via ali e que agora não está acontecendo mais, injustiças... Ela está fazendo o que é certo, vai melhorar muito, ela é sangue novo, está querendo trabalhar. Quem é de 2013 para cá viu muita coisa errada,

Mais uma evidência do ensino disciplinar! Estuda-se disciplinas, logo a ordem não importa, não há relações entre elas! É cada um por si e a formação contra todos

E vai indo para a escola...

Uai, agora fiquei em dúvida: ele está falando dos colegas ou dos professores?? Aiiii eu não posso generalizar, mas assim fica difícil né, poxa vida!

eles vão chegar em TCC I⁶¹ e não vão saber fazer um projeto de pesquisa, nem foram a campo aprender fazer uma escala, nada disso, por quê? Porque o professor não ensinou direito, eles não tiveram nem aula. Por exemplo, uma coisa que aconteceu comigo e eu fiquei muito indignada, quem veio me dar metodologia em TCC I? Foi uma pessoa da Enfermagem, não entende nada de Educação, como é que uma pessoa que vai me dar TCC I não entende nada de Educação? Pela minha lógica era para ser alguém da Educação, agora vem uma pessoa da Enfermagem, o que ela vai dizer?

Elizabeth: Eu tive aula de TCC II e ela só deixava a teoria de como montar um projeto.

Augislane: Sim, mas não pode ser só isso. O que acontece é que muitos alunos chegam ao oitavo período e não terminam porque não têm seu TCC.

Elizabeth: No caso da minha turma, a maioria concluiu todas as didáticas e agora que estão começando a fazer as defesas porque um orientador está ajudando. No meu caso o meu orientador mesmo me ajudou, mas

outros tiveram que pagar alguém para ajudar porque o orientador abraçou o mundo e não tinha tempo e outros ficaram sozinhos.

Augislane: Então é assim, tanto que nosso curso corre o risco de ser cancelado porque é o segundo ano que tira nota inferior na avaliação. Esse curso começou em 82 ou 83, é um curso antigo, acho que é o terceiro ou quarto curso da UNIR, se eu não me engano. Agora nós esperamos com a professora [REDACTED]...

Emerson: Ela já conseguiu colocar Libras na grade para o próximo período.

Augislane: Ela está tentando trazer projetos para o curso, ela está tentando parcerias.

Elizabeth: Agora vamos ver se a gente consegue o tão sonhado laboratório, pois o departamento de Matemática não tem nenhum.

Augislane: E nenhum professor que trabalhe nessa perspectiva. Nós também não temos projeto de extensão. A professora [REDACTED] está tentando voltar com ele, a [REDACTED], que se aposentou a pouco, ela tinha.

O que mais falta acontecer por aqui?

⁶¹ Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 1 que é preparatória para a realização do TCC ao

final do curso. Ao todo são três disciplinas: TCC1, TCC2 e TCC3

Elizabeth: Ela era do PIBID. Eu participei no segundo ano, mas logo o PIBID acabou. A minha turma ainda participou e a gente teve uma base boa por causa disso, agora os outros que entraram depois já não tiveram.

O momento do Estágio

Emerson: Eu tive um choque no meu Estágio, mas só que fui levando. Eu fiz com a Augislane e ela me ajudou demais, aprendi demais com ela a questão de saber lidar com os alunos. O que eu vejo muito é que aqui no curso é mais demonstração, lá na escola ensina de uma forma e aqui já é mais avançado, mas só que isso se contrapõe. A pessoa vai ter que estudar fora, ver vídeos em casa, não é só na faculdade, é assim mesmo...

Vanderlei: Eu estou estagiando numa escola perto de casa, do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental e, muitas vezes, ocorre a desvalorização dos professores. Professor explicando e aluno conversando, ele fala, o aluno não obedece e ele continua dando aula como se o aluno não existisse mais. Então, tanto da parte do professor quanto do aluno alguma coisa tem que mudar, porque se continuar assim... Em relação ao conteúdo eu me sinto

preparado, o curso não me deu essas condições, mas ele me proporcionou aprender mais fácil que antes. Se eu pegar um conteúdo de Fundamental, do sexto ao Ensino Médio, eu agora consigo desenvolver sozinho, antes eu não conseguia, mas em relação à metodologia acho que não.

Elizabeth: Eu já fiz uns quatro Estágios, os dois primeiros com um professor e os dois últimos com outro. A gente teve muita dificuldade com os primeiros Estágios, essa questão de preparar uma aula e saber como fazer. Em meu último Estágio, que foi com a professora [REDACTED], não tem como não falar, ela deu uma base, foi ótimo. Hoje, depois desse Estágio, eu me sinto preparada para ir para uma sala de aula, mas quando eu comecei os dois primeiros Estágios eu cheguei ao ponto de querer trancar a faculdade porque eu não tinha preparação nenhuma: saber como montar uma aula, um conteúdo, saber instigar os meus alunos a querer aprender, ter domínio da turma. A gente tem um pouquinho mais de facilidade com o domínio do conteúdo, mas conseguir fazer com que esses alunos prestem atenção, buscar a curiosidade deles para Matemática, fazer um

Ou seja, estudar matemática não é um problema para mim, a questão é: para além disso, o que eu consigo fazer?

Ou seja, é necessário aprender a lidar com o outro, pois não se ensina para as carteiras e paredes da sala de aula. Haverá alguém lá quando você chegar e a ideia é que ele não seja um aluno abstrato, tal como somos tomados por aqui...

adolescente prestar atenção é muito difícil!

Augislane: Quem entra nessa parte do antes da professora [REDACTED] é a Elizabeth, ela é minha veterana, mas eu sei devido a comentários dos outros e o que eles falavam era que no Estágio, chegavam ao último dia e entregavam o relatório de qualquer jeito, não era passada uma metodologia. Eu já entrei com a professora [REDACTED] e com ela tem três encontros na escola e um aqui que é para recolher suas experiências e ela passar algum método de intervenção, pois ela não gosta que a gente vá sem fazer nada. Ela visita todas as escolas, com os outros não tinha essa fiscalização. Ela vai assistir às aulas para ver com o professor o que pode acrescentar, até sugerir mudar de escola caso ela veja que não está tendo um bom clima, então ela é muito preocupada. Ela trouxe uma visão diferente, ela é da Pedagogia nem é da Matemática. Eu fiz todos os Estágios com ela, estou fazendo agora o Estágio IV, ela cobra muito, mas a gente consegue ir para sala de aula e ver nisso planejamento, e a gente chega lá e sabe o que vai fazer. A gente vê que muitos professores não se preparam e o aluno

Nós não somos alienados! Sabemos reconhecer o que pode ou não contribuir para a nossa formação. Por que não somos chamados para essa discussão? Por que nos tomam como incapazes de opinar, debater, conversar? Até quando vamos nos calar, seguir o fluxo das disciplinas e nos contentar com os poucos que fazem o seu trabalho de formador de forma responsável e comprometida?

também percebe quando o professor está preparado e quando ele não está. A questão do mau comportamento está geral, até a desvalorização. Eu acho que isso tem um pouco a ver com o fato de que nós estamos presos numa época, nós continuamos dando aula igual na década de 1800, e os alunos hoje são nativos digitais, então nós temos que aprender a dar aula para essa nova geração. O que acontece é que a nossa faculdade não acompanha, para mim tinha que ter uma intervenção tecnológica, ensinar os alunos usarem um tablet, ensinar usar uma plataforma de chat. A gente só tem aula de informática na Matemática que é para usar o Geogebra. Eu estou fazendo o projeto com a professora [REDACTED] de usar o *Whats* para tirar dúvidas entre os meus alunos e funcionou legal. Comecei com Matemática, agora já estou com História, Geografia, Química, estão utilizando entre eles, mandam áudios uns pros outros, eles estão fazendo um grupo que está se espalhando pela escola, então já é usando a tecnologia para encurtar a distância e compartilhar conhecimento.

Elizabeth: É como a Augi falou, na escola que eu fazia Estágio o professor usava

Como vai acompanhar se não há interação com a escola?

essa técnica e funcionava porque eles têm que mandar o conteúdo para os alunos, eles já tinham como uma base, querendo ou não são poucos que interagem, mas quem se interessava já chegava na sala de aula e tinha aquela interação, alunos já vinham com dúvidas. Você via que tinha um rendimento que era favorável. Um amigo meu fez o Estágio e o professor estava dando aula de Geometria, havia a lousa digital, mas o professor de Matemática, formado aqui na universidade, não era apto a usar. Na escola que a gente fez o Estágio IV tinha tecnologias: o quadro, lousa digital, sala de vídeo, várias outras coisas e o laboratório. A gente fez um projeto com turmas do terceiro ano do ENEM, foi até bacana, a gente conseguiu trabalhar um pouquinho com tecnologia, ajudou bastante, mas não porque veio da universidade, a gente falou para o professor: “a gente vai fazer porque a escola tem, os alunos já têm o hábito de usar e a gente vai trabalhar junto”, então funcionou assim.

As disciplinas específicas para formação de professores

Vanderlei: O curso deveria ter mais matérias voltadas para a formação dos

professores, tem Matemática I e II nos primeiros períodos, depois tem Resolução de Problemas, mas fica distante uma da outra, no início e no final, não tem como você ser um bom professor na área de Fundamental até o Médio com esse tipo de curso.

Augislane: Quando a professora [REDACTED] começou com a gente ela entrou em Metodologia e só passou as normas da ABNT porque ela presumiu que a gente já tinha aprendido outras coisas em metodologia científica.

Elizabeth: Quando ela foi dar Estágio a gente falou: “professora, tudo que a senhora imaginar sobre Didática, tudinho, a gente não sabe nada!”, no primeiro ano de Estágio ela praticamente deu uma aula de Didática. Tudo que a gente deveria ter aprendido em Didática Geral, Didática da Matemática e Metodologia, foi ela que passou para gente.

Augislane: Em Didática Geral quem vem dar aula para gente são pedagogos, mas eles estudam Vygotsky, Skinner, Piaget, essas discussões. Didática da Matemática eu vi com a professora [REDACTED], o meu já foi diferente, nós vimos o Ubiratan D’Ambrósio, nós realmente

já vimos em Educação Matemática, jogos, nós fizemos um projeto didático.

Tharyolaene: O que mais me marcou em alguma das didáticas foi um projeto que a gente fez semestre passado. A gente tinha que pegar um conteúdo, fazer um plano de aula e apresentar para os alunos da turma. Tinha que ser um projeto sobre Etnomatemática ou então jogos, mas com intervenção. A gente usou um jogo para ensinar Matemática, as quatro operações e esse projeto de intervenção a gente vai aplicar no Estágio II. A gente começou a trabalhar com uns textos, mas no final eu gostei dessa parte da prática e finalizou com esse trabalho que foi o que me marcou da Didática.

Augislane: A única pedagoga que nós tínhamos conosco era a [REDACTED], ela tinha aquele projeto de extensão, mas ela se aposentou e acabou, aí vinha a professora [REDACTED] que era emprestada da Pedagogia, só que ela é só uma!

Elizabeth: Eu fiz a Didática Geral com uma pedagoga e como ela gostava muito de Matemática a gente teve bastante facilidade, apesar de ela ser pedagoga ela tinha muita afinidade com a Matemática, então deu para trabalhar legal. Agora os outros professores que

vem da Pedagogia eles falam que não gostam de Matemática, que Matemática é só uma coisa que veio pra dificultar, então fica muito na teoria e você não consegue relacionar essa Didática com a Matemática.

Augislane: É o que ela falou, é maçante para a gente. E o que a Thary falou marcou para ela justamente porque ela pegou uma coisa e transformou isso numa prática em sala de aula, inclusive que ela vai usar agora, e isso é o que você fala linkar, você consegue linkar o que você está aprendendo na faculdade, na academia, com algo que você vai utilizar. Em Didática Geral foi ensinado como a gente montar o ábaco, cada grupo montou uma aula, teve uma galera da sapateira, das casas decimais. Em Didática da Matemática a gente também avaliou livro e foi com base nisso que a gente montou o nosso projeto didático, a gente pegava uma matéria e via o que englobava. Sobre avaliação isso aí já é uma perspectiva de cada um. Eu sigo a avaliação continuada porque eu não acredito que o aluno é só nota de prova, a gente sabe que tem nervosismo, tem um monte de coisa, aí eu trabalho mais com a percepção, o

que se passa em sala de aula, o que ele faz, o que ele não faz e tal.

Bruno: Eu tive isso em Didática no semestre passado, a professora só falou: “vocês têm que saber mais como trabalhar esse tipo de coisa em avaliação em sala de aula” e passou os tipos de avaliação, mas bem superficial, bem pincelado.

Elizabeth: No caso a gente tem que se interessar e pesquisar sobre o assunto, ver quais são os autores que abordam e buscar por necessidade própria porque, querendo ou não, a gente tem essa necessidade porque chegar numa sala de aula e aplicar uma prova de cinco ou seis questões, isso nunca vai funcionar bem.

Augislane: É por isso que os alunos somem porque é o mesmo padrão de 100 anos atrás, a escola é só certificadora e não dá para ser assim.

Tem aluno que não gosta de falar, mas de produção é maravilhoso; tem aluno que gosta de falar, então ele vai se sair melhor. A gente não tem esse trabalho psicológico, tinha que ter mais psicologia para lidar com eles.

Sobre atividades extracurriculares

Augislane: Como é que a gente vai participar de eventos se são só 200 horas e não há divulgação. Teve o Enep aqui que foi o Encontro Nacional da Pedagogia e não houve uma divulgação, um incentivo, era em semana de aula e não foi incentivado para a gente participar, os professores não comentaram, era como se fosse uma coisa totalmente isolada.

Elizabeth: Uma amiga minha tem um colega na Pedagogia e ele foi explicar mais ou menos como que era. Independente de o curso ser de Matemática, a discussão era do nosso interesse também, só que ninguém sabia sobre o que tratava, as meninas vieram aqui falar.

Augislane: Só que não houve um reforço.

As relações entre colegas

Elizabeth: Uma coisa que a gente aprende entrando na faculdade é que você não vai se manter aqui sozinho. Você tem que rever os seus padrões, ou você revê esses conceitos e começa a interagir ou você sabe que você não vai sobreviver aqui sozinho, essa é uma das coisas que a gente aprendeu por aqui. Você nunca trabalha sozinho, principalmente na Matemática a gente

Se eu considerar que muitos de nós saem daqui sem saber o que fazer na escola, então a universidade também se encaixa no perfil de certificadora

nunca consegue fazer nada sozinho, às vezes você está ali resolvendo alguma questão e não consegue enxergar o teu erro e quando você está trabalhando em grupo fica mais fácil, você consegue enxergar, a discussão faz você abrir a sua mente, abrir os teus olhos, você consegue perceber, então é mais ou menos alguns pontos positivos.

Tharyolaene: Nos primeiros períodos a turma é toda unida, é tudo maravilha, mas conforme vai saindo gente acaba desmotivando, por exemplo, nosso período tem pouca gente, só que ficaram pessoas que tem mais afinidade. As vezes tem aquela pessoa que não faz nada: “me dá aquela questão?” mas não quer nem aprender, só quer a resposta, então as vezes te dá raiva passar isso: “me manda por e-mail o teu trabalho, quero dar uma olhada” mas não é uma olhada de querer entender, é uma olhada de querer copiar, então acho que é isso, mas no primeiro período tudo é maravilha, depois realmente você fica com quem você tem mais afinidade, com quem você se entende mais.

Augislane: Você começa a ficar seletivo, é como eu disse, a Matemática exige horas de estudo, horas para gente

aprender a fazer Cálculo III, não é um dia antes da prova, é uma semana, são duas semanas, é um mês, e é o que ela falou: “me manda a questão aí” “tira a foto da questão aí”.

Emerson: “Manda o exercício prontinho aí”.

Augislane: Tem muito disso, tem gente que entra nesse curso achando que vai levar na barriga, entendeu? Às vezes acaba levando mesmo, infelizmente acaba levando porque o professor fica com pena que a pessoa reprovou 3 ou 4 vezes e acaba aprovando a pessoa sem saber nada. Mas acontece muito isso daí a turma começa linda com 45, no terceiro período já vive uns 20.

A evasão no curso

Tharyolaene: Acho que o maior medo do curso, o alto nível de desistência é por causa do mercado de trabalho.

Augislane: Não só do mercado de trabalho, mas também pelo fato de que eles entram aqui e querem fazer outro curso, a maioria das pessoas entra em Matemática tranquilinho, aí eles acham que por ser fácil de entrar eles também julgam que é fácil de sair, mas não é, entendeu? Não é!

A pós-graduação

Acho que esse sentimento não contribui em nada com a situação, mas o considero uma saída bem menos problemática porque ele só silencia o verdadeiro problema que é o fato de o estudante não saber nada!

Acho que o verbo que ela escolheu diz muito: o quanto a Licenciatura tem matado!

Augislane: Aqui só tem mestrado em Educação e mestrado em Gestão de Educação, que eu saiba são só essas duas linhas, agora de ciências tem que ir para fora, tem que sair.

Elizabeth: Aqui a única especialização que tem é a universidade profissionalizante, que é o PROFMAT, mas não é daqui, ele é do IMPA, ele é oferecido nacionalmente, mas ninguém quer fazer.

Augislane: Não é que não quer fazer, eu estava nessa discussão com a professora [REDACTED]. Ele é voltado para Matemática e eu não sou tão apaixonada por Matemática assim não, eu sou mais apaixonada pela parte da Pedagogia, do ensinar. Eu gosto de números, quando eu pego para estudar! Quem estuda Matemática sabe que a gente dedica horas de estudo e é quase um êxtase quando a gente consegue fazer um negócio que está difícil, mas a Pedagogia, a forma de ensinar eu acho muito interessante, eu quero fazer isso, só que eu queria voltar para minha universidade, eu queria voltar para Matemática para poder ser professora, só que para entrar você tem que fazer o PROFMAT, e o acesso não é por meio de um projeto, é uma prova de 35 a 40

questões difíceis, de nível alto e são só 3 vagas abertas para ampla concorrência e o restante é para os professores do estado.

Sobre atuar na escola

Elizabeth: É o que eu sempre falo, assim que eu terminar a faculdade eu vou pra sala de aula porque eu estou me formando para isso, é um curso de Licenciatura, mas o meu objetivo não é mais esse, não quero trabalhar com Ensino Fundamental e Médio, a não ser que a situação mude radicalmente, porque do jeito que está não tem como trabalhar com Ensino Fundamental, principalmente Ensino Médio. O objetivo é ir para o Ensino Superior, mas atuar como professor mesmo.

Tharyolaene: Eu tenho um pouco de receio de ir para sala de aula por causa do comportamento dos alunos, quando você vai numa escola é: “o professor não sabe dar aula, o professor é aquilo...”, tenho medo da reação que alguns vão ter. Você está na sala de aula, você quer encontrar a melhor forma de explicar, a melhor forma para fazer com que os alunos entendam e corram atrás para entender, porque eu acho que a maior ajuda de um professor é quando um aluno está interessado e vai até você:

Mas pela sua fala ao longo da entrevista me parece que você vai bem nas disciplinas de matemática. Ah!!! Então tá tudo bem, né formação? Se ela sabe o conteúdo... o restante é perfumaria!

“não professora, não entendi isso, como é que eu posso usar?”.

Augislane: A escola virou um órgão certificador, esse é o grande problema. Além de dar aula na escola pública e estar no projeto, eu também dou aula de reforço, então eu estou nesse contato direto com eles e é muito difícil. Enquanto a gente for repetindo essa sala de aula: quadro e pincel, eles não vão, não adianta. O Emerson estagiou comigo, não é fácil. A docência é algo complicado, tem que tentar, mas só que ser professor é batalha. Esse projeto que eu participo eu tropecei nele, na verdade. O professor chefe do nosso departamento entrou de férias e o professor [REDACTED] viu um e-mail sobre esse projeto, mas ele não sabia como funcionava, só divulgou que estavam selecionando estudantes. Ele comentou que a bolsa era boa e que tinha que ter inglês, fixou o cartaz em cada canto da sala e pediu para enviar currículo. O projeto já tinha começado em Porto Velho, mas não tinha dado certo devido a certos problemas com as pessoas daqui, então foi aberta uma vaga eu me inscrevi e fui selecionada. É um projeto do Instituto Tim que agrega o país inteiro, envolvendo Matemática com

técnicas americanas. Eu atuo numa escola. Os idealizadores do projeto são professores da universidade de Harvard, o Bob tem 73 anos e a Elen tem 72, esse projeto já tem mais de 30 anos e é só para a Matemática e para ensinar crianças carentes. Para ensinar Matemática você só precisa gostar de Matemática, você pode ser Químico, Físico, Pedagogo, o pré-requisito é gostar da Matemática. Por exemplo, as crianças aqui do Brasil só começam a aprender números negativos com 12 anos de idade, as crianças dos Estados Unidos aprendem com 6 anos. Então uma coisa que nós aprendemos é instigar isso do número negativo numa criança, de como trabalhar reta numérica, de como trabalhar probabilidade, as possibilidades. Os americanos valorizam a abstração, isso é inclusive uma coisa que eu trouxe aqui para os professores da UNIR, eu fui conversar com eles e eles concordam. O brasileiro valoriza o concreto, em detrimento do abstrato, mas nós sabemos que o abstrato para a Matemática é muito mais importante, e esse projeto valoriza o abstrato, é a criança raciocinar por ela, eu não dou respostas. Uma das técnicas é não dar resposta para criança, tem que pegar o

errado dela e ver o que você pode fazer, eu fiquei muito apaixonada pela Pedagogia quando peguei esse projeto porque é muito bonito. Esse é meu segundo ano de atuação, é muito bonito quando ele vai ensinar, ele fala: “a gente tem que ter paciência, você vai se desapontar, você tem que aprender a instigar seus alunos”. Ele ensinando assim, às vezes, a gente até se pergunta se ele não é de outro planeta porque com 73 anos ele ainda quer ensinar, e a gente chega aqui no Brasil um professor de 73 anos está esclerosado, não quer mais saber de sala de aula, está depressivo, com desgaste emocional muito grande.

Imagino que não por querer...

Elizabeth: Tem uma professora que fala assim: “o aluno que aprende Matemática pode aprender tudo”. A gente não vê muito o básico, mas conforme a gente estuda aquela área mais difícil a gente sente que é mais fácil aprender o fácil. Em relação a sala de aula, o meu gostar da Licenciatura é que quando eu aprendo eu quero passar para outra pessoa, mas para outra pessoa que quer aprender porque a teoria já está pronta, você não vai fazer uma teoria, você vai entender e entender uma teoria é difícil, por isso

O que fazer com discursos como esses? O que ele nos diz em um contexto de formação de professores de matemática?

quando eu aprendo uma teoria eu quero ensinar, por isso que a gente fala que dar aula é mais fácil porque é a pessoa que vem até você, não é você que vai até a pessoa.

Tharyolaene: Eu amo também a parte de dar aula, mas eu tenho medo de me posicionar. No Estágio o professor está na sala, eu estou lá, mas a cobertura está com ele, mas imaginas quando eu estiver sozinha? O meu medo de entrar no Ensino Médio e Ensino Fundamental é não ter mais respeito dos alunos, eles podem falar o que quiser de você: a forma que você está vestida, o jeito que você fala, se você é feia, se você é bonita. Acho que é por isso que existe aquele receio de chegar, entrar e tomar conta daquela sala, tomar a frente. A professora [REDACTED] falou hoje que as primeiras aulas é o que faz a diferença para o professor, então eu estou começando a ter medo daquelas primeiras aulas, de como chegar lá e ter a postura de que você é o chefe da turma. A gente tem uma mania de que professor dá medo, mas não é que dá medo, é receio, mas eu quero ensinar que o aluno pode chegar até a mim. Eu tive professores de Ensino Médio que eu tinha medo de chegar neles porque se

Será? Então a gente precisa discutir os meios possíveis para que os alunos cheguem até nós e, da minha parte, para que a gente também chegue até eles...

você errasse eles espalhavam para sala toda: “não, você não entendeu? Já falei que é assim!”. Então, vendo a postura dos professores que eu tive, os bons e alguns não tão bons, eu tenho esse receio de chegar em sala de aula, mas gostar de ensinar eu gosto.

A relação com os professores

Vanderlei: São poucos os professores que se preocupam com os que saem.

Tharyolaene: Tem professores que desmotivam, falam para gente fazer concurso pra entrar num banco e procurar uma área porque não querem ver a gente dessa forma, falam pra não ser professor.

Augislane: Porque a maioria deles, como eu falei, eles não são licenciados, são bacharéis. São professores, mas eles não deram aula na escola, eles não foram para sala de aula de Ensino Fundamental e Médio, se nós temos aqui são dois ou três que foram para essa parte realmente da docência. Então, a visão de mundo deles é diferente da nossa, nós vamos entrar, nós somos a linha de frente, é por isso que às vezes a gente até brinca falando que eles são Jurassic Park porque os professores são bem antigos, entendeu? Eu falo que a professora

██████ foi uma grande aquisição do curso porque os meninos agora estão sendo privilegiados, porque estão pegando matéria que está cobrando metodologia, ela está mostrando como é que a gente deve fazer, ensinar e questionar, mas antes não era assim, eram uns professorzinhos aí que vou te contar...

Tharyolaene: Ela falou assim, mas eles são professores que abriram muito a minha mente. Teve um professor que deu Cálculo I, II e III para gente e Cálculo I foi uma das melhores matérias que eu tive até hoje no curso inteiro, é que eu sou meio desligada, eu não sabia que ele era da parte da Engenharia, mas quando ele dava aula ele ficava: “na Matemática vocês não usam muito isso porque é da área de Engenharia”. Ele foi um dos meus melhores professores, apesar de o Cálculo ser algo pesado e não tão Matemática de sala de aula.

Augislane: Mas assim, a questão do carinho, a professora ██████, o ██████ eles se preocupam, mandam mensagem.

Vanderlei: O ██████ também é gente muito boa.

E então o relato anterior vai ficando mais compreensível...

Entrar em Banco, como assim??? Mas eu já ouvi uma professora aqui dizer que o curso formava poucos, mas formava bem: um gerente de banco, um pró-reitor...

Nada disso justifica suas atitudes! Se licenciado, se bacharel, se experiente na escola, não quero saber! Atua na licenciatura é formador.

Augislane: Ele chega e pergunta: “por que você está chegando atrasado assim?”.

Elizabeth: A gente se sente feliz na aula dele.

Augislane: O [REDACTED], por mais que ele tenha um jeitinho bruto, ele só briga com quem ele gosta. Ele quer que você esteja presente, que você venha para aula, que você assista aula, eu acho que só esses.

Vanderlei: São poucos que se preocupam com o ensinar e nesse se preocupar eles instigam os alunos também.

Augislane: Tem que estimular porque não é um curso fácil, a minha turma é uma das maiores que chegou até o final. Eu sempre falei desde o início, é uma tecla que eu bati muito, nós não somos só professores, meus pais falam isso, nós somos formadores de sonhos, mas ao mesmo tempo nós somos destruidores. Quando eu vou para sala de aula eu me volto para esse lugar, eu sou uma formadora de sonhos assim como eu posso ser destruidora de alguns, então quando os professores pegavam meio pesado na matéria, eles cobravam num nível muito alto que minha turma só ia passar dois, eu

chegava lá, conversava e falava: “professor, o senhor tem que analisar, o pessoal é do EJA, estão a mais de 20, 30 anos sem estudar, o senhor tem como analisar isso? Ele sempre falava: “Augislane, você tem que ver que se eu fizer isso e tal...”, aí eu conversava, conversava, conversava até que ele cedia e ele dava mais uma chance para as turmas, por causa de mim. Cálculo II, na minha sala, só iam passar 3, conversei com [REDACTED] e ele passou um trabalho para ajudar o pessoal e no final ainda passaram 11. O [REDACTED] era outro que fazia a limpa, não estava nem aí, passava um com ele, mas passava um! De tanto conversar com ele foi baixando a guarda, hoje está alegre, mas ele era amarrado.

Elizabeth: Eles começaram a rever a didática deles porque não adianta nada eles cobrarem uma coisa que a gente não tem preparação. Quando a gente sai do Ensino Médio hoje e entra na faculdade de Matemática tem uma dificuldade, porque lá você vê aqueles Cálculos básicos. No meu Estágio o professor foi demonstrar a fórmula de Báskara e simplesmente nenhum aluno fazia a mínima ideia de onde aquilo surgiu. Querendo ou não o professor da

Seja para ensinar Matemática ou metodologia, antes disso é preciso construir uma relação e quanto melhor ela seja, mais produtiva será. Isso não é novidade nenhuma, certo?

universidade tem que entender, é a situação que a gente está vivendo. Não é simplesmente passar os alunos como a gente vê alguns professores aqui que pedem um artigo e o aluno faz todo troncho e errado, aquele Ctrl c e Ctrl v, não, não é isso! Mas você saber que ele tem dificuldade e sanar essa dificuldade, porque querendo ou não ele vai concluir, em quatro anos, em cinco, e esses mesmos erros vão continuar, o acadêmico vai se formar, vai estar errado, vai para o Ensino Médio e vai continuar ensinando errado.

Augislane: Uma coisa que eu reparei e foi um confronto para mim que me fez desistir da Economia aqui é que quando eu cheguei os professores eram carneiros, não estavam nem aí, eu cheguei e fiquei assustada. Aqui no curso de Matemática, primeiro dia de aula um soltou uma frase: “acostumem-se a perder seus amigos, essa turma grande que vocês estão vendo não irá acompanhar vocês até o final, a batalha de vocês é sozinho, acostumem-se e quem for inteligente não fica na Matemática” foi a minha primeira semana de aula na Matemática, isso eu não me esqueço e a maioria dos meus amigos também, se você fosse

entrevistá-los eles iam dizer a mesma coisa. Eu acho que falta muito o professor fazer esse trabalho: “vem cá fulano, vamos montar um grupo de estudo, você gosta dessa matéria...”. No IMPA quando tem um aluno que se destaca em determinada área o professor pega esse aluno e trabalha com ele na área que ele se identificou, Cálculo, Álgebra, aqui a gente não tem isso, como é que vai haver produção científica se não há esse estímulo para o aluno se descobrir? Eu estou batendo muito na tecla nas aulas de Estágio com a professora [REDACTED], principalmente nessa questão das horas extras, eu acho que é gasto muito dinheiro com o acadêmico, para um retorno que a gente não dá pra sociedade, nós estamos pagando de certa forma os impostos, é muito caro para estar aqui. Não há um diálogo com os professores das disciplinas de Matemática, é só aula, a gente vem para universidade para aula. Agora eu estou no oitavo período e estou sendo a fugitiva, só chego para pegar presença. A gente já está desgastado porque eu sei que o que me espera ano que vem é dar aula. Eu estou me preparando espiritualmente para pegar uma sala de aula com 30 ou 40 alunos, onde o moleque vai querer

Não dá mais para aceitar os baixos índices de aprovação justificados pelo discurso do: forma pouco, mas forma bem. Forma pouco porque pouco se faz nesse sentido. Porque falta responsabilidade social

O silêncio mais gritante, ensurdecador!

Ela vem pouco a aula porque está se preparando para o futuro próximo como professora! É isso mesmo ou eu que estou entendendo errado? É a total negação do espaço acadêmico como um espaço de formação. Esse é um espaço de "ter aulas", de fazer disciplinas... que tristeza!

Eles não se colocam abertos a viver experiências, pelo menos não àquelas que os alunos gostariam. A mesmidade lhes é suficiente. Mais um sinal do abismo que há entre alunos e docentes

botar fogo na sala, eu estou me preparando para isso, mas que estímulo que eu tenho, que preparo psicológico?

Não tem.

Elizabeth: A gente vê aqui também que a maioria dos professores têm muitos anos que estão dando aula e eles não se abrem ao diálogo, eles não aceitam mudar e não aceitam ver que as coisas estão mudando. Eles também não conhecem a realidade, a visão que eles têm de uma sala de aula é aquela de quando eles eram alunos, não é essa que a gente vai pegar. Se você falar alguma coisa eles não vão acreditar, teve uma situação na nossa turma de a gente falar: "professor, a gente não funciona em tal turma e tal escola" e ele não acreditou, achou que a gente estava com preguiça de fazer, então existe essa barreira entre o que está acontecendo e o que aconteceu com eles.

A curiosidade sobre outros cursos

Augislane: Mas eu ia perguntar, nas outras universidades tem grupos de estudo, como é que funciona?

Adriana: São realidades bem diferentes, tem universidades, por exemplo, em Belém que tem um trabalho muito forte em questão de pesquisa, então o pessoal participa de grupos de pesquisa

desde o primeiro ano, eles vão para evento, produzem artigos.

Augislane: Eu verifiquei com os meus amigos que tem grupo de *WhatsApp*, só eu de Porto Velho, o restante Manaus, Belém, a professora [REDACTED] falou que todo mundo estava num evento nacional da Educação Matemática. Todos eles estavam lá, eles guardaram dinheiro para ir, e não tinha ninguém do estado de Rondônia, só tinha a professora [REDACTED], é um absurdo.

Adriana: Mas está muito ligada à formação do grupo de professores que atua no curso. Lá em Belém tem um grupo muito grande da Educação Matemática, então é até mais fácil para eles trabalharem, formarem grupos. Por exemplo, se a [REDACTED] quiser montar um grupo aqui com outro docente já vai ser um pouco mais difícil porque eles não conversam tanto, então quando no corpo docente tem um grupo maior, essas atividades acabam surgindo naturalmente, um projeto de extensão, grupo de pesquisa, laboratório de Matemática, então eu estou vendo que está dependendo muito do corpo docente da instituição.

Depois de tanto ler eu já nem vejo esse detalhe como sendo uma vantagem... Tudo isso que se passa está muito além da formação dos professores, diz do humano, da política, da ética, do respeito pelo outro, diz tantas coisas...

Mas espero que veja que isso também é um problema, Adriana!

O encontro na Universidade Federal de Santa Catarina

O Encontro em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina, aconteceu no dia 21 de novembro de 2016. Meu contato nessa instituição foi o professor David Costa. Após algumas trocas de e-mails estabeleci contato com uma das estudantes e ela me ajudou na organização do grupo criando um canal de comunicação via *WhatsApp*. Para a realização do encontro nos foi oferecida uma sala de reunião bastante ampla. Nosso encontro teve a duração de uma hora e quarenta minutos. Os estudantes se mostraram bastante críticos em relação ao curso e dispostos a debater suas percepções.

Os Estudantes

Meu nome é **Guilherme**, eu sou formando em Matemática, decidi fazer o curso de Licenciatura quando eu estava na quinta série porque o meu desejo de ser professor já é de longa data. Sempre foi uma coisa que eu já tinha certeza em fazer, então as minhas aspirações sempre foram: ter uma formação boa em Matemática e uma boa formação enquanto professor.

Meu nome é **Elídio**, a princípio eu não pensava em ser professor, sou técnico em edificações. Quando eu resolvi fazer o vestibular a minha ideia inicial era fazer Engenharia, mas eu optei por Licenciatura porque tinha no horário noturno. Aquilo ali seria uma segunda opção de carreira, não seria a principal, só que o ramo de telecomunicações no país está cada dia pior, então vai acabar virando a primeira opção. Eu tinha outras aspirações quando eu era mais novo e não tinha nada a ver com ser professor. De um tempo pra cá eu comecei a me preocupar mais com a minha formação, eu estou ainda em dúvida em relação a algumas coisas do curso, se é realmente isso que eu pretendo ser, até que ponto eu pretendo realmente seguir isso porque eu já estou com uma certa idade e não estou muito a fim de me aventurar por uma coisa que eu não sei se eu vou ter o retorno que eu esperava, então é tudo isso que eu estou pensando.

Meu nome é **Emanuella**, eu estou na quarta fase do curso, na metade, teoricamente, e eu não queria dar aula até o meu terceiro ano do Ensino Médio, mas então eu tive uma professora de Física, daqui da Federal, e ela foi quem

me abriu os olhos para como dar aula pode ser gratificante. Eu não sei se eu vou terminar o curso, eu não sei se eu quero mesmo, mas vou continuar na medida do possível até eu decidir se eu quero ou não, talvez eu termine e não saiba se eu quero ou não.

Eu sou a **Gabriela**, estou na penúltima fase, se Deus quiser é a penúltima e eu decidi ser professora pelas influências que eu tive de muitos professores bons. Eu via que aquilo era gratificante e escolhi a Matemática justamente porque o professor que mais me influenciou foi da Matemática. A partir da quinta série eu via que o professor não é só o professor de passar o conteúdo, a gente tinha relações, eu sou de cidade pequena então as relações são mais íntimas ainda, eu via que era muito legal e eu pensava que eu queria isso para mim também, então eu quis ser professora por influência, boas influências de bons professores.

Meu nome é **Lara**, eu estou na quarta fase do curso também, eu quero na verdade fazer Matemática e depois Economia porque a minha maior inspiração é trabalhar no mercado financeiro. Eu penso que tendo a lógica Matemática e fazendo Economia eu vou

conseguir atingir melhor o meu objetivo, mas eu quero muito ser professora durante um tempo da minha vida também porque eu acho muito linda a profissão de um professor. Eu no Ensino Médio, no primeiro ano, detestava Matemática, me dava super mal, mas eu tinha ótimos professores de várias matérias. No segundo ano entrou um professor fantástico de Matemática e eu comecei a entender tudo, quebrei aquele paradigma de que a Matemática é muito difícil, que é o que a grande maioria dos alunos tem. Eu acho que eu quero ser professora para conseguir ajudar as pessoas a quebrar esse paradigma de que a Matemática é um monstro, e ela não é, e tentar ajudar também a escolher o que elas querem para a vida delas. Eu sei que a Matemática foi muito essencial para eu passar no vestibular e conseguir entrar na faculdade e eu sei que eu só consegui isso porque eu tive um bom professor de Matemática, então eu quero ajudar as pessoas a atingir o objetivo delas que seja entrar na faculdade não para fazer Matemática, mas pra fazer qualquer curso que elas querem, então acho que é por isso que eu escolhi.

*que
responsabilidade,
não?*

Eu sou a **Franciele**, estou na nona fase, ainda estou fazendo Cálculos, Estágio e aí eu me formo em um ano e meio se eu não reprovar mais em nada, eu tenho que fazer o TCC⁶² também. Eu escolhi Matemática porque me parecia a opção mais legal na época que eu fiz o vestibular, mas agora se eu fizesse um vestibular eu faria para outra coisa, eu gosto do curso, mas não sei se eu quero trabalhar com Matemática, eu só não me vejo trabalhando com a Matemática em si, como professora talvez, a parte da Educação me interessa mais do que a parte da Matemática. Eu poderia ser professora de outra coisa, eu tenho vontade de fazer História ou Biologia, por exemplo, então eu gostaria de trabalhar com essas outras áreas também, não Matemática em si. Eu gosto da parte da Educação, a docência ainda é outra coisa que eu estou trabalhando, eu tenho algumas questões que eu tenho que trabalhar mais, mas eu acho interessante.

Um curso de Licenciatura ou Bacharelado?

Gabriela: Sinceramente eu acho que a gente não sai formado para

Então porque será que se trata de uma licenciatura?

Licenciatura, a gente sai formado para Matemática na atual situação.

Lara: É que na real não tem nenhum incentivo; a gente vem pra aula e a gente estuda para passar das matérias. A gente não tem incentivos para sermos professores na verdade, esse assunto quase não é tocado durante o curso, a gente tem umas matérias e estuda para passar, não é uma coisa que as pessoas incentivam a gente a fazer, pelo menos não passei por isso até agora.

Emanuella: O que eu mais ouvi até agora foi professores durante as aulas falando assim: “Ah, quem sabe vocês façam um mestrado na Matemática!”, sempre puxam a sardinha para a Matemática, claro, esse é o propósito do curso, acredito eu. Mas a Licenciatura deveria também incentivar ir para a educação, quem quer fazer um mestrado, quem entra aqui com o intuito de ser só professor e ter só a graduação eu acredito que não saia convicto de que é um professor, o curso é bem voltado para isso: “vamos fazer uma pós em Matemática!”.

Adriana: Aqui vocês têm Licenciatura e Bacharelado?

Do mesmo jeito que a gente estuda na escola para passar de ano...

Diante da realidade do curso, ser professor passa a ser visto como ser só professor e ter a graduação como só ter a graduação. Que loucura é essa?

⁶² Trabalho de Conclusão de Curso

Elídio: Isso, separado desde o início.

Gabriela: Agora eu acho que vai entrar um currículo novo e estão colocando algumas propostas.

Elídio: Algumas matérias básicas para os dois cursos e depois lá na frente separa, vai começar e separar, depois cada um escolhe, eu não sei se já escolhe no começo ou se...

Emanuella: Escolhe no começo, Licenciatura ou Bacharelado, mas se você entrou na Licenciatura e você quer fazer o Bacharel, você pode fazer e vai ser bem mais simples se formar nos dois, esse é o propósito.

Gabriela: Agora, por exemplo, a gente tem a Licenciatura, se for para formar em Licenciatura e fazer o Bacharel tem que fazer o curso praticamente de novo e assim eles vão ministrar algumas matérias essenciais.

Elídio: Uma coisa que a gente nota é que a maioria dos professores do departamento são Bacharéis, tem alguns que não são, são poucos, bem poucos que fizeram a Licenciatura. Então eles orientam ou conversam com os alunos justamente isso, é quase que um convite a pensar na possibilidade de

fazer uma extensão na área de pesquisa, entendeu? Então a maioria dos professores, exceto alguns que já tive que fizeram Licenciatura, é que realmente se preocupam com esse aluno que está fazendo o curso, sobre como que ele vai agir depois de formado, como que vai ser a atuação dele na área, então são poucos professores. A maioria já convida: “oh, quem quer fazer um mestrado ou doutorado depois é importante fazer algumas outras disciplinas para ajudar lá na frente”, então não tem nada que incentive a gente, ninguém diz assim: “oh, já que vocês vão ser professores de Matemática porque vocês não procuram alguma coisa voltada para educação?”. Não tem essa linha de raciocínio entre os professores; a maioria é voltada mesmo para a área de pesquisa em Matemática.

Guilherme: A minha formação de professor é uma formação que eu tive por fora do curso. Em geral, a gente tem uma formação para professor nas disciplinas de Metodologia de ensino e de Estágio porque as outras disciplinas dadas pela CED⁶³ são muito mais teóricas do que propriamente da

Parece que a licenciatura se restringe a um nome para o curso... Mas se há o curso de bacharelado, o que acontece então?

A licenciatura que se dá nas margens...

⁶³ Centro de Ciências da Educação

formação de professor. Vamos pegar um ponto que são os PCC⁶⁴, dependendo do professor, muitas vezes os PCC são utilizados como forma de melhorar a nota, mas isso não é tanto culpa do professor justamente porque o nosso curso está num departamento de Matemática e tem como fins últimos justamente a pesquisa na Matemática. Não faz sentido a gente ter um curso que é voltado para a Educação Básica, para a formação de professores, vinculado totalmente a um departamento que é voltado para a pesquisa. Esse também é um outro problema, o curso de graduação de Matemática, todos os dois, eles têm de alguma forma, alguma conversa com o programa de pós-graduação da Matemática, agora com o programa de pós-graduação em Educação, mais especificamente o PPGET⁶⁵ essa conversa é praticamente inexistente, ocorre somente, unicamente, quando o estudante vai atrás e às vezes nem quando vai atrás consegue. Nosso curso é um curso de Licenciatura que tem uma formação técnica muito forte e uma formação pedagógica bastante fraca e,

⁶⁴ Prática como Componente Curricular

⁶⁵ Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica

além disso, tem a questão de que existe uma cultura, que é uma cultura propagada pelos professores mais antigos do departamento de Matemática, que é a ideia de que quem vai seguir a área de Educação é quem não tem uma formação Matemática boa, coisa de quem não conseguiu um bom desempenho matemático, tanto é que esse é um dos motivos pelos quais eu me formei no PAM⁶⁶, para dar na cara dos caras. O PAM é um dos cursos oferecido pelo departamento para a universidade toda como Matemática mais elevado do que o Bacharel, aí eu disse: “beleza, é isso? Eu vou sair daqui para a área de Educação, mas eu vou fazer o PAM e vou dar na cara de vocês”. Eu fiz isso, mas eu saí do PAM e tive mais certeza ainda de que o que eu queria seria a área de Educação. Então tem um monte de problema, o primeiro ponto para mim é de alguma forma desvincular totalmente o curso de Licenciatura do departamento de Matemática, ou seja, tem que ter alguma conversa entre os dois departamentos. O currículo é feito pelo departamento de Matemática porque o

⁶⁶ Programa Avançado de Matemática

A Educação como a incapacidade de discutir Matemática em pleno século XXI

O vínculo que precisa ser quebrado é com as ideias Guilherme, e isso me parece ser o mais difícil!

Talvez o problema seja o modo como a pesquisa é tomada

3 + 1!

nosso projeto de curso é formado majoritariamente por professores do departamento de Matemática, então obviamente que lá dentro as forças políticas vão puxar a sardinha para o departamento de Matemática. Tem que repensar tudo, tanto é que essa união dos dois currículos é uma demanda estudantil, foi uma proposta que a gente cobrou dos professores para que eles fizessem, primeiro para derrubar essa cultura de que a Licenciatura é mais fraca que a Matemática, segundo porque como tem toda uma influência para você seguir a área de pesquisa em Matemática, caso o estudante de Licenciatura também quisesse de alguma forma seguir essa área ele não conseguiria se não tivesse essa união de currículos. Então, apesar de a gente ter uma demanda interna dos estudantes para que se faça uma união entre os dois, parece que a formação geral não deveria seguir isso, é uma contradição interna que a gente tem no curso, que é uma contradição justamente por a gente não saber a diferença entre Licenciatura e Bacharelado, que é um dos grandes problemas de quem entra no curso.

Não sabem porque ela não existe, pelo menos não aqui...

Adriana: Esse programa de pós em educação é em educação Matemática ou em ensino de ciências?

Guilherme: Educação científica e tecnológica que tem como uma linha de pesquisa Educação Matemática.

Adriana: E tem muitos professores que dão aula na Licenciatura e que atuam aqui na pós?

Guilherme: Só das disciplinas de Metodologia de ensino e Estágio.

Gabriela: Tanto é que a gente é apresentado para o Estágio só na quinta fase. Começa o Estágio I e tem a Metodologia, então só na quinta fase que a gente é apresentado a professores dessa área da Educação Matemática. Antes, como o Gui falou, é o pessoal do CED, então é aquela coisa teórica.

Lara: E é uma matéria por semestre só.

Adriana: Então não são professores da Matemática, são da Educação.

Emanuella: Alguns até são licenciados em Matemática e aí voltaram sua pós para a Educação e foram para lá. A gente pode pegar disciplina de qualquer outro curso se não encaixar o horário com a da Matemática. O professor é formado em Biologia, ele tá dando aula para a turma de Biologia, mas alguém da Matemática

vai lá fazer, acaba tendo um conflito, eu não acho isso certo.

Gabriela: Aí a coisa do curso a gente começa a ver só na quinta fase e no Estágio I, que é só para ir para escola e observar como funciona, a gente não atua como docente ainda, só faz observação.

A Prática como Componente Curricular (PCC)

Emanuella: O professor passa uma atividade para o aluno resolver e apresentar para a turma, como se fosse dando uma aula, resolvendo um exercício para turma, explicar o porquê disso, o porquê daquilo.

Gabriela: Depende do professor, aí tem Análise do livro didático, essas coisas assim.

Elídio: São bem pontuais porque nem todos os professores adotam isso.

Gabriela: Não é toda matéria que tem também, eu acho.

Emanuella: A matéria tem, mas o professor manda tu fazer o resumo de um livro qualquer, que não tem nada a ver com o conteúdo dele e isso é o seu PCC, isso é uma nota que vai agregar, não é nem nota, as vezes eles fala: “ah, vai valer um ponto na prova”, aí ele faz

a prova valendo nove e aquilo valendo um ponto e eu, claro, isso ajuda muito a gente a passar na disciplina, mas eu não acho que isso seja o correto, não é esse o propósito da PCC.

Elídio: Até porque tem professores também que usam a PCC como resolução de exercícios, então não é nem voltado para isso, entendeu? Ele seleciona alguns exercícios e então vocês têm que fazer isso daqui, como ela mesma falou, isso daí ajuda em nota de prova, então não seria prática, seria meramente uma resolução de lista de exercício.

Emanuella: Não é uma prática pedagógica, porque fazer um resumo ou fazer uma lista de exercício não é prática pedagógica, é prática de exercício.

Lara: E mesmo nas matérias de educação, eu estou fazendo uma agora, Organização Escolar, e a gente tem PCC de 18 horas e então ela dá 18 horas pra gente ir na escola ver como é que funciona, só que a gente não faz absolutamente nada além de olhar a escola e perguntar para os docentes de lá como é que funciona, para o diretor... a gente não tem contato com os alunos e não tem nenhuma prática mesmo, tipo vê como que funciona só que de

Como se, de alguma forma, não soubéssemos o que acontece na escola. Isso é ignorar os mais de 10 anos que vivemos nesse ambiente

perto, então é isso, isso mesmo em matérias da educação, a gente não tem.

Discussões sobre conteúdos da Educação Básica

Guilherme: Há, Dependendo do professor e da metodologia.

Gabriela: Depende do professor, eu, o Gui e o Elídio tivemos a sorte de fazer com uma professora que colocou isso em discussão, então a nossa metodologia eu considero que foi muito boa, mas tem casos de colegas meus que fizeram antes com alguns professores que não foi. Era aquela coisa: apresenta a metodologia, a história da Matemática é uma metodologia, vamos ver como é que funciona isso daqui. Mas nós tivemos a sorte de fazer com um bom professor que apresentou, mas só nessa matéria também porque as outras matérias que eu fiz da Educação, no caso que cai para Matemática aqui que são os Estágios, é como se eu tivesse entrado e saído e não tivesse acontecido coisa nenhuma.

Elídio: Exceto o meu caso também que eu fiz Laboratório de Matemática II com uma professora que era licenciada e ela pegou todo o Laboratório para fazer Análise de livro didático.

Gabriela: Então é assim, tem muito do professor que você vai pegar.

Guilherme: É que a proposta do Laboratório II foi criada por um professor que era o esposo da [REDACTED], a ideia era de você naquele momento abordar projetos de ensino da História da Matemática. Só que era só ele e ele morreu e a disciplina continuou.

Elídio: É, a única que manteve foi a [REDACTED], depois disso mais ninguém porque tem professor que está usando o Laboratório para completar horas. Eu não estou dizendo que está fácil, eu estou dizendo que tem gente utilizando isso para dar reforço, é quase que uma introdução para Cálculo, então foge totalmente do escopo da disciplina.

Lara: A gente teve a disciplina de Laboratório que tem bastante isso, que a gente pega questões do Ensino Médio e resolve na sala de aula e depois começa estudar lógica, mas antes disso só questões de Ensino Médio que a gente resolve, ela é uma disciplina pra você aprender a como resolver questões do modo certo, como você escreve questões de Matemática, então eu acho que só isso.

Guilherme: Eu acho com o que a gente está falando de Laboratório que a gente

uma formação que depende da sorte???

o compromisso é com a formação do outro ou com a carga horária, senhor professor??

Acho que a questão nem é ter uma unicidade Guilherme, o que de certa forma é bom porque pode ser uma forma de tentar atender a demanda da turma... O que falta, para mim, é a clareza de que o contexto é de formação de professores para a educação básica

percebe que essa disciplina não tem uma unicidade, apesar de ter uma ementa.

Exatamente o que eu acabei de comentar! A Álgebra tem clareza porque é a Álgebra pela Álgebra. Agora Laboratório, para que serve mesmo??

Emanuella: Não tem base, o professor chega e faz o que quer, cada professor tem uma interpretação diferente do que deve ser aquilo ali e cada um faz o que quer, então não é igual uma Álgebra que tem que passar do começo ao fim, agora Laboratório não, é meio que vago.

Sobre práticas docentes

Guilherme: Tem muito professor que não quer ser professor e quer ser pesquisador e usa a disciplina de Laboratório para completar horas de ensino.

Elídio: Sim.

Gabriela: E deixa bem claro isso para gente no início do ano, no início do semestre. A gente tem que escutar essas coisas aqui, por exemplo, eu também já estudei com um professor que ele falou que não sabia porque que tinha aluno na universidade, que ele queria ficar na sala dele fazendo pesquisa. Para alunos da Licenciatura, num curso de Licenciatura? Se eu tivesse na matéria de um Bacharel até ia, tudo bem, mas assim, eu estou aqui

Isso é vergonhoso! Não vejo possibilidades de usar as denominações de professor ou pesquisador em situações como essa

Um ato de violência! Uma forma de silenciar o outro. Ignorar sua presença

Não Gabriela, nem nessa situação isso seria aceitável, uma vez que essa fala vem de um docente e esse cargo só existe porque há alunos na universidade

para ser professor também e é isso que eu estou escutando de um professor?

Emanuella: Acho que o que mais intriga é que tem muito professor que é formado em Bacharelado e voltado para pesquisa e vem dar aula para Licenciatura e ele não quer dar aula, ele não vai me ensinar a dar aula. Eu preciso de professores licenciados que me ensinem a dar aula e que me dêem exemplo; o exemplo que a gente tem é isso aí, um professor que chega e: "Ah, hoje eu não vou fazer nada!" Fica olhando três aulas para cara dos alunos sem fazer nada!

Precisamos de professores, de profissionais éticos, comprometidos e responsáveis

Gabriela: São exemplos que a gente não quer ser.

Elídio: Tem exemplo muito bom, mas tem exemplos muito ruins também.

Lara: A gente tem professores que são fantásticos, a gente fala: "nossa, eu quero muito ser como esse professor".

Gabriela: Eu quero ser professor porque eu quero ser assim!

Lara: Mas tem uns que são desanimadores, você ainda tem que ir na aula do cara porque ele vai cobrar presença e você tem que ficar lá assistindo uma coisa que mais te atrapalha do que te ajuda.

Elídio: Eu já mudei minha grade de horário por causa de professor que eu não queria de jeito nenhum ter aula com ele.

Guilherme: Eu já pedi para cancelar disciplina por causa de professor.

Sobre a profissão professor

Elídio: É que na verdade eu acho assim, uma coisa que esbarra, que está todo mundo meio pensativo e pensando no futuro é que a profissão de professor hoje em dia não é atrativa. Ninguém se forma aqui achando que vai ter reconhecimento; se for trabalhar na rede pública vai pegar escolas com péssima manutenção, com falta de tudo que possa imaginar, salário baixo, governo aí querendo enfiar uma PEC que vai congelar o investimento em educação por 20 anos, então tudo isso afeta diretamente as perspectivas que cada um tem aqui dentro do curso. Eu vou me formar professor, vou atuar numa área que primeiro não é reconhecida, professor é sempre o culpado, não tem retorno financeiro, não sei o que vai acontecer no futuro. Todo mundo pelo menos espera, quando se formar, quando vier trabalhar, ao longo da carreira ir galgando alguns degraus e com isso ter

reconhecimento e a remuneração devida, mas a maioria da gente aqui não sabe se isso vai acontecer, então acho que isso também afeta diretamente. É o que eu falei, quando eu fiz vestibular, professor era uma segunda opção, trabalhar durante o dia e de repente a noite dar aula, então eu acho que muita gente pensa nisso também, tem essa preocupação porque não sabe como que vai ficar, o que vai ser da profissão de professor daqui para frente.

Guilherme: “Você trabalha ou só da aula?”.

Lara: E outra coisa muito complicada aqui no curso é que a galera da Matemática, muita gente entrou porque não passou em outro curso e a Matemática é muito fácil de passar, então a galera vem para cá totalmente desvalorizando o curso e isso acaba influenciando muito todo mundo que está ao redor. A pessoa não faz nada pelo curso, não está absolutamente nem aí com os professores que tem; é um descaso total com o curso e acho que isso acaba influenciando até os professores que não estão totalmente focados em dar aula. Na primeira fase tem muita gente e a partir dela que passa uma peneira no curso e acaba

Isso significa abrir mão de um tempo da nossa vida, não se trata de só cancelar uma disciplina

Parece que essa é a vida para além dos muros da universidade, ele não fala sobre como isso é discutido dentro do curso, se é que há essa discussão...

Depois de ouvir tantas histórias também fico me perguntando sobre isso. O que acontece que a gente não desiste? Mas eu acho que tem muita gente que desiste sim, só que eles não estão mais aqui para contar...

restando as outras pessoas e eles têm muito mais interesse em pegar matérias nas fases mais avançadas do curso do que no começo porque no começo tem muita gente que não está nem aí para o curso e isso é muito complicado. Acho que é no começo que você mais precisa de incentivo para continuar porque é um curso muito difícil de continuar.

Gabriela: Eu não sei como que eu continuei.

Elídio: É o que todo mundo fala, a Matemática é relativamente fácil de entrar, mas muito difícil de concluir.

Os momentos iniciais

Gabriela: A gente chega e dá um baque, Ensino Médio é uma coisa aí você chega aqui... nossa! eu lembro a primeira prova que eu fiz, eu estava achando que tinha arrasado e foi três, eu achei que eu tinha estudado muito.

Emanuella: Mas é com todo mundo assim, é um padrão!

Gabriela: Então não tem esse apoio sabe. Quando a gente entrou teve o pessoal do PET, eles foram falar com a gente, mas eu não sei, a gente chega aqui imaginando uma coisa e é totalmente outra, eu sofri muito no meu primeiro semestre, agora eu fico

pensando não sei como que eu continuei, passei nas matérias! Passei, mas passei daquele jeito.

Lara: Não me lembro de nada da teoria.

Gabriela: Não, alguma coisa a gente lembra, mas os semestres seguintes vão passando, vão passando e gente vai, meu Deus, a gente só estuda e a gente está aqui na universidade, a gente só faz o curso de Matemática, a gente não consegue fazer nada além disso, se eu pegar uma matéria de fora eu não vou dar conta das daqui de dentro, então eu estou aqui na universidade presa no curso. Eu já deveria ter me formado no início do ano e não consegui fazendo matéria só de Matemática. Eu não consegui aproveitar o resto das coisas da universidade, então eu não sei, a gente está aqui fazendo o quê, né? A universidade oferece muita coisa para gente, querendo ou não, oferece.

Guilherme: Esbarra num outro problema, na verdade não esbarra tanto, mas é meu, eu chamo o discurso do FI, ditadura do FI, porque eu sou alguém que eu odeio estar em sala de aula. FI é frequência insuficiente, reprova e ganha zero porque não foi na aula. Quem estuda comigo sabe que eu não vou a aula, mas eu chego e faço a

Mas porque a gente tende a aceitar essa situação como um padrão? O que a gente faz para mudar isso?

prova. Era constante: “eu vou te reprovar por FI, se você não vier na aula vou te reprovar, porque você tem que vir na aula”, aí chegava no colegiado de curso tinha esse discurso: “esse pessoal que não vai para as aulas não está utilizando o espaço da universidade, o que a universidade oferece”, mas estava eu lá fazendo dois grupos de pesquisa, fazendo atividade de extensão, fazendo um monte de coisa enquanto alguns diziam que era para eu estar na sala de aula, ou seja, tem toda uma questão assim de que é totalmente centralizado em sala de aula. A gente entra no curso e a gente não aprende a estudar porque a aula é para você assistir aula, agora estudar é outra coisa, a primeira fase do curso é aquela fase que você vai ter que aprender, praticamente sozinho, como é que tu vais estudar dali em diante. Eu tive o meu primeiro dois em Geometria porque eu fui lá na festa e tomei um porre, foi aquele dois e: meu Deus, O que eu vou fazer aqui agora? Eu falei não, vou sentar e vou começar a estudar, não fui mais para aula porque não me ajudava, parei de ir na aula e passei, fiz recuperação de Fundamentos

⁶⁷A sala que estávamos tinha muitos mofos pela parede e devido ao barulho emitido pelo

e tirei 8,5, passei em Geometria com 8 e 9, então não fez mais sentido ir em sala de aula. A questão é que em um curso de Matemática em algum momento você tem que aprender a ser autodidata porque senão você não consegue passar.

Elídio: E os professores pregam isso, que você tem que ser autônomo.

Guilherme: Isso, e se é para ser autônomo porque a gente vai para aula?

Sobre a infraestrutura da universidade

Emanuella: E uma coisa que a gente sempre fala é da estrutura precária de uma escola pública e a gente vai ter que lidar com isso, mas olha o nosso prédio, olha o que os nossos professores têm que fazer para lidar com isso aqui! Tudo bem, a maioria das aulas são no FI e lá é melhor.

Gabriela e Elídio: Agora!

Emanuella: Agora, até não sei quanto tempo atrás o curso era todo aqui e meu Deus, olha essa sala⁶⁷, então começa aqui o problema na estrutura, assim como na rede pública o problema é a estrutura, como é que um professor vai

Porque parece que não há um entendimento nem sobre ser autônomo e nem sobre o que é aula!

As discussões que envolvem nossa formação vão além do saber/gostar de matemática

aparelho de ar condicionado era impossível deixá-lo ligado durante nossa conversa.

É as condições de trabalho? Ela cita o incômodo do aluno, com toda razão, mas e o professor? Ele também sente calor!!! Os dois não conseguem concentrar desse jeito

dar aula para um aluno que não pode ir de bermuda e short num calor de 40º sem nenhum ventilador na sala de aula?

Isso para mim é impossível, eu não consigo conciliar, e aqui não foge muito disso, o ar condicionado se você liga, você não consegue dar aula de tanto barulho.

Elídio: E quando chove é a pingadeira.

Emanuella: É, quando chove, chove dentro das salas, os corredores ficam todos alagados.

Guilherme: Quando chove, chove mais dentro do CFM⁶⁸ do que fora.

Emanuella: A gente pega mais chuva aqui dentro, fora que a noite meu Deus!

Lara: É medonho.

Emanuella: Parece que você está numa cadeia, porque você olha para um lado é uma grade, você olha para o outro é fio para fora, não sei, começa aqui o problema.

Gabriela: E aí parte para administração também porque em muitos outros cursos, por exemplo, acabaram de construir um prédio aqui do centro de comunicação e expressão, negócio 3D e não sei o quê, gente eles compraram até

grama para colocar, eu fiquei chocada! É caro grama! Está tudo decorado, tem até coqueiro e a gente está aqui; tem sala que não tem nem mesa direito, as mesas dos professores estão quebradas.

Emanuella: E uma coisa também, os professores daqui não se importam muito; o CED parou há um tempo porque eles estavam reclamando do prédio deles. O nosso nem é prédio porque ele é todo térreo e eles estavam reclamando do deles e eu falei: meu Deus, eles estão reclamando do quê?

Gabriela: Lá é precário também.

Elídio: Lá é precário também, mas eu estou te falando que acontece que eles lá são mobilizados, aqui o pessoal da Matemática...

Emanuella: Isso que eu estou falando, o pessoal da Matemática é só muito: vamos estudar, vamos estudar, vamos estudar que tem que se formar e virar mestre em Matemática e fazer pesquisa e não sei o quê! E ninguém pensa nisso, ninguém pensa que hoje é a gente aqui, mas sei lá, daqui a vinte anos pode ser o meu filho vindo para cá.

Gabriela: E pode estar esse prédio ainda.

Alienação. É isso que também se ensina quando eles pensam estar ensinando apenas matemática

⁶⁸ Centro de Ciências Físicas e Matemáticas

Emanuella: Vai estar esse prédio aqui ainda.

Elídio: Esse prédio do curso de Matemática foi feito como um prédio provisório até construir um próximo.

Emanuella: É, e ele existe desde que a UFSC foi fundada.

Elídio: Um pouco depois, ele deve ter uns 40 anos. A UFSC está com 53 anos, então deve ter uns 40 anos esse curso.

Emanuella: Era provisório! Então, para 50 anos isso aqui devia ser demais, mas hoje em dia não acompanhou a evolução das coisas.

Elídio: É, tem uma grande vantagem, a gente pode modelar uma função e calcular a população de mofo que está crescendo!

Sobre projetos

Lara: Tem PIBID, tem PIBIC, tem PET, tem LEMAT⁶⁹, tem um monte de coisa na verdade, mas... eu fiz o PIBID.

Gabriela: Eu participei do PIBID e eu era também da Olimpíada regional de Matemática e do PET. A olimpíada é uma parte da Matemática diferente, muito legal, o aprendizado fica muito

bom, a convivência com os outros colegas ajuda muito. Agora o PIBID, para mim, no modelo que está aqui no curso de Matemática é um dinheiro público jogado fora. O modelo é de você ir para escola e ficar lá sentado durante 8 horas semanais, então você vai hoje 4 horas e depois 4 horas e fica a cargo da escola, eu trabalhei numa escola, num período que eu realmente ficava junto com os alunos, aquele semestre valeu a pena, os outros não, eu só ficava lá as minhas horas e no final do mês o dinheiro entrava.

Emanuella: É tipo um atendimento, um apoio, você vai lá e fica disponível e o aluno vai quando ele tem dúvida, a maioria dos colégios é assim e os alunos não vão.

Gabriela: Esse que os alunos iam era porque eles eram obrigados, porque pegava realmente quem precisava e eles tinham que ir, eles iam ganhar uma notinha no final, tudo é questão de trocas.

Emanuella: E o maior problema dessa coisa de ser obrigado é porque o aluno vai sem querer fazer nada: obrigado a gente não gosta de fazer as coisas.

Não se trata de apenas ter o projeto, o PIBID não se faz apenas pela verba que é investida nele

⁶⁹Laboratório de Estudos de Matemática e Tecnologias

O interesse também precisa existir de todas as partes: professores e alunos

Franciele: O coordenador do PIBID até motiva os alunos a fazer: “você estão indo para a escola e não estão fazendo nada! então vão lá e criam um projeto qualquer!”, mas as pessoas não se interessam e ele também não, ele não ajuda, o último projeto que ele fez agora é um projeto de leitura que você tem que ler, resumir um livro e apresentar.

Gabriela: E ele nem dá aula também.

Lara: Não tem muita moral para dizer o que a gente deve fazer.

Franciele: Ele não vai às apresentações, não é um projeto que está ligado com a escola, é uma coisa inútil para mim, eu também percebo assim o PIBID.

Elídio: A minha experiência foi diferente do pessoal, na escola que eu fui eu era o único representante da UFSC lá do PIBID e eu tive apoio total, a diretora de lá foi professora aqui, formada aqui na UFSC. Os alunos iam de boa vontade, não eram obrigados a ir, então assim, foi uma relação muito boa com os alunos e o pessoal da escola sentiu que os alunos aproveitaram bastante o período que eu estava lá. Mas o meu caso foi um caso a parte, porque eu ia para lá e eu não tinha tempo para nada! Da hora que eu chegava até a hora que eu saía eu tinha aluno, saía um grupo e entrava outro,

sempre tinha aluno disponível com vontade de estudar, não eram muitos, mas sempre tinha um grupinho de alunos dispostos a estudar.

Guilherme: O meu caso também pode ser considerado exceção, porque eu ia no PIBID do colégio militar e lá a demanda é muito grande, só que a questão é o seguinte, não era apenas o nosso supervisor do PIBID que me ajudava, ajudavam também a coordenação do colégio, a orientação profissional, a supervisora do colégio, tinha reunião com o diretor, ou seja, um monte de coisa assim e lá a gente desenvolveu um projeto de recuperação de estudos, de como é que a gente conseguiria recuperar os estudos da sala de aula de uma maneira diferente nesse ambiente de contra turno, mas assim, foi lá, não teve apoio nenhum do coordenador.

Gabriela: Tem que ter apoio dos dois lados, aqui a gente não tem apoio, aí chega numa escola que não tem apoio também e tu não sabes nem pra onde ir. Eu fui bem recebida nas escolas que fui, mas tem casos que tu não podes nem ficar na sala do professor, porque o professor não quer! Então você não tem nem onde ficar, você fica lá sentado

*É triste, mas
ela pareceu
bem sincera*

num canto enquanto espera, ou eles abrem uma sala para tu ficar lá esperando seus alunos para monitoria. Então se não tem motivação de um lado e não tem de outro, mas no final vai cair o dinheiro para todo mundo, para o coordenador aqui, para mim e para o coordenador de lá, está tudo certo, ninguém se incomoda e está tudo bem.

Emanuella: Eu estou no segundo colégio do PIBID e no primeiro foi extremamente estressante porque o diretor que também é formado aqui em Matemática, é o coordenador, ele é uma pessoa que ele tem que arranjar alguém para culpar.

Lara: A gente fazia junto, inclusive.

Emanuella: Eu falava: “professor, um aluno me desrespeitou!” e ele: “eu não posso cuidar disso, eu tenho 500 alunos” e saía, como se eu tivesse que resolver! Bom, eu não tenho o salário dele e eu não sou paga para resolver problema de aluno mal-educado. O que mais acontecia era isso, eu fiquei um ano e meio mais ou menos lá e foi estressante, foi o pior período da minha vida.

Lara: E a gente tinha uma carga horária que era muito maior que o tempo normal, a gente tinha que fazer 4 listas

de exercícios por semana para uma turma, daí para outra você tinha que fazer mais 4 e a gente pegava turma do Fundamental I e era pior ainda porque a gente tinha que inventar jogos, comprar coisas com o nosso dinheiro...

Emanuella: O coordenador daqui não se envolve no que tu fazes dentro do colégio, ele te manda para o colégio.

*Então ele
coordena o
quê?*

Gabriela: Só no final do ano que ele te pede um relatório.

Emanuella: No final do ano ele obriga a gente a fazer um relatório, aí se você não vai ao PIBID o ano todo e o seu supervisor do colégio não o avisa, ele não sabe, então é basicamente isso, teve casos já.

Guilherme: E teve caso que a gente marcou reunião para ele ir e ele não foi, então agora a partir desse momento a gente vai fazendo reunião só entre a gente na escola. É que o PIBID se tornou a bolsa de permanência no curso de Matemática, principalmente porque o nosso curso tem uma evasão muito alta e como a universidade não oferece essas bolsas... Então as bolsas se tornaram uma coisa para pessoa não precisar trabalhar, mesmo eu com bolsa tive que trabalhar para me sustentar,

*Pelo menos
eles não
desistiram
de fazer as
reuniões*

minhas turmas eram de 80h para dar conta de tudo.

Adriana: E as atividades que são desenvolvidas no PET, são voltadas pra Licenciatura também?

Lara: Para os dois, eles dão aula no Gauss, é um cursinho que tem aqui, preparam atividades para as Olimpíadas, é mais para a Licenciatura do que para o Bacharel.

Guilherme: É tudo interno, Iniciação Científica, Seminário.

Gabriela: É tudo interno, só para quem participa de lá, eles promovem toda semana uma palestra com algum professor que a gente até pode ir, mas quem vai é quem está no PET porque é um horário ruim, por exemplo, meio dia. Então quem vai é só quem está lá e é obrigado a ir. Às vezes, se é um professor que tu gostas e o assunto te interessa você faz muita força e vai, mas eu só ia quando precisava mesmo, depois de lá nunca mais fui.

Lara: Eu já fui a uma palestra lá.

Elídio: Eu já fui, mas em poucas também.

Adriana: Vocês falaram que tem o Lemat, é um laboratório de ensino de Matemática?

Lara: Mas eu não sei o que eles fazem direito lá não, sei que é uma biblioteca cheia de livros.

Emanuella: É o mesmo coordenador do PIBID, só para deixar claro.

Gabriela: A ideia é ser um espaço para as escolas virem para cá, por exemplo, tem jogos, tem figuras geométricas e vários materiais, eu acho que quem está lá tem que preparar algumas oficinas. É para escola vir pra cá, o contrário do PIBID, acho que também tem dois bolsistas, no máximo, mas do tempo que eu estou aqui não sei quantas escolas vieram.

Elídio: Na maioria das vezes eles levam os jogos daqui, ao invés de trazer para cá, poucas vezes eu vi trazendo alunos para cá, na maioria das vezes vi o pessoal daqui levando coisas para as escolas.

Parece que o fluxo sempre acontece mais nesse sentido da universidade para escola

Emanuella: Eu acho que devia ter mais divulgação quando o colégio vem, se a escola está vindo vamos chamar alguns alunos para interagir com as crianças, acho isso importante.

Adriana: E além do Lemat, que você falou que é pouco divulgado, o PIBID, o PET, essas coisas tem uma divulgação amplamente no curso?

Lara: O PIBID e o PET têm porque muita gente faz parte, mas o PIBIC, por exemplo, eu conheço uma bolsista do PIBIC no curso inteiro.

Emanuella: Eu nem sabia que tinha PIBIC.

Franciele: Às vezes tem alguma vaga que aparece no mural, vaga de PIBIC para tal área com tal professor.

Lara: E o PIBID também é de um dia para o outro que você tem que se inscrever, em todos os editais que teve até agora, eu já estou há quatro semestres aqui, todos abrem uns 4 dias antes e eles só mandam no fórum da graduação um dia antes.

A relação com os docentes

Lara: Com os professores não tem relação nenhuma, a gente não dialoga nada com eles, tipo nada, nada, nada!

Emanuella: Salvo exceções que são os professores que viraram nossos amigos fora de sala de aula.

Lara: Fora isso a gente chega até ter um medinho de falar com professor, de tirar dúvida e o professor chegar e falar tipo assim: “Você não sabe isso? Como tu estavas na minha aula há muito tempo?”.

Gabriela: Vai muito da pessoa, tem pessoas que são mais fechadas e tal, mas eu tive boas experiências com professores, tanto que a gente morava para o mesmo lado e ia pra casa junto, conversando sobre outras coisas que não tinham nada a ver com o que estava aqui dentro, mas acho que a maioria dos professores colocam um medinho na gente.

Guilherme: Todas as vezes que eu fui falar com um professor fui bem recebido e todas essas vezes foram poucas porque justamente com alguns eu não queria falar nada.

Gabriela: É que tu tens medo de chegar e de repente falar alguma coisa que tu não sabes o que tu vais receber, eu prefiro ficar com a dúvida às vezes do que ir lá e a pessoa me responder assim: “ah, isso é trivial”.

Emanuella: Teve professor que riu da cara de um aluno na aula porque ele perguntou um negócio bem do início do conteúdo daquele dia e ele não tinha entendido e o professor começou a rir da cara do aluno na sala! E eu pensei: “qual é a tua? tu és professor! Tem que tirar a minha dúvida, se eu tiver dúvida na continha de mais e menos você tem que me explicar”, acho que os

Acho que o medo é um dos piores sentimentos em uma relação de ensino e aprendizagem, pois ele te paralisa

Se não há o diálogo é difícil imaginar que possa haver qualquer outro tipo de relação

Mais violência!

professores aqui são muito nariz empinado, a grande maioria, uma dúvida é básica para eles com o que eles têm de conteúdo, mas pra gente não é.

Gabriela: Mas isso se propaga aqui, por exemplo, a gente discutiu muito isso em Metodologia com a nossa professora porque a gente fala assim: “ah, eu faço Matemática!”. Mas isso não é ser mais do que qualquer outra pessoa. A Fran falou que queria fazer História, coloca uma pessoa de História e aí você fala que faz Matemática: “ah, Matemática!”. Então isso vai se propagando e a gente olha aquilo no professor, acha feio, mas a gente leva para nossas vidas em relações com as outras pessoas também, não do jeito que eles fazem, mas a gente leva, é real.

Sobre o acolhimento

Adriana: E vocês acham que tem algum trabalho em termos de acolhimento porque há uma evasão grande, como todos os cursos de Licenciatura, mas vocês percebem algum trabalho dos professores em relação a isso, para auxiliar os alunos?

Lara: Dos professores não.

Elídio: Isso aí eu acho que é particularizado, cada professor tem um

jeito, mas são alguns professores que tem essa preocupação de acolher o aluno e tentar ser mais agradável, tentar melhorar. Alguns professores já mudaram até a conduta deles em sala de aula, já estão mais flexíveis, são mais comunicativos, estão tentando melhorar e mudar alguma coisa na aula para se tornar mais atrativa. Então eu vejo que tem alguns professores que estão com essa proposta, estão tentando fazer isso, mas são poucos.

Franciele: Eu tive um na primeira fase que ele só estava preocupado com a pesquisa dele, dava aula porque era obrigado, a aula era horrível, eu passei, mas...

Emanuella: A gente tem bastante relato de professor que se coloca no lugar do aluno, nesse caso esse professor se formou aqui e fala na primeira aula: “olha galera, eu já estive no lugar de vocês, eu tirei nota baixa na minha primeira prova, mas eu não desisti, eu continuei”. Isso até tem, não sei se o professor se põe mesmo no lugar porque ele passou por isso. Tem professor que já chegou a universidade e que era um crânio, que sabia tudo, que nunca teve dificuldade e que nunca tirou nota baixa, então acho que esses

Mesmo sendo poucos, acho que o importante é que exista esse tipo de atitude

professores que fizeram universidade aqui e que tiveram essa dificuldade no começo, esses se põem bastante no nosso lugar, eles tentam, não desistem.

Gabriela: Mas acho assim, os alunos tentam motivar, a gente tenta fazer com que as pessoas permaneçam apesar de alguns não terem muito contato. Eu, por exemplo, não conheço meus calouros, o que eu conheço do pessoal que entrou depois é por causa do PIBID. Então acaba meio que por si só, tu estudas sozinho ou com teu amigo.

Elídio: Uma coisa que eu também noto no curso aqui, que é diferente da Engenharia, é que o pessoal da Matemática, nesse ponto, é mais unido, não tem aquela disputa de ser melhor. Tem alguns que são assim, que querem disputar, parece que vão ganhar uma estrelinha no final do curso. Tem alguns que vão por essa linha, mas a maioria dos alunos acho que se apoiam, se ajudam.

Gabriela: Trocam materiais, acho que isso é bacana.

Elídio: A Matemática tem essa coisa boa dos alunos.

Emanuella: Eu acho que o mais bacana é quem já está aqui passar a experiência para quem está entrando, porque quando eu era caloura não tive nenhum veterano que chegou e... O que mais ajudou foi o Gui.

Lara: Que era presidente do CA⁷⁰.

Emanuella: Eu e a Lara, a gente já teve uma proposta diferente, vamos ajudar quem está entrando depois da gente. A gente se ferrou quando entrou, mas não é por isso que a gente vai deixar eles se ferrarem e até hoje eu ouço eles falando que eles querem fazer isso com os calouros deles, então eu espero que isso continue porque ninguém aqui está sozinho, está todo mundo no mesmo barco.

Elídio: O problema é que você chega a determinada fase e não tem mais contato com o pessoal, com os calouros, os horários são completamente diferentes, então fica difícil de encontrar. Outro dia eu passei na sala, fui a secretaria, eu olhei e falei: “não conheço ninguém”

Gabriela: Eu não frequento CA, não por questão de não gostar é que quando eu entrei já fui trabalhar no PET, então a

⁷⁰Centro Acadêmico

gente cria outro vínculo. O pessoal do PET é muito só eles, tem essas divisões, apesar de a gente ser unido a gente é desunido, que o pessoal do PET é o pessoal mais inteligente...

Lara: Tem o pessoal do Cálculo e da Análise.

Gabriela: Tem o pessoal do CA que todo mundo fica falando que quem vai para o CA não estuda e agora tem da Atlética também.

Sobre discussões políticas

Franciele: Eu acho que o curso é bastante despolitizado, não é um ponto positivo, eu acho que não tem discussão.

Adriana: Como está essa questão das ocupações aqui?

Franciele: É por isso que eu estou falando isso, porque eu estou em sala de aula e algumas vezes eu ouço um aluno fazendo um comentário: “ah, esse pessoal que está aí fazendo baderna”.

Lara: Esse pessoal de Humanas.

Franciele: Falam que isso aí é besteira, que a gente tem que se preocupar em estudar, que a gente está aqui firme e forte estudando, não está fazendo

baderna como esses, pessoal reclamando que não consegue ter aula, um monte de coisa assim. E eu acho que isso falta bastante, acaba não tendo essas discussões na sala, professor não incentiva porque ele só está interessado em passar a matéria dele, aluno também não se interessa por isso porque está muito ocupado estudando, estudando pra passar.

Acho que essa é a política do curso: estudar para passar. Só não entendo qual o sentido disso...

Elídio: A carga horária dos alunos da Matemática é muito puxada.

Franciele: Acaba que você não tem nem tempo para pensar nessas coisas e aí passam os anos e a pessoa acaba não se interessando mesmo, esquece que existe uma realidade lá fora e se preocupa só com o próprio curso mesmo.

Adriana: Os alunos da Matemática de nenhum período estão participando?

Franciele: Eu estou em outras ali, no CCE⁷¹, no CED⁷², às vezes eu vou porque aqui não tem discussão sobre isso.

Lara: A gente até sabe quem são os alunos que são politizados dentro do curso, porque são muitos poucos.

Franciele: Às vezes até os próprios da educação não debatem essas questões,

⁷¹Centro de Comunicação e Expressão

⁷²Centro de Ciências da Educação

são só coisas mais teóricas sobre a educação e não levam essas discussões para sala.

Guilherme: Quando o estudante se pronuncia ele é intimidado pelos professores, tem intimidação, tanto é que em 2013 que foi um ano que eu também estava no CA, a gente fez um monte de coisa e dê-lhe intimidação de professor para cima de estudantes que estavam envolvidos, teve até nota aberta de professores contra alunos.

Gabriela: Eu vi, briga de dependurar a carta na parede, um escrevia a carta e colocava e ia respondendo na parede, ridículo!

Guilherme: Teve uma hora que a gente disse: “não, a gente não vai mais fazer isso, vamos parar de responder o professor”, porque pelo amor de Deus!

Emanuella: É porque no fundo é a gente que sofre, querendo ou não quem é da chapa, do centro acadêmico, se o professor é contra aquilo, ele pode chegar em sala e prejudicar o aluno. Ele não diferencia que o aluno fora da sala de aula não é aluno, então isso é pesado e a gente não tem força, imagina a gente discutir com professor, a gente vai reprovar e a gente depende disso.

Usar a autoridade para calar é uma forma de fazer política, não?

Guilherme: Eu já levei porta na cara de discutir com professor, já tive ameaça de professor assim e querendo ou não quando você se envolve com essas coisas tem gente do departamento que vem pra cima de ti, eu sabia o que vinha, então eu já esperava, pra mim vindo ou não vindo eu enfrentava e ele ia embora, porque eu não me deixava intimidar, não me deixava ameaçar, não deixava de fazer coisa nenhuma. Só que outros não, outros vão ficar com medo nessas situações, depende bastante da pessoa. Isso também é um fato dentro da comunidade dos matemáticos brasileiros, não tem uma cultura democrática, a SBM é a única que quis se posicionar a favor da MPE, o IMPA foi o único instituto nacional que não foi fechado durante a ditadura e apoiou deliberadamente o ditador, então a comunidade de matemáticos do país é uma comunidade absolutamente conservadora, ela não tem uma cultura de democracia.

Franciele: É feche os ouvidos e segue.

Gabriela: Essa PEC influencia tudo que a gente vai viver daqui para frente, nós como professores e ninguém fala nada, tudo bem que a única matéria que é fora da Matemática que eu estou fazendo é

Obrigada pela aula, de história e de postura, Guilherme!

Estágio, mas mesmo se eu tivesse em sala eu não sei se ele conversaria sobre isso. Então o que a gente faz aqui, eu leio e tiro as minhas conclusões, tenho prós e contras ou fico no meio que é tranquilo pra mim, mas chego a isso só pelo que eu pensei e discuti com pessoas aleatórias, não de discussão daqui da gente que está vivendo, que vai viver isso daqui pra frente.

Sobre o Estágio

Gabriela: O Estágio se divide em 3, o primeiro é só observação; tu podes escolher no Ensino Médio ou Fundamental, o segundo é Ensino Fundamental e o terceiro é Médio. Um semestre para cada um, daí nesse semestre a gente tem que fazer uns quatro meses de observação da turma, ver como que funciona a escola, os alunos, se preparar para a docência, os planos e tal, estudar o conteúdo também e aí dar aula. Geralmente são umas doze aulas e depois fazer um relatório, um para cada Estágio. Só que esse relatório não volta para escola, a gente faz aquilo lá, dá nota para os alunos e tchau, e é isso. Os Estágios que eu fiz não foram muito fortes no sentido de que eu fui bem desacompanhada do professor daqui, porque a gente prepara

aula e chega lá, se foi ruim o professor malha. O professor da escola até ajuda, o professor daqui quem fala foi ruim ou foi bom. Ele assiste algumas aulas, mas também não dá o apoio porque quando a gente vai para observação a gente não tem mais contato com ele aqui, por exemplo, os encontros que eram semanais não existem, então tu conversas por e-mail e coisa assim, mas não é a mesma coisa, tu vais planejando a aula. O planejamento passa pelo professor daqui e pelo professor de lá, tem que passar pelos dois, mas o da escola é mais tranquilo.

Elídio: Mas também depende do professor do estágio, eu vou descrever o que eu conheço, uma professora que age um pouco diferente, ela acompanha todo o semestre, os outros professores não fazem isso.

Franciele: A professora que eu peguei, em particular, ela me acompanhou bastante. Depois que terminou o Estágio a gente conversou, eu fiz as minhas avaliações, ela fez avaliação para mim, ela deu um retorno para professora também, foi ótimo nesse sentido, mas foi porque foi uma pessoa em particular, nem todos os professores são assim.

A escola tomada como um lugar de passagem, como se ela não fosse o nosso principal destino

Por mais professores assim!

Elídio: É como ela falou, até o primeiro ano dela, ela detestava Matemática e por força de um professor muda tudo.

Gabriela: Essa coisa de Estágio incomoda, eu não estou contente com o que eu vivi, essa experiência, hoje eu terminei os Estágios, terminei um agora inclusive, eu saí da aula detestando o que eu passei porque às vezes depende do professor que você pega e tem alguma ideia. Eu, por exemplo, não gosto muito daquela coisa de só passar o conteúdo no quadro e todo mundo copia e vamos fazer exercício e acabou, mas tem professores que tem que ser assim, se tu pensas uma coisa diferente não vai muito. Agora teve mudança no currículo que era a nossa esperança de alguma mudança, mas como falaram é majoritariamente o pessoal do departamento de Matemática, então as matérias de educação continuaram as mesmas, não teve mudança nenhuma.

Adriana: E vocês participaram da discussão desse novo currículo?

Elídio: Não.

Franciele: Teve aquela vez que a gente tentou levar uma carta para o colegiado e eles negaram a participação dos alunos na discussão.

Emanuella: Teve professor em prol disso, dessa mudança para o aluno sair daqui realmente como professor, mas era um professor no meio de 70 no nosso departamento? Sem voz nenhuma e os professores ficavam: “o que você está falando? Fica quieto!”.

Gabriela: É a gente que tem que dar opinião disso, do nosso Estágio, porque é uma correria, eu tive uma aula e eu consegui assistir uma aula do professor e na semana seguinte eu já tive que entrar em sala, então é uma semana para preparar as coisas e chegar lá e cair de paraquedas, é claro que fica uma aula ruim, tu não tens nem tempo de estudar direito o conteúdo, não é porque eu faço Matemática que eu tenho que conhecer, quando a gente vai ser professor, se quer ser realmente um professor, tem que conhecer o conteúdo para ver o que eles vão te responder também, e foi ridículo. Sem falar que tu és obrigada a fazer uma avaliação escrita, por exemplo, se eu não gosto de avaliação escrita, então tem que dar, enfim eu sou obrigada, eu tive que dar uma avaliação escrita e dar a nota.

Emanuella: Eu estou fazendo o Estágio 1 que é só observação e a gente faz o

Nessas condições, só se ele fosse o Super Homem!!! É rir para não chorar

Com que direito eles acham que podem nos privar dessas discussões? Até quando Skliar, seremos vistos como o outro maléfico, a ameaça eterna que deve ser contida, massacrada e colonizada, dentro do nosso próprio espaço de formação!

diário de bordo, a gente tem que fazer depois de cada observação, relatar o que observou, só que a professora não falou nada sobre os diários enquanto a gente estava nesse período e quando a gente voltou ela deu uma nota pelos diários de bordo e falou: “ah, você podia ter feito isso, podia ter feito aquilo...” e eu: “por que você não falou isso no meio do semestre?” Porque se eu faço uma coisa errada e ela me corrige eu passo a fazer certo e ela não me corrigiu, eu fui fazendo os diários considerando o que eu penso porque a gente não sabia o que tinha que fazer.

Adriana: Aqui vocês têm um colégio de aplicação, é onde acontece todos os Estágios?

Elídio: Alguns Estágios.

Gabriela: Só para os mais práticos funciona ali.

Elídio: Tem alguns professores que são mais práticos, tem outros que querem bagunçar um pouco, aí vão para fora.

Gabriela: É que o colégio de aplicação, comparado a outros colégios, meu Deus, é o céu, tem tudo na sala, os alunos têm um comportamento diferente.

Guilherme: Tem uma equipe pedagógica muito maior.

Emanuella: Eu fiquei impressionada, a gente tem que fazer o relato do que tem no colégio como um todo e eu fiquei assim abismada que tem clínica médica, tem oftalmologia, tem dentista. Eu achei tudo muito surreal a gente ter que fazer um Estágio ali, ter que praticar a nossa docência num colégio que não é a nossa realidade. Provavelmente a única vez que eu vou entrar no colégio de aplicação é quando eu estou no Estágio, a não ser que eu faça a prova e consiga passar, fora isso eu acredito que não tem chance.

Adriana: E vocês tem algum professor que atua aqui na universidade e atua como docente lá no colégio de aplicação ou não?

Elídio: Não, mas eu acho que isso deveria acontecer, principalmente com os doutores, deveriam voltar para escola não só para ter a realidade, mas para promover mudanças, ver os problemas da escola.

Gabriela: Até porque quando a gente se formou na escola era uma escola, agora quando a gente se formou na faculdade vai voltar para escola como professor, vai ser outra escola.

Estou tendo a impressão de que o caminho da pós-graduação é contrário ao da escola. Quanto mais eu caminho em uma direção, me afasto da outra, quase que definitivamente...

Falar em voltar para a escola dá a impressão de que

ela continua lá do jeito que estava... ela não permanece a espera de um retorno. E certamente aquele

que volta não é o mesmo, então

porque agir como se fossem os mesmos: ele e a escola? Que mudança essa permanência quer

provocar? Ou melhor, que

permanência essa insistente

mudança para continuar vendo

as coisas do mesmo jeito

interessa provocar?

O encontro na Universidade de São Paulo

No dia 22 de novembro de 2016 cheguei pela manhã na cidade de São Paulo para realizar a entrevista no período vespertino com os acadêmicos da USP – Universidade de São Paulo. Meu contato nessa instituição foi com o professor David Pires Dias por intermédio do meu colega de trabalho Marcio Silva. David foi bastante solícito e se dispôs a conversar com os estudantes para organizar o grupo de forma que houvesse representantes não só de diferentes períodos como também dos dois turnos: diurno e noturno. Além disso, ele teve a gentileza de reservar a sala de reuniões do Departamento de Matemática para a realização do encontro, como também marcar um horário com os estudantes que me permitisse chegar ao aeroporto com antecedência, pois no início da noite do mesmo dia eu já estava com viagem marcada para Belo Horizonte.

Eu não conhecia a USP e quando cheguei lá entendi melhor o porquê da expressão cidade universitária, nós falamos assim na UFMS, mas é uma outra ideia de cidade. Apesar de ter ido diretamente para o prédio do Instituto

de Matemática pude perceber a dimensão gigantesca da universidade até chegar nesse local. Conforme combinado com David, me dirigi até a secretaria do Departamento de Matemática, me apresentei e fui encaminhada até a sala de reuniões. Um local bastante amplo, com cadeiras confortáveis e uma grande mesa oval. Um espaço excelente para a nossa conversa. Organizei meus gravadores, meu bloco de anotações e minutos depois os estudantes chegaram. Em princípio apenas quatro acadêmicos apareceram; como eu disse a eles que a ideia seria reunir um grupo de seis pessoas, dois deles saíram a procura de mais estudantes que estivessem ali pelo prédio e pudessem participar da entrevista. Alguns minutos depois, Enrico e Kevin retornaram com Gustavo, que já havia concluído o curso no semestre anterior, mas estava por ali e se dispôs a participar de nosso encontro. Assim, com um grupo de estudantes de diferentes períodos, iniciamos nossa conversa que durou aproximadamente uma hora.

Esse foi o encontro com menor duração, o grupo não me pareceu disposto a contar muito sobre suas

vivências. Suas colocações, na maioria das situações, limitavam-se aos meus questionamentos. Em nenhum deles eu percebi um entusiasmo pela Licenciatura, apesar de dizerem que pretendem atuar como professores. Percebi também a necessidade de ressaltarem que têm e/ou tiveram bons professores, que aqueles que trabalham especificamente com a Licenciatura se interessam por essas discussões.

Após finalizar o encontro fui até a sala do Professor David para conversarmos e ele me disse que pediu ao representante discente do centro acadêmico que entrasse em contato com os estudantes para que o grupo fosse bastante heterogêneo e para que não estivessem presentes apenas aqueles alunos que são mais próximos dele. Não sei ao certo se esta informação é relevante para a minha pesquisa, mas como essa foi uma preocupação de David, julgo ser importante compartilhar com você, leitor.

Apresentado o cenário, passo para a exposição de nosso encontro.

Os estudantes

Eu sou **Cleber Ribeiro** e estou no sétimo ou oitavo semestre da graduação. A ideia surgiu logo no Ensino Médio, eu já queria ser professor desde sempre porque minha família foi rodeada por professores, sejam meus avós, meus pais e então na minha cabeça eu já ia seguir carreira acadêmica. Durante o Ensino Médio eu tive algumas experiências com o ensino que foram projetos voluntários: eu dava aula de Inglês e de Matemática nos períodos extraclases. Também durante o Ensino Médio eu nunca consegui aquela medalha da OBMEP⁷³ e isso era uma coisa que me incomodava muito, todo ano eu tentava e ganhava somente a menção honrosa. No último ano minha professora de Matemática fez um grupo só de alunos voltados para OBMEP e foi quando eu consegui a medalha e então caiu a ficha de que eu tinha escolhido a carreira certa: seguir a área de Matemática.

Meu nome é **Alice**, eu deveria estar no oitavo período, pois eu estou na faculdade faz oito semestres. Eu estava em dúvida entre duas profissões, só que uma delas precisava de diploma e a

⁷³ Olimpíada Brasileira de Matemática das escolas públicas

outra não, então fui fazer a que precisava que era ser professora de Matemática. Eu achava a ideia de ser professora muito legal e a coisa que eu gostaria mais de ensinar era Matemática porque eu achava que as pessoas viam a Matemática de um jeito que eu não via e eu queria que elas vissem da forma que eu via. Eu quero ser professora, não é minha única opção de vida, mas é a primeira, com certeza.

Meu nome é **Kevin**, eu sou do segundo semestre e comecei esse ano mesmo. A minha inspiração foram os meus professores, eu via que eles tinham uma profissão importante e achei que eu devia seguir em frente nessa profissão e quero ser professor.

Eu sou o **Gustavo**, me formei semestre passado. Escolhi meio que por acaso, eu tinha três opções em mente de carreira que eu tentei: Esporte, Economia e Matemática. Acabei parando aqui e no início eu não esperava que eu fosse gostar, mas conforme foi passando o tempo eu descobri que era o que eu queria fazer, eu queria dar aula mesmo e é isso que eu quero atualmente. Só dou aula particular, por enquanto.

Meu nome é **Enrico**, estou no meu sexto semestre. Acho que a maioria do

peçoal aqui teve uma experiência na escola com o pessoal que não gosta de Matemática e diz: “ah, preciso da sua ajuda!” Aí você pegava uma tarde qualquer e falava: “vou ajudar vocês, vou dar aula na lousa para ver se conseguem recuperar nota”, então falei: “se eles entendem... uma coisa legal que eu consigo fazer é ajudar as pessoas!”, enfim, eu escolhi essa carreira, é uma coisa legal que eu sei fazer bem, funcionou pelo menos.

Sobre professores

Gustavo: Eu acho que, sempre tem exceções, mas a maioria dos professores que me deram aula voltada para Matemática, foram muito bons. Em geral foram excelentes professores que dedicavam não só a parte de pesquisa, mas professores que realmente querem que a gente aprenda, se a gente tem dificuldade eles mudam alguma coisa. A gente tem experiência de o professor falar: “se todo mundo errou a questão não foi culpa de vocês, foi culpa minha por eu não ter ensinado adequadamente e a gente vai dar um jeito de tentar mudar isso”. Então acho que os professores em geral, aqui da Matemática, são muito bons, pelo menos para Licenciatura, mas uma coisa

Parece que essa é a primeira entrevista que leio e a primeira frase é um elogio!

que me incomoda um pouco são os professores de Física. A gente tem uma carga horária de Física que são seis disciplinas, são três anos que a gente tem pelo menos uma matéria de Física e os professores geralmente não são muito bons não, em relação ao ensino e a avaliação, não só saber dar aula em sala de aula, mas explicar, avaliar o que o aluno tem dificuldade ou não. Tem professor que chega e dá a aula do jeito que ele quer e é isso, vai embora e meio que não está se importando com os alunos e tem professor que dá aula, faz um horário extra se tiver mais dúvidas, além das horas de monitoria que a gente tem, e se disponibiliza ajudar o aluno sempre que possível. Isso é uma diferença que eu acho que vale muito a pena, quando eu tinha uma dúvida e não dava para falar com o monitor, eu falava com o professor, mesmo se ele estivesse ocupado ele dava um jeitinho de tentar ajudar e os de Física, em geral, como não são desse departamento, dificulta essa relação.

Alice: Eu sinto isso também. Eu fiz Física cinco vezes, então eu tive cinco professores diferentes. Dois deles eu achei que foram professores ruins, que

não explicavam a matéria bem, que cobravam além do que eles passavam, mas todos eles eram professores inacessíveis. É difícil você tirar uma dúvida da disciplina por e-mail, o professor não faz plantão de dúvida e eles não têm a mesma rotina, que a gente, de monitoria. O Instituto de Física é um prédio que é completamente confuso, geograficamente falando, então eu nunca fui à sala de um professor de Física tirar dúvida, agora no IME⁷⁴ já.

Gustavo: É muito mais fácil porque a gente está aqui tendo aula, então a sala é do lado. Na Física não, o professor vem para cá quando a gente não tem aula lá. A gente tem uma disciplina que é lá na Física mesmo, que é o laboratório, mas mesmo assim, mesmo sem dar a disciplina lá é meio difícil de encontrar o professor, porque um fica num prédio lá em cima, outro fica do outro lado.

Alice: E a gente sente que nem eles estão muito a fim de dar aula para a gente.

Kevin: A maioria dos professores que eu tive até agora eles incentivaram a

Parece que o problema que existe aqui está bem longe da Física... o que pega mesmo são as relações humanas... a indiferença ao outro...

⁷⁴ Instituto de Matemática e Estatística

Parece que as coisas funcionam por aqui!

manter esse sentido da Licenciatura e ensinaram a ensinar. Tem algumas matérias que são voltadas para essas coisas, a gente tem Matemática no Ensino Médio, tem Laboratório de Matemática, apesar de a linguagem ser meio difícil ainda, porque a gente saiu do Ensino Médio agora há pouco, essa transição é complicada.

Cleber: Eu tenho um pouco de aversão aos professores estrangeiros, não é nem xenofobia, é porque eu tenho muita dificuldade de entender o português do professor. Eu tive uma única professora que foi muito boa, mas do restante eu tenho pavor deles até hoje. É notável que eles sabiam o assunto que estavam passando, mas é notável também a falta de experiência deles com a língua e com a didática. Eles variam muito, tem professor que realmente prepara a aula, da para ver que a didática dele foi pensada, que ele pensou na aula, mas também é claramente uma aula de 30 anos atrás, que ele não mudou.

Alice: Umhas três ou quatro semanas atrás teve uma reunião dos alunos da Licenciatura com os professores para discutir o curso. Não é algo regular, mas acontece às vezes. Teve uma fala de um aluno que eu fiquei muito assustada, era

também uma reunião de alunos de todos os cursos do IME com os professores, mas de qualquer forma, o aluno levantou e falou que no primeiro semestre no IME ele já percebeu que os professores não iam ter Didática e que ele ia ter que se virar sozinho, mas tudo bem porque ele estava na melhor universidade da América Latina e eles são ótimos professores, ótimos matemáticos e então ele vai aprender com eles. Só que eu acho um absurdo, em um lugar que forma licenciados, ser razoável alguém pensar: “ah, vou abrir mão de ter professores com didática, professores que ensinam bem”, e as vezes eu sinto que rola isso, especialmente nas matérias mais pesadas e abstratas da Matemática. São pessoas, como o Cleber falou, que você tem certeza que eles sabem muito do que eles tão falando. Mas eu acho que para a Licenciatura a gente é um pouco premiado com bons professores também, com exceções, claro.

Sobre a formação pedagógica

Alice: Eu acho que a gente tem pouca prática pensando na forma que a prática é colocada no curso. As matérias da Licenciatura que são na Faculdade de Educação são em forma de Estágio, que

Me lembrei do Larrosa me dizer que a anulação do silêncio também é uma forma de poder e, nesse caso, somos levados a falar o que está ordenado... Possivelmente essa foi a forma que esse estudante encontrou de se sentir incluído naquele ambiente que possui suas próprias regras de legitimação dos discursos. Há a falsa impressão de que ao se colocar desse modo, ele está se colocando... Esse é um modo de permitir que o outro “fale”, sem que talvez perceba que continua apenas falando do mesmo...

Será que o planejamento de uma aula tem validade de 30 anos?? Mas o estranho é que a constatação do Cleber é precedida de um elogio, então será que tudo bem ser uma aula de 30 anos atrás? Por que será que nem todos se incomodam ao perceber que uma aula é planejada e acontece independente do aluno?

Mesmo com professores dispostos a discutir ainda há essa percepção de que falta essa discussão? Aí que vejo que em outros lugares a situação é difícil mesmo!

a maior parte é de observação e que você pode fazer qualquer coisa que você consegue a assinatura. É completamente outra coisa do que o mundo real, a gente sai daqui com uma teoria super bonita do que é a educação. Eu acho que falta um pouco também da discussão do que é a Educação Matemática, um pouco é contemplado nas disciplinas que a gente tem que são específicas da Licenciatura aqui do IME e que tem professores muito bons. Acho que vale a pena dizer que os professores que dão aula para a Licenciatura, matérias da Licenciatura, são professores muito legais. Não sei se eles têm uma formação acadêmica em Educação Matemática, mas estão dispostos a gerar esse debate.

Gustavo: Alguns têm, mas acho que nem todos. Tem uma disciplina específica que aborda a parte do ensinar em sala de aula e aplicar projetos, como é o nome da matéria?

Alice: MAT1500⁷⁵: projetos de ensino de Matemática.

Gustavo: É nessa matéria que a gente faz um projeto e aplica numa escola com

supervisão do docente daqui e do professor de lá. Eu fiz a disciplina em uma escola pública de Osasco no sexto ano e a experiência foi muito boa porque a gente pega umas situações que a gente não espera. Aqui está tudo bonito, mas chega lá na hora... teve um menino que não sabia ler, mas sabia escrever, era analfabeto funcional. Ele copiava muito bem, mas não sabia ler, não sabia fazer nada, então você se depara com isso, com essa realidade. Essa disciplina é muito enriquecedora para a gente porque não é só chegar numa escola em que a turma sabe fazer tudo, dar aula e pronto, não!

Alice: Mas eu acho que devia ter uma MAT1500 todo ano a partir do segundo ano ou uma coisa equivalente a isso em níveis diferentes. Essa acontece no finalzinho do terceiro ano, na turma da manhã, acho que no noturno talvez seja no quarto ano. Aqui tem uma coisa muito legal, essa nossa grade é muito mutável, aí fica meio difícil dizer qual matéria é de qual semestre porque cada um faz em um tempo diferente. Exceto por coisas óbvias, tipo Cálculo, que

E ainda há os que dizem que alunos da licenciatura querem moleza... o que menos vi até agora foi isso. Parece que quanto mais "real" for a situação de estágio melhor, pois ela nos mostra o que teremos que lidar depois de formados

⁷⁵ Na página do Instituto de Matemática da USP consta MAT1500: Projetos de estágio

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=45&codcur=45024&codhab=4&tipo=N> (acesso em 26/06/2017)

tranca todos os Cálculos e algumas outras matérias da Matemática.

Gustavo: Tem disciplina que realmente você tem que fazer no período real. Essa disciplina (MAT1500) tem requisito de outras três se não me engano, mas em geral a grade dá para mudar bastante. Mas acho que falta um pouco dessa prática na escola aqui no IME, eles têm uma disciplina que é anual e dá um trabalho! Mas falta uma ou outra, não precisa ser exatamente igual, mas um acompanhar, estagiar nas escolas, eu acho que falta um pouco disso.

Sobre relações com os conteúdos da Educação Básica

Alice: Acho que depende muito do professor.

Gustavo: Depende do professor e depende da disciplina também. Tem disciplina que realmente não tem como aplicar, Álgebra II não tem como aplicar na sala de aula.

Kevin: Tem coisa que é impossível, até a gente acha muito abstrata mesmo.

Alice: Eu discordo, não acho que é impossível.

Gustavo: Não é impossível, mas acho que se você pega uma matéria de

Geometria, por exemplo, é muito mais fácil você enxergar do que Álgebra II.

Alice: Com certeza.

Kevin: A maioria dos professores, às vezes, tentam fazer isso, ou então eles tentam te ensinar como que você aborda um assunto para tentar não deixar tão abstrato.

Alice: Eu senti falta disso em alguns momentos. Eu senti falta em algumas matérias que, para mim, o professor estava dando aula exatamente como ele daria para o Bacharelado. Ele deve ter planejado aquela aula há 30 anos e está dando ela, independente do curso que ele dê. Ele vai dar a mesma Álgebra Linear, não importa para qual graduação. Acho que praticamente só a MEB, Matemática na Educação Básica, que é uma disciplina do segundo semestre que tem temas específicos de ensino básico: fração, sistema de numeração, Geometria espacial, a ementa dela é isso.

Cleber: Só que é um baque! O aluno entra aqui e dá de cara com uma aula de Cálculo I, acho que muita gente não teve a preparação adequada durante o Ensino Médio e dá de cara com umas notações que ele nunca viu na vida, eu particularmente corri atrás para não

Uma disciplina em um curso de 4 anos... e mesmo assim o curso é elogiado... acho que o peso de ser a melhor universidade da América Latina é real...

O que torna impossível é o modo como as coisas nos são apresentadas!

perder o meu primeiro ano todo, mas eu acho que eu não estou sozinho nessa, muita gente teve que correr atrás.

Alice: Eu tive.

Cleber: Ainda mais que tem que saber correr atrás também dos livros certos.

Alice: E dos amigos certos.

Cleber: Exato.

Alice: Eu só passei em Cálculo I por causa do Gustavo.

Cleber: Os amigos são ótimos nesse quesito de querer um ajudar ao outro porque realmente é um choque de conteúdo. Você está lá se dando bem no Ensino Médio com o livro didático e no outro ano você tem que começar a lidar com um livro com várias notações que você não faz ideia do que seja.

Gustavo: Tira 10 e chega aqui 2.

Gustavo: Eu acho que dependendo do docente que dá Cálculo I ele tenta buscar um pouco de função.

Enrico: Ela começou com funções bem básicas e depois ela partiu mais para o Cálculo mesmo.

Cleber: Teve uma rediscussão no curso recentemente sobre o professor de Cálculo pegar mais leve. No meu ano tiveram duas turmas de Cálculo, o meu

professor foi maravilhoso, o professor da outra turma ralou muito porque realmente eles reclamavam muito do professor.

Bacharelado e Licenciatura: dois cursos distintos

Gustavo: Desde que você presta o FUVEST é separado.

Kevin: As matérias são diferentes.

Adriana: Mas, por exemplo, Álgebra Linear, você faz em uma turma que faz o Bacharelado também?

Alice e Gustavo: Não!

Alice: Inclusive ela chama Álgebra Linear para a Licenciatura, mas o professor que decide como ele vai dar.

Se o professor for da licenciatura...

Gustavo: Os cursos são separados, então a gente não faz disciplina com o Bacharelado a não ser que seja uma disciplina optativa, mas na grade do curso não tem nenhuma disciplina que a gente faça juntos.

Alice: A única que tem o mesmo código é Computação, que a gente poderia fazer juntos, mas não é nem a mesma turma, não é nem planejado para ser junto.

Gustavo: Tanto que o pessoal da manhã faz computação no segundo ano. Quem

E dos professores, não?

entra para Bacharelado, Computação e Estatística já faz a matéria de Computação no primeiro ano. A Licenciatura faz no segundo ano, então a gente não tem uma relação tão grande com o Bacharelado.

Sobre projetos

Gustavo: Quem fez PIBID fala aí, eu não fiz.

Adriana: Ninguém aqui fez PIBID? Mas existe?

Gustavo: Existe sim, eu tenho uma amiga que faz, eu não fiz porque eu estava em um outro momento da vida e eu não queria fazer o PIBID, mas na minha turma acho que umas quatro pessoas fizeram.

Adriana: E o que vocês fazem, vocês participaram de algum projeto, alguma coisa?

Gustavo: Academicamente falando não, extra acadêmico sim.

Alice: Sim.

Gustavo: Porque a gente tem o Centro Acadêmico, tem a Atlética, tem alguns grupos.

Adriana: Mas não necessariamente eram discussões sobre formação de professor?

Gustavo: Não.

Kevin: Tem o CAEM⁷⁶ que eu faço as oficinas. Eles oferecem oficinas para professores para manter a formação continuada e para os alunos da Licenciatura, nós temos umas cinco vagas. A gente tem o contato com os professores e eles abordam assuntos de ensino ou mesmo de Matemática.

Alice: Eventualmente tem os cursos de verão que às vezes também tem um olhar para isso, mas eu nunca fiz, sempre que eu me inscrevo nas oficinas já acabaram as vagas para a Licenciatura.

Gustavo: Mas não é obrigatória a participação, então a gente não faz.

Adriana: Tem PET aqui?

Gustavo: Não, não tem aqui.

Alice: Tem as aulas da OBMEP, algumas pessoas que dão aula, mas não sei se é como o PIBID, mas eu acho que não.

Gustavo: Não, é outro segmento, mas são alunos que participam também.

⁷⁶ Centro de Aperfeiçoamento do Ensino de Matemática “João Affonso Pascarelli”

Alice: E tem a SELIC, a semana da Licenciatura, que é a cada dois anos e é muito legal.

Gustavo: Porque são os alunos que fazem.

Kevin: Ela alterna com a mostra do CAEM, que também tem oficinas e tal, daí é um ano SELIC e um ano amostra do CAEM. A amostra do CAEM é organizada pelos funcionários do CAEM e a SELIC é organizada por alunos com a supervisão do coordenador do curso, a gente oferece oficinas e palestras a semana inteira para manter o contato entre formados e em formação. É aberto para qualquer pessoa na verdade, até pessoas que fazem outro curso vão assistir alguma palestra porque se interessam pelo tema.

Adriana: E vocês participam de grupo de pesquisa? Não? Mas existem alguns grupos de pesquisa, vocês têm conhecimento?

Gustavo: Existe.

Alice: Pesquisa Matemática ou Pesquisa em Educação Matemática?

Adriana: Os dois.

Gustavo: Existe, mas...

Alice: Não tem nenhum grupo de pesquisa da Licenciatura.

Gustavo: Não que eu lembre agora.

Sobre a evasão

Gustavo: Em relação a evasão eu não sei, depende do que é muito e do que é pouco. Tem gente que entra com 17 anos de idade e não sabe se é isso que quer na vida, então é bem comum acontecer de pessoas não fazerem o curso e tem uma parte que não vai porque o curso é meio pesado, não é um curso fácil.

Alice: Se seu parâmetro é o IME⁷⁷ o nosso é o curso com menor evasão, se o seu parâmetro é a USP, eu acho que das Licenciaturas a nossa provavelmente é a com mais.

Gustavo: É porque nem todos os cursos são Licenciatura, tem o Bacharelado.

Kevin: Tem uma evasão muito alta.

Adriana: Mas e daí, em relação a isso como que vocês percebem a acolhida dos professores em relação aos alunos?

Kevin: No primeiro ano você diz?

⁷⁷ O Instituto de Matemática e Estatística (IME), segundo o site <https://www.ime.usp.br/>, oferece os seguintes cursos de graduação: Bacharelado em Ciência da Computação,

Bacharelado em Estatística, Bacharelado em Matemática, Bacharelado em Matemática Aplicada, Bacharelado em Matemática Aplicada e Computacional e Licenciatura em Matemática.

Adriana: Não, no curso inteiro.

Kevin: Alguns tentam ajudar alguns alunos que não estão acompanhando, tentam nivelar.

Alice: Mas é muito difícil também porque tem muita gente na sala, às vezes é muito difícil para o professor.

Kevin: Eu entrei em uma turma com 55, atualmente eu só vejo 20 da minha sala.

Gustavo: É, que tem disciplina que são poucos alunos porque está no final do curso, já não é uma disciplina que vai ter 50 alunos numa sala, isso é normal, no primeiro e segundo ano que são mais cheias. Muita gente desiste, mas às vezes desiste porque o professor não é bom ou porque não vai passar na matéria, isso é bem comum.

Alice: Tenho vários amigos que foram ficando no caminho.

Gustavo: Eu não acho que seja um absurdo a pessoa largar uma disciplina, o problema é quando isso afeta todo o andamento da graduação. Por exemplo, se você é reprovado numa disciplina, ou então se você larga uma disciplina, quando você for fazer você consegue tranquilamente, o problema é quando você reprova em quatro disciplinas num semestre e já no outro semestre começa

a fazer outras e então vira uma bola de neve, aí muita gente acaba desistindo. Sinceramente, eu não acho nenhum absurdo reprovar, porque acontece, às vezes você não entende ou você não está na mesma sintonia que a matéria, é bem comum.

Alice: E sobre os professores, acho muito difícil falar genericamente deles porque eu vejo uma divisão muito clara dos professores que são da Licenciatura e dos professores que são do Departamento de Matemática. Eles são todos do Departamento de Matemática, mas alguns são regularmente professores da Licenciatura e outros não e é muito difícil não separar esses professores na forma de tratamento. Esses professores, na maior parte das vezes, são professores que percebem que o aluno está com dificuldade e eles tratam de forma diferente, eles buscam, eles tentam puxar, claro que às vezes nem tudo sendo do melhor jeito, mas rola um interesse. Dos professores da Matemática, que não são da Licenciatura, eu, sinceramente, não vejo nenhum interesse, um aluno a mais ou um aluno a menos no interior da



Tenho a impressão, às vezes, que nessas situações, basta haver o mínimo necessário de alunos para que a disciplina aconteça, e nesse caso, o aluno é visto apenas como aquele que faz com que o professor se sinta professor. Em outras palavras, Skliar diz que o outro só é outro se for capaz de mostrar-me, a uma distância prudente, quem eu sou e o que preciso fazer para cada vez mais me parecer comigo mesmo.

Duas palavras me assombram nessa fala do Gustavo: normal e comum. Como pode ser normal esse esvaziamento e como pode ser comum esse tipo de desistência? Há de se espantar mais com situações como essas! É preciso questionar, debater, brigar, indignar, fazer de tudo, menos deixar que elas façam parte do nosso discurso de forma normalizada!

matéria, o problema é dele⁷⁸, não sei se eles veem isso dessa forma também, eu, sinceramente, não consigo achar uma exceção.

Gustavo: Eu acho que tem.

Alice: Mas sempre tem as exceções porque eu já ouvi falar delas, mas dos professores que eu tive... Eu consigo diferenciar claramente e colocar num bolinho professores da Licenciatura e professores da Matemática.

Adriana: E esse grupo em termos de quantidade é equilibrado?

Gustavo: Atualmente esse equilíbrio está meio... Não tem muitos professores, a USP está passando por um processo meio estranho porque alguns departamentos de outros lugares conseguem vagas para professores e aqui, principalmente na Matemática, que oferece disciplina em quase todos os cursos, não consegue. Há professores se formando, professores se aposentando e não tem essa volta, aí sobrecarrega os professores que estão aqui.

Alice: Mas eu acho que são uns 10 professores, 8 que são da Licenciatura e

o departamento deve ter uns 150 professores.

Gustavo: Não, tem menos de 100.

Alice: Mas essa quantidade de professores da Licenciatura, você acha que é essa mesma?

Gustavo: Certeza que não. É menos que 50. De 15 a 20.

Alice: Eu acho que não dá nem isso.

Gustavo: Acho que 15.

Sobre as disciplinas da Educação

Enrico: Eu vejo muita gente reclamar, por exemplo, da obrigatoriedade das matérias de Física e Educação também.

Alice: Eu discordo, mas eu vejo muita gente reclamando também.

Enrico: Muita gente reclamando, mas não que eu sou contra.

Gustavo: eu reclamo, mas eu entendo a importância delas.

Alice: É o Departamento de Educação quem trabalha essas disciplinas e geralmente elas são com pessoas de todas as Licenciaturas da USP.

Gustavo: Só Metodologia do Ensino de Matemática que geralmente não há

⁷⁸ A nota de margem correspondente a essa marcação possui uma citação de origem: (SKLIAR, 2003, p.121)

pessoas de fora, pode até ser que a Pedagogia faça, mas é outra metodologia, o nome é parecido.

Alice: Mas tirando isso é tudo junto, o que eu acho que as vezes é bom, mas as vezes é ruim.

Gustavo: Às vezes é bom porque troca uma experiência, o ponto de vista de quem faz Matemática é diferente do ponto de vista de quem faz Letras e quando tem essa união em uma disciplina é interessante.

Alice: Eu acho que fica interessante, mas por outro lado eu acho que às vezes o debate fica longe da gente, fica muito de humanas, teórico, e a gente não tem leitura e embasamento nenhum para fazer. Às vezes é cansativo, eu fiz muito isso no meu curso, como eu já disse eu estou no quarto ano, mas não estou, e uma dessas razões é que sempre quando chegava na hora do vamos ver e eu precisava passar nas matérias eu abria mão das matérias da Educação: essa aqui é muito fácil e eu faço outra hora, a matéria do IME é mais difícil, é mais importante. Rola essa áurea no nosso curso, as matérias de Educação são inúteis, i-n-ú-t-e-i-s! É preciso passar nas matérias difíceis que são as de Matemática que trancam o meu curso

porque se eu não passar em Didática não vai acontecer nada, mas se eu não passar em Desenho Geométrico I eu não vou conseguir fazer matéria nenhuma semestre que vem. Então ou eu vou passar em Didática fazendo um trabalho na coxa ou eu não vou passar em Didática e vou deixar para quando eu precisar me formar que dou um jeito, então eu acho que elas são desvalorizadas porque são inacessíveis, uma coisa que não é para nossa vida real.

Gustavo: Algumas coisas são, muitas coisas.

Alice: Não porque não são para nossa vida real, mas porque é uma matéria dada por um professor de humanas para pessoas de humanas.

Enrico: Acho que tinha que ser menos humanas para o pessoal do IME.

Alice: Para a gente entender, elas poderiam chegar lá em algum momento, mas tinha que ter uma escadinha, eu acho, sinto falta de conseguir acessar o que as pessoas estão falando.

Sobre o incentivo para a pós-graduação

Gustavo: O mestrado eu acho que mais para a parte de Educação.

Parece que há uma ilusão de que os estudantes dos outros cursos possuem todo esse embasamento teórico para as discussões... Acho que isso não passa de um escudo que inventamos para nos defender e justificar nosso desinteresse

O que era difícil passa a ser fácil e dispensável. E a estrutura do curso é determinante para essa sentença!

Maldito momento em que nos colocaram em caixinhas: Ciências Exatas e Ciências Humanas. Acho que nesse mesmo instante nos tiraram da categoria maior: Humanos! Nos tornamos coisas, como diria Drummont...

Kevin: É bem difícil você ver um professor falar para você fazer um mestrado em Matemática Pura.

Alice: É porque quem vai falar isso é um professor da Matemática Pura e ele não vai falar isso para você ele vai falar para o aluno dele da Pura.

Gustavo: Agora para o mestrado profissional, principalmente, que é o que a gente tem aqui, geralmente falam, aconselham, porque alguns também dão matérias no mestrado.

Alice: Mas daí não é para seguir carreira acadêmica de fato, geralmente é mais para você seguir o profissional.

O diálogo entre o curso e os estudantes

Adriana: Alice, naquela reunião que você comentou que o colega falou sobre a formação qual era o objetivo da reunião?

Alice: Era aproximar o diretor do instituto dos alunos.

Adriana: E rolou a aproximação?

Alice: É que a quantidade de alunos... eu sou muito parcial para dizer, mas era uma quantidade de alunos bem pequena e uma amostragem de alunos muito específica que são os que já demonstram interesse nessa aproximação.

Adriana: Por exemplo, desse posicionamento desse colega que você falou, como que isso foi visto pelos professores?

Alice: Acho que eles não acham legal, os professores colocaram que o perfil do aluno do IME é diferente, parece que esse aluno não tem autonomia para estudar. Eles falaram que sentiam isso diferente quando iam dar aula na Física, por exemplo. Mesmo no primeiro ano eles sentiam que era diferente e foi uma discussão de um pouco do porque que isso acontece. Não foi bem uma conversa para ver o que os alunos acham, os professores ouvirem um pouco os alunos, mas eu sinceramente não acho que foi das conversas mais produtivas porque saiu um monte de aluno que acha que está tudo ótimo, sendo que tem outros alunos que não acham. Tinha poucos alunos da Licenciatura, bastante aluno da Computação

Sobre o Estágio

Gustavo: A gente tem Estágio para cada disciplina, cada disciplina tem uma quantidade de horas de Estágio. A gente não tem um Estágio específico, para fazer tantas horas, a gente tem Estágio durante todo o curso pelas disciplinas.

Possivelmente eles tiveram a falsa impressão de que foram autorizados a falar, mas nem perceberam que afirmaram o mesmo: estudamos na melhor universidade, vamos nos virar!

Cleber: É que cada disciplina também tem um objetivo, um Estágio, uns são só de observação, outros de desenvolvimento de projetos.

Adriana: Em disciplinas tanto para a formação de professor como de Matemática?

Alice: Não, só a disciplina de formação de professor tem Estágio, não é? Nenhuma matéria da Matemática tem Estágio.

Gustavo: Só uma específica que é o Estágio.

Alice: Que é aquela que ele falou que você faz o ano inteiro, faz o projeto e vai na escola, eu acho que é a matéria mais legal do nosso curso, mais importante, podia ser um curso de MAT 1500 o ano inteiro.

Gustavo: Não, dá muito trabalho!

Alice: Mas não exatamente igual! Mas de você ir lá e ver a prática e debater, estudar toda a teoria Matemática e toda a teoria pedagógica por trás daquilo, eu concordo que isso dá mais trabalho do que qualquer outra disciplina e realmente não ia dar para fazer.

Gustavo: Não só dá mais trabalho, mas é mais cansativo, tem os deslocamentos, você vai para escola,

você volta, você apresenta o que fez, tem que discutir a próxima aula. Mas é uma matéria que você tem um aproveitamento muito bom em relação ao ensino, mas é a que mais esgota a pessoa porque você não faz só ela, se fosse seria ótimo, maravilhoso, você poder pensar nela durante todo o tempo, mas você faz mais umas quatro ou cinco disciplinas.

Alice: E que já são as disciplinas finais do curso: Cálculo Numérico, Conjuntos...

Adriana: Esse Estágio é anual?

Gustavo: É, são 100h de Estágio nessa disciplina.

Adriana: E nesse outro Estágio em que as outras disciplinas têm uma carga horária específica, o que é feito normalmente? Não vai para escola?

Gustavo: Vai, esses Estágios são na escola, é que depende da disciplina, tem disciplina que você vai para a parte administrativa da escola, então você

propõe um tema e pesquisa o PPP⁷⁹, depende da disciplina.

Alice: A maior parte é de observação em aula e tem algumas que são de regência, poucas, mas tem algumas que você tem que apresentar, sei lá, 60h de Estágio e dessas 60 você tem que fazer 5h dando aula. Mas a maior parte é de observação, geralmente com um enfoque que você propõe para a disciplina, para o seu trabalho, você já vai para sala de aula observar tal coisa que você pensou antes.

Enrico: Tem a experimentação e modelagem que eu estou fazendo agora e você faz uma intervenção, pelo menos a minha professora pediu para fazer uma intervenção na sala de aula de duas a três aulas.

Alice: quando eu fiz essa era para serem dez aulas.

Gustavo: Depende do docente.

Alice: É, o Estágio depende muito do docente, às vezes o docente deixa você não fazer o Estágio.

Adriana: E esses professores que normalmente trabalham com essas

disciplinas que tem Estágio eles têm uma formação mais para Educação Matemática ou não necessariamente.

Gustavo e Alice: Não necessariamente.

Alice: Não necessariamente e não majoritariamente, às vezes em Experimentação e Modelagem.

Enrico: É a professora da Física, eu acho.

Gustavo: Mas acho que Educação Matemática você vai encontrar nos professores que dão disciplinas de Metodologia do Ensino de Matemática, em outras disciplinas é difícil.

Alice: Eu quis procurar um pouco, no começo do meu curso eu quis fazer umas optativas mais para área de Educação Matemática e aí então me inscrevi numa matéria que chamava Educação Matemática. Só que ela era uma matéria para Pedagogia e eu fiquei muito confusa, a linguagem e o tipo de Matemática que estava sendo trabalhada era, para mim, matematicamente muito básico e pedagogicamente muito avançado. Para as pessoas que estavam lá assistindo aquela aula matematicamente era muito difícil e pedagogicamente era tipo

Não vamos à escola observar a escola, vamos lá apenas constatar o que já supomos saber... Tem como isso dar certo?

Docente???
Acho que o adjetivo está inadequado diante da postura...
Quer dizer, se se pensa que o estágio é ir observar na escola o que você já pensou antes, então não precisaria mesmo. Todo mundo pensa saber o que é uma escola, uma aula de matemática, se não houver problematização, não há mesmo porque ir a lugar algum.

⁷⁹ Projeto Político Pedagógico. Atualmente houve uma mudança nessa nomenclatura para PPC – Projeto Político do Curso

óbvio, então era eu e 40 pedagogas na sala, foi um pouco desesperador e eu larguei a matéria.

A pressão no curso

Kevin: Acho que cada semestre é uma luta pela própria pressão com o curso, de terminar ele logo, uma pressão...

Adriana: Essa pressão é por parte de quem?

Alice: De todos os lados, da minha mãe, de mim mesma, dos meus professores, das pessoas que entraram comigo, eu as vejo se formando e eu estou aqui.

Kevin: A gente as vê passando e a gente aqui.

Alice: Ou elas largaram o curso e eu ainda não. Eu estou num momento bem complicado com relação a isso, as pessoas que entraram comigo vão começar a se formar agora e eu, na prática, estou no segundo ano ainda. Então é um pouco desesperador pensar que eu ainda tenho três anos, pelo menos, se eu mudar a minha vida muito porque se eu demorei quatro anos para fazer dois e eu ainda tenho três, significa que eu vou demorar seis, certo? Pelas contas? Então é um pouco desesperador. O curso noturno são cinco anos e da manhã são quatro, isso

é muito legal na verdade, vale a pena falar, que a noite, o curso é pensado para as pessoas que trabalham e então a grade tem sempre um horário livre, que é o horário que você estaria estudando ou fazendo outras coisas. Porque aquelas pessoas que não trabalham tem a tarde livre para estudar ou fazer as atividades acadêmico-científico-culturais, que eu sou super a favor delas.

Adriana: Então vocês se sentem preparados para ser professor?

Gustavo: Não, preparado a gente nunca está na vida!

Kevin: Mas na universidade tem que saber rebolar.

Gustavo: A primeira vez que eu dei aula, nossa, o nervosismo que dava!

Adriana: Mas pelo menos se sentem instrumentalizados para buscar?

Todos: Sim.

Alice: Eu sinto muito a falta da prática, mas a sua pergunta: se eu me sinto instrumentalizada para buscar? Sim, me sinto instrumentalizada para buscar, sinto que veio até mim? Não, sinto que eu tenho que buscar, mas assim, eu recebi essas ferramentas para ir buscar.

Além de tudo que temos que saber!

Acordei com o celular vibrando, quem será tão cedo? Já acordei mesmo, pego o celular para ver quem é e para minha surpresa é um e-mail da Adriana. Estranho, o que será que ela quer comigo? Das últimas vezes que nos falamos sempre fui eu quem a procurei, o que será agora? Abro a mensagem:

Bom dia, Adriana, tudo bem?

Escrevo para saber como tem sido as reuniões do seu grupo de estudantes. Você me pediu sugestões de tópicos para discussão, mas não me deu nenhum retorno sobre como elas aconteceram... Os encontros têm sido produtivos? As discussões estão avançando? E as leituras das entrevistas, você deu continuidade?

Desculpe-me por te encher de questões, mas é que estou curiosa para saber das reverberações de minha passagem por aí. Além disso, estou caminhando para o fechamento de minha tese e gostaria de contar um pouco de sua história em meu texto, se você permitir, é claro.

Aguardo seu contato
Abraços

Então ela está curiosa! Como falta a leitura de uma entrevista, vou responder só quando eu terminar, assim basta uma única resposta. Acho que eu tenho algumas coisas a dizer, não só para ela, mas para todos que se dispõem a atuar em um curso de Licenciatura em Matemática, com intenções ou não, de ser um formador de professores. O que eu tenho que encontrar é um meio de minha fala chegar até eles, não posso ir lá no Departamento e bater de porta em porta; não tenho cara para isso, além do mais iriam me chamar de louca e meliante. Daquela que não sabe seu lugar (de aluna a silenciar-se), já deu para perceber que me chamam! Há de haver um meio, e eu vou encontrá-lo. Enquanto isso, parto para a leitura final!!!

O encontro na Universidade Federal de Minas Gerais

No dia 23 de novembro de 2016 visitei a Universidade Federal de Minas Gerais para realizar a entrevista com os acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática. O primeiro contato que estabeleci nessa instituição foi com a Professora Maria Laura Magalhães em setembro e ela, gentilmente, pediu que eu procurasse o Professor Seme Gebara Neto, coordenador do curso de Licenciatura naquele momento, para que ele me auxiliasse em minha pesquisa. Após algumas trocas de e-mails conseguimos agendar o encontro para o mês de novembro.

Cheguei a Belo Horizonte na noite do dia 22 de novembro e na manhã do dia 23 me dirigi a UFMG para encontrar com o professor Seme e organizar os últimos detalhes do encontro que aconteceria na tarde deste mesmo dia. No Campus Pampulha, dessa instituição, também estava acontecendo algumas ocupações em protesto as reformas educacionais e por conta da suspensão das aulas Seme me informou que seria difícil entrar em contato com os acadêmicos para a organização da reunião. Felizmente ele

conseguiu contato com alguns alunos que estavam ali pelo prédio participando das atividades de protesto ou então reunidos para estudar e combinou com eles de me encontrarem na sala do Laboratório de Matemática para conversamos.

Encontrei-me com um grupo de estudantes bastante entrosados e que se empolgaram com a ideia de fazer uma Análise do processo de formação inicial que estão vivenciando na Licenciatura em Matemática, nosso encontro durou aproximadamente duas horas. Estiveram presentes nesse encontro duas alunas concluintes, dois estudantes do quarto período e uma aluna do sexto período.

Esse foi o único local em que todos os estudantes não quiseram divulgar suas identidades, sendo assim escolhi para eles nomes de personagens da mitologia grega para representá-los nesse estudo. Teremos aqui as falas de Hera, Penélope, Helena, Athena e Perseu.

Os estudantes

Meu nome é **Helena**, era para eu estar no sexto período, mas eu acho que vai atrasar um pouquinho a formatura. Eu escolhi fazer Licenciatura porque eu

tinha vontade de dar aula e sempre gostei de Matemática, então eu escolhi ser professora de Matemática, esse foi o motivo mesmo de eu ter escolhido.

Meu nome é **Hera**, estou no final do curso e como estou atrasada poderia dizer que eu estou no oitavo período que é o último mesmo. Quando eu entrei no curso não era apaixonada pela Matemática, mas sim pela Licenciatura, eu queria transferir para Engenharia, aí comecei o curso e me apaixonei, percebi que tinha jeito para lecionar e decidi ficar no curso de Licenciatura. Já atuo como professora.

Meu nome é **Penélope**, eu sempre quis fazer Matemática, desde pequena, tentei mudar de ideia porque o povo ficava assim: “ah, vai pra Engenharia, já que você gosta de Matemática” fiz cursos e falei: “tá, vou pra Engenharia”. Na época do vestibular a Licenciatura em Matemática falou mais alto porque é isso que eu gosto e é isso que eu quero mesmo, eu estou quase formando. Ainda não dou aula, mas eu pretendo atuar.

Meu nome é **Perseu**, eu estou no quarto período e eu escolhi fazer Licenciatura porque eu sempre fui completamente apaixonado por Matemática. Eu

comecei a perceber que eu realmente gosto de dar aula, então eu uni as duas coisas. Assim como a Penélope eu também comecei a ir por outros caminhos: Engenharia ou pra alguma outra área, mas eu percebi que não faz sentido a gente fazer uma coisa que a gente realmente não gosta, eu percebi que a minha vocação é dar aula, a minha vocação é estudar Matemática, então não adianta a gente tentar ir por outro caminho, então eu estou aqui por isso.

Meu nome é **Athena**, eu estou no quarto período e eu decidi fazer Matemática desde o primeiro ano do Ensino Médio que eu ficava indo e vindo em todos os cursos possíveis. Eu pensei em Arquitetura, Gastronomia, mas sempre voltava para Matemática. A questão de ir pra sala de aula foi porque aonde eu estudava tinha um espaço que chamava Casa de estudo, eu estudava com os meus amigos e às vezes eu ia para o quadro explicar a própria matéria de Matemática, então era um ambiente que eu me sentia muito a vontade, que eu gostava de estar, sentia como se a gente tivesse encontrado um lugar, como se eu tivesse acomodada dentro de casa. Então eu falei: “ah, por que não?” Eu tenho interesse em dar aula

porque eu acho que eu não tenho outra opção dentro da carreira, mas eu também tenho interesse em pegar matéria de Bacharelado para aprofundar mais na questão do geral, apesar de querer ser professora. Pretendo fazer o Bacharelado depois da Licenciatura, como se fosse um segundo plano. Tem parte do Bacharelado que me atrai muito, mas a vontade de dar aula é maior.

A discussão

Olhares sobre o curso

Hera: Eu particularmente acho que deveria ter mais matérias na área de educação, a gente acaba tendo muita matéria da Matemática mesmo, eu acho que tem coisa faltando.

Penélope: Eu concordo e ainda acrescento que algumas matérias que a gente vê aqui poderia ser feitas de maneira voltada mais para essa coisa de sala de aula. Não é pegar leve! O povo acha que a gente da Licenciatura quer que pegue leve, não é isso! É ter uma visão diferente, uma maneira diferente para gente poder aplicar isso em sala de aula e não ficar só sofrendo aqui. A gente vai ser professor de Matemática e tem que saber Matemática, mas a questão é a maneira com que isso é

abordado. Tem as disciplinas que são para Licenciatura que é Geometria Plana e Geometria Espacial, elas não são leves, elas são pesadas! Só que o jeito que elas são dadas, como é para uma turma de Licenciatura, é uma maneira bacana para gente aprender e ir pensando como aplicar. Eu acho mais didática a maneira como essas duas disciplinas são dadas, pelo menos com os professores que eu peguei. Então eu acho que algumas disciplinas tinham que ser feitas assim, principalmente as Físicas porque a maneira como elas são feitas não ajudam a gente em nada.

Hera: Possivelmente um estudo de prática mais aprofundado seria muito bom porque eu que já atuo dando aula e percebo que, mesmo que seja uma parte de leitura ou de pesquisa, vai fazer diferença para gente, principalmente porque já têm várias pesquisas na área de Educação Matemática falando sobre o que os alunos vão ter mais dificuldade, os enfrentamentos do dia-a-dia que com certeza a gente vai ter e que já foram estudados. A gente tem duas matérias do Estágio, mas eu poderia dizer que é bom? É! Mas o que eu digo é ter uma só voltada para o estudo da prática, com se fosse “uma aula de

Não é diminuir o ritmo, é mudar o foco!

didática”, entende? E não o Estágio em si, porque o Estágio pressupõe que você já está praticando, está olhando um modelo e aí você vai praticar também. O que eu estou falando é diferente, é como se fosse um estudo da prática antes disso. A matéria de Didática para gente é uma matéria optativa, a gente faz se quiser, entendeu?

Em um curso de Licenciatura, Didática ser optativa?? Tem algo estranho

Athena: Eu acho que também tem o problema de que a matéria que você vai ter vai conforme o professor que você pegar. Eu já fiz uma matéria da área de Educação e agora nesse semestre eu estou fazendo duas, a Psicologia da Educação que eu tive semestre passado não é a mesma que provavelmente eles tiveram. É uma coisa que acaba criando diferenças que às vezes vão justificar a pessoa não ter domínio para estar à frente de uma sala de aula. Eu acho que todos os professores que eu tive na área de didática, pelo menos, eu tive muita sorte. Esse semestre a professora mandou a gente organizar um trabalho para dar uma aula para turma imaginando como se fosse para uma determinada série, no meu caso a gente pegou para dar aula para Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio. A gente teve que fazer uma aula

Acho que essa fala é unânime em todas as entrevistas que li!

interdisciplinar, fazer o plano de aula e enviar para ela, mas eu acho que nem todo mundo que faz didática tem isso. É uma coisa que me ajudou muito porque eu não tinha noção do que era um plano de aula, eu estou com 19 anos, se eu simplesmente formar, vamos dizer assim que eu pretendo formar com 21 anos, eu não sei se eu teria maturidade para planejar uma aula sem ter tido uma ideia antes, tendo só o Estágio que é observar um professor na frente da turma explicando a matéria. Eu não sei como é a matéria de Estágio, porque eu ainda não tive, mas eu acho que eu já tive um pouco disso na escola: quando eu era aluna, eu observava o professor, tudo bem que é uma visão diferente, mas é como se fosse uma situação similar. Eu acho que é importante você jogar um aluno na situação de professor, pelo menos simular alguma coisa para ele ter uma noção daquilo que ele pode pegar para frente e eu sinto falta disso.

Isso que precisa ser problematizado no estágio. Esse contato inicial que tivemos com a escola todos tiveram e nem por isso todos são professores. É preciso retomar essas vivências e experienciá-las! Dar a elas um (novo) sentido, olhar sob outro ângulo, pensar sobre outras coisas a partir do mesmo...

Penélope: Eu estou no segundo Estágio e eu posso te responder, a professora tenta fazer isso com a gente só que eles disponibilizam pouquíssimas aulas teóricas. No Estágio a gente tem dois dias para ir para a escola e um dia com ela, só que isso é pouco, não dá tempo,

A fala de Penélope é clara: o tempo destinado a essa discussão é pouco! Não se diz que o estágio é ruim, inadequado, chato, difícil... o estágio é pouco!

a gente tenta fazer plano de aula e entregar para ela, a gente dá uma aula na sala, só que o tempo é pouco, então se tivesse uma disciplina separada seria mais proveitoso. Tem um pouquinho disso no Estágio, você vai observar o professor já buscando aqueles pontos que foram discutidos dentro de sala de aula, só que essa discussão é muito pouca, é bem reduzida porque o tempo não é o suficiente. São dois semestres, um você faz no Ensino Fundamental e um no Ensino Médio.

Hera: É exatamente o que a Penélope falou, a gente que é do noturno⁸⁰ acaba fazendo matérias em vários horários e eles poderiam abordar as matérias de um jeito diferente, fazendo a gente pensar de um modo como a gente vai usar isso em sala de aula, isso é muito raro de acontecer, são pouquíssimos professores que tem esse pensamento, se eu já tive uns dois aqui assim foram muitos.

Penélope: Eu falo mais um defeito, eu acho que a gente tem três disciplinas que deveriam ser voltadas para Educação: Números na Escola Básica, Álgebra e Função na Escola Básica e

Geometria na Escola Básica. Aqui nós temos um departamento com três professoras que são da Educação e alguns outros que se preocupam com a Educação, então se eles forem pegar essas matérias eles vão dar uma matéria bem dada. Só que tem muitos professores que não estão nem aí para Licenciatura, que pegam essas matérias e dão um curso de Bacharelado nelas ou saem completamente da ementa e começam a contar história para o povo. Eu tranquei uma disciplina da Educação esse semestre porque o professor chegava lá e começava a contar história e eu quero alguma coisa que vai ser útil. Então essas três disciplinas se você der sorte de pegar alguns professores que são bons, que vão tornar essas disciplinas para Licenciatura, você está feito. Eu falo que se eu pudesse esperar só essas três professoras para pegar o meu curso inteiro eu esperaria, principalmente essas três matérias. Se você pegar qualquer outro tipo de professor, vai ser uma matéria que você só foi na sala de aula e sentou na carteira para cumprir horário, não vai te acrescentar em nada.

⁸⁰ O curso noturno é apenas Licenciatura em Matemática. No período diurno há opção entre Licenciatura e Bacharelado.

Perseu: Essas três professoras são formadas para dar esse curso, elas têm formação de doutorado e mestrado para dar essas matérias, entendeu? Os outros professores, a área deles é mais de Matemática Pura, então eles dão, mas num contexto de que eles acham que seja aquilo ali. Eu ainda não fiz essas matérias, mas eu percebo aqui que existe um pouco dessa desvalorização nesse sentido de que se é Licenciatura, então é fácil, falo um monte de coisa e beleza, mas agora para você falar de uma matéria de Bacharelado tem que ser o especialista. Se for dar uma aula de Álgebra tem que ser o cara da Álgebra, se for fazer uma matéria de Análise tem que ser o cara de Análise. É como se a Licenciatura não fosse valorizada como uma área tão importante quanto as outras.

Athena: Dentro da própria universidade, entrei para fazer Licenciatura e o suporte?

Hera: Não tem concurso para professor de Educação Matemática para o ICEx⁸¹ e isso é um problema porque um professor que faz mestrado e doutorado na área de Educação Matemática é um professor que fez graduação em

Matemática. Ele pode ter feito um Bacharelado ou uma Licenciatura e ter se especializado em Educação Matemática, então ele está apto a dar qualquer matéria da graduação, Cálculo, Análise, Geometria Analítica. Quando essas professoras entraram não exigiam que tivesse mestrado e doutorado na área da Matemática, então todas elas fizeram mestrado em Matemática e doutorado em Educação Matemática, porém quando elas entraram só precisava do mestrado e elas fizeram o doutorado posteriormente.

Penélope: Se fosse hoje provavelmente elas não entrariam e eu acho isso um absurdo porque o curso forma licenciados.

Hera: Mas não é dado por professores da Educação Matemática.

Penélope: Só essas três professoras não dão conta.

Adriana: Dentro de um universo de quantos professores?

Penélope: Acho que só da Matemática são 70.

Perseu: Eu fiz um ano de Matemática na PUC, aqui em Belo Horizonte, e lá tem um viés completamente diferente daqui

Como se o professor "se formasse" apenas durante as disciplinas pedagógicas e mais, como se essas fossem um conhecimento popular. Quando se ouve isso na academia dá para entender a legislação que reconhece os detentores de notório saber como professores

Eu já ficaria feliz se ele fosse dado por professores....

⁸¹ Instituto de Ciências Exatas

porque lá a Licenciatura é realmente valorizada. A gente tinha muita matéria de Educação que era dada por professores da Faculdade de Educação, as matérias de Matemática eram dadas por professores que tinham formação Matemática, mas grande parte deles também tinha formação em Educação. E lá desde o primeiro período a gente é incentivado a participar do PIBID, 80% da minha sala, inclusive eu, começou no PIBID no primeiro período. Aqui também tem PIBID, mas até hoje não conheço ninguém que participa dele.

Hera: É porque o PIBID da Matemática foi fechado, acho que por corte de verba, mas eu participei dele por 2 anos e pelo menos isso eu posso dizer que eu estou muito feliz porque eu participei e vi que o projeto realmente é muito rico, é o melhor.

Penélope: Eu passei só um mês no PIBID, mas foi fantástico. Eu sinto falta da valorização do profissional de Licenciatura porque, às vezes, você escuta: “quem sabe Matemática é aquele pessoal da pesquisa” e então você vai lá para o chão: “eu sou a ralé

daqui, porque o que é importante é o Bacharel”⁸².

Hera: E o nosso curso é tão pesado quanto o do pessoal do Bacharelado, não tem diferenciação das matérias, tanto que a gente faz matéria junto com os meninos.

Penélope: É a mesma coisa, lógico que tem umas 3, 4 ou 5 disciplinas a mais da Matemática que a gente não faz, como há as nossas de Educação que a gente faz e eles não. Mas eu torno a repetir, não é querendo que as coisas sejam fáceis, igual eu escutei de uma professora que a gente foi falar com ela: “professora, eu acho que aqui deveria ser feito uma coisa mais voltada para a Licenciatura” ela não deixou nem a gente terminar de argumentar e: “eu não aguento essa coisa de que os meninos da Licenciatura têm que pegar leve! Tem que puxar sim, vocês têm que apanhar aqui dentro, vocês têm que aprender a Matemática, essa história de ensinar depois vocês aprendem lá fora” eu falei: “não é isso, a gente não quer aprender menos Matemática porque se eu estou aqui é porque eu gosto da Matemática, então eu quero aprender

Esse é um dos pilares da pedagogia do outro que deve ser apagado, tal como diz Skliar: obrigar o outro a perceber de uma vez que está mal ser aquilo que se é ou que se está sendo e assim é preciso corrigi-lo, silenciá-lo e expulsá-lo.

Isso é o que ela ensina enquanto pensa que só ensina Matemática

⁸² A nota de margem correspondente possui uma citação de referência: (SKLIAR, 2003, p.202)

Matemática, eu sei que é importante, eu tenho que saber pra ensinar, mas a gente sente falta de uma coisa mais voltada e tal”, só que ela não deu chance e eu fui desistindo de argumentar, mas o pensamento deles é bem isso. A gente só tem três disciplinas voltadas para a Licenciatura aqui dentro do ICEx e elas não são bem-feitas porque são só três professoras. Na FAE, Faculdade de Educação, a gente só tem duas disciplinas obrigatórias. Então nós temos cinco disciplinas, três que são voltadas para Matemática e que seria para ser discutido na Educação Básica e duas na FAE, fora os dois Estágios. De Didática mesmo não é obrigatória.

Hera: Mas as obrigatórias da FAE são Política da Educação e Psicologia, mas de qualquer maneira uma coisa que poderia ser diferente é que apesar de ser na FAE essas disciplinas poderiam ser trabalhadas por professores da Educação Matemática, porque lá eu acho que eles são em cinco, mas mesmo assim não são eles que dão as matérias da Matemática e a gente faz matéria com Física, Pedagogia, Química, Biologia, Música, Artes.

Penélope: Isso aí eu discordo de você porque eu já acho que eu tive uma

riqueza, um conhecimento gigantesco com a interdisciplinaridade que a FAE proporciona. Eu acho que deveria ser bem feito essas três matérias que a gente tem aqui, nem que elas fossem transferidas lá para FAE, mas que elas deveriam ser bem-feitas, mas a Psicologia e Política com a galera dos outros cursos foi muito legal porque você não vai ter aluno que gosta só de Matemática, você vai ter aluno que gosta de artes, de música, de tudo. Então você ter essa coisa de várias disciplinas, você consegue abrir seu pensamento, sair da Matemática. A minha professora de Psicologia fez a gente fazer um trabalho de campo e ela separou as disciplinas, meu grupo juntou as exatas: Física, Química e Matemática, teve um grupo de teatro, outro de artes visuais, outro de línguas e na hora do trabalho juntou as áreas e teve as apresentações e foi fantástico.

Athena: Eu também acho, ela te dá uma visão geral de você ser professor e entender a situação.

Hera: Mas quando eu fiz Psicologia, eu vi igual quem faz FAFICH⁸³, eu vi Psicologia e não tive nada disso.

Athena: Mas eu também vi, eu li Vygotsky, li Piaget. Mas uma coisa que também foi muito boa para mim e que eu tive um trabalho foi a minha aula de Didática. O trabalho que eu comentei antes no meu grupo eram quatro pessoas, dois meninos da Letras, um da Física e eu da Matemática, o objetivo era a gente pegar um tema qualquer e desse tema a gente tinha que tirar coisas de cada matéria e apresentar para turma.

Penélope: Eu não cheguei a fazer Didática, mas eu já tive relato de uma amiga que fez e que não foi nada disso, que o curso não foi nada proveitoso.

Hera: É igual Política, não vi diferença nenhuma para mim, acrescentou em nada no meu curso, eu aprendi coisa de LDB⁸⁴.

Athena: A nossa está sendo legal, tem discussão direto.

Perseu: Uma coisa que eu acho é que toda pessoa que entra numa sala de aula tem que ter empatia. E essas coisas

a gente não espera aprender estudando Cálculo, a gente aprende nas matérias da FAE, essa matéria de Políticas mesmo é assim. Eu reconheço que às vezes eu tenho muito preconceito com a FAE, mesmo sendo da Licenciatura eu tenho um pouco de preconceito porque eu acho que vai ser sempre chato, que não vai adiantar de nada. Mas eu cheguei lá, vi a matéria e vi que preciso disso aqui. Eu reparei que todo mundo aqui, sem exceção, precisa disso. Todo mundo que for dar uma aula, qualquer aula na vida, precisa disso porque a gente entra numa sala, seja de Graduação, de Pós-Graduação, seja Ensino Fundamental ou Médio, numa sala com 40 pessoas, cada pessoa tem uma realidade diferente. Se você aborda do mesmo jeito, da mesma forma para 40 pessoas, você está com certeza cometendo uma série de injustiças que você não vê e você começa a reparar que está cometendo essas injustiças quando alguém te fala ou quando você vê. Se você não quer ver, por um motivo ou por outro, você vai deixar, agora se alguém te falou que você está cometendo essa injustiça você pode parar e pensar naquilo. Só que ninguém vai te falar isso aqui, vão te

Agora quem discorda sou eu Perseu! Não podemos atrelar esse sentimento a uma disciplina específica, seja ela de matemática ou não. Tínhamos que exercitar, ensinar e aprender isso a todo momento e com todas as pessoas, principalmente com nossos professores, em qualquer contexto de formação.

A cada disciplina um novo curso. Se, embora distintos, fossem todos proveitosos...

⁸³Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

⁸⁴Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Perdi as contas de quantas vezes ouvi isso: depende do professor! Será que depende só do professor mesmo? Depois de ouvir tantos relatos começo a achar que depende de um milhão de coisas!!!!

Eu até gostaria de acreditar nesse poder salvador de uma disciplina, mas nesse caso em específico, acho muito difícil...

falar lá na FAE, entendeu? O ruim, de fato, é que essas matérias dependem muito de quem é o professor, isso acaba desestimulando as pessoas a continuarem, eu me lembro do relato de uma professora minha que é daqui do departamento, ela falou assim: “eu fiz Bacharelado e depois fui pra Licenciatura, eu valorizo as matérias da Licenciatura, exceto Políticas Educacionais que foi uma matéria que eu vi um dia de aula, o professor ficava olhando pra cara da gente o dia inteiro e a gente ia embora ao final, depois eu fiz um trabalho, passei e pronto”. Se ela tivesse tido uma Políticas Educacionais igual à minha, provavelmente ela teria muito mais empatia do que ela tem para poder dar a aula que ela dá hoje.

Athena: É importante criar o senso crítico no próprio professor, eu acho que essa é a intenção de você ter Política, é você entender tudo que está acerca do professor. Se você pegar o PNE⁸⁵, talvez vai ter professor que nem saiba o que é isso.

Hera: Essas coisas eu tive mais quando eu fiz Sociologia, eu lembro que a gente assistiu a um filme muito legal que chama “Nenhum a menos” que é

fantástico para professor de Matemática, se vocês não viram eu até recomendo porque fala exatamente isso que ele está falando, de que quando você chega numa sala de aula, você vai ter vários tipos de alunos, cada um com um determinado conhecimento, um sabe um pouco mais, outro sabe um pouco menos. O filme mostra exatamente a trajetória de um professor de Matemática, como ele faz pra começar a ensinar Matemática para o aluno com o interesse do aluno, então isso é super importante e eu só tive em Sociologia, que não é obrigatória, também é optativa.

Penélope: Psicologia sempre tocava nesse assunto e o que eu mais gostei na aula é que ela explicando Vygotsky, Piaget, às vezes dava uma enrolada naqueles termos e ela sempre tinha um exemplo para te dar que clareava aquela teoria chata de um jeito que eu me apaixonei por Psicologia, por um instante eu queria até mudar o meu curso por causa dela. Política era muito expositivo, tinha discussão, mas era muito expositivo.

Sobre projetos

Esse é um ponto a se pensar: as críticas aos cursos, no que tange as disciplinas, estão quase sempre ligadas ao modo como elas são realizadas e não necessariamente ao conteúdo que é abordado. E ainda assim insistem no discurso: muita matemática pouca pedagogia. Sinal de que muito se fala e pouco se escuta nesse meio...

⁸⁵ Plano Nacional de Educação

Penélope: Tem o projeto Visitas, é bem fantástico, eu fiz parte dele dois anos, ele é da Licenciatura e eu entrei no segundo período. Eu falo que me ajudou demais, eu era bem travada em sala de aula, travada para muita coisa e ele me ajudou bastante. As escolas vêm aqui com um limite de 36 alunos e é feito jogos matemáticos com eles, acho que é de sexto ano do Fundamental até o Ensino Médio e tem uma visita por semana a noite que é para pegar o EJA⁸⁶ e cursos noturnos, é muito bom! Eu saí com a experiência muito bacana, dessa de você ver que os alunos não aprendem da mesma maneira, a gente não fica ensinando um conteúdo lá, a gente fazia jogos, era interativo, você nem chamava a atenção do menino, você estava brincando com eles. Na minha época eram 10 monitores, eu não sei se continua.

Hera: Mas não são muitos não, hoje o PIC⁸⁷ júnior, o curso de iniciação científica para aluno medalhista, também é para alunos da Licenciatura ou para professor de Educação Básica.

Penélope: Tem o PET⁸⁸ que trabalha com as três vertentes: ensino, extensão

e pesquisa, então têm alunos da Licenciatura no PET, eu sou do PET, eu ainda estou nele. É o PET Matemática, aí entra alunos da Licenciatura, do Bacharelado e da Matemática Computacional.

Perseu: No PET, a parte de ensino seria a gente dar um curso de Pré-Cálculo. Tem a disciplina de Cálculo que é difícil e o pessoal reprova bastante, então no verão a gente faz o nivelamento com o pessoal. Eu acho que é uma parte maravilhosa, muito enriquecedora porque a gente realmente tem uma turma nas mãos, por exemplo, eu trabalhei com a Penélope no primeiro Pré-Cálculo, a gente vai para o terceiro agora. Primeiro a gente fez um teste com 10 questões, separamos por nota e eu e a Penélope pegamos a pior turma, pior assim, de zero a dois. A gente realmente dava aula porque antes a gente passava as listas e corrigia só que não adiantava nada corrigir se esses meninos não sabiam nem o que era para fazer.

Penélope: Pode ser assustador, mas tem gente que entra sem saber somar fração e aí é a hora que a gente vai para

Mais assustador do que Doutores que não sabem lidar com gente? impossível

⁸⁶Educação de Jovens e Adultos

⁸⁷Programa de Iniciação Científica

⁸⁸Programa de Educação Tutorial

o quadro ensinar fração. O bom é que a gente tem liberdade, a gente vai aprendendo junto com eles, eu falo: “eu sei isso aqui, mas eu não sei como explicar”, então você tenta e vai chegando numa solução em como ensinar aquilo junto com eles e você vai aprendendo. Daí no próximo Pré-Cálculo você sabe que isso daqui eu ensinei dessa maneira, então acho que vai funcionar, se não funcionar já tem que pensar de outro jeito, então você está aprendendo ali na prática.

Perseu: A gente fez o primeiro e falou assim: “a gente tem que adaptar algumas coisas”, tinham umas listas que estavam muito difíceis e que não tinha necessidade de ter aquilo porque já entrava muito no Cálculo. A gente já viu nesse semestre outros defeitos: tinha que ter uma aula de matrizes, então a gente foi lá e fez. A gente vai adaptando o conteúdo porque as aulas a gente tenta planejar, mas a aula é sempre uma história muito complicada porque às vezes a gente começou de um jeito e a turma não acompanhava e aí tinha que ser um trabalho mais devagar. Eu acabei rodando nas outras turmas, fiquei em uma quatro dias e na do pessoal que tinha acertado as 10 questões e dava

pra ver a diferença, eles já estavam lá na frente, conseguiram terminar o conteúdo adiantado e a gente ainda estava na parte inicial.

Perseu: A parte da pesquisa é só iniciação científica, cada integrante tem uma iniciação científica e geralmente, ou na Matemática ou na Computação, o pessoal da Matemática Computacional ou às vezes da Educação.

Penélope: Agora eu estava com um da Matemática e não estava gostando porque eu vi que realmente eu não tenho muita paciência. Eu gosto muito de Matemática, mas eu não tenho paciência para a pesquisa em Matemática, aí eu mudei agora para a pesquisa mais voltada para a Educação.

Penélope: Tem um grupo para discutir Modelagem Matemática na Educação Matemática, ele é aberto e se qualquer um daqui quiser participar é só falar com a [REDACTED] e ela vai te aceitar no grupo. Eu participo, a gente lê textos envolvendo a Modelagem e uma vez ou outra faz umas oficinas, tem aluno de doutorado, aluno de mestrado, aluno de graduação, do final do curso e do início do curso, tem a própria professora, então é um conhecimento bem bacana que se adquire porque são diversas

cabeças em diversos níveis que estão contribuindo.

Athena: Eu fiquei sabendo do grupo da [REDACTED] porque um amigo meu entrou esse semestre e porque ela deu uma palestra sobre isso. Eu fico preocupada porque o que eu vejo no curso é que tem gente que não tem preocupação nenhuma. Eu acho que se você vai ser professor você tem que preocupar porque você não está fazendo só para você, você está fazendo uma coisa que é para todo mundo, você tem ação direto na formação de todo mundo. Eu acho o PAPMEM⁸⁹ maravilhoso, eu faço todos, você tem a experiência de assistir a aula com professores sensacionais, tem uns professores lá que não são muito bons, mas tem uns que você vê que o cara sabe o que ele está falando porque ele gosta de passar aquilo para as pessoas. Uma professora da faculdade Pedro II obrigou os alunos dela a vir participar e tem professores que participam por acharem que tem a necessidade de participar. Uma coisa que me incentivou mais ainda a querer ser professora é porque eu cheguei lá e eu vi que tem

Nesse caso, nem sendo o melhor curso do mundo...

professores que tem dificuldades enormes em coisas que eu acho muito básico. Eu sempre tive facilidade em Geometria, vai trabalhar com a circunferência tem gente que tem facilidade para enxergar, tem gente que não tem, mas tinha professor que às vezes ficava perdido e até esquecendo de πr^2 , $2\pi r$ e confundindo uma coisa com a outra. E às vezes você pensa, uma pessoa que não quer aprofundar, não quer saber de nada, vai ensinar para outra pessoa e então você acaba desmotivando seu aluno, ainda mais Matemática que às vezes é o terror para muita gente.

Penélope: Eu lembrei de outro projeto, tem o Penja⁹⁰ e o Proef⁹¹. O Penja é residência docente no COLTEC⁹², os alunos da Licenciatura são monitores e dão aula para pessoas da EJA e Ensino Médio, e o Proef é no Centro Pedagógico (CP), também são alunos da Licenciatura que dão aula pra EJA e Ensino Fundamental.

Hera: O CP tem a residência docente também, você fica 25h por semana no

Pode até ser que ela tenha observado outros pontos também, mas escolheu esse para contar e penso que ele fala muito sobre a formação que ela está vivendo...

⁸⁹Programa de aperfeiçoamento de professores de Matemática do Ensino Médio oferecido pelo Instituto de Matemática Aplicada (IMPA)

⁹⁰Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos

⁹¹ Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos

⁹² Colégio Técnico da UFMG

Centro Pedagógico e você vai trabalhar com esses meninos do quarto ao nono ano. Você também vai ter o horário que vai dar aula, os alunos são seus acho que duas ou três vezes por semana durante a tarde, mas é literalmente uma residência.

Penélope: Tem o Pró-noturno também, eu acho que o trabalho deles é parecidíssimo com o do PET.

Athena: Eles trabalham no PAPMEM como monitores, eles que vem aqui e ficam acompanhando o pessoal que vem resolver as questões no período da tarde.

Athena: E o pessoal do Pró-noturno também recebe bolsa, então eu acho que é isso, no geral.

Relações entre alunos e professores

Hera: Tem algumas exceções, algumas raras salvas exceções. Em compensação tem um que até cavalos derivam...

Penélope: É que já soltaram essa frase: “até cavalos derivam”.

Hera: Mas tem professores, esses da Educação, elas se encaixam nisso aí porque elas conversam com todo mundo e tal, mas têm muitos outros professores que são da Matemática, os

da Física todos que são bons vão embora.

Penélope: Eu sou suspeita para dizer, o próprio tutor nosso do PET ele é fantástico e ele não é o tipo de professor que pensa na Licenciatura, ele é totalmente pesquisa, mas ele pensa no aluno. Ele é um cara que é uma exceção mesmo, ele é bem rigoroso, um professor que todo mundo foge dele, mas ele pensa na pessoa, ele tem um respeito muito grande. Ele não te julga pela sua nota como muitos, eu tenho muita dificuldade com prova então as minhas notas nunca são boas.

Athena: Tem professores de outro país que eles mal falam o português, mas eles se mostram disponíveis. Por mais que eles não tenham didática nenhuma e não consigam te explicar muito bem, eles se mostram disponíveis na sala para você ir atrás dele, aí tem pessoas que vão, agora tem pessoas que não estão nem aí, então eu acho que é igual eu falei, vai de cada um, qual profissional você quer ser.

Hera: Também tem professor que só Deus por conta da falta de educação.

Perseu: Eu acho que depende do professor sim, eu acho que primeiro, se o professor é educado com você, mas

E nessa situação o que se faz, se todo o nosso sistema avaliativo é baseado em provas?

Gentileza: uma linguagem universal!

ele não é educado com outra pessoa, então ele realmente não é educado. Já aconteceu com uma professora minha do primeiro período que eu amava mais a aula dela do que ela em si, a aula era muito boa, maravilhosa, mas ela é uma pessoa completamente arrogante, instável. Já aconteceu de professor humilhar a gente aqui.

Hera: Acontece muito e os professores da Física normalmente são os campeões em humilhação.

Athena: Eu tenho muita sorte com todos os professores que eu tive, eu acho que eu escolhi os horários certos por acaso, todos os meus professores das matérias da FAE e todas que eu fiz até agora eu gostei, apesar de a minha nota em Psicologia, por exemplo, não ter sido boa.

Penélope: Eu tive muitos professores bons, muitos mesmo, mas tem um para mim em específico que se faz de preocupado com os alunos, mas no fundo ele é totalmente oposto.

Hera: Nossa, ele é meu orientador e eu o vejo tão diferente!

Penélope: É porque o meu caso era bastante diferente, a intenção era de me ajudar e querendo me ajudar, não

sei, acabou me colocando mais pra baixo...

Helena: Em compensação tem muito professor aqui que dá muita assistência para gente.

Hera: Tem professor que gosta de sala e tem professor que não gosta, maltrata a sala inteira. Já aconteceu caso aqui de um professor dar a mesma disciplina para uma turma do período da tarde e outra da noite e ele deixar bem claro que odiava a turma da noite, ele falava que gostava da turma da tarde, mas ele não está mais aqui. Até as provas eram diferentes, o jeito de corrigir, o jeito de tratar os alunos e isso é muito normal aqui. Na Matemática é mais raro, mas na Física... os professores da Física maltratam demais os alunos, tanto que até para fazer prova, antigamente, era uma equipe de professores que fazia a prova, que não era o mesmo professor que dava a disciplina porque aconteceu de turma inteira fazer prova de matéria que não viu e ter um processo administrativo muito tenso na Física. A gente aqui de vez em quando sofre umas disparidades muito grandes no nosso curso, por exemplo, no semestre passado, por incrível que pareça eu fiz eletro com o mesmo professor que ela

Será que o termo é compensação mesmo?

Será que essa assistência pode amenizar a violência do outro? Será?

está fazendo e ele maltratava demais a minha turma. O professor não sabe tudo, a gente sabe disso, mas era só alguém corrigi-lo que ele ficava assim: “você quer dar aula? Você pode vir aqui no meu lugar”, ou então às vezes ele dava um exercício no quadro e pedia a gente para resolver aí se a gente olhasse no celular ele perguntava assim: “você sabe fazer o exercício?” e você falava: “não” e ele falava: “ou você larga o celular ou você pode sair”, na grosseria. Mas têm uns professores que são unânimes, a galera gosta!

Athena: Eu peguei uma matéria com a turma da engenharia numa segunda e quarta 7:30 da manhã e o professor era fantástico. Você vê a diferença de um professor que tem prazer em dar aula e o que não tem. Uma coisa que às vezes me assusta é que aqui eles são muito voltados para Bacharelado. Quando eu falei para o meu professor do Ensino Médio: “professor, quero fazer Matemática na federal” ele disse: “você quer fazer Bacharelado ou Licenciatura?” Eu: “Licenciatura”, ele: “esteja ciente de que se você se destacar muito eles vão te puxar para o Bacharelado”. Parece que os alunos que se destacam de uma certa forma eles

não deixam ficar na Licenciatura, eles vão lá e começam a estimular, começam a dar um incentivo, arranjam uma iniciação científica. Eu sou uma aluna mediana, não fui atrás de nada, mas a minha orientadora de Estágio não obrigatório ela é da área de Bacharelado e ela é super atenciosa comigo, super amor. Ela falou que o meu Estágio é legal, mas o meu Estágio é na área de Educação! Ela também assinou o contrato para uma amiga minha que está fazendo Estágio num cursinho, mas da minha amiga ela não quer saber. Agora ela fala que o meu Estágio é mais legal, ela vem atrás de mim, ela me manda e-mail, ela quer me ver. E ela já chegou para mim e falou: “Athena, passando as suas primeiras provas vem aqui pra gente conversar sobre como você está indo”.

A força do Bacharelado

Penélope: Quem demonstra interesse por essa área de pesquisa Bacharelado tem todos os pontos com a maioria dos professores.

Hera: E além de tudo há uma discussão que talvez seja por isso que não há um vestibular único para Licenciatura e outro para Bacharelado para que consigam trazer alunos que talvez

O que não impede que esse estudante, caso venha se tornar professor, deixe de ser um bom profissional

fossem da Licenciatura para o Bacharelado. Se tivesse um vestibular único para Bacharel não iria preencher todas as vagas todos os semestres.

Essas qualificações... Até quando seguiremos com elas...

Athena: Mas eu tenho um amigo que era da Licenciatura no noturno e que cataram ele para o Bacharelado. Ele é muito bom, eu conversei com ele antes de ter as ocupações e ele falou que foi pro Bacharelado.

Acho que essa fala expressa bem o caos da situação: corromper! No entanto, penso que o professor deveria ser sempre um pesquisador, ou ao menos, um problematizador de sua prática! E quanto a alma da licenciatura... vamos deixar esse discurso de alma e dom de lado, precisamos é de profissionais!

Penélope: Eu até acho legal, corrompe alguém que tem a alma da Licenciatura e então a gente vai ter bons professores aqui dentro, com a cabeça de professor, não de pesquisador. Igual esse menino, se ele for para o Bacharelado e for dar uma aula aqui dentro eu quero assistir.

Hera: Tem uns professores no departamento que primeiro fizeram Licenciatura, deram aula na Educação Básica e depois fizeram o Bacharelado, entraram no mestrado, doutorado, tem alguns professores do departamento que são assim e são fenomenais; meu Deus do céu, eu se pudesse faria toda a graduação com eles.

Perseu: Os melhores professores são os que pelo menos fizeram Licenciatura, podem até ter feito tipo Matemática Pura.

Hera: Ou trabalham com a olimpíada, o pessoal aqui que trabalha com a olimpíada, os que são bons mesmo, eles são excelentes professores.

Penélope: É... pensa um pouquinho no aluno ou teve uma interferência da FAE ou de alguma coisa assim e uma coisa que a gente escuta muito aqui tipo: ah, a FAE... ah matéria da FAE... é nesse descaso.

Athena: Não é fácil... você veio para a Matemática você não gosta de ler, ou quer dizer, você gosta de ler, mas você não gosta de ficar lendo artigo sobre determinado assunto.

Athena: Fundamentos de Análise é outra coisa que eu acho que tem um certo problema porque o que eu já escutei de outras pessoas é que é uma matéria da Licenciatura, mas é como se você visse a Análise.

Hera: É exatamente isso.

Athena: E Análise é a matéria do Bacharelado, o professor está vendo os fundamentos que é uma ideia mais básica, você vai pegar para ter uma noção para fazer a Análise. É igual eu falei, se eu for ter Análise, eu faço a Análise e meio que elimino Fundamentos de Análise, que aí eu vou

A questão das relações pessoais é tão difícil que parece que a gente fica tentando associar um bom relacionamento à formação do professor... Talvez isso seja uma grande armadilha! A formação inicial pode não ser tão decisiva... o que conta mesmo é a postura de buscar, por meio de estudo ou pesquisa, se aprimorar enquanto formador de professores! É preciso se ver como formador e entender que, caso não tenha tido formação para isso, é preciso correr atrás!!!!

ter uma matéria do Bacharelado que vai me dar abertura para eu fazer um mestrado na área de Matemática e Fundamentos de Análise não dá.

O que seria pensar a licenciatura? Discussão de exercícios? Estudar um capítulo a menos do livro? Não maltratar os alunos? Ser gentil?

Penélope: A diferença está quando você pega um professor que pensa a Licenciatura.

Perseu: Que vai dar a ementa certinho.

Penélope: O desse semestre, você me corrige porque eu só comecei a fazer essa matéria, eu tive a sensação que ele pensou um pouquinho só pelo fato de ter tido uma aula por semana para discussão de exercícios, essa parte me fez pensar que ele pensou: “eu estou fazendo Fundamentos de Análise, é voltado pra galera da Licenciatura, vou fazer isso”. Não foi uma coisa jogada, mas o conteúdo é o mesmo, é o mesmo livro, é o mesmo conteúdo, você vê as mesmas coisas e você não pode tentar um mestrado na Matemática com Fundamentos de Análise.

Hera: Na verdade, vê um capítulo a menos porque o livro vai até integral, daí os professores tradicionalmente de Análise vão até integral e quem dá Fundamentos de Análise costuma ir até derivada, só um capítulo faz tanta diferença assim? não, gente!

Athena: É isso que eu já pensei, por exemplo, eu que tenho interesse de fazer Bacharelado depois porque quero ir pra área de Matemática e depois fazer alguma coisa pra Educação Matemática, já que tem essas diferenças dentro da própria faculdade, para que eu vou perder meu tempo para depois ter que fazer a Análise de novo? Eu faço Análise de uma vez e é como se eu fizesse duas matérias em uma.

Adriana: Novamente a gente cai no professor! Quem é o professor que vai trabalhar?!

Hera: Aqui a gente tem a filosofia de que no ICEx tudo é possível, não importa o quanto você estude porque você pode fracassar, porque as provas podem ser tão difíceis quanto o professor queira, e isso é muito comum, tipo assim, não adianta.

Perseu: E isso desestimula qualquer pessoa.

O diálogo com o curso

Athena: Teve apresentação da nova grade e alguns alunos que foram começaram a questionar.

Adriana: Vocês foram chamados só para a apresentação, para a discussão da grade não?

Avaliação ou exclusão?

Como pode um contexto em que o aluno (futuro professor) conclua que não importa o quanto você estude?

Athena: Têm alguns alunos que são da discussão, eu acho.

Penélope: Tem.

Adriana: Com todos os professores e alunos?

Athena: Não. Só com o colegiado e com alguns alunos, aí alguns alunos que estavam começaram a levantar e perguntar, foi apresentado para gente gráficos do índice de evasão do curso de Matemática, porque o que acontece? Muita gente entra em Matemática querendo fazer Engenharia, as pessoas que repetem são reprovadas em Resolução de Problemas e Iniciação a Matemática e normalmente saem do curso, mas nem todo mundo que é reprovado em Cálculo I sai do curso, ou às vezes sai, mas vai pra Engenharia, vai para alguma coisa assim. Uma das coisas que os meninos levantaram é: “então tira Cálculo I do primeiro período e coloca Cálculo I no segundo” e falaram: “a gente vai levar para ser discutido”. Agora eu não sei como que está a nova proposta, eu tenho até foto da grade, mas é uma grade que estava voltando mais para Licenciatura desde o primeiro período, a nova grade estava bem diferente, começa a partir do primeiro período, lógico que tem as matérias

comuns, mas no primeiro período já tem uma coisa que é meio que diferenciado, que é uma coisa própria para a área de educação e pro pessoal de Bacharelado ficou por opção eles pegarem, eles terem que assistir palestras, por exemplo, pra cumprir a hora.

Perseu: A primeira coisa que eu ouvi do coordenador do curso quando entrei aqui, ele foi explicar da grade, eu tinha passado no vestibular e vim aqui saber todo empolgadinho, aqui no ICEX, ele falou assim, ele usou essas palavras: “a grade do curso é pensada para quem vai bem!”. Então a disposição das matérias é assim, é pra você ir bem, tanto que, por exemplo, se você reprova em Cálculo I você não faz Cálculo II e você não faz Mecânica, é pré-requisito. Se você não faz Cálculo II no outro semestre você não faz Eletromag, EDA e não faz Cálculo III, ou seja, se você reprovar em Cálculo I, no primeiro semestre, pelo menos você vai ter que ficar mais um ano aqui.

Penélope: A minha professora de Estágio uma vez comentou que os professores da FAE estão tentando também ajudar, estão com propostas e tudo tal, só que eles vão alterar essa grade até a parte que interessa.

E o curso, é pensado para o acadêmico “ir bem”? Ir bem como aquele que atinge uma métrica e aceita ser silenciado?

Perseu: Que não atrapalha muito o Bacharelado.

Penélope: Não vão olhar muito o nosso interesse assim não.

Athena: Acho que a primeira coisa que eles falaram, que foi levantado na discussão, essa mudança do Cálculo I para o segundo período teve professor do Bacharelado que não aceitou, que falou: “se a gente atrasa o Cálculo I um semestre a gente atrasa o Bacharelado”

Hera: Isso não é ruim, primeiro que não atrasa o curso.

Perseu: Não.

Athena: Não, eu estou falando pela questão dos professores, que eles querem alunos que sejam excelentes, perfil de Bacharelado, igual eu tenho. Os alunos que estão fazendo agora, os calouros, estão com professores mais exigentes do que eu tive, do que o pessoal do semestre passado teve.

Falaram que nunca mais vai ter um primeiro semestre como os calouros do semestre passado tiveram, com os professores que tiveram. Só que aí esse semestre jogaram um professor que ele dá uma aula de Cálculo e falaram que ele pega um pouquinho da Análise também

e aí é o que a gente estava falando, de que tem gente que não tem maturidade para pegar um Cálculo I desse jeito. Só que tem muito calouro que está indo muito bem.

Penélope: E tem muito aluno do PICME⁹³ também nesse semestre.

Perseu: Mas são poucas pessoas que tem esse perfil de Bacharelado, o perfil que o pessoal constrói é o cara que é muito bom em Matemática e que vai bem em todas as matérias, só que esse perfil é raro, eu por exemplo, entrei na

UFMG querendo fazer Bacharelado e decidi pela Licenciatura porque eu gosto de dar aula e quero trabalhar dando aula. Mas foi muito difícil porque eu pegava um caderno, pegava uma aula de Cálculo III e não conseguia estudar porque de certa forma eu ficava meio que revoltado sobre como as coisas funcionam no sistema aqui dentro da UFMG, tanto nesse sentido de o professor às vezes ser carrasco como ela falou, como no sentido de eles valorizarem muito a nota para você conseguir um mestrado aqui dentro, alguma coisa assim. E eu falei eu não preciso fazer Bacharelado para poder fazer um mestrado aqui dentro, então

Mas tudo bem atrasar o futuro professor...

Alunos excelentes?! Perfil de bacharelado? Será que tem perfil de licenciatura? E qual seria? Menos inteligente? O professor mais inteligente seria aquele que não se preparou para ser professor?

Nossa! É muito bom ter perfil de bacharelado! Bom, se você não tem esse perfil então o que te sobra é ir para licenciatura...

Perfil de licenciatura: saber pouca matemática e ir mais ou menos nas matérias? É isso?

⁹³Programa de Iniciação Científica e Mestrado

eu faço a Licenciatura que é uma coisa que eu gosto, que eu gosto de dar aula e faço as matérias do Bacharelado, tanto que o meu objetivo agora é esse. Se for falar eu sou perfil de Bacharelado ou da Licenciatura? Provavelmente eu estou muito mais inclinado ao Bacharelado porque eu sou muito mais fominha com Matemática do jeito que a maioria das pessoas do Bacharelado é.

Adriana: E como que é esse momento de escolha, é bem dividido isso, 50% Licenciatura e 50% Bacharelado?

Hera: Você tem que escolher, se não escolher vai direto para Licenciatura, pelo menos foi isso que aconteceu comigo.

Hera: Por semestre? Talvez de uma turma de 40? Uns 10? No máximo.

Athena: Uns 8. Saíram 17 pessoas da minha turma do primeiro para o segundo período, então ficaram 23, mas eu acho que da nossa turma vai formar muita gente regular.

Helena: A minha turma mais da metade sumiu, eu tenho impressão que no noturno o índice de pessoal que desiste do curso é bem maior.

Hera: Eu acho que da minha turma, desde que eu entrei deve ter formado uns cinco e uma boa parte saiu.

Penélope: Da minha turma um ia formar regular, mas ele resolveu pegar uma matéria optativa, eu considero que ele formou regular, mas formou no Bacharelado, então o único regular foi do Bacharelado e eu acho, a última vez que eu fiz as contas, nós éramos treze sobreviventes.

Hera: Da minha turma só um entrou no mestrado e foi a única que formou regular, o restante a maioria saiu.

Apesar dos pesares...

Hera: Ah, eu diria assim, que apesar dos pesares, da dureza, de eu ter me perdido em algum momento, quase desisti do curso, mas eu sou apaixonada pelo curso, não me arrependo, eu amo dar aula, amo lecionar. Eu não tinha começado a dar aula de verdade até um tempo atrás, até então eu estava dando aula só particular, mas aí por algum acaso do destino eu comecei a dar aula no Orville Carneiro, que é um cursinho para CEFET⁹⁴, COLTEC⁹⁵, que são as escolas técnicas do Ensino Médio e para o colégio militar, e assim, eu tive

Que bom que você não desistiu Hera, mas nem sempre todos persistem e são esses que me fazem pensar e querer discutir sobre a nossa formação... Pensando bem, não. São também aqueles inúmeros que persistem e, ainda que violentados ou, o que é pior, ainda que não percebiam a violência, se formam e vão exercer a docência do modo como aprenderam e naturalizaram.

⁹⁴Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

⁹⁵ Colégio Técnico da UFMG

certeza... eu sai de uma aula um dia deslumbrada, foi o que eu escolhi pra mim, foi o que eu nasci pra fazer: dar aula de Matemática.

Penélope: Eu tive isso, eu sempre tive medo, eu nunca dei muita aula particular e nunca dei aula durante a minha graduação porque eu sempre tive muito medo e sempre sou muito desesperada para tudo. Esse semestre fazendo o Estágio, a professora lá é muito daquele tipo de professor que não corre atrás que a Athena comentou, aí então eu comecei a ver muita coisa que eu não quero ser. Quando chegou a hora de eu dar aula, eu faço em dupla, e a minha dupla de Estágio me deixa muito livre para dar aula e a gente combina muito para dar, aí eu fui dar aula e eu vi que não precisa ter medo. Agora eu quero dar aula, eu vou fazer, eu quero já começar a dar aula antes de formar, eu perdi o meu medo no meu oitavo semestre e na frente de alunos mais velhos, segundo ano de Ensino Médio, que é o que me travava mesmo.

Athena: Eu acho que eu tive muita sorte com os professores que eu peguei, foi um ou outro que não era do departamento de Matemática e por essa razão eu recomendaria o curso

Entendo que a sorte ajudou, mas contar com ela é um pouco complicado né... Não dá para encarar a nossa formação como uma loteria... E nem pensar que os professores bons estão sempre no departamento de Matemática...

daqui porque eu acho que é possível você conseguir ter uma graduação boa, com professores bons. Aqui tem professores bons, a gente não pode negar, tem professores péssimos, tem professores ótimos, tem professores bons, então dá para você ter uma graduação legal, dá para você fazer tudo certinho. Eu sou apaixonada por aqui, pelo menos eu tenho uma boa relação com os meus amigos, com os meus colegas daqui, com os meus colegas da Matemática, eu tenho uma ótima relação com o pessoal do curso, tem uma boa relação com o colegiado, tenho uma boa relação com os professores, tenho uma boa relação no todo, então é um lugar que eu me sinto acolhida e me sinto a vontade e quero crescer. Eu quero terminar isso porque tem muita gente que entra numa graduação e que sai porque às vezes não se encaixa, porque não era o curso, às vezes porque não se sentia à vontade, porque você vai ter problema em qualquer lugar que você for, mas aqui eu acho que de modo geral, tem mais prós do que contras.

Hera: E os alunos são acolhedores, os veteranos são muito acolhedores.

Penélope: Se você souber o que você quer e correr atrás de palestras, de

Concordo! Por isso precisamos ter clareza de nossos objetivos e direitos para lutarmos por eles

Mas aí que está o problema... essas coisas não podem servir para "suprir" a licenciatura... essas são formações complementares... não dá para darmos um "jeitinho" e achar que está tudo bem, não dá!!!

projetos de extensão, de iniciação, você consegue suprir essa falta que a Licenciatura tem.

Perseu: A universidade como um todo oferece.

Penélope: Você consegue suprir isso, então você consegue sair daqui um bom profissional.

Athena: Agora a gente está com uma ideia, a empresa júnior da Matemática foi formada agora, eu faço parte dela e a gente está com uma ideia junto com o DA para um projeto. DA é o diretório acadêmico da Matemática, CA centro acadêmico no caso, a gente está com um projeto para o semestre que vem e eu estou muito empolgada, está visando muito a parte de Licenciatura e está querendo abranger também o Bacharelado para ganhar mais apoio do departamento. Mas acaba pegando tudo e está muito legal, a gente está tendo reuniões e pelo caminho que está indo, se tudo der certo e vai dar, vai ser sensacional. Ano que vem, 2017 e 2018 são biênio da Matemática, então eu acho que vale a pena, tem que divulgar essa informação, porque está cheio de coisa por todo lugar em razão do biênio.

Vai ter o festival da Matemática no Rio de Janeiro, as inscrições para quem tinha projeto para apresentar, que era voltado exclusivo para o pessoal de Licenciatura, você mandava a sua ideia que eles iam selecionar. O festival da Matemática está sendo organizado pelo IMPA⁹⁶ e pela SBM⁹⁷, então é um festival rico, eu por exemplo, vou me candidatar para ser voluntária, porque eu não tinha projeto nenhum na cabeça, então eu acho que tem coisa que você tem que tentar correr atrás. Só que uma coisa que eu achei esquisito, o cartaz sobre o festival da Matemática estava na FACE, Faculdade de Economia, e eu encontrei lá porque eu fui encontrar minha irmã que estuda lá.

Assim fica difícil!

Penélope: Eu não estava sabendo disso.

Hera: Eu também não.

Adriana: Nem eu.

⁹⁶Instituto de Matemática Pura e Aplicada

⁹⁷Sociedade Brasileira de Matemática

E agora eu me pergunto: e daí?

Não estou acreditando que fiz a leitura de todas essas entrevistas, ainda mais desse modo: empolgada e com o desejo de ler mais, de saber mais, de escutar mais! Mas agora eu me pergunto: e daí? O que acontece depois disso? Me dei conta que escolhi (até parece que a gente escolhe alguma coisa!) uma profissão que é complexa desde o momento da formação. Porém, a essa altura do campeonato, não vou desistir. O que posso fazer é continuar tentando compreender como as coisas acontecem por aqui, reunindo o nosso grupo e discutindo sobre nossos enfrentamentos.

Estive pensando sobre o que quero escrever tanto para a Adriana como para os professores daqui. Vou produzir um único texto e enviar para eles; para a Adriana é mais fácil, temos um meio de comunicação, mas mais do que isso, nos comunicamos! Ela está interessada em saber o que penso, ela me pediu um retorno. Quanto aos professores daqui, sou eu quem quer falar com eles... mas acho que encontrei um caminho: vou usar o meu caderninho verde para isso. Em breve estaremos encerrando o Estágio e a professora já avisou que quer olhá-lo novamente. Se bem que eu nem sei se ela lê alguma coisa, tendo em vista a última vez que ela “olhou” para ele. De todo modo, acho que esse é o meio mais viável no momento. Depois disso posso tentar outras formas, buscar a representação discente para levar algumas questões para o colegiado do curso... depois é o depois, preciso focar no agora que é o que tenho e nesse momento minha única opção é a caneta e o papel, então vamos a eles!

Hoje resolvi escrever este texto, embora eu ache que ele fuja um pouco da proposta deste caderno. Mas como eu acho que esse curso também tem fugido muito de sua proposta, que é formar professor, então ficamos empatados. A questão que coloco agora, depois de uma submersão em minhas vivências aqui pelo curso e de uma overdose de leituras diversas sobre a Licenciatura em Matemática, é: existe algum entendimento sobre o que seja formar um professor de matemática aqui nesse curso ou nos outros que conheci por meio de seus estudantes? Ressalto que minha pergunta não é burocrática, não pergunto sobre o que possa estar registrado em um projeto pedagógico e esquecido em algum lugar. A minha indagação se dirige àqueles que constituem esse curso: alunos e professores. Aos meus colegas por perceber que muitos estão aqui apenas de passagem, seguem o fluxo do caminho e não se aventuram em abrir picadas. Aos professores por fazerem-me sentir, por muitos momentos, em uma torre de Babel, tendo em vista todo o caos que ela pode representar.

O engraçado desse movimento é que eu não o enxergo como sendo ressonância da formação que tenho recebido (e aqui assumo toda a passividade que esse verbo possa carregar) nas salas de aula dessa instituição. Eu o vejo como reverberação de um questionamento externo ao curso que me fez pensar nele como nunca. Até pouco tempo, este caderno não seria nada além de um diário de bordo de estágio, mas também não sei se esse texto dá a ele um papel diferente. A participação em uma pesquisa foi o elemento disparador de todo esse processo de problematização da minha formação. E agora eu entendo tudo isso com a ajuda de alguns autores que esse encontro me proporcionou. O mais enlouquecedor deles, Jorge Larrosa, me disse, de diferentes modos, que o momento de leitura não está atrelado à experiência da leitura, que podemos ler, ler e ler sem que sejamos entranhados pelo texto. O método de ler não se traduz em experiência, uma vez que essa não pode ser entendida como um experimento, pelo menos não aqui. É preciso algo a mais. Por mais de dois anos frequentando esse curso nada havia acontecido que me fizesse parar, pensar, ler e escrever sobre ele. Agora vejo que esse momento aconteceu e que foi preciso algo a mais para isso. Das leituras que eu já havia feito por aqui, nenhuma delas havia me tirado de minha zona de conforto; eram leituras burocráticas de uma aluna burocrática, feliz em sua ingênua ignorância.

Parece que o grande lance foi encontrar alguém disposto a me escutar e me enxergar na minha diferença, sem que fosse preciso um deslocamento da minha espacialidade para conversar com ela. Foi ter que pensar sobre como as coisas acontecem, ou melhor, pensar no que acontece quando nada parece acontecer⁹⁸. E mais que pensar, narrar, sentir, acessar outros sentidos, perceber que formar-se professor é muito além do que o cumprimento de uma grade curricular. Compreender que os afetos e desafetos que aqui vivo tatuam minha existência e que as relações humanas são decisivas em minha formação.

E, nesse movimento, me deparei com a mesmidade de outras formações. Li narrativas de estudantes de Licenciaturas em Matemática de diferentes lugares do país e uma vez mais entendi, com a ajuda de Larrosa⁹⁹, que “ler não é apropriar-se do dito, mas recolher-se na intimidade daquilo que dá o que dizer ao dito”. E nessa intimidade comecei a escutar silenciamentos. Gritos que vibram em ondas outras, que só podem ser percebidos por aqueles que se dispõem a escutá-los.

Meu primeiro movimento com esses textos foi de reconhecimento de situações também vividas por mim durante minha formação e disso tirei temas para discussão no nosso grupo de estudantes da licenciatura. Sim, nós temos um grupo que se reúne regularmente para discutir a nossa formação. Talvez isso até já seja de conhecimento do curso, assim espero! Aliás, sei que já é, pois colhi alguns frutos (podres, talvez?) desse feito. Depois de um tempo, do reconhecimento, passei ao estranhamento e então eu cheguei à escrita deste texto. Não sei ao certo o porquê de fazê-lo, mas desconfio. E espero que quem o esteja lendo também tenha essa desconfiança.

Até pouco tempo, antes de conhecer as falas de estudantes de outros cursos, eu já havia sacado que tinha algo estranho nesse processo. Como poderia um curso que forma professores não desenvolver um trabalho de parceria com as escolas? Como um elemento tão central na formação de um professor pode ser silenciado dessa forma? A escola apareceu no curso assim como qualquer outra disciplina que vivenciei: conhecê-la fazia parte da grade curricular, ou seja, era apenas mais uma etapa a ser cumprida.

⁹⁸ (CAMMAROTA E CLARETO, 2012, p. 592)

⁹⁹ (LARROSA, 2016, p.142)

Alí não se tratava de uma aproximação com o meu possível futuro local de trabalho, tratava-se apenas de cumprir uma carga horária, preencher algumas fichas e colher assinaturas. Eu não fui à escola para conviver com os professores, para vivenciar a complexidade daquele local: estive lá para observar o que se passava e não para entender, discutir, conversar sobre o que me passava ao perceber toda aquela confusão que me fez não querer atuar naquele lugar.

Alí vivi a pedagogia do outro que deve ser apagado, que Carlos Skliar¹⁰⁰ me ensinou ser composta de duas negações: neguei a realidade da escola quando não me coloquei a compor com ela e neguei ter feito isso quando pensei que estava tudo certo, que o estágio era assim mesmo e registrei aqui a minha passagem por lá. E quando vejo o relato de outros estudantes tão próximos dos meus (e mesmo assim, por vezes tão estranhos) percebo que o problema é muito maior e muito mais preocupante. A mesmidade da universidade proíbe a diferença da escola (embora esse poder não lhe seja nato ela age como se o tivesse). É certo que eu já conhecia a escola; assim como todos nós, passei boa parte de minha vida frequentando-a todos os dias, mas a situação aqui é outra. Eu conheci as salas de aula por onde passei e em todas elas, por nenhum momento, eu a vi do ângulo de um professor, então por mais que já conhecesse a situação de sala de aula, a volta a esse lugar em nada se aproximou das memórias que eu possuía. Foi como regressar a um local em que conhecemos enquanto crianças, o que antes parecia ser de uma grandeza infinita é assustadoramente reduzido à realidade racional que a fase adulta nos impõe. Então não dá para supor que eu saberei o que fazer na escola, simplesmente não dá. Os estranhamentos que senti agora poderiam servir de potência, um acesso às minhas memórias para que essas fossem resgatadas nesse momento e problematizadas e não servirem como um arquivo de modelos de práticas que eu retomo para buscar aquela que mais me agradou enquanto aluna.

O pior é perceber que os casos que parecem ser diferentes, produtivos do ponto de vista da formação, segundo o relato de estudantes de outros locais, são aqueles em que o processo fugiu à regra, o que reforça a ideia de que o problema pode ser estrutural.

¹⁰⁰ (SKLIAR, 2003)

Leituras que busquei, por minha conta e risco, exibem casos bem-sucedidos de estágio, porém a maior parte deles apresenta uma proposta diferente da arcaica tríade: observação-participação-regência. Entretanto, o estudo de Dauanny (2015) sobre as contribuições do estágio no processo formativo de futuros professores de Matemática me mostrou que não basta haver apenas um bom projeto se aqueles que o vão desenvolver não estiverem comprometidos com sua proposta e em sintonia quanto à concepção de professor que se almeja formar. E quando digo “aqueles”, quero dizer todos aqueles que trabalham em cursos de formação de professores, inclusive os professores de disciplinas consideradas duras que não percebem sua ação na direção de uma formação para a docência. Não percebem que ao ensinar matemática, ensinam também um modo de ver a matemática, um modo de se relacionar com o aluno, de avaliar, ensinam uma postura docente.

O que fazer então? Se o modelo está obsoleto, por que insistem nele? Onde está o fator limitante? É falta de interesse ou de compromisso com a minha formação? E não dá para pensar que a minha formação vai depender do professor que eu tiver a sorte (ou azar) de pegar como orientador do estágio, professor de Prática de Ensino, Cálculo ou Análise Real. Eu não faço o curso de um professor, pertenço a um curso que possui uma estrutura, um corpo docente, um colegiado, há um grupo de pessoas que deveriam pensar sobre a formação que oferecem e não serem coniventes com práticas abusivas, descompromissadas, que são do conhecimento de todos, mas que por uma questão que eu não consigo entender se fingem de cegos diante dos problemas. Eu gostaria de uma resposta para isso! O que acontece? Onde estão os formadores que escrevem todos aqueles lindos artigos que li? Onde estão os educadores matemáticos do meu curso? Por que nem todos atuam aqui? Onde estão os educadores? Porque tenho a impressão que os matemáticos não se vêem como formadores?

Neste momento me vem à mente frases que li naquelas narrativas: “Eu tive um choque no meu Estágio, mas só que fui levando”; “Quando eu comecei os dois primeiros Estágios eu cheguei ao ponto de querer trancar a faculdade”; “é como se eu tivesse entrado e saído e não tivesse acontecido coisa nenhuma”; “o estágio depende muito do docente, às vezes o docente deixa você não fazer o estágio”. A insatisfação não parece

ser só minha, infelizmente. Até então eu só pensei no estágio, talvez porque estou passando por ele agora... talvez porque ele esteja sendo turbulento... talvez porque eu tenha desistido da escola. E vejo essa desistência como o aborto de um professor em formação.

Para além do estágio, penso que ainda há muito o que dizer sobre a minha formação. Outro silenciamento que penso existir é o da profissão de professor. Sim, por mais louco que isso possa parecer é essa a impressão que tenho! Essa discussão parece ser substituída pela formação de um pesquisador, seja em Matemática ou Educação Matemática. O que quero discutir não é em termos de uma coisa ser melhor do que outra, não se trata disso, inclusive as vejo como complementares. Acho que só sairíamos ganhando se tivéssemos uma formação que contemplasse satisfatoriamente aspectos do ensino e da pesquisa, mas penso que ainda estamos distantes disso. Poucos foram os estudantes que disseram haver um incentivo para atuarem como professores na Educação Básica, mesmo em locais onde há apenas o curso de Licenciatura, como é o caso do meu lugar de fala, essa discussão é quase inexistente, o que parece ser bastante sintomático diante do afastamento da escola que acabei de mencionar.

Parece haver uma ilusão (não sei qual outra palavra poderia usar) de que ser professor é algo menor do que ser pesquisador; de que ser professor da escola é um futuro destinado apenas para aqueles que não sabem muita matemática; de que seguir carreira acadêmica é sinônimo de ser bem-sucedido no campo da docência. Esses são discursos que ouço em meu curso, tanto de professores como de alunos, e confesso que por muito tempo pensei ser verdade. Ou melhor, fui levada a pensar diante dos acontecimentos que vivi; ainda continuo com medo da escola, mas tenho agora um pouco mais de clareza da situação.

Mas o que eu quero dizer com tudo isso, professores, é que apesar de tudo, ainda estamos (peço agora licença aos meus colegas para usar o nós nessa elaboração final) aqui e não iremos desistir. Apesar de todo o caos, abandonamos o sonho de outros cursos e nos encantamos com a ideia de ser professor, seja ela como a possibilidade de ajudar o outro ou então como um compromisso com a sociedade, ou ainda as duas coisas juntas, ou então por qualquer outro motivo que não interessa dizer. Não importa a

razão que aqui nos prende, o que importa é que aqui estamos e precisamos ser ouvidos. O tempo que temos para estudar todo o currículo que nos é proposto é pouco, é insuficiente. Isso é um fato. Para nós, não há problema em estudar toda a Matemática que pensamos ser necessária para sermos professores; gostamos de estudar matemática, por isso aqui estamos. O que precisamos é de tempo para isso, de modo que seja possível refletir, pensar sobre nossas leituras, debater nossas dúvidas, trocar ideias, conversar entre nós, conversar com vocês! Como a ideia não é aumentar os anos de um curso de Licenciatura, já que entendemos que ela é uma formação inicial que não finda na colação de grau, penso que seria importante repensar dentro desse tempo um currículo que, mais que uma listagem de conteúdos de abordagem, muitas vezes, disjunta, seja um conjunto de relações matemáticas e pedagógicas, uma vez que a aprendizagem, nos cursos de Licenciatura parece estar mais vinculada a situações de ensino do que de pesquisa.

Não precisamos mais de avaliações vazias, que insistem mensurar nosso conhecimento em casas decimais. Esses resultados não dizem nada sobre nós e muito menos sobre vocês. Eles servem, aparentemente, para alimentar o superego de muitos e para ensinar a futuros professores que conhecimentos podem ser (pois são) medidos por escalas matemáticas milimétricas. Quem construiu essa régua (padrão) que serve para todos (diferença)? Como alguém foi convencido e isso passou a ser naturalizado desse modo? Atribuir esse poder à matemática é um modo de, sendo matemática, se empoderar? Agora é o momento de discutirmos processos avaliativos, pois vocês querendo ou não, voltaremos para a escola e seria muito bom se tivéssemos propostas outras em nossas práticas. Percorrer todo esse caminho para chegarmos lá com as mesmas concepções de quando saímos é inaceitável! Precisamos experimentar possibilidades e não apenas ler sobre elas. Precisamos conversar.

Eu li em uma das narrativas a fala de um estudante se referindo ao coordenador de seu curso: o curso é pensado para o aluno que vai bem! Mas quem é esse aluno que vai bem? O que define o aluno "ir bem no curso"? Eu não vejo nessa classificação nenhum tipo de cuidado em relação ao outro. Ir bem no curso me parece ser apenas mérito daqueles que conseguiram se adaptar à regra do jogo, que nos é

conhecido desde o momento em que adentramos a escola: se adaptar à linguagem pedagógica. Não se trata de aprendizagem. Aquele que consegue entender o jogo, memorizar suas regras e jogá-lo é tido como o bom aluno. O sistema de avaliação, responsável pela normatização do processo, legítima essa identidade ao considerar como bem avaliado aquele que consegue “expressar” sua competência por meio de uma prova. E o que não obtém êxito nesse momento é tido como o anormal, o desvio padrão, o marginal. E nesse contexto universitário vejo a história se repetir. Os bons alunos são aqueles que novamente se adaptam à nova linguagem, à matemática do ensino superior, aos métodos de avaliação. Eu sei disso porque me identifiquei com esse sistema, tenho uma memória ótima para decorar teoremas, logo sou classificada como uma boa aluna. Mas qual seria a grandeza desses se não houvesse os que estão à margem do processo? Quem alimentaria o ego do professor que se engrandece ao reprovar uma turma toda? Haveria espaço para o discurso do progresso, da meritocracia, se todos fossem merecedores de bolsas de estudos? Quando penso que uma sala só com “bons alunos” faria o professor questionar sua competência, enquanto este se envaidece com 100% de reprovação, entendo que há muito o que se discutir. Ressalto, o problema não está na margem, mas sim na valorização do centro. Como coloca Skliar¹⁰¹, o outro foi alterizado, mas sem permissões para outridade. A margem existe, mas não como margem e sim como um fora do centro.

E para que qualquer mudança dessa natureza aconteça, antes de qualquer coisa, precisamos nos relacionar enquanto humanos que somos; não podemos e nem devemos apagar nossos afetos, silenciar nossos sentimentos. Não deixamos nossas vidas em casa enquanto estamos aqui. Nos constituímos enquanto pessoas e enquanto profissionais aqui dentro; convivemos nesse espaço e o mínimo a se fazer é nos respeitarmos. Situações de humilhação, desprezo, perseguição, indiferença e violência intelectual não deveriam fazer parte de nosso cenário, pois não compõem com nosso enredo de formação de professores. Há tantas histórias deprimentes que nem quero ter de retomá-las aqui, seria sofrer uma vez mais. O que tiro delas é que é preciso aguçar melhor nossos sentidos ao lidar com o outro: escutá-lo, senti-lo e enxergá-lo na sua

¹⁰¹ (SKLIAR, 2003, p. 186)

diferença e não o tomar apenas como um outro de mim. Não somos os estudantes da Licenciatura, sou a Adriana compondo com o João Vítor, a Raquel, a Desirée, a Adriane, o Bruno, o Zeus, a Kristine, o Guilherme Wagner, o Kevin, o Gabriel, a Hera, o Gleyson, o Jonas, a Thaís Lorena, o Rodrigo, a Elizabeth, o João Lucas, o Gilberto, a Lara, o Enríco, a Ana Carolina, a Penélope, o Joan, o Jeremias, a Mayara, o Ronaldo, a Augislane, o André, a Isadora, a Emanuella, o Gustavo, a Mariana, a Helena, o Leonardo, a Andréia, o José, o Emerson, a Aline, o Guilherme, o Elídio, a Alice, o João, a Athena, a Nadine, o Maurício, o Vanderleí, o João Marcos, a Franciele, o Cleber, a Thaís, o Perseu, o Wesley, o Pedro, a Tharyolaene, a Bruna e a Gabriela... E cada um de nós é único em sala de aula e não apenas mais um... E cada um de nós tem o que dizer, para isso foi preciso apenas que alguém nos perguntasse e se dispusesse a escutar...

Por fim, acrescento que todo esse movimento que tenho feito, que temos feito, aparentemente tem sido lido de modo equivocado por alguns professores do curso. Essa prática de problematização não é um ataque, uma revolta inconsequente, é um projeto de docência, de vida!

Bem, acho que é isso. Agora vou digitalizar e enviar à Adriana.

Olá, Professora Adriana

Recebi seu e-mail há alguns dias e não respondi porque estava terminando de realizar as leituras, achei melhor esperar até o final para lhe escrever.

O nosso grupo continua se reunindo e acho que nossas reuniões têm sido produtivas, pelo menos sempre terminamos os encontros com o desejo de continuar as discussões. As leituras das entrevistas, como também de outros textos que me enviou, foram fundamentais para que eu pudesse pensar sobre a minha formação. Tenho a impressão que conheci um novo mundo ou um novo modo de ser/estar/construir no/o mundo depois de sua entrevista e só tenho a agradecer por isso. Sou outra Adriana, ainda mais curiosa e questionadora.

Assim que terminei as leituras decidi escrever um texto no meu caderno de estágio, sobre as coisas que tenho pensado ultimamente. Resolvi enviá-lo a você, pois acho que trago ali as reverberações que gostaria de saber.

Quanto a falar sobre mim em sua tese não vejo nenhum problema, aliás, acho que não terá dificuldades em fazer isso, pois penso que nossas semelhanças estão para muito além da grafia de nossos nomes.

Um abraço

Adriana

Uma esquizoforma de discussão

Hoje começa a aula de Metodologia, espero que todos tenham lido a tese para que possamos conversar. Pensei em trazer algumas ideias sobre Narrativas, Insubordinações, Desobediência Epistêmica, mas primeiro preciso ouvi-los. Chego na universidade e vou direto para o Programa. Nem consigo passar em minha sala para deixar alguns livros, pois, se o fizesse, iria me atrasar e essa não é minha intenção. Entro na sala e todos já estão à minha espera.

— Bom dia, pessoal. Todos a postos! Que ótimo, vejo que estão ansiosos pelo nosso encontro. — Nem sempre encontramos uma turma completa, é preciso valorizar.

— Bom dia, professora. Não sei se estou ansiosa ou angustiada, essa leitura não foi nada fácil — diz Maria Clara.

— Vejo que já podemos iniciar a discussão! E então, como foi esse encontro? — dirijo-me a todos.

— Como eu disse, fiquei bastante angustiada com a leitura. Me senti perdida em vários momentos por não haver explicações sobre a escrita do texto, de onde surgia aquela história. Dei uma folheada e vi que mais para o final ela traz um texto contando como tudo aconteceu. Eu confesso que tive que ler esse primeiro para depois voltar à história — contou Maria Clara. Acho que vou aproveitar essa angústia da Maria e levar essa discussão para o nosso grupo de orientação.

— Bem, eu concordo com a Maria Clara que a leitura não foi fácil, mas não totalmente nesse sentido em que ela coloca. Como me envolvi com a trama, não senti tanta falta de explicações; me pareceu um convite à leitura que eu aceitei. Para mim foi difícil, porque me sinto parte desse universo da formação de professores de Matemática e fiquei muito triste ao fazer a leitura dessas narrativas que me mostraram o outro lado da moeda. Há anos atuo na licenciatura e, sinceramente, senti-me envergonhado diante desses relatos. Em vários momentos parei a leitura para refletir sobre o que tenho feito como formador, pensei sobre o que os meus alunos poderiam falar de mim ou para mim. Foi tenso — disse o Jair.

— Engraçado, Maria, eu vejo na forma como ela apresenta o texto uma das grandes potencialidades do trabalho. O que pude perceber é que todos aqueles elementos que buscamos em um trabalho científico como aporte teórico, referencial metodológico e objetivos estão presentes, porém de outro modo, com outra linguagem. Talvez de uma forma que possibilite ao leitor experienciar o tema do trabalho tal como a estudante experiencia sua formação — colocou o Vinícius.

— Mas do modo que você coloca, Vinícius, a gente poderia pensar que uma tese, ou uma dissertação, ou ainda, um trabalho acadêmico, pode ser visto como uma listagem de itens essenciais. Se esses estão presentes, independente da forma ou da estética do texto, então está tudo bem. Seria quase pensarmos que tudo é permitido, desde que ... — acrescentei para ver a discussão.

— Não, professora, acho que não é bem assim — disse o Flávio e continuou — esses dias tivemos uma discussão em uma disciplina que foi mais ou menos nessa direção e lá chegamos à conclusão de que “tudo pode, mas não pode qualquer coisa”. Não se trata de pegar um trabalho e fazer um check-list dos itens obrigatórios ou essenciais e se eles estiverem ali está tudo certo, não é isso. O que eu sinto é que eu preciso entender algumas coisas durante a leitura de um trabalho científico, por exemplo, o que o pesquisador pretendeu com o estudo, os modos que ele considerou adequado para desenvolvê-lo, as discussões que ele conseguiu levantar a partir da sua pesquisa, o diálogo que ele estabelece com outros autores e o principal: a coerência de tudo isso dentro do trabalho. Eu acho que essas coisas caracterizam a produção científica, mas eu tenho que estar atento que esses itens podem ser colocados de outra forma, por isso a importância de entender o outro a partir do outro e não da perspectiva de um outro de mim mesmo. É preciso esquecer do espelho no momento da leitura e exercitarmos o anti-narcisismo.

— Mas outra coisa que eu fiquei pensando é sobre o lugar da Matemática nesse trabalho. Onde está a Matemática nas suas discussões? — pergunta a Maria Clara.

— Acho que eu vou lhe devolver a pergunta, Maria, mas com uma pequena modificação: será que há Educação Matemática na discussão que ela propõe? Mas não se preocupe, não quero uma resposta agora. Acho que essa questão não é tão comum quanto a sua no nosso contexto, sempre temos um guardião da Matemática de plantão, sempre disposto a garantir o trono da nossa rainha. No entanto, pouco se questiona sobre um trabalho ser ou não da Educação Matemática, como se o que o caracterizasse fosse apenas a presença ou não da Matemática. Vamos pensar sobre isso...

— Professora, voltando à questão da linguagem, apesar de eu ter me identificado com o modelo de escrita que a Adriana adota, pensá-la como uma linguagem oficial da academia, pois se trata de uma tese de doutorado, não é um pouco estranho? Trazer as entrevistas como narrativas é mais comum, no entanto todo o texto nesse formato ainda é pouco usual, não? — colocou o Vinícius.

— Bem observado, Vinícius. De fato, ainda muito se discute sobre as possibilidades de se tomar o uso de narrativas como produção do conhecimento científico.

Acho que podemos começar essa discussão pensando que o ato de narrar faz parte da nossa vida. O tempo todo estamos a contar histórias, então poderíamos dizer que essa é uma forma utilizada para organizar o nosso pensamento, o nosso conhecimento, a maneira como lidamos com/construímos a nossa realidade¹⁰². O que vale ressaltar é que a cada momento que nos colocamos como narradores de nossas vivências podemos dizer que nos constituímos narrativamente, o que isso quer dizer? Por exemplo, na tese, vemos como a Adriana acadêmica vai se formando no seu processo de narrar suas experiências ao longo do curso e nessa trama ela não possui uma identidade fixa de uma aluna de um curso de Licenciatura em Matemática; podemos observar que várias Adrianas vão sendo constituídas nesse processo de acordo com os desencontros, as frustrações, as alegrias, as surpresas, enfim, todas as emoções e sentimentos que vão tomando conta dela na construção dessa identidade narrativa. A questão é: a opção narrativa seria uma forma de não conceber a existência de uma essência, de algo que seja imutável em nós, imune a toda e qualquer exposição, ou seja, imune à nossa própria existência, imune à vida e isso, a meu ver, já seria um dos pilares do conhecimento científico, que é assumir uma visão de mundo ou, como li recentemente nos escritos de Walter Mignolo, uma sensibilidade de mundo¹⁰³, para já tentarmos fugir das heranças coloniais que, muitas vezes, tendem a limitar nossas possibilidades.

— Professora, mas e a questão do conhecimento mesmo, da veracidade dos fatos? Não sei, mas tenho a impressão de que há uma parte de ficção no texto também, não?

— E qual história não é uma ficção, Vinícius? Como coloca Bolívar, “todo conhecimento é ‘ficção’, ou seja, algo construído humanamente”¹⁰⁴. Eu penso que nós temos uma ideia sedimentada sobre a questão da ficção no contexto acadêmico, o que é totalmente compreensivo tendo em vista o legado do positivismo e da educação cartesiana na nossa formação, em especial no nosso contexto de professores de Matemática. Sempre houve uma ênfase nas representações cognitivas e no raciocínio formal, sustentado por bases empíricas e elaborações racionais. Sempre trabalhamos na busca pela verdade. E essa diferença a gente pode perceber quando a Adriana discute a questão do experimento e da experiência na sua leitura do Larrosa. Mas o que eu gostaria de destacar quanto ao pensamento ficcional é que ele permite ao pesquisador trazer elementos para a discussão,

¹⁰² (BOLÍVAR *et al.*, 2001)

¹⁰³ Walter Mignolo no texto *Desafios Coloniais* nos apresenta a opção de escrita de sensibilidade de mundo ao invés de visão de mundo, uma vez que essa trata-se de uma herança do pensamento ocidental que privilegiou, dentre os sentidos, a visão.

¹⁰⁴ (BOLÍVAR *et al.*, 2001, p. 142)

problematizar situações que, em outras circunstâncias, podem não acontecer. Além disso, o que importa em uma elaboração narrativa é o que está presente na fala naquele momento, ou seja, as subjetividades produzidas a partir de situações da realidade ou do imaginário, mas também a prerrogativa de uma continuidade da narrativa pelo leitor. Ao constituir-se narrativamente, a Adriana produziu suas subjetividades acerca da formação inicial de professores de Matemática e as explicitou em seu texto. Se tudo isso partiu de histórias que ela viveu, ouviu ou inventou, não importa! O que importa é o que ela produziu a partir de tudo isso, pois eu não vejo seu texto como um registro do que aconteceu na sua pesquisa, enxergo nele *uma* produção com suas experiências. Para mim, a verdade de sua tese está “na sua capacidade de persuasão e convencimento”¹⁰⁵. E além de tudo isso, é claro, vemos na construção da tese discussões teóricas e metodológicas, embora como você bem observou, em uma linguagem não usual. E no que consiste ao conceito de experiência mobilizado, “julgo que há ali algo muito importante: ela não usa o conceito de experiência, mas opera o conceito junto ao que vive”¹⁰⁶, vejo também em sua escrita o interesse de fazer viver os autores que mobiliza, porém deixando clara a marca de que é ela quem escreve o texto¹⁰⁷. O que me parece ser compatível com a ideia de um doutorado.

— E você, Flávio, o que tem para nos contar? — perguntei.

— Olha, professora, eu gostei muito. Eu tenho feito algumas leituras sobre trabalhos que são realizados em um formato diferenciado, pois eu gostaria de fazer algo nesse sentido. Sei que é cedo para pensar em formato, ainda estamos no primeiro ano, mas a gente ainda pode sonhar, né? — Todos começam a rir e aproveito o momento para levantar algumas discussões.

— Pois bem, pessoal, vejo que a forma é um ponto da nossa discussão. Entendo sua ansiedade, Flávio, também já passei por isso, mas o que é importante discutirmos aqui em relação à forma é sobre o papel dela na composição do texto. Eu não consigo pensar na possibilidade de definirmos a forma de um trabalho antes mesmo de estarmos no exercício de construir uma pesquisa. É claro que aqui assumo uma perspectiva da forma como conteúdo e não da forma pela forma. A princípio, todos temos a opção de escrita tal como a academia nos dita e não vejo nenhum problema em seguir o que está posto. Escrever de modos outros não pode ser visto como a exclusão do modo convencional.

¹⁰⁵ (BOLÍVAR *et al.*, 2001, p. 146)

¹⁰⁶ Fala do professor Filipe Fernandes na banca de qualificação.

¹⁰⁷ (FISCHER, 2005)

Não se trata de estabelecer uma nova regra e sim de pensar em formas outras. A escrita (considerada tradicional ou diferenciada) deve ser pensada como uma possibilidade de se dizer algo para além do conteúdo, algo ética e politicamente engajado com as crenças daquele que escreve. Pensar assim tem me afastado da improdutiva e arrogante ação de contrapor uma “escrita diferente” à “escrita tradicional”.

— As leituras que realizei, professora, falam sobre a questão da forma como um posicionamento político também. O que a senhora pensa disso? — pergunta o Flávio.

— Concordo plenamente. Podemos pensar em uma tríade estética-ética-política tal como Miarka e Fernandes¹⁰⁸ discutem em um artigo de um livro sobre Insubordinações Criativas na pesquisa em Educação Matemática. Como poderíamos pensar esses três elementos na pesquisa da Adriana? Alguma ideia? — tento provocá-los.

— Eu penso que a questão da ética fica muito evidente no texto que ela apresenta ao final da tese, onde ela conta toda a sua movimentação durante o processo. Ao dizer sobre o modo como esse modelo de escrita surge, eu sinto que ela assume uma postura ética em relação às suas ideias, ao seu pesquisar. Ela descreve a impossibilidade de uma escrita que seguisse o modelo tradicional, pelo fato de que, nesses moldes, ela não conseguiria dizer ao leitor de suas experiências com a formação de professores, pelo menos não da forma como ela se sentia motivada a discutir. Em uma das leituras que realizei me lembro bem de um trecho que parece fazer todo o sentido nesse momento; diz assim: “em seu desempenho profissional, os professores e os pesquisadores precisam mobilizar não só teorias e metodologias, mas também suas concepções, seus sentimentos e seu saber-fazer”¹⁰⁹ — responde Flávio.

— Também vejo traços de ética no modo como ela se dispõe a compor sua narrativa como um coro de vozes. Não se trata de um trabalho em uma única voz, a da pesquisadora. Ela abdica de sua posição de narradora dos fatos para assumir um papel de sujeito dessa experiência, dessa pesquisa, desse processo, desses encontros, num enredo com interlocutores ora personagens, ora entrevistados. As falas desses estudantes não são apresentadas como reforço a ideias já sedimentadas, suas conversas são tomadas de modo a ajudá-la pensar em possibilidades outras. E ainda com relação ao leitor, ela não exclui a sua possibilidade de leitura das narrativas aos trazê-las na íntegra ao longo do texto. Também fico me perguntando sobre quantas Adrianas seriam necessárias para dar conta de tudo que ela gostaria de falar e então vejo como sua narrativa evidencia o quanto somos

¹⁰⁸ (MIARKA, FERNANDES, 2015).

¹⁰⁹ (D’AMBRÓSIO, LOPES, 2015, p. 4)

esquizes, ou seja, o quanto nos constituímos de muitos. Um dia ouvi de um escritor que escrever bem é escrever para o outro que há em você mesmo¹¹⁰ e, além disso, que o ato de escrever é menos crer e mais ver, ou seja, seria um es-cre-VER a emoção, a capacidade de se deixar tocar e sentir. Lendo seu texto, me parece que esse foi o caminho tomado por ela — acrescenta o Vinícius.

— Com relação à apresentação dessas narrativas eu havia ficado em dúvida, pois pensei que talvez elas pudessem aparecer como anexos, uma vez que são muito longas e, às vezes, tive a impressão de estar lendo as mesmas histórias. Porém a colocação que você fez me leva a olhá-las de outra forma — coloca a Maria Clara.

— Eu jamais pensaria em colocá-las como anexo, Maria, pois foi justamente a sua leitura que me permitiu pensar sobre as vivências desses estudantes, que me fez até chorar em alguns momentos. Elas, para mim, são fundamentais no sentido mesmo de falar com, pois colocá-las em anexo e trazê-las por meio de recortes feitos pela pesquisadora e “encaixados” no meio de outros textos seus, seria outra coisa. Em relação à discussão que a professora coloca, no que tange a estética do texto, além do que já foi falado, e que a professora Adriana bem colocou, penso que a estética adotada coloca em dúvida a ideia de que o conhecimento científico possui uma única e exclusiva forma de propagação, tendo em vista que esse trabalho passou por um crivo da academia e foi aprovado. Ou seja, com isso eu posso pensar e acreditar que há outras possibilidades, que a estrutura cartesiana de exposição de um trabalho científico começa a apresentar fissuras — expõe Jair.

— Isso mesmo, Jair, e parece-me que há significativas sutilezas quando tentamos falar de modo separado de cada um dos elementos dessa tríade, não? Tenho a impressão que esses três elementos estão imbricados. Não consigo falar sobre a estética da pesquisa sem discutir também sua ética e política. No limite essas discussões se fundem. Quando penso na questão política, vejo que cada uma das escolhas estéticas pode dar indícios também de escolhas políticas e de um compromisso ético com seu modo de pensar. A opção por uma análise narrativa, com enfoque mais voltado para traçar compreensões sobre as discussões levantadas pelos estudantes, e não por um modelo paradigmático que visasse explicar os fatos apresentados diz respeito ao modo como a pesquisadora se coloca a pensar o contexto em que se desenvolve sua pesquisa que é a formação de professores de Matemática. Assumir essa postura é posicionar-se politicamente quanto ao modo como

¹¹⁰ Em junho de 2018 tive a felicidade de participar de um curso de Escrita Criativa com o escritor Sidney Rocha. Dentre as muitas marcas que ficaram desse encontro, escolhi essa para compor meu texto.

esses processos ocorrem, é implementar uma ação contrária aos silenciamentos que ela se coloca a evidenciar nas falas desses estudantes. É assumir que há que se estranhar e, minimamente, se questionar um modelo de formação de professores nos cursos de Licenciatura em Matemática que desconsidera o diálogo e a escuta atenta com aqueles que são parte constituinte do processo: os licenciandos. É se posicionar de forma contrária ao que está posto social e culturalmente, é apontar uma direção e isso é fazer política. Nessa mesma linha de pensar a estética como um movimento de insubordinação temos a ideia de Desobediência Epistêmica, discutida por Walter Mignolo e que eu acho que pode nos ajudar a pensar sobre esse posicionamento político. Esse conceito desenvolve-se dentro dos estudos sobre Descolonialidade que podem ser entendidos como uma resposta contrária à ideia de uma matriz colonial de poder, alicerçada nas premissas da modernidade, tais como o discurso da salvação, do desenvolvimento e da felicidade — acréscimo.

— Professora, mas onde entraria a questão da estética textual nesse contexto de Colonialidade e Descolonialidade, que me parece ser uma discussão muito além da que estamos tendo? — pergunta Maria Clara.

— Entendo sua colocação, Maria Clara, vamos tentar entender a discussão que o Mignolo coloca. Em uma de suas palestras, que ocorreu no Evento Acadêmico para Sentir-Pensar-Hacer, realizado em novembro de 2010 em Bogotá – o vídeo está disponível no YouTube¹¹¹ – ele traz uma fala sobre qual seria a grande luta do século XXI, e essa é colocada em termos de uma luta pelo controle do conhecimento: sabemos que conhecimento é poder, então poderíamos dizer que o que acontece no mundo hoje é uma crise de poder. Tentando sair da discussão macro para um olhar micro vamos pensar em termos de disciplinas acadêmicas, por exemplo, Filosofia, Sociologia, Linguística, Matemática e tantas outras. Elas exercem uma forma de controle da academia sobre a sociedade e muitas vezes agem como verdadeiras fortalezas tentando delimitar seus territórios e suas fronteiras e, para isso, muitas vezes ocorre o que ele nomeia como sacralização da teoria, ou seja, quando teóricos passam a ser vistos em posição de adoração. Essa já seria uma discussão extremamente interessante aqui em um curso de pós, mas vamos voltar à nossa intenção que é entender um pouco sobre a Desobediência Epistêmica. Penso que a ideia do autor nesse contexto epistêmico não é de abandono do que foi produzido em termos de conhecimento científico e sim de pensar em

¹¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mqtqtRj5vDA>, acesso em 05/06/2018.

possibilidades outras, seria um “aprender a desaprender”¹¹², entender que para além do racional há o humano. Sua discussão se dá em termos do poder colonial eurocentrista que ditou os modos de produção do conhecimento dos últimos 500 anos e que se constituiu sobre modelos coloniais de exploração e negação de toda a humanidade dos povos colonizados (religião, subjetividades, cultura etc). A leitura que faço disso no nosso contexto educacional acadêmico e de pesquisa é para também nos atentarmos a possibilidades outras em nossas produções acadêmicas, que possamos nos desvincular da ideia de que a produção do conhecimento científico se dá apenas em determinados locais, e de modos que foram pré-estabelecidos por sociedades e culturas não necessariamente por reconhecimento, mas talvez por imposição. A nossa desobediência a essa imposição é reconhecer nesses modos outros a sua cientificidade de acordo com os critérios científicos que sejam pertinentes ao seu contexto e não a partir da existência de um modelo universal de pensamento técnico/científico. Criar fissuras no modelo de conhecimento científico, como o Jair comentou, que sustenta nosso campo de pesquisa é sair das regras do jogo que são impostas, mas para que isso aconteça precisamos tomar consciência do lugar que habitamos nessa Matriz Colonial de Poder, que seria, no nosso caso, a produção do conhecimento científico — respondo.

— Me parece que a gente pode pensar nessa ideia de Desobediência Epistêmica também em outro momento da tese dela. A senhora colocou em termos da estética diferenciada como posicionamento político e também como conhecimento científico. Além disso, eu penso que o modo como ela constrói a sua narrativa, chamando para o debate da formação de professores os futuros professores, ou seja, os estudantes da licenciatura, quebrando esse silenciamento discente que fica muito evidenciado em suas narrativas, o que a senhora já tinha colocado em termos de posicionamento político, eu vejo que ela realiza outra Desobediência Epistêmica. E essa se dá em termos de pensar, sobre modos outros, um curso de Licenciatura em Matemática, ou seja, a sua estrutura, o seu projeto pedagógico, que, pelas entrevistas, me fez pensar que nosso foco na formação ainda é, majoritariamente, ensinar muita Matemática, como se o professor que ensina Matemática em São Paulo pudesse ser o mesmo que ensina Matemática em Porto Velho, como se não houvesse nenhuma particularidade nessas formações, como se fosse uma formação em massa e não um curso pensado para atender a complexidade da profissão. Então eu vejo esse deslocamento do pensamento como uma bandeira contrária a uma

¹¹² (MIGNOLO, 2008, p. 290)

matriz colonial de poder que pensa a Licenciatura em Matemática em termos do aparente insuperável modelo do 3 + 1 que, muitas vezes, ao invés de ser combatido, acaba sendo reforçado pela legislação — expõe o Jair.

— Concordo com você, Jair. Vejo que a leitura dessa tese nos trouxe boas discussões e me parece que esse é um caminho produtivo: a leitura como formação e a discussão do que essa leitura produz em cada um de nós para a construção de conhecimentos. E agora que já construímos nossos olhares sobre a pesquisa da Adriana, vamos realizar juntos a leitura da Parte II para então ver como ela acredita ter realizado o seu estudo...

PARTE II

O mais importante é o caminhar

Em janeiro de 2015, a convite de uma amiga muito querida, eu e meu marido fomos turistar no Chile. Conhecemos duas cidades lindas e encantadoras, porém muito distintas entre si. Santiago com seus encantos de uma grande cidade e Púcon com seu charme bucólico que nos conquistou desde os primeiros minutos em que chegamos. Como sempre, sou extremamente organizada (estruturada?) com meus roteiros turísticos, com muita antecedência eu já sabia de todos os passeios que poderia realizar, tanto em Santiago como em Púcon. Em Santiago visitaríamos vinícolas, serros, museus... mas em Púcon estaria a cereja do bolo: subir o vulcão Villarrica!

Se ainda no Brasil estávamos empolgados, quando chegamos lá e avistamos aquela imensidão de montanha, não tivemos dúvida, iríamos subir e para isso esperamos a chegada do melhor dia, segundo a meteorologia. Conversando com os guias turísticos, subir um vulcão parece ser a coisa mais simples que se possa fazer na vida, afinal eles fazem isso praticamente todos os dias. Seria apenas cinco horas de subida e duas horas de descida, tudo muito básico para dois sedentários, adeptos, à época, de no máximo algumas caminhadas...

Mas seguimos determinados. Eles (os guias) mostram até fotos de velinhos que conseguiram fazer a subida para nos convencer de que somos capazes. Depois daquelas fotos o passeio passou a ser uma questão de honra! O primeiro sinal de alerta é a prova dos equipamentos. A bota deveria pesar uns 8 quilos, no mínimo, calça, jaqueta, mochila com equipamentos (travas para andar na neve, prancha, comida, bebida e outras coisas), eu acredito que no total haveria, no mínimo, uns 15 quilos, mas tudo bem, os velinhos conseguiram...

Eis que é chegado o dia, 4 horas da matina de pé na maior empolgação, apesar do meu pavor em acordar cedo. Um dia lindo e maravilhoso, o guia foi muito generoso de nos fazer esperar o melhor momento. Não havia uma nuvem no céu, poderíamos ter uma visão incrível lá de cima. Às 8 horas iniciamos nossa subida, andamos um pouco e havia um teleférico para adiantar o trajeto em, pelo menos, uma hora, mas naquelas cinco horas já estava computado esse tempo. Não tivemos dúvida, pegamos o teleférico, uma aventura à parte, a muitos e muitos metros de altura, sentadinhos naquele banquinho sem nenhum tipo de segurança, era só balançar as perninhas e aproveitar, eu adorei e o Giovani, meu marido, quase enfartou.

Agora sim começamos a subida. Eu, metida que sou, quis ir logo atrás do guia principal, o que encabeçava a fila, com a doce ilusão de que eu conseguiria acompanhá-lo. Depois de uns trezentos metros ele olhou para a minha cara, com um palmo de língua para fora, me puxou de lado e disse que eu deveria seguir o meu ritmo, pois se eu continuasse daquela forma eu não conseguiria subir. Chamou outro guia, eles eram em um grupo de quatro ou cinco, não me lembro exatamente, e pediu para que ele acompanhasse a mim e o Giovani no nosso ritmo. Então aquela brasileira super animada ficou lá atrás, bem atrás, com um guia particular, nos acompanhando em nossos passos de tartaruga (ninja, pelo menos!)

E dê-lhe subida, muita pedra até, pelo menos, a metade do caminho, um trieirinho terrível, mas ainda muita empolgação. Na primeira parada a vista já era espetacular e o cansaço já começava a bater, fizemos um lanche rápido e já continuamos. Perguntei ao guia se havia banheiros nessas paradas e ele me disse: a montanha é o banheiro! Entendi... Já não me lembro bem quantas paradas fizemos, se 3, 4 ou 5, mas sei que foram várias e cada vez mais rápidas. Lá pela segunda ou terceira eu queria desistir. Emburrei. Já havia colocado as travas nas botas, pois já estávamos caminhando na neve, tudo doía. As costas, as pernas, o quadril, os pés, a cabeça, o vento era gelado, o sol era quente demais, a mochila já pesava uns 50 quilos. Nós mal conseguíamos comer nas paradas porque o guia não nos dava tempo, era uma mordida no sanduíche, um gole de água e pronto. Eu não suportava mais, mas o impertinente do guia ficava insistindo, falando que já tínhamos passado da metade, que iríamos nos arrepender, que de agora para frente seria mais tranquilo, enfim, uma pressão psicológica terrível. Parece que eu ainda ouço: Vamos ticos, vamos ticos!

Até chorar eu chorei. De raiva do guia por ficar fazendo aquela pressão; de mim por achar que seria fácil, enfim, do mundo! E o Giovani, fofo, o tempo todo disposto a desistir para me apoiar. Nos últimos metros a subida era muito íngreme! Trocar o passo era o equivalente a correr 50 metros e olhar para o lado não era nada animador. Mas, por incrível que pareça, eu consegui. Naquele momento, automaticamente, esqueci de todo o cansaço e de toda dor. A visão é extraordinária a 2847 metros de altura. Até beijo no guia eu dei de agradecimento por não me deixar desistir. Foi fantástico, impossível não se sentir o máximo lá em cima. Valeu a pena.

Ficamos no máximo uns vinte minutos no topo da montanha, pois o vulcão estava expelindo muita fumaça e, segundo os guias, era uma fumaça tóxica. Se a subida foi lenta, a descida foi a jato. Eu nem imaginava que seria de skibunda, aventura total, espetacular. E depois de um longo dia de aventura voltamos para o hotel acabados, mas felizes demais. Apenas um detalhe mais emocionante dessa aventura, cinco dias após nossa subida, quando já estávamos na segurança de nosso lar brasileiro, o vulcão entrou em erupção. Acho que aquela fumaça toda era algum sinal...

Estranho é lembrar menos da fumaça do que tudo o que pensava e sentia durante a subida, a descida e, em casa, quando, ao ver a notícia da erupção, senti emoção como se aquela imagem fosse ainda parte da aventura que ainda enredo por aqui.

Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir

Michel Foucault

Há um tempo venho ensaiando a escrita desse texto e ainda não sinto que o momento tenha chegado, mas infelizmente o tempo da vida não é o mesmo que o tempo acadêmico e então me vejo obrigada a começá-lo mesmo que ainda não me sinta preparada para produzi-lo. Preciso aqui contar como as coisas aconteceram, como eu fui abrindo a picada para a construção dessa tese, como os caminhos foram construídos e trilhados em meio às dúvidas e incertezas de um novo caminhar.

Eu sempre pensei no doutorado como sendo aquele momento de maturação das ideias que foram construídas ao longo do período acadêmico. Sempre imaginei que, caso esse momento chegasse, eu iria nessa fase aprofundar e solidificar os conhecimentos teóricos que eu já havia adquirido durante os estudos no mestrado e no grupo de estudos. E com isso eu sempre disse que respeitava muito a ideia de fazer doutorado, de tornar-se doutor em algo; era quase que como a passagem de um ser terreno para um ser celestial,

mais evoluído, com todo o glamour e exagero que se possa imaginar. Mas calma, não quero dar a impressão de que eu tenha deixado de admirar e respeitar essa fase de estudos, não se trata disso, muito pelo contrário. A questão é que, na travessia desse percurso turbulento, eu percebi o quanto minhas crenças eram fictícias e que não havia muito glamour nesse caminho. Ao invés de aprofundar os estudos como eu idealizava, me afastei de leituras conhecidas e amigáveis e me aventurei por escritos que me causaram mais calafrios do que aconchego, mais angústias do que tranquilidade. Entretanto, apesar de toda contradição que pode haver nisso, o desalento me causava mais alento do que angústia, e foi necessário um tempo para que eu conseguisse lidar com isso e com todas as suas implicações. Eu sentia que esse era um caminho sem volta, que após esses tremores eu não conseguiria, mesmo que assim fosse minha vontade, retornar ao alicerce inicial, pois as rachaduras nele feitas abalaram as estruturas. O que me restava era um novo começo, talvez agora mais provisório do que definitivo e menos ideal.

Esse não é o primeiro texto que compõe esse trabalho, até o momento já escrevi sobre algumas das entrevistas que realizei e até então sempre tenho dúvidas se o que tenho feito tem mesmo as características de um trabalho acadêmico, de uma tese de doutorado. Às vezes me vejo mais contando uma história, a história que venho construindo. O que trago nesse texto é o relato da minha experiência com o doutorado, o quanto tudo isso me tocou, me transformou e me fez pensar em coisas que antes talvez eu não pensasse. E quando me refiro ao doutorado falo mais do que apenas a minha pesquisa, englobo aqui o curso das disciplinas, a convivência com colegas e professores, as viagens para eventos e os acontecimentos na minha vida pessoal durante esse período. Isso tudo está sendo o meu doutorado e é sobre essas coisas que pretendo falar.

Se o percurso metodológico é o momento em que temos que contar como a pesquisa aconteceu, quais foram nossas movimentações, nossos caminhos e, principalmente, os descaminhos, não vejo como não contar do princípio. O que tenho para dizer aqui são as minhas inquietações, as minhas descobertas, as minhas mudanças de direções. Não houve uma metodologia pré-definida que tenha me guiado nesse percurso e por isso não vejo como colar uma etiqueta nessa exposição, que valide, academicamente, o que estou dizendo. Não se trata de uma produção em massa, onde a etiqueta pode assumir um papel de controle de qualidade. As referências que aqui podem surgir se referem aos caminhos que fui encontrando ao longo dessa travessia conforme foram surgindo as necessidades, as questões, os objetivos, ou seja, de acordo com o

desenho que a pesquisa foi traçando. Eu não me vesti de uma metodologia para começar essa trilha. No começo eram só ideias e incertezas e talvez ainda seja até o momento.

Ingressei no curso de doutorado com um projeto bem definido, com questões, objetivos e teoria. Tudo bem redondinho. Foi um projeto pensado e discutido, era algo que, de fato, eu me sentia motivada a fazer. A minha proposta era realizar um estudo sobre as práticas docentes de professores universitários e as práticas de estudantes durante o período de estágio supervisionado em um curso de Licenciatura em Matemática. A ideia seria estudar as aproximações e distanciamentos entre as práticas vivenciadas enquanto estudantes e as práticas desenvolvidas enquanto professores no período de estágio. Para isso eu faria uso da Teoria Antropológica do Didático, como aporte teórico-metodológico, uma vez que ela me oferecia um modelo praxeológico para o estudo dessas práticas e toda uma discussão antropológica que ajudaria a entender o contexto do Ensino Superior e o da Educação Básica. Ou seja, eu tinha um projeto, avaliado, inclusive, como um bom projeto pela seleção no doutorado. Eu continuaria na minha zona de conforto, mas naquele momento eu nem tinha essa percepção, era apenas o que eu conhecia e sabia fazer, eram discussões e leituras que eu já realizava desde o final da minha graduação; haveria, é claro, retomadas e aprofundamentos, mas mesmo assim, tudo aconteceria sobre terra firme, com as duas mãos agarradas nas estacas que eu já havia fincado no campo da Didática da Matemática. E assim foi até no máximo uns dois ou três meses de curso: agora eu já não mais me lembro de datas.

O que ainda me lembro bem é da angústia que me assolou com as leituras que comecei a fazer e nesse sentido considero importante ter realizado algumas disciplinas durante o curso, pois tive a oportunidade de ler e discutir nas fronteiras, em territórios distintos do meu, onde eu pude pensar e refletir sobre o que eu gostaria de desenvolver em minha pesquisa. A minha primeira trombada foi com a Filosofia. Eu não me conformava, e isso ainda me incomoda muito, com o fato de eu ter chegado até o doutorado, na área de Educação, sem nunca ter sido necessário estudar Filosofia. Como assim? E agora eu tinha que ler textos que me exigiam esse conhecimento. Vou trazer aqui a fala do João lá de Porto Alegre, um dos colaboradores dessa pesquisa, o professor diz: “Ah, isso aqui é trivial!” e o João responde: “Trivial para quem? Então eu passei no vestibular e passou a ser trivial para mim, é isso?”. Então eu entrei no doutorado e Filosofia passou a ser trivial, é isso?

Não, eu não estou querendo comparar os níveis de qualificação, é óbvio que graduação e doutorado são coisas distintas, mas sinceramente, a minha indignação foi a mesma do João. Era como se a corda tivesse chegado ao limite de sua extensão e tivesse arrebentado. Eu lia e relia os textos propostos com o dicionário do lado, discutia, mas nada acontecia, eram compreensões passageiras e muitas delas passaram sem nada me acontecer. Porém, ao mesmo tempo eu estava adorando tudo isso porque eram todas leituras que me faziam pensar coisas que antes passavam despercebidas. Eu lia Veiga-Neto, Jorge Larrosa, Tomaz Tadeu, Chalmers, Foucault, Nietzsche, Bolívar, Luc Ferry e tantos outros autores e tudo era muito difícil, muito novo e muito belo. Algumas leituras pelo doutorado, outras que eu buscava para entender o que podia estar acontecendo comigo. Eu me sentia alienada a esse mundo acadêmico que estou inserida, que faço parte como professora universitária. Eu não entendia de Modernismo e nunca tinha ouvido falar em Pós-modernismo (até tinha, mas não atribuía nenhum significado a isso) e daí eu me perguntava: como eu estou em um curso de doutorado sendo uma completa alienada? Que mundo todo é esse que eu não conhecia e como eu cheguei até aqui? E tudo isso, literalmente, acabou comigo.

Nessa fase meu único pensamento era desistir de tudo, inclusive da minha carreira como professora. Afastei-me do Programa, do grupo de estudos e de pessoas ligadas a ele. Apesar do distanciamento físico eu não conseguia desligar o emocional, a culpabilidade por não cumprir com meu compromisso me sufocava mais que a não capacidade de pensar em um projeto. Eu não sabia lidar com aquilo que considerava ser um fracasso. Até então, desde que eu havia me aventurado a pesquisar, a ler, a escrever, eu me considerava exitosa em minhas tarefas. Mas agora, eu não conseguia organizar as minhas ideias e nem formular qualquer tipo de questionamento. Houve um dia em que abandonei uma aula apenas porque uma colega disse que eu precisava falar, mas eu, literalmente, não conseguia me expressar. Eu me sentia contraditória e infeliz. As discussões, os professores, os colegas, todos me sufocavam.

Além disso, eu sentia ainda que havia uma expectativa em relação ao meu projeto, a minha continuidade nos estudos em Didática da Matemática, mas nada daquilo me motivava e eu não tinha condições de enfrentar todas essas mudanças de frente, eu não sabia lidar com a situação que eu mesma havia criado. Desde o meu último ano de graduação, em 2007, eu comecei a estudar a Didática da Matemática e nesse campo eu continuei até o início do doutorado, foram oito anos de muito estudo e dedicação. Mesmo

após a conclusão do mestrado eu continuei a participar do DDMat (Grupo de estudos em Didática da Matemática) e a estudar, principalmente, a Teoria Antropológica do Didático, e posso dizer que eu me sentia segura para discussões teóricas nesse campo. Eu me aproximei da Didática da Matemática porque me aproximei da Marilena, eu percebia esse campo teórico como um elo entre nós e sentia que uma descontinuidade nele poderia de alguma maneira afetar nossa relação e fugir de tudo isso foi a solução que escolhi e que considerei ser menos dolorosa. Eu sempre evitei conversas difíceis, e ainda evito, se for possível.

Mas o que importa é dizer que em nenhum momento, seja durante essa crise ou após ela, Marilena me censurou ou pressionou para que eu desse continuidade em minha proposta inicial. Pelo contrário, quando eu disse que havia perdido a motivação para o primeiro projeto de imediato ela concordou em abandoná-lo e tentou me ajudar a pensar em outras possibilidades. Mas mesmo assim eu não conseguia dizer que queria estudar outras teorias, pois eu não queria ser uma decepção: foram anos de estudo e o doutorado eu entendia como o ápice de todo nosso trabalho. Ao mesmo tempo eu também não podia me enganar. É uma situação difícil de explicar, mesmo depois de tudo resolvido. O que quero registrar é o quanto tudo isso me fez aprender ainda mais com ela sobre um dos papéis de um orientador. A liberdade teórica que tive para buscar aquilo que fizesse sentido para mim foi o diferencial em todo esse processo, não houve repreensões e sim um voto de confiança.

A lembrança dessa fase ainda me causa palpitações. Talvez possa parecer um pouco de exagero, mas para alguém controladora como eu, essa desorganização de ideias foi algo terrível. Talvez nem caberia falar sobre isso, mas diante de tantos casos de adoecimento na pós-graduação, penso que seja válido relatar. Das leituras que fiz sobre o tema os conflitos parecem ser de diferentes naturezas, o meu foi comigo mesma e precisei de ajuda profissional para me reorganizar. Por sorte eu também tinha outros refúgios: foi um período produtivo em termos de jardinagem e artesanato. Ao invés de comprar livros eu comprava orquídeas e estudava sobre o seu cultivo. Em termos acadêmicos eu nada produzi, mas em relação ao meu orquidário e meu jardim posso sentir orgulho: minhas meninas estão cada dia mais lindas.

Como já dito, eu perdi o encanto pelo meu projeto inicial e diante de tantas outras leituras, de tantos novos questionamentos, eu queria fazer algo novo, estudar coisas novas, começar de novo e daí por um longo tempo eu fiquei procurando por objetos de

pesquisa como se eles estivessem em alguma prateleira a me esperar. Eu não tinha um projeto, não tinha uma questão, não havia uma motivação, eu apenas estava em um curso de doutorado e tinha que ter uma pesquisa para “chamar de minha” e era isso. As minhas mudanças de objetos de pesquisa se tornaram piada na minha turma, a cada seminário uma nova pesquisa. Depois de um tempo eu me refiz, pelo menos consegui voltar a pensar sobre o que fazer, ainda anseio em alguns momentos por certezas, mas já consigo conviver sem elas de maneira mais tranquila.

Em meio as tentativas de encontrar um novo projeto surgiram algumas ideias. A primeira delas foi analisar livros de matemática para cursos de licenciatura como, por exemplo, *Análise para licenciatura do Geraldo Ávila*. A ideia seria discutir o diferencial que havia nesses textos. De alguma forma eu ainda continuaria tateando coisas que me eram conhecidas, em meu mestrado trabalhei em alguns momentos com análise de livro didático e esse era um dos temas bastante estudados no grupo de estudos em Didática da Matemática. A proposta parecia viável, mas ainda não havia empolgação e logo abandonei esse projeto. Apesar de toda metamorfose, posso dizer que o meu interesse em, de alguma forma, discutir questões ligadas ao curso de Licenciatura em Matemática se manteve. Esse interesse sempre existiu desde que eu comecei a me enveredar pela pesquisa acadêmica. Ainda na Licenciatura, quando pensei em escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso, eu logo quis entender o porquê de estudar tanta Matemática, principalmente porque eu não via relação entre o que estudava e o que eu teria que ensinar na escola básica. Assim, naquele momento eu entrevistei três professores que estavam em início de docência procurando saber como eles relacionavam o que haviam estudado na graduação e o que estavam colocando em prática em sala de aula. Os resultados desse estudo me levaram a pensar no projeto de mestrado, onde foquei um pouco mais na prática de um professor em início de docência, acompanhando-o durante suas aulas e tentando compreender como ele mobilizava os conhecimentos que havia adquirido na graduação em sua prática sobre o tema Função. Em todas essas situações a Licenciatura em Matemática se fez presente e mesmo depois de tantas inquietações e mudanças eu continuei querendo saber mais sobre ela e nesse caminho outras ideias surgiram.

De início pensei em constituir grupos de discussões com alunos da Licenciatura em Matemática, da própria UFMS, para que pudéssemos falar sobre a Licenciatura, abrir um espaço de diálogos entre os estudantes, onde eles pudessem expor suas angústias e suas expectativas sobre o curso. Paralelo a isso comecei a ler pesquisas que exploravam

o uso de narrativas docentes e discentes e enxerguei nesses estudos algumas possibilidades para o trabalho que pensava desenvolver com os estudantes. Também me aproximei do grupo de estudos HEMEP – História da Educação Matemática em Pesquisa, não por pensar em desenvolver uma pesquisa no campo da História, mas por saber que muitas das pesquisas ali desenvolvidas faziam uso de narrativas e esse seria um caminho para novas compreensões. Nessa nova perspectiva, entrei em contato com estudantes do quarto ano que cursavam a disciplina de Prática de Ensino V, ministrada pela Marilena, e chegamos a nos reunir por duas vezes. Nesses dois encontros falamos sobre o curso de modo geral, eles contaram suas histórias e uma vez mais me senti frustrada com minha pesquisa. Agora a angústia se dava pelo fato de que aquelas histórias que eu ouvia eram já conhecidas por mim. Eu fui aluna nesse curso, embora em outro momento, com outra estrutura curricular, mas havia proximidade nas percepções. As histórias sobre os docentes eu também já conhecia e então eu me questionava: se tudo que eu ouço, eu já conheço, então para que realizar esse estudo? E por um breve período eu me vi novamente no limbo, sem pesquisa, sem ideias e sem vontade de fazer esse doutorado.

Porém desta vez, ao menos, eu já conseguia conversar com a minha orientadora, frutos da psicanálise, e então em uma dessas conversas ela sugeriu algo que despertou minha curiosidade de pesquisadora: e se nós fizéssemos uma pesquisa envolvendo estudantes da Licenciatura em Matemática de todo o país? Essa foi a proposta e de imediato eu topei, nem refleti sobre o quanto isso poderia me custar financeiramente. Depois de tantas decepções, o que importava era que havia o interesse em pesquisar e desenvolver esse estudo. “Dinheiro vai e dinheiro vem”, algumas viagens a mais não me deixariam mais pobre, pelo contrário, eu uniria a pesquisa com aquilo que mais gosto de fazer que é viajar. E assim o fiz. Eu me empolgo com a ideia até mesmo quando estou contando sobre ela, falo das viagens e esqueço de falar sobre as minhas intenções... Qual seria o intuito dessa pesquisa? Como eu disse anteriormente, quando comecei a me reunir com os estudantes da UFMS a minha intenção era que eles falassem sobre o curso, suas expectativas, suas vivências, era como se eu quisesse oportunizar a esses licenciandos uma conversa onde eles pudessem lançar um olhar sobre a formação que estavam recebendo para se tornarem professores de Matemática. Eu me frustrei com o fato de ouvir histórias que eu já conhecia, mas não com a ideia de ouvir os acadêmicos, de trabalhar com suas narrativas, então o que eu faria nesses diferentes locais seria um trabalho de escuta desses estudantes, buscando conhecer e compreender suas percepções

sobre o curso de Licenciatura em Matemática, principalmente no que se refere à formação para professores. Não se tratava de uma pesquisa sobre a estrutura e o funcionamento de diferentes cursos de Licenciatura de Matemática de algumas instituições públicas brasileiras. O que me interessava e interessa saber sobre os cursos era o que eles teriam para contar, pois uma informação ou outra mais burocrática eu poderia acessar por meio dos sites institucionais ou então recorrer novamente ao professor que me ajudou a organizar o encontro. A ideia seria ouvir o que eles desejassem contar sobre suas vivências, sem que houvesse um direcionamento de suas falas; minhas intervenções ocorreriam tal como em uma conversa, onde um assunto leva a outro, sem grandes delimitações. Foi assim que conduzi a conversa com os estudantes na UFMS, mas naquele momento a intenção ainda era de que haveria vários encontros com o mesmo grupo, então eu não me preocupei em esgotar alguns assuntos, pois sabia que haveria um novo encontro e eu poderia me preparar para ele por meio da leitura do encontro anterior, ou seja, a situação era diferente. Nessa nova perspectiva, eu teria apenas um momento presencial com os alunos e isso começou a me causar algumas inquietações...

O meu primeiro encontro, sob esse novo ângulo, seria com os estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) em julho de 2016. Para a organização deste aproveitei uma viagem que faria para Cuiabá a fim de participar de um evento sobre narrativas, o VII CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica). Como eu disse em outro momento, eu tinha interesse em trabalhar com narrativas e havia me aproximado dos estudos de Antonio Bolívar que, para além de discussões sobre um texto do gênero narrativo, discute as potencialidades desse recurso para expressar as experiências humanas, os sentimentos e as emoções dos narradores. E para conhecer um pouco mais sobre pesquisas narrativas me inscrevi nesse evento como ouvinte e posso dizer que foi uma experiência gratificante. Mas o quero contar e acabo me perdendo diante de tantas informações é sobre o meu preparo para esse encontro na UFMT. A viagem para Cuiabá se deu com partida de São Paulo, onde eu estava participando do XII ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática); os eventos foram um seguido do outro: o ENEM de 13 a 16 de julho e o CIPA de 17 a 20 de julho.

Nos dias em que estive em São Paulo compartilhei o quarto de hotel e minhas angústias com a querida amiga Susilene, irmã de orientação, colega de trabalho e de estudos desde a época do mestrado. Falando com ela sobre minha ansiedade em relação a entrevista que realizaria, mostrei-lhe um roteiro que havia criado e estudado para

orientar a minha conversa com os estudantes. É isso mesmo, criei esse roteiro, embora tivesse o discurso que acabei de apresentar, de que deixaria os estudantes falarem livremente sobre aquilo que eles tivessem vontade de contar. Digamos que eu havia conseguido (ou apenas consegui, usando o verbo no presente!) me apropriar do discurso não-estruturalista apenas em partes. Por mais que fosse capaz de me aproximar dele em minha fala, no momento em que me vi diante do encontro real eu precisava de garantias: e se eles não falarem nada? E se não falarem sobre as disciplinas? Sobre os professores? O que terei de informações para trabalhar? De posse desses argumentos bem justificados criei meu roteiro, apresentei a Marilena e estava segura para meu encontro. Mas no caminho havia a Susi!

Ela nem mesmo me deixou terminar de ler minhas questões e soltou: “*Dri, que questões são essas? E todo o seu discurso sobre deixar os estudantes falarem?*”. E foi assim que às vésperas do meu esperado encontro eu estava novamente angustiada. Na hora pedi socorro à Luzia via *WhatsApp*, ela também estava em São Paulo e pedi para nos encontrarmos no dia seguinte em um dos intervalos do evento. A Luzia, minha professora no doutorado, colega de trabalho na UFMS, amiga e agora co-orientadora, aparece nessa cena, mas minha história com ela já havia começado desde o início das aulas no programa. Posso dizer que ela é uma das responsáveis por toda a minha movimentação; foi ela quem me apresentou a leituras que até então não conhecia e que me fizeram repensar as discussões que eu poderia realizar em minha tese. Foi com ela que tive conversas que também me ajudaram a pensar na pesquisa que hoje desenvolvo e então era ela quem poderia me ajudar a pensar o que fazer naquele momento. Encontramo-nos no dia seguinte e contei a ela o que havia acontecido e o que ela fez foi dizer novamente o que eu já sabia: eu poderia apresentar uma questão disparadora para que eles se sentissem motivados a falar e então deixar a conversa fluir e caso sentisse aqueles momentos de esvaziamento poderia colocar novas questões sem que isso traísse a minha proposta de deixá-los falar sem direcionamentos. Talvez a minha intenção com o roteiro fosse essa mesmo, de usá-lo em momentos “especiais”, mas se eu o levasse impresso, como era a minha intenção, e como me conheço, colocaria todas aquelas questões, independente de haver espaço para elas ou não. Então, Susi, obrigada pelo chacoalhão.

E então fui para aquele primeiro encontro, consegui com a ajuda da Professora Gladys da UFMT reunir os seis estudantes conforme eu havia planejado: dois ingressantes e quatro concluintes. A minha hipótese era que por serem de diferentes períodos eles

poderiam ter vivenciado situações distintas dentro do curso e então essas trocas poderiam suscitar outras discussões e alimentar a nossa conversa e acho que foi o que aconteceu. Nos outros encontros sempre tentei reunir essa mesma quantia de estudantes, mas como viram nem sempre isso foi possível. Passo agora para o próximo roteiro de viagens, que foi para o Norte do país.

Os meus próximos destinos, no mês de Agosto desse mesmo ano, foram as cidades de Belém, Manaus e Porto Velho, mais precisamente, eu visitei as seguintes instituições: Universidade Estadual do Pará (UEPA), Instituto Federal do Amazonas (IFAM) e Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Considerando a grande distância entre a minha localidade e todas essas cidades, por uma questão logística e financeira, considerei realizar todo esse itinerário de uma única vez. Eu viajei para Belém no dia 09 de Agosto e marquei minha entrevista na UEPA para o dia seguinte. No dia 11, no início da tarde, embarquei para Manaus, pois meu encontro com os estudantes estava previsto para a manhã do dia 12; no final desse mesmo dia viajei para Porto Velho, era uma sexta-feira e aproveitei o fim de semana para rever uma amiga de infância que mora nessa cidade e passar alguns dias com ela. Meu encontro na UNIR aconteceu na tarde do dia 15 de Agosto, a exato um ano de hoje, dia em que escrevo esse texto. Por conta dessa distância temporal entre o ocorrido e o narrado, vejo de forma evidente a construção de minha memória. Por mais que eu queira contar todos esses acontecimentos de forma linear, me deparo com essa impossibilidade e com isso vou construindo uma nova história, talvez a que faça mais sentido para mim nesse momento de distanciamento.

Apesar de eu ter realizado todo esse percurso em apenas oito dias e com a agenda bem apertada posso dizer que ainda aproveitei para turistar em cada uma das cidades; fiz visitas guiadas no Teatro da Paz em Belém e no Teatro Amazonas em Manaus e em Porto Velho pude apreciar um caloroso e lindo pôr do sol em um passeio de barco pelo rio Madeira. Retornei para casa com boas recordações turísticas e com histórias diferentes para contar sobre a formação de professores de Matemática, como eu desejava que acontecesse.

Em setembro comecei a agendar o meu roteiro pelo Sul e Sudeste. Eu aproveitaria minha viagem para Curitiba, no mês de novembro, para participar do XX EBRAPEM (Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática) e de lá iniciaria o meu novo roteiro: Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Novamente, eu voltaria para casa apenas após todo o trajeto.

Em Curitiba encontrei estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no dia 16 de novembro; viajei para Porto Alegre no dia seguinte e estive com um grupo de alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no dia 18 de novembro. Aproveitei o sábado para fazer um city tour por Porto Alegre e na manhã de domingo, dia 20 de novembro, viajei para Floripa. Ainda pude almoçar apreciando a bela paisagem da Lagoa da Conceição e me preparar para o encontro com os estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFS) que aconteceria na tarde de segunda-feira, dia 21 de novembro. De todos esses dias, o dia 22 foi, sem dúvida, o mais cansativo. Amanheci em Florianópolis, passei o dia em São Paulo e à noite desembarquei em Belo Horizonte. Na tarde desse dia me reuni com os estudantes da USP (Universidade de São Paulo) em uma conversa de aproximadamente uma hora e no dia seguinte já tinha encontro marcado com o grupo da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte e São Paulo foram os únicos lugares que não conheci nada além da própria universidade. São Paulo eu já conhecia de outras viagens, mas Belo Horizonte não. O que vi foi o que pude observar caminhando do hotel até a universidade e também pelo belo campus universitário. Na manhã do dia 24 embarquei para o Rio de Janeiro e me encontrei no período da tarde com os estudantes da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Após esse encontro tirei uma semana de férias e fui conhecer as belezas da cidade maravilhosa junto do meu amor.

Retornei para casa descansada e preparada para enfrentar as mais de quinze horas de gravações que eu havia acumulado desde a primeira entrevista em Cuiabá. Apesar de saber o que me esperava eu estava bastante empolgada e em janeiro consegui realizar todo esse trabalho braçal. Pensando bem, talvez eu tenha visto nele uma fuga do desespero que começava a me sondar novamente: e agora, o que eu faria com tantas histórias? Antes eu não tinha material, agora me via submersa em meio a tantas informações e sem saber que rumo tomar. Nesse momento eu já tinha uma pesquisa, o que me faltava agora era reorganizar tudo aquilo que já havia lido e estudado e tentar atribuir algum significado a tudo isso a partir da fala dos estudantes. Simples assim. As angústias nunca têm fim, mudam apenas os focos.

Nesse movimento de (re) escuta e (re) escrita dessas entrevistas comecei a perceber que parecia haver um sentimento dos estudantes em relação ao curso e era ele quem dava o tom de toda a nossa conversa. Na UEPA, as estudantes, ao longo de suas falas, enfatizaram o fato de que se sentiam acolhidas tanto pelos professores como pela

própria instituição e esse era o tom de suas narrativas. Na UFMS o tom foi de denúncia: aquele encontro era uma oportunidade para delatar o que ocorria no curso em termos de estrutura curricular, como, principalmente, em relação às práticas docentes. Na UFRGS havia uma relação de afeto muito forte com um professor do curso que os acompanha em quase todas as atividades que planejassem desenvolver. E então comecei a buscar leituras que pudessem me auxiliar nesse sentido. Eu gostaria de falar também sobre esses afetos, pois eles me saltavam aos olhos, porém qual seria a minha fundamentação teórica para isso? Eu sentia que as relações humanas se sobressaiam as discussões sobre a especificidade da área, mas apenas perceber isso não me dava condições de realizar essa discussão. De todas as leituras que já havia realizado o que mais se aproximava daquilo que estava percebendo era a ideia de experiência discutida por Jorge Larrosa, justamente por se tratar de emoções bastante pessoais. E foi essa a nova caminhada nessa travessia de descobertas.

Nessa perspectiva eu não enxergava e ainda não enxergo nenhuma possibilidade de realizar uma análise por meio de categorias de aproximações. Por mais que percebesse proximidades entre alguns discursos, pensar em analisá-los de maneira conjunta era algo que me causava bastante desconforto, pois sentia que estaria sendo desonesta com os estudantes caso fizesse isso. Quando comecei a refletir sobre essa proposta de pesquisa, a ideia de ouvir pessoas de outros lugares foi justamente por acreditar que cada história seria particular, por mais que pudesse ser parecida com outras. A ideia era entender o que cada grupo tinha para contar sobre o seu curso e por isso a proposta de ouvir o que eles gostariam de falar, sem muitos direcionamentos. No início de cada entrevista eu pedia que cada um fizesse uma apresentação pessoal dizendo em qual período estava no curso e as suas motivações para cursar a Licenciatura em Matemática. Depois disso eu pedia que eles falassem sobre o curso, quais eram suas expectativas e suas angústias, pensando sempre que estávamos no contexto de um curso para formar professores de Matemática e nessa perspectiva, como eles analisavam a formação que estavam vivenciando. Eu queria ouvir relatos pessoais, percepções particulares e assim sendo só poderia olhar para essas narrativas também de forma particular.

As análises que tenho tentado¹¹³ construir são produzidas em textos independentes, a cada textualização um novo texto analítico. Minha intenção era,

¹¹³ Talvez o tempo verbal utilizado não seja o mais adequado agora, tendo em vista que a leitura acontece em um tempo diferente do da escrita. Entretanto, como minha intenção com esse texto foi, de

inclusive, não seguir um modelo de escrita, mas sobre isso não tenho muito controle. Tenho tentado escrever guiada mais pela emoção das falas do que pela razão. Me pego por vezes falando mais sobre mim, sobre as minhas emoções ao ouvir aqueles depoimentos, do que sobre as percepções deles. Já nem sei mais ao certo delimitar as fronteiras de nossos sentimentos, se a paixão, tristeza ou afeição pelo curso é um sentimento deles ou meu. Mesmo que eu pense nesses processos de formação como casos particulares, não me esqueço que todos têm um mesmo fim que é formar professores para a Educação Básica e por isso também compartilho das muitas angústias que ouvi, logo, não tenho um olhar distanciado de pesquisadora. No momento daquelas entrevistas e agora na produção desses textos ainda tenho traços da aluna de dez anos atrás, angustiada com o seu curso, que se tornou uma professora com vários conflitos e uma pesquisadora encucada com a formação inicial. Não me distancio disso e também não quero que isso aconteça, espero cada vez mais me aproximar de meus alunos e de minhas questões de pesquisa de forma mais humana, com sentimentos que impulsionem o meu caminhar. Isso é o que tenho aprendido com esse trabalho.

Talvez movida por essa emoção que relato no último parágrafo que retorno a esse texto para dizer que praticamente às vésperas da entrega da primeira versão para o exame de qualificação mudei totalmente a estética do texto. Eu caminhava na produção desses textos após cada textualização, porém algumas inquietações começaram a surgir, mais ou menos da forma que irei contar.

O fato de eu falar sobre cada entrevista na sequência de sua textualização me confortava por poder ali tratar das particularidades de cada local, porém me incomodava a possibilidade de estar, de alguma maneira, expondo o curso e, principalmente, as pessoas que dele fazem parte, como por exemplo, os professores. Em mais de uma situação os alunos citaram nomes e fizeram referências explícitas a alguns professores, seja de maneira positiva ou negativa, e lidar com isso, nas análises, de forma subsequente

alguma forma, marcar os diferentes tempos de composição da escrita dessa tese, o que inclui relatar as mudanças de direção que aconteceram ao longo desse tempo, peço perdão ao português e ao meu leitor, mas assumo o risco de ofender nossa gramática.

me causava desconforto, mesmo que eu não tocasse diretamente no assunto falado pelos alunos. Quando me via pressionada a tratar da questão exposta pelos estudantes me referia apenas a “alguns professores do curso”, de forma bastante genérica, o que me fez pensar sobre estar criando a categoria professores do curso, realizando um tratamento de caráter totalizante, o que vai de encontro à postura que tento assumir de um olhar para as singularidades e particularidades dessas narrativas. Esse era um incômodo, mas que eu ainda tentava driblar.

Outro entrave era o modo como vinha tentando explorar a noção de experiência na minha escrita. Por diversas vezes dizia: não sei sobre qual experiência estou falando, se a deles enquanto estudantes ou se a minha nesse movimento de pesquisa. Ouvi até que a minha preocupação se devia a minha tentativa de ter controle sobre tudo, do meu modo estruturalista de ser. Talvez fosse isso mesmo, mas eu sentia que precisava dar vida a experiência desses estudantes. Mas foi na escrita do quinto texto nessa direção que o embaraço se fez presente de forma definitiva. Em algum momento da escrita me peguei querendo discutir sobre a linguagem matemática utilizada nos cursos de licenciatura, tendo em vista a colocação de alguns estudantes sobre esse tema. Como primeiro movimento pensei em buscar apoio nos escritos de Wittgenstein no que tange aos jogos de linguagem: em uma disciplina do doutorado fizemos algumas leituras nessa direção e a princípio imaginei ser esse um caminho. Paralelo a isso tive um (re)encontro com o texto “Uma língua para conversação” de Jorge Larrosa, já bastante rabiscado de anotações pensadas em outro momento e algumas delas nem mesmo reconheci como minhas. E penso que ali atribui um sentido àquilo que me incomodava.

Nesse texto Larrosa explora o papel central da linguagem em nossa vida colocando

[...] que a linguagem não é apenas algo que temos e sim que é quase tudo o que somos, que determina a forma e a substância não só do mundo mas também de nós mesmos, de nosso pensamento e de nossa experiência, que não pensamos a partir de nossa genialidade e sim a partir de nossas palavras, que vivemos segundo a língua que nos faz, da qual estamos feitos. E aí o problema não é só o que é aquilo que dizemos e o que é que podemos dizer, mas também, e sobretudo, *como dizemos*: o modo como diferentes maneiras de dizer nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros. (LARROSA, 2016, p.58)

Ao se colocar a pensar sobre o modelo de linguagem que se propaga no meio acadêmico entendo que Larrosa nos fala sobre ausência. Seu olhar se volta à ausência de

vida que parece assombrar esse ambiente no que se refere à escuta, a leitura, a fala e a escrita. Ele se refere à existência de uma língua de ninguém, que não carrega traços daquele que a escreve e não se atém aquele que a lê, marcada pela impessoalidade e neutralidade. Mas que, assim como toda linguagem, assume um papel de mecanismo de controle e de políticas de verdade.

No campo educativo Larrosa aponta a existência e predominância de dois modelos de linguagens: a linguagem da técnica e a linguagem da crítica. Em sua perspectiva, tais linguagens podem ser consideradas vazias pelo excesso de certezas que elas carregam. É como se nada mais precisasse ser dito ou pensado, embora se continue dizendo e pensando sobre aquilo que já se sabe. Linguagens que percorrem chãos firmes, que não se aventuram pelo prazer de dizer o indizível e pensar o impensável.

E diante dessas impressões ele nos convida a pensar em uma linguagem para a experiência, no sentido de criar um espaço para uma conversação, onde possamos juntos elaborar “o sentido ou a ausência de sentido do que nos acontece e o sentido ou a ausência de sentido das respostas que isso que nos acontece exige de nós” (LARROSA,2016, p.68).

E de imediato decidi aceitar esse convite. Por mais que estivesse tentando carregar meus textos de emoções e sentimentos ainda sentia essa ausência apontada por ele. Eu não me sentia próxima dos estudantes, embora a minha discussão fosse sobre o que ouvi deles. Agora penso que talvez eu buscasse por uma linguagem para a experiência, que proporcionasse uma ressonância da experiência que vivi nesses encontros. E é nessa direção que construí o texto que apresentei inicialmente.

Volto a esse texto para continuar a descrição de minha travessia por esse curso de doutorado e tenho novidades. Vivi o exame de qualificação no dia 20 de novembro de 2017 e só chego aqui novamente depois de muito tempo do ocorrido, pois antes disso foi preciso parar, pensar melhor, ouvir mais e sentir. É importante dizer que fiquei feliz com a discussão, pois minhas escolhas foram acolhidas pela banca. Assim sendo não precisei me preocupar com a impossibilidade, já sabida, de outro modelo de escrita do texto já produzido. No entanto, para a continuidade do trabalho, uma das sugestões dos professores me causou um posterior desconforto. Vamos aos fatos.

No exame de qualificação a banca sugeriu que eu construísse, ao final de minha análise narrativa, um texto que firmasse o papel do uso de narrativas como produção do conhecimento científico no campo da Educação Matemática, uma vez que essa ainda é uma carência da área. Embora já existam alguns textos nessa direção, dos quais me aproximei nesse período, a construção de novos pode ampliar o debate no campo. Devo dizer que até aquele momento eu mantinha essa intenção, ou pelo menos me apoiava na ideia de que esse seria um trabalho posterior e que com isso não precisaria, naquele momento, me preocupar com ele. Sendo assim, concordei com a banca dizendo que também sentia “falta” desse texto e que ele seria um projeto para a versão final da tese. Pois bem, o momento chegou e nada do texto.

Quando me vi obrigada a sentar e escrever um texto dissertativo argumentativo sobre o uso de narrativas na produção do conhecimento científico, onde traçaria compreensões minhas sobre todas as inúmeras leituras que realizei ao longo desses mais de três anos, fracassei. Não pude realizar esse feito, mas admito que este foi um fracasso consciente, optei por falhar, assumi o risco de defender uma ideia, ou seja, de fazer um doutorado. Não cheguei a essa conclusão após uma ou duas tentativas de me submeter a essa escrita que, nesse momento, a mim não faz sentido. Foram várias horas de desilusão a frente do computador; mesmo convocando todo o meu exército de referências para a batalha final eu não podia dizer, nesses moldes, o que eu havia construído em linhas anteriores. Isso seria o mesmo que desacreditá-las, dar a elas um tom menor. Assumir que há uma única linguagem possível de expressar o conhecimento científico, e isso, certamente, não é minha intenção.

A escrita desse texto seria (é) para mim o fracasso de minha análise narrativa, construída sobre a sensibilidade de minha relação com esses estudantes e comigo mesma. Redizer o modo como me aproximei dessas histórias, e pude revivê-las como minhas, em outras palavras, não seria possível, pois ao mudá-las eu estaria dizendo outras coisas e não o que vivi nessas viagens, senti nesses encontros e escutei desses estudantes. Seria outra pesquisa, outro estudo, outra Adriana (o que não seria um problema diante de tantas que já existem nesse texto; a questão é que seria uma que não quero que exista, ao menos, nesse momento).

Se na escrita dessa história eu não pude mostrar minhas compreensões sobre as leituras que realizei, se ali não consegui evidenciar as conversas que mantive com os autores que me possibilitaram essa construção, se não discuti os sentimentos que esses

estudantes e eu vivemos ao cursar uma Licenciatura em Matemática, não posso defender essa tese, pois não há nada a ser defendido. De nada adiantaria um texto apresentando as ideias dos autores e o modo que eu as utilizo se isso não estiver evidente no que já foi produzido. Seria um trabalho em vão.

Por exemplo, dizer que, segundo Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p.52) o trabalho com narrativas pode ser entendido não só como um enfoque metodológico e sim como uma perspectiva de investigação que busca evidenciar “a dimensão emotiva da experiência, a complexidade, relações e singularidades de cada ação”, os modos como “os humanos dão significado a seu mundo mediante a linguagem” seria uma espécie de tradução de minha escrita anterior. Ou ainda, uma negação da possibilidade que o trabalho com narrativas tem de criar fissuras no campo da pesquisa, uma vez que tende a assumir modos outros de traçar compreensões sobre os objetos de estudo. Da mesma forma, tentei, na construção dessa análise narrativa, evidenciar que esse movimento possibilitou à estudante Adriana constituir-se narrativamente. Foi na narrativa dos acontecimentos, como sujeito da ação, que sua identidade narrativa se estabeleceu, não livre de falhas e sem pretensões universais (RICOUER, 1997). Outra Adriana, de modos outros, constituiria outras identidades. Os acontecimentos vividos não determinaram a construção de sua identidade, seus traços dizem respeito ao modo como ela compôs com eles: assumindo uma postura de abertura às experiências. Desse modo, não posso construir o texto solicitado, pois sinto que ele já existe nesse trabalho, nas entrelinhas que compõem essa história e travestido, talvez, de uma toga não acadêmica, mas, porque não, acadêmica.

Outra sugestão da banca foi para que eu me aproximasse do conceito de alteridade, também discutido por Jorge Larrosa e, principalmente, por Carlos Skliar. Reconheço que não foi uma leitura imediata, levei certo tempo para que pudesse produzir com esse conceito e enxergar nele possibilidades de discussão. No entanto, depois de um tempo de afastamento e reconciliações, senti que a leitura aconteceu. Não só Carlos Skliar passou a ocupar um espaço considerável em minha bancada de trabalho, como também outros autores que tratam dessa discussão, como por exemplo, José Contreras e Nuria Pérez de Lara. Acredito que essa discussão me ajudou a evidenciar os silenciamentos que existem nas narrativas que produzi e que foram apontados na qualificação. Ler esses escritos e perceber toda a complexidade que envolve o pensamento sobre o outro parece ter me ajudado a também ser outra na produção dessa análise narrativa. Tive a sensação de que

essa discussão me permitiu fugir dos discursos homogêneos que tão facilmente somos levados a produzir e propagar.

Referências

ADICHIE, C. N. **Hibisco roxo**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.

BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BIESTA, G. **Para além da Aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Tradução: Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013 (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

BITTAR, M.; NOGUEIRA, R. G. Breve estudo da criação e desenvolvimento de Licenciaturas em Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Boletim de Educação Matemática. BOLEMA**, v. v.29, p. 263-283, 2015.

BITTAR, M.; OLIVEIRA, A. B.; SANTOS, R.M.; BURIGATO, S. M. M. S. A Evasão em um Curso de Matemática em 30 anos. **EM TEIA: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 3, p. 1-16, 2012.

BOLÍVAR, A. ‘De nobis ipsis silemus?’: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1. 2002.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación**. Madrid: La Muralla, 2001.

BUJES, M. I. E. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 13-34.

CAMMAROTA, G.; CLARETO, S. M. A cognição em questão: invenção, aprendizagem e Educação Matemática. **Práxis Educativa** (UEPG. Online), v. 7, p. 585-602, 2012.

CONTRERAS, J. Tener historias que contar: profundizarnarrativamente laeducación. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 15-40, jan./abr. 2016.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 103-128.

COSTA, M. V. Novos olhares na pesquisa em Educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 13-22.

COSTA, M. V. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 139-154.

- COUTO, M. **A menina sem palavra / histórias de Mia Couto**. São Paulo: Boa Companhia, 2013.
- CURY, F. G. De narrativas a análises narrativas: reflexões sobre análise de depoimentos em pesquisas em história da educação (matemática). **Alexandria**, v. 6, n. 1, p. 143-164, abr. 2013.
- DAUANNY, E. B. **O estágio no contexto dos processos formativos dos professores de Matemática para a Educação Básica**: entre o proposto e o vivido. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- DE CASTRO, C. La constitución narrativa de la identidad y la experiencia del tiempo. **Nómadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**, Madrid, v. 30, p.199-215, 2011.2.
- FERNANDES, F. S. **A quinta história**: composições da Educação Matemática como área de pesquisa. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.
- FERNANDES, F. S. Biografia do Orvalho: considerações sobre narrativa, vida e pesquisa em Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 28, p.896-909, ago. 2014.
- FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M.; FERREIRA, A. C.; LOPES, C. S.; FREITAS, M. T. M; MISKULIN, R. G. S. Formação de professores que ensinam Matemática: um balanço de 25 anos da pesquisa brasileira. Dossiê: Educação Matemática. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 36, p. 137-160, dez. 2002.
- FISCHER, R. M. B. Escrita acadêmica: a arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber e BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 117-140.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**.O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal,1984.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GAMA, R. P.; SOUSA, M. C. Aprendizagens docentes de futuros professores de matemática reveladas em narrativas escritas na formação compartilhada de professores. **Interacções**, Portugal, v. 7, p. 131-156, 2011.
- GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.31, n.113, p.1355-1379, out.- dez. 2010.
- GOMES, D. O. **A disciplina de análise segundo licenciandos e professores de matemática da educação básica**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.
- GUSMÃO, T. C. R. S. **Em cartaz**: razão e emoção na sala de aula. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009.

JAY, M. **Cantos de experiencia: variaciones modernas sobre um tema universal**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

KOHAN, W. O. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Tradução: Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 (Coleção Ensino de Filosofia).

KOHAN, W. O. **O mestre inventor: relatos de um viajante educador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LARA, N. P. Escuchar al otro dentro de sí. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). **Experiencia y alteridad en educación**. Buenos Aires: Homo Sapiens/FLACSO, 2009.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. 20 Minutos na Fila: sobre experiência, relato e subjetividade em Imre Kertész. **Bolema**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 717-743, ago. 2014

_____. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão & Ação**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.

_____. Conversando sobre escola, experiência e formação docente. **Reflexão & Ação**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 19, n. 2, p. 189-200, 2011.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 129-156.

_____. **Nietzsche & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Entre las lenguas: lenguaje y educación después de Babel**. Barcelona: Laertes S.A. de Ediciones, 2003.

_____. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115. jul-dez. 2003.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 19-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

_____. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 281-295.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas, mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOUREIRO, I. Em busca de uma noção de experiência. **Ciência e Cultura**, São Paulo, vol.67 n.1, p. 28-32, jan./mar. 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MEINERZ A. **Concepção de experiência em Walter Benjamin**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Curso de Mestrado em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MEYER, D. E. E.; SOARES, R. F. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber e BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

MIARKA, R. ; FERNANDES, F. S. . Tecendo uma tese para a estética na/da pesquisa em Educação Matemática: a escritura em questão. In: Beatriz Silva D’Ambrosio; Celi Espasandin Lopes. (Org.). **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, v. 1, p. 141-162, 2015.

MIGNOLO, W. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade *em* política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**. Traduzido por Ângela Lopes Norte, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, W. Desafios Coloniais Hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n.1, pp. 12-32, 2017.

MONTAIGNE, M. Da experiência. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Portugal, n.37, jun. 1993.

MOSÉ, V. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MOSÉ, V. A palavra não sabe o que diz (poema) [online]. Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.institutoiess.org/a-palavra-nao-sabe-o-que-diz-viviane-mose>. Acesso em 15 de setembro de 2017.

NACARATO, A. M.. As narrativas de vida como fonte para a pesquisa autobiográfica em Educação Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 1, p. 448-467, 2015.

NACARATO, A. M.; PASSOS, C. L. B.; SILVA, H. Narrativas na pesquisa em Educação Matemática: caleidoscópio teórico e metodológico. **Bolema**, Rio Claro, v. 28, n. 49, ago. 2014.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Docência em Formação).

PINTO, T. P. **Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica**. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação para Ciência, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013.

PRADO, M. P. **As expectativas de “ser professor” dos licenciandos em Matemática e as contribuições da formação inicial**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

- PRATES, R. O. M. E. **Narrativas de graduandos do curso de pedagogia: representações sobre a profissão docente e o silenciamento sobre a matemática escolar.** Tese (Doutorado em Educação) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2014.
- RABELO A. O. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 32, n. 114, p. 171-188, jan.- mar. 2011.
- REIS, P. R. As narrativas na formação de professores e na Investigação em educação. **Nuances: estudos sobre Educação.** Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa.** Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.
- ROMA, J. E. **As representações sociais dos alunos da licenciatura em Matemática sobre a profissão docente.** Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.
- SAMPAIO, C. S.; ESTEBAN, M. T. Conversa com Carlos Skliar... provocações para pensar em uma educação outra. **Revista Teias** (UERJ. Online), v. 13, p. 269-283, 2012.
- SANTOS, S. C. **Um retrato de uma licenciatura em matemática a distância sob a ótica de seus alunos iniciantes.** Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.
- SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 210-222.
- SILVA, C. R. M. **Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul.** Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- SILVA, H. **Centro de educação matemática (cem): Fragmentos de identidade.** Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.
- SOLIGO, R.; SIMAS, V. F. Pesquisa Narrativa em Três Dimensões. In: **VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica.** Entre o público e o privado: modos de Viver, Narrar e Guardar, 2014, Rio de Janeiro. Programa e Anais Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Rio de Janeiro: BIOgraph, 2014. p. 414-425.
- SOUZA, L. A. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar.** Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.
- SOUZA, L. A. Narrativas na investigação em História da Educação Matemática. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 18, p. 259-268, 2013.

- SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Tradução de Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SKLIAR, C. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". **Ponto de Vista**, Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003.
- SKLIAR, C. Fragmentos de Experiencia y Alteridad. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). **Experiencia y alteridad en educación**. Buenos Aires: Homo Sapiens/FLACSO, 2009.
- VEIGA-NETO, A. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 23-38.
- VEIGA-NETO, A. Paradigmas? Cuidado com eles! In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 35-48.
- VIANNA, C. R. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- VIOLA DOS SANTOS, J. R. **Legitimidades possíveis para a formação matemática de professores de matemática (Ou: Assim falaram Zaratustras: uma tese para todos e para ninguém)**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.
- VIOLA DOS SANTOS, J. R.; LINS, R. C. Uma Discussão a Respeito da(s) Matemática(s) na Formação Inicial de Professores de Matemática. **Educação Matemática Pesquisa** (Online), v. 18, p. 351-372, 2016.
- WORTMANN, M. L. C. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber e BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 45-68.
- XAVIER, R. G., CIVARDI, J. A. A formação inicial do professor de Matemática: algumas de suas reflexões durante o estágio supervisionado. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 21, n. 1, 2010.